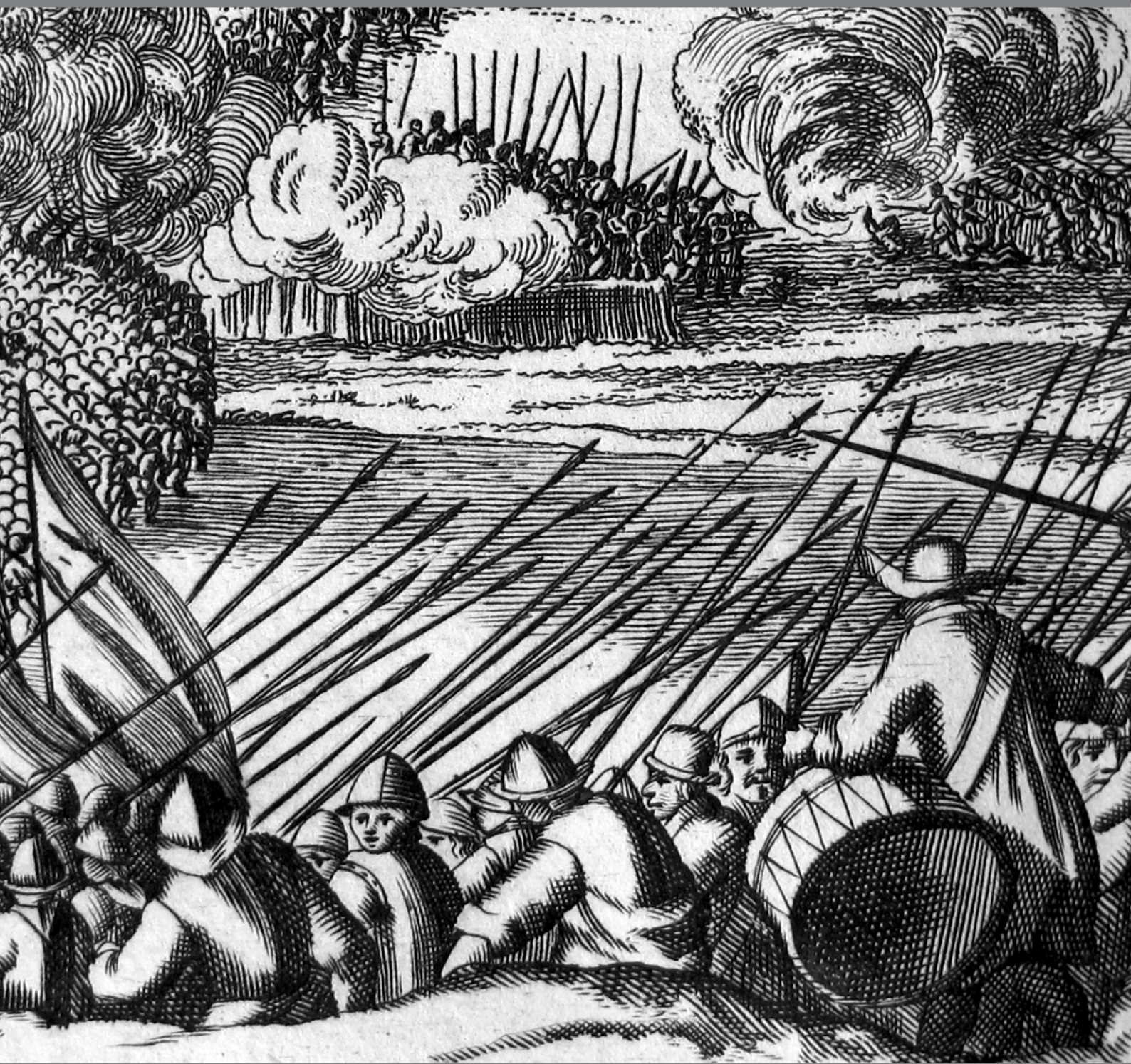


GENTE DE GUERRA

Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da
Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630–1654)



BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA

GENTE DE GUERRA:
Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da
Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)

Proefschrift

ter verkrijging van
de graad van Doctor aan de Universiteit Leiden,
op gezag van Rector Magnificus prof.mr. P.F. van der Heijden,
volgens besluit van het College voor Promoties
te verdedigen op woensdag 9 november 2011
klokke 16.15 uur

door

Bruno Romero Ferreira Miranda
geboren te Recife, Brazilië
in 1981

Promotor:

Prof. dr. Gert J. Oostindie

Co-promotor:

Mw. dr. Marianne L. Wiesebron

Overige leden:

Prof. dr. Henk den Heijer

Prof. dr. José Manuel Santos Pérez (Universidad de Salamanca)

Mw. dr. Cátia Antunes

Aos meus pais.

“Hunger und Durst, auch Hitz und Kält,
Arbeit und Armut, wie es fällt,
Gewalttat, Ungerechtigkeit
Treiben wir Landsknecht allezeit.”

Der abenteuerliche Simplicissimus Teutsch, 1669.

Índice

Agradecimentos	ix
Lista de imagens, gráficos, mapas e tabelas	xi
Abreviaturas	xii
Introdução	1
Delimitação do objeto de estudo	10
Justificativa	10
Quadro teórico & Revisão de literatura	13
Fontes	19
Estrutura do trabalho	25
Observações gerais	26
Parte I – Origens	29
Capítulo 1: Soldados da Companhia das Índias Ocidentais (1630-1654)	31
1.1 Número de recrutados	34
1.2 Origem geográfica	40
1.3 Origem social	53
1.4 Perfil social dos recrutados (faixa etária, estado civil & opção religiosa)	59
Conclusão	67
Anexos	69
Capítulo 2: Engajamento na Companhia das Índias Ocidentais	73
2.1 Recrutamento	75
2.2 Motivos de atração para o engajamento	97
2.3 Informações sobre o local de destino	103
Conclusão	110
Parte II – Condições de vida cotidiana dos militares da WIC no Brasil	113
Capítulo 3: O provimento das tropas	117
3.1 Munições de boca	118
3.2 A paga	149
3.3 Alojamento	173
Conclusão	184

Capítulo 4: Vida e morte no exército da Companhia	187
4.1 Baixas por doença, ferimento e morte	188
4.2 Doenças entre as tropas da WIC	194
4.3 Ferimentos infligidos	205
4.4 Assistência aos feridos e doentes	210
Conclusão	226
Capítulo 5: A faina	227
5.1 Rotinas e obrigações a serviço da WIC	228
5.2 Carreira e possibilidades fora da WIC	249
Conclusão	269
Parte III – Cotidiano e resistência	273
Capítulo 6: Desordens, deserções e motins	279
6.1 Ordem, indisciplina e regras de conduta	284
6.2 Deserções e motins	305
Conclusão	326
Epílogo & Considerações gerais	329
Anexos	345
1. Pequena biografia de militares que estiveram no Brasil entre 1624 e 1654	347
2. Patentes, salários e ajuda de custo de membros do exército da Companhia das Índias Ocidentais (1645-1647)	352
Glossário	353
Fontes e literatura	359
Samenvatting	386
Abstract	392
<i>Curriculum vitae</i>	397

Agradecimentos

Esse trabalho não poderia ter sido realizado sem a ajuda e dedicação de familiares, amigos, colegas e instituições. Uma grande quantidade de pessoas me auxiliou nos anos de expatriação e em momentos precedentes. A elas, faço sinceros agradecimentos.

Um agradecimento especial à minha esposa, Larissa de Menezes, que sacrificou muito para me acompanhar nessa longa jornada e que suportou com muita paciência, carinho e compreensão todos os estresses de um doutorando. Seu suporte não limitou-se ao dia-a-dia, mas na leitura, correção e editoração do texto. O trabalho teria sido outro caso você não tivesse entrado em minha vida.

Na academia, ainda no Brasil, também encontrei gente disposta a ceder seu tempo – além da amizade – em meu benefício. Da graduação ao mestrado, recebi apoio, crítica e incentivo de professores e amigos como Luiz Severino da Silva, José Luiz Mota Menezes, Kalina Vanderlei Paiva da Silva, Virgínia Almoêdo de Assis, Marcus Carvalho e Marcos Galindo. A professora Virgínia, aliás, acompanhou à distância, enquanto tutora, todo o desenvolvimento desta pesquisa desde o projeto até o manuscrito final, além de ter sido minha orientadora no doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, do qual me desliguei para fazer a pesquisa integralmente nos Países Baixos.

Na Europa, recebi o apoio incomensurável dos meus orientadores, Gert J. Oostindie e Marianne L. Wiesebron, que aceitaram o desafio de orientar um desconhecido com o desejo de estudar o “Brasil Holandês” e me ajudaram a elaborar essa pesquisa. Também pude contar, além da análise rigorosa do texto e das traduções feitas, com a amizade e suporte de Benjamin Nicolaas Teensma, figura de notável saber. Sou igualmente agradecido à amiga lusitana Cátia Antunes, por todos os conselhos, observações perspicazes sobre o trabalho e prosas animadas sobre os nossos países e famílias. Na Universidade de Leiden, obtive ainda a ajuda do pesquisador Henk den Heijer. Conte também com as observações do professor da Universidade de Salamanca José Manuel Santos Pérez, que acompanhou o surgimento desta pesquisa desde o Recife. Agradeço também a Pedro Cardim, José Paulo Oliveira e Costa – da Universidade Nova de Lisboa –, Patrício Silva e Raymond Buve – da Universidade de Leiden – por tomarem parte na comissão de oposição.

Sou muito agradecido aos amigos com quem convivi na Universidade de Leiden, na Holanda ou em Recife. Um agradecimento especial a: Andreas Weber, pelo companheirismo e por sempre ser solícito em sanar minhas inúmeras dúvidas nas traduções de textos da língua alemã; Carlos Alberto Asfora, pelas entusiasmadas conversas sobre a história do Brasil Holandês

e pelo suporte e incentivo; Daniel Breda, pela amizade e pelos anos de trabalho em parceria – e também por descobrir nosso segundo professor de neerlandês em Recife; Daniel Vieira, pela amizade e conversas vespertinas na universidade, que me ajudaram a maturar muitas das idéias desenvolvidas na pesquisa; Lucia Xavier, companheira de arquivo que contribuiu imensamente para esse trabalho, sempre sugerindo documentos e dando dicas de tradução e transcrição dos manuscritos; Jimmy Mans, pela amizade e pelas tardes de prosa em neerlandês; Máira Chinelatto, pelos artigos fotografados na Universidade de São Paulo e pelas animadas conversas nos seus efêmeros três meses de passagem pela Holanda e Alexander Bick, pelo compartilhamento de dados e questionamentos inteligentes e incisivos. Também tenho muito o que agradecer a Marijke Wissen-van Staden, por ter me tratado como um filho durante esses quase quatro anos e me auxiliado com os mais variados problemas externos à vida na academia.

O trabalho também teria me tomado muito mais tempo caso eu tivesse chegado aos Países Baixos sem os fundamentos da língua neerlandesa. A Antonius Snijders (*in memoriam*), pelas lições nas sextas-feiras de manhã na sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, na Várzea do Capibaribe, meu bairro de infância, e Jaap de Boer, pelos anos de aulas de neerlandês e conversas das mais variadas, sempre arrematadas com um *borrel* de aguardente preparada com especiarias adquiridas na feira de Casa Amarela.

A Ton Harmsen, Tanja Simons, Judith Nobels – Universidade de Leiden – e Kees Stal – Arquivo Municipal de Haia –, pelas valiosas lições de paleografia e pelo auxílio na leitura de textos neerlandeses do século XVII.

A vários amigos e colegas que forneceram algum auxílio e incentivo durante todos os anos de Holanda. Obrigado a Agus Suwignyo, Alicia Schrikker, Alistair Bright, Ana Jardim, Anna-Maria Verhagen, Barbara Consolini, Camila Pimentel, Christiano Randau, Diederick Kortlang, Ernst van den Boogaart, Filipa Isabel Ribeiro da Silva, Femme Gaastra, Jaap Jacobs, Jeffrey Pijpers, José Birker, Julian Hajduk, Julio César Bastida, Karwan Fatah-Black, Leonard Blussé, Lodewijk Hulsman, Mariana Françoze, Michiel van Groesen, Maurits Ebben, Murari Kumar Jha, Natalie Everts, Oscar Hefting, Pepijn Brandon, Peter Meel, Rene Hamelink, Roelof van Gelder, Tatiana Hamelink e Wei-Chung Cheng.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento integral da pesquisa feita entre fins de 2007 e 2011 e ao Coimbra Group, pelo auxílio dispensado durante minha primeira visita de pesquisa nos Países Baixos, no começo de 2007.

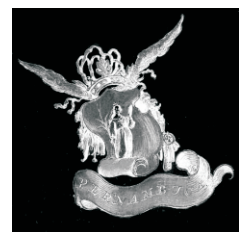
Lista de imagens, gráficos, mapas e tabelas

Capa – <i>Porto Calvo</i> , autor desconhecido, detalhe de gravura, ca. 1671. In Montanus, Arnoldus. <i>De Nieuwe en Onbekende Wereld: of Beschryving van America en 't Zuid-Land</i> . Amsterdam: Jacob Meurs, 1671	
Imagem 1 – Fragmento da carta-ração de 1638 instituída na Ata Diária do Alto e Secreto Conselho em 4 de dezembro de 1638	127
Imagem 2 – Trecho do panfleto <i>Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil</i> de 1647, no qual foram especificados os alimentos a serem oferecidos semanalmente aos soldados da Companhia, bem como o valor equivalente em dinheiro	128
Imagem 3 – Detalhe da gravura de Frans Post <i>Ostium Fluminis Paraybae</i>	147
Imagem 4 – Detalhe da gravura de Frans Post <i>Arx Principis Guilielmi</i>	147
Imagem 5 – Detalhe da gravura de autor desconhecido que ilustra o livro de Johannes de Laet, <i>Historie ofte iaerlijk verhael van de verrichtinghen der geectroyeerde West-Indische Compagnie</i>	164
Imagem 6 – <i>Caerte van de Haven Pharnambocque met de Stadt Mouritius en dorp Reciffo ende bijleggende fort en met alle gelegentheden van dien</i> . NA, VEL H 619-74	181
Imagem 7 – Detalhe do desenho <i>Stadt Nostre Signora de Conception</i> . Autor desconhecido. Ca. 1633. NA, 4.VEL 2158	182
Imagem 8 – Detalhe do mapa <i>Porto Calvo</i> . Christoffel Arciszewski, 1637. UBL-COLL.BN 002-12-076	182
Imagem 9 – Trecho do panfleto <i>Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil</i> de 1647 onde foram listados os valores das indenizações por perda de membros oferecidas aos soldados da Companhia	209
Imagem 10 – <i>Grondt teyckeningh van het Eylant Antoni Vaaꝝ het Recif ende vastelandt aende haven van Pernambuco in Brasil, soodanigh als die tegenwoordigh voor de Westindische Comp.e met Schansen Redouten ende andre werken syn voorsien, in Caert gebracht door den Ingenieur Andreas Drewisch Bongesaltensis [Langesaltensis] in Julio A.o 1631</i> . Nationaal Archief, VEL 711, Julho de 1631	231
Imagem 11 – Movimentos – em momentos aleatórios – necessários para o manuseio apropriado de um arcabuz. Gravuras da versão francesa da obra <i>Wapenhandlinghe van roers, musquetten ende spiessen: achtervolgende de ordre van Sijn Excellentie Maurits Prince van Orangie</i>	243
Imagem 12 – Detalhe do desenho de Christoffel Arciszewski	244
Imagem 13 – Detalhe da gravura <i>Praelium prope Portum Calvum</i>	244
Gráfico 1 – Número de militares da WIC no Brasil doentes ou feridos nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro do ano de 1630	190
Gráfico 2 – Número de militares da WIC no Brasil doentes, feridos ou incapacitados nos anos de 1634, 1635, 1639, 1649, 1650 e 1651	191
Mapa 1 – Brasil sob ocupação da Companhia das Índias Ocidentais	5
Mapa 2 – Cidades de origem mais citadas da amostragem de 4.303 soldados a serviço da WIC no Brasil	46
Tabela 1 – Amostragem mínima coletada do envio/chegada anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil, entre os anos de 1629 e 1651	37
Tabela 2 – Amostragem do quantitativo anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil, entre os anos de 1630 e 1654	38
Tabela 3 – Origem geográfica de 4.303 militares da WIC que serviram no Brasil entre 1632 e 1654	43

Abreviaturas

AHU – *Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa)
COLL.BN – *Bodel Nijenhuis Collectie* (Leiden)
CU – *Conselho Ultramarino*
DN – *Dagelijkse Notulen van den Hoogen en Secreten Raad in Brazilië*
GAA – *Gemeentearchief Rotterdam* (Roterdã)
KB – *Koninklijke Bibliotheek* (Haia)
KHA – *Koninklijke Huisarchief* (Haia)
NA – *Nationaal Archief* (Haia)
NA – *Notarieel Archief*
OBP – *Overgekomen Brieven en Papieren uit Brazilië en Curaçao*
ONA – *Oud Notarieel Archief*
SAA – *Stadsarchief Amsterdam* (Amsterdã)
SG – *Staten-Generaal*
UBL – *Universiteitsbibliotheek Leiden* (Leiden)
VOC – *Oost Indische Compagnie*
WIC – *West Indische Compagnie*

Introdução



Por cerca de vinte e cinco anos, no século XVII, a Companhia das Índias Ocidentais (*WIC – West Indische Compagnie*) ocupou parte da região Nordeste do Brasil. Empresa de capital privado que obteve do governo da República das Províncias Unidas dos Países Baixos, em junho de 1621, o monopólio do comércio e a autorização para conquistar terras e navegar em águas situadas de ambos lados do Oceano Atlântico – entre a Terra Nova e o estreito de Magalhães e entre o Trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança –, ela foi criada como uma arma contra a monarquia Habsburga, com quem as Províncias Unidas travavam um longo confronto conhecido por Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648).¹

O objetivo primário dessa companhia de comércio neerlandesa era minar as bases da economia ultramarina ibérica que alimentavam o império espanhol – e seu poderio militar – e, ao mesmo tempo, abrir os portos das colônias espanholas e portuguesas para as embarcações mercantes das Províncias Unidas. O interesse no Brasil estava relacionado principalmente à possibilidade de auferir lucros com açúcar, tabaco e madeira de tinta, produtos estes já distribuídos na República por meio de negociações diretas, embora esporádicas, de neerlandeses nos portos brasileiros e, sobremaneira, indiretamente através de uma rota de comércio que conectava cidades neerlandesas aos portos portugueses, por sua vez inseridos em um importante comércio triangular entre Portugal, Países Baixos e cidades do Mar do Norte e Báltico.² Incorporado à coroa espanhola em decorrência da crise dinástica portuguesa de 1580, o Brasil era visto ainda como uma área de “posição subalterna na escala das prioridades militares do governo de Madri”, e, portanto, mais suscetível a uma investida militar bem organizada.³

O direcionamento da guerra neerlandesa ao Brasil está atrelado à relação comercial entre a República e Portugal, datada de fins do século XVI, que permitiu o acesso dos Países Baixos aos produtos provenientes do Brasil, embora estes tenham chegado aos portos do Norte da Europa em um momento muito anterior, sendo levados por mercadores flamengos muito ativos em portos ibéricos e em terras brasileiras. Essas mercadorias passaram a adquirir importância para o comércio neerlandês quando começaram a abundar nos Países Baixos por efeito de um influxo de imigrantes para as regiões da Zelândia e Holanda, principalmente flamengos – afetados

¹ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621. Mette Ampliatien van dien, ende Het accord tusschen de Bewint-hebberen ende Hooft-participanten vande selve Compagnie, met approbatie vande Hoog: ende Mog: Heeren Staten Generael ghemaeckt.* 's Graven-Haghe: By de Weduve, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrant Jacobssz. Van Wouw, Ordinaris Druckers vande Hog: Mog: Heeren Staten Generael, 1623. Ver também: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [London, 1957] Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 1-44; Heijer, Henk den. *De geschiedenis van de WIC*. [Zutphen, 1994] Zutphen: Walburg Pers, 2002, pp. 13-34; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [Gotha, 1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 65-95.

² Ebert, Christopher. 'Dutch trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1578-1621'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 54-57. Ver também: Sluiter, Engel. 'Dutch Maritime Power and the Colonial Status Quo, 1585-1641'. *The Pacific Historical Review*, University of California Press, Vol. 11, n. 1, 1942, pp. 29-32.

³ Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010, p. 29.

pela guerra em Flandres – e gente de outras cidades ligadas ao comércio Atlântico (Colônia, Hamburgo, Londres, Rouen, La Rochelle).⁴

O comércio entre o Brasil e os Países Baixos ocorreu em uma complexa conjuntura política até o início do armistício de doze anos entre a jovem República e a Espanha (1609-1621). Durante o período anterior a esse acordo, o trato neerlandês viu-se afetado por vários embargos impostos pela Coroa Habsburga. Essas interdições não foram capazes de frear as transações comerciais porque elas continuaram a ser feitas por meio de agentes em Portugal, conquanto elevassem os custos de frete e aumentassem os riscos de apreensão de navios por fiscais reais. Com o fim da trégua e a ampliação do controle Espanhol nos portos lusos, além da instigação de um partido da guerra sob os auspícios do estatuder (*stadhouder*) Maurits van Nassau (1565-1625), Príncipe de Orange, e de calvinistas militantes, a idéia de criar uma companhia de comércio aos moldes da Companhia das Índias Orientais (*VOC - Oost Indische Compagnie*) capaz de fazer frente à Espanha em seus domínios e defender os interesses de mercadores neerlandeses saiu do papel e culminou em uma série de ataques ao Atlântico espanhol e português.⁵

A primeira séria investida da Companhia das Índias Ocidentais contra o Brasil, cujo litoral era bem conhecido em razão de relações comerciais anteriores, deu-se com a invasão de Salvador, sede do Governo Geral no Brasil, em 1624, mas durou apenas um ano e acarretou em prejuízo para a WIC, cuja tropa foi incapaz de sair da cidade de Salvador por imposição de um forte cerco levantado pelos habitantes locais até a chegada da poderosa armada luso-espanhola sob o comando de D. Fadrique de Toledo Osório, que forçou a capitulação da Companhia.⁶ Após uma incrível recuperação financeira da Companhia em decorrência da captura da frota espanhola da prata, em 1628, a Companhia arquitetou um novo golpe contra o Brasil. Seria a vez da capitania donatarial de Pernambuco sucumbir diante de uma poderosa armada proveniente dos Países Baixos.⁷ Olinda, sede da capitania de Pernambuco, e Recife, porto da dita Vila, foram rapidamente conquistados em 1630. Iniciar-se-ia um longo conflito que se arrastaria até janeiro de 1654, quando o governo da WIC no Brasil entrou em acordo com luso-brasileiros.

Entre os anos de 1630 e 1654, as tropas da Companhia das Índias Ocidentais ocuparam as principais praças costeiras do Nordeste do Brasil, em sua maioria importantes locais de

⁴ Ebert, Christopher. 'Dutch trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1578-1621', p. 59.

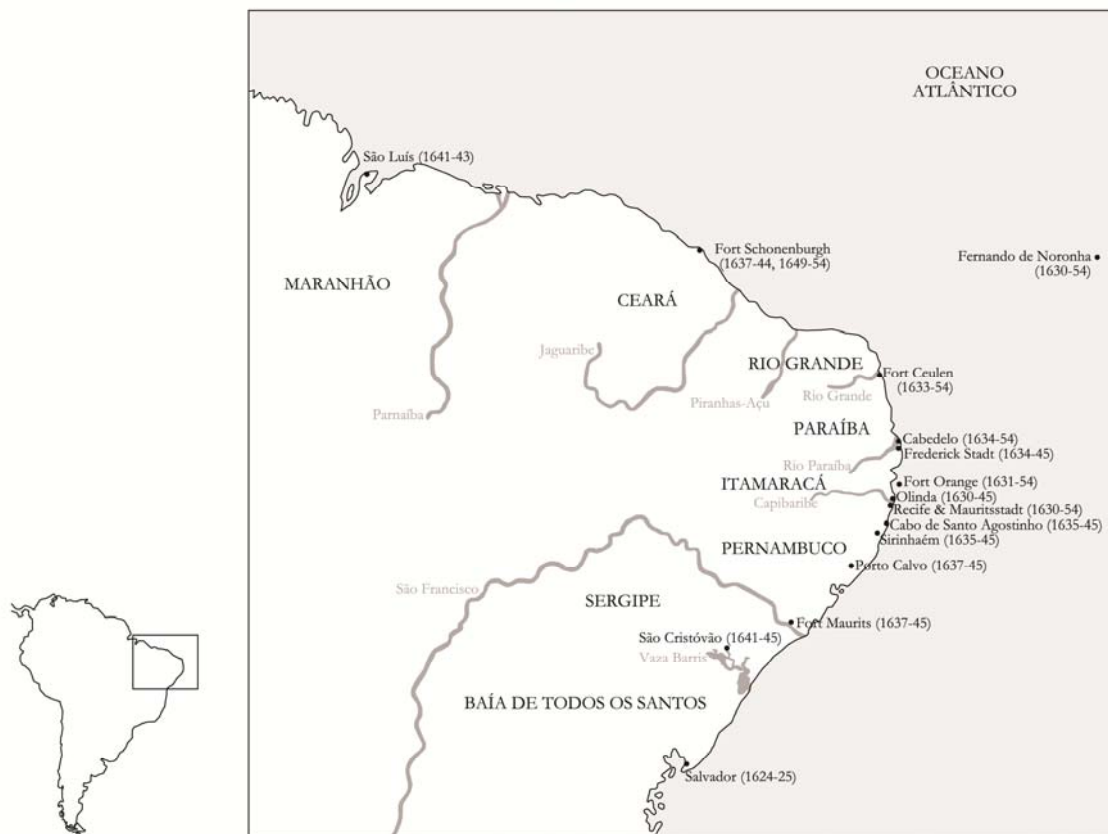
⁵ Ibidem, pp. 59-63; Heijer, Henk den. 'The Dutch West India Company, 1621-1791'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce*, pp. 78-79; Israel, Jonathan Irvine. *Dutch Primacy in World Trade, 1585-1740*. [1989] Oxford: Clarendon Press, 2002, pp. 107-108.

⁶ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 29-37; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 88-90; Para mais detalhes sobre a invasão de Salvador, ver: Boxer, Charles Ralph. *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola 1602-1686*. London: The Athlone Press, 1952, pp. 40-68; Edmundson, George. 'The Dutch Power in Brazil (1624-1654). Part I – The Struggle for Bahia (1624-1627)'. In *The English Historical Review*, Oxford University Press, Vol. 11, n. 42, 1896, pp. 231-259.

⁷ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 41-44.

penetração do território produtor de açúcar, além de importantes cabeças de ponte para a prática de lucrativo corso no Atlântico Sul.⁸ A história da WIC no Brasil pode ser dividida em três fases distintas: conquista (1630-1637), expansão (1637-1644) e declínio (1644-1654).

Mapa 1 – Brasil sob ocupação da Companhia das Índias Ocidentais



Na fase inicial, sobretudo nos dois anos subsequentes à tomada de Olinda e Recife, as tropas estiveram reclusas nessas duas localidades sem livre-acesso ao interior por efeito de um dispositivo militar montado pelos moradores, composto de uma combinação de forças convencionais concentradas em uma praça forte – o Arraial do Bom Jesus – e de contingentes móveis que ocupavam postos avançados, ou estâncias, que cercavam e impediam a saída da tropa da Companhia com escaramuças. O objetivo era manter os neerlandeses reclusos nas praças-fortes até que fosse possível uma intervenção naval. Essa estratégia de “guerra lenta” era fruto da inépcia financeira luso-espanhola em montar uma esquadra capaz de expulsar um inimigo poderoso, tal qual havia sido feito alguns anos antes em Salvador. O ônus da defesa da capitania

⁸ Mesmo sem controlar completamente a zona açucareira, a presença de tropas e embarcações da Companhia na região era suficiente para dificultar os portugueses de plantar, escoar e embarcar o produto para a Europa. O estado quase permanente de guerra não sustou os lucros da Companhia com o comércio de pau-brasil, açúcar, tabaco e outros gêneros. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [Rio de Janeiro, 1975] 2ª Edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 87-138.

de Pernambuco e das regiões adjacentes incidia sobre os moradores, que foram bem sucedidos em segurar o exército da WIC até 1632. Nesse período, a tropa só havia sido capaz de fincar seus pés em uma ponta de terra na ilha de Itamaracá (1631). Sofreu também reveses militares na Paraíba, Rio Grande, Rio Formoso e Cabo de Santo Agostinho.⁹

A guerra de escaramuças nas vizinhanças de Olinda e Recife foi lentamente suplantada pela WIC na medida em que ela usou seu poder naval para desembarcar tropas no interior, em posições longe das bases de apoio da resistência, o que impossibilitava os locais de fazer uma oposição eficiente. Apesar da liberdade de ação dessas expedições puramente predatórias, que visavam claramente intimidar os moradores a entrar em acordo com a Companhia e destruir as bases de sustentação do exército de resistência, a tropa da WIC continuou sem acesso à zona produtora e permaneceu extremamente dependente do envio de munições de boca da Europa, problema este nunca sanado com eficiência. Mesmo com a mudança de estratégia do exército invasor, melhor observada a partir de 1633, o impasse militar que caracterizava a guerra no Brasil era extremamente danoso para Companhia, a qual não estava compensando financeiramente os avultados gastos para a conquista de um território que julgara anteriormente fácil de ser conquistado, haja vista as precárias condições de defesa nos anos prévios à invasão.¹⁰

Apesar dos custos, a estratégia de “contraguerrilha” produziu os resultados desejados e a WIC lentamente tomou importantes posições, como a fortaleza dos Três Reis Magos (rebatizada de *Cenlen*) no Rio Grande, em 1633, os fortes Santa Catarina de Cabedelo (*Margareta*), Santo Antônio e a cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves (*Frederick Stadt*), na Paraíba, em 1634. Essas conquistas foram seguidas de uma maior interiorização no território e da adesão dos moradores à Companhia, principalmente quando o Arraial do Bom Jesus – base central da guerrilha – e o Cabo de Santo Agostinho – onde estava o principal porto do exército de resistência para o recebimento de reforços e escoamento do açúcar produzido na região – foram sitiados e conquistados em 1635. Tais derrotas acarretaram uma debandada de parte da população junto com as tropas, as quais tentaram manter o Sul da capitania de Pernambuco enquanto aguardavam reforços substanciais para conter a ofensiva da WIC.

⁹ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada*, pp. 33-34; Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*, pp. 71-73; Ver também as discussões feitas por Pedro Puntoni a respeito da “guerra brasílica”, conforme a denominação dada pelo capitão-donatário de Pernambuco Duarte Coelho: Puntoni, Pedro. ‘As guerras no Atlântico Sul: A ofensiva holandesa (1624-1641)’. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Volume 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, pp. 260-262; Puntoni, Pedro. ‘A arte da guerra no Brasil: tecnologia e estratégia militares na expansão da fronteira da América Portuguesa (1550-1700)’. In Castro, Celso; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik (Org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 47-53.

¹⁰ Ver por exemplo o panfleto “Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil” de 1623, escrito por Jan Andries Moerbeek: *Redenen, waeromme de West-Indische Compagnie dient te trachten het Landt van Brasilia den Coninck van Spangien te ontmachtigen, en dat ten eersten*. ʼAmsterdam, By Cornelis Lodewijksz. vander Plasse, Boeck-vercooper op de hoeck vande Beurs inden Italiaenschen Bybel. Anno 1624, motivo IV.

Esses reforços chegam ao Brasil em fins de 1635 e o comando do exército, então nas mãos de Matias de Albuquerque, irmão do donatário de Pernambuco, foi passado a D. Luís de Rojas y Borja. Com uma tropa inadequadamente aprovisionada, Rojas y Borja vai apenas reforçar a posição da resistência em Porto Calvo até ser derrotado em Mata Redonda, em janeiro de 1636, pelo exército da WIC. Morto Rojas y Borja, seu substituto, Giovanni Vincenzo de San Felice, o conde de Bagnuoli, passou a utilizar Porto Calvo como ponto central da resistência. De lá passaram a sair os grupos de guerrilheiros para atacar os engenhos do interior de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. Eles podiam ter perdido sua principal base em 1635, mas privaram a Companhia de reestruturar a indústria açucareira com persistentes ataques às plantações. Porto Calvo voltaria para as mãos da Companhia em 1637 e o exército de resistência seria empurrado para o outro lado do rio São Francisco, embora isso não tenha sido capaz de obstar por completo as ações dos campanhistas luso-brasileiros em Pernambuco e na Paraíba.

O período entre 1637 e 1644, sob o governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen,¹¹ seria marcado por uma extraordinária expansão do território da WIC e pela reconstrução do sistema produtivo arrasado pela guerra através da concessão de empréstimos vultuosos. Ainda em 1637, a Companhia estendeu sua fronteira para o Norte, ocupando uma cabeça de ponte no Ceará. Com a necessidade de repor a mão de obra escrava dos engenhos, em sua maior parte evadida durante o conflito, a WIC também partiu para a conquista de importantes entrepostos do trato de escravos na África Ocidental. Expedições saídas do Recife capturaram São Jorge da Mina (Elmina), em agosto de 1637, Luanda, agosto de 1641, e São Tomé, em outubro de 1641. Antes da aquisição dessas duas últimas praças, Nassau, pressionado pela Companhia a atacar a Bahia, tentou tomar a sede do governo-geral do Brasil, Salvador, em 1638, mas falhou após um cerco de aproximadamente um mês. Durante seu governo foi repelida ainda uma tentativa ibérica de retomar o Brasil. A esquadra de D. Fernão de Mascarenhas, o conde da Torre, não conseguiu desembarcar o grosso de suas tropas na região, após uma série de batalhas navais ao longo do litoral nordestino. Logo após a restauração portuguesa (dezembro de 1640) e a assinatura de uma trégua na guerra do Brasil entre Portugal e as Províncias Unidas, em 1641, a “Nova Holanda”, nome oficial da conquista neerlandesa, chegou a sua extensão máxima com a ocupação, sem oposição, de parte de Sergipe e de São Luís (novembro de 1641), no Maranhão. Recife exercia

¹¹ Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679), nascido em Dillenburg, Alemanha, era filho do segundo casamento de Johan VII van Nassau-Siegen (1561-1623), filho de Johan VI van Nassau-Dillenburg (1535-1606), irmão de Willem I (1533-1584), *de Zwijger* (o Silencioso), Príncipe de Orange. Johan Maurits van Nassau-Siegen era conhecido por Nassau, *de Braziliaan* (o Brasileiro), para diferenciá-lo do seu famoso homônimo, o Prins Maurits van Nassau (1567-1625), que sucedeu seu pai Willem I, *de Zwijger*, após seu assassinato. O Príncipe de Orange, Willen I, era tio-avô de Nassau-Siegen e Maurits van Nassau era padrinho de Nassau-Siegen. Para mais informações sobre Johan Maurits van Nassau-Siegen (*de Braziliaan*), ver: Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

sua função de base central da WIC para ataques no Atlântico Sul e Caribe e até mesmo para regiões mais distantes. De lá saiu a frota de ataque ao Chile em 1643, com o objetivo de criar uma base à navegação da Companhia das Índias Orientais e de procurar metais preciosos. Ela retorna no princípio de 1644 sem conseguir qualquer resultado válido.

Depois da saída de Nassau, em maio de 1644, a insatisfação e antagonismo entre os moradores e a Companhia tornaram-se mais latentes e culminaram com a rebelião dos moradores em meados de 1645. Muitas praças e regiões controladas pela WIC foram rapidamente retomadas – à exceção de São Luís, que já havia caído quando Nassau ainda se encontrava no Brasil. Entre 1645 e 1646, a ocupação ficou restrita às praças e fortificações costeiras no Recife, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande e a ilha de Fernando de Noronha.¹² Essa situação não mudaria até janeiro de 1654, quando a WIC deixou definitivamente de ter controle sobre o Brasil. Antes de chegar nesse estado, a Companhia sofreu pesadas derrotas em Santo Antônio (Tabocas) e no antigo engenho de Charles de Tournalon (Casa Forte), em agosto de 1645. Várias posições ao Sul de Pernambuco foram perdidas para os rebeldes e, apesar dos reforços substanciais em tropas enviados e das tentativas de romper o cerco levantado pelos insurrectos, que culminaram nas duas batalhas de Guararapes (1648 e 1649), as forças da Companhia permaneceram cercadas até sua capitulação por um dispositivo semelhante ao montado pelo exército de resistência nos primeiros anos de ocupação.¹³

Enquanto esteve no Brasil, a WIC enfrentou sérios problemas financeiros. Estes foram agravados ainda mais pelo conflito quase incessante, obrigando-a a operar sob permanente risco de falência. Já no ano de 1633, os grandes custos da guerra tinham levado membros dos Estados Gerais a advogar uma negociação com a Espanha e o abandono do Brasil. Depois de seis anos de conflito, a Companhia acumulava uma dívida de 18 milhões de florins e, para financiar a guerra, o corpo de diretores da WIC – os Senhores XIX – terminaram por fazer empréstimos com elevados juros de 6%. Mesmo vencendo as tropas inimigas, a Companhia não conseguia ressarcir seus gastos por causa da destruição da zona produtora, o que a obrigou a fazer pesados investimentos para reconstruir o sistema econômico. A falta de colonos – e de um plano de colonização – também a impossibilitava de prover e defender seu território sem custos extremos. Quando a rebelião irrompeu em 1645, a Companhia estava falida e dependia do suporte dos Estados Gerais – o parlamento das Províncias Unidas – para montar uma esquadra de socorro.

¹² As tropas da WIC foram expulsas do Ceará em 1644, mas em 1649 a cabeça de ponte foi recuperada.

¹³ Este sucinto e descritivo histórico da WIC no Brasil foi feito com objetivo de situar o leitor temporalmente em alguns dos eventos ocorridos em 1630 e 1654. Muitos desses episódios serão citados posteriormente. Para mais informações ver: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*; Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*.

Além disso, ela tinha que defender um território muito maior do que suas reais capacidades operacionais e que já estava esvaziado de pessoal militar em decorrência de cortes de pessoal subsequentes à assinatura do tratado de paz com Portugal, em 1641. Para piorar, ela ainda enfrentou oposição interna da câmara de Amsterdã, que, sendo a maior investidora na Companhia, era a que mais gastava para sua manutenção, e, portanto, desejava fazer paz para se livrar do pesado custo da guerra no ultramar e restabelecer o comércio com Portugal. Em 1649, o débito da WIC era de 36 milhões de florins, incluindo no valor 17 milhões de investimentos. Esse era o maior sinal de que não havia mais condições de atuar na região.¹⁴

Ademais, essas operações de guerra supracitadas demandavam da Companhia das Índias Ocidentais um exército enorme e o envio regular de uma grande quantidade de apetrechos de guerra e de víveres, haja vista os longos períodos com acesso limitado ou praticamente inexistente ao interior do Brasil, onde em tese teriam melhores chances de aprovisionar suas tropas e reduzir a dependência da Europa. Para todos os serviços militares, controle e manutenção de uma ampla e descontínua região que se estendeu, no momento ápice da WIC no Brasil, do Sergipe ao Maranhão, num total de sete capitanias das catorze existentes, era necessário recrutar, conforme definiu o “Privilégio” concedido pelos Estados Gerais a WIC, “gente de guerra” (*Volck van Oorloghe*) aos milhares.¹⁵ Essa “gente de guerra” foi enviada da Europa ao Brasil e de lá para as outras possessões da Companhia na África Ocidental. Também foi utilizada para as muitas expedições militares e navais ocorridas no decorrer dos quase vinte e cinco anos de ocupação. Sem esses efetivos europeus – além dos indígenas hostis aos portugueses e escravos incorporados às forças auxiliares –, teria sido impossível a WIC ter se mantido por tanto tempo em um território achacado por uma guerra quase contínua, com a exceção de um interlúdio igualmente violento durante o governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen (1637-1644). Apesar da importância dessa gente para a sustentação da conquista e para a defesa dos interesses da Companhia, sua história é praticamente desconhecida e permaneceu relegada por muitos historiadores que se dedicaram ao estudo do período neerlandês do Brasil.

¹⁴ Goslinga, Cornelis Ch. *The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast, 1580-1680*. Assen: Van Gorcum & Comp. N.V., 1971, pp. 291-307; Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic: Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, p. 327; Heijer, Henk den. *De geschiedenis van de WIC*, pp. 43-45, 48-49, 53-54, 97-98, 102; Heijer, Henk den. ‘The Dutch West India Company, 1621-1791’. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce*, pp. 97-98; Sobre a organização administrativa da Companhia das Índias Ocidentais ver: Heijer, Henk den. ‘Diretores, Stadhouderes e Conselhos de Administração’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. Volume 2. Leiden: CNWS, 2005, pp. 17-43.

¹⁵ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621*, artigo V.

Delimitação do objeto de estudo

Esta pesquisa surgiu em razão da ausência de um estudo social e da vida cotidiana do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. O objetivo principal foi reconstruir a história de alguns dos muitos personagens anônimos que participaram da conquista e manutenção do Brasil, bem como investigar as condições de vida diária dessas tropas.

Algumas questões balizaram o desenvolvimento deste trabalho. Saber quem eram esses homens, de onde eles eram oriundos, por que razões se alistaram e como a Companhia os recrutava mostraram-se perguntas essenciais para a construção da história da “gente de guerra” despachada aos milhares para o Brasil entre 1629 e 1653. Para o estudo do cotidiano do exército da Companhia, foram selecionados temas como acomodação, alimentação, circunstâncias de trabalho, condições de saúde e pagamento. Tal escolha não foi feita apenas pela fartura de fontes existentes sobre esses aspectos, mas também por se levar em consideração que a WIC tinha sérios problemas financeiros para se manter no Brasil. Buscou-se, portanto, intuir como essas dificuldades afetaram o abastecimento e a vida dos militares. Partindo do pressuposto de que a WIC não provia seus homens adequadamente, também se tentou perceber quais eram os tipos de reações que esse problema podia suscitar nas tropas, a exemplo de deserções e motins. Por fim, foram objetos de estudo temáticas não vinculadas ao provimento, como carreira, mobilidade social, treinamento e regras de conduta.

A pesquisa não nasceu apenas por conta da curiosidade em se saber quem eram esses homens, quais os motivos de alistamento na WIC e quais as suas condições de vida, mas também para entender melhor qual o papel dos militares ordinários na derrocada da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Esse é um tipo de questionamento impossível de ser deixado de lado quando se percebe que a WIC fez muitas decisões políticas baseadas no moral e comportamento dos militares, fatores por sua vez atrelados à condição financeira da Companhia.

Justificativa

A temática do “Brasil Holandês/*Nederlands-Brazilië*” – como é conhecido na historiografia brasileira e neerlandesa o período de quase vinte e cinco anos de ocupação da WIC no nordeste brasileiro – é um dos assuntos de grande interesse nos meios acadêmicos e não acadêmicos no Brasil e nos Países Baixos, além de ser um assunto exaustivamente trabalhado, como demonstra a abundante quantidade de material produzido ao longo dos anos. Todavia, no

que se refere ao tema de estudo dessa pesquisa, a questão ainda se encontra lacunar.¹⁶ Os trabalhos clássicos sobre o período – *Les Hollandais au Brésil*, de Pieter Marinus Netscher, *História das lutas com os holandeses no Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, de Hermann Wätjen, *Tempo dos Flamengos*, de José Antônio Gonsalves de Mello, *Os Holandeses no Brasil*, de Charles Ralph Boxer e *Olinda Restaurada*, de Evaldo Cabral de Mello – trataram apenas sumariamente da vida dos militares que compuseram o braço armado da WIC durante os anos de operação no Brasil, negligenciando, parcial ou totalmente, importantes atores da história da WIC no Brasil.¹⁷

Alguns desses trabalhos, principalmente os estudos de Netscher e Varnhagen, já que tratam especificamente de temas e fatos militares, tiveram por preocupação a descrição de batalhas, os aspectos militares e diplomáticos, além de destacar a ação dos grandes personagens, digam-se os oficiais comissionados e governantes. Os militares ordinários apareceram apenas como componentes anexos desses tipos de narrativas que usualmente centram suas percepções nos líderes, enquanto reduzem soldados a peões sem ação e sem qualquer iniciativa ou vontade própria.¹⁸ Mas deve-se suavizar o peso das críticas em relação a esses historiadores, cujos trabalhos, escritos no fim do século XIX, tinham interesses históricos e escolhas temáticas divergentes dos atuais estudos de história.

O presente trabalho tem por intento estudar o episódio neerlandês no Brasil tomando como referencial a chamada história do cotidiano. A pretensão desta pesquisa é ampliar o conhecimento do período de ocupação neerlandesa no Brasil a partir de novos temas, novas

¹⁶ Sobre a necessidade de estudos sobre a soldadesca da WIC no Brasil e em outras localidades ver: Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland'. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, p. 131; Kruijtzter, Gijs. 'European migration in the Dutch sphere'. In Oostindie, Gert (Ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008, p. 111; Meuwese, Marcus P. 'For the peace and well-being of the country': intercultural mediators and Dutch-Indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600-1664. Indiana: University of Notre Dame, 2003. (Ph.D. Dissertation), p. 245, nota 280; Groesen, Michiel van. 'Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil'. In Huigen, Siegfried; De Jong, Jan L.; Kolfin, Elmer. (Eds.). *Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*. Leiden: Brill, 2010, p. 39, nota 1. De acordo com Jaap Jacobs, a falta de estudos sobre os soldados também é observada na área da Companhia das Índias Orientais.

¹⁷ Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, Notice Historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII^e siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853; Varnhagen, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil. Desde 1624 até 1654*. [Viena, 1871] Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada*. É importante mencionar que o trabalho de Evaldo Cabral está mais centrado no lado "luso-brasileiro" da guerra, dedicando inclusive um capítulo inteiro de sua obra às tropas locais e enviadas por Portugal e Espanha.

¹⁸ Citando o historiador inglês John Keegan, Peter Burke diz que esse tipo de narrativa tradicional de batalha pode inclusive conduzir a conclusões equivocadas. Burke, Peter. 'A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa' In Burke, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. [Cambridge, 1991] São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1992, p. 331. Ver também: Keegan, John. *The Face of Battle*. New York: Viking Press, 1976, pp. 15-78.

abordagens e perspectivas formuladas com a leitura dos documentos que repousam nos arquivos e bibliotecas neerlandesas ou de outras localidades da Europa.

Esse é um trabalho sobre a vida diária dos militares ordinários da Companhia das Índias Ocidentais. Esses indivíduos, de aparente papel inferior na sociedade em que viviam, tinham participação ativa em seu meio social e não estavam limitados à função de meros expectadores da ação histórica. Ainda que muitas vezes conduzidos coercitivamente por seus superiores hierárquicos e utilizados como instrumento de conquista e braço armado da WIC no Brasil, eles negociavam e resistiam às condições impostas e tentavam alterá-las de acordo com suas conveniências e possibilidades. Deslocados de seu meio social para um território desconhecido, constituíam parte considerável da população do “Brasil Holandês”. Levantamentos populacionais de três momentos da ocupação (1631, 1645 e 1654) registram o número de militares em relação à quantidade de civis no “Brasil Holandês”. Em uma listagem de outubro de 1631, o número de indivíduos foi contabilizado em 7.030 pessoas, das quais 3.819 eram militares e 2.214 marujos da força naval. O restante era composto de funcionários civis, escravos, particulares, prisioneiros, sem contar com 400 homens estacionados em Itamaracá.¹⁹ Com a relativa estabilização da conquista, o número de civis cresceu. Um arrolamento feito já na época da revolta dos moradores, entre setembro de 1645 e janeiro de 1646, citado por Gonsalves de Mello em *Tempo dos Flamengos*, registra que havia um total de 12.703 pessoas nas regiões do Recife, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, incluindo negros, homens-livres, mulheres e crianças. Nesse total havia 2.017 soldados, 1.033 funcionários do trem e marujos e 1.383 indígenas aliados da WIC.²⁰ Na ocasião da rendição, Gonsalves de Mello estimou a população mínima do Recife em 4.191 pessoas, das quais 1.100 eram militares a ser encaminhados à Bahia para embarcar para a Europa, 2.701 funcionários, militares e moradores (sem incluir 200 homens no Ceará), 250 mulheres e crianças e 140 pessoas que permaneceram no Recife.²¹

Parte das tropas enviadas ao Brasil era composta de gente oriunda das camadas mais pobres da sociedade neerlandesa e de um numeroso grupo de estrangeiros – arrebanhados por recrutadores ou simplesmente voluntários que assinavam contrato com a WIC na República. Essas pessoas chegaram ao Brasil na qualidade de militares de baixa patente e em postos não comissionados, isto é, sem grandes poderes e prerrogativas, a exemplo de tambores, recrutas, soldados, cabos e sargentos. Militares ordinários, apesar das distintas posições, não compunham um grupo homogêneo, como uma observação inicial poderia supor, e existiam distinções econômicas, culturais e sociais internas em seu meio.

¹⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138 E, 26-10-1631.

²⁰ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 77-78, nota 122.

²¹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979, p. 39.

Quadro teórico & Revisão de literatura

Em contraposição a uma história que enfoca continuamente “o sensacional, o extraordinário, o exótico, se não, ao menos, o diferente e o novo”, procura-se na “aparente banalidade do cotidiano” os ingredientes para tecer a vida dos soldados da WIC na “Nova Holanda”.²² Mas o que se entende por cotidiano, enquanto objeto de estudo histórico? De início, é importante mencionar que há uma abrangência conceitual muito ampla a respeito do termo. Portanto, as discussões encetadas em torno da idéia de cotidiano a serem mencionadas serviram para dar uma fundamentação à pesquisa proposta.²³

O estudo do cotidiano é legatário de uma problemática que remonta ao século XVIII, quando se almejava “encontrar um contraponto” para a “grande história”. Naquele momento, essa abordagem estava direcionada para o conhecimento dos “homens sem qualidade” e tinha certa tendência ao exotismo. Porém, a problemática do século XVIII, que nasceu anteriormente como uma “pequena história”, é distinta em duas formas da idéia de cotidiano atual: ela não tinha o interesse em conhecer o cotidiano em que o autor e leitores viviam, pois sua atenção estava voltada para povos de lugares longínquos, cuja possibilidade de conhecimento era impossível através da observação direta. Essa “pequena história” tratava de “aspectos marginais” que não explicavam nada e apenas serviam como entretenimento.²⁴

Em distinção às concepções iniciais de cotidiano, o historiador Jacques Le Goff indica que a abordagem do cotidiano só teria “valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos, que contribuem para explicar seu funcionamento”.²⁵ Portanto, espera-se que a história do cotidiano seja “uma história-problema e não uma história puramente descritiva”. Se explorada de maneira cuidadosa, pode revelar-se “como um dos lugares privilegiados das lutas sociais”, onde cada ator terá importância na realidade histórica construída.²⁶ Através desse prisma, percebe-se que “a história não é produto exclusivo dos grandes acontecimentos”, mas que “ela se constrói no dia-a-dia de discretos atores que são a maioria”.²⁷ A partir da redefinição do termo, cujo debate teve origem na corrente historiográfica intitulada de Nova História (*Nouvelle histoire*), valorizou-se a esfera do cotidiano enquanto um “espaço politizado fora do institucional”. Assim,

²² Del Priore, Mary. ‘História do Cotidiano e da Vida Privada’. In Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, p. 259.

²³ O debate feito por Paulo César Possamai na introdução da sua pesquisa, a respeito do estudo do cotidiano, especificamente no que concerne à guerra na Colônia do Sacramento, entre os anos de 1715 e 1735, serviu de base para a discussão teórica levantada nesse trabalho. Ver: Possamai, Paulo César. *O cotidiano da guerra: a vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2001, pp. 10-21.

²⁴ Le Goff, Jacques. ‘A História do Quotidiano’. In Ariès, Philippe; Duby, Georges; Le Goff, Jacques. *História e Nova História*. 3ª Edição. Lisboa: Teorema, 1994, p. 87.

²⁵ Ibidem, p. 93.

²⁶ Ibidem, pp. 94-96.

²⁷ Del Priore, Mary. ‘História do Cotidiano e da Vida Privada’, p. 266;

personagens ocultos passaram a ter “vozes e gestos” reconstruídos, além de tornarem-se “objetos legítimos” da pesquisa histórica.²⁸

O entendimento do termo cotidiano não é preciso. Tampouco houve um debate concreto para conceituá-lo. O sociólogo Norbert Elias, por exemplo, selecionou oito significados atuais para designar cotidiano, que vão da vida privada ao “mundo das pessoas comuns”. A expressão ainda pode compreender ações e atitudes, o que Peter Burke chama de “hábitos mentais”.²⁹ Michel de Certeau, por exemplo, encara o cotidiano como o espaço onde as pessoas ordinárias, aparentemente passivas, resistem às normas impostas por autoridades políticas e institucionais. Isso é possível através de adaptação, improvisação e negociação, que se compõem de guias nos estudos sobre o cotidiano e vida privada.³⁰ Estes dois conceitos também guardam suas particularidades, embora um não exclua o outro.³¹

Conforme destacado anteriormente, muitos dos aspectos que constituem os principais temas de estudos dessa pesquisa não foram bem observados ou sequer trabalhados na literatura sobre o período, ora porque foram negligenciados, ora porque não constituíram o foco da pesquisa, além do já citado interesse historiográfico do período em que parte dessas obras foi produzida. Mas ainda é possível encontrar muita informação sobre a experiência vivida pelas tropas da WIC espçada em vários trabalhos sobre a história do “Brasil Holandês”.

Não é de se estranhar que a vida dos soldados da WIC não teve relevância nas perspectivas que valorizavam os grandes fenômenos políticos, os grandes homens e os episódios militares. Netscher e Varnhagen, que escreveram uma história tradicional, preferiram explorar em seus trabalhos – escritos respectivamente em 1853 e 1871 – a história política, a administração de Johan Maurits van Nassau-Siegen (1637-1644), as batalhas e os confrontos travados na conquista

²⁸ Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. ‘Cotidiano’ In Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 75-76. Os autores ressaltam ainda que a associação do cotidiano ao termo dia-a-dia pode dar a entender que o primeiro é um espaço de repetição e monotonia, mas que o cotidiano é mais do que isso, uma vez que pode ser pensado, conforme o exposto, como o lugar da mudança.

²⁹ Burke, Peter. ‘A Nova História, seu passado e seu futuro’. In Burke, Peter (Org.). *A Escrita da História*, p. 24.

³⁰ Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*, pp. 75-77. Ver também: Certeau, Michel de. *A invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer*. [1980] 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. Entende-se por adaptação o processo pelo qual um ou mais indivíduos se ajustam às condições e culturas distintas que o(s) cerca(m).

³¹ Para Ronaldo Vainfas, o cotidiano diz respeito particularmente ao tempo longo – estrutura –, “seja no plano da vida material, seja no plano das mentalidades ou da cultura, embora possa ser operacionalizado na dimensão restrita de uma cidade, uma região, um segmento social”. Já a vida privada estaria ligada à domesticidade, a familiaridade ou aos espaços restritos. Idéia compartilhada por Laura de Mello e Souza e Fernando Novais, os quais estabelecem que “cotidiano e vida privada assumem contornos específicos em situações históricas específicas”, sendo o primeiro relacionado ao espaço público e o segundo ao espaço privado. Apesar dessa distinção, Vainfas, Souza e Novais aludem que essa separação é fluida, pois estes conceitos não são excludentes um do outro e “a dimensão da familiaridade ou da intimidade pode ou deve ser perfeitamente percebida na cotidianidade”. Vainfas, Ronaldo. ‘História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas’. In *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*. São Paulo: Nova Série/Universidade de São Paulo, vol. 4, jan.-dez., 1996, p. 14; Novais, Fernando A.; Souza, Laura de Mello. ‘Comentário VI’. In *Anais do Museu Paulista*, p. 65.

e derrocada da WIC no Brasil. São obras que diferem muito pouco na estrutura geral e são muito mais dedicadas a uma história militar factual do que à história social ou econômica.³²

A respeito dessa última temática, o principal trabalho escrito até os dias atuais continua a ser o do historiador alemão Hermann Julius Eduard Wätjen, *‘O Domínio Colonial Holandês no Brasil’*, de 1921. Ele centra sua pesquisa no entendimento da organização administrativa e financeira da Companhia. Foi, aliás, a partir das finanças que Wätjen procurou explicar as razões da derrocada da WIC, argumentando que ela nunca teve condições de exercer a dupla função de guerrear e colonizar o Brasil. No geral, é possível encontrar em sua obra muitos dados sobre o cotidiano da tropa, por sua vez muito influenciado pelas sérias dificuldades financeiras da Companhia. Foram comuns as referências à falta de alimentos, à insuficiência de habitações, às doenças e baixas e aos conflitos e apreensões – por conta do provimento irregular – entre os soldados e a administração da Companhia. Todavia, a maior parte dessas informações foi sumária ou constituiu apenas de elementos para compor a argumentação do autor a respeito das dificuldades da WIC em se estabelecer no território e no fracasso de seu projeto. Os soldados continuaram a figurar em um papel secundário e muitos outros aspectos de interesse à presente pesquisa foram pouco ou sequer tocados, a exemplo do recrutamento, das deserções e dos motins.

Em referência à história social do “Brasil Holandês”, a obra do historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello, *“Tempo dos Flamengos”*, de 1947, também figura como um dos mais influentes estudos sobre a ocupação neerlandesa no Brasil. Gonsalves de Mello, que elaborou uma narrativa imbuída de história cotidiana, fez discussões sobre alimentação, saúde e habitação na conquista. Muitos desses temas encontram-se descritos repetidamente ao longo do livro e foram parcialmente analisados, embora seja possível encontrar em sua obra muitos subsídios a respeito do dia-a-dia da soldadesca recrutada pela Companhia e da sociedade como um todo. Entre uma grande variedade de assuntos, o autor dedicou alguma atenção aos grupos de soldados desertores que formavam grupos de salteadores no interior, citando inclusive alguns dos mais famosos e as medidas tomadas pelo governo para contê-los. Faltou, todavia, dissertar melhor a respeito dos motivos que levaram essa gente a fugir, além de relacionar parte dos casos de deserção enquanto formas de resistência à Companhia.

O autor, amplamente influenciado por Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Holanda (1936),³³ foi muito assertivo em dizer que os “neerlandeses” mantiveram seus hábitos

³² Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil*; Varnhagen, Francisco A. de. *História das lutas com os holandeses no Brasil*.

³³ Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. [Rio de Janeiro, 1933] 23ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1984; Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. [Rio de Janeiro, 1936]. 20ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1988.

alimentares europeus no Brasil, quando a experiência na conquista aponta para outra direção, pois muitos homens adaptaram-se a dieta local, até por necessidade de buscar localmente o que faltava nas rações distribuídas. Mesmo os portugueses, tão adaptáveis segundo sua visão, escolhiam alimentos europeus quando tinham condições de fazê-lo.³⁴ A questão da adaptação na obra de Gonsalves de Mello foi tão forte que influenciou outros historiadores, como o inglês Charles Ralph Boxer, autor de “*Os Holandeses no Brasil*”, escrito em 1957.

Autor de uma das mais completas sínteses do período, Boxer privilegiou em seu texto aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais através da comparação de fontes portuguesas e neerlandesas. O exercício de comparação de Boxer por vezes buscou subsídios na experiência neerlandesa e portuguesa na Ásia para reforçar suas explicações. Assim como no trabalho de Wätjen, ele também enfatiza em sua narrativa a falta de recursos financeiros da WIC para se manter no Brasil e o impacto desse problema na conquista. Boxer atribui o fracasso da Companhia às falhas administrativas e também à falta de uma política mais clara e consistente em relação a Portugal, tirando o peso econômico dado por Wätjen.³⁵ O autor inglês dissertou sobre aspectos não vislumbrados na historiografia, como o estado moral da tropa e as implicações subsequentes dessa condição nos confrontos travados.³⁶ Contudo, para o autor inglês, os militares eram indisciplinados por culpa quase exclusiva de oficiais relapsos e por conta da Companhia, por vezes incapaz de cumprir com suas obrigações. A negociação por melhorias, os trabalhos fora das guarnições durante o tempo de serviço, as deserções e as queixas feitas pelos militares aos administradores da Companhia no Brasil não foram pensadas como formas de oposição e de resistência, mas muitas vezes interpretadas como problemas disciplinares e morais da tropa, tipo de visão também observada na obra de Wätjen.³⁷

³⁴ A própria comparação de uma experiência portuguesa no Brasil de mais de um século com a “neerlandesa” de cerca de vinte e cinco anos não parece ser muito correta. Para mais informações ver: Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e viveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo, 2002, p. 299; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada*, pp. 273-274; Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, pp. 93-94, 106; Xavier, Lucia Furquim Werneck. *Mathias Beck and the quest for silver: Dutch adaptability to Brazil*. Rotterdam: Erasmus Universiteit, 2007 (Master's thesis), p. 42.

³⁵ Boxer, Charles Ralph. *Os Holandeses no Brasil*, pp. 360-365. Ainda nesse sentido, conflitos internos advindos de interesses divergentes entre as províncias que compunham a Companhia foram determinantes para a queda da Companhia. Ver também: Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, pp. 49-50.

³⁶ Boxer, Charles Ralph. *Os Holandeses no Brasil*, pp. 181, 240, 273-274, 337-339. Ele certamente foi influenciado pelo estudo de W. J. van Hoboken, *Witte de With in Brazilië*, que havia alguns anos antes tratado da deserção de De With e de vários de seus capitães, por motivos relacionados ao descontentamento pela falta de suprimentos para a condução das operações navais. Van Hoboken também tratou do baixo moral da tropa e relacionou tal questão às derrotas da Companhia nas batalhas dos montes Guararapes, em 1648 e 1649. Hoboken. W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955.

³⁷ Boxer, Charles Ralph. *Os Holandeses no Brasil*, pp. 166-167; 179; 181; 183; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 149-150.

Muitas das questões discutidas por Boxer em ‘*Os Holandeses no Brasil*’ seriam retomadas e melhor explanadas em outros dois importantes livros do autor: ‘*The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*’ (1965) e ‘*The Portuguese seaborne empire, 1415-1825*’ (1969).³⁸ O afluxo de migrantes europeus aos Países Baixos no século XVII e a ligação desses movimentos de gente com as companhias de comércio neerlandesas, o processo de recrutamento de pessoal para as Índias Ocidentais e Orientais, a origem geográfica dos membros da WIC e VOC e os motivos que levaram esses estrangeiros a se engajar nas companhias de comércio foram todos aspectos estudados pioneiramente pelo autor e que serviram de norteamento inicial para a presente pesquisa.

Quando o tema discutido foi a não adaptação das tropas da WIC aos trópicos, especificamente, a não assimilação ao tipo de guerra lá praticada, a opinião de Boxer assemelhou-se à de Gonsalves de Mello. Entretanto, o inglês desconsiderou a contínua rotatividade da tropa da WIC no Brasil – o que a impossibilitaria de se adaptar –, a própria rejeição existente à “guerra brasílica”³⁹ entre as tropas enviadas por Portugal e Espanha e a pouca capacidade de adaptação desses contingentes recém chegados da Europa,⁴⁰ além dos casos nos quais os militares da WIC, em pouco tempo de serviço, entraram no jogo da guerra não convencional que caracterizou muito do conflito pela posse do Nordeste brasileiro e fizeram escaramuças e ataques que pouco se assemelhavam aos confrontos com formações militares bem organizadas dos campos de batalha europeus.

A guerra no Brasil, seu financiamento e manutenção seria o tema principal de outro livro primordial para o entendimento do “Brasil Holandês”: “*Olinda Restaurada*”, escrito por Evaldo Cabral de Mello em 1975, é um livro abrangente onde são abordados aspectos econômicos, políticos, sociais e militares essenciais para a compreensão do processo de formação, auge e decadência da ocupação “neerlandesa” no Brasil. Evaldo Cabral utilizou muitas das fontes que serviram de base para as interpretações de Charles Boxer, Gonsalves de Mello e Herman Wätjen, mas se diferenciou dos demais por abordar temas relegados ou pouco trabalhados por eles, a exemplo da logística e da tecnologia. Embora seja uma obra centrada no exército “lusobrasileiro”, seu estudo a respeito das condições de abastecimento no Brasil mostrou-se

³⁸ Boxer, Charles Ralph. *The Portuguese seaborne empire, 1415-1825*. London: Hutchinson, 1969; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*.

³⁹ A “guerra brasílica” constituía na acomodação da arte militar européia às condições do Nordeste brasileiro e na assimilação de técnicas indígenas de combate. Tinha por características a ausência de confrontos decisivos – em batalhas campais e assédios a posições fortificadas –, a mobilidade/velocidade dos efetivos, os ataques-surpresa e o uso do terreno. Guerra de Flandres é o termo utilizado por Cabral de Mello para designar uma guerra de sítio pelo controle de posições fortificadas. A arma principal era a artilharia e as batalhas campais não eram freqüentes, mas ocorriam quando um exército tentava ajudar outro sitiado a defender-se da tropa sitiante. In Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada*, pp. 319; 322-323.

⁴⁰ Ibidem, pp. 255-256, 258.

importante para saber quais foram as dificuldades comuns das forças em confronto e quais foram as suas limitações logísticas na guerra travada entre os anos de 1630 e 1654.

Assim como Gonsalves de Mello e Charles Boxer, Evaldo Cabral de Mello tratou da dificuldade de adaptação dos militares da Companhia às condições de guerra local e à alimentação, embora tenha sido menos enfático do que seus predecessores e tenha exemplificado casos de adequação do lado da WIC – tanto na guerra, quanto na alimentação –, sem deixar de mencionar os problemas de assimilação existentes entre os contingentes ibéricos e napolitanos enviados ao Brasil.⁴¹

Muitas outras pesquisas foram produzidas a respeito do “Brasil Holandês”, embora poucas delas tenham o peso dos trabalhos acima referidos, já considerados clássicos da historiografia da ocupação neerlandesa no Brasil. Uma vez que é impossível relacionar a grande quantidade de trabalhos sobre o período em uma breve revisão de literatura, serão citados adiante apenas alguns dos estudos dos quais foram extraídos elementos essenciais para a elaboração desta pesquisa. Das pesquisas dos historiadores neerlandeses Klaas Ratelband – “*Nederlanders in West-Afrika*”, de 1943 –, W. J. van Hoboken – “*Witte de With in Brazilië*”, de 1955 – e Frans Leonard Schalkwijk – “*Igreja e Estado no Brasil Holandês, 1630-1654*”, de 1986 – foram retiradas informações sobre os problemas disciplinares entre os membros do exército da Companhia – nos dois lados do Atlântico – e dados biográficos sobre os soldados, alguns dos quais saíram da Companhia para se tornar membros da Igreja Reformada do Brasil.⁴²

Na literatura sobre as companhias de comércio neerlandesas, sobretudo a VOC, há informações muito úteis para o estudo proposto, principalmente no que se refere a temas como recrutamento, carreira e disciplina. O trabalho do neerlandês Roelof van Gelder, “*Het Oost-Indisch avontuur*”,⁴³ de 1997, foi essencial para reconstruir, a partir de um exercício comparativo, o processo de migração e recrutamento da “gente de guerra”. Sua pesquisa também oferece subsídios ao estudo da origem social da tropa.⁴⁴ Outro historiador dos Países Baixos, Jaap Jacobs,

⁴¹ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada*, pp. 255-256, 258, 296, 361.

⁴² Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. [1943] Zutphen: Walburg Pers, 2000; Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*; Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998.

⁴³ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997.

⁴⁴ Sobre o recrutamento, foram muito utilizadas as pesquisas de outros neerlandeses como Marc A. van Alphen e Herman Ketting. Alphen, Marc van. *Handel en Wandel van de transportkoper. Opkopers van VOC-transportbrieven in Enkhuizen (1700-1725)*. Amsterdam: Doctoraal scriptie, Universiteit van Amsterdam, 1988; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping: Financial Bonds of Seamen Ashore in the 17th and 18th Century’. In Bruijn, J. R.; Bruyns, W. F. J. (Eds.). *Anglo-Dutch Mercantile Marine Relations 1700-1850. Ten Papers*. Amsterdam/Leiden: Rijksmuseum ‘Nederlands Scheepvaartmuseum’ Amsterdam/Rijksuniversiteit Leiden, 1991; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002; Outros assuntos correlatos às propostas desta pesquisa foram encontrados em obras escritas por outros historiadores neerlandeses, a exemplo de: Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma’s Boekhuis, 1980; Gastra, Femme S. *The Dutch East India Company. Expansion and*

elaborou em um conciso artigo o primeiro estudo sobre a soldadesca da WIC, uma espécie de perfil social e geográfico dos homens que se alistaram para servir nos Novos Países Baixos, na América do Norte. Jacobs incluiu ainda aspectos como motivação para o recrutamento, tipos de trabalho e carreira.⁴⁵

Para tratar de questões militares do século XVII – abastecimento, administração da justiça, cotidiano no exército, deserções, disciplina, motins, técnicas de combate, treinamento e outros temas do mundo militar europeu – recorreu-se a uma pletera de estudos, principalmente os trabalhos de Geoffrey Parker, como o seu livro clássico *“The Army of Flanders and the Spanish Road”*, de 1972, cujo objetivo principal foi entender como a Espanha Habsburga conseguiu manter e mobilizar o maior exército da Europa dos séculos XVI e XVII durante a guerra de oitenta anos para tentar suprimir a revolta nas Províncias Unidas. Outros temas correlatos à presente pesquisa afloram no trabalho de Parker, como as muitas desordens de militares decorrentes de problemas de abastecimento.⁴⁶ O texto de Parker e de outros historiadores que se dedicaram ao estudo dos exércitos europeus forneceram informações importantes para o entendimento da vida diária no exército da WIC no Brasil. Através desses textos foi possível compreender um pouco mais do mundo no qual os soldados da Companhia das Índias Ocidentais estavam inseridos.⁴⁷

Fontes

Para construir uma narrativa sobre a vida da soldadesca no Brasil foi necessário pesquisar uma ampla variedade de manuscritos e impressos coevos, a exemplo de cartas, crônicas, declarações notariais, diários, memórias, panfletos, procurações, regulamentos governamentais e relatos diversos. Parte substancial desse material foi proveniente de informações trocadas entre os

Decline. Zutphen: Walburg Pers, 2003; Lequin, F. *Het personeel van de Verenigde Oostindische Compagnie in de achttiende eeuw, in het bijzonder in de vestiging Bengalen*. [Leiden, 1982] Alphen aan den Rijn: Canaletto/Repro-Holland, 2005.

⁴⁵ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland’. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken*. Ver também: Jacobs, Jaap. *New Netherland. A Dutch Colony in Seventeenth-Century America*. Leiden: Brill, 2005.

⁴⁶ Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [2nd Edition] Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Outras obras do autor foram utilizadas, a exemplo de: Parker, Angela; Parker, Geoffrey. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*. [1977] Madrid: Ediciones Akal, 2000; Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996; Parker, Geoffrey (Ed.) *The Thirty Year's War*. [1984] Second Edition. New York: Routledge, 2007.

⁴⁷ A respeito do mundo militar europeu e neerlandês foram utilizados sobremaneira os estudos: Anderson, M.S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985; Nimwegen, Olaf van. *Deser landen krijchsvolk' Het Staatse leger en de militaire revoluties 1588-1688*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2006; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992; Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history’. Vol. 1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964; Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms. Warfare in the Netherlands (1568-1648)*. Leiden: Brill, 1997.

membros do governo da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil e corpo diretivo da WIC nas Províncias Unidas. Outra fração foi constituída de missivas de temas variados enviadas por gente do governo no Brasil aos Estados Gerais – às vezes cópias de textos remetidos aos Senhores XIX. As atas do governo estabelecido no Brasil, produzidas entre 1635 e 1654, compuseram uma das principais fontes consultadas, bem como diários e cartas de militares presentes na conquista em diferentes momentos e declarações notariais elaboradas nos Países Baixos – principalmente as procurações de militares. Esporadicamente, foram utilizados documentos iconográficos – desenhos, gravuras, mapas e pinturas.

Do amplo conjunto de documentos manuscritos, a maior parte é oriunda do “Arquivo Nacional” em Haia (*Nationaal Archief*), da coleção da Velha Companhia das Índias Ocidentais. Foram selecionadas nessa grande coletânea as “Atas Diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil” (*Dagelijkse Notulen van den Hoogen en Secreten Raad in Brazilië*), datadas dos anos de 1635 a 1654, as “Cartas e Papéis Saídos do Brasil e Curaçao” (*Overgekomen Brieven en Papieren uit Brazilië en Curaçao*), de 1630 a 1654, e as resoluções e cartas dos Senhores XIX dispostas em inventários diversos. Foram empregados ainda documentos da coleção dos Estados Gerais (*Staten-Generaal*), de 1637 a 1655, e também as peças referentes à Companhia dispostas no inventário do arquivo da Corte da Holanda (*Hof van Holland*) – os papéis criminais (*Criminele Papieren*) referentes à rendição em 1654.

As *Dagelijkse Notulen* (DN)⁴⁸ constituem um registro diário dos atos do governo da WIC no Brasil, formado pelo Conselho Político (1630-1637), Alto e Secreto Conselho (1637-1644) e Alto Governo (1644-1654). Todas as resoluções tomadas pelo governo, sobre os negócios públicos ou particulares, eram registradas diariamente em um livro de atas (*Notulen*) do qual eram extraídas cópias autênticas em cadernos para serem regularmente remetidos aos diretores da Companhia nos Países Baixos. Foram narrados nas atas os pormenores relativos ao governo político, civil e militar, além de anotados vários dados sobre o estado financeiro e econômico da conquista. As atas fornecem elementos que servem diretamente para construir o dia-a-dia da tropa da WIC na “Nova Holanda”. Delas foram obtidas informações que permitiram compreender o sistema de pagamento das tropas, as linhas de abastecimento internas, a administração da justiça militar e questões de ordem diversa.

⁴⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68-76 (1635-1654). As atas diárias anteriores ao mês de março de 1635 estão perdidas. Para um índice dos assuntos tratados nas Atas Diárias dos anos de 1635 a 1644, ver: Xavier, Lucia Furquim Werneck; Miranda, Bruno Romero Ferreira. ‘Atas Diárias/ Dagelijkse Notulen’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)/Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 4. Leiden: Leiden University Press, 2011, pp. 264-370.

As *Overgekommen Brieven en Papieren uit Brazilië en Curaçao* (OBP)⁴⁹ contém informações variadas sobre as atividades da WIC no Brasil. Esses documentos compõem-se de correspondências entre a administração dos territórios conquistados e as autoridades neerlandesas (diretores da WIC e Estados Gerais). Entre os assuntos abordados relacionados diretamente à fundamentação deste estudo estão as questões militares diárias e o abastecimento da conquista: listas de distribuição do pessoal militar no território, listagens com o número de militares enviados ou retornados do Brasil, arrolamentos de baixas por morte, doença e deserção, inventários dos armazéns e listas minuciosas das necessidades da conquista. Nas “Cartas e Papéis” também podem ser encontrados diários de expedições, sentenças de tribunais militares, descrições de combates e relatos de viagens. A variedade é tão grande que é impossível atribuir ao conjunto documental um tema específico.⁵⁰

A coleção de documentos *Staten-Generaal* (SG)⁵¹ teve gestação nas instituições do governo central da República das Províncias Unidas. Como a WIC controlava o Brasil por efeito de uma concessão dos Estados Gerais, o último exercia forte autoridade política sob a primeira, através da fiscalização de suas atividades econômicas, políticas e militares. Os papéis enviados da conquista aos Países Baixos, ou vice-versa, tratam de assuntos diversos. De interesse para essa pesquisa são os relatórios e as cartas escritas por oficiais e membros do governo que atestavam o estado da conquista, as listagens com o número de provisões – de boca e de guerra –, os arrolamentos de soldados enviados e de pagamento da tropa, as notificações sobre o estado dos armazéns, dos arsenais e das tropas, além das instruções emitidas pelos Estados Gerais sobre a forma de administração do Brasil, inclusive no que concerne aos aspectos militares. Também é possível encontrar relatórios que tratam do estado das capitanias ocupadas, incluindo a descrição de aspectos puramente econômicos, geográficos e governativos.⁵²

As resoluções dos Senhores XIX constam das decisões e recomendações da direção da WIC nas Províncias Unidas enviadas aos membros do governo do Brasil – tanto os militares, quanto os civis.⁵³ O conteúdo é diverso e difícil de ser especificado, ao contrário de certo inventário depositado no Arquivo Nacional, especificamente no Arquivo da Corte da Holanda (*Hof van Holland*). São as peças do processo criminal aberto nos Países Baixos para apurar as

⁴⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 45-67 (1631-1654).

⁵⁰ Sobre o conteúdo das *Brieven e Papieren* ver também: Buve, Raymond. ‘Resenha temática dos conteúdos do inventário’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. Volume 2., Leiden: CNWS, 2005, pp. 59-64.

⁵¹ NL-HaNA_SG 1.01.07.01 (1637-1655).

⁵² Para uma noção mais apurada do conteúdo da coleção dos Estados Gerais, ver: Xavier, Lucia Furquim Werneck. ‘Dossiê Estados Gerais/Dossier Staten-Generaal’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3. Leiden: CNWS, 2008, pp. 184-557.

⁵³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 1-8 (1623-1654).

responsabilidades do Alto Governo na capitulação da WIC em janeiro de 1654.⁵⁴ Na coleção foi anexada uma cópia das Atas Diárias do governo, entre os meses de dezembro de 1653 e janeiro de 1654, e foram inseridas reproduções dos acordos de capitulação, relatórios de oficiais e interrogatórios de pessoas que participaram dos últimos dias do “Brasil Holandês”.⁵⁵

Além do Arquivo Nacional, há muitos dados dispostos em outros acervos dos Países Baixos. No inventário de número 1452, do “Arquivo da Casa Real” (*Koninklijke Huisarchief*),⁵⁶ podem ser encontrados muitos documentos relativos ao governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen, dos quais vários foram traduzidos e publicados em coletâneas de fontes ou em revistas de institutos históricos brasileiros. Entre os temas de interesse desses papéis acumulados por Nassau estão os documentos sobre questões logísticas e militares.⁵⁷

Dos arquivos das cidades de Amsterdã (*Stadsarchief Amsterdam*) e Roterdã (*Gemeentearchief Rotterdam*) foram empregados protocolos de notários que registraram declarações e procurações de militares que se preparavam para ir ou voltar ao Brasil.⁵⁸ Esses apontamentos são fontes úteis para a composição de um perfil social e geográfico da soldadesca, pois contêm dados sobre os anos de serviço na WIC, o local de origem, a existência de familiares e alguns indicativos de faixa etária. Também são importantes as informações indiretas sobre o recrutamento, haja vista que muitos desses homens deixaram na República procurações para terceiros – muitos dos quais recrutadores – sacarem de suas contas na Companhia dinheiro para a quitação de dívidas no período anterior à assinatura do contrato com a WIC.

Afora as fontes manuscritas supracitadas, documentos governamentais impressos fornecem preciosos elementos para composição dessa narrativa, a exemplo do ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Índias Ocidentais’, copiado do *Groot Plakaatboek*.⁵⁹ Esse estatuto contém regras governativas para os locais ocupados pela

⁵⁴ NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, *Criminele papieren*.

⁵⁵ Os acordos de capitulação foram traduzidos por Gonsalves de Mello em uma publicação de 1979, à qual também foram anexadas transcrições dos relatos do cerco e tomada do Recife feitos por comandantes portugueses: Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*.

⁵⁶ *Koninklijke Huisarchief*, Den Haag, inv. nr. 1454. Para uma descrição completa do inventário A4, número 1452, ver: Teensma, Benjamin N. ‘Koninklijk Huisarchief ‘s-Gravenhage, inv. nr. 1454: Brasilianische Sachen, 1636-1645 / Arquivo da Casa Real Haia, inventário n. 1454: assuntos brasileiros, 1636-1645’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3, pp. 28-71. Ver também: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses. 1957-1958*. Vol. 6. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000, pp. 119-152.

⁵⁷ A exemplo dos editais lançados para obrigar a população do Brasil a plantar mandioca para abastecer com farinha a conquista e das medidas tomadas para combater a violência no interior das capitanias, causada tanto por guerrilheiros luso-brasileiros, como por soldados da WIC.

⁵⁸ Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief; Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA).

⁵⁹ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes. (Copiado do <<Groot Placaat-Boek>>’. In *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886. Fonte original: ‘Ordre van Regieringe soo in Policie als Justitie, in de plaetsen veroverd ende te veroveren in West-Indien’. *Groot Plakaatboek* 2, col. 1235 ff.

Companhia, inclusive no que se refere a aspectos militares. Questões relativas à disciplina de guerra e à composição de um conselho de guerra também estão delimitadas na ordenação, até mesmo no que se refere aos delitos cometidos por militares contra civis.⁶⁰ São importantes ainda a “Carta-Artigo” (*Articul-Brief*) – que reúne os códigos de conduta para militares, marinheiros e funcionários civis da WIC – e as “Leis e Ordenanças” (*Laws and Ordinances*) instituídas pelos Estados Gerais em fins do século XVI – que também constituíam parte do regulamento militar da Companhia.⁶¹

Também é possível encontrar muitos dados a respeito da vida da soldadesca nas “Atas dos Sínodos e Classes do Brasil” (1636-1644). Elas foram oriundas das reuniões anuais do conclave “nacional” da Igreja Reformada do Brasil denominado de “Classe do Brasil”. Por vezes ocorreram duas reuniões em um ano, o que formava um “Sínodo do Brasil”. Essas atas foram traduzidas e publicadas por Frans Leonard Schalkwijk, a partir dos originais dispersos em arquivos neerlandeses, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.⁶²

Outra parte das fontes é derivada de cartas pessoais, diários, “histórias”, memórias, panfletos e relatos de viagem. Alguns desses escritos – muitos dos quais coevos ao período estudado ou reminiscências de gente que esteve no Brasil – contém relatos de experiências pessoais na conquista. Por conta da grande quantidade de documentos enquadrados nessas categorias, serão citados apenas alguns dos que foram mais utilizados.

Entre as missivas, as escritas pelo coronel e governador do Brasil Diederick van Waerdenburgh remetidas aos Estados Gerais entre 1630 e 1632, as cartas de Stephan Carl Behaim ou de terceiros a seu respeito enviadas aos seus familiares, entre 1628 e 1640, as cartas redigidas pelo predicante Joaquim Vicente Soler ao teólogo protestante francês André Rivet, dos anos de 1636 a 1643, e a correspondência do governador e comandante das tropas da WIC no Brasil Johan Maurits van Nassau-Siegen com os Estados Gerais.⁶³

⁶⁰ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Índias Ocidentais’, pp. 289-310.

⁶¹ *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geotroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640; *Laws and Ordinances touching military discipline. Set downe and stablished the 13 of August 1590.* Imprinted at the Hague by the widowe & heires of the deceased Hillebrand Jacobs van Wouw, Ordinarie Printer to the high and mightie Lords the States Generall. Anno 1631.

⁶² Schalkwijk, F. L. ‘Atas das Assembléias classicais da Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*. Volume LVIII, pp. 145-284. Ver também: Souto-Maior, Pedro. ‘A Religião Cristã Reformada no Brasil no Século XVII’. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo Especial Consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional. Parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

⁶³ As missivas de Waerdenburgh podem ser encontradas em: *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945. As missivas de Behaim ou de outras pessoas a seu respeito, principalmente as remetidas entre 1635 e 1637, foram transcritas do alemão e traduzidas por Steven Ozment em: Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990. As escritas sobre Behaim em 1639 e 1640 foram citadas por Anton Ernsberger em: Ernstberger, Anton. *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges. Zur Kulturgeschichte der Zeit*. Erlangen: Universitätsbund Erlangen-Nürnberg, 1963. As cartas de Soler foram

Dos diários arrolados – em sua maioria escritos por militares –, foram selecionados os feitos por Johann Gregor Aldenburgk (anos de 1623 a 1626), Ambrosius Richshoffer (1629 a 1632), Cuthbert Pudsey (1629 a 1640), Zacharias Wagener (1634 a 1641), Caspar Schmalkalden (1642 a 1644), Johan van Loon (1643), anônimo sobre a viagem ao Chile (1643), anônimo impresso em Arnhen sobre a rebelião dos moradores do Brasil (1645 a 1647), Peter Hansen (1643 a 1654) e Hendrik Haecx (1645 a 1654).⁶⁴

Das “histórias”, memórias e relatos de viagem, os elaborados por Duarte de Albuquerque Coelho – *Memórias Diárias da Guerra do Brasil* –, Johannes de Laet – *Historie ofte Iaelrijck Verhael van de verrichtinghen der geectroyeerde West-Indische Compagnie* –, Christoffel Arciszewski – *Memorie door den Kolonnel Artichofsky* –, Caspar Barlaeus – *Rerum per octennium in Brasília* –, Johan Maurits van Nassau-Siegen – *Memória e Instrução de João Maurício* –, frei Manuel Calado do Salvador – *O Valeroso Lucideno* –, Pierre Moreau – *Histoire des derniers troubles du Brésil* – e Johan Nieuhof – *Gedenkwaardige Brasiliaense Zee-en Lant Reize*.⁶⁵

traduzidas do francês por Benjamin Nicolaas Teensma e publicadas na coleção Brasil Holandês: Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*. Traduzidas por B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999. A correspondência de Nassau foi traduzida por Alfredo de Carvalho e publicada na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*: ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandez, com os Estados Gerais (1637-1646)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife, Vol. X, 1902; ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandez, com os Estados Gerais (1637-1646)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife, Vol. XII, 68, 1906.

⁶⁴ Aldenburgk, Johann Gregor. [Grüner, 1627] *Relação da Conquista e perda da Cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Volume 1. Brasiliensia Documenta. Traduzido por Alfredo de Carvalho e Edgard de Cerqueira Falcão; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. PHonoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930; Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640* [Payter, 1644]. Petrópolis: Editora Index, 2000; Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’ [1668]. In *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997; Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume I. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998; ‘Journael nopende op de Reijse in Chili onder het Beleijt van de Generael d’Heer Henrique Brouwer 1643. Door Johan van Loon, commies’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn. Verkenner in de vloot van Hendrick Brouwer 1643*. Hoorn: Stichting Nederlandse Kaap Hoorn-vaarders, 2007; ‘Journael ende Historis verhael van de Reize gedaen by Oosten de Straet le Maire naer de Custen van Chili, onder het beleyt van den Heer Generael Hendrick Brouwer inden jare 1643 voor gevallen’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn*; ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647’. In *Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano*. Volume V, número 32. Recife: Typographia Universal, 1887; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995; Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’. Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O.C. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Volume 69, 1950, pp. 17-159.

⁶⁵ Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981; Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volumes I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916; Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilië in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16; Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil, durante oito anos sob o governo do Ilustríssimo Conde João Maurício de Nassau*. [1647]. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom); ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da

Por fim, entre os panfletos, destaque para *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* (1647), *De Brasilsche Breede-Bijl* (1647), *Brasyls Schuyt-praetjen* (1649), *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael* (1655) e *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten* (1677).⁶⁶

Estrutura do trabalho

A pesquisa foi dividida em três partes, cada uma delas organizada de maneira a responder às questões levantadas.

A primeira parte, “Origens”, está subdividida em dois capítulos. No primeiro deles, buscou-se saber quem era a gente enviada ao Brasil na qualidade de militar da Companhia das Índias Ocidentais, bem como se esboçou um quantitativo das remessas de pessoal entre os anos de 1629 e 1653. Para se conhecer melhor essa “gente de guerra”, foi feito um estudo sobre a origem geográfica e elaborado um conciso perfil social dos recrutados, abordando-se aspectos como faixa etária, estado civil e opção religiosa. No segundo capítulo, o objetivo principal foi saber como a WIC recrutava seus homens e o que os atraía ao serviço de guerra. Também se discutiu se esses personagens tinham algum conhecimento do local de destino.

Na segunda parte, “Condições de vida cotidiana dos militares da WIC no Brasil”, fracionada em três capítulos, o enfoque ficou nas questões relativas ao abastecimento e às condições de saúde e de serviço das tropas no Brasil. O terceiro capítulo centrou-se na reconstrução do sistema de provimento das tropas, com destaque para a distribuição de alimentos, pagamento e o fornecimento de alojamento. Os entraves ao fornecimento e as soluções locais – do governo ou das tropas – também foram trabalhadas. O quarto capítulo foi dedicado a discutir como as tropas da WIC eram afetadas por doenças e como essas

Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985; Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987; Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*; Nieuhof, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. [1682] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*.

⁶⁶ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. s’Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647; *De Brasilsche Breede-Bijl: ofte t’samen-spraek tusschen Kees Jansz. Schoot, komende nyt Brasil, en Jan Maet koopmans knecht, ... over den verloop in Brasil*. 1647. Versão em português: ‘O machadão do Brasil’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908; *Brasyls Schuyt-Praetjen. Ghebouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman, noopende den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetraecteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portogysen noch onder het onverdraeghlyck Iock der Hollanderen saten*. Ghedruckt inde West-Indische Kamer by Maerten, Daer het gelt soo lustich klinckt alszer zijn Aep-staerten. Anno 1649; *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael van ‘t schandelyck over-geven ende verlaten vande voornaemste Conquesten van Brasil, onder de Regieringe vande Heeren Wouter van Schonenburgh, President. Hendrick Haecx, Hooghen Raedt. ende Sigismondus van Schoppe, Luytenant Generael over de Militie, 1654*. Tot Middelburgh, ghedruckt by Thomas Dircksz. van Brouwershaven. Anno 1655; *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen Nahmens Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring*. Gedruck’t im Jahr 1677. O último panfleto é uma pequena biografia escrita pelo soldado Lorenz Simon, alistado na WIC em 1641, cujo original consultado encontra-se na *British Library*, em Londres. Há uma tradução parcial para o português feita por Alfredo de Carvalho em: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife: Tomo XI, 1904.

enfermidades não eram necessariamente acarretadas pelo clima tropical e pela ausência de anticorpos, mas muito relacionadas com o provimento insuficiente e higiene precária reinante na conquista. Procurou-se esboçar os números de baixas, tendo-se, portanto, uma noção mais apurada de quanta gente a Companhia perdia por efeito de doenças. Discutiram-se também quais eram essas mazelas e como a medicina do período era limitada para solucionar os problemas de saúde dos militares. O quinto capítulo tratou das condições de serviço, dissertando-se a respeito das tarefas diárias dos membros do exército da Companhia. Foram também abordados aspectos concernentes à carreira dos militares no exército, a promoção, o treinamento e a saída do serviço de guerra. Destacou-se ainda a importância da qualificação pessoal e de contatos para a mudança de situação. Sobre o primeiro assunto, verificou-se que o conhecimento prévio de alguma atividade e a escolaridade estavam também muito atrelados à origem social dos homens.

Na terceira parte, “Cotidiano e resistência”, composta de um único capítulo, o sexto, procurou-se conectar a questão do provimento com a disciplina das tropas, embora também tenha sido discutido que nem toda indisciplina era uma forma de resistência. As reações das tropas às insuficiências, as soluções do governo para os problemas disciplinares e as negociações compuseram o tema principal deste último capítulo. O conjunto de normas militares e a amplitude de penalizações para crimes possíveis especificadas em códigos da WIC e dos Estados Gerais também foram debatidos na última parte. Por fim, mostrou-se como a indisciplina das tropas constituiu-se em um dos grandes desafios e entraves da Companhia, afetando-a ao longo dos anos de ocupação.

Observações gerais

A *West-Indische Compagnie* (WIC) ou, em português, Companhia das Índias Ocidentais, será repetidamente referida na pesquisa em sua forma integral, por Companhia ou por sua abreviação neerlandesa WIC.

Foram utilizadas as denominações República das Províncias Unidas, Províncias Unidas e Países Baixos do Norte para se referir aos Países Baixos no século XVII. O adjetivo neerlandês foi empregado para se referir aos habitantes dessa localidade. Holanda ou o adjetivo holandês só foram utilizados para designar, respectivamente, uma das províncias que compunham os Países Baixos do século XVII e os habitantes dessa província. O adjetivo Flamengo foi usado para designar os habitantes de Flandres, nos Países Baixos do Sul ou Países Baixos Espanhóis.

Nova Holanda, nome oficial da conquista, foi utilizado como sinônimo de “Brasil Holandês”, expressão amplamente empregada pela historiografia.

Nas Províncias Unidas, no início do século XVII, era comum que muitas pessoas não utilizassem nomes de família. Muita gente identificava a si mesma com patronímicos. Jan Jansz., por exemplo, era filho de um homem chamado Jan. Como era incomum pronunciar o patronímico inteiro, nesse caso Janszoon (filho de Jan), era comum abreviar nomes escritos omitindo o “oon” ou “*zoon*” (filho) para “ss.”, “sen.”, “szen” ou “sz.” e encurtar “*dochter*” (filha) para “dr.”. Foram adotadas como padrão as abreviações “sz.” (*zoon*) e “dr.” (*dochter*).

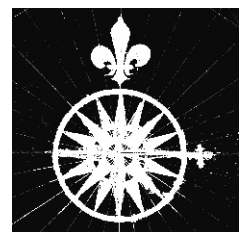
O uso do termo conquista é referente ao território ocupado pela WIC no Brasil, ou o “Brasil Holandês/Nova Holanda”. O termo colônia foi preterido porque sugere a idéia de que houve envio de colonos para fixação no território, algo que se verificou apenas timidamente no Brasil.

Os textos em língua estrangeira transcritos de manuscritos ou extraídos de material impresso foram traduzidos majoritariamente pelo autor, salvo algumas exceções, devidamente citadas. Textos provenientes de traduções foram em sua maioria comparados com os originais. As transcrições de manuscritos e reproduções de textos impressos foram literais, sem alterações ou modernizações. Trechos ininteligíveis foram deixados em branco, entre colchetes.

Para os valores monetários e medidas de peso citados ao longo do texto, consultar o glossário disposto no fim da pesquisa.

Parte I

Origens



Capítulo 1: Soldados da Companhia das Índias Ocidentais (1630-1654)

“A 14 de março, quinta-feira, aproximadamente às 6 horas da manhã, despedi-me do pai, da mãe e dos irmãos; e com Miguel Nielsen, o correio de Brarup, e um sapateiro, companheiro de Buhrkarl, saímos a pé de Hajstrup”.⁶⁷

Em 1643, Peter Hansen saiu de casa quando seus irmãos mais velhos herdaram a fazenda da família na vila de Hajstrup, no Sul da Jutlândia (Dinamarca). A busca por melhores oportunidades moveu o jovem de 19 anos, junto com outros dois amigos, a se deslocar por onze dias até alcançarem Copenhague, onde Hansen conseguiu, em pouco tempo, trabalho como ajudante de secretário na padaria do Real Armazém de Víveres. Quase um ano e meio depois, após se desentender seriamente com outro funcionário, Hansen decidiu deixar o Real Armazém. Ele já havia tentado sair de lá para seguir viagem a Moscou, possivelmente por ansiar algo menos entediante que o serviço burocrático, mas fora obrigado por seu chefe a permanecer no trabalho. Junto com outro jovem, ele partiu novamente atrás de ocupação e provavelmente de aventura e acabou no local de destino de muitas pessoas desejosas em conhecer novos lugares ou necessitadas de obter sustento: Amsterdã. Nessa cidade, em menos de um mês após sua chegada e de quase dois anos após sua saída de Hajstrup, Hansen, sem dinheiro, encontrou serviço na Casa da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), de onde seguiu para o Brasil, da mesma forma como fizeram milhares de homens em seu tempo.⁶⁸

Parte da jornada feita por Hansen está inserida numa ampla corrente migratória direcionada aos Países Baixos, especificamente na área que compreendia a República das Províncias Unidas. Tal fluxo de pessoas não foi gerado por acaso e também não foi limitado a um curto período de tempo. Entre 1600 e 1800, mais de 2 milhões de imigrantes foram para regiões centrais no Oeste da República, com o objetivo de residir, trabalhar temporariamente ou servir em suas tropas, navios e colônias.⁶⁹ Nesse período, entre as muitas regiões da Europa Ocidental, a área da República era vista como a mais atrativa, por conta da sua prosperidade econômica, melhores salários e da maior liberdade religiosa. Ainda que tais vantagens devam ser

⁶⁷ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 61-122. Tradução parcial não publicada de Benjamin Nicolaas Teensma. O memorial e jornal de Peter Hansen está publicado na íntegra na publicação mencionada acima.

⁶⁸ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 61-68; Kraack, D. A. ‘Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996, pp. 239-241.

⁶⁹ Lucassen, Jan. ‘The North Sea: a crossroad for migrants?’ In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 175.

relativizadas, uma vez que a República não era tolerante com todas as idéias dissidentes e não era um paraíso para todos os que viviam dentro de suas fronteiras,⁷⁰ a região não sofreu de maneira drástica os efeitos das guerras travadas nas áreas próximas. Ademais, a prosperidade da República contrastava, apesar da péssima situação dos trabalhadores, com a miséria e o desemprego das terras vizinhas.⁷¹ Outra ressalva precisa ser feita. Adversidade e pobreza não constituíam os únicos fatores de migração. A jornada de Hansen e de outros jovens alistados na WIC, que possuíam emprego e gozavam de condição de vida relativamente boa – comparada com o que geralmente se atribui aos migrantes na literatura – serve para provar tal afirmativa.

Dentre os migrantes masculinos estabelecidos na República, boa parte foi direcionada para compor as fileiras do exército europeu e colonial, continuamente dependente do componente estrangeiro para fortalecer sua efetividade. Como esses estrangeiros foram redirecionados para trabalhar nas colônias, eles podem ser chamados de transmigrantes, uma vez que a República figurou apenas como local de trânsito ou estabelecimento temporário.⁷² Além da composição das tropas na luta contra os espanhóis em suas fronteiras, a República carecia do elemento estrangeiro para os trabalhos agrícolas e industriais na Europa, para o arranjo das tripulações dos navios mercantes e das companhias de comércio de além-mar e dos agrupamentos militares nas colônias. De fato, a manutenção dos interesses comerciais no império marítimo neerlandês requeria uma força de trabalho tão grande que a República não podia depender apenas do crescimento natural da sua própria população, que no zênite de seu desenvolvimento econômico foi estimada em cerca de 1.950.000.⁷³ Somente o mercado de trabalho masculino nas regiões centrais da República dependia em 50% de pessoas nascidas fora dessas regiões.⁷⁴

No caso da composição dos efetivos marítimos, militares e operacionais do ultramar, havia ainda uma relutância das classes média e alta holandesas em aceitar trabalho nessas companhias. Essa falta de motivação está relacionada sobretudo aos riscos da viagem às Índias e aos perigos da vida nos trópicos, além das possibilidades de obtenção de emprego na República. Isso ajuda a explicar porque ambas as companhias empregavam grandes proporções de

⁷⁰ Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration, in the Late Sixteenth to Early Nineteenth Centuries'. In Canny, Nicholas. *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 153.

⁷¹ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 58; Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 171-172.

⁷² Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 49; Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration', pp. 181-182.

⁷³ Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration', pp. 165-166; Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic. Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, p. 620.

⁷⁴ Lucassen, Jan. 'The North Sea: a crossroad for migrants?'. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 176.

estrangeiros.⁷⁵ Foi por conta dessa necessidade que Peter Hansen conseguiu trabalho na Companhia das Índias Ocidentais.

Em 1629, muitos anos antes do alistamento de Hansen, outro estrangeiro, o estrasburguês Ambrosius Richshoffer, desceu o Reno juntamente com alguns amigos na intenção de seguir para as Índias Orientais. Após chegar a Amsterdam, em 1629, e não conseguir trabalho na Companhia das Índias Orientais (VOC) – que não estava a recrutar no período –, juntou-se às forças que compunham a primeira expedição de ataque a Pernambuco, uma vez que a WIC “recrutava fortemente”.⁷⁶ Como Hansen, Richshoffer também deixara um emprego para trás com a intenção de viajar às Índias.

Apesar de o amplo movimento de redirecionamento de pessoas da República às Índias Ocidentais e Orientais ter sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, pouco se sabe a respeito do caso específico no qual os dois jovens mencionados estiveram inseridos: a transmigração de homens para o serviço de guerra da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, entre os anos de 1629 e 1653.⁷⁷ Além da ausência geral de números mais sólidos sobre a migração da República para o Oeste, observa-se ainda a falta de um estudo demográfico e social do exército da Companhia no Brasil.⁷⁸ A esse respeito, o historiador P. C. Emmer afirmou, em 1981, que não existiam fontes específicas a respeito da origem social e geográfica dos soldados que serviram a WIC. Em 1986, ele, junto com E. van den Boogaart, advertiu ainda que as informações quantitativas a respeito do deslocamento de pessoas da Europa para África e Ásia

⁷⁵ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 51.

⁷⁶ “[...] *die West-Indianische Comp. aber starck geworben* [...]”. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S.P. Honore. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Compagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, p. 5.

⁷⁷ Destaque para os que abordam os movimentos migratórios de europeus saídos da República para a América, já que esse é, em parte, nosso objeto de estudo: Boogaart, Ernst van den. ‘The Servant Migration to New Netherland, 1624-1664’. In Emmer, P.C. *Colonialism and Migration; Indentured Labour Before and After Slavery. Comparative Studies in Overseas History*; 7. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1986, pp. 55-81; Emmer, P.C.; Klooster, Willem W. ‘The Dutch Atlantic, 1650-1800: Expansion without Empire’. In *Itinerario. European Journal of the Overseas History*. Leiden: Vol. XXIII, nr.2, 1999, pp. 48-69; Enthoven, Victor. ‘Dutch crossings; Migration between the Netherlands and the New World, 1600-1800’. In *Atlantic Studies: Literary, Cultural and Historical Perspectives*. Vol. 2, Issue 2, 2005, pp. 153-176; Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland’. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, pp. 131-146; Kruijtzter, Gijs. ‘European migration in the Dutch sphere’. In Oostindie, Gert (Ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008, pp. 97-154; Lucassen, Jan. ‘The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration’, pp. 153-191.

⁷⁸ Meuwese, Marcus P. ‘*For the peace and well-being of the country: intercultural mediators and Dutch-Indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600-1664*’. Indiana: University of Notre Dame, 2003. (Ph.D. Dissertation), p. 245, nota 280; Kruijtzter, Gijs. ‘European migration in the Dutch sphere’, p. 111; Groesen, Michiel van. ‘Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil’. In Huigen, Siegfried; De Jong, Jan L.; Kolfin, Elmer (Eds.). *Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*. Leiden: Brill, 2010, p. 39, nota 1.

através de rotas de comércio ultramarino só estavam disponíveis no que se referia ao fluxo direcionado à esfera da VOC.⁷⁹

As páginas seguintes serão destinadas à obtenção de informações mais específicas a respeito desse grupo particular de migrantes e transmigrantes. Portanto, serão trabalhados temas que os historiadores neerlandeses supracitados julgaram difíceis de fazer, visto a escassez e a natureza das fontes. Isso será feito através da elaboração de um esboço do quantitativo de militares enviados ao Brasil e de um estudo da origem geográfica e social dos contingentes recrutados pela WIC. Serão ainda abordados aspectos como faixa etária, estado civil e opção religiosa. Uma observação deve ser feita: parte dos militares a serviço da Companhia das Índias Ocidentais enviados ao Brasil devem ser pensados como trabalhadores migrantes redirecionados ou transmigrantes. Eles viajavam sob contrato temporário e normalmente tinham por intenção retornar para a Europa em algum momento. No entanto, é muito difícil identificar quem pretendia migrar e quem queria apenas passar uma determinada quantidade de tempo e retornar. A falta de registros que contenham dados mais apurados sobre o retorno, em termos quantitativos, torna tal tarefa de difícil execução.

1.1 Número de recrutados

Quantificar o total de pessoas que foram levadas da Europa para o Brasil na qualidade de militares não é uma tarefa fácil. Apesar da extensa literatura sobre a experiência neerlandesa no Brasil, nenhum pesquisador forneceu números concretos a respeito das remessas de pessoas – entre civis e militares – enviadas no decorrer dos anos de ocupação. Os pesquisadores que dedicaram mais atenção aos deslocamentos de Europeus, a partir da República, para o Oeste/Atlântico ainda não forneceram elementos seguros ou apenas fizeram estimativas parciais. Isso demonstra que as observações feitas por P. C. Emmer e E. van den Boogaart em 1986 eram corretas. Gijs Kruijtzter, em concordância com outro neerlandês, Jan Lucassen, a respeito da dificuldade de obtenção de mais informações sobre o quantitativo de migrantes para o Oeste – diga-se a área sob jurisdição da WIC –, justificou tal lacuna por conta da ausência de dados, que foram taxados de não confiáveis e considerados insuficientes para o estabelecimento do número de deslocamentos.⁸⁰ O historiador neerlandês Victor Enthoven, por exemplo, indicou a saída de 1.872,000 indivíduos, entre 1600 e 1800, da República para o Oeste.

⁷⁹ Emmer, P. C. 'The West India Company, 1621-1791: Dutch or Atlantic?'. In Blussé, Leonard; Gaastra, Femme (Eds.). *Companies and Trade. Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*. Leiden: Leiden University Press, 1981, p. 89; Boogaart, E. van den; Emmer, P. C. 'Colonialism and migration: an overview', pp. 3-4.

⁸⁰ Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration', p. 178; Kruijtzter, Gijs. 'European migration in the Dutch sphere', pp. 107-111.

Ele chegou a tal número ao multiplicar a média de passageiros por navio (52), o número médio de saídas de navios por ano (180) e o número de anos de sua amostragem (200). Dessa forma, Enthoven chegou a um total anual de envio de 9.360 indivíduos, dos quais 1.800 eram militares – 10 a cada 52 passageiros (total de 360.000).⁸¹ Kruijtzter rebateu esses números apresentados por Enthoven por não considerar clara a maneira pela qual ele chegou à média de passageiros não-tripulantes e não-militares por viagem e por considerar inflado o número total de militares enviados para o Oeste, entre 1600 e 1800. Ele baseou-se no fato de que o maior destacamento de homens enviados ao Brasil tenha consistido mais ou menos de 6 mil homens despachados pelos Estados Gerais na década de 40 do século XVII, número este afastado do envio mínimo de mais de 8.500 militares ao Brasil nessa década, conforme se observa na documentação da WIC e apontam os trabalhos de Charles Boxer e W. J. van Hoboken.⁸² Apesar da imprecisão de Kruijtzter no quantitativo enviado ao Brasil na década de 40, sua crítica a Enthoven é correta. Ele complementa sua posição ao mencionar que entre 1740 e 1794, de acordo com a documentação, apenas 13.343 soldados partiram para o Suriname. Ainda baseado nos números indicados por Enthoven, Kruijtzter lança dúvidas sobre o total de pessoas, entre militares e não-militares, que ficaram nas colônias – quase 700.000. Essa quantia difere muito do quantitativo total de pessoas indicado por David Eltis, que se arriscou a estabelecer a permanência total de 20 mil migrantes, entre militares e civis, no período anterior a 1760. Por sua vez, Jan Lucassen, cuja estimativa baseou os números apontados por Eltis, indicou que 15 mil migrantes saíram dos Países Baixos para ficar na América do Sul, Caribe e África Ocidental nos séculos XVII, XVIII e XIX. Lucassen adiciona ainda mais 10 mil migrantes para a área da América do Norte, nos séculos XVII e XVIII.⁸³

Se as tentativas de quantificação de envio e de permanência ainda não apresentaram dados substanciais, a determinação do número de militares remetidos ao Brasil sequer foi tentada.⁸⁴ O simples somatório de diferentes amostragens de envio de militares – colhidas em

⁸¹ Enthoven, Victor. 'Dutch crossings', p. 165 (tabela 5). Ver também: Enthoven, Victor. 'An Assessment of Dutch Transatlantic Commerce, 1585-1817'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. The Atlantic World 1. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 402-410.

⁸² Ver tabela 1; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [London, 1957] Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, p. 137; Hoboken, W. J. van. 'Een troepentransport naar Brazilië in 1647'. In *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949, pp. 100-101; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 58, doc. 353, 02-01-1643; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647.

⁸³ Kruijtzter, Gijs. 'European migration in the Dutch sphere', pp. 107-111; Ver também: Eltis, David. 'Slavery and freedom in the early modern world'. In Engerman, Stanley Lewis (Ed.). *Terms of labor: Slavery, serfdom, and free labor*. California: Stanford University Press, 1999, pp. 28-29; Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration', p. 178.

⁸⁴ Os números apresentados por Eltis, Enthoven e Lucassen são referentes aos movimentos migratórios como um todo, incluindo os militares, que normalmente retornavam à Europa após o tempo de serviço ou depois de algumas renovações de contrato.

listagens da WIC, dos Estados Gerais e de outras fontes – obteve um total mínimo de 26.674 militares despachados ao Brasil entre 1629 e 1651 (Tabela 1). Decerto, o número está muito distante das quantias estipuladas por Enthoven, conforme indicou Kruijtzter. Os números apresentados por Lucassen e Eltis não permitem comparações, pois se referem à gente que permaneceu na América, algo muito difícil de ser contabilizado entre o pessoal da WIC. Todavia, tal cifra é muito incompleta, principalmente por conta de alguns fatores impeditivos de uma contabilização adequada, a saber: dispersão e/ou perda dos dados a respeito dos envios;⁸⁵ possibilidade de registro equivocado de homens licenciados e ex-militares recontratados;⁸⁶ recrutamento de pessoas no trajeto de viagem entre a Europa e o Brasil;⁸⁷ possíveis erros e falta de registros de desertores e mortos antes ou durante o percurso ao Brasil. Nas viagens para a Ásia, por exemplo, os percentuais de morte no percurso chegaram a 10%. No Atlântico, os índices de morte nas viagens neerlandesas não são precisos. Enthoven, a partir de viagens de embarcações francesas, indica que 5% dos “homens do mar” poderiam não sobreviver à travessia do Atlântico.⁸⁸ Os falecimentos no decorrer das viagens foram amplamente mencionados em documentos oficiais e em registros pessoais. Exemplos isolados fornecem algumas informações numéricas sobre essas mortes: de acordo com Van Hoboken, cada uma das embarcações da esquadra de Witte de With, enviada em fins de 1647, teve baixas por morte entre 20 a 30 homens, para mais ou para menos, sem especificação entre militares e marítimos;⁸⁹ a esquadra do almirante Hendrik Cornelisz. Loncq, antes mesmo de iniciar o ataque a Pernambuco, em 1630, teve pesadas baixas por morte (246 homens) e por doenças (1.200 homens) em seus efetivos.⁹⁰ Esses números não são distintos dos apresentados por Ambrosius Richshoffer em seu diário. O soldado estrasburguês quantificou a morte de uma oitava parte da tripulação da embarcação *Salamander*, na qual ele viajou para o Brasil.⁹¹ Fugas também causaram baixas no trajeto. Embora

⁸⁵ O fato de a Companhia não enviar soldados ao Brasil em remessas regulares, como pode ser observado na Tabela 1, contribui diretamente para a dispersão desse tipo de informação nos fundos documentais neerlandeses.

⁸⁶ Alguns exemplos de licenciamento: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138 A; 138 B (59 soldados e 3 oficiais); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 219, 1632 (34 militares licenciados por doença); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 134, xx-05-1639 (99 licenciados, 41 deles por doença); 1.05.01.01, inv. nr. 55, doc. 55, 30-07-1640 (200 militares licenciados); Algumas amostras de retorno a Europa: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639 (90 militares); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 56, doc. 236 C, 14-04-1641 (355 militares). Esses documentos não contêm qualquer especificação a respeito do retorno desses militares ao Brasil.

⁸⁷ Possibilidade talvez remota, mas crível. Segundo Van Hoboken, oito soldados ingleses foram recrutados no trajeto entre a Europa e o Brasil. Ver: Hoboken, W. J. van. ‘Een troepentransport naar Brazilië in 1647’. In *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949, p. 106.

⁸⁸ Kruijtzter, Gijs. ‘European migration in the Dutch sphere’, pp. 99-101.

⁸⁹ Hoboken, W. J. van. ‘Een troepentransport naar Brazilië in 1647’, p. 108.

⁹⁰ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volume I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916, p. 231.

⁹¹ O total de tripulantes não foi mencionado, embora ele tenha indicado o embarque de 84 militares no *Salamander*. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 7, 39.

em número muito menor em relação às fatalidades, deserções contribuíam para o decréscimo das tropas antes mesmo do desembarque no Brasil. Em maio de 1639, uma lista da Câmara da Zelândia computou a deserção de cinco militares antes do embarque para o Brasil. Outros dois não estavam presentes à chamada, o que deve ser um indicativo de deserção. Não foi registrada qualquer informação a respeito de como eles desertaram. É possível que tenham se ausentado no dia do embarque ou fugido durante o percurso, em alguma parada do navio. Em 1633, no caminho para o Brasil, 30 homens desertaram – de um total de 224 – e possivelmente ficaram na Inglaterra, após uma parada antes de seguir para a América. Novamente em 1639, três companhias chegaram ao Brasil com 25 pessoas a menos. Mortes, doenças e fugas no caminho foram os motivos alegados pelos escrivães das companhias.⁹²

Tabela 1 – Amostragem mínima coletada do envio/chegada anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil, entre os anos de 1629 e 1651.⁹³

Ano	Número de militares	Ano	Número de militares
1629	3.500	1639	1.200
1630	860	1640	± 2.500
1631	26	1643	43
1632	826	1646	3.110
1633	1.685	1647	352
1634	3.519	1648	2.500
1635	572	1650	48
1636	2.570	1651	99
1637	2.368		
1638	896	Total	26.674

Uma amostragem do quantitativo anual de militares a serviço da WIC no Brasil (Tabela 2) – cuja média, baseada nas listas gerais de tropas da Companhia, é de 3.369 homens – indica que o número de militares enviados ao Brasil pode ter sido muito maior do que o montante apresentado na Tabela 1, já que o número do efetivo, por conta das baixas no decorrer dos anos, precisaria de uma taxa de reposição maior do que as remessas encontradas sugerem. Essas baixas seriam ocasionadas por morte, término do contrato e deserção. Infelizmente, os mesmos

⁹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 90, 10-05-1639; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 74, 05-02-1633; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 157, 30-07-1639.

⁹³ Para a elaboração da Tabela 1 foram consultadas três coleções de documentos manuscritos: *Dagelijkse Notulen van den Hoogen en Secreten Raad in Brazilië* (Atas Diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil, 1635-1654), as *Overgekomen Brieven en Papieren uit Brazilië en Curaçao* (Cartas e Papéis Saídos do Brasil e Curaçao, 1630-1654) e os documentos da coleção dos *Staten-Generaal* (Estados Gerais). Essas coleções estão dispostas nos fundos documentais do Arquivo Nacional (*Nationaal Archief*) de Haia. Também foi consultado o livro de Johannes de Laet *História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, que contém listas de envios de tropas entre os anos de 1629 e 1636 e o livro do historiador Charles R. Boxer, *Os Holandeses no Brasil*. Os números dispostos na tabela contêm dados sobre envio e chegada. Isso termina por causar certa distorção nos dados apresentados na tabela porque os registros de militares que chegaram ao Brasil já incluíam as baixas no percurso. Essas baixas não foram subtraídas dos registros de envio. Para mais detalhes, ver o anexo 1 deste capítulo.

problemas de quantificação do envio de tropas foram observados para o estabelecimento das taxas de baixa por falecimento, fim do contrato e fuga do serviço.

Tabela 2 – Amostragem do quantitativo anual de militares do exército a serviço da WIC no Brasil, entre os anos de 1630 e 1654.⁹⁴

Ano	Nº. de militares (mês)	Ano	Nº. de militares (mês)
1630	3.367 (fev.)	1642	4.405 (jul.)
1631	3.819 (out.)	1643	2.700 (s/mês)
1632	3.202 (nov.)	1644	2.750 (dez.)
1633	2.500 (jul.)	1645	2.017 (set. 1645/jan. 1646)
1634	3.360 (ago.)	1646	2.017 (set. 1645/jan. 1646)
1635	4.409 (s/mês)	1647	3.290 (s/mês)
1636	3.580 (jun.)	1648	5.955 (jun.)
1637	3.098 (jan.)	1649	3.611 (set.)
1638	2.728 (jul.)	1650	2.980 (fev.)
1639	3.730 (fev.)	1651	2.425 (jan.)
1640	6.019 (jul.)	1653	2.309 (jan.)
1641	5.395 (jul.)	1654	1.200 (jan.)

Os dados disponibilizados forneceram uma imagem do quantitativo de militares enviados ao Brasil. Uma maneira mais efetiva de obter informações requereria a análise dos livros de pagamento das tropas ou o estudo dos registros de alistamento das Câmaras que compunham a WIC. No entanto, nos fundos documentais neerlandeses consultados, apenas um livro de pagamento está disponível e nenhum registro de alistamento foi encontrado.⁹⁵ Mas os problemas de quantificação das tropas não atingem apenas os historiadores que tentam saber um pouco mais sobre os militares. Mesmo no século XVII, comandantes militares tinham dificuldades para controlar o número de pessoas existentes em suas próprias tropas. Em concordância com tal impossibilidade, Geoffrey Parker, no clássico *The military revolution*, afirmou que nesse período era impossível saber exatamente o tamanho de uma tropa, uma vez que doenças, mortes e deserções alteravam constantemente seu número.⁹⁶ Faltava ainda, aos governos do período, um aparelho burocrático suficientemente desenvolvido para fazer uma administração apurada de tais números.

⁹⁴ Nem todos os números foram originários de arrolamentos militares. Listas de despesas, relatórios de membros do governo do Brasil ou de comandantes militares forneceram parte dos dados demonstrados. Os doentes e feridos foram computados para a contagem geral porque se quer saber apenas quantos homens estavam empregados na WIC como militares. Os funcionários do trem foram excluídos por não exercerem atividades de combate direto. Em relação a eles, observou-se que as listagens freqüentemente continham especificações dos montantes dessa categoria. Na tabela, no geral, foram incluídos doentes, jovens, licenciados, tambores, etc. e excluídos marinheiros, companhias de negros e de indígenas. Portanto, o poder militar da Companhia era mais elevado do que esses números sugerem. Às vezes, alguns membros dessas categorias foram inseridos na contagem geral porque os registros nem sempre estabeleceram distinções entres esses grupos. Quando houve no fundo documental mais de uma amostragem do quantitativo anual, a que continha o maior número foi considerada, já que a intenção foi ter um número global das tropas. Ver as fontes utilizadas na elaboração da Tabela 2 no anexo 2 deste capítulo.

⁹⁵ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7; O livro de pagamento das tropas contém uma duplicata no inventário dos Estados da Holanda e Frísia Ocidental: NL-HaNA_OWIC 3.01.04, pasta 1358a, 1655.

⁹⁶ Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 58.

No geral, é necessário ter cautela na observação dos registros da idade pré-moderna referentes a assuntos militares. Normalmente, administradores simplesmente não sabiam, com qualquer grau de precisão, quantos homens serviam em suas tropas. O fato é que capitães, assistentes administrativos e/ou comissários fraudulentos continuaram, através de uma variedade de meios, a lograr – e aumentar – o número real de suas unidades, tamanho este que era continuamente reduzido por doenças, morte e deserções incessantes. Como resultado, os números flutuavam amplamente durante uma campanha e os números dispostos nos registros não condizem necessariamente com a realidade.⁹⁷

Em 1637, no caso específico do Brasil, o coronel polonês Christoffel Arciszewski mencionou em suas memórias que nenhum capitão sabia das despesas de quem estava no exército ou mesmo quem estava ausente. Embora o nome de um militar constasse na lista, isso não significava a presença dele na guarnição, pois ele poderia estar vivendo longe ou, sob o pretexto de estar doente, faltar ao serviço. Segundo Arciszewski, a falta de inspeções e de punições corporais e/ou pecuniárias eram a causa do problema.⁹⁸ Além disso, pode ser pensada como outra limitação à contagem a dispersão das tropas no território, conforme indicou o coronel em sua “Apologia”. Para ele, o afastamento de seus homens em meio a guarnições localizadas entre o Rio São Francisco e a Paraíba, em um percurso de “cem milhas” (*becans op hondert mijlen*), impossibilitava-lhe de saber o estado delas, dada a necessidade de quatro semanas para percorrê-las (*moet meer dan vier weken daertoe hebben*).⁹⁹ Apesar dos problemas de contabilização existentes no período de estudo e das dificuldades atuais para a determinação do fluxo de

⁹⁷ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, pp. 5-7; Ver também a respeito das fraudes cometidas por capitães: Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985, p. 113.

⁹⁸ Ao contrário do que disse Arciszewski, a Companhia tinha toda uma série de regras que previam punições corporais e pecuniárias aos militares infratores. O assunto será discutido adiante.

⁹⁹ Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilïë in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16, pp. 280-281; Arciszewski, Christoffel. ‘Apologie van Artichofsky tegen de beschuldiging van den Raad van Brazilie, ingeleverd aan de Staten Generaal in augustus 1639’. In *Kroniek Historisch Genootschap*, p. 364; Tais distâncias certamente facilitavam a ocorrência de fraudes, já que não havia uma fiscalização constante por parte dos oficiais. Talvez Arciszewski tenha exagerado no tempo para completar todo o trajeto, pois de acordo com ‘Itinerário da Cidade Maurícia até o forte Maurício, localizado no Rio São Francisco’, o percurso a cavalo entre Maurícia e Penedo (onde estava localizado o forte *Mauritius*), embora menor, podia ser executado em 90 horas de viagem. ‘Itinerário da Cidade Maurícia até o forte Maurício, localizado no Rio São Francisco’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886, pp. 311-321. Segundo Teensma, o original está disposto no Koninklijk Huisarchief ‘s-Gravenhage, sob inventário de número 1454, fólios 165 a 170 e intitulado como ‘*Wegwijzer van de stad Mauritia totaen ’t fort Mauritius aen Ryo St. Francisco gelegen*’. Teensma, B.N. ‘Arquivo da Casa Real Haia, Inventário n. 1454: Assuntos Brasileiros, 1636-1645’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilïë in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3. Leiden: CNWS, 2008, p. 44. O ‘Itinerário’ não mencionou qualquer pausa no caminho. Arciszewski também precisaria fazer a contagem em cada uma das guarnições e eventualmente pernoitaria, o que aumentava o tempo de viagem. A distância do percurso entre a Paraíba e o Rio São Francisco – 100 milhas – também não condiz com o espaço real entre as duas localidades indicadas pelo coronel. A diferença entre as medidas atuais e do período podem explicar a distinção.

militares, foi possível obter dados mais concretos a respeito da origem geográfica do exército da WIC no Brasil.

1.2 Origem geográfica

*“Messieurs, les François, Valons, Anglais, Flamends et Alemans et toute autre nation [...]”*¹⁰⁰

Essas foram as palavras iniciais de um panfleto escrito em francês endereçado às tropas da WIC no Brasil no ano de 1645. Tal folheto era uma convocatória feita pelos portugueses aos militares da Companhia, de forma que eles passassem para o lado dos rebeldes, em sedição desde meados de 1645. Sem casualidade, o panfletista francês, François de La Tour, mencionou os locais de origem da maior parte dos efetivos enviados ao Brasil. A variedade de origens entre o pessoal militar no Brasil não era algo incomum. Virtualmente todos os exércitos europeus dos séculos XVI e XVII agregavam misturas, no sentido de que eram compostos, em variadas proporções, de tropas nativas e estrangeiras.¹⁰¹ O próprio exército da República das Províncias Unidas, por exemplo, tinha percentuais de estrangeiros, entre suboficiais e soldados, que flutuavam entre 40 e 60%, enquanto que as diferentes atividades da marinha, de guerra e mercante, e das companhias comerciais neerlandesas – VOC e WIC – possuíam quantias semelhantes.¹⁰² Durante a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), a maioria dos corpos militares que lutavam contra as tropas do Império Habsburgo – também formadas por homens de diferentes localidades – não eram compostos somente por neerlandeses, mas por alemães, valões e outros estrangeiros. Regimentos inteiros de escoceses e ingleses serviram nos exércitos das Províncias Unidas por muitos anos, embora os soldados neerlandeses não fossem tão raros.¹⁰³ Essas quantidades variavam de acordo com as circunstâncias e geralmente atingiam números mais elevados em tempos de emergência e conflitos.¹⁰⁴

A origem geográfica e o percentual dos militares estrangeiros a serviço da República e da Companhia das Índias Orientais foram bem determinados. No caso da VOC, o percentual de estrangeiros foi estabelecido pelos pesquisadores J. R. Bruijn e Jan Lucassen, através da análise de um grande número de amostras e de estudos individuais das câmaras que compunham essa

¹⁰⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 60, doc. 1, 1645.

¹⁰¹ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 88.

¹⁰² Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, p. 53; Zwitzer, H. L. *De militie van den staat: het leger van de Republiek der Verenigde Nederlanden*. Amsterdam: Van Soeren & CO, 1991, p. 61.

¹⁰³ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 161.

¹⁰⁴ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 89; Esses mesmos confrontos poderiam determinar de maneira positiva ou negativa a oferta de recrutas.

Companhia.¹⁰⁵ Pode-se dizer, durante toda existência da VOC, que cerca de 60% dos soldados e 40% do pessoal marítimo tinha origem fora da República.¹⁰⁶ Os grupos de estrangeiros europeus da VOC eram constituídos de homens oriundos dos Estados Alemães, dos Países Baixos do Sul, da Suíça, da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, da Escandinávia, entre outras localidades.¹⁰⁷ Desse montante, mais da metade correspondia a pessoas oriundas dos Estados Alemães. Por câmara, no entanto, essas taxas variavam de acordo com a proximidade das áreas que forneciam pessoal. Hoorn e Enkhuizen, por exemplo, recebiam mais pessoas vindas do Mar Báltico, enquanto que a Zelândia, dos Países Baixos do Sul, principalmente de cidades de Flandres e do Brabante.¹⁰⁸

Em relação à WIC, os percentuais de estrangeiros e a procedência das tropas enviadas ao Brasil – ou mesmo ao Oeste – foram pouco estudados. Na historiografia, o assunto não renderia mais que algumas frases, geralmente não acompanhadas de números e resumidas à enumeração sucinta dos locais de origem do que Herman Wätjen chamou de “mixórdia de mercenários” que compunha o braço armado da Companhia.¹⁰⁹ Isso se deve principalmente aos problemas de quantificação mencionados anteriormente. Segundo P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven, os europeus saídos das Províncias Unidas para diferentes áreas do Atlântico, entre 1600 e 1800, eram em sua maioria gente dos Estados Alemães e da Escandinávia.¹¹⁰ Não foram mencionadas as quantidades desses elementos em relação ao total.

Uma tabela elaborada por Jaap Jacobs demonstra a variedade geográfica de alguns militares da WIC nos Novos Países Baixos (*Nieuw-Nederland*). A partir de 304 nomes, Jacobs indicou que, naquela região, 32,6% dos soldados eram oriundos das Províncias Unidas. Dos estrangeiros, a maior parte – 35,5% – vinha dos Estados Alemães. Os outros vinham dos Países Baixos do Sul, da Escandinávia, da Inglaterra, da França e da Suíça.¹¹¹ Há muito mais variedade do que apontaram P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven e no Brasil, os escandinavos não

¹⁰⁵ Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma's Boekhuis, 1980, pp. 18-24, 139-140; A respeito da República, o já mencionado trabalho de H. L. Zwitter – *‘De milite van den staat’* – é uma referência indispensável. Deve-se conferir também: Nimwegen, Olaf van. *‘Deser landen krijchsvolck’. Het Staatse leger en de militaire revoluties (1588-1688)*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, pp. 43-47.

¹⁰⁶ Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie*, p. 24; Gaastra, Femme S. *The Dutch East India Company. Expansion and Decline*. Zutphen: Walburg Pers, 2003, p. 81.

¹⁰⁷ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 80.

¹⁰⁸ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 14, 55. Ver também: Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, pp. 47, 50.

¹⁰⁹ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 382; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, pp. 174, 251-252.

¹¹⁰ Emmer, P.C.; Klooster, W. ‘The Dutch Atlantic, 1600-1800: Expansion Without Empire’. In *Itinerario, European Journal of Overseas History*. Leiden: Grafaria, Vol. XXIII, nr. 2, 1999, p. 54; Enthoven, Victor. ‘Dutch crossings’, p. 162. Enthoven especifica essa origem para os soldados, enquanto que Emmer e Klooster falam do componente Europeu “não-neerlandês” migrante como um todo, incluindo ainda judeus ibéricos e do Norte da Europa, mulheres e crianças.

¹¹¹ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, pp. 135-136. O pequeno quantitativo da amostragem de Jacobs deve-se ao tamanho dos efetivos na região, muito menores que os das tropas dispostas no Brasil.

parecem compor um dos grupos mais numerosos. Para Boxer, um dos poucos a comentar sobre o número e a procedência dos estrangeiros das tropas da WIC no Brasil, a proporção de “alemães” deve ter variado e não teria sido tão elevada em nenhuma taxa antes de 1642. Nesse ano, Johan Maurits van Nassau-Siegen, em resposta a um pedido de dispensa feito pelos Senhores XIX para todos os soldados não oriundos dos Países Baixos, Estados Alemães ou da Escandinávia, respondeu que a maioria dos seus homens era oriunda da Inglaterra, Escócia e França.¹¹²

A despeito da lacuna sobre o assunto na literatura, uma maneira útil de conseguir informações a respeito da origem dos militares foi a análise dos diversos arrolamentos da administração da Companhia, a exemplo de listas de dispensados do serviço, listas de doentes, listas de licenciados, listas de mortos, listas de pagamentos e listas de militares transportados ao Brasil. Muitas dessas listagens continham, além do nome do militar a serviço da WIC, a denominação do local de origem do recrutado. Dessa maneira, foi possível obter a procedência de 4.303 militares que estiveram no Brasil, entre os anos de 1632 a 1639 e 1649 a 1654.¹¹³ Do montante apresentado, a maior parte, correspondente a 3.348 militares, foi proveniente do livro intitulado “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil”, elaborado pelos guarda-livros da Companhia das Índias Ocidentais Gillis van Schendel e Johan van der Dussen e entregue aos Estados Gerais em 1655.¹¹⁴ O manuscrito contém apontamentos

¹¹² Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 80; Ver também: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 174; Wätjen menciona que três anos após a conquista de Olinda e Recife, os diretores e membros do governo do Recife, Matthias van Ceulen e Johan Gijsselingh pediram que fossem enviados dois predicantes falantes da língua portuguesa e inglesa, sendo a última por conta do elevado número de soldados de origem britânica. Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 345; Predicantes falantes do francês também eram necessários na Igreja Reformada do Brasil, conforme pode ser visto no comentário feito pelo predicante Joaquim Vicente Soler para um amigo em uma carta de abril de 1639. Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 02/04/1639 (carta número 9). In Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*. Traduzidas por B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999, p. 57. Em anos anteriores, a Companhia contratou um predicante para pregar na língua francesa e um consolador de enfermos para cuidar exclusivamente dos soldados franceses. Ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-01-1636; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-06-1638.

¹¹³ Uma barreira encontrada para a determinação das origens dos homens que foram ao Brasil está relacionada à instabilidade política das regiões de origem de parte da gente recrutada, decorrente da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) ou da Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). Entre 1630 e 1654, essas áreas possuíam fronteiras muito fluidas e mudaram de posse no decorrer das múltiplas campanhas militares realizadas. Isso termina por tornar a observação de origem de alguns militares um tanto que grosseira e até mesmo imprecisa. Tomaram-se por base as fronteiras existentes antes da época da “Paz da Vestfália” (1648), como ficaram conhecidos ambos os tratados de Münster e Osnabrück, que trouxeram, respectivamente, o fim da Guerra dos Oitenta Anos e dos Trinta Anos. A justificativa para tal escolha está baseada no fato de que os conflitos supracitados foram iniciados muito antes do período de estudo – 1568 e 1618 – e as fronteiras estabelecidas antes da assinatura do tratado de 1648 poderiam estar mais próximas dos limites territoriais do momento de recrutamento. De qualquer forma, isso não será rígido e servirá apenas de baliza para a localização dos territórios de origem.

¹¹⁴ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655 (*Minuten der opgemaeckte rekeningen van t Staeten volck dat voor de West Indische Comp. in Brasilla gedient heeft, nagesien door Gillis van Schendel en Johan van der Dussen. Hier van s'netto gemaeckt en aen haer Ho. Mo. Overgelevert April 1655*). Agradeço a Diederick Kortlang, do Arquivo Nacional, por ceder gentilmente as listas com os nomes computados nas “*Minuten*”, o que me poupou muito tempo de trabalho; José Antônio Gonsalves de Mello também percebeu a importância das “*Minuten*” para o estudo das origens da soldadesca, conforme foi observado em um dos seus cadernos de anotação pessoal. O apontamento em questão foi referente a já

sobre as tropas sediadas no Brasil entre os anos de 1648 e 1654. Além dos militares registrados nas “*Minuten*”, foram adicionados 955 nomes oriundos de listagens diversas dos anos de 1632 (100 militares), 1637 (94 militares), 1638 (81 militares), 1639 (420 militares) e 1649 (260 militares).¹¹⁵ A quantia total serviu para a elaboração de uma amostragem dos locais de origem, expressos nos seguintes percentuais da Tabela 3:

Tabela 3 – Origem geográfica de 4.303 militares da WIC que serviram no Brasil entre 1632 e 1654.¹¹⁶

Origem	Número	Percentual
República das Províncias Unidas/Províncias do Norte	1.550	36%
Sacro Império Romano (principalmente os Estados Alemães)	1.131	26,3%
Países Baixos Espanhóis/Províncias do Sul	518	12%
Inglaterra	420	9,8%
França	286	6,7%
Escandinávia	154	3,6%
Escócia	143	3,3%
Irlanda	45	1%
Polônia	33	0,8%
Outros	23	0,5%
Total	4.303	100%

A partir da Tabela 3, observa-se que 64% da tropa da WIC no Brasil, entre 1632 e 1639 e 1649 e 1654, tinha origem fora da República. Desse grupo, destacam-se os que vinham do Sacro Império Romano, principalmente dos Estados Alemães, com 26,3%, seguidos pelos Países Baixos Espanhóis com 12%. As “ilhas britânicas” representavam 14,1%, com pessoas oriundas majoritariamente da Inglaterra – 9,8%. Os franceses somavam 6,7%, enquanto que militares oriundos da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) reuniam 3,6%. Outras localidades correspondiam a 1,3%.

De forma a se obter uma amostragem mais específica das regiões de origem, foram selecionadas, entre as 4.303 cidades citadas, as registradas dez ou mais vezes (ver Mapa 1). Dessa maneira, chegou-se a um número total de 78 cidades: 32 nas Províncias Unidas mais Estados do

mencionada duplicata das “*Minuten*”. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses. 1957-58*. Vol. 3. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000, pp. 149-151.

¹¹⁵ Os nomes repetidos entre os diferentes anos no decorrer dos apontamentos foram eliminados. Também foram retiradas as denominações de cidades homônimas de diferentes localidades e removidos os funcionários não militares incluídos nas listagens. Vale lembrar ainda que nem todos os nomes anotados nesses documentos continham referências de localidade e que alguns nomes de localidades não foram encontrados.

¹¹⁶ Fontes: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 186, 1632 (85 militares); inv. nr. 49, doc. 219, 1632 (15 militares); inv. nr. 52, doc. 31, 03/1637 (20 militares); inv. nr. 52, doc. 160, 1637 (15 militares); inv. nr. 53, doc. 5, 1638 (14 militares); inv. nr. 53, doc. 91, 22-06-1638 (64 militares); inv. nr. 53, doc. 36, 1638 (3 militares); inv. nr. 54, doc. 78, 08-04-1639 (20 militares); inv. nr. 54, doc. 90, 10-05-1639 (7 militares); inv. nr. 54, doc. 134, 05/1639 (15 militares); inv. nr. 54, doc. 137, 16-06-1639 (39 militares); inv. nr. 54, doc. 139, 14-06-1639 (34 militares); inv. nr. 54, doc. 143 (3 militares); inv. nr. 54, doc. 155, 29-07-1639 (8 militares); inv. nr. 54, doc. 156, 08-07-1639 (5 militares); inv. nr. 54, doc. 157, 30-07-1639 (289 militares); inv. nr. 65, doc. 187, 15-04-1649 (260 militares); inv. nr. 68, DN 1637 (59 militares) e NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655 (3.348 militares).

Brabante;¹¹⁷ 22 nas regiões que compunham o Sacro Império Romano;¹¹⁸ 12 nos Países Baixos Espanhóis¹¹⁹ e outras 12 cidades divididas entre a Inglaterra, Escócia, França, Dinamarca, Suécia e Polônia.¹²⁰ Das 78 cidades, 66 correspondem às três principais regiões de origem, isto é, Províncias Unidas, Países Baixos Espanhóis e Estados Alemães.

Das cidades da República mais citadas, encontram-se majoritariamente as localizadas na Província da Holanda. Conforme as estimativas de J. I. Israel, entre 1635 e 1700, Amsterdã, Leiden, Haarlem, Roterdã, Delft e Haia eram, nessa ordem, os maiores centros populacionais da Holanda.¹²¹ As primeiras cidades estavam, nos idos de 1600, entre as 60 maiores cidades da Europa em população.¹²² Não coincidentemente, todas foram citadas como locais de origem das tropas enviadas ao Brasil. Além dessas seis, foram mencionadas mais três cidades da Holanda (Dordrecht, Gorcum e Gouda). Também estavam entre as mais citadas seis cidades da Província da Guêldria (Arnhem, Doesburg, Nijmegen, Tiel, Zaltbommel e Zutphen), cinco cidades dos Estados do Brabante (Bergen op Zoom, Breda, Geertruidenberg, s'-Hertogenbosch e Heusden), quatro da Província do Overijssel (Deventer, Kampen, Steenwijk e Zwolle), duas da Província de Utrecht (Amersfoort e Utrecht), duas da Província da Zelândia (Middelburgo e Sluis), uma da Província da Frísia (Leeuwarden), uma da Província de Groningen (Groningen) e as cidades de Maastricht e de Emden, a última fora das fronteiras da República, mas ocupada por tropas da mesma.¹²³ Aparentemente, todas as áreas da República estavam representadas entre os contingentes da WIC. Além disso, parece que a maior parte dos homens vinha dos centros urbanos e não das áreas rurais, mas isso será comentado posteriormente.¹²⁴

Como na VOC, não é uma surpresa ressaltar que as pessoas vindas dos Estados Alemães, dentro da área do Sacro Império Romano, compusessem o maior grupo de estrangeiros

¹¹⁷ Amersfoort (22), Amsterdam (Amsterdã, 66), Arnhem (16), Bergen op Zoom (35), Breda (20), Delft (47), Deventer (22), Doesburg (13), Dordrecht (47), Emden (33), Geertruidenberg (11), Gorcum (31), Gouda (20), s'-Gravenhage (Haia, 71), Groningen (104), Haarlem (36), s'-Hertogenbosch (39), Heusden (17), Kampen (12), Leeuwarden (22), Leiden (79), Maastricht (26), Middelburg (Middelburgo, 26), Nijmegen (26), Rotterdam (Roterdã, 23), Sluis (12), Steenwijk (10), Tiel (17), Utrecht (94), Zaltbommel (17), Zutphen (10) e Zwolle (18). Correspondente a 1.042 citações (67,22%) do total de 1.550.

¹¹⁸ Aachen (15), Braunschweig (22), Bremen (45), Emmerich (13), Erfurt (10), Frankfurt (23), Goch (12), Hamburg (Hamburgo, 44), Jülich (24), Kassel (10), Köln (Colônia, 23), Lübeck (14), Magdeburg (16), Minden (10), Moers (25), Münster (23), Oldenburg (25), Osnabrück (18), Rees (12), Rheinberg (10), Strasburg (Estrasburgo, 15) e Wesel (31). Correspondente a 440 citações (38,90%) do total de 1.131. Essas eram todas cidades dos Estados Alemães.

¹¹⁹ Antwerpen (Antuérpia - 60), Brugge (Bruges - 33), Brussel (Bruxelas - 27), Calais (19), Gent (26), Hasselt (11), Kortrijk (15), Luik (Liège - 73), Luxemburg (Luxemburgo, 14), Rijsel (18), Doornik (28) e Ypres (13). Correspondente a 337 citações (65,05%) do total de 518.

¹²⁰ Inglaterra: London (Londres, 89), Newcastle (12) e York (10); Escócia: Aberdeen (17) e Edinburg (Edinburgo, 24); França: Boulogne (11), La Rochelle (11), Paris (25) e Rouen (12); Dinamarca: København (Copenhague, 12); Suécia: Stockholm (Estocolmo, 11); Polônia: Gdańsk (18). Correspondente a 252 citações.

¹²¹ Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic*, p. 621, Tabela 30.

¹²² Bairoch, Paul; Batou, Jean; Chèvre, Pierre. *La population des villes européennes de 800 à 1850. Banque de données et analyse sommaire des résultats*. Genève: Librairie Droz, 1988, p. 278.

¹²³ Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic*, pp. 251-252, 260.

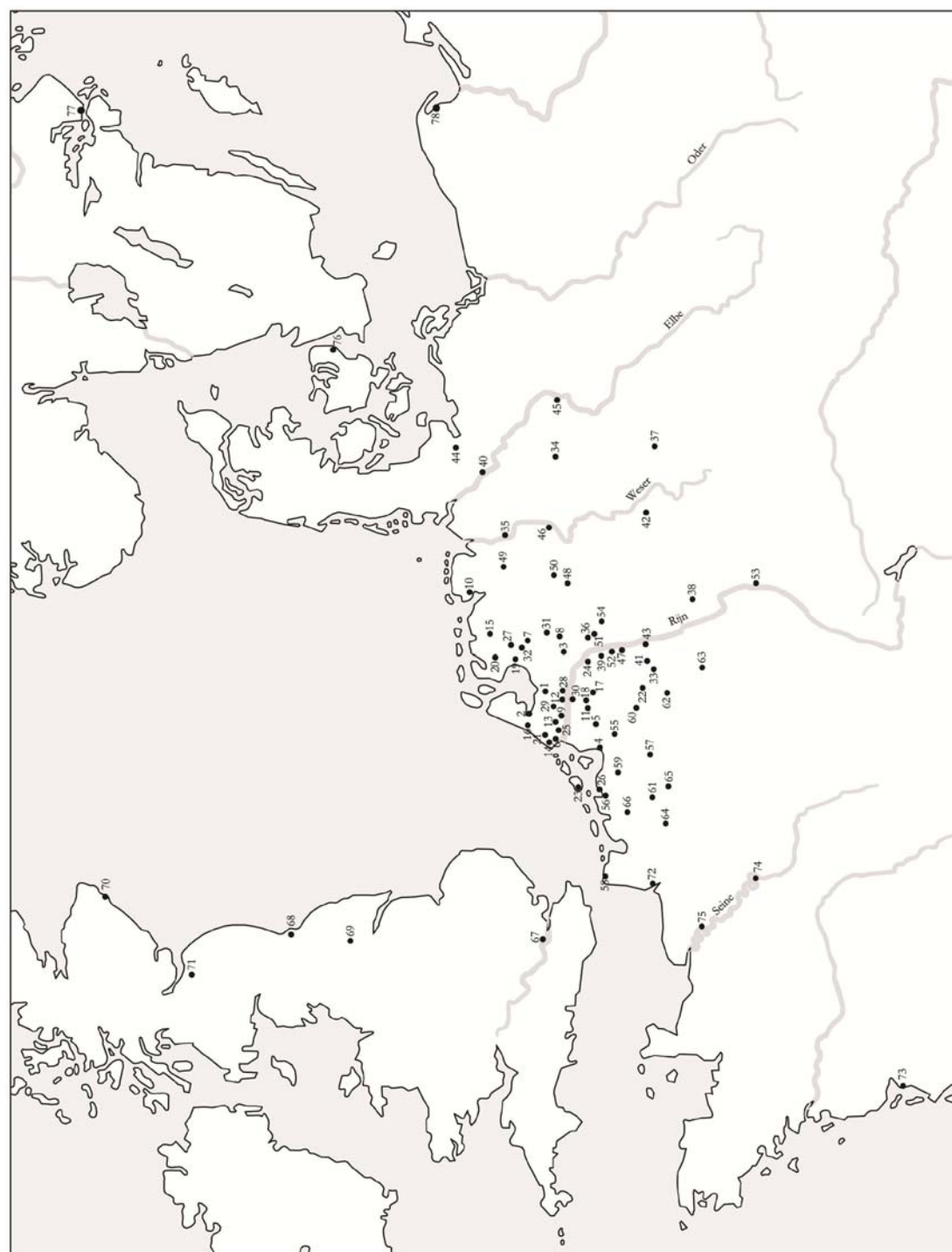
¹²⁴ Para Simon Schama, boa parte dos contingentes recrutados “para o exército da República” era oriunda do meio rural. Schama, Simon. *O desconforto da riqueza*, p. 247.

a serviço da WIC.¹²⁵ Treze das cidades mais citadas estavam situadas próximas ao curso ou nas margens do rio Reno (Aachen, Colônia, Emmerich, Estrasburgo, Frankfurt, Goch, Jülich, Minden, Moers, Münster, Rees, Rheinberg e Wesel). Dessas treze, dez eram localidades da Vestfália. Outras cinco cidades estavam localizadas em áreas da Baixa Saxônia (Braunschweig, Hamburgo, Magdeburg, Oldenburg e Osnabrück), região próxima da República, assim como a Vestfália. Das quatro cidades restantes, uma estava dentro da área do Mar do Norte (Bremen), uma na área do Mar Báltico (Lübeck), uma nas margens do rio Fulda (Kassel), tributário do Weser, o que permitia a comunicação com a Baixa Saxônia, e outra, Erfurt, próxima ao rio Werra, outro tributário do Weser. Como a amostragem de pessoas vindas dos Estados Alemães apresentada é composta em sua maioria por indivíduos registrados entre 1648 e 1649 (996 dos 1.131, ou seja, 88,06%), deve-se fazer a ressalva de que o número de pessoas oriundas dos Estados Alemães está distorcido em relação ao número de pessoas total da Tabela 3, por conta da já mencionada diferença do perfil geográfico dos homens enviados ao Brasil entre 1630 e 1654.¹²⁶

¹²⁵ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 14.

¹²⁶ A seleção, qualitativa, também terminou por excluir cidades menores e possíveis áreas rurais.

Mapa 2 – Cidades de origem mais citadas da amostragem de 4.303 soldados a serviço da WIC no Brasil.



1. Amersfoort; 2. Amsterdam;
3. Arnhem; 4. Bergen op Zoom;
5. Breda; 6. Delft; 7. Deventer;
8. Doesburg; 9. Dordrecht;
10. Emden; 11. Geertruidenberg;
12. Gorcum; 13. Gouda;
14. s'-Gravenhage; 15. Groningen;
16. Haarlem; 17. s'-Hertogenbosch;
18. Heusden; 19. Kampen;
20. Leeuwarden; 21. Leiden;
22. Maastricht; 23. Middelburg;
24. Nijmegen; 25. Rotterdam;
26. Sluis; 27. Steenwijk; 28. Tiel;
29. Utrecht; 30. Zaltbommel;
31. Zutphen; 32. Zwolle;
33. Aachen; 34. Braunschweig;
35. Bremen; 36. Emmerich;
37. Erfurt; 38. Frankfurt;
39. Goch; 40. Hamburg;
41. Jülich; 42. Kassel; 43. Köln;
44. Lübeck; 45. Magdeburg;
46. Minden; 47. Moers;
48. Münster; 49. Oldenburg;
50. Osnabrück; 51. Rees;
52. Rheinberg; 53. Strasburg;
54. Wesel; 55. Antwerpen;
56. Brugge; 57. Brussel;
58. Calais; 59. Gent; 60. Hasselt;
61. Kortrijk; 62. Liège;
63. Luxemburg; 64. Rijssel;
65. Doornik; 66. Ypres;
67. London; 68. Newcastle;
69. York; 70. Aberdeen;
71. Edinburgh; 72. Boulogne;
73. La Rochelle; 74. Paris;
75. Rouen; 76. København;
77. Stockholm; 78. Gdańsk.

A maior incidência de registros de cidades oriundas dessas áreas específicas, na amostragem, pode ser explicada por questões de ordem econômica e geográfica. O rio Reno era um caminho natural para a República.¹²⁷ Tal qual o Reno, rios como o Weser e o Elba poderiam ser utilizados para o deslocamento para o Norte, de onde se podia alcançar a República através de rotas terrestres ou por navegação marítima, via Mar do Norte ou Báltico. Tanto a Vestfália quanto a Baixa Saxônia estavam ligadas às Províncias Unidas por conexões terrestres e fluviais utilizadas no comércio entre os membros da Liga Hanseática. Mais da metade das vinte e duas cidades dos Estados Alemães citadas estavam dentro das rotas de comércio ou fizeram parte da Liga Hanseática. Elas estavam conectadas à República através de rotas terrestres, fluviais e/ou marítimas.¹²⁸ Então, é sensato supor que as pessoas utilizassem essas mesmas rotas para se deslocar.

Em um estudo baseado em vários relatos de diaristas alemães que foram para Amsterdã e seguiram para a Ásia a serviço da VOC, Roelof van Gelder cita três rotas mais utilizadas por quem se deslocava dos Estados Alemães para os Países Baixos: a primeira rota, para os que navegavam pelo rio Reno, passava por Colônia e de lá, via Nimegue (Nijmegen), chegava a Amsterdã; Também era possível viajar mais a Leste, através do rio Elba para Hamburgo. De lá, seguia-se para Amsterdã através do Mar do Norte e do Mar do Sul; Outra rota era terrestre e corria da Baixa Saxônia para Groningen e então, através de Leeuwarden, para Harlingen. De lá, podia-se tomar um barco para Amsterdã.¹²⁹ Entre diários e cartas de soldados da WIC, foram observados três exemplos de uso de duas dessas rotas. Ambrosius Richshoffer afirma que “desceu o Reno” para chegar a Amsterdã. Em abril de 1629, durante a feira de páscoa de Frankfurt, Richshoffer pediu demissão de seu serviço e seguiu viagem por Mainz – possivelmente se deslocando entre essas duas cidades pelo rio Main – e por Colônia. Dessa última cidade, ele continuou a descer o Reno até chegar a Amsterdã. Sua viagem foi completada em menos de um mês.¹³⁰ Semelhantemente a Richshoffer, embora cerca de meia década depois, Stephan Carl Behaim, de Nuremberg, saiu de Frankfurt para Amsterdã navegando durante parte de sua viagem pelo “sempre perigoso” rio Reno. Behaim deslocou-se a pé parte do trajeto e pagou 6 *Reichsthaler*

¹²⁷ Como aludiu Cabral de Mello, “a Renânia e os Países Baixos sempre estiveram estreitamente vinculados mercê de intensas comunicações fluviais e comerciais”. Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 23.

¹²⁸ Ver os mapas: ‘A. Hanzesteden in de lage landen’; ‘C. De Hanze’. In *De Bosatlas van de geschiedenis*. Groningen: Noordhoff Uitgevers, 2008, p. 12 e ‘Die Hanse und ihr Wirtschaftsraum’. In *Westermann Grosser Atlas zur Weltgeschichte* [Braunschweig, 1956] Braunschweig: Westermann, 1978, p. 84. Para as redes de comércio de produtos agrícolas que ligavam os Países Baixos e Estados Alemães ver ainda: Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic*, p. 333.

¹²⁹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 131-133. Ver também na página 132 o mapa intitulado ‘De meest gebruikte routes van Duitsland naar Nederland’.

¹³⁰ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 5, 43; É de se supor que ele, em algum momento de seu trajeto nas Províncias Unidas, tenha alterado sua rota, porque não é possível chegar diretamente a Amsterdã pelo Reno.

ao barqueiro que o levou de Colônia à Amsterdã.¹³¹ Em julho de 1633, Zacharias Wagener saiu de Dresden em uma pequena embarcação e navegou pelo rio Elba até Hamburgo, de onde seguiu em um veleiro até Amsterdã.¹³² Locais distintos, mas utilização semelhante da malha fluvial.

É compreensível o porquê do uso do Reno por Richshoffer e Behaim e do Elba por Wagener, já que os transportes terrestres do período eram, como disse Fernand Braudel, “paralisados”. Segundo Paul Zumthor, no século XVII, quase toda a rede de estradas européias era lamentável. Não eram seguras e não possuíam um bom estado de conservação. Grupos de soldados e bandoleiros assolavam as estradas, atacando diligências e viajantes solitários.¹³³ Behaim, sem mencionar diretamente se foi assaltado, relata ter perdido casaco e espada no caminho para Amsterdã. Através de uma carta escrita para sua mãe, ele disse ter passado privações e ter se deslocado 28 milhas a pé em território “inimigo” assolado por camponeses – “ímpios e maldosos” – e soldados desertores dos exércitos em conflito na região – uma referência à Guerra dos Trinta Anos – que atacavam, pilhavam e assassinavam transeuntes. Mesmo com tais dificuldades, ele concluiu que “o Senhor” o acompanhou de Frankfurt para Amsterdã “com muito boa fortuna”.¹³⁴ Anos antes, Richshoffer também mencionou ter chegado com segurança a Amsterdã, mas não sem ter corrido perigo de morte, por conta das guarnições espanholas espalhadas na região – alusão a outro conflito nessa área, a Guerra dos Oitenta Anos.¹³⁵

Em relação aos aspectos de ordem econômica, já foi mencionado que a prosperidade econômica da República era por si só um importante fator de atração, que aliado à liberdade religiosa e à existência prévia de uma rede de comunicações – terrestres, fluviais e marítimas – atraía e facilitava o deslocamento de um grande número de pessoas. Ademais, o declínio econômico dos Estados Alemães durante a primeira metade do século XVII também

¹³¹ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Amsterdã, 10/10/1635 (carta número 54). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 254, 260.

¹³² Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’ [1668]. In *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997, p. 222.

¹³³ Braudel, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII. As Estruturas do Cotidiano: O Possível e o Impossível*. [Paris, 1979] Volume 1. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 379; 383; Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 54; Os assaltos em estradas promovidos por militares, aliás, compuseram um dos temas de pintores flamengos como Jan Brueghel I, Pieter Snayers e Sebastiaan Vrancx.

¹³⁴ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*. p. 254.

¹³⁵ Na volta para casa, depois de ter terminado seu serviço na WIC, Richshoffer não teve a mesma sorte. Apesar de não ter seguido os “caminhos ordinários”, foi atacado por tropas suecas. Richshoffer, Ambrosius ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 5; 137-138; Outro ex-soldado da WIC, Johann Gregor Aldenburgk, também foi atacado no retorno para casa, em 1626, após servir em Salvador entre 1624 e 1625. Todavia, ele não foi vítima de bandidos, mas de camponeses que o tomaram por inimigo croata. Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625* [Grüner, 1627]. *Brasiliensia Documenta*, v. 1. Traduzido por Alfredo de Carvalho. São Paulo: 1961, p. 231.

impulsionou a movimentação de “alemães” para a República. De acordo com Van Gelder, as destruições promovidas pela Guerra dos Trinta Anos, especialmente nas regiões de Württemberg (Sudoeste), nas vizinhanças de Nuremberg e em partes da Saxônia, foram determinantes no deslocamento de pessoas. O historiador neerlandês estima ainda que 5% da população neerlandesa dos séculos XVII e XVIII tenha nascido nos Estados Alemães. As regiões mais próximas, entre as cidades e os estados de Schleswig-Holstein, Hamburgo (Baixa Saxônia), Bremen, Ostfriesland (Noroeste da Baixa Saxônia) e Oldenburg (Baixa Saxônia), foram as que mais contribuíram com migrantes. No século seguinte, as origens dos migrantes foram predominantes da Baixa Saxônia.¹³⁶ A argumentação de Van Gelder é válida, mas é importante argumentar que os problemas econômicos dos Estados Alemães não foram decorrentes apenas da destruição gerada pela Guerra dos Trinta Anos, mas também consequência de um declínio anterior a 1618, ocasionado pela política fiscal de Carlos V e Filipe II, pela perda de espaço das cidades alemãs da Liga Hanseática para a Suécia, no Báltico, e pelo surgimento de potências comerciais como a Inglaterra, França e a própria República, que acarretaram o desvio do comércio da região.¹³⁷

De uma forma geral, os Estados Alemães foram afetados de maneira distinta e irregular pela Guerra dos Trinta Anos e o teatro de operações mudou no decorrer do conflito.¹³⁸ Enquanto áreas como a Pomerânia, Mecklenburg (ambas ao Norte e próximas ao Mar Báltico) e Württemberg perderam metade de sua população com o conflito, Bavária, Brandenburg e Franken foram menos afetadas. Cidades como Hamburgo, Lübeck e Bremen chegaram até a

¹³⁶ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 54, 64-65.

¹³⁷ Sobre os problemas financeiros dos governos de Carlos V e Filipe II ver: Edwards, John; Lynch, John. *Historia de España. 4. Edad Moderna – El auge del imperio, 1474-1598*. Barcelona: Crítica, 2005, pp. 464-473, 655-701; Há todo um antigo e longo debate entre os pesquisadores da Guerra dos Trinta Anos a respeito do declínio econômico anterior à guerra ou posterior a ela. Theodor Rabb escreveu um artigo para mostrar os posicionamentos dos historiadores da chamada “escola desastrosa” e dos que advogavam um “declínio anterior” ao ano de 1618. Ele afirma que não é possível falar de um declínio econômico uniforme em uma vasta região. O certo é que a guerra levou grande destruição, tendo agravado as condições de áreas em declínio ou levado à crise áreas que não tivessem problemas econômicos. É importante reafirmar que isso não aconteceu de maneira uniforme: Rabb, Theodore K. ‘The Effects of the Thirty Years’ War on the German Economy’. In *The Journal of Modern History*, Vol. 34, n. 1, 1962; Friedrichs, Christopher R. ‘The war and German society’. In Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Year’s War*. [1984] Second Edition. New York: Routledge, 2007, p. 191. A respeito da Liga Hanseática, seu declínio já era aparente desde o começo do século XVI, embora as cidades participantes continuassem a se desenvolver. A organização da Hansa não lhes era mais útil e a liga terminou desaparecendo na terceira década do século XVII. Ela foi substituída por uma limitada aliança entre as cidades de Lübeck, Hamburgo e Bremen. Mauro, Frédéric. ‘Merchant communities, 1530-1750’. In Tracy, James D. (Ed.). *The Rise of Merchant Empires. Long-distance Trade in the Early Modern World 1350-1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 256-257.

¹³⁸ Friedrichs, Christopher R. ‘The war and German society’. In Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Year’s War*, pp. 186-192. Lee, Stephen J. *A Guerra dos Trinta Anos*. [1991] São Paulo: Editora Ática, 1994, pp. 65-67; Mortimer, Geoff. *Eyewitness Accounts of the Thirty Years War 1618-1648*. Basingstoke: Palgrave, 2002, p. 2; Rabb, Theodore K. ‘The Effects of the Thirty Years’ War on the German Economy’. In *The Journal of Modern History*, p. 48; Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 60-61.

prosperar e aumentar a população por absorver refugiados de áreas mais afetadas.¹³⁹ Esse decréscimo no número de habitantes variou de acordo com o envolvimento das cidades, algumas das quais sofreram mais de 66% de perda enquanto outras não chegaram a 15%. Essa diminuição não significava necessariamente a morte da população, mas migração, conforme pôde ser comprovado pelo crescimento populacional de algumas regiões no pós-guerra, ocasionado pelo retorno dos refugiados, ou pelos exemplos de deslocamentos para áreas menos afetadas, conforme exemplificado anteriormente.¹⁴⁰ Entre as cidades mais citadas como locais de origem dos militares da WIC, dentro das regiões da Vestfália e da Baixa Saxônia, as perdas populacionais foram alternadas entre zero e 33%, com algumas áreas com perdas mais acentuadas de até 66% ou mais, a exemplo de Colônia (entre 33 e 66%), Magdeburg (acima de 66%) e Münster (entre 33 e 66%).¹⁴¹ O impacto da guerra pode ter pesado na decisão de muitos em sair de casa, mas não pode ser visto como fator único.

Terceira maior área de origem das tropas enviadas ao Brasil e segunda entre os estrangeiros a serviço da WIC, os Países Baixos Espanhóis tiveram doze cidades entre as mais citadas. Apesar de possuírem um contingente populacional muito menor que os Estados Alemães, os vizinhos da nova República constituíam um dos maiores grupos de estrangeiros nas Províncias Unidas. Uma estimativa ponderada indica que cerca de 100 mil pessoas residentes na República nasceram nos Países Baixos Espanhóis, o que corresponde a cerca de 7% da população. O fator preponderante na decisão de emigrar foi o dano econômico causado pela Guerra dos Oitenta Anos, que teve por palco parte dessa região. Muitos dos que fugiram das terras entre Rijsel, no Sul, e Gent e Brugge, no Norte, acabaram chegando à República Neerlandesa. Alguns desses encontraram serviço nas próprias tropas da República ou nos exército coloniais, como ficou demonstrado na amostragem coletada.¹⁴²

Algumas das outras cidades mais citadas estavam dentro de tradicionais regiões de migração. A migração das “ilhas britânicas” para a República foi significativa. Soldados ingleses e

¹³⁹ Anderson, Matthew S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988, p. 69; Friedrichs, Christopher R. ‘The war and German society’. In Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Year's War*, pp. 188-189; Hale lembra ainda que a lenta atividade industrial das cidades alemãs e os primeiros sinais de inflação no interior foram fatores muito importantes para a formação das companhias de piqueiros. Hale, J. R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 106.

¹⁴⁰ Lee, Stephen J. *A Guerra dos Trinta Anos*, pp. 65-67; Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*, pp. 60-61.

¹⁴¹ Ver ‘Mapa 4: Destruição provocada pela guerra’. In Lee, Stephen J. *A Guerra dos Trinta Anos*, p. 65 e ‘Bevölkerungsverluste durch Krieg und Seuchen im Reich 1618-1648’. In *Westermann Grosser Atlas zur Weltgeschichte*, p. 107. No século XVII, Magdeburg viu sua população ser reduzida de 40.000 a 10.000. Bairoch, Paul; Batou, Jean; Chèvre, Pierre. *La population des villes européennes de 800 à 1850*, p. 266.

¹⁴² Lucassen, Jan. ‘The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration’, pp. 155-156. Ver também: Gutmann, Myron P. *War and rural life in the early modern Low Countries*. Assen: Van Gorcum, 1980, pp. 134-135. Para os números de refugiados durante a Guerra dos Oitenta Anos em fins do século XVI, ver: Parker, Geoffrey. ‘War and Economic Change: the Economic Costs of the Dutch Revolt’. In Winter, J. M. (Ed.). *War and Economic Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, pp. 50-52.

escoceses participaram da Guerra dos Oitenta Anos desde o início e, no começo do século XVII, o exército da República continha regimentos separados com pessoas desses locais, que se tornaram um dos seus elementos permanentes.¹⁴³ Estima-se que a emigração escocesa na primeira metade do século XVII tenha alcançado cifras entre 85 e 115 mil e de 78 e 127 mil na segunda metade desse século. As Províncias Unidas e a Escandinávia drenaram um terço de todos os migrantes escoceses na primeira metade do século XVII.¹⁴⁴ Só entre 1620 e 1642, foram encontrados registros de 2.800 soldados escoceses nas Províncias Unidas.¹⁴⁵ Não é de se admirar que alguns dos migrantes escoceses tenham chegado ao Brasil. O mesmo pode ser dito a respeito de pessoas oriundas da Escandinávia, local de procedência de grandes grupos de homens e mulheres que migraram para a República.¹⁴⁶

Foi possível perceber similaridades entre os locais de origens da tropa da WIC e parte das procedências dos exércitos da Revolução Militar mencionados por Geoffrey Parker: pessoas oriundas de cidades e de zonas de guerra.¹⁴⁷ No que se refere às áreas em conflito, já foi mencionado que algumas das cidades dos Estados Alemães e das Províncias do Sul referidas como locais de origem dos militares foram áreas de alguma forma afetadas pelas guerras do período. Ainda em relação aos territórios de recrutamento, Geoffrey e Angela Parker apresentaram um mapa denominado “*Territórios de reclutamiento de los ejércitos europeos de 1550 a 1650*” cujas áreas de procedência dos soldados destacadas são semelhantes aos territórios de origem dos homens da WIC. A única distinção majoritária encontrada foi a região da Vestfália, não incluída no mapa, mas bem representada nas amostras obtidas.¹⁴⁸

No entanto, algumas ressalvas podem ser feitas à amostragem da Tabela 3. De acordo com Frank Tallet, através de evidências observadas em recrutamentos do momento estudado – na França, Inglaterra e Suécia –, os dados colhidos podem apresentar algumas distorções, uma vez que alguns militares poderiam indicar, por opção pessoal, como cidade de origem as urbes maiores próximas de seu verdadeiro local de procedência, ou, caso o escrivão não compreendesse bem o nome mencionado pelo soldado, o substituísse por um nome adjacente ou de uma cidade

¹⁴³ Price, J.L. ‘Regional identity and European culture: The North Sea region in the Early Modern Period’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 79.

¹⁴⁴ Lucassen, Jan. ‘The North Sea: a crossroad for migrants?’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 178.

¹⁴⁵ Smout, T. C.; Landsman, N. C.; Devine, T. M. ‘Scottish Emigration in the Seventeenth and Eighteenth Centuries’. In Canny, Nicholas. *Europeans on the Move*, p. 84.

¹⁴⁶ Lucassen, Jan. ‘The North Sea: a crossroad for migrants?’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 179.

¹⁴⁷ Parker, *The military revolution*, p. 47. De acordo com Parker, as áreas montanhosas seriam o outro local de origem dos recrutas, além das cidades e zonas de conflito; Na Europa ocidental, no período estudado, de 10 a 15% das pessoas viviam em cidades cujo tamanho mal as distinguia de vilas rurais. Hale, *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 124.

¹⁴⁸ Parker, Angela; Geoffrey, Parker. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*. [Cambridge, 1977] Madrid: Ediciones Akal, 2000.

mais familiar. Além desses possíveis erros, o escrivão poderia escrever como lugar de procedência o nome do local onde o recruta tinha sido alistado, que muito provavelmente podia ser uma cidade grande. Também devem ser considerados os deslocamentos internos entre áreas rurais e cidades ou entre províncias, no caso da República. Em suma, homens que viajavam do interior para locais de alistamento, que tinham sido levados do interior para os grandes centros populacionais ou mesmo levados de um grande centro para outro local de recrutamento, podiam ter suas cidades de origem alteradas.¹⁴⁹

Outra advertência deve ser feita – retomando a questão da quantidade de militares franceses, ingleses e escoceses supracitada. O número de militares provenientes da França, Inglaterra e Escócia deve ter sido maior do que a amostragem sugere. De acordo com o predicante Vicente Joaquim Soler, em abril de 1639, um terço da tropa da Companhia no Brasil era composta de soldados franceses e valões.¹⁵⁰ A quantidade de homens da Companhia provenientes da França, Inglaterra e Escócia parece ter continuado elevada em anos posteriores. Segundo Gonsalves de Mello, citando uma carta de Johan Maurits van Nassau-Siegen, o grosso dos militares da WIC na conquista, em setembro de 1642, era composto de franceses, ingleses e escoceses.¹⁵¹ Conseqüentemente, o problema dos números colhidos é que eles foram baseados majoritariamente em dados dos anos de 1648 em diante – das 4.303 origens utilizadas, 3.608 foram provenientes dos anos entre 1648 e 1654. Nesse período, muitos dos militares contratados devem ter sido oriundos dos Estados Alemães e das Províncias Unidas. Isso porque a Companhia foi aconselhada pelo governo do Brasil a evitar a contratação de franceses e ingleses católicos, por considerá-los menos confiáveis e mais suscetíveis a deserção. Muitos franceses realmente abandonaram as fileiras da WIC e algumas queixas foram movidas contra eles por

¹⁴⁹ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 91-92; O mesmo problema seria observado por Hale. Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 125; Algumas correções de erros de escrivães em listas de tropas enviadas ao Brasil foram encontradas, a exemplo de três anotações de lugar de origem: Willem Boudewijnsz. foi registrado como sendo oriundo de Brugge e logo depois o escrivão corrigiu para Rijnsburg (*Willem Boudenijnsz. van Brugge seg Reijnsburch*). O mesmo foi observado em outros dois nomes de uma lista de 1639: Jan Jerimias (*van Brugge seg Breda*) e Isack de La Noij (*van Rijssel seg Lille*). Nesses casos, os nomes foram corrigidos pelos escrivães, mas a existência de tais erros serve de indício de possíveis falhas no registro. Outras correções de erros nos nomes dos militares e nas embarcações que transportaram alguns soldados corroboram para tal argumento, a exemplo da correção de um nome (*Elijas seg Gilles Bedee van Valenchijn*) no mesmo documento de 1639 ou de três correções de embarcações, em uma lista de 1638 (*Jacob Drabbe, met Meerremime segge Dombugh; Charel Jonas, met Vliegend Hart segge t jacht Ter Veer; Christiaen Hansen, met Spren, seg Haring*). NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01 inv. nr. 54, doc. 157, 30-07-1639; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 91, 22-06-1638; Obteve-se um exemplo em um balanço anual de 1654, registrado no livro de contas de 13-06-1656, da Câmara da Holanda do Norte, repartição da cidade de Hoorn, de um deslocamento de militares de Amsterdã para Hoorn. No documento, foi indicado um pagamento de 20 florins e 10 stuivers a Aldert Simensz., pelo transporte de soldados apanhados na cidade Amsterdã para serem recrutados na Casa da Companhia das Índias Ocidentais de Hoorn. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12546.41, 1654.

¹⁵⁰ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 02/04/1639 (carta número 9). In Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, p. 57.

¹⁵¹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 174, nota 159; A carta também foi utilizada por Boxer em: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 181; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 80.

membros do governo do Brasil desde o início da ocupação. Com o início da rebelião dos moradores contra a Companhia, em 1645, o Conselho Supremo do Brasil voltou a tratar do assunto e foi enfático ao pedir que “francês algum [fosse] enviado”, a não ser os de religião reformada, “pois muitos deles são papistas e passam-se para o inimigo, de modo que em vez de virem como reforço, vêm causar prejuízo e expor a segurança do nosso Estado”.¹⁵² Talvez foi por essa razão que o panfleto citado no início deste extrato tenha sido escrito em francês – ainda que os rebeldes também visassem os numerosos militares valões. De qualquer forma, a Companhia pode ter diminuído – ainda que não tenha cessado – o envio de franceses, como se pode deduzir a partir dos números apresentados.

1.3 Origem social

Em sua “Apologia” contra as acusações do Conselho do Brasil, o coronel polonês Christoffel Arciszewski, citando Johan Maurits van Nassau-Siegen, registrou que as pessoas admitidas na “Holanda” para o serviço da Companhia das Índias Ocidentais eram em sua maioria miseráveis que, sendo incapazes de obter o próprio sustento, aceitavam a viagem ao Brasil.¹⁵³ Tal tipo de visão a respeito dos militares da Companhia não difere da opinião formulada por pesquisadores que escreveram sobre a origem social dos componentes das inúmeras tropas a serviço dos vários exércitos europeus espalhados em diversas localidades no período estudado. Por vezes, foram comuns expressões depreciativas a respeito dos homens de guerra recrutados, ainda que tais juízos nos contem mais a respeito da atitude dos autores para com os soldados do que a respeito da origem social dessas pessoas.¹⁵⁴

Conforme foi apontado por alguns pesquisadores, na literatura sobre a Companhia das Índias Orientais também existe uma persistente imagem generalizante, negativa e simplista daqueles que entravam para seu serviço: os milhares de funcionários, entre civis e militares, que compuseram os quadros da VOC eram em sua maioria estrangeiros, pobres caçadores de fortuna e refugos da Europa Central. Essa era, aliás, uma observação típica feita por altos funcionários da própria Companhia.¹⁵⁵ Sobre a WIC, alguns pesquisadores tiveram o mesmo tipo de visão

¹⁵² Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 251-252.

¹⁵³ No original: “[...] *sijn Ex^{te}. hebben ‘tselffde oock mij hier voorgehouden, dat anders hier niet te leven is; dat men uyt Hollandt niet te verwachten heeft, omdat daerop geen schrijven gelet ende niet gesonden werdt; item dat de luyden, die daer aengenomen werden, meest cavaillien sijn, die geen broot daer krijgen connende, de reyse aennemen [...]*”. Arciszewski, Christoffel. ‘Apologie van Artichofsky tegen de beschuldiging van den Raad van Brazilie, ingeleverd aan de Staten Generaal in augustus 1639’. In *Kroniek Historisch Genootschap*, p. 365.

¹⁵⁴ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 85.

¹⁵⁵ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 12-13; Ver também: Gaastra, Femme S. *The Dutch East India Company*, pp. 88-91. Não é preciso recuar muito no passado para ver esse tipo de visão negativa generalizante. Ver: Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie*, p. 18.

generalizante, linear ou negativa, no qual os elementos despossuídos, segundo Hermann Wätjen, foram impelidos pelos problemas econômicos que enfrentavam na Europa a viajar para o Brasil. O historiador alemão foi adiante e afirmou ainda que as “tropas coloniais, nos países civilizados da Europa, gozavam da pior fama” e que “era corrente que só a escória da humanidade, o mundo da criminalidade, ia ali procurar e achava seguro valhacouto”.¹⁵⁶ Era gente “formada freqüentemente na escola de ferocidade que era a Guerra dos Trinta Anos” – aludiu Evaldo Cabral de Mello –¹⁵⁷ e que, sem qualquer forma de coibição, sempre estaria inclinada a roubar e a desrespeitar os moradores da colônia,¹⁵⁸ complementou, nesse sentido, Charles Boxer. O historiador inglês citou ainda um panfleto de 1623, cujo “irônico” escritor afirmou que as pessoas recrutadas nos Países Baixos – fosse para servir aos Estados Gerais ou nas Companhias das Índias – apareciam duas vezes ao ano: uma no verão – quando os recrutados “se assustavam com o trabalho e não podiam suportar o cheiro do próprio suor” – e outra no inverno – quando havia escassez de lenha, turfa e outras provisões de inverno.¹⁵⁹ Antes de todos eles, o neerlandês Pieter Marinus Netscher fez declaração emblemática – no clássico *Les Hollandais au Brésil* – a respeito dos militares contratados pela WIC: eles eram a “escória da sociedade” e “não visavam outro fim senão a pilhagem”.¹⁶⁰

Em pesquisa sobre os “alemães” a serviço da Companhia das Índias Orientais, Roelof van Gelder levantou questões sobre esse tipo de visão, qualificada por ele como depreciativa. Para ele, as observações negativas feitas por altos funcionários da Companhia e o nível de salário pago pela VOC foram tomados por base da interpretação a respeito dos recrutados. Sobre o pagamento, o pesquisador neerlandês interpreta que, sendo o valor mensal recebido por soldados e marujos da VOC insuficiente para a manutenção de uma família, formularam-se conclusões de que os recrutados não eram casados e pertenciam às camadas mais baixas da sociedade. Além das generalizações sobre os tipos enviados – miseráveis, vagabundos, desempregados e bandidos –

¹⁵⁶ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 380. Na página 383, Wätjen diz que foi possível encontrar nas Atas Diárias do governo do Brasil muitas informações que provam essa origem obscura dos soldados e oficiais. No entanto, ele não cita nenhuma data. O autor amenizou sua observação ao dizer que não apenas aventureiros e parias “acudiram ao rufo do aliciamento” e que as tropas da WIC “contavam também com homens capazes de honra, soldados que fortuna adversa havia expelido da pátria e que agora, fora dela, mostravam quanto valiam, nas guerrilhas, na lavoura e no plantio da cana”.

¹⁵⁷ Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau*, p. 57.

¹⁵⁸ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 181; O comportamento de oficiais também não diferia da soldadesca, já que o consentimento e a participação deles nos saques era essencial para tais práticas. Ver: Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky’, pp. 346-347.

¹⁵⁹ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 79. Em *Os holandeses no Brasil*, Boxer fala que a tropa da Companhia incluía “[...] indivíduos de espírito inconstante e capazes de se desmandarem quando fora de suas obrigações[...]”. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 101-102.

¹⁶⁰ Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII^e Siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 180, nota 46: “Si dans cette circonstance et dans la plupart des expéditions dont nous ferons mention dans cette notice historique, nos soldats se sont rendus coupables de pillage et de déplorables excès, il faut surtout en chercher la cause dans la manière dont ces troupes étaient composées. Ces soldats, aussi bien de notre côté que du côté des Espagnols, étaient pour la plupart des soudoyés allemands, italiens, français et irlandais, écume de la société, qui n'avaient d'autre but que le pillage”.

seguuiu-se para outras associações como a falta de formação educacional, iletrismo, péssima condição física e mendicância. Através da análise de diários escritos por militares oriundos dos Estados Alemães, o historiador neerlandês pôde falar da origem social de dez diaristas: alguns vinham de famílias com boa condição e todos sabiam ler e escrever. Alguns conheciam latim, outros tiveram educação religiosa e havia aqueles que possuíam até mesmo certo conhecimento musical. A maioria aprendeu algum ofício e foi jornaleira. Alguns tiveram experiência militar prévia e dois tinham sido oficiais. Trabalhos em atividades burocráticas e comerciais não eram desconhecidos de todos e viagens marítimas já tinham sido feitas por quatro dos homens analisados por ele.¹⁶¹

Em outra visão sobre a soldadesca européia do período estudado, Frank Tallett menciona, a partir de um estudo sobre veteranos franceses das três últimas décadas do século XVII, que a maioria dos voluntários das tropas francesas era oriunda do mercado laboral, embora freqüentemente das camadas mais baixas da sociedade: pequenos artesãos, lojistas, jornaleiros, trabalhadores assalariados e do interior, pequenos proprietários, agricultores de subsistência, arrendatários expulsos e obreiros casuais. Poucos admitiram saber fazer outra coisa, senão guerrear. A maioria dos alistados esteve empregada antes de entrar no exército. Mesmo vindo dos níveis mais baixos da sociedade, eles não eram destituídos e tinham em comum a falta de recursos para sobreviver às crises econômicas. Por conta dessa vulnerabilidade, terminavam sendo obrigados a buscar alternativas de sobrevivência.¹⁶²

Uma pesquisa qualitativa na documentação da WIC, nos diários de militares e em outras fontes permitiu a obtenção de informações distintas dessa visão tradicional e que se aproxima com os estudos de Van Gelder e Tallett. Embora não se possa afirmar que os grupos enviados ao Brasil eram compostos apenas pelos elementos sugeridos por eles, também não pode ser dito que as pessoas a serviço da Companhia vinham majoritariamente da massa de destituídos, criminosos e vagabundos, conforme alguns pesquisadores sugerem, algumas vezes depreciativamente ou de maneira linear. Conforme observado, por exemplo, alguns dos homens enviados ao Brasil possuíam o conhecimento de algum ofício manual, tinham exercido certas atividades burocráticas e/ou tiveram formação educacional básica.

Dos oito militares que deixaram diários, cartas e relatos de sua passagem no Brasil, todos parecem compor um perfil aproximado dos homens estudados por Van Gelder e Tallett. Jovens de boa formação que até mesmo estudaram por algum tempo em universidades, como Johann Gregor Aldenburgk, em Jena, e Caspar Schmalkalden, em Groningen, ou que tiveram

¹⁶¹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 12-13, 57, 64-68.

¹⁶² Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 88; Ver também: Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 46-47.

preceptores, como Ambrosius Richshoffer, ou a possibilidade de ingressar em uma academia, como Stephan Carl Behaim. Parte deles deixou um emprego para trás antes de assinar com a WIC, a exemplo de Richshoffer, Zacharias Wagener, Behaim, Lorenz Simon e Peter Hansen, utilizando-se ainda de suas experiências anteriores, capacidades individuais e contatos para melhorar de condição após algum tempo de serviço no exército da Companhia no Brasil. Apesar das qualificações, quase todos foram alistados como soldados, à exceção de Behaim e talvez Cuthbert Pudsey. Mesmo com alguma experiência militar, Simon ingressou como soldado, o que se explica talvez pela falta de um contato para projetá-lo em uma melhor posição, como será mostrado posteriormente.¹⁶³

Todavia, pode ser alegado que essas pessoas foram exceções e que a origem desse pequeno grupo de militares não deve ser estendida à maior parte dos recrutados. Por isso, os registros de mudanças de posição dentro da Companhia durante o serviço no Brasil são importantes. Elas podem indicar que outros homens também tiveram algum tipo de formação educacional ou experiência profissional que poderia lhes permitir uma melhora nas suas condições, ou ao menos o ingresso em atividades menos arriscadas, dentro ou fora da Companhia.¹⁶⁴ As aptidões e atividades exercidas na vida civil por essas pessoas foram as mais diversas, de acordo com a documentação consultada: auxiliares administrativos, carpinteiros, cirurgiões, confortadores de doentes, construtores de fortificação/empreiteiros, escreventes, ferreiros, jardineiros, marceneiros, padeiros, pedreiros, predicantes, professores e serralheiros.¹⁶⁵

¹⁶³ Para uma pequena biografia desses indivíduos, ver o anexo 1.

¹⁶⁴ Jaap Jacobs fez apontamentos semelhantes quando tratou dos militares que serviram na América do Norte após 1650. Foram colhidos por ele alguns exemplos de homens com boa formação que viajaram para a colônia neerlandesa. Essa formação também foi importante para a mudança de atividade e promoção social após o fim do primeiro contrato. Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie', pp. 143-144. Ver também o capítulo cinco.

¹⁶⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1635 (escrevente); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 18-10-1635 (escrevente); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 03-01-1636 (assistente de comissário); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-01-1636 (ferreiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-01-1636 (jardineiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637 (pedreiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637 (cirurgião); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-05-1637 (ferreiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-06-1637 (confortador de doentes, *ziekentrooster*); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-07-1637 (confortador de doentes, *ziekentrooster*); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-08-1637 (carpinteiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-09-1637 (mestre ferreiro; ferreiro jornaleiro; marinheiro contratado como serralheiro); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-10-1637 (três soldados contratados como marceneiros); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-11-1637 (ferreiro aprendiz); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 137, 30-07-1639 (soldado e padeiro; cadete e escrivão); Um confortador de doentes era um trabalhador não ordenado da Igreja Reformada, cujo trabalho estava ligado inicialmente aos doentes, mas que posteriormente foi estendido a bordo das embarcações e nas fortificações. Admoestação e leitura da Bíblia também foram feitas não apenas para os moribundos, mas para pessoas incapazes de ler, pobres e órfãos. Alguns confortadores passaram a cuidar das igrejas, trabalhar entre os indígenas, confortando, catequizando e até mesmo servindo de professores. Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, p. 133; Gonsalves de Mello cita os casos de um soldado, dois sargentos, um cadete (*adelborst*) e um alferes (*vaandrig*) contratados em 1630 e 1636 para erigir obras de fortificação no Recife e Antônio Vaz. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 50-51 (nota 37).

No geral, tanto os ofícios mecânicos como as funções administrativas e/ou religiosas requeriam que os contratados tivessem experiência ou ao menos alguma educação básica suficiente ou treinamento/experiência prévia para o exercício da nova função. O soldado Hans van Envelgun, por exemplo, estava velho para continuar a servir como militar. Foi reaproveitado pela Companhia para trabalhar no trem como pedreiro.¹⁶⁶ Já Jan Laurens, que chegou em 1639, era, além de soldado, padeiro (*sold. ende backer*).¹⁶⁷ Outro soldado, Benoit Pellerin, foi admitido como cirurgião, porém foi examinado de forma a dar provas de suas capacidades quando contratado.¹⁶⁸ Essas certamente foram funções que eles aprenderam antes de seguir viagem para o Brasil.

No caso das atividades administrativas e religiosas, devia ser indispensável uma capacidade mínima de leitura e escrita, além de algum tipo de formação religiosa. Segundo F. L. Schalkwijk, alguns soldados, possivelmente por sua capacidade de leitura, transformaram-se em confortadores de doentes ou mesmo alcançaram posições mais elevadas dentro da hierarquia da Igreja Cristã Reformada do Brasil. O autor adverte ainda que nem todos os soldados ou funcionários civis nomeados confortadores foram indicados para tal função por saberem ler, mas por suas qualidades, no caso daqueles aprovados pela Igreja.¹⁶⁹

Em 1636, o Presbitério examinou e admitiu como proponente entre os militares oriundos da Inglaterra o inglês Thomas Kemp (ou Tomas Kempius), que já exercia a função de confortador desde 1635, quando deixou de ser soldado. Dois anos depois, após curto intervalo de tempo na Europa, foi admitido como segundo professor do Evangelho nas aldeias da Paraíba. Kemp teria seu *status* dentro da Igreja Cristã Reformada do Brasil alterado mais uma vez em 1641, quando mudou para a posição de candidato a ministro, com sua ordenação para ministro acontecendo um ano depois.¹⁷⁰ Suas habilidades o levaram de soldado às posições de consolador dos enfermos, professor, proponente e finalmente ministro da Igreja Cristã Reformada, ou seja,

¹⁶⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637. O trem (*train, trein* ou *treijn*) era composto por um conjunto de tropas auxiliares que prestavam apoio logístico às tropas da Companhia; A grande necessidade que a Companhia tinha de “mestres-livres” – conforme indica Wätjen –, principalmente após a ampliação da conquista, possivelmente serviu de impulso para as mudanças de posição dos militares. Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 384.

¹⁶⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 137, 30-07-1639.

¹⁶⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637.

¹⁶⁹ Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 137-138. Schalkwijk cita os casos de Jan Luyberts Loos, que, sem qualquer autorização da Igreja, foi nomeado confortador pelo capitão da embarcação “N. v. Dort” durante a viagem ao Brasil, pelo simples fato de saber ler bem e do ex-soldado Frederick Alken, que trabalhou por três anos como confortador no Rio Grande e no Recife e retornou à Holanda por falhar no desempenho de suas funções e por causar problemas não claramente mencionados nas atas das reuniões dos representantes da Igreja Cristã Reformada do Brasil.

¹⁷⁰ Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 178-179 (notas 87, 88, 89, 90, 91, 92). A Ata Diária de 1636, cuja referência foi citada por Schalkwijk na nota 88, trata de um requerimento feito por Kemp ao Conselho Político: “*Alsoo Cempius alvoor een jaer uijt de soldadesque genoomen ende gebruijckt tot zieckentrooster voor de Engelsche Natie versocht daer voor gagie voor den selven*”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 23-07-1636; O Presbitério era a convenção dos consistórios (Conselho da Igreja) das igrejas locais.

de posições não-ordenadas (confortador, professor e proponente) a ordenada (ministro). Em diferentes momentos, durante seus exames de admissão, deu provas de conhecimento teológico e lingüístico, pois lecionou em português aos indígenas e foi examinado em latim e em português pelos membros do Conselho da Igreja.¹⁷¹ Outro soldado, Johannes Apricius, enviado pela Câmara de Groningen, trabalhou como professor dos indígenas na missão de Thomas Kemp, na Paraíba. Posteriormente ele foi admitido como proponente, sendo depois ordenado. Foi capelão militar e trabalhou com indígenas e europeus até a rendição das tropas da WIC no Recife, de onde seguiu para o Caribe, onde trabalhou na igreja Anglicana da ilha de São Cristóvão.¹⁷²

Os exemplos citados acima foram referentes a funções sem qualquer relação com as atividades de guerra. No entanto, a contratação de condutores da artilharia, mantenedores de equipamento militar e soldados que haviam saído do serviço de guerra na Europa pode indicar que entre os recrutados havia gente com alguma experiência militar, possivelmente adquirida em algumas das guerras européias do período.¹⁷³ No caso específico de condutores e mantenedores, também é sensato pensar que alguns desses homens tenham aprendido a tratar dos apetrechos de guerra durante os anos de serviço no Brasil, já que geralmente as mudanças de posição dentro ou fora da Companhia ocorriam após o término do contrato inicial de três anos. Essas mudanças de posição observadas na documentação, além de indicar mobilidade e promoção social, fornecem indícios sobre a origem social dos recrutados. Gonsalves de Mello comenta que, a partir de 1632, os soldados chegados em 1630 já estavam pedindo baixa da Companhia para realizar ofícios manuais ou trabalhar no comércio.¹⁷⁴ Se eles conseguiram trabalho em um tempo ainda inseguro como aquele, é porque tinham capacidade e algum aprendizado mínimo para o exercício de tais funções. Aliás, em 1634, o número de cidadãos-livres, muitos dos quais oriundos do próprio

¹⁷¹ No exame, procedido em Latim, para proponente na língua inglesa entre os soldados ingleses, em 1636, Kemp fez uma dissertação sobre o Evangelho de São João, capítulo 3, versículo 16. Foi novamente avaliado quando admitido como professor dos indígenas. O Conselho achou que ele tinha o conhecimento da língua portuguesa suficiente para instruir os “brasilianos”. Antes de ser ordenado ministro, foi avaliado em português fazendo uma prédica baseada no capítulo 8, versículo 1, do livro da Bíblia Romanos. Ata da Classe do Brasil de 16 de dezembro de 1636, sessões 1 e 2; Ata da Classe do Brasil de 29 de outubro de 1638, sessão 3, artigo primeiro; Ata da Classe do Brasil de 17 de outubro de 1641, sessão 3, ponto 9, artigo 17. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: Volume LVIII, 1993; A carreira de Kemp dentro da Igreja Cristã Reformada foi traçada por F. L. Schalkwijk, de onde foi obtida a indicação dessas fontes. Na mesma obra, Schalkwijk explica a organização – páginas 67 a 100 – e a hierarquia – páginas 101 a 146 – da Igreja Cristã Reformada no Brasil.

¹⁷² Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 180-181. Fluente na língua indígena, Apricius chegou a escrever um dicionário da língua Tupi.

¹⁷³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1635 (condutor da artilharia); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-02-1636 (condutor da artilharia); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637 (mantenedor de armamento na equipagem); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-08-1637 (mantenedor de espadas, *zwaardveger*); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-10-1637 (condutor da artilharia); Veteranos citados por Wätjen em: Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 380; Ver os casos de Stephan Carl Behaim e de Lorenz Simon (Anexo 1); O fato de muitos homens recrutados serem oriundos de zonas de guerra, conforme visto no tópico 1.2, não é suficiente para dizer que eles fossem militares veteranos dos conflitos europeus do período.

¹⁷⁴ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 57.

exército da WIC, era relativamente elevado, haja vista que no Recife podiam ser arregimentadas duas companhias de milicianos de oitenta homens cada. Nesse mesmo ano, alguns soldados veteranos do Caribe já ganhavam a vida plantando gêneros de subsistência na ilha de Itamaracá.¹⁷⁵

1.4 Perfil social dos recrutados (faixa etária, estado civil & opção religiosa)

Emigrantes tendem a compor um grupo de pessoas na sua fase mais produtiva, ou seja, jovens.¹⁷⁶ O mesmo pode ser dito a respeito daqueles que se alistavam nos exércitos do período estudado. Convém exemplificar: estudos baseados em listas de ex-soldados franceses admitidos no hospital e abrigo para veteranos franceses, *Les Invalides*, entre 1670 e 1691, apontam que 60% dos homens alojados nesse local tinham entre 20 e 30 anos na época de alistamento. Uma considerável proporção, por volta de 24,3%, tinha idade abaixo dos 20. Faixa etária similar também foi observada no exército sueco do início do século XVIII, contrariando as suposições de pesquisadores que indicavam que essas tropas eram compostas majoritariamente por homens velhos e garotos, cujos índices obtidos dentro do percentual total foram respectivamente 6 e 17,7%.¹⁷⁷ No exército de Flandres, os números são semelhantes. Homens entre os 20 e 40 anos formavam a esmagadora maioria dos que se alistavam, sendo a maior parte na faixa dos 20 anos.¹⁷⁸ Dos militares que seguiram para as Índias Orientais pesquisados por Roelof van Gelder, o grosso se alistou por volta dos 24 anos de idade e alguns poucos o fizeram acima dessa idade.¹⁷⁹ Tal faixa etária é semelhante à obtida em outro estudo sobre o pessoal da VOC, feito por Herman Ketting, que estabeleceu a média de 23 anos e dois meses para os soldados e cerca de 7 anos a mais para os oficiais não comissionados, tanto na marinha, quanto no exército daquela Companhia.¹⁸⁰

Os dados obtidos a respeito dos militares não comissionados que compuseram as tropas da WIC no Brasil são insuficientes para o estabelecimento preciso de sua faixa etária. Dos três

¹⁷⁵ Ibidem, pp. 57, 161 (nota 109a). Ainda na página 57, Gonsalves de Mello, de forma a mostrar quão grande era o fluxo desses movimentos de saída da Companhia, cita uma lista existente na Ata Diária do Conselho Político de 26 de julho de 1636. Ele relacionou dez nomes de pessoas, civis e/ou militares, que deixaram a WIC para viver como homens-livres. Suas habilidades pessoais e a própria necessidade do mercado foram certamente decisivas na decisão de se desligar da Companhia. Gonsalves de Mello omitiu o nome de Jan Gerritsz, de Amsterdã, em sua contagem, conforme foi verificado na ata. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 26-07-1636.

¹⁷⁶ Bailyn, Bernard. 'Introduction: Europeans on the Move, 1500-1800'. In Canny, *Europeans on the Move*, p. 4.

¹⁷⁷ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 85-86; *Les Invalides* teve sua construção iniciada por Luís XIV.

¹⁷⁸ Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road. The Logistics of Spanish Victory and Defeat in the Low Countries, 1567-1659* [1972] 2^o Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 20.

¹⁷⁹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 65, 113. Nem todas as pessoas pesquisadas por Van Gelder eram militares.

¹⁸⁰ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, pp. 51-52.

autores de diários citados anteriormente, apenas Ambrosius Richshoffer menciona quando nasceu, enquanto que as idades de Zacharias Wagener e Peter Hansen foram citadas por pesquisadores que estudaram suas trajetórias. Richshoffer se alistou aos 17 anos de idade, enquanto Wagener e Hansen, aos 20. Os dois últimos saíram de casa aos 19 anos de idade. Já Stephan Carl Behaim tinha 23 anos quando foi contratado pela WIC em 1635 e já estava fora de casa desde os 15 anos, quando foi à escola.¹⁸¹ Menções às idades, em relação aos militares, são incomuns na documentação oficial da Companhia. Situações como a sentença de um jovem tambor que tinha “por volta de 18 anos de idade” (*out ontrent 18 jaren*) e o batismo de um soldado de 23 anos permitiram a obtenção de mais informações sobre a faixa etária das tropas.¹⁸² O mesmo pode ser dito sobre listas de militares doentes e/ou feridos que retornaram à Europa, embora nos casos encontrados não tenha sido observado nenhum indicativo direto de idade. Os soldados Thomas Smit e Doncker Manchoul, por exemplo, foram mandados para casa sob a justificativa de terem idade avançada (*door ouderdom*) e também em decorrência, respectivamente, de doença e ferimento adquiridos.¹⁸³ Hans van Envelgun, citado anteriormente, também foi considerado velho (*sijnde een out man*), mas teve a chance de ficar do Brasil por ser pedreiro, ofício do qual a Companhia tinha necessidade.¹⁸⁴

Ao contrário dos documentos do governo da WIC, os protocolos de notários nos Países Baixos fornecem elementos diretos a respeito da idade da gente de guerra recrutada para o Brasil. Os registros podem ser divididos entre as menções à idade na época de alistamento e os apontamentos sem qualquer indicação do início do serviço. Entre os militares da primeira categoria, sete soldados que deixaram declarações com o notário de Amsterdã Hendrick Schaeff. Eles partiram para o Brasil quando tinham entre 18 e 30 anos de idade, sendo a maior parte desse pequeno grupo de gente na faixa dos 22 anos de idade.¹⁸⁵ O outro grupo, de 34 militares de

¹⁸¹ Kraack, D. A. ‘Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, p. 42; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 42-43; Teixeira, Dante Martins. ‘The “Thierbuch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener’. In *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*, p. 11; Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 1.

¹⁸² O tambor Jan Alberts, de Wesel (Vestfália), foi condenado a ser fortemente açoitado (*strenglijck gegesseldt te worden*) por ter vendido e trocado produtos pertencentes à Companhia. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 55, doc. 3, 28-01-1639; Em 29 de outubro de 1653, foi batizado Evert Janssen, de Morra, na Frísia. Wasch, C. J. ‘Een doopregister der Hollanders in Brazilië’. In *Algemeen Nederlandsch Familieblad. Tijdschrift voor Geschiedenis, Geslacht-, Wapen-, Zegelkunde. Eng.*. Vol. 6, n. 3. ‘s-Gravenhage: Genealogisch en Heraldisch Archief, 1889, p. 77.

¹⁸³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, docs. 138 A; 138 B, 1631.

¹⁸⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637.

¹⁸⁵ O mais novo do grupo é Jean Le Mire, de Calais, na França, que foi para o Brasil em 1634 com aproximadamente 18 anos de idade. Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 1283, fol. 9-9v, 23-01-1641. O mais velho foi Henricj Fregers, de Lemgo, na Vestfália, que partiu para o Brasil em 1639, aos 30 anos. SAA, NA, 1292/27, 27-11-1645. Os outros homens alistados tinham entre 21 e 24 anos. Nicolaes Gramel, de Valenciennes, França, alistou-se com 21 anos de idade em 1634. Ficou no Brasil até 1641, assim como Jan Willemsz., de Leeuwarden, nas Províncias Unidas, que entrou para o serviço da WIC com 22 anos. SAA, NA, 1286/30, 04-12-1642. Com mais ou menos 22 anos, Moijsen Tellie e Henrick Cartamon alistaram-se na WIC em 1633, da mesma forma que Guilliaen Schavrau,

variadas patentes e procedências, tinha idade entre 18 e 38 anos. Eram em sua maioria soldados (18) e oficiais não comissionados (7 anseçadas, 5 cabos e 3 sargentos), além de um trompetista.¹⁸⁶ Também é possível perceber que usualmente uma maior idade significa maior patente, o que pode mostrar que a ascensão estava atrelada à experiência militar anterior e tempo de serviço, algo também observado entre os homens da VOC.¹⁸⁷

Como mencionado, os exemplos mencionados são escassos para a determinação da faixa etária. Mas a partir do que foi verificado por pesquisadores na literatura a respeito da VOC e de algumas tropas européias, além dos exemplos individuais obtidos na documentação, pode-se supor que a faixa etária dos homens a serviço da WIC não fosse muito distinta daquelas estabelecidas pelos autores citados. O exército da Companhia era composto em sua maioria de homens jovens e adultos em sua idade mais produtiva, não compondo, nos séculos XVII e XVIII, um ajuntamento de meninos e velhos como podem pensar alguns autores.¹⁸⁸

Poucas foram as evidências encontradas a respeito do estado civil dos soldados enviados ao Brasil. Pode-se supor que a maior parte da tropa fosse composta de solteiros. Mas tal assertiva pode ser decorrente da escassa documentação existente a respeito dos contingentes populacionais

recrutado quando tinha por volta de 24 anos de idade. SAA, NA, 1283/1, 02-01-1641; SAA, NA, 1283/2v, 08-01-1641.

¹⁸⁶ Harman Matthijsz., trompetista, 26 anos. Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA), inv. nr. 168, 91/131, 22-03-1638; Antonie Hutssen (ou Hudson), soldado oriundo da Inglaterra, por volta de 37 anos. GAR, ONA, inv. nr. 199, 54/102, 28-04-1639; Jorian German, sargento de Stralsund, 38 anos. SAA, NA, 1280/66v-67, 20-05-1639; Ritchard Wattsen, sargento de 32 anos, e Jan Bantvoort, soldado de 31 anos. GAR, ONA, inv. nr. 201, 197/262, 17-02-1641; Jacob Jans, soldado de 37 anos proveniente de Postmuyen, e Robert Belten, soldado de 27 anos oriundo de Vlissingen. GAR, ONA, inv. nr. 202, 58/80, 07-05-1641; Barent Soundurp, cabo de Furstenau, mais ou menos 18 anos. Chegou a ser alferes. Hans Heerens, anseçada da Antuérpia, por volta dos 32 anos. Chegou à patente de sargento. Hendrik Caerloff, soldado de Suómen, cerca de 23 anos. Tornou-se posteriormente escrivão. SAA, NA, 1289/8v-19v, 08-02-1644; Daniel Wilt, anseçada de 30 anos oriundo de Lübeck. SAA, NA 1289/109, 05-08-1644; Gotburgh Juriaans, soldado de 30 anos de Tönder. Harmen Gerritsz., soldado de 29 anos de Freiburg. SAA, NA, 1289/132v, 25-08-1644; Geret Wellaut, soldado de 24 anos de Oldenburg. SAA, NA, 1289/133, 26-08-1644; Olaff Jansen, cabo de Oslo, 26 anos. Jan Robbertsz., soldado de Dembischier, 18 anos. Jan Michielsz., soldado de Nuys, 26 anos. Bartholomeus Hansz., anseçada de Halberstadt, 18 anos. SAA, NA, 1289/135-136, 27-08-1644; Hans Resenvelt, soldado de Utrecht, 25 anos. SAA, NA, 1289/157, 16-09-1644; Caspar Sas, anseçada de Eekin, aproximadamente 36 anos. Jacob Stam, soldado de Soest, por volta de 25 anos. Ambos promovidos posteriormente a sargento. SAA, NA, 1289/165, 30-09-1644; Pieter Volkarsz., sargento de Stapelholm, cerca de 26 anos. SAA, NA, 1290/60, 30-12-1644; Hindrick van Hoorn, soldado de Weesp, de cerca de 25 anos. SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645; Hendrick Eetres, anseçada de St. Jansston, 32 anos. Willem Denijs, soldado de Lithgow, 24 anos. SAA, NA, 1291/62, 19-04-1645; Jan Danielsz. Westerman, soldado de Amsterdã, 29 anos. SAA, NA, 1291/92v, 17-06-1645; Jacob Bogee, cabo de Edinburgh, 18 anos. Bogee foi posteriormente sargento. SAA, NA, 1291/161, 11-09-1645; SAA, NA, 1306/214, 15-11-1656; Gijsbert Jansen, soldado de Amsterdã, 24 anos. SAA, NA, 1291/187v, 04-10-1645; Robbert Bacxters, soldado de Hertford, 28 anos. SAA, NA, 1293/26v, 16-03-1646; Josua Beket, cabo de Groningen, 28 anos. Cornelis Willemsz. Naeture, anseçada de Zierikzee, 28 anos. Abraham Bercks, soldado de Amsterdã, 26 anos. Eduart Jorisz., anseçada de Wales, 27 anos. Jeremias Catens, cabo de Stendal, 38 anos. SAA, NA, 1293/171v, 17-09-1646.

¹⁸⁷ O assunto será tratado no capítulo cinco. Sobre o “princípio de antiguidade” na VOC ver: Nierstrasz, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company. The VOC (Dutch East India Company) and its Servants in the Period of its Decline (1740-1796)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2008, pp. 166-168. Ver também: Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders*, pp. 51-52.

¹⁸⁸ Ver a crítica de Herman Ketting a J. R. Bruijn e J. Lucassen: Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders*, p. 54.

que migraram/transmigraram para o Brasil e também consequência da grande quantidade de pessoas alistadas na faixa etária mais jovem. Pesquisadores dedicados ao estudo do “Brasil Holandês” não trataram do tema diretamente e as poucas observações feitas sobre o assunto normalmente estiveram relacionadas às tentativas de esboçar o quantitativo populacional geral e ao problema da falta de mulheres brancas na conquista.¹⁸⁹ Nesse extrato, o objetivo foi levantar algumas informações sobre o estado civil dos militares no momento em que foram enviados.

Apesar dos poucos subsídios disponíveis na documentação, foi possível obter alguns dados sobre a chegada de mulheres junto com as tropas – inclusive com filhos. Listas de passageiros – civis e militares – indo ou voltando do Brasil foram os tipos de fonte que mais forneceram informações sobre a questão. Uma tabela indicando a saída de nove embarcações para o Brasil, entre dezembro de 1645 e fevereiro de 1646, lista o envio de 614 soldados e somente 23 mulheres de soldados, além de 9 crianças.¹⁹⁰ A diferença de proporção é imensa, mas ao menos é uma evidência da viagem de soldados junto com suas esposas para o Brasil.

Na lista de soldados a embarcar no navio *St. Jacob*, da companhia do Capitão Jean Pierron, passados em revista no dia 28 de maio de 1639, foram relacionadas 9 mulheres e 3 crianças, para um total de 144 militares, entre comissionados e não comissionados. Foi verificado que Hendrick Warrin, um dos militares a embarcar, não foi incluído na contagem supracitada porque fugiu – no dia 26 de julho – com sua mulher antes de chegar ao Brasil, possivelmente durante alguma parada da embarcação no trajeto.¹⁹¹ Outro soldado, Hans Selver, teve que pagar 1 florim e 4 *stuivers* por dia (*cost goeden daechs*) na viagem de retorno de sua esposa – junto com uma criança – à Europa.¹⁹²

Alguns outros documentos contêm informações individuais de gente casada. O já mencionado soldado Hans van Envelgun estava acompanhado de sua mulher quando foi

¹⁸⁹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 58, 77. Em referência às mulheres de funcionários, civis e militares, Gonsalves de Mello diz, baseado em uma Ata Diária de 18-09-1645, que havia no Brasil 500 mulheres e meninos de pessoas a serviço da Companhia – sem especificação de proporção. No documento também podem ser encontrados quantitativos de mulheres e filhos de particulares espalhados em várias localidades. O autor diz ainda que foram obtidas referências de mulheres que foram ao Brasil acompanhadas de oficiais e particulares; Schalkwijk, *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 49; Wätjen menciona um total de 576 civis, a partir de uma revista geral feita por Diederick van Waerdenburgh, no começo de 1631. Entre os civis contabilizados, mulheres e crianças. Wätjen, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 114, 244-246.

¹⁹⁰ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 5758, 1645/1646.

¹⁹¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 157, 30-07-1639. De acordo com a lista de inspeção, os navios foram enviados ao Brasil entre 28 de abril e 30 de junho de 1639. Hendrick Warrin não foi o único a fugir. Outro militar não embarcou, outros cinco fugiram e quatro morreram durante o percurso.

¹⁹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 160, 31-04-1638; O valor da diária era elevado para o nível salarial de um soldado. Segundo Jaap Jacobs, em 1638, o custo da jornada entre Amsterdã e os Novos Países Baixos foi fixado pela Companhia: 1 florim por dia na cabine de luxo (*kajuit*), 12 *stuivers* por dia na cabine regular (*but*) e 8 *stuivers* no convés. Jacobs, Jaap. *New Netherland. A Dutch Colony in Seventeenth-Century America*. Leiden: Brill, 2005, p. 45. Informações sobre o retorno de mulheres de militares à Europa devem ser vistas com cautela, uma vez que o matrimônio poderia ter sido contraído no Brasil.

admitido no trem (*siijnde een out man met sijn vrouw*) em 1637.¹⁹³ Um sargento oriundo de York, William Brooks, vivia com sua esposa, a neerlandesa Margariete Gerritsdr., quando se tornou homem-livre e seguiu para os Barbados, no Caribe, retornando anos depois à Amsterdã.¹⁹⁴ Em outro caso particular, datado de novembro de 1642, Caspar Schmalkalden narra em seu diário que batizou o filho de um soldado nascido no trajeto entre Texel e Recife. Schmalkalden embarcou no navio *Elephant* junto com 36 soldados e 4 mulheres, sem incluir nessa contagem os membros da tripulação.¹⁹⁵

O serviço de assistência a viúvas e órfãos organizado pela Igreja Cristã Reformada também serve de indicativo de que alguns militares eram casados, embora não se saiba se eles contraíram matrimônio antes do embarque ou no Brasil. De acordo com F. L. Schalkwijk, ao comentar sobre o serviço de assistência a viúvas e órfãos, o número de mulheres que perderam os maridos militares aumentou significativamente após o início da rebelião portuguesa (1645) e depois das batalhas dos montes Guararapes (1648 e 1649).¹⁹⁶ Wätjen também falou da frequência com que as viúvas de soldados “batiam à porta do Secretário do Conselho” no Brasil para cobrar os vencimentos dos maridos mortos após a primeira batalha do Guararapes.¹⁹⁷ Mas isso não ocorreu apenas nesses tempos calamitosos. Provavelmente por não ter ninguém a quem recorrer, certa Christiaen Jochemsz. [sic], viúva de um soldado morto ainda nos primeiros anos de ocupação, pediu ao Conselho Político para continuar a receber a ração do falecido marido, o que lhe foi concedido.¹⁹⁸ Como dito, o difícil é saber se essas mulheres acompanharam os maridos ou se contraíram matrimônio na conquista. Como havia poucas mulheres brancas solteiras provenientes do Norte da Europa no Brasil, pode ser que as esposas de parte dos militares fossem mulheres locais, isto é, brancas ou mestiças da terra, portuguesas, indígenas ou negras.¹⁹⁹

¹⁹³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637.

¹⁹⁴ Eles haviam partido para o Brasil em 1640. Antes de ir aos Barbados, residiram no Maranhão. SAA, NA, 1293/40v-41v, 30-03-1646.

¹⁹⁵ Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden*, pp. 28-30. Ele não especifica se as mulheres eram esposas dos militares ou cidadãos-livres em viagem para o Brasil. Um dos membros do governo do Brasil nos últimos anos de ocupação também comenta a respeito do nascimento de uma criança durante uma viagem ao Brasil, em fevereiro de 1648. Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’. Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O.C. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Volume 69, 1950, p. 129.

¹⁹⁶ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 125-127. O autor diz que, por conta dos problemas enfrentados com órfãos e viúvas, os diáconos fizeram uma requisição ao Governo do Brasil para que os soldados a serviço da Companhia em Angola retornassem o mais rápido possível para cuidar de seus familiares.

¹⁹⁷ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 341.

¹⁹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-11-1635.

¹⁹⁹ Gonsalves de Mello fala do elevado número de matrimônios de gente da WIC com mulheres da “terra ou portuguesas”. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 59, 148-152. F. L. Schalkwijk também menciona o matrimônio de militares com mulheres locais, tanto portuguesas, quanto indígenas e negras. O número de casamentos não parece ser pequeno. Ele fala que no registro batismal da Igreja Reformada foram encontradas cerca de 600 referências de batismos de “africanos”. Alguns podiam ser filhos de militares com negras, como o caso de certo soldado chamado Jan e sua esposa Dominga, que levaram seu filho John para o sacramento poucos dias antes da rendição do Recife em 1654 (“*Jan sold.t onder de comp.ie van dhr. Lobbrecht, en Dominga, negerin*”). Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil*, pp. 49, 51. Sobre os vários casamentos de militares da WIC com

Deve-se igualmente levar em conta a possibilidade de muitos militares terem deixado mulheres e crianças na Europa, conforme pode ser observado nos pedidos de pagamento de salários feitos na Europa por viúvas de soldados que serviram no Brasil ou nas procurações assinadas por militares para que suas esposas pudessem sacar seus salários nos escritórios da WIC nos Países Baixos. Era inclusive uma praxe que os recrutados da Companhia das Índias Orientais entregassem às esposas, filhos e parentes, antes de partir para as Índias, autorizações de saque de sua conta na companhia de comércio.²⁰⁰ De acordo com H. Ketting, um em cada quatro marítimos que assinava com a VOC era casado e deixava para trás a esposa na Europa, além de uma autorização para o saque do soldo, algo útil se ela morasse próximo de um escritório da Companhia, o que nem sempre era o caso, considerando o número de estrangeiros alistados.²⁰¹

Mais uma vez, os registros de notários nos Países Baixos servem para dar um indicativo mais apurado sobre a condição dos militares da WIC. Em maio de 1634, Olivier Oliviersz. Lichthart, soldado de proveniência de Leiden, antes de partir para as “Índias Ocidentais”, deixou metade de seus bens para seu irmão e duas irmãs e a outra parte para sua futura mulher, Grietgen Dirckxdr.²⁰² Meses depois, o soldado escocês Jan Abernatch, de Glasgow, também seguindo para as “Índias Ocidentais”, nomeou como seus herdeiros universais – caso viesse a falecer – sua filha, Janette Abernatch, moradora de Glasgow, sua esposa Aechtge Henrickxdr. – uma neerlandesa – e uma terceira pessoa de nome Jan Garnaer. Ele também autorizou Jan Garnaer e esposa a sacarem seu “salário e dinheiro de botim” na Companhia em benefício de sua filha Janette.²⁰³

Mas nem sempre os militares deixavam procurações ou heranças para as esposas, que eram obrigadas a provar à WIC seu relacionamento com os maridos de maneira a ter direito a receber seus vencimentos. Duas viúvas, em março de 1645, tentaram reaver os salários dos maridos mortos a serviço da Companhia. Anthonette van Houtt, moradora de Leeuwarden,

mulheres indígenas ver também: Meuwese, Marcus P. *‘For the peace and well-being of the country’: intercultural mediators and Dutch-Indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600-1664*. Indiana: University of Notre Dame, 2003, (Ph.D. Dissertation), pp. 246, 309-310, 318. Outros dados sobre o casamento de “neerlandeses” com mulheres locais podem ser obtidos em: Silva, Marco Antônio Nunes da. *O Brasil holandês nos cadernos do Promotor: Inquisição de Lisboa, século XVII*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2003, pp. 40-45.

²⁰⁰ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 58; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders*, pp. 52-53; Van Gelder diz ainda que um salário baixo não implicava no estado civil; Sobre a permanência da família dos militares no local de origem, ver: Hale, J. R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 107. O procedimento será melhor explanado no capítulo dois e três.

²⁰¹ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders*, pp. 52-54. Segundo Ketting, funcionários da VOC podiam transferir três meses de salário por ano para parentes.

²⁰² GAR, ONA, inv. nr. 185, 353/451, 17-05-1634: “*Olivier Oliviersz Lichthart van Leyden, die als soldaat onder capiteyn Franchois de Bout met het schip Erasmus naar Westindie zal varen, vermaakt de helft van zijn gebele bezit aan zijn broer en twee zusters en de andere helft aan zijn aanstaande vrouw Grietgen Dirckxdr.*”. Olivier muito provavelmente partia para o Brasil, principal palco de operações da WIC naquele período e local onde o navio *Erasmus* estaria navegando em anos subsequentes. Ver atas diárias do governo do Brasil do ano de 1635.

²⁰³ GAR, ONA, inv. nr. 194, 210/309, 01-08-1634: “*Jan Abernatch van Glasco in Schotland, voornemens als soldaat met capt. Nicolaes van der Houwe naar West Indien te vertrekken, benoemt in geval van eerder overlijden van zijn dochter Janette Abernati, wonende in voorn. Glasco, Jan Garnaer en zijn vrouw Aechtge Henrickxdr tot zijn universele erfgenenamen. Tevens machtigt bij Jan en Aechtge zijn gage en buitgeld te innen t.b.v. zijn dochter Janette.*”.

tentou provar sua ligação através do testemunho do tenente Abraham Jandott, de Metz, que havia servido com seu marido Pieter van Houtt, de Haia, sargento da WIC no Brasil e integrante da frota de Johan Maurits van Nassau-Siegen em 1636. De lá, Van Houtt teria partido para Angola, onde faleceu.²⁰⁴ Com o mesmo propósito de identificar à WIC quem era seu marido, Trijntje Casparsdr. tentou, através dos testemunhos do ex-soldado da Companhia no Brasil e Angola, Hendrick van Hoorn, e de sua esposa Grietje Eldersdr., provar que seu marido, um inglês de nome Robbert Jansz havia morrido no Recife. O casal teria conhecido o inglês em Recife.²⁰⁵ Esses casos remetem ainda à história de muitas esposas de militares que não voltaram para casa após a rendição da WIC em 1654. Algumas delas continuaram a tentar receber os vencimentos dos maridos devidos pela Companhia.²⁰⁶

Outro registro de que havia homens casados na Companhia pode ser proveniente das queixas feitas pelo Conselho da Igreja contra prostitutas, algumas das quais esposas de militares ausentes. Por isso, os predicantes insistiam para que elas não fossem separadas dos maridos e caíssem no meretrício.²⁰⁷ Naturalmente, a iniciativa de seguir os companheiros podia também ser tomada pelas esposas. Em 1636, certa Margariet Pleij pediu permissão ao governo para poder viver com o marido, soldado em São Lourenço. A súplica foi deferida.²⁰⁸ Talvez ela não fosse a única a conviver na guarnição com os militares. Muitas mulheres, com suas crianças, deviam viver com seus maridos nas guarnições espalhadas no território. Uma listagem referida anteriormente feita no período posterior à rebelião dos moradores aponta para a existência no Brasil de um elevado número de mulheres e crianças de pessoas a serviço da WIC. Infelizmente, não foi especificado se eram familiares de militares e se moravam nas guarnições, mas uma ata diária do governo emitida em junho de 1646 indicia que pelo menos parte podia estar relacionada aos militares. O governo pedia que fosse feito um arrolamento das mulheres e crianças que viviam nos fortes de maneira a lhes fornecer pão.²⁰⁹

Da mesma forma que o grupo de homens enviados ao Brasil era de origem geográfica e social distinta, variada também era a religião que professavam. Mesmo não sendo possível estabelecer quantos seguiram essa ou aquela religião em números, é presumível que, a partir da origem geográfica das tropas, se obtenha uma idéia geral a respeito da religião dos militares a serviço da WIC no Brasil. Portanto, especula-se que a maioria dos militares despachados para o

²⁰⁴ SAA, NA, 1291/43, 15-03-1645.

²⁰⁵ SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645.

²⁰⁶ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.43, docs. 11-20, 1655.

²⁰⁷ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 130-131; Ata da Classe Brasileira, realizada no Recife de Pernambuco, no dia 21 de Novembro de 1640, sessão 2, artigo 9; Ata da Classe do Brasil, Recife, 17 de outubro de 1641, sessão 3, artigo 9. Schalkwijk, Frans Leonard. 'A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês'.

²⁰⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-07-1636.

²⁰⁹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 77; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 14-06-1646.

Brasil seguisse a religião protestante – calvinista e luterana –²¹⁰, mas visto a heterogeneidade dos locais de origem dos militares, também poderia haver uma boa parcela de católicos e outros tipos de protestantes que coexistiam na própria República, a exemplo dos anabatistas e batistas.²¹¹ A tolerância religiosa e a liberdade de consciência garantida pelos Estados Gerais podem ter atraído ainda presença de militares judeus – asquenazes (*ashkenazim*) e sefarditas (*sefardim*) – entre os militares da Companhia.²¹²

Entre os neerlandeses da República e dos Países Baixos Espanhóis, os calvinistas deviam ser a maioria, mas isso pode não ser fixo. Também era abundante o número de luteranos entre os homens oriundos dos Estados Alemães e Suécia, apesar de não ter sido estabelecida qualquer congregação luterana no Brasil.²¹³ Católicos eram numerosos entre os franceses, mas também devia haver uma grande quantidade de huguenotes entre os homens da França, haja vista a construção de uma igreja francesa em Mauritsstad, em 1642. Aliás, as congregações inglesa e francesa no Brasil não eram separadas da igreja local, embora as pessoas oriundas dessas localidades tivessem encontros separados por conta das diferenças de idioma.²¹⁴ A despeito do grande número de homens falantes do “alemão” não havia uma “igreja alemã”. Isso porque o Conselho da Igreja não considerava sábio haver uma manifestação pública de divisão entre os protestantes, o que podia prejudicar a causa reformista.²¹⁵

Problemas religiosos dentro do exército da WIC forneceram mais elementos sobre a opção religiosa dos homens enviados ao Brasil. Desde o início da invasão houve muitas queixas contra soldados franceses que desertaram para o lado português por serem católicos, de acordo com os reivindicantes. Ainda sobre o mesmo problema, como referido anteriormente, em 1645, o Conselho Supremo queixou-se e pediu aos representantes da Companhia na República para que

²¹⁰ A Igreja Cristã Reformada do Brasil contou inclusive, entre seus quadros funcionais, com ex-membros do exército da Companhia das Índias Ocidentais, conforme foi observado anteriormente.

²¹¹ Foram encontradas informações sobre o batismo de soldados, um dos quais era possivelmente membro de um ramo protestante que rejeitava a prática do batismo no nascimento, e outro provável sectário de grupos cristãos que rejeitavam a prática do batismo. Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 151-152.

²¹² Wiznitzer, Arnold. ‘Jewish soldiers in Dutch Brazil (1630-1654)’. In *American Jewish Historical Society Publications*. Vol. 46:1, 1956, pp. 40-41; Breda, Daniel Oliveira. *Vicus Judaorum: Os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654)*. Natal: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Natal, 2007, pp. 99-100.

²¹³ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 268; Israel, Jonathan Irvine. ‘Religion Toleration in Dutch Brazil (1624-1654)’. In Israel, Jonathan Irvine; Schwartz, Stuart B. *The Expansion of Tolerance. Religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007, p. 21; De 47 ‘alemães’ analisados por Roelof van Gelder, quase todos eram luteranos. Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 68. Nas páginas 294 e 296, o autor neerlandês diz, em uma sucinta biografia dos recrutados da VOC, que Caspar Schmalkalden e Zacharias Wagener eram luteranos.

²¹⁴ Ver os casos do predicante Daniel Nepveu, contratado em 1636 para pregar na língua francesa e o já mencionado Thomas Kemp, que inicialmente atou como confortador dos doentes entre os ingleses. Ver respectivamente: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-01-1636 e NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 23-07-1636.

²¹⁵ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 74-76, 268.

nenhum francês “papista” fosse enviado ao Brasil, a não ser os de religião reformada, porque muitos deles passavam para o lado do inimigo.²¹⁶

Em ocasiões distintas, ataques às igrejas demonstram que havia radicais protestantes entre os membros do exército. Foi o que se observou na igreja jesuíta de Nossa Senhora da Graça, em Olinda. De acordo com evidências arqueológicas, antes de ser incendiado, o templo teve quatro imagens de santos católicos decapitadas, possivelmente vandalizadas por militares.²¹⁷ Uma inscrição feita em carvão encontrada durante a restauração dessa igreja levantou distintas interpretações por parte dos pesquisadores Gonsalves de Mello e F. L. Schalkwijk. Enquanto o primeiro acredita que a inscrição foi um lamento pela destruição de Olinda – e, portanto uma evidência de que entre os militares havia católicos que discordaram do ataque à igreja –, o segundo aponta que o escritor considerou a conflagração como um julgamento divino por sodomia – o que sugere a presença de radicais protestantes.²¹⁸ Vale lembrar que pilhagens e saques às igrejas e moradores promovidos por militares da WIC muitas vezes foram justificados por terem sido confiscadas “mercadorias de padres e prataria de igreja”, conforme mencionou em suas memórias o coronel polonês Christoffel Arciszewski.²¹⁹ Tais atitudes acirravam ainda mais as diferenças entre a Companhia e os locais, sendo uma das razões basilares do levante de 1645.²²⁰

Conclusão

Embora o capítulo não tenha sido escrito com o propósito único de contradizer o que P. C. Emmer afirmou em 1981, foi possível obter informações específicas sobre a origem social e geográfica dos soldados que serviram a WIC no Brasil. Esses dados serviram para contestar as generalizações feitas principalmente por historiadores como Netscher, Wätjen e Boxer e para formular um perfil da soldadesca recrutada pela Companhia e enviada aos milhares entre os anos de 1629 e 1653 – mas talvez não em números tão elevados como os propostos por V. Enthoven em artigo recente de 2005. Os militares da Companhia das Índias Ocidentais eram em sua maioria jovens e adultos estrangeiros, muitos sem qualquer experiência militar, de religião

²¹⁶ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 251-252.

²¹⁷ Albuquerque, Marcos. ‘Holandeses en Pernambuco. Rescate material de la Historia’. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, pp. 114-115.

²¹⁸ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 40, nota 22: “[...] *ist niet dyn eygen schult* [...] *ist niet* [...] *dat de sodomi* [...] *gepleegt en nae is gevolgt* [...] *daerom den grooten God te recht* [...]”.

²¹⁹ Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky’, p. 329.

²²⁰ Mesmo no tempo de governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen, dito como um período de maior tolerância religiosa, os moradores queixavam-se dos distúrbios praticados por soldados em igrejas católicas. ‘Documento 6. Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, p. 375.

protestante e com alguma formação educacional que lhes permitiu ascender de hierarquia. Eles normalmente eram oriundos das classes sociais mais baixas, mas não eram necessariamente destituídos e miseráveis conforme indicou a historiografia. Muitos deixaram para trás um trabalho, não fugindo necessariamente dos conflitos que assolavam a Europa, e outros se valeram de suas experiências anteriores e capacidades para mudar de condição no Brasil, algo também observado entre muitos dos recrutados pela VOC nos séculos XVII e XVIII. Obviamente, tal perfil não é fixo e foram encontradas exceções à regra, no que se refere principalmente ao estado civil – pois parte deles viajou com suas esposas ou as deixou na Europa –, opção religiosa, tipo de educação recebida e origem. Nessas tropas, homens vindos da República das Províncias Unidas não eram raros, constituindo mais ou menos 1/3 dos recrutados, e além da língua neerlandesa, a “alemã”, a francesa e a inglesa devem ter sido predominantes. Como esses homens foram arregimentados, o que os motivou a aceitar o trabalho na WIC e que tipo de contrato foi estabelecido com a Companhia serão tema do próximo capítulo.

Anexos

Fontes da tabela 1

- 1629:** Segundo Johannes de Laet foram enviado mais ou menos 3.500 soldados para o Brasil na expedição de 1629. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volume I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916, p. 222;
- 1630:** Em 1630, mais 860 soldados foram enviados ao Brasil. Eles faziam parte da expedição de auxílio de Marten Thijsz., que chegou ao Brasil em dezembro de 1630. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, p. 252;
- 1631:** Chegada de 26 militares. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 82, 22-10-1631;
- 1632:** Envio de 826 soldados. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, p. 332;
- 1633:** Envio de 1.685 soldados. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 370-371;
- 1634:** Envio de 3.519 soldados. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 430-431;
- 1635:** Envio de 572 soldados. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 506-507;
- 1636:** Envio de 2.570 soldados. Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 562-563;
- 1637:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 195, 23-09-1638 (Envio de 2.332 militares); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-11-1637 (Chegada de 7 militares); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-09-1637 (Chegada de 21 militares); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-12-1637 (Chegada de 8 militares);
- 1638:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 195, 23-09-1638 (Envio de 896 militares);
- 1639:** Charles R. Boxer indica a chegada de 1.200 homens ao Brasil, sem especificação a respeito de quem era soldado ou marinheiro. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 127;
- 1640:** Chegada de mais ou menos 2.500 militares, sem especificação da função. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 137;
- 1643:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 58, doc. 353, 02-01-1643 (Chegada de 43 militares);
- 1646:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647 (Chegada de 3.110 militares);
- 1647:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647 (Chegada 352 militares);
- 1648:** Chegada de cerca de 2.500 militares. Van Hoboken, W. J. 'Een troepentransport naar Brazilië in 1647'. In *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949, pp. 100-101 (Envio de cerca de 2.500 militares em 1647. Eles chegaram no Brasil em 1648);
- 1650:** NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 75, 15-05-1650 (Envio de 48 militares);
- 1651:** NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.32, doc. 7, 02-07-1651 (Envio de 99 militares).

Fontes da tabela 2

- 1630:** NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01 Vergadering van negentien (Heren XIX). B. Resoluties. Códice 2. Nótulas Secretas do Conselho dos XIX, 1629-1645, 27-05-1630, pp. 69-71

(corresponde ao número de militares enviados em 1629. O número possivelmente era menor, haja vista as mortes no percurso);

1631: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138 E, 26-10-1631. Foram incluídos doentes, jovens, licenciados, tambores, etc.;

1632: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 225, 12-11-1632. Montante não inclui 221 doentes, tambores, jovens e funcionários da artilharia, pois Waerdenburgh não fez especificações de quantos compunham cada grupo;

1633: ‘Relatório do Coronel Diederick van Waerdenburgh aos Estados Gerais. Datada de 11 de julho de 1633’. In *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945, pp. 111-116. Waerdenburgh contabilizou apenas os homens aptos para o serviço e excluiu os doentes e funcionários do trem. Ele não especificou quantos estavam doentes ou trabalhavam em serviços auxiliares;

1634: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01 Vergadering van negentien (Heren XIX). B. Resoluties. Códice 2. Nótulas Secretas do Conselho dos XIX, 1629-1645, 12-08-1634, pp. 219-220. Incluindo 875 doentes;

1635: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 100, 1635. Dos quais 888 encontravam-se incapacitados para o serviço;

1636: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 51, doc. 24, 11-06-1636. Em documento subsequente, o Conselho Político indica que força necessária para manutenção do Brasil era estimada em 6.000 homens, 550 dos quais em serviços auxiliares dos combatentes;

1637: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-01-1637. Número composto por 2.894 soldados do exército fixo e 204 soldados do exército flutuante. Marinheiros, pessoal do trem e artilheiros excluídos por terem seus montantes especificados. Também foram excluídos da contagem 600 indígenas armados e 400 indígenas do exército flutuante;

1638: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 114, 20-07-1638. Número que possivelmente não inclui a tropa do exército flutuante;

1639: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639. Incluindo 500 soldados doentes e excluindo-se 90 que iriam partir para Europa, possivelmente licenciados;

1640: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 55, doc. 55, 30-07-1640. Na lista geral do pessoal militar e dos comboios de julho de 1640 não foram incluídos na contagem 551 funcionários do trem, 200 homens feitos prisioneiros pelos portugueses e 200 possíveis licenciados, que estavam voltando para a Europa. O número elevado de militares deve ser em decorrência da expedição de 1641. Ver próxima data;

1641: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 56, doc. 235, 19-07-1641. Não incluímos 471 funcionários do trem. Vale lembrar que o montante era muito maior, já que 1.866 homens partiram na expedição de Jol à África, em maio de 1641, antes dessa inspeção. Sobre os números da expedição ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 56, doc. 237, 30-05-1641;

1642: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 57, doc. 38, 24-07-1642. Dado referente à inspeção do pessoal militar de diversos locais, que foram inspecionados no dia 24 de julho de 1642. Foram incluídos escreventes, jovens, tambores, etc. O documento também contém várias outras inspeções: militares por câmara (4.367), pessoal do trem (820) e dos navios (693);

1643: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.21, doc. 2 (1643). Número substancialmente menor deve-se à reforma das tropas feita em 1642. Elas foram reduzidas por conta do elevado gasto que a WIC tinha para mantê-las;

1644: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 53, 29-12-1644. Não incluídos 605 homens da marinha e do trem. Na mesma inspeção consta que 338 homens do exército, marinha e do trem estavam voltando para a Europa;

1645: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 18-09-1645. Informação retirada da ata diária de 18 de setembro de 1645, onde consta que esse número de soldados era baseado em uma relação feita no dia 29 de setembro de 1645 e em 4 de janeiro de 1646. Citada em: Mello, José

Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, pp. 77-78, nota 122;

1646: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 18-09-1645. Ver data anterior. Não foram computados os 3.110 homens que chegaram entre 29 de fevereiro de 1646 e 13 de novembro de 1646. A chegada de tropas seria parte do esforço para enfrentar os portugueses rebelados. Ver: 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647;

1647: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.21, doc. 1, 1647. Não foram computados os 357 homens que chegaram entre 3 de janeiro de 1647 e 25 de março de 1647, cuja referência foi citada na data anterior;

1648: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 15, 22-06-1648. Foram incluídos 1.010 soldados inaptos para o serviço e excluídos 127 que retornaram para a Europa. O elevado número de baixas deve-se às baixas ocasionadas pela primeira Batalha dos Guararapes, em 19 de abril de 1648;

1649: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 85, 14-09-1649. Valor que corresponde ao período após a segunda Batalha dos Guararapes – 19-02-1649 – e que inclui 367 doentes. Para o confronto contra os portugueses foi enviada uma força de 3.510 homens – NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 12, 19-02-1649. Do total apresentado, 1.046 foram mortos, de acordo com os seguintes documentos: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, docs. 22, 23, 24, 25, 26 e 27, 19-02-1649;

1650: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 6, 15-02-1650. Foram excluídas 100 pessoas que partiram para a Europa;

1651: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 17, 18-01-1651. Desse valor, foram subtraídas 337 pessoas, entre homens que voltaram para a Europa, que serviam no trem ou que eram o “povo” dos capitães de campo;

1653: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses. 1957-58*. Vol.2. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000, pp. 155-156. Incluindo 361 homens incapacitados;

1654: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 67, doc. 83, 29-01-1654. Subtraídos 30 funcionários do trem.

Capítulo 2: Engajamento na Companhia das Índias Ocidentais

“Ocorreu, então, na cidade de Middelburgo, um episódio curioso com dois rematados velhacos, que naquele país se chamam vendedores de cristãos, pois toda a sua arte está em enganar os jovens estrangeiros, que observam, e persuadi-los a fazer a viagem das Índias; seduzem-nos e lhes descrevem os países distantes como um paraíso terrestre, que proporciona todas as felicidades desejáveis; prometem uma grande fortuna; retêm-nos em suas casas com grande estima e fornecem-lhes dinheiro até o momento da partida, quando mandam apreender e reter os ordenados desses tolos, logo que embarcam, pela despesa feita em sua casa, contada ao quádruplo daquilo que vale. Procedem de tal modo que, em dois meses, fazem-nos gastar o que no futuro só poderão ganhar em dois anos [...]”.²²¹

Em fins da década de 40 do século XVII, o francês Pierre Moreau, escolhido como secretário de um dos membros do governo neerlandês do Brasil, Michiel van Goch, por sua vez nomeado para compor o novo governo da conquista após a saída de Nassau em 1644, juntamente com Walter van Schonenburgh e Hendrik Haecxs, escreveu em *Histoire des derniers troubles du Brésil* algumas breves informações a respeito da atuação dos alistadores de soldados para as Índias, chamados por ele de “vendedores de Cristãos” (*vendeurs de Chrestiens*). Pouco depois da publicação da versão francesa do relato de Moreau, em 1651, foi feita em Amsterdã uma tradução neerlandesa – *Klare en Waarachtige Beschryving van de leste Beroerten en Afval der Portugezen in Brasil* – na qual o tradutor J. H. Glazemaker utilizou-se de outro termo para traduzir as palavras de Moreau referentes aos alistadores de soldados para as Índias: *zielkoper*, ou seja, “comprador de almas”. Glazemaker não se confundiu ao traduzir “vendedores de Cristãos” por “compradores de almas”, uma vez que ele quis se referir a pessoas envolvidas em um sistema oficioso de agenciadores que trabalhavam no fornecimento de gente de baixa patente para as companhias de comércio neerlandesas – VOC e WIC – e para o Almirantado. Eles circulavam pelos portos e ruas de cidades neerlandesas e procuravam abordar desempregados e estrangeiros recém-chegados à República com a intenção de atraí-los com falsas promessas para o serviço das Companhias e do Almirantado.²²²

²²¹ Moreau, Pierre. ‘Histoire des derniers troubles du Brésil’. In *Relations véritables et curieuses de l’isle de Madagascar et du Brésil: avec l’histoire de La dernière guerre faite au Brésil entre les Portugais et les Hollandois: trois relations d’Egypte, et une du royaume de Perse*. Paris: Augustin Courbé, 1651, pp. 193-195; Versão neerlandesa de 1652: Pierre Moreau. *Klare en Waarachtige Beschryving; Van de leste Beroerten en Afval der Portugezen in Brasil; Daar in d’oorsprong dezer zwaarigheden en oorlogen klareljk vertoont worden*. Amsterdam: Jan Hendriksz. en Jan Rieuwerts. Boekverkopers, 1652, pp. 86-87; Para a citação em língua portuguesa, foi utilizada a tradução para o português: Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, pp. 135-136 (Cd-Rom).

²²² Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, pp. 81-83; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping: Financial Bonds of Seamen Ashore in the 17th and 18th

Os recrutadores descritos por Moreau possivelmente eram donos de alojamentos – por sua vez conhecidos como “proprietários de gente” (*volkhouders*) ou “proprietários de albergue” (*gasterijhouders*) – e procuravam fazer com que seus convidados ficassem hospedados em suas acomodações até que eles gastassem todo o dinheiro que tinham e passassem a consumir a crédito enquanto aguardavam o período de recrutamento. Quando o tempo de alistamento chegava, eram então forçados a entrar a serviço de umas das companhias comerciais ou no Almirantado para pagarem seus débitos. Se as contas dos seus hóspedes fossem tão elevadas que eles não pudessem pagar com o dinheiro recebido pelo recrutamento – usualmente dois meses de salário adiantados –, os recrutados eram impelidos a assinar uma “carta-transporte”, ou *transportbrief*,²²³ também freqüentemente referida como *transportceel*, que permitia ao portador sacar dinheiro da conta do recrutado ao final do tempo de serviço ou uma vez ao ano,²²⁴ de forma a saldar o débito com o dono do estabelecimento onde havia ficado alojado. Essa espécie de nota promissória normalmente era revendida a terceiros ou para os credores do dono do alojamento, que compravam a carta por um valor abaixo do débito atestado na cédula. Por causa da revenda da *ceel*, esses indivíduos passaram a ser chamados de *zielverkopers*, ou “vendedores de alma”. A palavra *ceel* – cédula – foi alterada, no jargão popular, para *ziel* – alma –, ou seja, *zielverkoper* e *zielkoper*, que significam respectivamente “vendedor de alma” e “comprador de alma”.²²⁵ Durante o século XVII e nas primeiras décadas do século XVIII, havia pouca diferença entre compradores e vendedores de almas. Normalmente, os primeiros também eram ativos aliciadores/recrutadores e mantinham as *transportbrieven* de seus “hóspedes” com eles. Além disso, eles compravam as notas promissórias de outros aliciadores menos afortunados. Só por volta de 1660 a compra de notas desenvolveu-se em uma profissão distinta.²²⁶

Century’. In Bruijn, J. R.; Bruyns, W. F. J. (Eds.). *Anglo-Dutch Mercantile Marine Relations 1700-1850. Ten Papers*. Amsterdam/Leiden: Rijksmuseum ‘Nederlands Scheepvaartmuseum’ Amsterdam/Rijksuniversiteit Leiden, 1991, p. 125.

²²³ Glazemaker chama as cartas-transporte – *transportbrieven* – de cartas de dívida (*schuldbrieven*). Pierre Moreau. *Klare en Waarachtige Beschryving: Van de leste Beroerten en Afval der Portugezen in Brasil*, p. 87.

²²⁴ Período de tempo para o saque da conta daqueles recrutados pela Companhia das Índias Orientais. É de se supor que a WIC seguisse regras similares à VOC. Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, pp. 63-64. Marc van Alphen fala que o dinheiro poderia ser sacado em um período entre 1 ano e meio e 2 anos, mas ele estudou a atuação dos compradores de carta-transporte em um momento posterior. Alphen, Marc van. *Handel en Wandel van de transportkoper. Opkopers van VOC-transportbrieven in Enkhuizen (1700-1725)*. Amsterdam: Doctoraalscriptie geschiedenis Universiteit van Amsterdam, 1988, p. 84.

²²⁵ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, pp. 63-64; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, p. 127; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duiters in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, p. 137. O melhor estudo a respeito da atuação desses agenciadores foi feito por Marc van Alphen na dissertação de mestrado *Handel en Wandel van de transportkoper*, de 1988, no qual ele estuda a atuação dos compradores de carta-transporte de alistados na VOC em Enkhuizen entre os anos de 1700 e 1725. Alphen, Marc van. *Handel en Wandel van de transportkoper*.

²²⁶ Jacobs, Jaap. *New Netherland. A Dutch Colony in Seventeenth-Century America*. Leiden: Brill, 2005, pp. 51-52; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, pp. 79-80, 130.

As páginas seguintes serão destinadas a uma melhor compreensão de como funcionava esse sistema não oficial de fornecimento de gente de baixa patente para a WIC. Porém, essa forma de recrutamento não era a única maneira de obter pessoal, uma vez que a WIC também se valeu de empréstimos de pessoas recrutadas pelos Estados Gerais, de gente recrutada individualmente nas Casas da Companhia das Índias – sem que tivessem sido impelidos pela ação de *zielverkoopers* ou *volkhouders* – e de pessoas arregimentadas por militares comissionados. A motivação dos alistados a seguirem para o Brasil também será objeto de análise desse capítulo, ao mesmo tempo em que se buscará obter mais subsídios a respeito de como os recrutados obtinham informações sobre a WIC e sua oferta de trabalho.

2.1 Recrutamento

O artigo II do “Privilégio Concedido pelos Senhores Plenipotenciários dos Estados Gerais à Companhia das Índias Ocidentais” (*Octroy bij de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie*) dava à WIC autonomia para recrutar – utilizando-se do nome dos Estados Gerais – “gente de guerra” (*Volck van Oorloghe*) “para todos os serviços necessários e conservação dos locais” sob seu jugo.²²⁷ Portanto, a Companhia podia recrutar pessoas para seu exército da maneira como julgasse mais conveniente. Além disso, conforme o artigo V do mesmo “Privilégio”, a WIC também podia receber, em caso de necessidade, empréstimos de tropas dos Estados Gerais para defesa do comércio e das terras ocupadas, com a condição de que os homens fornecidos fossem pagos e mantidos pela Companhia.²²⁸ Empréstimos desse tipo foram observados em 1639, quando os Estados Gerais cederam à Companhia mil homens, cuja maior parte era proveniente de companhias alemãs que serviam ao exército da República. Em contrapartida, a WIC devia pagar 20 florins a cada capitão “por cabeça” (*voor ieder hooft*) recrutada, dívida esta nunca paga.²²⁹ No ano de 1647, um novo empréstimo de tropas foi concedido à WIC. Dessa vez, os Estados Gerais autorizaram o envio de 6.000 homens ao Brasil. Essa tropa seria

²²⁷ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621. Mette Ampliatien van dien, ende Het accord tusschen de Bewint-hebberen ende Hooft-participanten vande selve Compagnie, met approbatie vande Hoog: ende Mog: Heeren Staten Generael ghemaectt.* 's Graven-Haghe: By de Weduwe, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrant Jacobssz. Van Woum, Ordinaris Druckers vande Hog: Mog: Heeren Staten Generael, 1623.

²²⁸ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621: “V. Ende alsoo tot plantinghe verseeckeringhe ende defensie van desen handel oock noodigh sal zijn eenigh krijghs-volck mede te nemen. Sullen ny naer de Constitutie van 't Landt ende ghelegentheyte van saken de voorsz Compagnie voorsien met sodanigh Volck van Oorloge van Commandement ende van Fortificatien als noodigh sal wesen mits dat die by de Compagnie sullen worden betaelt ende onderhouden”.*

²²⁹ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland’. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, p. 135; Ver também: Capellen, Alexander van der. *Gedenkschriften van jonkheer Alexander van der Capellen, Heere van Aartsbergen, Boedelhof, en Mervelt. Beginnende met den Jaare 1635, en gaande tot 1654*. Tweede Deel. Utrecht: J. v. Schoonhoven en Comp., 1778, p. 39.

recrutada entre 80 companhias do *Staatse Leger*.²³⁰ Mas não mais que dois mil e quinhentos homens foram enviados ao Brasil, incluindo os recrutados de outra maneira pela própria Companhia. Esses homens faziam parte da expedição de socorro comandada pelo almirante Witte Cornelisz. de With que chegou ao Recife no início de 1648.²³¹ Em suas memórias, Alexander van der Capellen – que foi presidente do comitê para assuntos das Índias Ocidentais – fez comentários a respeito desse empréstimo de tropas para a WIC e da maneira como os comissários de recrutamento dos Estados Gerais foram às guarnições do *Staatse Leger* procurar por capitães voluntários para a expedição de socorro ao Brasil. Como mencionado, o número de voluntários para a expedição foi muito reduzido em relação ao esperado porque havia pouco ânimo entre soldados e oficiais em aceitar o serviço. Havia ainda muito descontentamento entre os capitães por conta de dívidas pendentes com os Estados Gerais e resistência em servir no Brasil, onde a revolta dos moradores já havia estourado desde meados de 1645. Segundo Van der Capellen, a abordagem dos comissários aos militares também foi errada, principalmente em relação aos oficiais, ameaçados de demissão caso fossem relutantes em aceitar o trabalho no Brasil. Em outra passagem, Van der Capellen menciona que os Estados Gerais, em uma tentativa – que não obteve grandes resultados – de aumentar a quantidade de voluntários e completar o número estipulado, tentou estimular os capitães com um prêmio pecuniário de 4 *Reichsthalers* pelo recrutamento de 50 “cabeças”. Dessas 50 “cabeças”, 33 seriam recrutadas pelos capitães, 10 pelos tenentes e 7 pelos alferes.²³²

Ao observar essa maneira de proceder dos comissários de recrutamento dos Estados Gerais é possível perceber semelhanças com a forma usada pelos Estados Gerais para recrutar suas próprias tropas, o que normalmente era feito através do fornecimento de companhias, batalhões e regimentos inteiros contratados a particulares, muitos dos quais capitães e oficiais de alta patente que forneciam seus serviços a quem necessitasse de pessoal militar.²³³ Nesse período,

²³⁰ Para a estimativa de custo de envio e manutenção desses 6.000 homens (5.400 soldados e 600 oficiais), ver: NL-HaNA_SG 1.01.04, inv. nr. 5759, 20-08-1647.

²³¹ Capellen, Alexander van der. *Gedenkschriften van jonkheer Alexander van der Capellen*, pp. 189; Hoboken, W. J. van. ‘Een troepentransport naar Brazilië in 1647’. In *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949, pp. 100-101; Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955, pp. 40-43.

²³² Capellen, Alexander van der. *Gedenkschriften van jonkheer Alexander van der Capellen*, pp. 188-192; Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 40-43. Mais informações sobre o procedimento podem ser observadas em um documento do Conselho do Estado das Províncias Unidas em Haia, datado de outubro de 1647. O texto, baseado em resoluções dos Estados Gerais de setembro e outubro de 1647, discorre principalmente sobre o que os comissários deveriam oferecer aos recrutados e capitães para incentivá-los a aceitar o serviço. NL-HaNA_SG 1.01.04, inv. nr. 5759, 07-10-1647.

²³³ Para obter mais informação sobre o assunto ver: Zwitter, H. L. ‘*De militie van den staat: het leger van de Republiek der Verenigde Nederlanden*’. Amsterdam: Van Soeren & CO, 1991, pp. 40-41; Nimwegen, Olaf van. ‘*Deser landen krijchsvolk*’. *Het Staatse leger en de militaire revoluties (1588-1688)*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2006, pp. 40-43; Brandon, Pepijn. ‘Finding solid ground for soldier’s payment. Military soliciting and brokerage practices in the Dutch Republic

o recrutamento de grupos inteiros de militares era corrente em vários locais da Europa, inclusive na República das Províncias Unidas. De acordo com Frank Tallett, no início da Idade Moderna, existiam dois métodos para recrutar gente de guerra: a concessão de comissões para alistamento e a elaboração de contratos para recrutamento. No primeiro procedimento, um governo apontava um capitão para recrutar um número determinado de homens de uma determinada área do território. Na segunda forma, o governo negociava a “entrega” de tropas, recrutadas fora das fronteiras territoriais do governo, em um determinado local e tempo, em troca de pagamento estipulado em um contrato. Apesar da diferenciação entre as duas maneiras de recrutar, pode-se considerá-las variações de um mesmo tipo. Tanto no recrutamento via comissão, quanto no alistamento por contrato, o capitão ou um oficial de patente mais elevada – comissionado ou contratado – comandava uma companhia ou regimento que ele havia recrutado. Ele era uma espécie de empresário que havia investido em sua companhia/regimento e procurava obter lucro através da venda de comissões, imposição de taxas para promoção, retenção de parte do soldo e outros métodos como botim e pilhagem. Cada um dos capitães ou oficiais tratava suas companhias/regimentos como se fossem suas propriedades.²³⁴ As companhias e/ou regimentos inteiros contratados a particulares normalmente tinham origem em algumas das áreas do mercado internacional de tropas: Estados Alemães, Itália, Suíça, Países Baixos, Escócia e Irlanda. Na chamada “capitulação” (*capitulatie*), como os contratos eram nomeados, eram determinadas quantas tropas seriam recrutadas e onde elas deveriam ser recrutadas, quanto tempo de serviço os recrutados prestariam, quais seriam os oficiais apontados para comandar o(s) grupo(s) reunido(s), quando as companhias deviam estar completas e onde elas seriam passadas em revista.²³⁵ Esse sistema de recrutamento via particulares existiu na Europa até fins do século XVIII, mas as atividades desses “empresários militares” chegaram ao auge nas décadas de 20 e 30 do século XVII, quando comandantes chegaram a recrutar, por conta própria, regimentos ou mesmo exércitos inteiros.²³⁶

Apesar da existência de um grande mercado de guerra na Europa, são poucas as informações a respeito da contratação de regimentos inteiros por alguma das companhias de

(1648-1795)’. In *XVth World Economic History Congress, The spending of the States. Military expenditure during the long eighteenth century: patterns, organisation and consequences, 1650-1815*. Utrecht, 2009.

²³⁴ Anderson, M. S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988, pp. 45-46, 49-50; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, pp. 69, 72; Sobre o uso das companhias como propriedades privadas ver também: Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 304.

²³⁵ Nimwegen, Olaf van. ‘*Deser landen krijchsvolck*’, pp. 40-41; Zwitter, H. L. ‘*De militie van den staat*’, p. 42; Segundo Olaf van Nimwegen, na República, após 1621, a necessidade de contratar tropas para a realização de novas operações militares aumentou consideravelmente por conta da retomada das hostilidades com a Espanha – fim da Trégua dos Doze Anos.

²³⁶ Anderson, M. S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*, pp. 47-48.

comércio neerlandesas. Isso talvez esteja relacionado ao fato de que a República recebia grande quantidade de estrangeiros, sendo estes absorvidos por elas sem a necessidade de recrutar gente no exterior. Mas como devia haver momentos de maior ou menor oferta de mão-de-obra, além da concorrência com o mercado de trabalho local e entre as próprias companhias, a solução era buscar tropas fora das fronteiras das Províncias Unidas.²³⁷ No século XVIII, por exemplo, a VOC contratou temporariamente a um duque alemão um regimento de infantaria de dez companhias de 175 homens e uma companhia de artilharia. Sabe-se também que em fins do século XVIII, recrutadores da VOC atuaram por áreas de Oostende e Dunquerque.²³⁸ Ainda no século XVIII, a *Directie van Suriname* – chamada inicialmente de *Sociëteit van Suriname* –, companhia privada neerlandesa que colonizou o Suriname e da qual a WIC deteve controle parcial, tentou recrutar pessoal – por intermédio de um duque alemão – em cidades na fronteira da República. Por volta de 1780, a *Directie van Suriname* começou a contratar gente para seu exército nos Estados Alemães. Em 1783, um acordo com um príncipe alemão de Salm-Kyrburg, na Renânia, também garantiu à *Directie* mais de 800 recrutas.²³⁹

Em relação à WIC, excetuando os empréstimos supracitados, poucas foram as evidências de que a Companhia recrutou agrupamentos inteiros de militares à maneira como se fazia na República. Quando Van der Capellen, em outra passagem de suas memórias, escreveu que a Companhia tinha contratado, em 1639, cerca de 1.300 a 1.400 homens, ele não mencionou a forma como esses homens foram recrutados. Mas quando Van der Capellen falou do empréstimo de mil homens oriundos de diversas companhias alemãs do exército da República, ele especificou que a WIC precisou pagar aos capitães por cabeça emprestada, ou seja, a Companhia passou a ter uma dívida com os capitães que possivelmente recrutaram seus homens através de um contrato lançado anteriormente pelos Estados Gerais.²⁴⁰ Portanto, a WIC utilizou o “Privilégio” outorgado para recrutar, através de um empréstimo, um agrupamento inteiro de militares e esses, por sua vez, tinham sido recrutados da maneira vigente na República das Províncias Unidas, isto é, através de concessões para alistamento dadas a capitães/oficiais ou por meio do estabelecimento de contratos para entregas de grupos específicos de militares. Talvez tenha sido embasada nessa autonomia para recrutar que a WIC, em meados de 1633, “comprou” um regimento inteiro de “soldados experientes” do Príncipe de Orange para enviar de reforço ao Brasil. O documento não é claro a respeito da “compra”, que deve ter sido uma espécie de

²³⁷ É importante mencionar também que a maneira de recrutar deve ter passado por alterações ao longo dos séculos XVII e XVIII.

²³⁸ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 130. Apesar dos exemplos dados por Van Gelder, ele diz que poucos são os indícios de que a VOC tenha recrutado gente no exterior.

²³⁹ Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëteit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*. Velp: Scriptie Rijksuniversiteit Utrecht, 1984, pp. 5; 70-71.

²⁴⁰ Capellen, Alexander van der. *Gedenkschriften van jonkheer Alexander van der Capellen*, p. 39.

aluguel de militares.²⁴¹ A WIC podia ainda buscar grupos inteiros de militares fora das Províncias Unidas. Em 1646, por exemplo, cogitou-se recrutar 900 militares no “Reino da Inglaterra”. Um major, Jacob de Clair, seria enviado e auxiliado por um comissário da Companhia que lá residia, Thimoteus Cruso. O plano não parece ter sido concretizado.²⁴²

Todavia, a Companhia também se valeu de uma forma de recrutamento distinta – e menos custosa – dos empréstimos de tropas aos Estados Gerais, da compra de companhias inteiras a particulares e do possível arregimentamento de tropas no exterior. Isso nos faz voltar ao episódio descrito por Pierre Moreau, já que a WIC se utilizou dos *zielverkopers* – ou *volkbouders* – para pôr gente em suas fileiras. No evento descrito pelo cronista, seis jovens franceses foram abordados em Midelburgo por dois aliciadores que intentaram seduzi-los com propostas de glórias e vantagens a serem adquiridas com a viagem às Índias. Os aliciadores perguntaram aos franceses se eles não queriam “imitar tantos belos jovens que empreendiam a viagem ao Brasil” e continuaram a falar de mais benefícios a serem obtidos com a futura viagem ao dizer que “o país era em si mesmo excelente, a guerra boa, os neerlandeses tinham predomínio sobre os portugueses e se enriqueciam com os seus bens, que estavam entregues ao saque”.²⁴³

Em outra ocasião, decorrida muito tempo depois – setembro de 1694 –, uma aproximação semelhante foi feita a dois irmãos alemães de Halberstadt recém-chegados a Amsterdã. Após perambularem sem saber realmente o que fazer, eles foram abordados por homens bem vestidos e fluentes no alto-alemão que lhes perguntaram se eles tinham alojamento e se eles não tinham interesse em ir para as Índias. Porque eram compatriotas, disseram querer ajudar os irmãos, que se sentiram confiantes em aceitar a oferta de alojamento. Em 1752, o alemão Georg Naporra, ainda no navio que o tinha trazido a Amsterdã, teve sua embarcação abordada por pequenos barcos que circulavam com homens falantes do idioma alemão, a oferecer alojamentos aos passageiros. Mas ao contrário dos irmãos Raetzel, Naporra já tinha sido advertido pelo capitão de sua embarcação a respeito dessas pessoas e de suas intenções.²⁴⁴ De

²⁴¹ A tropa “comprada” foi cedida temporariamente ao Príncipe de Orange, adiando o envio desse pessoal ao Brasil. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 08-07-1633: “*Wij verkopen tot ons versouck van een Regiment geoeffende oude soldaten wel te geraken, doch alsoo sijn Ex.e [Prince van Orangien] wat groots noch op den vijant schijnt voor te hebben, soo sijn wij beducht sijn wel gemelte Ex.e de selve soldaten noch voor desen tocht sal willen gebruiken, soo dat het wel een maent ofte twee in het aenstaende somer sijsoen wesen mochte eer die aldaer sullen comen te arriveren [...]*”. Também se mencionou que essa gente seria comandada por um comandante experiente (“*onder t beleijt van een clouck wel geexperimenteert hoofd*”). Talvez fosse o comandante polonês Christoffel Arciszewski, nomeado em abril de 1634 e que voltou ao Brasil com um grande contingente de militares em agosto de 1634. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 08-09-1634; Warnsinck, J. C. M. *Christoffel Artichewsky. Poolsch krijgsoverste in dienst van de West-Indische Compagnie in Brazilië, 1630-1639*. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1937, pp. 7-8.

²⁴² Os militares iriam compor a frota de socorro ao Brasil após o início da rebelião. Winter, P. J. van. *De Westindische Compagnie ter Kamer Stad en Lande*. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1978, pp. 152-153, nota 47. Para mais detalhes do plano e do procedimento, ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 2, 25-04-1646.

²⁴³ Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’, pp. 135-136.

²⁴⁴ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 137, 139-140.

maneira análoga, os jovens franceses puderam se safar da investida dos aliciadores de Midelburgo, pois um deles tinha acabado de chegar do Recife e avisara aos outros recém-chegados da França sobre a realidade na conquista.²⁴⁵ Aliás, a fama dos vendedores de almas e de suas práticas de aliciamento já era conhecida em certas partes dos estados alemães, o que ajudou muita gente a se safar de suas práticas. Van Gelder, em relação à VOC, diz que esse tipo de notícia corria rápido. Ao longo dos caminhos dos Estados Alemães, informações eram compartilhadas nas hospedarias sobre as rotas, perigos, possibilidades de obtenção de trabalho e como os *zielverkoopers* trabalhavam. Em uma carta aos Senhores XVII – diretores da Companhia das Índias Orientais –, datada de 1780, foi mencionado que as práticas “assustadoras” dos vendedores de alma estavam afastando possíveis recrutas.²⁴⁶

A maior parte dos convidados dos aliciadores devia ser de gente desempregada ou ex-empregada das Companhias de Comércio que, por iniciativa própria ou através de um recrutador, viajava em busca de ocupação para alguns dos portos ou locais onde existiam Casas da Companhia – sítios estes escolhidos pelos *zielverkoopers* para pôr em ação suas práticas. As duas categorias requeriam uma abordagem diferente, embora o plano fosse simples: atraí-los para as suas acomodações ou de seus patrões – *volkhouder* – e fazê-los consumir alimentos, bebidas, fumo, ter encontros com prostitutas que lá coabitavam e envolvê-los em jogos de azar até que seu dinheiro acabasse.²⁴⁷ Então, os hóspedes passavam a viver de crédito até que a WIC, VOC ou o Almirantado abrissem um dos seus escritórios para recrutamento. Assim, os aliciadores compeliavam e levavam seus clientes para serem recrutados em troca do recebimento do dinheiro devido pelo alojamento, alimentação e equipamento de viagem fornecido. Como mencionado, o dinheiro para o pagamento dos *zielverkoopers* era normalmente oriundo dos dois meses de salário adiantados pagos antes do embarque dos recrutados (*2/m op de hand*)²⁴⁸ e, quando necessário, as *transportbrieven* eram feitas para o pagamento de dívidas – muitas vezes calculadas exageradamente – ainda pendentes com os donos dos alojamentos. Nessas *transportbrieven*, os recrutados indicavam

²⁴⁵ Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’, pp. 135-136.

²⁴⁶ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 44, 130, 141; Ver também: Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, pp. 82-83.

²⁴⁷ Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, pp. 125, 131.

²⁴⁸ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.41, 1654: “Betaelt aen 42 soldaten voor 2/m op de hand volgens volle gheveeckent”; Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 694/50, 06-03-1632: “[...]dat de WIC, de soldaten bestemd door Brazilië en West Indie, gelijck monstert en op de hand betaalt hetgeen bedongen is”; Outros exemplos do recebimento desse dinheiro foram observados em: Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l’Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. ’s-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1930, p. 5; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 263-264.

que os saldos das suas contas deveriam ser transferidos para os portadores, alguns dos quais ex-credores.²⁴⁹

Nas vizinhanças de onde atuavam os aliciadores, alojamentos, bares e bordéis compunham uma mistura difícil de ser diferenciada. Em 1644, antes de assinar contrato com a WIC para ir ao Brasil, Peter Hansen, junto com um amigo, possivelmente passou por um desses locais. Lá, eles foram encaminhados pela “dona da casa” para um jardim na parte posterior do recinto onde foram servidos de vinho por “uma moça tão elegantemente vestida que qualquer um teria pensado que se tratava de uma senhora da nobreza”. Na verdade, tratava-se de uma prostituta disposta a oferecer seus serviços aos dois forasteiros. Hansen disse ter fugido do recinto quando outra moça o abordou, por ainda ser “muito jovem e sem experiências nesses assuntos”.²⁵⁰ Foi nesses tipos de acomodações, criadas para dar abrigo a pessoas que procuravam emprego ou diversão, que os proprietários de alojamentos, tabernas e bordéis construíram, no decorrer do século XVII, uma espécie de reservatório de emprego para o Almirantado, VOC e WIC.²⁵¹ Entre os clientes, como já mencionado, estavam ex-empregados das Companhias de Comércio. Em geral, aqueles que não tinham deixado a família para trás eram cobiçados pelos donos de alojamento por terem acabado de receber o dinheiro referente aos anos de serviço passados nas Índias. Alguns desses homens desembarcavam dos navios, sacavam o dinheiro de suas contas nos escritórios das Companhias e, em seguida, instalavam-se em hospedarias e bordéis, onde levavam algumas semanas vivendo faustosamente, o que lhes rendera o apelido de “nobres das seis semanas”, em uma alusão ao tempo usual para que desperdiçassem todo o dinheiro ganho em anos de trabalho nas Índias. Esses tipos eram tão popularmente conhecidos que suas atitudes foram mencionadas em uma canção de marujos da VOC.²⁵² O folclore em torno dos viajantes das Índias era tão grande que acabaria influenciando alguns historiadores que escreveram sobre os ex-funcionários das companhias neerlandesas de comércio. Eles acabaram

²⁴⁹ Alphen, Marc van. *Handel en wandel van de transportkoper*, pp. 10-11; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, pp. 125-127; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 31, 137; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, pp. 55, 62-64.

²⁵⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, p. 65. Ele a agrediu com um soco e discutiu com o amigo por tê-lo levado ao prostíbulo.

²⁵¹ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, p. 63.

²⁵² Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 78; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, p. 125; Pol, Lotte C. van de. *Het Amsterdams boordom. Prostitutie in de zeventiende en achttiende eeuw*. Amsterdam: Uitgeverij Wereldbibliotheek, 1996, p. 141; Camerata Trajectina. *Van Varen en Vechten. Lieder van de Verenigde Oost-Indische Compagnie (1602-1795)/Shanties of the Dutch-East India Company*. Globe Records, 2002, Faixa 2, ‘Oost-Indisch Vaarders Lied/East indiamen’s shanty’ (Willem Schellinger, ‘t Volmaeckte en Toe-geruste Schip, Amsterdam 1678): “[...] Hoe sietmen hier braveeren / Ons Indies-vaarders koen / Met schoone zijde kleren, / Wie ’t best hem voor kan doen; / En nu soo zijn sy Heeren, siet, / Maer ’k meen al van ses weecken / Voorwaer ook langer niet.[...]”. A citação de canções da VOC foi inspirada no artigo de Jaap Jacobs, que utilizou esse tipo de fonte para falar das motivações que atraíam homens ao serviço das Companhias de Comércio neerlandesas. Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’. Para mais informações sobre canções de marujos ver: Davids, C. A. *Wat lijdt den Zeeman al verdriet. Het Nederlandse zeemanslied in de zeiltijd (1600-1900)*. ’s-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1980.

sem mencionar que nem todos os contratados pertenciam a esse grupo de solteiros bebedores, amantes do álcool e das prostitutas – isso considerando forçosamente que todos os não casados e casados agissem da mesma maneira após o retorno.²⁵³

O alemão de Nuremberg, Stephan Carl Behaim, antes de embarcar para o Brasil, em 1636, foi parar num desses alojamentos de Amsterdã. Apesar de não existir nenhuma prova direta de que ele foi vítima de um *zielverkoper*, ele foi ameaçado e assediado a pagar por dívidas contraídas em um alojamento. Conforme escreveu ao meio-irmão, ele também se sentia como um prisioneiro em seu alojamento, possivelmente por conta da vigilância feita pelo dono da estalagem ou por funcionários do estabelecimento onde estava. Como não tinha condições de pagar a dívida e seu credor estava negando-lhe qualquer ajuda financeira, ele foi obrigado a entrar a serviço da WIC. Stephan Carl, dado o estilo perdulário, era o tipo ideal de presa dos agentes de recrutamento: tinha forte inclinação para jogatina, era dado a bebedeiras e era um possível freqüentador de bordéis.²⁵⁴ Sua dívida com o mantenedor do seu alojamento chegara aos 225 florins, que somada a outros gastos com seu principal credor aproximara-se de 300 florins.²⁵⁵ O montante da despesa com o alojamento foi pago pelo credor do jovem Behaim, Abraham de Braa, banqueiro, comerciante e principal contato de Stephan Carl para obtenção de dinheiro em Amsterdã. Caso Behaim tivesse assinado uma *transportbrief* para repor os gastos feitos no alojamento, o portador teria arcado com algum prejuízo, visto que Stephan faleceu em um hospital no Recife, em 1638, por volta de dois anos após partir de Texel. A Companhia, através do credor de Behaim, enviou para o meio-irmão e tutor 23 florins de saldo de sua conta, referente à soma total de todos os seus bens.²⁵⁶

²⁵³ Ver o debate feito por Manon van der Heijden e Danielle van den Heuvel a respeito das mulheres de marinheiros que dependiam dos salários dos maridos que estavam nas Índias e do mito do marinheiro sem vínculos na Europa. É possível dizer o mesmo a respeito dos militares da WIC que foram ao Brasil – ver o capítulo primeiro. Para mais informações ver: Heijden, Manon van der; Heuvel, Danielle van den. “Sailors’ families and the urban institutional framework in early modern Holland”. In *The History of the Family*. Volume 12, Issue 4, 2007. Ver também: Heuvel, Danielle van den. *‘Bij uijtlandigheijt van haar man’*. *Echtgenotes van VOC-zeelieden, aangemonsterd voor de kamer Enkhuizen (1700-1750)*. Amsterdam: Aksant, 2005.

²⁵⁴ Carta de M. Jacobus Tydaeus para Lucas Friederich. Altdorf, 22/06/1629 (carta número 12); Carta de Hans Christoph Coler para Lucas Friederich. Mainz, 11/04/1633 (carta número 45); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Amsterdã, 10/10/1635 (carta número 54); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 178, 236-237, 253-254, 258, 263-264; Era comum, nos alojamentos de “mantenedores de gente”, que a bagagem fosse retida e que os “hóspedes” tivessem a liberdade de circulação controlada ou até mesmo ficassem trancafiados nos alojamentos, de forma a evitar a fuga de devedores. Sobre o assunto ver: Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 82; Alphen, Marc van. “The Female Side of Dutch Shipping”, pp. 125-127; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 142.

²⁵⁵ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 263-264.

²⁵⁶ Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*. pp. 234-236, 283. Apesar da Carta-Artigo da WIC especificar o que deveria ocorrer com os bens dos funcionários mortos no ultramar, não se sabe quem tinha prioridade no recebimento dos vencimentos acumulados dos falecidos – após os devidos descontos: se os detentores de procurações ou os familiares. Alguns militares, conforme será mencionado adiante, deixaram testamentos com familiares ou conhecidos antes de partir para o Brasil e algumas esposas de militares da WIC tentaram reaver o salário de seus maridos na

Por conta da incerteza da sobrevivência dos seus clientes e da demora para poder sacar em dinheiro o valor da dívida, muitos *volkbouders* repassavam as *transportbrieven* recebidas como garantia de pagamento da dívida contraída. As *transportbrieven* eram lavradas por elevadas somas de dinheiro que só podiam ser sacadas em um escritório de pagamento nos Países Baixos se o contratado tivesse fundos suficientes de saldo e se seu empregador tivesse informação suficiente sobre sua conta. Meses e anos passavam-se para que esses dados fossem obtidos. Como resultado, os donos de alojamentos precisavam esperar por um longo tempo para reaverem o dinheiro investido e isso acarretava uma perda de lucro. Se o recrutado morresse ou desertasse, o dono do alojamento ou o portador da *transportbrief* não poderia sacar o dinheiro ou poderia obter apenas o saldo adquirido pelo tempo trabalhado. Como os mantenedores de gente não eram afortunados e precisavam de dinheiro para pagar pela comida, bebida e equipamento que tinham comprado a crédito de seus fornecedores, eles terminavam repassando a cédula por um valor mais baixo, embora em espécie, o que lhes renderia a alcunha de *zielverkopers*.²⁵⁷

Vendedores e compradores de *transportbrieven*, além de seus financiadores, lucravam com o recrutamento. Mas eram os contratados das Companhias que pagavam a conta. Seriam eles que iriam passar vários anos nas Índias para quitar seus débitos, cujas quantias muitas vezes eram elevadas para os salários recebidos. De acordo com Marc van Alphen, por volta de 1640, *transportbrieven* de marinheiros saídos de Amsterdã para as Índias Orientais, cujos salários giravam em torno de 9 florins, acusaram dívidas de 90 florins. Os valores das dívidas aumentaram gradualmente no decorrer dos anos, apesar de os diretores da VOC terem estipulado um valor limite.²⁵⁸ Casos individuais de vários recrutados da Companhia das Índias Ocidentais mostram os valores das dívidas deixadas no período de embarque entre os anos de 1625 a 1655. Cinco pessoas que navegaram para Guiné, em 1625, atestaram em cartório deverem somas por dívidas com alimentos e empréstimos a Bartel Jansen e que ele ou os portadores da obrigação (*obligatie*) poderiam requerer, dos salários a vencer, as quantias devidas aos administradores da WIC em Amsterdã.²⁵⁹ O cadete naval Anthoni Tournemine, de Paris, que partiu para os Novos Países

Companhia provando o vínculo com os recrutados através dos testemunhos de terceiros, o que mostra certa dificuldade imposta pela WIC para o pagamento. O assunto também será tratado no próximo capítulo. *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volk. Ten Dienste van de Geotroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640, artigos XCI-XCVII.

²⁵⁷ Alphen, Marc van. 'The Female Side of Dutch Shipping', p. 127. Ver também: Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëteit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*, pp. 77-78.

²⁵⁸ Jacobs, Jaap. *New Netherland*, pp. 52-53; Alphen, Marc van. 'The Female Side of Dutch Shipping', p. 127; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 137-139. O valor limite variava de acordo com a patente do recrutado. No século XVIII, oficiais comissionados e não comissionados da VOC podiam autorizar um saque de no máximo 300 florins, enquanto que marítimos ordinários de diferentes posições tinham limites entre 250 e 150 florins. Alphen, Marc van. *Handel en Wandel van de transportkoper*, p. 11.

²⁵⁹ SAA, NA, 485/map 4/61, 16-08-1625 (27 florins); SAA, NA, 485/map 4/62, 16-08-1625 (36 florins); SAA, NA, 485/map 4/63, 16-08-1625 (18 florins); SAA, NA, 485/map 4/64, 16-08-1625 (18 florins); SAA, NA, 485/map

Baixos (*Nieuw-Nederland*), autorizou Michiel Chauvyen, dono da hospedaria “Os três mercadores” (*De Drie Coopliden*), a receber 135 florins da WIC por conta de 18 meses de “confinamento/cativeiro” (*gevangenschap*), quantia esta muito elevada para quem recebia em torno de 10 florins por mês.²⁶⁰ Já o marujo Jan Jansz., após voltar do Brasil, para onde seguira em 1639, partiu novamente em 1645 e deixou uma declaração no notário de Amsterdã que autorizava Andries Claesz., mantenedor de estalagem de Amsterdã, a requerer e receber na WIC todos seus salários atrasados ganhos nos anos de serviço no Brasil.²⁶¹ Outro marítimo, Andries Andriesz., da Dinamarca, por causa de um débito autorizou sua “*slaapvrouw*” Cornelia Harmansdr. a receber dos administradores da WIC da câmara de Dordrecht e de outras eventuais câmaras da Companhia a quantia de 490 florins de seus ganhos como soldado e marinheiro em Angola.²⁶² Por fim, os soldados recém chegados do Brasil Olon Olderickx e Sijmon Pijckaert autorizaram Jan Gillisz. e sua esposa Anneken Jans a coletar dos Estados Gerais seis meses de salário, por terem se alojado na estalagem deles, a “Arma de Luik” (*t Wapen van Luyck*).²⁶³ Ao observar os valores devidos é possível entender porque essa forma de recrutamento tenha começado a apresentar efeitos negativos no recrutamento de pessoal. De acordo com Van Alphen, homens que trabalhavam na Ásia começaram a desertar para escapar das dívidas que os atrelavam aos Países Baixos. Por volta de 1682, novos regulamentos passaram a limitar o valor máximo da dívida. A WIC também passou a estabelecer limites para os débitos de seus funcionários, embora não tenham sido encontradas referências a deserções ocasionadas por dívidas pendentes na República.²⁶⁴

Apesar de as ações dos *zielverkopers* terem sido responsáveis pelo fornecimento de gente para a WIC, a Companhia também recebeu indivíduos desejosos em se alistar, mas sem passarem necessariamente pelas mãos dos *zielverkopers*. A observação dos casos individuais de militares que foram ao Brasil não permite a obtenção de muita informação a respeito da chegada dessas pessoas aos Países Baixos e dos momentos antecedentes ao alistamento e embarque, período no

4/65, 16-08-1625 (14 florins); Porém, não se sabe se Bartel Jansen era dono de alojamento e se os devedores eram soldados ou marinheiros. Todos tinham partido para Guiné na embarcação “Os Três Reis” (*De Drie Coningen*).

²⁶⁰ SAA, NA, 751/1st akte van 1637, 20-01-1637; Valor do soldo de um *adelborst* em 1647, de acordo com o panfleto: *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. s’Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647; Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, p. 133.

²⁶¹ SAA, NA, 1291/69v, 06-05-1645.

²⁶² *Slaapvrouw* é um termo para dona de pensão. Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA), inv. nr. 213, 51/114, 26-07-1652: “*Andries Andriesz van Denemarcken, matroos bij capiteyn Sijmon Cornelisz, machtigt zijn slaapvrouw Cornelia Harmansdr, wonend bij de Goutsepoort, om bij de bewindhebbers van de Westindische Compagnie van de kamer Dordrecht en evt. andere kamers 490 gulden te innen van zijn verdiensten als soldaat en matroos in Angola bij zijn vroegere schipper Pieter Laurensz de Valck, en daarvan in te houden wat hij haar schuldig is en zal zijn*”.

²⁶³ GAR, ONA, inv. nr. 231, 3/05, 22-06-1655.

²⁶⁴ Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, p. 127. Em 1714, a *Directie van Suriname* limitava o valor da *transportbrief* em 50 florins. O valor aumentaria posteriormente. Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*, pp. 77-78.

qual podiam ser vítimas das ações dos aliciadores. Tanto Stephan Carl quanto Peter Hansen ficaram em alojamentos de possíveis “mantenedores(as) de gente”. As ameaças sofridas por Stephan para o pagamento das dívidas e o pretense encarceramento alegado por ele servem como fortes indícios de que ele ficou no estabelecimento de um *zielverkoper*. Mas por ter um credor para bancar suas despesas, ele dirigiu-se para a Casa da Companhia das Índias Ocidentais sem ter sido impelido diretamente por eles. Já Hansen menciona ter ficado no alojamento de uma viúva chamada Gertge Willems, na *Langestraat* – estabelecimento, diga-se de passagem, muito próximo à Casa da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã, na *Herenmarkt* –, onde ele pagou dois *Reichsthalers* semanais pelo alimento consumido. No entanto, ele não menciona ter sofrido qualquer pressão por parte dela para se alistar. Diz apenas ter sido contratado na Casa da Companhia como soldado destinado ao Brasil.²⁶⁵ Johann Gregor Aldenburgk, Ambrosius Richshoffer e Caspar Schmalkalden sequer falam onde passaram os seus primeiros dias.²⁶⁶ Por isso é plausível dizer que nem todos foram enganados pelas palavras dos aliciadores e que alguns, enquanto buscavam trabalho, dirigiram-se a esses estabelecimentos pela simples falta de condições financeiras, pela dificuldade de encontrar alojamento nos Países Baixos ou por insuficiência de fundos para obter equipamentos para a viagem em uma das frotas.²⁶⁷ Nesse sentido, a ação dos “mantenedores de gente” não era necessariamente negativa. Alguns recrutados podiam até mesmo estabelecer algum vínculo com seus hospedeiros. Talvez tenha sido o caso de Jacobs Bes, de Gdańsk. Antes de partir para a Guiné a serviço da WIC, ele deixou – sob a possibilidade de vir a falecer – seus salários ganhos e a vencer em testamento para sua “*slaapvrouw*” Suijtgén Claes, seu marido Bartelt Marckensen e filhos.²⁶⁸ Não foi alegada uma dívida, como normalmente era feito nesses tipos de registros.

²⁶⁵ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 65-66; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 263-264. Através das cartas de Stephan Carl Behaim ou das missivas escritas sobre ele, é possível perceber que o jovem era dissimulado e mentia constantemente para o meio-irmão e para mãe, de forma a poder obter o que desejava. Muitas das cartas de Behaim tinham por finalidade pedir dinheiro, fazer apologias por débitos contraídos indevidamente e fazer promessas de melhoria comportamental. Dizer ao meio-irmão que estava passando por problemas no alojamento para receber uma melhor assistência de seu credor em Amsterdã – Abraham de Braa – podia ser mais uma dissimulação do jovem Behaim. Por outro lado, seu relato a respeito de um possível semi-encarceramento no alojamento não era incomum às práticas dos donos de alojamentos do período. Talvez dessa vez ele tenha sido sincero com a família; Roelof van Gelder, Jaap Jacobs e, principalmente, Marc van Alphen e Danielle van Heuvel falam da participação de mulheres no aliciamento de homens para as companhias neerlandesas de comércio. Para mais informações ver: Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, pp. 128, 131; Heuvel, Danielle van den. *Bij nijtlandigheijt van haar man*; Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, pp. 132-133; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 141.

²⁶⁶ Richshoffer comentou, no fim de seu diário, ter uma dívida pendente com uma pessoa de Estrasburgo. Possivelmente ele tomou dinheiro emprestado para ir à República em 1629. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 135.

²⁶⁷ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 136, 142, 144. Segundo Van Gelder, pelo equipamento recebido o contratado tinha que desembolsar por volta de 50 florins.

²⁶⁸ SAA 834/38, 14-04-1627.

Voltando ao caso de Behaim, seu principal credor, Abraham De Braa, esperava inclusive que o jovem, haja vista os elevados custos de vida em Amsterdã, se visse forçado a se alistar em umas das companhias de comércio. Ele também havia recebido instruções da família de Behaim para não pagar nada ao mantenedor do alojamento de Stephan ou a qualquer outra pessoa até que ele aceitasse o serviço na Companhia das Índias Ocidentais.²⁶⁹ Segundo Van Gelder, baseando-se principalmente em narrativas de recrutados pela VOC dos séculos XVII e XVIII, o preço semanal de um alojamento confortável e comida variava entre 3 e 5 florins por semana. Aos irmãos Raetzel, em fins do XVII, foram cobrados 12 florins semanais por pessoa. O preço deve ter sido ultra-inflacionado porque os irmãos recusaram-se a permanecer no recinto e discutiram com o proprietário. Quem não chegava à República com o endereço de um conhecido ou parente, ou com alguns contatos para conseguir trabalho, ficava mais vulnerável à ação dos “apresadores de homens” (*Menschenfänger*) e tinha poucas chances de escolher o destino de viagem. Terminavam por assinar contrato para servir no primeiro lugar que oferecesse trabalho – fosse no Leste ou no Oeste. Aqueles com dinheiro para se manter – ou um credor, no caso de Behaim – podiam esperar pela melhor oportunidade e escolher no que iriam trabalhar e para onde viajavam. Zacharias Wagener, por exemplo, ficou hospedado na casa do famoso editor W. J. Blaeu e trabalhou com ele até que aceitou sua sugestão de seguir para o Brasil.²⁷⁰

Mas quais eram as condições dos alojamentos onde os futuros recrutados aguardariam a abertura da seleção das companhias de comércio? De acordo com a descrição dos irmãos Raetzel, eram verdadeiras espeluncas. Após terem a bagagem depositada em um quarto, os irmãos alemães foram levados para um quarto escuro e esfumaçado no qual se encontravam vários homens embriagados. A aparência deles também não era das melhores. Trajavam roupas esfarrapadas, fumavam e comiam com as mãos em uma mesa suja. Também tinham sido servidos por uma garçonne cuja higiene deixava muito a desejar.²⁷¹ Charles Boxer, através de relatos do século XVIII, também fez uma descrição carregada dos ambientes nos quais os futuros

²⁶⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 252, 262-263.

²⁷⁰ Wagener trabalhou como encadernador ou desenhista de mapas. Jacobs, Jaap. *New Netherland*, p. 52; Joppien, R. “The Dutch Vision of Brazil. Johan Maurits and his artists”. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979, p. 319; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 134-136, 140-141; Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’ [1668]. In *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997, p. 222; Van Gelder cita ainda a queixa do alemão Jörg Franz Müller, que mencionou poder fazer muito mais com um florim e meio na Alemanha (1 *daaler/thaler*) do que com quatro ou cinco em Amsterdã. Em um livro de contas da Câmara de Hoorn, por exemplo, foi feito o pagamento de 1.775 florins para a “dona de casa” (*huysvrouw*) de um capitão por ter alojado por quatro meses vários homens que partiam para o Brasil. O custo do alojamento e alimentação diário para cada um dos militares era de 7 *stuivers*. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12546.41, 1654.

²⁷¹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 139-141.

candidatos às Companhias de Comércio eram mantidos: eram sótãos e porões com pouca iluminação e ventilação. A comida era inferior e as condições sanitárias, péssimas. Nesse tipo de recinto, uma grande quantidade de homens era trancafiada até o dia de recrutamento. O historiador inglês diz que as taxas de mortalidade nesses locais eram elevadas e que muitos homens, por conta do tratamento dispensado nos alojamentos, já embarcavam sem condições de resistir a quaisquer doenças contagiosas ou infecções, quando já não estavam doentes.²⁷²

Apesar de dizer que se sentia como um prisioneiro em seu alojamento, Stephan Carl Behaim parece ter desfrutado de uma situação distinta daquelas citadas por Boxer ou relatadas pelos irmãos Raetzel. Ele contraiu um débito de 225 florins no primeiro alojamento onde passou os primeiros meses em Amsterdã – entre agosto e novembro de 1635.²⁷³ Depois de assinar com a WIC, Behaim foi levado por De Braa para outro alojamento, onde ficaria aguardando a convocação para embarcar, o que ocorreu no dia 24 de novembro. De Braa esperava que “com boa cerveja para beber por lá”, Stephan Carl fosse bem tratado. Mas o jovem de Nuremberg voltou para o velho alojamento onde gastou um *Reichsthaler* por dia. O alojamento não devia ser ruim como Stephan havia mencionado, do contrário ele não teria voltado para lá. A conta já tinha sido paga e não havia mais nenhum motivo – exceto pelos serviços oferecidos pelo local – para levá-lo de volta. Stephan conseguiu gastar 225 *Reichsthalers* em não mais que quatro meses, apesar de todas as precauções tomadas e admoestações feitas pelo meio-irmão.²⁷⁴ Nem todos reclamaram dos serviços oferecidos nos alojamentos e nem todos os mantenedores de gente tinham tratado mal seus “clientes”. A hospitalidade existia inclusive por conta do interesse próprio do mantenedor em levar o “hóspede” para assinar um contrato de trabalho com um empregador.²⁷⁵

Tanto os que estavam nas hospedarias de “mantenedores de gente” quanto os voluntários passavam dias e até mesmo meses a aguardar pelo anúncio da abertura da seleção do pessoal militar de alguma das Casas da Companhia das Índias ou do Almirantado. Segundo Van de Pol, a VOC equipava uma frota para partir três vezes por ano. Partiam em dezembro/janeiro (navios de Natal/*kerstschepen*), em abril/maio (navios de Páscoa/*paasschepen*) e em

²⁷² Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 82. Ver também: Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma's Boekhuis, 1980, pp. 84-85.

²⁷³ Stephan Carl tenta justificar para o meio-irmão os gastos registrados: “Devo dizer que a despesa extra registrada [na conta] não foi feita com vinho, mas com contribuições para a caixa [dos pobres] na mesa de jantar e na igreja”. Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Texel, 18-28/11/1635 (carta número 55). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 261.

²⁷⁴ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 258, 263-264.

²⁷⁵ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 135, 141-142.

setembro/outubro (navios de Quermesse/*kermisshepen*).²⁷⁶ Portanto, é possível que as casas da Companhia das Índias Ocidentais iniciassem o processo de recrutamento antes dessas temporadas. Isso não devia ser fixo, visto que os navios podiam se atrasar por causa da espera por ventos favoráveis ou mesmo por congelamento, a exemplo do que ocorreu em dezembro de 1645, que prendeu várias embarcações destinadas ao Brasil nos portos e no Canal da Mancha.²⁷⁷ Para Van Gelder, as frotas podiam partir duas ou três vezes por ano, o que coincide com a informação passada por Abraham de Braa a Lucas Friederich, meio-irmão de Stephan Carl Behaim, quando o primeiro explanava sobre as possibilidades de obtenção de trabalho em uma das companhias de comércio neerlandesas.²⁷⁸ É possível também que a WIC não iniciasse o seu processo de recrutamento no mesmo tempo que a VOC. Ambrosius Richshoffer, contratado pela WIC em 1629, não conseguiu trabalho pela VOC porque ela não estava recrutando – ele chegou ao mês de maio, logo após a partida da frota de Páscoa. Já Stephan Carl Behaim, em 1635, foi contratado em novembro, depois do tempo de saída dos *kermisshepen* da VOC, enquanto que Peter Hansen alistou-se em setembro de 1644, quando os navios da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais já deviam estar sendo preparados para zarpar.²⁷⁹ Essa era uma possível forma de a WIC não ter seu recrutamento atrapalhado pelo processo de ajuntamento de pessoal da VOC.²⁸⁰ Quando a Companhia divulgava início do processo de recrutamento, o que era feito através de homens que tocavam tambores e charamelas pelas ruas das cidades, os “mantenedores” levavam, sob escolta, seus hóspedes “com roupas bem cuidadas”, já que queriam evitar que seus “clientes” fossem rejeitados, o que acarretaria em prejuízo certo.²⁸¹ Junto à massa, encontravam-se também voluntários não aliciados pelos *zilverkopers*.

Segundo Abraham de Braa, incumbido por Lucas Friederich – meio-irmão e tutor de Stephan Carl Behaim – de conseguir uma posição para o jovem na VOC ou WIC, o número de candidatos que esperavam entrar a serviço de uma dessas Companhias costumava ser tão elevado

²⁷⁶ Pol, Lotte C. van de. *Het Amsterdams boerdom*, pp. 137-178.

²⁷⁷ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [London, 1957] Recife: CEPE, 2004, p. 247.

²⁷⁸ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 33; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 251.

²⁷⁹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 5; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 263; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 66.

²⁸⁰ O tempo de abertura das Casas da WIC parece ser indefinido, já que essa Companhia enviava homens irregularmente, conforme pode ser observado nas remessas – ver a tabela 1 do capítulo anterior. Para grandes expedições ainda é válido que abrissem temporada de recrutamento antes da VOC.

²⁸¹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 263-264. Diante das contínuas desculpas de Stephan Carl para não seguir a viagem e por temer que ele fugisse, Abraham de Braa disse tê-lo escoltado, junto com um criado, para a Casa da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, p. 66; Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, p. 128; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 143; Jelles Janz. recebeu 7 florins e 10 stuivers para tamborilar em Hoorn, possivelmente para anunciar a abertura do recrutamento da Casa da Companhia das Índias Ocidentais daquela cidade ou para avisar do momento de reunião e de partida aos contratados. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12546.41, 1654.

que era “necessário um esforço muito grande para acomodar todos” no recinto.²⁸² Tal descrição está de acordo com o que expôs Johann Gottfried Preller, contratado como cabo pela Companhia das Índias Orientais em 1727. Após entrar na Casa da Companhia das Índias Orientais, Preller disse ter havido muito tumulto entre os candidatos que se apertavam no pátio, empurravam-se, brigavam entre si e até mesmo desmaiavam, devido à grande quantidade de gente em um espaço restrito. Logo após a entrada de um número suficiente de homens, as portas do edifício eram fechadas. Aqueles que chegavam atrasados eram expulsos com violência. Segundo Van Gelder, os que conseguiam entrar no prédio eram admitidos um a um em uma sala onde administradores e oficiais ficavam sentados atrás de uma mesa questionando os candidatos sobre suas experiências, comandantes a que estiveram subordinados, postos a que aspiravam e salário que esperavam receber. Perguntas sobre a bússola e a respeito de exercícios militares eram feitas, respectivamente aos candidatos a marinheiro e a soldado, embora vários dele não tivessem muito a dizer. Homens contratados para funções mais especializadas, a exemplo de cirurgiões e artilheiros, deviam ser examinados com mais cuidado. Além dos questionamentos sobre suas carreiras militares, os candidatos também deveriam fazer vários exercícios corporais de forma a provar suas capacidades físicas.²⁸³

Outros relatos dão uma idéia diferente a respeito da disponibilidade de mão-de-obra para as companhias de comércio, o que pode ter relação com variações no mercado de trabalho.²⁸⁴ Já foi mencionado que em 1647, na montagem da frota de socorro ao Brasil, os Estados Gerais emitiram ordens para que fossem feitas ofertas pecuniárias aos capitães e soldados do exército da República de maneira a induzir-lhes aceitar o serviço no Brasil. Até mesmo um panfleto foi emitido com uma relação de vantagens aos futuros soldados.²⁸⁵ No final, a WIC foi incapaz de levantar o número inicialmente estipulado de soldados. A dificuldade pode ter relação direta com uma resistência a servir no Brasil após a revolta dos moradores.

Em momentos de dificuldades como esse, as companhias precisavam baixar os critérios de seleção. De acordo com o relato de Jörg Franz Müller, contratado como cadete (*adelborst*) pela VOC em 1669, mal lhe perguntaram o nome e local de origem. Müller, que sabia fazer armas de fogo, foi aceito pelo colégio de recrutamento sem que eles tivessem qualquer informação a respeito de suas outras capacidades profissionais.²⁸⁶ Ambrosius Richshoffer, Caspar

²⁸² Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 251.

²⁸³ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 31-33, 143.

²⁸⁴ Nada foi escrito a respeito de possíveis competições por trabalhadores entre as companhias de comércio, almirantado e mercado comum de trabalho nos Países Baixos. Portanto, é difícil mensurar o quanto a concorrência podia prejudicar o recrutamento.

²⁸⁵ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*.

²⁸⁶ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, p. 66.

Schmalkalden, Peter Hansen e Zacharias Wagener não tinham qualquer experiência militar quando foram aceitos pela WIC, embora todos tenham sido admitidos como soldados rasos, ou seja, em posições não-comissionadas. Talvez por conta desse tipo de relato, Herman Wätjen, ao falar da origem dos recrutados, tenha dito que “os aliciadores da WIC aceitavam qualquer um que fosse capaz de carregar armas, quer se apresentasse espontaneamente, quer fosse atirado em seus braços pelos caprichos do acaso”. Segundo Wätjen, Johan Maurits van Nassau-Siegen pensava que as Câmaras da Companhia tratavam um assunto de grande importância – o fornecimento de tropas – com negligência.²⁸⁷ Nassau devia estar se referindo ao fornecimento irregular de tropas, mas o procedimento de seleção – em relação aos cargos não comissionados – também era problemático e não devia ter critérios de escolha muito elevados. Descrições como a de Jörg Franz Müller servem para mostrar que esses critérios de seleção das Companhias de comércio neerlandesas estavam mais diretamente relacionados com a necessidade de recrutar tropas, independentemente das qualificações pessoais dos candidatos. Ou seja, quanto maior a necessidade, menor a exigência e menos rigorosos os critérios de seleção.²⁸⁸

Uma importante questão deve ser considerada a respeito do processo de seleção de militares: a utilização de redes de contato – ou clientelismo – para a obtenção de cargos na Companhia. Mais uma vez, o caso do jovem de Nuremberg, Stephan Carl Behaim, serve para exemplificar. Em uma das cartas enviadas pelo comerciante Abraham de Braa a Lucas Friederich, De Braa, após mencionar as possibilidades de trabalho existentes para Behaim na WIC e refletir sobre futuras dificuldades resultantes do “grande número” de candidatos que procuravam um posto naquela Companhia, disse ter “uma vantagem em encontrar um lugar para Stephan”.²⁸⁹ Quando Stephan Carl decidiu se alistar, De Braa o levou à Casa da Companhia das Índias Ocidentais, onde “persistiu com tanto sucesso com os diretores que eles deram-lhe uma posição de oficial inferior, como eles não tinham no momento nenhuma posição superior”. O comerciante, que inicialmente esperava que Stephan fosse para o Brasil como soldado, também conseguiu dos diretores da WIC uma recomendação para o coronel Christoffel Arciszewski, de

²⁸⁷ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 163-164, 382. Para os aspectos relacionados à origem social dos militares recrutados, ver o capítulo anterior.

²⁸⁸ É válido mencionar que a falta de pessoal militar no Brasil estava fortemente vinculada à falta de dinheiro para contratar e enviar militares à conquista. O próprio socorro em tropas feito pelos Estados Gerais demonstra a incapacidade da Companhia de manter seu território com pessoal recrutado em seus escritórios. As queixas de comandantes militares no Brasil de que faltava material humano foram repetidamente mencionadas ao longo dos anos de ocupação.

²⁸⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 251.

forma a conseguir para Stephan uma posição na cavalaria.²⁹⁰ Um carta anterior de Stephan para seu meio-irmão também mostra que o jovem esperava receber a recomendação de Ludwig Camerarius, embaixador da Suécia nos Países Baixos e amigo de Lucas Friederich, para conseguir a posição de alferes (*vaandrig*) – posto comissionado mais baixo na hierarquia militar. Behaim acreditava que sua experiência anterior na cavalaria, além da recomendação, o qualificaria para o posto.²⁹¹ Por fim, a intervenção de De Braa mostrou-se favorável para a obtenção do posto não-comissionado de cabo. Isso serve para mostrar que as relações pessoais e as redes de contato podiam ser mais importantes do que experiência e qualificação. É possível que De Braa tenha intervindo a favor de Stephan sob a justificativa de que o jovem tinha experiência no exército sueco. Se o jovem de Nuremberg tivesse tentado obter uma posição na Companhia sem qualquer pessoa intercedendo a seu favor, poderia não ter conseguido algo melhor. Foi o caso de Lorenz Simon, que também havia servido no exército sueco, mas foi contratado apenas como soldado pela WIC, em 1640.²⁹²

De acordo com Jaap Jacobs, apesar da existência de regras para a contratação de pessoal, relações de parentesco e de amizade serviam como boas maneiras de indicação e aquisição de um posto. Baixas funções administrativas da WIC na América do Norte eram dadas a jovens parentes ou filhos de diretores, de forma que eles adquirissem experiência no ultramar. Isso também não impedia que alguns alcançassem melhores posições na Companhia por conta de suas habilidades individuais, mais do que por conexões familiares. No geral, as conexões familiares eram mais importantes do que experiência no ultramar, como pode ser observado na indicação dos diretores.²⁹³

Uma vez contratados, os novos funcionários da Companhia – fosse da WIC ou da VOC – tinham seus nomes, locais de nascimento, postos e salários registrados por um escriturário. O soldo inicial de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais era de 8 florins, ao qual, em 1637, por resolução do Conselho dos XIX – ou Dezenove Diretores –, foram

²⁹⁰ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich, Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 251, 263-264.

²⁹¹ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 254.

²⁹² *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen Namens Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring*. Gedruck't im Jahr 1677.

²⁹³ Jacobs, Jaap. *New Netherland*, pp. 62-64. Jacobs lembra ainda que a palavra *vienschap*, no século XVII, carregava uma forte conotação de relação familiar, mais do que uma relação de afinidade entre amigos, baseada em solidariedade, assistência mútua e suporte moral, que exprimem o significado da palavra hoje; O panfleto anônimo de 1647, *De Brasilsche Breede-Bijl*, ao expor os motivos da decadência do Brasil, cita diversas relações pessoais e a relação delas com várias práticas negativas à Companhia. *De Brasilsche Breede-Bijl: ofte t'samen-spraek tusschen Kees Jansz. Schoot, komende uyt Brasil, en Jan Maet, koopmansknecht, hebbende voor desen ook in Brasil geweest, over Den verloop in Brasil*. 1647. Versão em português: 'O machadão do Brasil'. In *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908, pp. 125-170. Traduzido por Pedro Souto Maior e corrigido por Alfredo Carvalho.

acrescentados 5 florins de crédito mensal como ajuda de custo (*costgelt*) – inicialmente paga em gêneros –, perfazendo o total de 13 florins mensais. Também foi instituída a concessão de empréstimo (*leeninge*). Assim, cada soldado tinha direito a pedir o adiantamento de 2 florins e 8 *stuivers* de seu salário.²⁹⁴ Os valores e os benefícios variaram no decorrer da ocupação.

Nos primeiros anos, os soldados eram obrigados a assinar um contrato de 3 anos de duração.²⁹⁵ Posteriormente, passaram a assinar um contrato para uma permanência de 4 anos.²⁹⁶ O tempo de viagem de ida e volta entre os Países Baixos e o Brasil era incluído no período total do contrato firmado entre os militares e a Companhia.²⁹⁷ De forma análoga aos benefícios recebidos, o tempo de contrato também variou. De acordo com Jaap Jacobs, nos Novos Países Baixos (*Nieuw Nederland*), entre os anos 30 e 40 do século XVII, o tempo de contrato variava entre 3 e 5 anos. Nas décadas de 50 e 60 do mesmo século diminuiria para 1 ou 2 anos, embora prolongamentos de contratos em ambas as localidades, aumentos salariais e soldos extras pagos pelo reengajamento fossem possíveis.²⁹⁸

É possível também que parte dos contratados recebesse um tratamento mais amigável dos mantenedores, porque o alistamento na Companhia significava que o contratado receberia dinheiro em espécie, do qual parte – ou todo o valor – seria utilizado para pagar as despesas feitas no alojamento ou guardado para qualquer outro uso.²⁹⁹ Porém, os dois meses de salário recebidos

²⁹⁴ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. Os soldados teriam em terra o crédito de 5 florins por mês, do qual eles poderiam coletar o valor integral após um ano, descontando-se o que já havia sido sacado (*Sullen aen 't Landt te goet houden vijf gulden 's Maents waer van sy sullen vermogen nae 't Jaer te disponeren doch daer aen te korten 't gene daer van alhier gedisponeert sal mogen zijn*). Segundo Wätjen, o *costgelt* – ajuda de custo ou gratificação em alimento – foi reajustado com o decorrer dos anos, por conta dos aumentos sucessivos no valor dos gêneros de subsistência na colônia. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 308-309. Ver também a ata diária de 29-04-1637 citada por Wätjen, que contém uma lista completa dos valores concedidos: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-04-1637; A comparação dos valores do *costgelt* do ano de 1637 com os valores citados no panfleto *Beneficien*, do ano de 1647, confirmam os reajustes – apenas para algumas patentes – indicados por Wätjen; O *costgelt* também podia ser pago em dinheiro, como será visto adiante.

²⁹⁵ *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945. Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de março de 1630, p. 89.

²⁹⁶ *Articul-Brief*, artigo XXVII; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 251.

²⁹⁷ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 126; Em novembro de 1631, já preocupado com o pequeno número de militares que possuía, o governador Waerdenburgh advertiu os Estados Gerais que o tempo de contrato dos soldados estava para expirar e que todo mundo iria pedir para sair do Brasil fundamentando-se no conteúdo da primeira ordenança que lhes foi entregue, segundo o qual as viagens de partida e a de volta se achavam compreendidas no prazo de três anos de contrato. Ver: *Documentos Holandeses*. Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de março de 1630, p. 89.

²⁹⁸ Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie', pp. 138-139. Exemplos de aumento e pagamento extra por renovação em: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 25-07-1637, DN 18-09-1640, DN 19-09-1640. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 02-01-1642. Ver também: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 121, 126.

²⁹⁹ Stephan Carl Behaim tinha por intenção investir o dinheiro na compra de um cavalo, de forma a poder entrar para a cavalaria, onde já havia servido no regimento alemão do exército sueco em Frankfurt durante a Guerra dos Trinta Anos. Carta de Stephan Carl Behaim para Johannes Morian. Texel, 30/12/1635 (carta número 57). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 266. Entre as páginas 227 e 229, Steven Ozment faz comentários sobre a experiência de Stephan Carl na Guerra dos Trinta Anos; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 142.

adiantadamente antes do embarque seriam descontados da conta de salário do recrutado.³⁰⁰ Para muitos, esse também seria o momento de redigir uma “carta-transporte”, de forma a quitar gastos pendentes não cobertos pelo adiantamento dado com o recrutamento. Por sua vez, o “mantenedor” providenciaria para o contratado equipamento de viagem. Os itens padrão distribuídos consistiam em colchão, cobertor e travesseiro, além de um baú com roupas, sapatos, conjunto de costura, tabaco, cachimbo e alguma aguardente.

A assinatura de uma *transportbrief* não estava necessariamente relacionada àquelas pessoas que passaram algum tempo na casa de “mantenedores de gente”. Cada homem alistado poderia receber uma, desde que demonstrasse ter uma garantia para o pagamento. Os que não tinham condições de pagar pelo equipamento ou os que tivessem se hospedado em um lugar não pertencente a um *volkhouder* podiam lavrar uma *transportbrief* para sacar dinheiro. Por uma *transportbrief* de 150 florins, o contratado geralmente recebia 80 florins que ele podia transferir para algum membro da família ou utilizar de outra maneira. Existia outro meio de enviar parte do salário ganho para mulher e filhos. Era a lavratura de uma espécie de procuração chamada de *maandbrief* (carta mensal). Através dela, o contratado poderia enviar parte do seu vencimento para terceiros. Mas as *transportbrieven* serviam melhor como fonte de renda para familiares de empregados das companhias de comércio, uma vez que eles, incapacitados de esperar longos períodos para sacar o dinheiro nas companhias, poderiam repassá-las para os “compradores de almas” ou negociá-las de outra maneira. Esse era, aliás, um dos meios pelos quais os *zielverkopers* poderiam adquirir as cédulas sem ter um envolvimento direto com o recrutamento.³⁰¹

De acordo com Marc van Alphen, que pesquisou o processo de recrutamento do pessoal da marinha nos séculos XVII e XVIII, essas cartas mensais foram utilizadas principalmente por marinheiros neerlandeses, muitos deles casados.³⁰² A feitura de *transportbrieven*, *maandbrieven* ou de qualquer outro tipo de procuração para familiares ou amigos também foi evidenciada entre contratados da Companhia das Índias Ocidentais. Foi através de uma procuração – não especificada – desse tipo que o português Fernando Cardozo deu poder a sua mãe, residente em Amsterdã, para receber dos administradores da WIC em Amsterdã seus

³⁰⁰ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasik: “Sullen ontfangen op de Monstringhe voor het embarquement twee maanden gagie op rekening van haren dienst die naemaels op d’afrekening eerst sullen gekort worden”.*

³⁰¹ Os recrutados da VOC também podiam enviar para seus familiares ou terceiros dois ou três meses de pagamento uma vez ao ano (*maandbrieven*). A feitura de uma *maandbrief* não implicava em custos administrativos, mas uma *transportbrief* ou outros tipos de procuração custavam 5% do valor a ser sacado. Alphen, Marc van. *Handel en Wandel van de transportkoper*, pp. 10-11, 84. Ver também: Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëteit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*, pp. 77-78.

³⁰² Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping’, pp. 130-131; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 142, 144.

salários e auxílios mensais.³⁰³ De maneira semelhante, Hester Willemsz., viúva do tenente Boudewijn Pietersz. Leeuw, que serviu pela WIC no forte Nassau – na Guiné –, tinha uma procuração do falecido marido para sacar seu salário na WIC.³⁰⁴ Em 1634, Harman Jorisz. viajou como soldado para as Índias Ocidentais deixando uma promissória (*schuldbekentenis*) no valor de 40 florins para Jan Claesz. Bruccher e sua esposa Geertge Jorisdr. – possivelmente irmã de Harman –, que ficaram autorizados por Jorisz. a sacar a quantia na WIC.³⁰⁵ Contratado como soldado pela câmara de Roterdã, Arent Evertsz., de Alkmaar, antes de partir para o Brasil em 1638, deixou uma promissória no valor de 80 florins – a ser sacado do seu salário – para pagar uma dívida com Frederick Robbertsz., mas também predeterminou que Robbertsz. iria receber dinheiro na WIC para sua irmã Neeltge Everts.³⁰⁶ Em setembro de 1639, Janneken Pietersdr., mulher de Jan Jansz., de Londres, que partiu a serviço da WIC para o Brasil no posto de soldado, autorizou Grietgen Sandersdr., viúva de certo Moijses Huijbertsz., a sacar anualmente dois meses de salário de seu marido na câmara de Amsterdã. Não se sabe o que elas negociaram, mas a transação certamente constituía um dos vários usos possíveis das autorizações deixadas por militares que partiram para o Brasil.³⁰⁷ Outro soldado, Parsse Aartsz., preparando-se para uma nova viagem ao Brasil, deixou uma procuração com sua mãe para que ela pudesse reclamar e receber da WIC de Amsterdã todos os seus salários atrasados.³⁰⁸ Já Tilman Broen, cabo da WIC, declarou que cederia seu salário e outras eventuais rendas ao comerciante de Amsterdã Hendrik Broen, por conta de equipamentos pagos pelo comerciante. Não se sabe quais eram os vínculos de Hendrik Broen com Tilman, mas o cabo também achou por bem, caso viesse a falecer, que Hendrik Broen administrasse todo o dinheiro do seu irmão Daniel Broen, supostamente morto.³⁰⁹ Portanto, é possível inferir que fazer algum tipo de procuração não era algo relacionado

³⁰³ SAA, NA, 640, 02-06-1625: “*Fernando Cardozo (die zich heeft verhuurd bij de WIC) portugees, wonende alhier, geeft machtiging aan zijn moeder Catharina de Lima om van de bewindhebber der WIC te Amsterdam, te ontvangen de gages en maandgelden die hem toekomen*”.

³⁰⁴ SAA, NA, 227/113v, 27/11/1625. “*Hester Willems, weduwe Boudewijn Pietersz Leeuw, luitenant geweest in dienst der WIC op het fort Nassau in Guinea en op de terugreis met het schip van schipper Claes Jansz de Goyer verongelukt, geeft procuratie van de WIC de gage van haar overleden man te vorderen*”.

³⁰⁵ GAR, ONA, inv. nr. 135, 83/113, 12-05-1634.

³⁰⁶ GAR, ONA, inv. nr. 371, 142/237, 23-11-1638: “*Arent Evertsz van Alckmaer gaat in dienst van de Kamer van Rotterdam als soldaat naar Brasil. Hij heeft 80 gld schuld bij Frederick Robbertsz. Hij zal betalen uit zijn gage. Bovendien wordt afgesproken dat Frederick Robbertsz geld in ontvangst zal nemen van de West Indische Compagnie voor zijn zuster Neeltge Everts*”.

³⁰⁷ GAR, ONA, inv. nr. 380, 248/399, 16-09-1639: “*Janneken Pietersdr, vrouw van Jan Jansz van Londen, die in dienst van de kamer van Amsterdam als soldaat naar Brasil is geaven, machtigt Grietgen Sandersdr, weduwe van Moijses Huijbertsz, om van de bewindhebberen van de Westindische Compagnie ter kamer Amsterdam jaarlijks 2 maanden gage te innen*”.

³⁰⁸ SAA, NA, 1293/107, 05-07-1646.

³⁰⁹ SAA, NA, 747/1246, 27/12/1624: “*Tilman Broen, die als korporaal voor de WIC onder kapitein Jacob Guermont naar West Indie zal gaan, verklaart dat hij gage en andere eventueel inkomsten cedeert aan Hendrik Broen, koopman in Amsterdam, voor de uitrustingskosten welke Hendrik Broen voor hem betaald heeft. Hij vindt ook goed dat Hendrik Broen bij zijn (Tilman) overlijden alle gelden zal beheren van zijn gestorven gewaande broer Daniel Broen, welke gelden thans beheerd worden door Arnoult van Liebergen. Die gelden had Daniel Broen verkregen door het overlijden van zijn oom Daniel Bloemert*”. Hendrik Broen figura em documentos notariais de 1624 – contratos de transporte de tropas e mercadorias –, como um diretor/administrador (*bewindhebber*)

apenas a uma dívida. Devia ser um procedimento comum para os que eram oriundos da República e tinham suas famílias ou conhecidos residindo próximo a um dos locais de recrutamento. Lá eles podiam sacar dinheiro da conta do empregado da WIC ou, no caso de amigos/conhecidos que detinham procurações, repassar o montante sacado para a família.

Após a seleção, os contratados aguardavam uma nova chamada da Companhia, que era feita da mesma forma da convocação inicial para o recrutamento. Segundo Ambrosius Richshoffer, com a reunião de todos os soldados alistados na Casa da Companhia das Índias Ocidentais de Amsterdã, foi feita uma inspeção e também foi prestado o juramento de fidelidade aos Estados Gerais e ao Príncipe de Orange.³¹⁰ Possivelmente, a Carta-Artigo (*Articul-Brief*), que continha as regras para os funcionários da Companhia, era lida para os contratados em algum momento após a reunião.³¹¹ Richshoffer diz ter recebido nessa ocasião os dois meses de soldo e o mosquete, para logo depois desfilar por Amsterdã com bandeiras desfraldadas. Após uma nova revista, divisão das tropas entre as companhias e novo juramento aos oficiais e às bandeiras, os militares partiram – seguidos por familiares e amigos – para as docas, de onde foram despachados em pequenas embarcações para Texel, porto de agrupamento da frota.³¹²

Anos depois da saída de Ambrosius Richshoffer para Texel, Stephan Carl Behaim também se deslocara para Texel. Ele foi acompanhado de perto por Abraham de Braa até os momentos finais de sua partida. De Braa – conforme escreveu ao meio-irmão de Behaim – temia que ele tentasse fugir, “já que ele estava no momento procurando todas as desculpas para escapar da viagem (que ele nunca levou com seriedade)”.³¹³ A preocupação de De Braa não era algo restrito a Stephan Carl. Ele mesmo narra que um jovem Tucher – rica família de comerciantes de Nuremberg – assinou contrato com a WIC, mas depois desistiu da viagem e não queria partir. “Então o presidente convocou um encontro da Comissão e muitas pessoas tiveram que ser incomodadas para forçá-lo a ir a bordo, do contrário ocorreria uma fuga”.³¹⁴ Parecia ser regra que

da WIC, câmara de Amsterdã: SAA, NA, 742/13-15, 07-10-1624, SAA, NA, 742/10-13, 17-10-1624, SAA, NA, 742/9, 17-10-1624, SAA, NA, 742/10, 17-10-1624.

³¹⁰ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 5-6; Para ver o juramento completo de oficiais e soldados – *Eedt voor de Officieren ende Soldaten* – consultar o capítulo XV, páginas 61 a 63, da *Articul-Brief* da WIC.

³¹¹ Nas próprias *Articul-Brief* existem admoestações para que elas sejam lidas em várias ocasiões, de forma que os novos empregados possam conhecer bem as regras da Companhia. Sobre a leitura do artigo e juramento feito pelas tropas, ver os artigos: CXXXVIII, CXXXIX, CXXXX e CXXXXI.

³¹² A canção dos navegadores das Índias Orientais (*Oost-Indisch Vaarders Lied*) narra o anúncio da partida dos marítimos feito pelo tambor e da caminhada entre amigos e familiares para o local onde zarpariam para Texel, local e porto de reunião da frota. Camerata Trajectina. *Van Varen en Vechten*, Faixa 2: “[...] *De Trommel heeft geslagen / Om mogen Scheep te gaen. / Loop aen, Vrieden en Magen, / En blijft doch nu niet staen; / Maar brengt ons na de Lichte, boort, / Of aen Monckelmans Steyger, / Eer dat wij varen voort*.[...]”; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 5-6.

³¹³ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 263-264.

³¹⁴ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 252; Ao falar da “Comissão”, De Braa devia estar se referindo aos Senhores XIX; Se um recrutado por um *volkhouder* fugisse, ele seria obrigado a restituir o dinheiro pago de prêmio pela companhia de

a Companhia das Índias Ocidentais mantivesse os soldados recrutados nas embarcações sob vigilância dos oficiais, de forma a evitar deserções.³¹⁵ Para os que se arriscassem a fugir após o recebimento dos dois meses de salário, a Companhia estipulava punições corporais ou quaisquer outras punições arbitrárias, além da restituição em dobro do valor recebido, conforme pode ser visto no artigo XXXV das *Articul-Brief*.³¹⁶ Isso não deve ter sido suficiente para refrear o ímpeto dos que de fato queriam fugir. Conforme visto anteriormente, em maio de 1639, a Câmara da Zelândia contabilizou a deserção de cinco militares e o desaparecimento de outros dois antes do desembarque no Brasil. Nesse mesmo ano, 25 pessoas não chegaram ao destino final por conta de mortes, doenças e fugas e, em 1633, outras 30 pessoas, de um total de 224, desertaram antes de chegarem ao Brasil.³¹⁷

Em Texel, aguardariam mais uma vez para partir. Isso dependia das condições climáticas e da velocidade com que os navios seriam abastecidos. A saída da frota podia durar de semanas a meses e durante todo esse tempo parte dos recrutados aprendiam um pouco das funções a serem exercidas nas Índias e entravam pela primeira vez em contato com veteranos.³¹⁸ Behaim, por exemplo, assinou contrato com a WIC no dia 12 de novembro de 1635. Entre os dias 18 e 28 do mesmo mês ele já estava em Texel, de onde só partiria entre os dias 8 e 18 de janeiro de 1636. Todo o processo, do recrutamento à partida, durou cerca de dois meses. Durante a espera ele procurou contatar De Braa para obter mais mercadorias e dinheiro para comprar coisas úteis à viagem a ser feita e para obter alguns alimentos que o ajudariam a recobrar suas forças – Stephan Carl adoeceu em Texel por conta do rigoroso inverno. Ele também começou a deixar informações para que a família pudesse contatá-lo no Brasil.³¹⁹

Para muitos, o embarque nos navios destinados às Índias era o momento final de um longo processo de engajamento na Companhia. Terminada essa espera, os recrutados viajavam

comércio e sua *transportbrief* não teria valor algum. Por isso eles faziam cerrada vigilância aos recrutados. Alphen, Marc van. *Handel en wandel van de transportkoper*, p. 17.

³¹⁵ SAA, NA, 694/50, 06-03-1632, 06-03-1632: “*Daarna worden de soldaten in de lichters groot 20 a 25 last, die zij daarvoor huren, op het water gehouden en naar Texel gebracht, alwaar ze in de schepen overgaan. Zodoende krijgen ze weinig ‘verloop’ van soldaten, want ze staan dan onder toezicht van officieren*”; Ver também: Jacobs, Jaap. *Soldaten van de Compagnie*, p. 133.

³¹⁶ *Articul-Brief*, artigo XXXV: “*Soo wie twee Maenden Gagie ofte eenigh Loop-gelt ontfangen hebbende daer mede wegh loopt sal ande Lijve ofte Arbitralijcken gestraft worden ende dubbelt van dien moeten restitueren*”.

³¹⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 90, 10-05-1639; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 157, 30-07-1639; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 74, 05-02-1633.

³¹⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 6; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 147.

³¹⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 30/12/1635 (carta número 57); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Den Gelder, 4-14/01/1636 (carta número 58); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 06/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 264-271. A pedido de Behaim, De Braa enviou gengibre cristalizado, vários tipos de aguardente, vinho, limões, libras de manteiga fresca, ameixas, presunto, pedaços de carne defumada, arenque, linho para vestuário leve, além de roupas e lençóis (cartas 56, 57 e 58). Pouco antes de zarpar, ele escreveu a Johannes Morian – primo de De Braa e fornecedor direto de Stephan – para enviá-lhe mais roupas leves, presunto, queijo e carne defumada para a viagem.

para o local de trabalho. No entanto, um contato mais intenso com a vida militar não seria iniciado em terra, mas a bordo, onde esses homens residiriam e trabalhariam nos primeiros meses de sua viagem para as Índias.

2.2 Motivos de atração para o engajamento

“Embora a viagem [às Índias Ocidentais] seja muito perigosa, é uma que é aceita alegremente por milhares de jovens honestos. Eu espero que meus planos não a desagradem, mãe, mas gratifiquem-lhe muito. Eu estou fazendo isso apenas para nosso ganho pessoal e bem-estar. Com Deus todas as coisas são possíveis. Ele me ajudou a fazer o caminho perigoso até aqui com muito sucesso, quando muitos cavaleiros contaram-me que seria impossível fazê-lo. Certamente Deus, que salvou minha vida mais de uma centena de vezes enquanto eu estive a serviço da coroa sueca, pode, graciosamente e paternalmente, proteger-me de todo o dano, imensidão e fúria do mar. E com a minha esperada boa fortuna e grande bem-estar, eu serei capaz de voltar para casa e servir minha mãe, irmãos e irmãs e a família inteira como eu freqüentemente quis fazer. Então agora todos os meus planos e ações serão devotados para essa finalidade”.³²⁰

Ninguém tinha apenas um motivo para entrar a serviço de uma das companhias neerlandesas das Índias. A história de vida de Stephan Carl serve como prova disso. Ao longo dos meses em que residiu em Amsterdã e aguardou pelo embarque, o jovem Behaim alegou razões distintas que o faziam querer partir para as Índias Ocidentais. Por dois momentos ele hesitou em seguir viagem. A primeira dúvida foi registrada na mesma carta citada acima, quando havia chegado há pouco tempo em Amsterdã. Stephan disse ter sido “forçado a escolher entre dois males”, isto é, permanecer na Alemanha e na “guerra sueca”, que segundo ele lhe trouxe nada mais que “desgraças”, ou fugir para os Países Baixos e de lá seguir para as Índias Ocidentais.³²¹ Nos dias que antecederam o seu alistamento na Casa das Índias Ocidentais, ele vacilou novamente, e procurou diversas desculpas para não seguir com a viagem arquitetada por sua família para se ver livre dos problemas – e despesas – que ele lhes causava.³²² A idéia inicial de partir para as Índias não veio dele, ao contrário do que se pode pensar através da carta escrita por

³²⁰ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 254-255. Tradução não literal.

³²¹ Ibidem, p. 253. Stephan Carl acreditava que a sorte o abandonara. Em dois anos, enquanto serviu em um regimento alemão do exército sueco em Frankfurt am Main e em um regimento franco em Mainz, durante a Guerra dos Trinta Anos, disse ter sido feito prisioneiro e ter perdido tudo o que possuía por três vezes. Em suas palavras, o serviço na cavalaria, onde esperava obter “muito sucesso para dar alegria a sua mãe”, só trouxera-lhe infortúnios.

³²² Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 263.

ele para a sua mãe, mas de seu meio-irmão, Lucas Friederich. Tutor e mentor de Stephan durante grande parte de sua vida, Friederich pediu conselhos de um contato em Amsterdã – Abraham de Braa – para saber se ele poderia encontrar lugar para Stephan em uma das viagens para as Índias feitas pelas companhias comerciais neerlandesas e sobre qual seria a melhor maneira de levá-lo de Frankfurt a Amsterdã. Após fazer considerações sobre a viagem às Índias Orientais, De Braa relatou: a viagem para as Índias Ocidentais ou para o Brasil tinha o tempo de viagem “mais curto e tolerável”, durando aproximadamente dois meses no mar; os alistados comprometiam-se com a Companhia “por apenas quatro anos de serviço”; havia o fornecimento de comida e soldos – algo providenciado pela WIC e VOC – e ele tinha uma “vantagem” – diga-se contatos na Companhia – para obter um cargo para Stephan.³²³ A família de Stephan também fez a escolha do local para onde ele iria ao optar que De Braa encontrasse trabalho para Stephan na “famosa Companhia das Índias Ocidentais”.³²⁴

Aparentemente, Behaim aceitou a viagem como uma nova oportunidade de redenção, além, é claro, de uma chance de obter autonomia e até mesmo “fortuna”. Foi o que ele alegara à mãe pouco antes de partir e ao meio-irmão, já no Brasil.³²⁵ Desde que não fora aceito para seguir em seus estudos na Academia de Altdorf, em 1629, a família de Stephan tentou encontrar-lhe uma nova atividade. Assim, ele terminou como criado doméstico de um nobre (*Junker*) em Altenburg e, após muitas queixas para deixar o serviço “entediante” da corte, iniciou a carreira militar.³²⁶ Novamente, tinha sido por conta da influência de Lucas Friederich que ele conseguira uma posição no exército sueco. Mas Stephan não conseguiu manter uma promessa constante em suas cartas: deixar de dar despesas para sua família e poupar sua mãe de novos problemas. A sua vida como militar – que ele disse ser sua verdadeira profissão – foi marcada por uma série de contratempos, prejuízos e riscos. Além de um encarceramento, sua indisciplina rendeu-lhe danos financeiros.³²⁷ Era muito custoso mantê-lo como cavaleiro. Além dos gastos com um criado, ele

³²³ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 251; A idéia de ir para as Índias não devia ser completamente estranha a Stephan. Em uma carta para um dos amigos de Altdorf, no tempo em que esteve vivendo na Corte, em Altenburg – março/1630 a fevereiro/1631 –, ele menciona que gostaria de encontrar toda sua “pequena fraternidade” na Índia. Na nota 78, página 178, Steven Ozment especula que Stephan talvez estivesse lendo a respeito de missionários na Índia. Carta de Stephan Carl para Mestre Christoph Seutzio. Altenburg, 14/02/1630 (carta número 23). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 197-198.

³²⁴ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 262-263.

³²⁵ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Den Helder, 4-14/01/1636 (carta número 58); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Forte Bruijn, 3-13/05/1636 (carta número 60). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 268, 274-275.

³²⁶ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Altdorf, 06/06/1629 (carta número 10); Carta de Stephan Carl para Mestre Christoph Seutzio. Altenburg, 14/02/1630 (carta número 23). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 175-176, 196-197.

³²⁷ Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 227-229.

necessitava de vestuário adequado, equipamento e cavalo.³²⁸ Como disse De Braa, nas Índias ele teria que aprender a se contentar com um *Reichsthaler* por semana. Se a família também desejasse, poderia ser arranjado para que Stephan ficasse mais tempo no Brasil.³²⁹ A Stephan, em tudo dependente de sua família, restava aceitar o novo plano traçado por terceiros para sua própria vida. No Brasil, ele deixou definitivamente de causar despesas.

A intenção desse extrato não é de se fixar na vida pessoal de Stephan Carl Behaim, embora as justificativas dele e daqueles que o impeliram a realizar tal viagem fossem relativamente semelhantes às razões alegadas por diversas outras pessoas que partiram para o Brasil. Outra importante questão está relacionada ao fato de que ao contrário de Stephan, enviado de Frankfurt com uma idéia mais ou menos clara de seu itinerário, muitos sequer sabiam onde iriam parar quando saíram de casa, demonstrando estarem mais interessados em encontrar uma ocupação do que necessariamente em partir para as Índias. Portanto, a decisão de partir para o Oeste ou para o Leste podia ocorrer muito tempo depois de os recrutados deixarem a casa paterna – no caso dos jovens. O plano podia surgir no caminho para os Países Baixos, lá ou em qualquer outro lugar onde os recrutados estivessem.³³⁰ É o que pode ser observado na jornada de Peter Hansen, quando deixou a casa de seus pais em março de 1643. Ele trabalhou por um tempo em Copenhague e tentou seguir viagem a Moscou, até pedir demissão do serviço – por conta de desentendimentos com um dos funcionários do local onde trabalhava – e zarpar para Amsterdã em fins de julho de 1644, ou seja, mais de um ano após ter deixado Hajstrup. Ele ainda passou um mês em Amsterdã até ser contratado pela WIC em setembro de 1644. Peter Hansen não declarou porque escolheu ir para os Países Baixos – Amsterdã –, embora as razões sejam mais ou menos óbvias: ele escolhera um dos locais com maior oferta de trabalho da Europa e para onde milhares de pessoas deslocaram-se, entre 1600 e 1800, para procurar ocupação.³³¹

Antes de Hansen, Lorenz Simon, após ter trabalhado como aprendiz de livreiro em “Brunswick”, servido como soldado da cavalaria sueca – lutando na Guerra dos Trinta Anos –, trabalhado como marinheiro na esquadra da República das Províncias Unidas e laborado com um

³²⁸ Carta de Stephan Carl para seus guardiões, 16/04/1632 (carta número 39); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Mainz, 19/03/1633 (carta número 44); Carta de Hans Christoph Coler para Lucas Friederich. Mainz, 11/04/1633 (carta número 45); Carta de Hans Christoph Coler para Lucas Friederich, 22/04/1633 (carta número 46); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Hülburg, 17/04/1634 (carta número 47). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 229-230, 234-236, 236-237, 238, 238-241.

³²⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 264.

³³⁰ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 131.

³³¹ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 61-66; Lucassen, J. ‘The North Sea: a crossroad for migrants?’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996, p. 175; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 129.

mercador da cidade de Leiden, decidiu seguir para o Brasil.³³² Talvez Simon estivesse atraído pela possibilidade de enriquecer no Brasil, abandonando trabalhos de baixa remuneração. Zacharias Wagener, futuro Vice-Almirante e governador da colônia do Cabo, passou um ano trabalhando na oficina de Blaeu até seguir o conselho de seu patrão e partir como soldado raso da WIC para o Brasil, em 1634.³³³ Em janeiro de 1629, Ambrosius Richshoffer havia entrado a serviço de Nicolaus Schotten, comerciante de Nuremberg, quando – “por várias razões” – separou-se dele e seguiu para Amsterdã, onde esperava empreender, desde fins de 1628, com alguns camaradas, uma viagem às Índias Orientais. Como a VOC não estava a recrutar no período, seguiu para a WIC.³³⁴ Antes de Richshoffer, Johan Gregor Aldenburgk já tinha saído de Coburg há algum tempo quando ouviu falar a respeito do aparelhamento em Amsterdã de uma grande frota destinada às Índias Ocidentais. “Não me detive, parti em nome de Deus, cheguei ali são e salvo e fiz-me alistar na frota”.³³⁵ Esses exemplos demonstram que a assinatura de contrato com a WIC e a viagem ao Brasil não tinham sido inicialmente planejadas por todos os recrutados. Quando a oportunidade surgiu, aceitaram o serviço ou foram designados para ele, no caso dos que tinham sido cooptados por *zielverkoopers*. Achar um bom trabalho na República não era fácil e as companhias comerciais eram os maiores empregadores do período.³³⁶ Até mesmo o caso de Stephan Carl pode ser pensado dessa forma, já que sua família buscava alguma atividade em que ele pudesse ter autonomia e em um local onde eles pudessem se livrar dos problemas causados por ele. Por isso também procuraram obter informações a respeito da VOC. Como eles tiveram a chance de escolher, fizeram a opção aparentemente menos danosa para Stephan. Portanto, para muitos, o trabalho importava mais do que o destino.

Alguns dos que serviram a Companhia das Índias Orientais escreveram que tiveram motivos econômicos para sair de casa. Pessoas de regiões pobres do Norte da Europa foram levadas, por conta do desespero e pobreza, a deixar a vida que tinham na Europa. Para Nicolaas de Graaf, cirurgião da VOC que também esteve no Brasil entre 1650 e 1653, quem pudesse ficar na República não iria para a Ásia por um salário ordinário. Os que faziam a viagem para as Índias o faziam por pobreza, necessidade e outras inconveniências. Isso era válido para parte dos neerlandeses e dos estrangeiros, embora seja importante salientar que o estado de pobreza nem

³³² *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen* Namens Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring. Gedruck't im Jahr 1677.

³³³ Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’, pp. 11, 19 (nota 1), 222.

³³⁴ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 5, 43.

³³⁵ Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625* [Grüner, 1627]. *Brasiliensia Documenta*, v. 1. Traduzido por Alfredo de Carvalho. São Paulo: 1961, p. 155.

³³⁶ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, p. 133. Segundo Van Gelder, quando não eram bem sucedidos em encontrar trabalho, quando recebiam pouco, quando o dinheiro que traziam acabava e a decisão de ir para as Índias era certa, dirigiam-se, cedo ou tarde, para um vendedor de almas ou para a Casa das Índias Orientais. Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 116.

sempre resultava na saída do local de origem. O deslocamento só ocorria se houvesse o conhecimento de melhores chances.³³⁷ Para Matthew S. Anderson e Frank Tallett, a necessidade era o melhor agente de recrutamento do período. Colheitas ruins e fome facilitavam a aquisição de recrutas, já que para eles a vida no exército oferecia uma possibilidade de emprego e comida.³³⁸ A guerra também expeliu muitos jovens de casa porque arruinou muitas cidades e áreas rurais. De diferentes modos, a Guerra dos Trintas Anos levou parte da população masculina a se deslocar continuamente para procurar atividades de guerra ou para fugir da destruição provocada por ela.³³⁹

Mas, por definição, nem todos os estrangeiros que partiam para a República eram pobres. Muitos iam para os Países Baixos porque esperavam ganhar mais do que em sua própria terra e melhorar de vida. Os salários pagos nos Países Baixos eram mais elevados do que qualquer outra localidade na Europa Ocidental – assim como o custo de vida.³⁴⁰ Ainda que os estipêndios pagos a militares fossem menores do que os pagos em outras atividades, não devem ser considerados baixos, pois enquanto muitos trabalhadores labutavam o dia inteiro, muitos militares dedicavam parte de seu tempo a exercícios. Também não pagavam despesas com subsistência e moradia ou impostos, no caso dos militares não comissionados.³⁴¹ Stephan Carl, por exemplo, desejava servir no Brasil na cavalaria, onde “o pagamento é [de] 18 florins por mês, ao qual é adicionada minha pilhagem regular”.³⁴² Ele também esperava servir a mestres – isto é, a

³³⁷ Canny, Nicholas. ‘In Search of a Better Home? European Overseas Migration, 1500-1800’. In Canny, Nicholas, *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 278; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, pp. 40-41; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 113-116, 118-119; Para mais informações sobre a viagem de Nicolaas de Graaf ao Brasil – *Vijfde Reise naar de kust van Brasiel, met 't Schip de Dolphyn, onder de Heer Admiraal Houtuin'* – ver: Graaf, Nicolaas de. *Reisen van Nicolaas de Graaff. Gedaan naar alle gewesten des Werelds. Beginnende 1639 tot 1687*. ‘S-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1930, pp. 34-39.

³³⁸ Anderson, M. S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*, p. 46; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 93; Ver também: Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 47.

³³⁹ Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in European economic and social history’. Vol.1. In *Vierteljahrsschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, pp. 457-458.

³⁴⁰ Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic. Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, pp. 351-353, 630-633.

³⁴¹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 57-58, 129; No século XVII, de acordo com Simon Schama, um trabalhador especializado ganhava 2,8 florins por semana. Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 601-606. O valor da paga mencionado por Schama difere do valor mencionado por Jan de Vries e Ad van der Woude em *The First Modern Economy*. Nos Países Baixos Ocidentais, isto é, as Províncias da Holanda, Utrecht e Zelândia, trabalhadores especializados podiam, entre 1630 e 1650, ganhar um pouco menos do que o valor apontado por Schama por dia. Nas outras províncias, no mesmo período, os valores variavam para diárias entre 16 *stuivers* e 18 *stuivers* por dia. Vries, Jan de; Woude, Ad van der. *The First Modern Economy. Success, failure, and perseverance of the Dutch economy, 1500-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 610, 612.

³⁴² Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Forte Bruijn, 3-13/05/1636 (carta número 60). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 274-275.

WIC – “que pagam estipêndios mensais com mais certeza do que o da coroa da Suécia”.³⁴³ Ou seja, paga regular, disponibilização de alojamento, fornecimento de alimentos, além do direito de dividir o produto do saque eram fortes atrativos. Aliás, botim e saque eram considerados recompensas legítimas às quais os soldados tinham direito e fortes fatores de atração para a vida militar. A própria Companhia, conforme pode ser visto em seu privilégio (*Octroy*) estipulava como seria feita a divisão de mercadorias “tomadas à força”, cujo valor era partilhado proporcionalmente de acordo com a hierarquia dos envolvidos na captura/apresamento.³⁴⁴

Mas, além das questões de ordem econômica, outras motivações devem ter impulsionado o movimento de pessoas para o serviço nas companhias de comércio neerlandesas. A história pessoal de alguns dos recrutados como soldados ou marinheiros da WIC ou da VOC fornecem outros elementos para discutir motivações para o alistamento fora da esfera econômica. Nem sempre ruína e pobreza levaram homens a deixar a Europa para seguir em viagens para locais distantes. Ainda que tal motivo pareça ser um clichê, o desejo de ter novas experiências e de conhecer outras terras deve ter desempenhado algum papel de estímulo para os que se engajaram nas companhias comerciais neerlandesas.³⁴⁵ Johan Gregor Aldenburgk disse estar inclinado, desde a juventude, a viajar e ver terras estranhas e experimentar algo de bom nelas. De acordo com sua narrativa, foi com essa finalidade que ele saiu de Coburg percorrendo pelas regiões de Thüringen e de Niedersachsen, quando teve nessa última área notícias da organização em Amsterdã de uma armada para as Índias Ocidentais.³⁴⁶ Quando partiu para o Brasil, o irmão de Ambrosius Richshoffer, Daniel Richshoffer, tentou seguir seus passos. Ambrosius, por sua vez espelhou-se no exemplo do avô Ambrosii Trauscher, que pretendia obter distinção ao entrar – como militar – a serviço da cidade de Veneza em 1571.³⁴⁷ Já Stephan Carl, cuja história é mais conhecida, também alegou, além da procura por autonomia e boa posição no exército da WIC, querer o bem-estar da sua família.³⁴⁸ Sinceramente ou não, ele encarou a viagem para o Brasil como mais uma oportunidade para reaver a confiança de sua família e de fazer, de acordo com suas palavras, “honrosamente meu próprio caminho sem qualquer necessidade do meu

³⁴³ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Den Helder, 4-14/01/1636 (carta número 58). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 268.

³⁴⁴ Artigo XLII do *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621*; A respeito da atração existente por conta da possibilidade de pilhagem ver: Anderson, Matthew S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*, pp. 54-56; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985, pp. 117-118; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 58; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 96.

³⁴⁵ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 53; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 119.

³⁴⁶ Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625*, p. 155.

³⁴⁷ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 4-5.

³⁴⁸ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 254-255.

patrimônio”.³⁴⁹ Além da procura por outras oportunidades, a tentativa de Peter Hansen de participar de uma expedição destinada a Moscou também pode indicar seu desejo de viajar e conhecer outras paragens.³⁵⁰ Recrutados da VOC em períodos diferentes, Johann Sigmund Wurffbain e Ernst Christoph Barchewitz incluíram a curiosidade como um motivo de atração para se alistar na VOC. No entanto, Wurffbain diz que essa era uma motivação errada, já que quem desejasse conhecer outras terras deveria partir como passageiro em uma embarcação inglesa destinada às Índias, não como alistado da VOC.³⁵¹ O desejo de se juntar aos que partiam para as Índias também foi mencionado na canção *Matroos Af-Scheyt*, de 1696. De acordo com a canção, a aparência e o estilo de vida – ainda que fora da realidade cotidiana – parecem exercer alguma influência na decisão dos alistados.³⁵²

As escolhas individuais de migrar permanecem especulativas porque raramente os motivos de migração foram diretamente mencionados nos testemunhos das pessoas que deixaram suas casas e porque dificilmente se pode estabelecer uma razão única para a migração/transmigração e entrada em uma das companhias comerciais neerlandesas. Além do desejo de viajar, de se aventurar e de buscar prestígio em terras distantes, as expectativas de melhores situações de vida e a falta de oportunidade permanecem como motivações básicas para as viagens empreendidas pelos recrutados da WIC em diferentes momentos. Por fim, vale lembrar que a decisão de partir para o ultramar, caso fosse de fato uma escolha do recrutado, podia estar atrelada ao conhecimento da existência de melhores oportunidades de vida, além da possibilidade de transporte para o local de destino.³⁵³

2.3 Informações sobre o local de destino

Obter informações a respeito do lugar de destino e das possibilidades de ganhos – além da pré-existência de meios de transporte para os locais para onde iriam se deslocar – eram

³⁴⁹ Carta de Stephen Carl para Lucas Friederich. Texel, 18-28/11/1635 (carta número 55). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 261; De acordo com Steven Ozment, em 1630, Stephan tinha herdado de seu pai uma obrigação financeira de 1.560 florins, que diminuíram para 900 florins em 1632 e que antes de sua morte tinham sido completamente exauridas por causa de circunstâncias que Stephan não pôde controlar. Stephan tinha mais dinheiro em papel do que possuía de fato e sua parte da herança sempre foi controlada por outras pessoas. Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 2, 6.

³⁵⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 63-64; Os irmãos mais velhos de Peter Hansen herdaram a propriedade da família e ele se viu forçado a procurar emprego em outro local. Kraack, D. A. ‘Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*, pp. 239-241.

³⁵¹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 119-120.

³⁵² “*Ik siese nyt en t’buys komen hier, Zy drincken, sy klincken, sy maeken goet chier, Zy syn in ’t habyt, Gekleedt met zijd’. Ik moet mee gaen varen, dat is myn rhyt*” (“Eu os vejo voltar para casa, eles bebem, eles brindam e causam boa impressão, [eles] vestem roupas de linho. Eu devo navegar com eles, esse é o meu desejo”). In Camerata Trajectina. *Van Varen en Vechten*, Faixa 3, ‘Matroos Af-Scheyt/Sailor’s Farewell’ (Matroosen vreught, 6^e druk Amsterdam 1696).

³⁵³ Canny, Nicholas. ‘In Search of a Better Home? European Overseas Migration, 1500-1800’, p. 278.

requisitos básicos para muitos dos que desejavam migrar, pois assim poderiam planejar os próximos passos de suas jornadas. Ainda que jamais tivessem adquirido qualquer dado a respeito do Brasil ou das Índias Ocidentais – ou mesmo nunca tivessem inicialmente planejado ir para algum desses locais – os futuros contratados da WIC tinham a oportunidade de obter informações sobre o local de destino na República ou fora dela.

Notícias sobre o Novo Mundo chegavam de maneira notavelmente rápida e em abundância aos Países Baixos. Como no resto da Europa, a América chegou aos Países Baixos muito antes de os Países Baixos irem ao Novo Mundo. As formas de circulação de informação eram as mais variadas e chegaram à Europa de formas distintas: oral, escrita e visual. Em uma ofuscante variedade de textos – relatos de viagem, narrativas históricas, panfletos políticos, poesia épica – e de acervo visual – atlas, gravuras, mapas decorativos, pinturas de paisagem – os neerlandeses leram, visualizaram ou escutaram a respeito do Novo Mundo. Nos Países Baixos, boa parte dessa produção foi traduzida para o neerlandês, francês e/ou latim, língua franca dos círculos escolados do Norte. Idéias e informações sobre o Oeste também circularam por meio do comércio e, por conseguinte, através das pessoas que empreenderam viagens às Índias.³⁵⁴ Aliás, a circulação de milhares de produtos e de indivíduos de distinta condição social possibilitou a troca de diversos tipos de informação em diferentes níveis.

Alguns exemplos de pessoas recrutadas pela WIC – ou mesmo pela VOC – servem para demonstrar como eles adquiriram dados e o que eles souberam a respeito dos locais de migração antes de realizar a viagem. Desde que Stephan Carl Behaim soube do plano de seus familiares para enviá-lo para as Índias Ocidentais, ele passou a ponderar sobre suas possibilidades na colônia. Recém chegado a Amsterdã, ainda sem ter assinado contrato com a WIC e sem saber quando iria embarcar, já esperava poder contar com um dos contatos do seu irmão – Ludwig Camerarius, embaixador da Suécia na República – para obter uma recomendação que lhe possibilitasse obter a posição de alferes (*vaandrig*) na Companhia. Também pediu a sua mãe uma remessa de dinheiro para comprar mercadorias baratas para levar para as Índias Ocidentais, além

³⁵⁴ Schmidt, Benjamin. *Innocence abroad. The Dutch Imagination and the New World, 1570-1670*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 6-7; Sobre a circulação de informação ver também: Françaço, Mariana Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico Holandês (século XVII)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, 2009; Em relação a mapas e atlas ver: Zandvliet, Kees. *Mapping for Money. Maps, plans and topographic paintings and their role in Dutch overseas expansion during the 16th and 17th centuries*. Amsterdam: Batavian Lion International, 2002; É importante salientar ainda que os níveis de instrução nos Países Baixos eram elevados. Tais níveis de letramento permitiam que homens de origem humilde, como marinheiros, condutores de barca e artesãos pudessem acompanhar os principais desenvolvimentos políticos e religiosos através da leitura de numerosos panfletos escritos em neerlandês impressos desde 1570. A ênfase do ensino primário era direcionada para a construção da capacidade de leitura mais do que escrita e aritmética. Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic*, pp. 686-687.

de outras mercancias para o uso pessoal.³⁵⁵ Nos dias que antecederam seu embarque para o Brasil, Stephan procurou e obteve informações mais detalhadas sobre o que iria encontrar por lá e do que iria precisar para sua viagem. Em uma de suas cartas para Johannes Morian – primo de Abraham de Braa e contato direto de Stephan para o fornecimento de mercadorias –, Stephan disse que “muitas pessoas conhecedoras do Brasil advertiram-me sobre as coisas que eu vou mais precisar quando eu chegar a Terra [Nova]. Algumas dessas coisas eu não posso comprar por lá e outras irão custar tanto quanto em Amsterdã”. Ele fez uma lista para Morian na qual solicitou o envio de roupas leves e determinados tipos de comida para a jornada. “Eu quero presunto, carne defumada e queijo “não para a viagem, mas para levar comigo a Terra [Nova], por essas serem coisas que eu não posso comprar por lá”. Possivelmente por conta do que ouviu dos veteranos e de rumores sobre a situação de um conterrâneo de Nuremberg – um jovem da família Tucher – que servia no Brasil, Stephan temia passar por privações e queria estar preparado. Segundo ele, “ao contrário dele [isto é, Tucher], eu não terei que escrever para casa que eu só faço passar fome. Porque as rações não devem ser apenas pequenas, mas também velhas e meio podres. Então, especialmente para meu refrescamento, provisões adicionais não podem fazer mal”. Ele baseou todos os seus pedidos ao intermediário de seu credor através das informações colhidas por meio de conversas com soldados veteranos e de gente bem informada das condições de existência no Brasil.³⁵⁶

Antes da busca por informações na República feita pelo jovem Behaim, seu meio-irmão, Lucas Friederich – idealizador da viagem –, também procurou se informar melhor a respeito da possibilidade de enviá-lo para as Índias. Friederich já devia ter algum conhecimento sobre as viagens ultramarinas e terras distantes quando pediu a seu contato de Amsterdã, Abraham de Braa, detalhes a respeito dessas jornadas e informações extras sobre a probabilidade de obter emprego para Stephan em uma das Companhias – além dos pormenores do trajeto entre Frankfurt e Amsterdã.³⁵⁷ Em uma carta de Stephan para Friederich, escrita no Brasil, a respeito da terra e dos habitantes, o jovem menciona que seu irmão já devia ter lido informações suficientes a respeito dos tapuias em Sebastian Münster e em outros autores. Münster escreveu *Cosmographie*

³⁵⁵ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 254, 256.

³⁵⁶ Carta de Stephan Carl Behaim para Johannes Morian. Texel, 30/12/1635 (carta número 57); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Den Gelder, 4-14/01/1636 (carta número 58); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 06/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 265-266, 267, 269-270. Conforme escreveu Stephan, em 30 de dezembro de 1635, ele soube por soldados que estiveram no Brasil e preparavam-se para voltar que ele poderia comprar cavalos aos portugueses. Ele ainda nutria o desejo de entrar para a cavalaria quando embarcou para o Brasil; Na carta enviada à mãe em janeiro de 1636, ele mencionou que necessitava de linho para vestuário leve na “Terra Nova”, além de uma série de produtos para se recuperar da doença que o acometera durante sua espera para o embarque.

³⁵⁷ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 252.

oder Beschreibung aller Länder, um descrição muito popular sobre terras estrangeiras publicada primeiramente em 1544 e que teve muitas edições posteriores.³⁵⁸

Para Stephan, foi importante ter certo conhecimento sobre seu local de destino antes de chegar a Amsterdã. Ele pôde obter algumas informações sobre o Brasil ainda fora da República, como sugere a leitura do livro de Sebastian Münster e as cartas de De Braa enviadas a seu meio-irmão. Ao chegar aos Países Baixos, ele complementou os dados prévios com outras informações adquiridas de pessoas com experiência pessoal no Brasil. Possivelmente ao contrário de muitas outras pessoas que seguiram viagem a serviço de uma das companhias comerciais neerlandesas, Stephan teve a oportunidade de obter uma variedade de informações – oral, escrita e visual – sobre o Brasil.³⁵⁹

Além de Behaim, J. G. Aldenburgk estava fora dos Países Baixos quando teve conhecimento da montagem em Amsterdã de uma frota destinada ao Brasil. Por sua vez, Ambrosius Richshoffer já sabia para onde queria ir e onde poderia alcançar seu objetivo. Foi assim que ele desceu o rio Reno, em 1629, para alcançar Amsterdã e de lá seguir para as Índias a serviço da VOC. No entanto, seu plano inicial sofreu uma alteração de rota, já que a Casa da Companhia das Índias Orientais não estava recrutando. Como a Casa da WIC estava contratando pessoal para uma expedição contra Pernambuco, ele não perdeu a viagem – nem o dinheiro investido para chegar a Amsterdã – e entrou a serviço da Companhia.³⁶⁰ Apesar de nenhum dos dois mencionar diretamente como obtiveram as notícias ou quem os informou a respeito das Índias, pode-se especular que não era difícil obter informações sobre essas companhias e suas viagens ultramarinas, uma vez que as companhias de comércio neerlandesas eram os maiores empregadores da República no período. Inclusive, na primeira metade do século XVII, a WIC foi muito popular entre os alemães, possivelmente por conta dos melhores salários em comparação com a VOC, contrato de trabalho de menor duração e tempo de viagem inferior.³⁶¹

Conforme já mencionado, em hospedarias e cidades portuárias – como Hamburgo e Bremen – informações eram compartilhadas sobre rotas, perigos e, principalmente, ofertas de trabalho. Sabe-se ainda que, nos Estados Alemães, local de origem de parte substancial dos recrutados da WIC, existia todo um imaginário a respeito da prosperidade da República e das chances de encontrar ocupação por lá. Além disso, se conhecia bem o que a República podia

³⁵⁸ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 3-13/05/1636. (carta número 60). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 274.

³⁵⁹ Conforme já visto, a decisão de partir para as Índias Ocidentais ou Orientais podia ocorrer muito tempo depois de os recrutados deixarem o local de origem.

³⁶⁰ Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625*, p. 155; Richshoffer, Ambrosius. 'Reise nach Brasilien 1629-1632', p. 5.

³⁶¹ Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie', p. 132; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 135, nota 94.

oferecer, o que a VOC significava e até mesmo como trabalhavam os *zielverkoopers*.³⁶² O direcionamento para os Países Baixos também se devia a uma efetiva campanha de propaganda e a facilidade de transporte para os portos da República.³⁶³

Também era possível ler sobre o local para onde pretendiam viajar. Muitas narrativas de viagens, atlas, tratados teológicos e descrições da flora e fauna podem ser tomadas como indicativo. Segundo Van Gelder, não é possível dizer o quanto tais obras inspiraram os recrutados da VOC, mas certamente alguns deles podiam ler – inclusive os de patente mais baixa.³⁶⁴ Entre os pertences de soldados e marinheiros da VOC falecidos a caminho da Ásia, além de bíblias e livros de cânticos, havia outros tipos de livros, embora não especificados. É plausível que alguns dos viajantes oriundos de famílias de melhor condição tivessem acesso a livros na casa dos pais. Uma série de exemplos de recrutados da VOC serve para exemplificar como informações podiam ser obtidas através de material escrito. Engelbert Kaempfer, que aos quinze anos, no ano de 1676, foi estudar em Krakau e posteriormente tornou-se famoso pelos estudos feitos sobre o Japão, pesquisou na biblioteca paterna. Heinrich Muche disse que o relato de Johan Nieuhoff sobre a China inspirou-lhe para fazer a viagem. Georg Naporra menciona ter lido, durante sua juventude, diversos livros sobre as Índias Orientais. Esses livros produziram nele um forte desejo de viajar para essas terras, que não podia ser sanado até que ele pudesse vê-las. Mas no seu retorno, ele os almadicoou, porque eles seduziam jovens e ele tinha experimentado algo bastante diferente do que tinha sido levado a acreditar pelas leituras. Outro alemão, Johann Conrad Raetzl, disse que seu desejo de viajar surgiu quando ele trabalhava com um colega que havia lido muito sobre outras terras e que havia lhe contado muitas histórias sobre essas leituras. O homem o aconselhou a viajar e escrever-lhe informações sobre essas terras longínquas. Porém, um dos relatos mais interessantes foi feito por Johann Wilhelm Vogel, que em 1678, aos 20 anos, trabalhava como escriturário na chancelaria do duque de Gotha-Saxônia em Gotha. Vogel achou as histórias de um livro tão fascinantes que ele mesmo sentiu um violento impulso para viajar. Ele

³⁶² Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, pp. 58, 82-83; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 44, 123, 130; Na página 123, Van Gelder diz ainda que alguns dos recrutados pela VOC estudados por ele declararam ter ouvido histórias a respeito das Índias Orientais de ex-marítimos. O autor neerlandês cita o caso do confortador de doentes chamado Isaac Sunderman. Ele escreveu que em todos os caminhos da Alemanha para Amsterdã histórias das Índias Orientais e de ex-viajantes eram contadas. Sua experiência pessoal atesta isso: ele foi persuadido por dois jovens suíços em um albergue da parte alemã de Limburg a seguir para a Ásia. Posteriormente ele creditou sua decisão de seguir o conselho dos suíços por “estupidez e ignorância”.

³⁶³ Canny, Nicholas. ‘In Search of a Better Home? European Overseas Migration, 1500-1800’, pp. 278-279. Toda uma rede de transporte entre alguns dos Estados Alemães e os Países Baixos já era existente antes mesmo da partida de frotas neerlandesas para as Índias.

³⁶⁴ De acordo com Gonsalves de Mello, larga parcela da população era alfabetizada nas Províncias Unidas. Ele se baseou no percentual de gente que assinou seu nome por extenso nos registros de casamento da cidade de Amsterdã, onde se observou, em 1637, que 57% dos homens assinavam por extenso, enquanto que entre as mulheres o percentual era de 33%. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, pp. 414-415.

pediu demissão do trabalho, partiu para Amsterdã e passou dez anos distante de casa. Vogel mencionou o nome do narrador que o inspirou: Caspar Schmalkalden. Schmalkalden trabalhou pela WIC no Brasil entre 1642 e 1646 e pela VOC entre 1646 e 1652. Ele deixou um manuscrito ilustrado baseado em suas viagens.³⁶⁵

O correio também era um importante serviço de circulação de informação no período. Cartas podiam ser entregues a membros da família, amigos e conhecidos que viajavam. Até correspondência transatlântica era entregue de maneira confiável e, considerando as condições, em tempo razoável: uma carta escrita por Stephan Carl do Recife, em 3 de maio de 1637, foi recebida em Nuremberg no dia 14 de outubro.³⁶⁶ O próprio Stephan obteve mais informações sobre as condições de existência no Brasil através de possíveis rumores sobre o conteúdo das cartas escritas pelo jovem da família Tucher a sua família.³⁶⁷ Cartas a punho ou ditadas – para os que tinham uma capacidade de escrita baixa –, além de recados orais eram dados aos que chegariam à Europa antes. No geral, esse sistema funcionava bem. Muitas vezes a esposa de um marítimo sabia da morte de seu marido por essa via, antes mesmo de receber uma comunicação oficial da Casa das Índias.³⁶⁸

Os que não tinham cogitado partir inicialmente para as Índias e estavam à procura de faina na República, ou mesmo já trabalhavam por lá, podiam, principalmente nas cidades portuárias, obter informações através de (ex-)militares,³⁶⁹ prostitutas,³⁷⁰ comerciantes e agentes de recrutamento. Zacharias Wagener passou um ano trabalhando em Amsterdã com W. J. Blaeu até assinar com a WIC, por sugestão do último. Foi talvez trabalhando em sua firma que Wagener teve contato visual com as terras sob jurisdição da WIC. Blaeu e Johannes Vingboons, seu sócio, foram fornecedores de mapas da WIC entre 1633 e 1673.³⁷¹ Peter Hansen estava alojado na casa de uma viúva na vizinhança da Casa da Companhia das Índias Ocidentais de Amsterdã. Mesmo

³⁶⁵ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 122-125.

³⁶⁶ Ozment, Steven. *Three Beheim Boys*, pp. 6-7.

³⁶⁷ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 06/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Beheim Boys*, pp. 252, 270. Não se sabe como Stephan teve acesso ao conteúdo das cartas de Tucher. Talvez seu credor, Abraham de Braa, que já tinha comentado sobre Tucher a Lucas Friederich em março de 1635, ou algum de seus amigos de Nuremberg lhe contou algo a respeito da situação do jovem.

³⁶⁸ Pol, Lotte C. van de. *Het Amsterdams boerdom*, p. 149.

³⁶⁹ Como os veteranos que informaram Stephan sobre o que ele iria encontrar no Brasil. Ambrosius Richshoffer também relata uma forma de obtenção de notícias “boca a boca”. Ele disse que no retorno à Europa, os que desembarcaram – incluindo ele – foram cercados por muita gente, principalmente mulheres pedindo notícias de seus maridos, filhos e irmãos. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 133.

³⁷⁰ De acordo com Lotte C. van de Pol, os prostíbulos preenchiam um importante papel de divulgação de notícias de marítimos para casa. Pol, Lotte C. van de. *Het Amsterdams boerdom*, p. 149.

³⁷¹ Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’, p. 222; Zandvliet, Kees. *Mapping for Money*, pp. 106, 125-126, 175. A amizade com a família Blaeu continuou mesmo depois da morte de W. J. Blaeu em 1638. Após voltar do Brasil, em 1641, o filho de W. J. Blaeu, Johan Blaeu, escreveu uma carta de recomendação para Zacharias quando ele partiu para Batávia contratado pela Companhia das Índias Orientais, em 1642.

se não tivesse sido informado por ninguém sobre a Companhia, ele teria, caso estivesse em seu alojamento, escutado o anúncio da abertura do recrutamento para a WIC feito por tambores e flautistas, como era corrente.³⁷² Um alemão de Holstein ouviu diversas vezes em Amsterdã, em 1655, de funcionários da VOC, o quanto a terra era produtiva e que tinham visto coisas, pessoas, animais, terras e plantas fantásticas. Esses funcionários chegaram com uma boa quantia de dinheiro nas mãos e ele, que trabalhava como encadernador e não ganhava muito, terminou decidindo se alistar naquela Companhia. Jörg Franz Müller também teve notícias das “muito boas e favoráveis” condições na Ásia, o que o levou a decidir pela viagem a Amsterdã, onde foi contratado pela VOC.³⁷³ Os agentes de recrutamento também foram responsáveis pela divulgação de notícias inverídicas sobre as Índias Ocidentais e Orientais. Eles contavam a estrangeiros humildes as mais belas histórias, como escreveu um diarista de Wurtemberg, que se alistou na VOC em 1675. Outro contratado pela Companhia das Índias Orientais, Christoph Schweitzer, de Stuttgart, conta que os *ziehverkopers*, sem hesitar, davam martelo e cinzel para os “clientes” extraírem diamantes das rochas. Em 1734, um aliciador de Roterdã contou ao fabricante de barris alemão Georg Bernhard Schwartz, já inclinado a viajar para o Leste, como as pessoas podiam encontrar na rua diamantes e outras pedras preciosas.³⁷⁴ Atuação semelhante teve o “vendedor de almas” descrito por Pierre Moreau, em *Histoire des derniers troubles du Brésil*. Entre as várias inverdades a respeito de um futuro glorioso dos jovens franceses no Brasil, caso aceitassem servir a WIC, ele dissera que “cada um voltaria [para casa] carregado de ouro e prata”.³⁷⁵

A propaganda fantasiosa também foi reproduzida em panfletos, mídia capaz de alcançar leitores de forma rápida e eficiente. No século XVII, impressos desse tipo foram capazes de atrair colonos neerlandeses para a Costa Selvagem – entre os rios Orinoco e Amazonas.³⁷⁶ A propaganda da Companhia das Índias Ocidentais também fazia o serviço no Brasil parecer algo muito vantajoso. De acordo com o panfleto de 1647, *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* – lançado, como mencionado, para atrair voluntários do *Staatse Leger* para a frota de Witte de With –, além do soldo, adiantamento de dois salários no pré-embarque, alimentação – ou dois florins semanais em dinheiro para comprar comida – e alojamento, havia amplas possibilidades para os militares que iriam para o Brasil: poderiam construir a própria casa – o material construtivo

³⁷² Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 66.

³⁷³ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 123-124, 143. Müller, que trabalhava como fabricante de armas em Leiden, já havia sido advertido pelo seu patrão sobre os perigos da viagem para o Leste.

³⁷⁴ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 124.

³⁷⁵ Moreau, Pierre. ‘Histoire des derniers troubles du Brésil’, p. 195: “qu’après trois ans on s’en reuenoit chargé d’or & d’argent”.

³⁷⁶ Heijer, Henk den. “‘Over warme en koude landen’. Mislukte Nederlandse volksplantingen op de Wilde Kust in de zeventiende eeuw’. In *De Lage Landen en de Nieuwe Wereld. De zeventiende eeuw. Cultuur in de Nederlanden in interdisciplinair perspectief*. Tijdschrift van de Werkgroep Zeventiende Eeuw. Jaargang 21, nummer 1, 2005, pp. 79-90.

podia, sem muitas dificuldades e sem custos, ser pego nas matas; havia a chance de fazer um ganho extra ao vender garapa ou outras atividades dentro das guarnições, caso pudessem exercer algum ofício; teriam hospitais adequados para os que ficassem doentes e seriam indenizados caso perdessem alguns dos membros quando estivessem a serviço da WIC.³⁷⁷ Essa última “vantagem” demonstra que os candidatos aos cargos oferecidos pelas Companhias de Comércio Neerlandesas sabiam ou poderiam ao menos imaginar, mesmo antes de assinar contrato, quais seriam os perigos existentes no exercício de suas futuras funções.³⁷⁸ Além de o panfleto omitir que o Recife – capital da conquista – estava sitiado pelos portugueses, o que impossibilitava o trânsito livre, e que os hospitais não gozavam de boa reputação, o impresso não informa nada sobre uma série de descontos gerados na folha de pagamento dos futuros militares da WIC, conforme será trabalhado adiante. Embora irrealistas, propagandas desse tipo eram capazes de atrair pessoas para as regiões mais inóspitas.³⁷⁹

Os que não tiveram a oportunidade de obter qualquer informação a respeito do local de destino – o que devia ser muito improvável –, teriam na embarcação – em Texel ou em qualquer outro porto de onde zarpavam – a oportunidade de conversar com veteranos. Nos navios, através de companheiros de armas, poderiam compartilhar todo o tipo de informação sobre o local para onde viajavam e também comparar as informações que haviam obtido sobre as Índias com os novos dados adquiridos. Para muitos, seria um momento de surpresa, espanto ou desconforto. Nesse momento, saberiam melhor no que estavam envolvidos, embora só a presença física permitisse vivenciar o que até então estava na imaginação, nas palavras ou em folhas de papel.

Conclusão

Apesar dos indícios da atuação de aliciadores no recrutamento de gente para o Brasil aparecerem em declarações e procurações notariais dos cartórios das cidades de Amsterdã e Roterdã – tais quais os referidos por Pierre Moreau no começo deste texto –, é difícil precisar o quanto essa forma de alistamento representou em termos numéricos na arregimentação total de “gente de guerra” para a Companhia das Índias Ocidentais. Embora Marc van Alphen, um dos principais estudiosos do tema, tenha referido que eles eram os principais fornecedores de gente

³⁷⁷ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*, Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 41-42.

³⁷⁸ Os mesmos valores indenizatórios descritos no panfleto *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* estão mencionados no artigo XLIV das *Articul-Brief* da WIC.

³⁷⁹ Kruijtzter, Gijs. ‘European migration in the Dutch sphere’. In Oostindie, Gert (Ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008, p. 106; Sobre a reputação dos hospitais no Brasil, ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 391-393.

para as companhias de comércio e almirantado nas Províncias Unidas e que tal sistema informal e pouco custoso de recrutamento tenha funcionado sem grandes dificuldades até meados do século XVIII, apenas um estudo em cartórios de cidades relacionadas à WIC poderia dar uma idéia mais precisa do quão importante era a ação desses recrutadores.

No geral, a documentação oficial da Companhia não é específica em relação à arregimentação de gente para seu exército. No entanto, sabe-se que além dos homens arrebanhados pelos *zielverkopers* e *volkbouders*, a WIC valeu-se de empréstimos de grupos inteiros de militares provenientes do exército dos Estados Gerais, a exemplo de grandes cessões de tropas para o Brasil ocorridas nos anos de 1639 e 1647. Nesse caso, a República alistava de maneira semelhante a outras localidades da Europa, não forçando seus homens a se alistar – ao contrário do que ocorria na Espanha e em Portugal – e concedendo contratos a empresários, muitos dos quais militares de alta patente, de maneira que eles fornecessem companhias e até mesmo regimentos inteiros de soldados e oficiais. Documentos pessoais de alguns dos recrutados enviados ao Brasil indiciam também que a WIC estava aberta a receber voluntários em seus escritórios espalhados nas Províncias Unidas. Foi assim que muitos dos diaristas estudados foram parar no Brasil. Parece ainda que os diretores da Companhia das Índias Ocidentais intencionavam contratar gente fora das fronteiras da República, embora a escassez de fontes sobre o episódio possa sugerir que essa pode ter sido apenas uma discussão em torno de como deveriam ser arrolados mais militares para o exército. Isso tinha relação, como mencionado anteriormente, com a ampla autonomia da Companhia na maneira de recrutar seu pessoal.

Os métodos de recrutamento tinham conexão com o lugar onde os recrutados iriam servir. No caso daqueles contratados por intermédio de *zielverkopers*, *volkbouders* e seus agentes, não havia muita escolha da paragem final. Os homens podiam ser recrutados para servir no primeiro lugar que oferecesse trabalho, sendo, portanto, plausível que o Brasil tenha, por algum momento, drenado muitos daqueles que saíram da República das Províncias Unidas para as Índias Ocidentais. Tal suposição mostra-se ainda mais correta quando se considera o tamanho diminuto das guarnições da WIC na África e América do Norte em relação com as mantidas no Brasil.³⁸⁰ Independente do local de destino, os salários dos homens da WIC eram os mesmos e as posições para as quais eles eram recrutados dependiam mais das redes de contatos pessoais do que da qualificação e experiências anteriores, embora estas fossem extremamente úteis para a melhoria de condição no Brasil, como será visto posteriormente.

³⁸⁰ Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie', p. 134; Silva, Filipa Isabel Ribeiro da. *The Dutch and the Portuguese in West Africa: Empire Building and Atlantic System (1580-1674)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2009, pp. 94-95, 99.

Apenas quando havia dificuldade no recrutamento de voluntários, algo observável principalmente no período em que estourou a revolta dos moradores no Brasil, os comissários dos Estados Gerais, em benefício da WIC, ofereceram vantagens pecuniárias suplementares àqueles que se alistaram para servir no Brasil. Normalmente um pequeno valor era concedido a título de prêmio pelo serviço, no valor de dois meses de soldo adiantados. A fama de má pagadora da WIC iria prejudicar o recrutamento após sua rendição no Brasil, em 1654, quando os militares que retornaram para as Províncias Unidas ficaram sem receber pelo trabalho no Brasil. Antes do maior período de turbulência da primeira Companhia das Índias Ocidentais (1644-1654), ela parecia gozar de melhor reputação e ter atraído mais gente do que a VOC, haja vista o salário um pouco melhor e contrato e tempo de viagem menores. A falta de pessoal relatada no Brasil ao longo dos anos de ocupação parece estar mais relacionada às dificuldades financeiras da WIC em recrutar do que à oferta de mão-de-obra, embora essa pudesse ser obstada por resistência ao serviço no Brasil, conforme observado em 1647.

É sensato dizer que quem pudesse encontrar um bom trabalho na República não optaria em seguir para a América. Nesse sentido, questões econômicas parecem ter pesado decididamente na decisão de se alistar na WIC. Além das vantagens econômicas – reais ou ilusórias – que atraíam os recrutados, devem-se considerar ainda diversas questões de ordem pessoal que podiam levar gente com algum recurso e até mesmo com trabalho a migrar para a República e entrar a serviço da Companhia. Embora muitos aceitassem a primeira oferta de emprego que aparecesse, é importante dizer que muitos dos migrantes podiam saber algo a respeito do Brasil que os levou a querer participar do exército da WIC. Informações sobre o Brasil e as Índias Ocidentais poderiam ser adquiridas de diversas formas e em variados graus de conhecimento. Tanto uma conversa com um veterano da Companhia em um dos portos da República como a leitura de um livro a muitos quilômetros de distância dos Países Baixos serviam como estímulos e/ou informativos para os que desejavam partir em busca de aventura, fortuna ou mesmo intentar ganhar o pão de cada dia em uma das atividades mais ofertadas nas cidades da República que tinham escritórios de recrutamento da WIC.

Parte II

Condições de vida cotidiana dos militares da WIC no Brasil



“Nós que temos experiência diária da força e da astúcia do inimigo [...] juntamente com os inconvenientes das matas e dos caminhos sinuosos, moléstias, mortalidade, falta de víveres, lenta esperança de socorros, chuva forte, calor excessivo, quase todos os elementos contra nós, pouco alimento, e este mesmo bem pouco saudável, sem beber nada a não ser água, marchas através de sarças e espinheiros, vigílias em que se transforma a noite em dia, passando-se noite e dia em fadigas sem fim, de tal sorte que não há ninguém, seja soldado, seja oficial superior ou inferior, que não esteja diariamente no trabalho, sem interrupção enquanto não rendido, sendo que mesmo dos que estão de guarda é necessário empregar alguns nos comboios; através de pântanos e maré alta e maré baixa, sob os tiros de mosquete do inimigo, sair em busca de madeira, cipó e feixes de ramos, a maioria das vezes a três quartos de hora de marcha daqui ou atravessando o rio, com embaraços inauditos de comboios, lenhadores, carregadores, etc., num alarme contínuo, sem vinho e com maus materiais, nós, dizia eu, que vivemos desta forma como um bando de escravos, não podemos compreender isto”.³⁸¹

Decorrido quase um ano após o desembarque das tropas da Companhia das Índias Ocidentais e da tomada de Olinda, o então governador da área recém conquistada, Diederick van Waerdenburgh, em uma de suas várias missivas aos Estados Gerais, relata os problemas diários enfrentados pelo exército expedicionário enviado ao Brasil. Com as posições da Companhia em Olinda e em Recife ainda vulneráveis, o governador pede reiteradamente por auxílio das Províncias Unidas para manter o que foi conquistado. Ao se observar individualmente cada uma das dificuldades explanadas por Waerdenburgh para avançar no território, percebe-se que elas eram majoritariamente relacionadas a questões de suprimento, a aspectos que diziam respeito ao estado de saúde dos militares e às condições de trabalho reinantes na localidade recém ocupada. Mudam-se as datas e os autores, mas esses três aspectos – abastecimento, saúde e condições de trabalho – continuam sendo reiteradamente debatidos, quando não compuseram tema central de relatórios, cartas e descrições feitas, entre os anos de 1630 e 1654, por membros do governo da Companhia, por militares de alta ou de baixa patente e até mesmo por viajantes ou comerciantes que passaram algum tempo no Brasil. Todo este conjunto documental fornece um instantâneo da experiência vivida pelos militares enviados ao Brasil. Desta feita, o objetivo dos capítulos subsequentes foi elaborar um estudo sobre as condições de vida cotidiana dos militares de baixa patente da Companhia no Brasil a partir dos três aspectos supracitados.

Cada uma das temáticas escolhidas foi subdividida em matérias correlatas. Assim sendo, suprimento teve relação com alimentação, alojamento e pagamento, aspectos trabalhados no terceiro capítulo. Em relação à assistência médica que a Companhia dispensava a seus

³⁸¹ Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945, pp. 55-56.

funcionários – serviço que pode ser pensado enquanto provimento – decidiu-se tratar o assunto em um capítulo à parte – o quarto –, dado o contínuo debate a respeito das condições de saúde da tropa observado nas comunicações entre o governo do Brasil e a administração da Companhia na República. Tal escolha teve relação ainda com a própria relevância da questão no dia-a-dia da tropa na conquista. Dessa maneira, foram apresentados os índices de baixa ao longo de alguns anos de ocupação, os tipos de ferimentos infligidos e as doenças que mais afetaram os militares, além da assistência dada a feridos e doentes. Por fim, no quinto capítulo debateram-se as condições de trabalho dos soldados da Companhia na conquista. Portanto, discutiram-se o serviço ativo, os confrontos – campanhas, batalhas e emboscadas – e o treinamento. O trabalho fora da WIC e a mudança de posição dentro da Companhia também foram inseridos nesse tópico, embora se faça conveniente informar que todos os três temas estejam inter-relacionados. Todos os aspectos discutidos nos tópicos estiveram sujeitos às peculiaridades dos diferentes momentos da ocupação da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, divididos em três fases específicas: a conquista (1630-1637), a expansão (1637-1644) e o declínio (1644-1654).³⁸² No entanto, foi possível averiguar mais padrões do que distinções entre os momentos. Também foram utilizados exemplos que não estiveram inseridos dentro dessa periodização. Isso ocorreu quando foi necessário explicar elementos que ultrapassam a compartimentação temporal estabelecida.

³⁸² Essa divisão é baseada na que foi estabelecida pelo historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello no livro *Olinda Restaurada* e reafirmada em sua obra recente *O Brasil holandês* da seguinte forma: A guerra de resistência (1630-1637), o interregno nassoviano (1637-1644) e a guerra de restauração (1645-1654). Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [2ª Edição] Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p.15.

Capítulo 3: O provimento das tropas

Segundo o “Privilégio” concedido pelos Estados Gerais à Companhia das Índias Ocidentais em 1621, ela estava obrigada a “manter” – diga-se alojar, alimentar e pagar – todos os homens recrutados para seu exército e aqueles emprestados pela República das Províncias Unidas para compor suas tropas.³⁸³ Embora estas aparentassem ser obrigações básicas, no mundo militar dos séculos XVI a XVII muitos militares não foram providos regularmente com alojamento, comida e soldo, principalmente quando operando em território inimigo. Naquele período, poucos foram os governos que conseguiram manter o pagamento de suas tropas em dia ou provê-las adequadamente. No que se refere ao pagamento, apenas as Províncias Unidas chegaram perto de atingir tal feito.³⁸⁴ Talvez seja por isso que o nuremberguês Stephan Carl Behaim, às vésperas de embarcar como militar para Pernambuco, em janeiro de 1636, escreveu a sua mãe convencido de que passaria a servir a “mestres” – isto é, a WIC – que pagariam estipêndios mensais com mais certeza do que a coroa da Suécia, a quem ele serviu em um regimento alemão em Frankfurt am Main e em um regimento franco em Mainz.³⁸⁵

Além da paga, Behaim esperava ter suas despesas com alimentação custeadas pelos novos patrões. Sua opinião seria abalada alguns dias depois, enquanto aguardava o embarque para o Brasil no porto de Texel. Na ocasião, Behaim teve contato com “pessoas familiarizadas com o Brasil”. Elas o advertiram da necessidade de levar itens imprescindíveis para o dia-a-dia da conquista que não poderiam ser encontrados ou que custariam elevadas somas. Quando chegou

³⁸³ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621. Mette Ampliatien van dien, ende Het accord tusschen de Bewint-hebberen ende Hooft-participanten vande selve Compagnie, met approbatie vande Hoog: ende Mog: Heeren Staten Generael ghemaect.* 's Graven-Haghe: By de Weduwe, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrant Jacobssz. Van Wouw, Ordinaris Druckers vande Hog: Mog: Heeren Staten Generael, 1623, artigo V.

³⁸⁴ Martin van Creveld é taxativo em afirmar que nenhum sistema logístico do período poderia sustentar um exército envolvido em operações em território inimigo e que nenhum dos grandes estados europeus, à exceção da República das Províncias Unidas podia pagar suas tropas durante o período da Guerra dos Trinta Anos, algo contestável em estudos posteriores do pesquisador neerlandês Pepijn Brandon, para quem o espinhoso problema de manter os soldos em dia só iria encontrar solução com a terceirização do pagamento, a ser feito por empresários militares, movimento este que só começou a tomar forma a partir de meados do século XVII. Brandon, Pepijn. ‘Finding solid ground for soldier’s payment. Military soliciting and brokerage practices in the Dutch Republic (1648-1795)’. In *XVth World Economic History Congress, The spending of the States. Military expenditure during the long eighteenth century: patterns, organization and consequences, 1650-1815*. Utrecht, 2009, pp. 2-7; Creveld, Martin van. *Supplying War. Logistics from Wallenstein to Patton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, pp. 7-8; Davies, C. S. L. ‘Provisions for Armies, 1509-50; a Study in the Effectiveness of Early Tudor Government’. In *The Economic History Review*. Vol. 17, No. 2, 1964, pp. 234-248; Parker, Geoffrey. ‘Mutiny and Discontent in the Spanish Army of Flanders 1572-1607’. In *Past and Present*, n. 58. Oxford: Oxford University Press, 1973, p. 38; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, pp. 113, 118; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [Cambridge, 1972] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 157.

³⁸⁵ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Den Helder, a bordo do navio Haarlem, 4-14/01/1636 (carta número 58). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 253, 268.

ao Brasil, ele pôde comprovar pessoalmente a veracidade dessas informações e também confirmar a história pessoal de um militar contrerrâneo de quem ele teve notícia e cuja situação vivida passaria a ter similaridades com sua própria trajetória.³⁸⁶

Semelhantemente aos militares dos exércitos em atividade na Europa, os recrutados da WIC passavam por diversas dificuldades. Além de Behaim, todos os que foram ao Brasil experimentaram com alguma intensidade carências alimentares que algumas vezes se mostraram crônicas, foram obrigados a tolerar problemas no fornecimento de pagamento – não obstante parte substancial do salário devesse, em princípio, ser pago ao final do contrato firmado com a Companhia – ou sofreram com as precárias condições de moradia. Alguns relatos apontam ainda que nem todos tinham condições de se vestir adequadamente, conquanto a Companhia das Índias Ocidentais não tivesse obrigação de fornecer roupas aos seus recrutados – o fardamento era algo quase inexistente nos exércitos europeus do período.

As páginas subseqüentes foram dedicadas a tratar da questão do aprovisionamento dos militares da Companhia no Brasil – principalmente no que se refere aos aspectos supracitados – e como isso afetava o cotidiano da tropa da WIC. Além dos problemas, as soluções ou tentativas de melhoria nas condições de vida entraram na pauta de discussão, partissem elas de iniciativas da WIC ou dos próprios militares.

3.1 Munições de boca

Quando se alistavam, os recrutados da WIC passavam a ter o direito de receber semanalmente uma determinada quantidade de alimentos cujo valor era posteriormente deduzido dos seus vencimentos.³⁸⁷ Em situações normais, todos eles recebiam por ração víveres europeus despachados das Províncias Unidas pelas câmaras que compunham a Companhia das Índias Ocidentais. Eles ficavam majoritariamente armazenados no Recife ou eram guardados em quantidades menores nos depósitos das diversas guarnições espalhadas no território. A Companhia, em momentos emergenciais, pôde adquirir alimentos importados por particulares que operaram no território desde o começo da ocupação. A outra fonte era local e pôde ser obtida por meio da compra – paga em espécie ou a crédito – aos agricultores locais, através da entrega compulsória de quantias pré-determinadas de alimentos à Companhia – a chamada

³⁸⁶ Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, a bordo do navio Haarlem, 6-16/01/1636 (carta número 59); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 14/05/1637 (carta número 62). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 270, 281.

³⁸⁷ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. s'Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647.

“contribuição” – ou pela pilhagem indiscriminada dos civis.³⁸⁸

É importante mencionar que a WIC teve, ao longo dos vinte e quatro anos de ocupação, sérias dificuldades para enviar comida com regularidade para o Brasil, bem como esteve impossibilitada de obtê-la localmente em quantidades satisfatórias para atender à demanda de seu pessoal. O envio de amplas remessas de comida sempre foi um custoso desafio para a Companhia das Índias Ocidentais. Ela não foi capaz de prover adequadamente seus homens, o que tem relação com as contínuas dificuldades financeiras enfrentadas no decorrer de seus anos de operação.³⁸⁹ Isso ocorreu de maneira mais acentuada com o agravamento, na década de 40, da crise no comércio de açúcar e com a ampliação dos problemas financeiros da Companhia, que esteve cada vez mais dependente do auxílio dos Estados Gerais para operar. A obrigação do governo do Brasil em prover outros territórios da WIC na África e de servir de base para expedições predatórias no Atlântico Sul também drenou muito das combalidas reservas existentes nos armazéns da Companhia.³⁹⁰

Desde os primeiros anos de ocupação, os membros do governo no Brasil tomaram medidas para aliviar o caixa da Companhia em detrimento dos habitantes do território conquistado. Muitos dos movimentos militares foram direcionados para a conquista de zonas produtoras de alimentos, tanto para prover o exército com uma maior quantidade de comida, principalmente víveres frescos, como para negar aos oponentes o acesso à comida.³⁹¹ Com o colapso da tropa de resistência e sua retirada do Sul da Capitania de Pernambuco, as tropas da

³⁸⁸ De acordo com Evaldo Cabral de Mello, tanto a tropa da Companhia das Índias Ocidentais quanto os contingentes luso-brasileiros utilizaram-se “alternada e concorrentemente” de todos esses métodos para prover suas tropas. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [2ª Edição] Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 276-277. O autor pernambucano explica – baseado sobremaneira nos textos de C. L. S. Davies e Geoffrey Parker –, que o *Kontributionssystem* era um esquema de aprovisionamento no qual uma força militar impunha à população civil contribuições pré-determinadas de alimentos. Mello destaca que o sistema teria sido introduzido pelos espanhóis nos Países Baixos e aperfeiçoado pelo comandante imperial Albrecht von Wallenstein e Gustavus Adolphus no decorrer da Guerra dos Trinta Anos. De acordo com o historiador Frank Tallett, essa espécie de “pilhagem regulada” foi usada na década de 20 do século XVII pelo conde Ernst von Mansfeld na Boêmia e pelo general espanhol de origem genovesa Ambrosio Spínola no Palatinado e só então explorada em sua totalidade por Wallenstein e abraçada por Gustavus Adolphus. Assim, territórios ocupados por exércitos, fossem eles aliados, inimigos ou neutros, tinham seus recursos “sistematicamente” drenados. Essas contribuições eram coletadas semanalmente ou mensalmente da população local sob a forma de dinheiro, comida ou outros recursos. A não contribuição podia ser legalmente retaliada com violência. Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 55-56. Ver também: Davies, C. S. L. ‘Provisions for Armies, 1509-50’, pp. 235, 247; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 118-123; Redlich, Fritz. *De Praeda Militari. Looting and booty 1500-1815*. Wiesbaden: Franzsteiner Verlag GMBH, 1956. pp. 44-53.

³⁸⁹ Heijer, Henk den. *De geschiedenis van de WIC*, pp. 43-45, 48-49, 53-54, 97-98, 102; Heijer, Henk den. ‘The Dutch West India Company, 1621-1791’. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 97-98.

³⁹⁰ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 297-299.

³⁹¹ O ataque a Porto Calvo, por exemplo, foi direcionado para cortar as linhas de suprimento das tropas da resistência. Após a queda da Paraíba, de Itamaracá e da conquista de parte considerável de Pernambuco, a região transformou-se no celeiro da resistência. Isso ocorreu principalmente porque as tropas enviadas de reforço do Reino por vezes foram remetidas sem provisões suficientes e tiveram que contar com os víveres da terra. Segundo Evaldo Cabral, parte considerável das operações militares tiveram por “consideração prioritária” garantir o controle de áreas produtoras de alimentos. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 286-288.

WIC passaram a ter acesso às áreas produtoras de alimentos e aos criatórios de gado, principalmente na área do São Francisco. O problema foi que essas regiões tinham sido arrasadas pela guerra; parte do gado, dizimado e muitos dos agricultores tinham fugido para escapar do confronto e da própria Companhia, que se viu diante de um grande problema logístico, pois não conseguia abastecer adequadamente por vias locais o grande exército utilizado para conquistar o território e ainda tinha que acudir, em momentos de apertura, a população civil que não produzia um grão de alimento.³⁹²

Na medida em que as tropas da WIC conquistavam as áreas interioranas da Paraíba, Itamaracá e Pernambuco, elas exigiam dos moradores contribuições em alimentos e em outras mercadorias. Aqueles que não colaboravam eram pilhados indiscriminadamente. Essa forma de saque regulado nos primeiros anos deu lugar posteriormente a imposições do plantio de mandioca e da venda da farinha produzida por preços pré-fixados.³⁹³ Muitos senhores de engenho e lavradores de cana de açúcar que ficaram no território foram obrigados a utilizar parte dos seus escravos para plantar quantias pré-determinadas de mandioca e a comercializar a farinha manufaturada de acordo com um preço estipulado pela própria Companhia. Além disso, proibiu-se o abatimento do gado doméstico, o que só poderia ser feito com a emissão de uma licença especial do governo. A venda de carne para açougues também passou por regulação no valor de venda, medida que, em conjunto com a obrigação da entrega de farinha, se mostrou muito impopular entre os moradores, os quais, segundo Evaldo Cabral de Mello, boicotaram com certa eficiência a WIC, o que se mostrou crível pelas reclamações gerais sobre a falta de provimentos no Brasil.³⁹⁴

Apesar da sabotagem, as medidas reguladoras serviram para alimentar a tropa, embora com irregularidade, pois nos anos subseqüentes aos seus lançamentos foram observados registros de pagamento da Companhia pela aquisição de carne e anotações sobre o envio do alimento para suas guarnições.³⁹⁵ Com armazéns por vezes vazios de itens europeus, várias guarnições se

³⁹² Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo, 2002, p. 169.

³⁹³ Os melhores exemplos de “contribuições” nos primeiros anos da guerra estão citados ao longo da narrativa de Johannes de Laet. Para o período posterior à chegada de Johan Maurits van Nassau-Siegen, ver a pesquisa de Gonsalves de Mello: Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volumes I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, pp. 156-161.

³⁹⁴ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 297. A obrigatoriedade na plantação de mandioca foi instaurada por meio de diversos editais promulgados durante o governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen entre 1638 e 1642. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 156-161.

³⁹⁵ Alguns exemplos observados nos anos de 1640 e 1641: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-01-1640, DN 20-01-1640, DN 25-01-1640, DN 17-09-1640, DN 21-09-1640, DN 22-09-1640, DN 27-09-1640, DN 01-10-1640, DN 02-11-1640; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 29-03-1641, DN 30/31-01-1641, DN 29-02-1641, DN 30-04-1641, DN 31-05-1641. A ata diária de 30 abril de 1641 traz, por exemplo, uma listagem de

mantiveram com carne fresca e farinha, que se tornaram importantes alimentos para o pessoal da Companhia nos anos subseqüentes ao colapso da resistência.³⁹⁶

As contínuas crises de abastecimento enfrentadas pela WIC no Brasil demonstram que ela nunca foi capaz de obter autonomia nessa matéria. Além da incapacidade econômica da WIC de manter a conquista, a razão para o fracasso em obter alimentos no Brasil tem raiz em um período anterior à ocupação. Antes mesmo da chegada da Companhia em 1630, os moradores luso-brasileiros já enfrentavam recorrentes dificuldades no abastecimento e dependiam muito de comida importada do Reino de Portugal.³⁹⁷ Além disso, a monocultura da cana era um dos principais fatores da escassez de alimentos locais, agravada pela guerra, destruição regular dos campos e aumento vertiginoso da população ocasionado pela invasão e operação de grandes exércitos na região. É válido lembrar que dos vinte e quatro anos de ocupação da WIC no Brasil, por volta de dezesseis anos foram de confronto e os anos restantes, de uma tênue paz, o que causou sérios danos à capacidade produtiva da região e pôs muita pressão nas já combalidas linhas de suprimento local. A Companhia também não conseguiu pôr colonos no interior em números suficientes para a produção de víveres, em parte por falta de planos de colonização – muito custosos para serem implementados – e também por causa da insegurança do meio rural. Dos poucos europeus do Norte assentados, parte substancial fixou-se temporariamente no cultivo da cana. Projetos de criação de áreas produtoras de víveres em diversas localidades do Brasil não foram bem sucedidos e a WIC acabou dependendo, assim como seus oponentes, das remessas externas de víveres e de uma produção de comida local insuficiente controlada sobremaneira pelos moradores que se opunham a sua dominação.³⁹⁸ Todas essas dificuldades

pessoas a receber pagamento pela entrega de farinha de mandioca e carne para as guarnições da Companhia em diversos dias daquele mês. Os elevados valores recebidos por esses moradores servem de indicativo do quanto a WIC passou a obter dessa produção local. Marten Tijs recebeu 132 florins e 16 stuivers pela entrega de animais de corte para as guarnições da WIC; Jan Siart, 214 florins e 10 stuivers pela venda de farinha; Jan Warnas, 760 florins e 10 stuivers pela entrega de farinha e carne; Gabriel Castanho, 999 florins e 18 stuivers pela entrega de farinha e carne; Merdochai Abendana [sic], 263 florins e 5 stuivers pela entrega de farinha; João Fernandes Vieira, 4.160 florins e 11 stuivers pela entrega de carne e farinha. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30-04-1641. Outros exemplos similares podem ser encontrados em atas diárias do Alto e Secreto Conselho de outros anos.

³⁹⁶ Ver por exemplo a declaração feita no relatório dos membros do Alto Governo em 1646: “[...] foram as guarnições durante anos e anos mantidas com carne fresca e farinha, estando os nossos armazéns vazios”. ‘Documento 5 – Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali (1646)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, p. 227.

³⁹⁷ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 267, 269-270.

³⁹⁸ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* [London, 1957] 2ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 185, 202-204, 209-210; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 126-128, 161-163; Pérez, José Manuel Santos. ‘Estado, capitánías donatarias y compañías comerciales. Una visión comparativa del Brasil holandês’. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, pp. 94, 101, 103, 106; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 377-382.

devem ser levadas em consideração para o entendimento dos sérios problemas de abastecimento da WIC no Brasil.

A redistribuição dos gêneros europeus a partir do Recife para as várias áreas ocupadas da região era feita sobremaneira por via marítima e fluvial, enquanto que os víveres locais, principalmente farinha de mandioca e carne fresca, eram despachados por terra diretamente para as guarnições ou armazenados para serem redistribuídos para áreas da conquista cujo provimento local era deficiente ou estava afetado por conflitos.³⁹⁹ Uma vez enviados às guarnições ou disponibilizados nos quartéis, fortificações ou navios, os alimentos eram repassados aos militares por intermédio de comissários ou de assistentes administrativos da Companhia. Na ausência de um comissário ou assistente administrativo, membros do governo, capitães ou oficiais responsáveis pelas tropas podiam igualmente receber produtos e repassá-los aos militares de suas companhias. Esses funcionários civis ou militares controlavam a distribuição dos víveres e registravam o que era entregue a cada militar nos livros de pagamento da tropa. Deste modo, a Companhia podia ter o controle da distribuição de alimentos oriundos de seus armazéns no Recife e dos depósitos de cada uma de suas guarnições.⁴⁰⁰

Vivendo nas guarnições ou em localidades próximas a elas, de forma a atender rotineiramente às demandas das tropas e controlar sua administração, comissários e assistentes também eram responsáveis pela compra de comida a fornecedores locais. O processo de compra de alimentos para as guarnições era simples. O dinheiro era remetido periodicamente da tesouraria da Companhia no Recife para as guarnições.⁴⁰¹ Os funcionários civis ou militares que os recebiam compravam víveres nas proximidades dos sítios onde estivessem estacionados.⁴⁰²

³⁹⁹ Essa movimentação está documentada nas Atas Diárias do Conselho Político (1635-1636) e Alto e Secreto Conselho do Brasil (1637-1644). Alguns exemplos podem ser vistos em: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 24-02-1635, DN 17-01-1636, DN 12-05-1636, DN 01-07-1637, DN 22-07-1637, DN 21-10-1637, DN 13-04-1639, DN 17-11-1639, DN 20-01-1640, DN 27-09-1640, DN 08-10-1640; Nas Atas Diárias também foram registradas diversas remessas de víveres locais para as guarnições, a exemplo de: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-09-1637, DN 12-09-1637, DN 02-10-1637, DN 21-10-1637, DN 03-12-1637, DN 21-09-1640.

⁴⁰⁰ Sobre o procedimento ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-09-1637; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-09-1640. Um relato do procedimento, inclusive no que concerne à venda de mercadorias, dedução nos livros de contabilidade e pagamento, foi descrito em uma carta dos Senhores XIX para o Conselho Político, datada de 31 de outubro de 1631. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 31-10-1631, fol. 90-91.

⁴⁰¹ Transportar grandes valores em dinheiro era uma tarefa arriscada. Por isso, a Companhia remetia dinheiro acompanhado de escoltas, como se observa na Ata Diária do Alto e Secreto Conselho de novembro de 1640, na qual se registra que um sargento foi encarregado de transportar 600 florins para o pagamento da guarnição do Una. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-11-1640: “*Ordennantie gepasseert op de Heeren Thesauriers om tot betalinge van het Guarnisoen aen Una aen een Sergiant expresselyck van daer ten dien einde gesonden, te behoudigen in gereet gelt 600 gul.en*”; Quando enviadas por terra e em regiões precariamente protegidas, as remessas de víveres também eram escoltadas, como a que levou comida para o exército que sitiava o Arraial, em 1635. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 20-04-1635.

⁴⁰² Como no caso de Johannes van Broeckhuysen, assistente administrativo a serviço das guarnições de Santo Antônio, de Ipojuca, da Muribeca e do Cabo de Santo Agostinho. Van Broeckhuysen era instruído a cuidar dos armazéns das guarnições mencionadas e a comprar carne fresca a fornecedores locais para todas essas guarnições. Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 2030/587, 30-03-1648.

Muitos casos de compra e pagamento de comida servem para demonstrar o funcionamento desse sistema, a exemplo do recebimento pelo conselheiro político Jacob Stachouwer, em maio de 1635, de uma remessa de dinheiro no valor de 1.200 florins para efetuar a compra de farinha e de carne para os soldados.⁴⁰³ Em abril de 1636, de passagem por Ipojuca, o mesmo Jacob Stachouwer consultou o Conselho Político para pedir que a guarnição da Companhia daquela localidade pudesse receber, além de víveres, 700 florins para a aquisição de algumas “necessidades”.⁴⁰⁴ Várias outras remessas de dinheiro servem para comprovar que o procedimento era rotineiro. No mês de novembro de 1637, o comissário Henricus Hondius e o assistente administrativo Barent Schilling, a serviço da WIC respectivamente no Cabo de Santo Agostinho e em Sirinhaém, receberam cada um 1.200 florins para efetuar o pagamento de farinha de mandioca comprada nessas duas localidades.⁴⁰⁵ Já o assistente administrativo Pieter van Hecque recebeu, em março de 1639, 200 florins para o pagamento de farinha de mandioca recebida de algum plantador da várzea do rio Capibaribe, enquanto que o senhor Pieter Mortamer, no mesmo mês, embolsou 2.000 florins para o pagamento da tropa e para efetuar a remuneração pela farinha de mandioca adquirida em Itamaracá.⁴⁰⁶

Contudo, não era sempre que os comandantes das guarnições tinham dinheiro para comprar alimentos de fornecedores locais. Muitos deles obtinham alimentos a crédito, que posteriormente poderia ser ressarcido pela Companhia. Foi em uma transação desse tipo que em setembro de 1637 a guarnição de Alagoas recebeu farinha de mandioca. Em troca pelo recebimento da farinha, foram dadas ao fornecedor “cartinhas” (*briefkens*) especificando o valor da venda em dinheiro. Assim, o fornecedor poderia posteriormente sacar a quantia com o tesoureiro da Companhia em Recife.⁴⁰⁷ Foram cartinhas desse tipo que foram repassadas à Companhia por Pierre Jame, em janeiro de 1640. Ele requeria o pagamento de 1.288 florins e 15 *stuivers* pela entrega de carne e de farinha de mandioca às guarnições da WIC.⁴⁰⁸ Várias outras ordens de pagamento a fornecedores locais observadas nas Atas Diárias do Alto e Secreto

⁴⁰³ Não foi especificado o local da compra, embora Stachouwer provavelmente estivesse acompanhando as operações para a tomada do Arraial do Bom Jesus, que seria rendido no começo de junho daquele ano. O recebimento do dinheiro, portanto, é um indício de que a Companhia já conseguia comprar grande quantidade de comida localmente. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-05-1635: “*Is gesc. een missive aen de Ed. H. Stachhouwer waer nevens sijn Ed. toegesonden is 1200 f soo daer noodich heeft om ossen ende farinba voor te coopen ende de soldaten daermede waer sijn te [...] geven*”.

⁴⁰⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-04-1636: “*Verttoonende voorts dat oock eenich gelt van noode was om behouften te verschaffen soo sal uijt de gereetste penningen lichten 700 gl.n*”.

⁴⁰⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-10-1637.

⁴⁰⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-03-1639: “*Geordonneert te betalen aen Piter van Hecque Commijs de somme van twee hondert gulden tot betalinge van farinba die hij inde Vargea ontfanckt. [...] Geordoneert te senden naer Tamarica aen d Heer Mortamer 2000 gl. tot betalingen der cost en leening gelden, item farinba die daer in gecoft werden*”.

⁴⁰⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-09-1637.

⁴⁰⁸ “*Geordonnert te laeten rescontreren Pierre Jame tegens t’geene dat hij de Comp.e schuldich is gulden 1288:15: ende daer tegens ingetrocken diversche briefkens van vlees ende farinba aen onse commisen ten behoeve van onse garnisoen en geleverd*”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 25-01-1640.

Conselho do Brasil servem como prova de que a Companhia usualmente comprava alimentos locais a crédito. Os registros de compra e pagamento datam de diversos momentos da ocupação, sobretudo na fase em que a Companhia deteve relativo controle do interior, isto é, entre os anos de 1637 e primeiros meses de 1645. No dia 4 de setembro de 1637, Hubert Cloet e François Cloet receberam 1.303 florins e 4 *stuivers* pela entrega de farinha de mandioca à guarnição da Companhia em Alagoas. Na mesma data, os tesoureiros da WIC fizeram o pagamento pelo gado entregue à mesma guarnição, orçado em seis peças de oito por cabeça.⁴⁰⁹ Em outubro do mesmo ano foram gastos 2.400 florins com a compra de farinha de mandioca para as guarnições do Cabo de Santo Agostinho e de Sirinhaém.⁴¹⁰ Em janeiro de 1640, fornecedores de farinha de mandioca, de carne e de outros produtos de diferentes origens, entre gente local e estrangeiros que chegaram com a Companhia – Jacob Senior, Jacques Hack, Mathias Beck, Miguel Rodrigues Mendes, Teodosius Lempreur (l'Empereur) e Manoel Carneiro –, receberam por prover diversas guarnições pouco mais de 4.553 florins.⁴¹¹ Até João Fernandes Vieira, um dos líderes da rebelião de 1645, ganhou dinheiro com a venda de víveres às tropas da Companhia. Em setembro de 1640, ele embolsou 112 florins e 14 *stuivers* referentes ao fornecimento de farinha e de outros produtos às guarnições da Companhia. Em abril de 1641, Vieira recebeu a soma de 4.160 florins e 11 *stuivers* pela entrega de farinha de mandioca e de carne para as guarnições.⁴¹²

Em relação à distribuição de alimentos, sabe-se, como já mencionado, que os víveres eram remetidos periodicamente dos armazéns do Recife ou pelos fornecedores locais para as guarnições. Aos funcionários civis ou oficiais restava fazer a repartição. A história pessoal de

⁴⁰⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-09-1637.

⁴¹⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-10-1637.

⁴¹¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-01-1640.

⁴¹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 27-09-1640. 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30-04-1641. São diversos os registros de compra de alimentos, assim como as ordenanças para pagamento de carne e farinha de mandioca. Tais movimentações de compra e pagamento podem ser observadas em várias atas diárias até maio de 1645, época na qual o provimento de farinha e carne ainda aparecia com certa regularidade. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 31-05-1645. É válido observar também que os comerciantes livres que viviam na conquista abasteciam a Companhia igualmente com mercadorias européias. Para mais detalhes, ver as listagens de pagamento mensais registradas nas Atas Diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil, a partir de março de 1641; Um estudo mais apurado dessas ordens de pagamento pode servir ainda para que sejam delimitadas as áreas produtoras de víveres na conquista e identificados os fornecedores e suas origens. O considerável número de fornecedores de farinha de mandioca e de carne não luso-brasileiros mostra ainda que houve uma relativa presença de europeus do Norte no interior da conquista, algo possível com a limitada pacificação do território. Todavia, é difícil saber se compensava para essas pessoas vender comida à WIC. De acordo com Evaldo Cabral de Mello, os “vales” distribuídos a título de pagamento para os “lavradores de subsistência” eram trocados com ágio juntos aos comerciantes, pois “o caixa da Companhia não podia honrá-los”. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 297-298. É certo que a WIC ficou devendo a muitos agricultores, isso quando eles não foram forçados a dar alimentos à Companhia, algo observável principalmente nos primeiros anos da guerra, mas como já mostrado, muitas guarnições fizeram pagamento em dinheiro aos produtores. Os comissários da WIC destacados no interior recebiam, com regularidade variável, dinheiro para ser utilizado na compra de comida. Portanto, é necessário relativizar o calote mencionado por Cabral de Mello, por sua vez referido também por Gonsalves de Mello no livro *Tempo dos Flamengos*. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, p. 158.

Peter Hansen pode ajudar a esclarecer como funcionava essa distribuição. Com a saída do comissário da guarnição do Rio Grande para o Recife em 1651, o ex-soldado admitido na função de escrevente daquela guarnição em 1647 assumiu temporariamente o controle da contabilidade do armazém dos víveres, vinhos e demais gêneros. Hansen distribuía semanalmente aos soldados alimentos depositados no armazém da fortificação.⁴¹³ Ele deveria fazer o mesmo que outros comissários de guarnições faziam desde o começo da ocupação: entregar as porções individualmente e registrar nos livros da guarnição quem e quanto cada um dos militares havia recebido.⁴¹⁴

Todavia, a distribuição de comida não era feita aleatoriamente. Hansen e todos os encarregados de distribuir alimentos aos militares seguiam cartas-ração emitidas pela administração da WIC, sendo o valor dos itens entregues regulado.⁴¹⁵ Nessas cartas-ração eram estabelecidas diferenciações nas quantidades e variedades de alimentos distribuídos de acordo com a hierarquia militar e com a disponibilidade dos itens armazenados.⁴¹⁶ Embora os itens distribuídos não fossem muito variados, as quantidades entregues a oficiais, oficiais não-comissionados e soldados eram muito distintas. Em relação à qualidade, as queixas foram comuns, como será visto adiante.⁴¹⁷ Soldados e sargentos, além de outros oficiais não-comissionados, sempre recebiam quantidades de comida muito menores do que aquelas entregues a seus comandantes. Nas cartas-ração de 1635 e 1638 consultadas, pão, carne e vinagre aparecem como elementos comuns nas rações de todos os militares.⁴¹⁸ Também se observou a inclusão – para todas as patentes – de toucinho na carta de 1635 e de vinho espanhol, azeite e

⁴¹³ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 80, 93-94.

⁴¹⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-10-1637, DN 17-09-1640.

⁴¹⁵ Seguir cartas-ração para distribuir alimentos era uma prática que datava desde os primeiros anos de invasão. Ver a carta dos Senhores XIX destinada ao Conselho Político em julho de 1630: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630. Cartas-ração foram emitidas durante vários momentos e muitas foram registradas nas atas diárias do governo do Brasil, a exemplo das lançadas em maio de 1635, em dezembro de 1638, nos anos de 1641 e 1642 e em fevereiro de 1651: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-05-1635; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-12-1638; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 04-01-1642; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 17-02-1651; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 24-02-1651. As quantidades e variedades dos itens das cartas-ração dos anos de 1635, 1641, 1642 e 1651 estiveram sujeitas a diminuições decorrentes da escassez de víveres nos armazéns da WIC. A respeito dos preços tabelados ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 31-10-1631; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-05-1637.

⁴¹⁶ As cartas-ração de 1641, 1642 e 1651 não trazem especificações sobre as quantidades entregues a oficiais. No entanto, a discrepância na quantidade entregue a cada militar confirma o que colocou C. G. Papavero na dissertação *Mantimentos e víveres*: “A dieta [...] pouco tinha de aristocrática, mesmo quando, segundo a hierarquia militar, os oficiais recebiam rações maiores do que os soldados”. A autora, no entanto, refere-se à dieta naval, que não parece tão distinta da dieta em terra, principalmente nos momentos em que os homens só podiam contar com alimentos das remessas da WIC. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, p. 83

⁴¹⁷ Nesse sentido, Simon Schama parece estar correto ao falar que durante o “século de ouro” neerlandês não havia muita distinção entre os ingredientes que compunham a alimentação de ricos e de pobres. Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 178-180.

⁴¹⁸ As cartas-ração observadas só listam itens europeus – à exceção da carne, que possivelmente era local –, o que não significa dizer que os homens deixavam de ter acesso a farinha de mandioca ou outros alimentos locais. No ano de 1638 e principalmente nos anos de 1641 e de 1642 a Companhia já tinha acesso a tal alimento.

potspijse na carta de 1638.⁴¹⁹ Analisando individualmente as cartas-ração de 1635 e 1638, vê-se o quanto era distinta a quantidade repassada aos militares de baixa patente em relação aos majores. Na carta datada de 21 de maio de 1635, todos os militares receberam semanalmente duas peças de pão. Mas a distinção aparece na distribuição de carne (5 libras para majores e $\frac{3}{4}$ de libra para soldados), toucinho (3 libras para majores e $\frac{1}{4}$ de libra para soldados), e vinagre (1½ jarra para majores e $\frac{1}{8}$ de jarra para soldados).⁴²⁰ Já na carta-ração de 4 de dezembro de 1638, os elementos comuns a todos os militares eram duas peças de pão, carne (6 libras para majores e 1½ libra para soldados), azeite (1 jarra para majores e $\frac{1}{8}$ de jarra para soldados), vinagre (1½ jarra para majores e $\frac{1}{8}$ de jarra para soldados), vinho espanhol (5 jarras para majores e $\frac{1}{4}$ de jarra para soldados) e *potspijse* (5 jarras para majores e 8 jarras de $\frac{2}{3}$ para ser dividida entre 7 soldados) (imagem 1).⁴²¹ O pão era assado nos fornos da Companhia espalhados pelas guarnições. À exceção desse alimento e talvez do *potspijse*, os homens deviam cuidar do preparo do próprio alimento. Os hospitais eram providos com cozinheiros e nas embarcações a comida era entregue a pequenos grupos de sete a oito pessoas que cozinavam em conjunto. Eles podiam servir-se de fornos coletivos ou fogareiros, a depender do tamanho da nau. O mesmo devia ocorrer nos alojamentos das fortificações e guarnições.⁴²²

No que tange à diferenciação entre os alimentos consumidos por oficiais e comandados, deve ser mencionado ainda que nos momentos em que a Companhia repassou dinheiro no lugar de víveres deve ter ocorrido alguma alteração na variedade e na origem. Isso porque os preços de produtos europeus eram muito elevados para os militares, que – caso tivessem a chance – economizavam o dinheiro recebido comprando comida local, ao invés de obtê-la no armazém da Companhia.⁴²³

⁴¹⁹ *Potspijse* [*potspijs* ou *pot-spijjs*] significa literalmente “alimento de pote”, isto é, comida cozinhada. Não há uma especificação para o tipo de alimento a ser cozido, mas considerando os itens das remessas que requeriam cozimento, a exemplo de cevada, feijões e ervilhas, pode-se supor que esses normalmente eram os ingredientes das refeições quentes – *potspijsen* – de marujos e militares. Ver Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, p. 88.

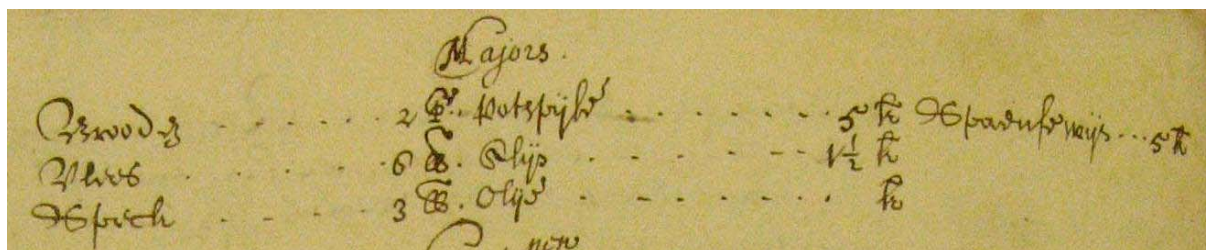
⁴²⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-05-1635. Uma jarra (*kan*) equivalia a 1 litro e uma libra neerlandesa antiga correspondia a cerca de 500 gramas – na cidade de Amsterdã era calculada em 494.09 gramas e em Middelburg em 467.7 gramas. Verhoeff, J. M. *De oude Nederlandse maten en gewichten*. Amsterdam: P. J. Meertens Instituut, 1983, pp. 4, 53, 108, 119.

⁴²¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 04-12-1638.

⁴²² No forte *Orange*, em Itamaracá, escavações arqueológicas evidenciaram que alguns dos quartéis contavam com fogões próprios, indício de que os homens preparavam sua comida dentro dos alojamentos. Albuquerque, Marcos. ‘Holandeses em Pernambuco. Rescate material de la Historia’. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, pp. 124, 126; Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, pp. 67, 82-83. Ver também: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-04-1635, DN 11-05-1635, DN 27-05-1635, DN 21-06-1636, DN 12-09-1637, DN 28-09-1637.

⁴²³ Tomou-se por esteio o que declarou Adriaen van der Dussen em 1639: “[...] porque os soldados quando recebem dinheiro compram pouca carne, arranjam-se com um pouco de farinha e algumas frutas [...]”. ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981, p. 210; Levando em

Imagem 1 – Fragmento da carta-ração de 1638 instituída na Ata Diária do Alto e Secreto Conselho em 4 de dezembro de 1638.

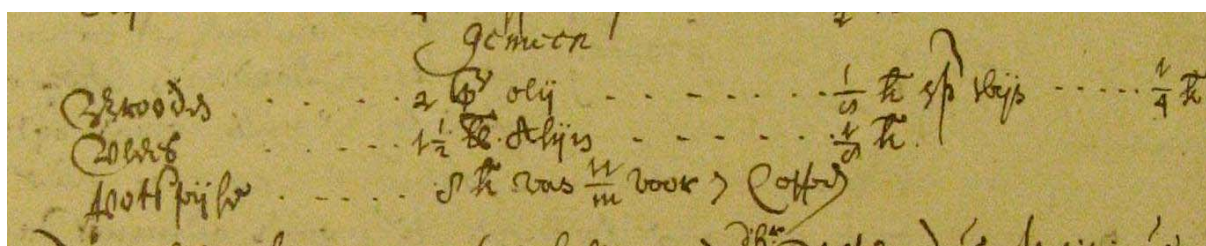


Majors (Majores)

Brooden 2 stuks (2 peças de pão) *Potspijse 5 k* (5 jarras de *Potspijse*) *Spaense Wijn 5 k* (5 jarras de vinho espanhol)

Vlees 6 lb (6 libras de carne) *Asijn 1 1/2 k* (1 1/2 jarra de vinagre)

Speck 3 lb (3 libras de toucinho) *Olij k* (1 jarra de azeite)



Gemeen (Comum, isto é, soldados e outros não-comissionados abaixo da patente de sargento)

Brooden 2 stuks (2 peças de pão) *Olij 1/8 k* (1/8 de jarra de azeite) *Sp. Wijn 1/4 k* (1/4 de jarra de vinho espanhol)

Vlees 1 1/2 lb (1 1/2 libra de carne) *Asijn 1/8 k* (1/8 de jarra de vinagre)

Potspijse 8 k van 2/3 voor 7 coppen (8 jarras de 2/3 para 7 cabeças)

consideração o poder de compra dos soldados, pode-se afirmar que havia uma diferenciação dos componentes da mesa de oficiais e seus subordinados, o que refuta parcialmente a idéia da dieta mais igualitária postulada por Simon Schama. Parcialmente porque não foi sempre que a WIC deu dinheiro no lugar de alimentos. Tratando a respeito dos militares das guarnições costeiras antes da invasão da WIC, Evaldo Cabral de Mello também especula que a substituição de víveres por dinheiro implicaria na adoção de itens locais. Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 274. Evaldo transcreve uma carta de um queixoso Nassau, protestando aos Estados Gerais sobre calúnias proferidas na República a respeito de suas despesas com alimentação em comparação com os preços praticados nas Províncias Unidas. Segundo ele, no Brasil, tudo era seis vezes mais caro do que na Europa. Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 193-194.

Imagem 2 – Trecho do panfleto *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* de 1647, no qual foram especificados os alimentos a serem oferecidos semanalmente aos soldados da Companhia, bem como o valor equivalente em dinheiro.

Rantsoen-Brief, voor een Soldaet ter Weeck.									
Dier pont Kogge groot bedraecht in gelt	—	—	—	—	—	—	8	—	0
1½ pont Vlees	—	—	—	—	—	—	9	—	0
½ pont Speck	—	—	—	—	—	—	4	—	0
Een mutsjen Azijn	—	—	—	—	—	—	1	—	8
Een mutsjen Olpe	—	—	—	—	—	—	5	—	0
Een komme gozt	—	—	—	—	—	—	4	—	0
In Gelt	—	—	—	—	—	—	8	—	8
							2	—	0

Carta-ração para um soldado por semana.

Quatro libras de pão centeio equivalente em dinheiro: 8 *stuivers*.

1½ libra de carne: 9 *stuivers*.

1/2 libra de toucinho: 4 *stuivers*.

Uma caneca [150 mililitros] de vinagre: 1 *stuiver* e 8 *penningen*.

Uma caneca [150 mililitros] de azeite: 5 *stuivers*.

Uma tigela de cevada: 4 *stuivers*.

Em dinheiro: 8 *stuivers* e 8 *penningen*.

[Total] 2 florins.

Os itens distribuídos no Brasil podiam ser os mesmos da carga recebida pelo comissário do Cabo de Santo Agostinho, Henricus Hondius, em outubro de 1640: carne, toucinho, cevada, feijões, azeite e aguardente.⁴²⁴ Todos esses itens foram artigos típicos das cartas-ração instituídas pela Companhia, como a que foi inserida no panfleto *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* (imagem 2).⁴²⁵ Ao se observar os componentes da remessa de víveres de outubro de 1640 enviados para o comissário Henricus Hondius e os alimentos listados na carta-ração anexa ao impresso *Beneficien* e em outras cartas-ração registradas na documentação burocrática da Companhia, tem-se um demonstrativo do tipo de comida fornecida aos militares. Além dos víveres mencionados na carga feita para o Cabo de Santo Agostinho e na carta-ração integrante do panfleto de 1647, normalmente foi feita a entrega de mantimentos europeus como ervilhas, farinha de trigo, presunto, peixe seco, manteiga e queijo. Entre os gêneros molhados não mencionados na remessa de 1640 e na carta-ração de 1647 foi notada ainda a distribuição de vinho (português, espanhol e francês).⁴²⁶

⁴²⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-10-1640.

⁴²⁵ *Beneficiën voor de Soldaten gaende naer Brasil.*

⁴²⁶ Para os componentes das remessas, ver os documentos: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-09-1637, DN 17-10-1637, DN 17-09-1640; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 22-01-1641, DN 07-05-1641;

Em tese, essa dieta das tropas da WIC no Brasil – baseada sobremaneira no consumo regular de alimentos europeus por causa da incapacidade local em atender a todos os civis e militares – mostrava-se “biologicamente satisfatória” mesmo considerando as demandas calóricas para o exercício de tarefas penosas que caracterizavam a vida militar. Ademais, a quantidade distribuída aos militares da Companhia seria ainda superior àquela fornecida a outros exércitos do período. Ao menos é isso o que conclui Michel Morineau, que se utilizou de uma estimativa – uma lista de gêneros para a manutenção, por 18 meses, de mais de três mil homens enviados ao Brasil, no ano de 1648 – para calcular quantas calorias os alimentos a serem distribuídos aos militares podiam gerar. A farinha de centeio (30 libras mensais equivalentes a 489 gramas diárias), a carne bovina (4 libras mensais equivalentes a 68 gramas diárias), o presunto (2 libras mensais equivalentes a 34 gramas diárias), a manteiga (4 libras mensais equivalentes a 68 gramas diárias), o azeite (4 libras mensais equivalentes a 68 gramas diárias), o bacalhau (4 libras mensais equivalentes a 68 gramas diárias) e o queijo (4 libras mensais equivalentes a 68 gramas diárias), componentes da estimativa de 1648 e alimentos normalmente integrantes das listagens de alimentos distribuídos no Brasil, equivaliam à geração de 3.446 calorias diárias. Tal valor calórico estava muito aproximado das quatro mil calorias necessárias aos corpos que realizavam trabalhos penosos e muito acima das duas mil e quatrocentas calorias mandatórias para tarefas moderadas.⁴²⁷

Para os conteúdos das cartas-ração ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-05-1635; DN 04-12-1638; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 04-01-1642; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 17-02-1651; DN 24-02-1651.

⁴²⁷ Morineau, Michel. ‘1. Rations militaires et rations moyennes en Hollande au XVII^e siècle’. In *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Ano 18, Número 3, 1963, pp. 521-526; A estimativa é oriunda de um documento do Arquivo dos Estados Gerais, do Arquivo Nacional de Haia. Percebe-se também que os valores nutricionais de alimentos daquele período eram possivelmente distintos do valor utilizado por M. Morineau em seu artigo. É necessário, portanto, pensar seus cálculos apenas como uma referência. Em uma versão posterior deste artigo, M. Morineau alterou a quantidade de calorias geradas pelos itens da estimativa de 1648 para 3.407 calorias. Ver: Morineau, Michel. ‘En Hollande au XVII^e siècle: rations militaires et rations moyennes’. In Morineau, Michel (Ed.). *Pour une histoire économique vraie*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985, p. 23. A versão do texto de M. Morineau de 1985 foi citada por Evaldo Cabral de Mello em *Olinda Restaurada*. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 295, nota 112. Evaldo Cabral de Mello criticou o cálculo de M. Morineau por ter sido baseado apenas em uma estimativa que não correspondia “às circunstâncias locais do aprovisionamento das tropas da W.I.C. em Pernambuco” e que pressupunha “condições normais que nem sempre foram a regra”. O comentário dele é pertinente e foi tomado como base para discutir o assunto; O valor calórico estimado por Morineau como necessário para a realização de tarefas penosas é razoavelmente semelhante ao mencionado por Michael McConnell em *Army and Empire*, um estudo sobre a vida diária das guarnições de fronteira britânicas estacionadas na América do Norte. De acordo com McConnell, citando um estudo mais recente – feito por Caroles Shammas –, atividades pesadas exigiam de 3 a 4 mil calorias diárias enquanto que trabalhos ordinários em guarnições requeriam entre 2 e 3 mil calorias. Se essa taxa for levada em consideração, as tropas da WIC estavam ainda melhor alimentadas para o exercício de suas funções do que julgou Morineau em seu estudo. McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004, pp. 110-111; Shammas, Caroles. *The pre-industrial consumer in England and America*. Oxford: Clarendon Press, 1990, pp. 134-136. Uma citação aos apontamentos de Morineau sobre a estimativa de 1648 foi feita por Gonsalves de Mello em *A rendição dos holandeses no Recife*. O autor é de opinião de que a ração não era “copiosa e biologicamente satisfatória”, embora suficiente para atender às necessidades da tropa: Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979, p. 58.

O problema do cálculo calórico apresentado por M. Morineau é que a lista de alimentos de 1648 nem sempre foi condizente em termos qualitativos com o que era distribuído para a tropa. O mesmo pode ser dito em relação aos componentes alimentares enumerados na carta-ração do panfleto de 1647 e em outras cartas-ração emitidas ao longo dos anos de ocupação. Muita comida estragada foi repassada aos soldados da Companhia, o que gerou queixas dos militares e funcionários civis em várias ocasiões.

Para o governador Diederick van Waerdenburgh, em uma carta que remonta aos primeiros momentos de ocupação, era por causa da chuva, do “calor excessivo” e do mau acondicionamento que os víveres não resistiam a metade do tempo que duravam nas Províncias Unidas. Para piorar a situação, algumas câmaras “quase nunca” deixavam de enviar alimentos estragados, o que na opinião do governador impossibilitava a Companhia no Brasil de dar um “rancho conveniente” a soldados e marinheiros, os quais se mostravam insatisfeitos com o tratamento dispensado pela Companhia principalmente no que se refere à alimentação.⁴²⁸ Outros documentos dos primeiros anos mostram que Van Waerdenburgh não estava sozinho em suas críticas. Em uma carta dos Senhores XIX destinada ao Conselho Político do Brasil, datada de julho de 1630, os diretores responderam às queixas do Conselho Político sobre a grande quantidade de vitualhas estragadas enviadas e pediram ao Conselho que lhes fossem remetidas informações para identificar qual foi a câmara responsável pelo envio dos alimentos deteriorados, de forma que providências pudessem ser tomadas.⁴²⁹ O historiador alemão Herman Wätjen cita uma carta de Wilhelm Doncker, enviado pela câmara da Zelândia ao Brasil na qualidade de diretor dos armazéns de abastecimento, na qual ele deu uma idéia do estado do aprovisionamento dos víveres em novembro de 1631: “Em nossos depósitos de gêneros alimentícios pululam os ratos e a bicharia, no queijo se desenvolvem os vermes, e as barricas de bacalhau corrompido exalam um horrível fétido”.⁴³⁰

Anos depois das observações de Van Waerdenburgh e Doncker, um predicante valenciano chamado Vicente Joaquim Soler mencionou que a sêmola distribuída aos militares – e, destaca Soler, descontada da conta-salário deles – era freqüentemente de uma qualidade tal que até as galinhas a rejeitavam.⁴³¹ Pouco antes dele, o militar da WIC Stephan Carl Behaim – na ocasião, doente – escreveu ao meio-irmão que caso não tivesse obtido os favores de um conterrâneo para se alimentar melhor, a única comida para “levantar novamente [seus] joelhos

⁴²⁸ Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In Silva, J.C. da; A. Renault (Red.). *Documentos Holandeses*, pp. 86-87, 89-90.

⁴²⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630.

⁴³⁰ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 107, 294.

⁴³¹ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 06/05/1640 (carta número 11). In Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*. Traduzidas por B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999, p. 74.

teria sido pão velho, feijão endurecido e cevada”. Ademais, essa alimentação que ele veementemente taxou como “miserável” era servida “tanto para os cavalos como para as pessoas”.⁴³² Ainda nas Províncias Unidas, Behaim foi aconselhado a levar presunto, carne defumada e queijo para o Brasil, local onde teoricamente não poderia obter tais produtos. Baseado na informação recebida ele achava que as rações não seriam apenas pequenas, “mas também velhas e meio podres”.⁴³³ Em março de 1643 o predicante Soler, em novas queixas sobre os alimentos fornecidos pela Companhia, disse ter sido forçado rotineiramente a se “contentar com pão fétido e bacalhau apodrecido”.⁴³⁴ O almirante da frota de socorro de 1647, Witte Corneliszoon de With, foi outro descontente com a comida fornecida pela WIC a seus homens e fez duras críticas ao estado de conservação dos alimentos.⁴³⁵ A julgar pelos procedimentos usuais da Companhia, Soler, os marujos do almirante De With, os soldados levados por ele e muitos outros não foram os únicos a comer víveres deteriorados. Com uma administração disposta a economizar em tudo, se ordenava até mesmo a utilização de farinha de trigo velha para assar o pão vendido aos soldados.⁴³⁶ Procedimento semelhante foi tomado em março de 1637, quando a Companhia distribuiu cerveja como parte da ração por ter percebido que a bebida estava se deteriorando no armazém.⁴³⁷ O mesmo foi feito em relação ao vinho francês depositado por muito tempo no armazém da Companhia. Prestes a se tornar ácido, foi vendido por um preço abaixo do padrão de forma a se evitar um prejuízo maior, o que mostra que a Companhia, além de fornecer alimentos de qualidade duvidosa, não hesitava em comercializá-los.⁴³⁸

⁴³² Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 14/05/1637 (carta número 62). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 281. O patrício era Cristoph Ayrschedel, que de acordo com Gonsalves de Mello – que o nomeia como Christoffel Eyserschettel – foi bombeiro (1636), escabino de Olinda (1639) e também possuía propriedades ou casas de aluguel na nova Cidade Maurícia – *Nieuw Mauritsstadt* –, em Antônio Vaz (1645). Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 60, 69, 94.

⁴³³ Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, a bordo do navio Haarlem, 6-16/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 270.

⁴³⁴ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Maurícia, 20/03/1643 (carta número 16). In Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, p. 107.

⁴³⁵ Hoboken, W. J. van. ‘Een mouterij in Verzuimd Braziel’. *De Nieuwe Stem. Maandblad voor Cultuur en Politiek*. Amsterdam/Antwerpen: Wereldbibliotheek, 9e. jrg., 1954, p. 383.

⁴³⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-10-1638: “*Alsoo in t Magasijn Meel is dat dient georboorte te worden ofte soude perijckel loopen van te verderven oock dat de farinba dier ende schaers wort soo is goet gevonden dat den Commissarie Vuick weder sal broot backen op den ouden voet om aen de soldaeten nijt te deelen haer cortende 8 st. voot twee brooden van lb. 2 ¾ elck die men haer wekentlijck sall geven, t’welck den Commissaris ende M.r Backer is aengeseijt ende belast dat goede ordre gestelt worde dat het broot wel gearbeijt ende gebacken worden*”.

⁴³⁷ A quantidade entregue também foi aumentada. Os homens receberam “duas jarras de cerveja contra uma jarra de vinho espanhol”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 09-03-1637: “*Om t’bier dat in t Magasijn bedeft t’orboren, is mede gelast t’selve voor rantsoen nijt te geven, te weten twee kannen bier tegens een kanne spaensche wijn*”.

⁴³⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 18-01-1638: “*Alsoo wij veele Fransche wijnen in onse magazijnene hebben, die beducht sijn dat ons te lange aende handen sullen blijven, ende schade daer aen geleden mochte werden met suijr te werden. Soo is geresolveert datmen wel sall continueren met de kanne te vercoopen tot 18 stuivers de kan, ende die met vaetjens van een ancker ende daerboven sullen coopen, sullen die hebben tegen 16 stuiver de kan, ende die met een oxhoofst ende daerboven sullen koopen, sullen die hebben tegen 15 sts de kanne*”. Supõe-se que o preço era mais baixo porque uma jarra de vinho espanhol estava orçada em 48 *stuivers* em junho de 1637 e 26 *stuivers* em novembro do mesmo ano. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-06-1637 e DN 18-11-1637. De qualquer forma, esses eram valores muito elevados para militares de baixa

Além da questão qualitativa também deve-se levar em consideração que os itens constituintes da dieta que M. Morineau chamou de “biologicamente satisfatória” nem sempre foram correspondentes às quantidades de comida distribuída à tropa. O mesmo pode ser dito a respeito das porções de alimentos especificadas no panfleto *Beneficien*. Sujeitas à disponibilidade dos armazéns de víveres da WIC no Brasil, por sua vez dependentes do envio muitas vezes irregular e insuficiente da Europa, as rações foram reduzidas regularmente a porções menores do que as quantidades especificadas nas cartas-ração instituídas pela administração da Companhia.⁴³⁹ Assim, não foi apenas durante as viagens marítimas, expedições militares ou períodos prolongados de cerco que a comida foi racionada, mas no decorrer de vários momentos da ocupação do Brasil.⁴⁴⁰ Tal situação foi verificada nos relatos de militares e civis que estiveram no Brasil em distintos períodos e nos próprios documentos burocráticos da Companhia, a exemplo de cartas-ração que foram modificadas em decorrência da falta de víveres nos armazéns. Tais cortes e diminuições ocasionaram ainda tensões entre a WIC e seus comandados.

Em 1629, ainda a caminho de Pernambuco, o soldado Ambrosius Richshoffer testemunhou e sofreu com a política de distribuição de alimentos da Companhia. Para um jovem proveniente de uma família de boa condição e provavelmente não acostumado com jejuns prolongados e comida limitada, a ração distribuída na embarcação que o levava ao Brasil era tão diminuta que dois homens com bom apetite poderiam devorar tudo o que recebiam para passar uma semana inteira.⁴⁴¹ Posteriormente, já em terra, ele e seus companheiros foram obrigados a

patente; Quando não era possível repassar a comida estragada aos seus militares, a Companhia tentava vendê-la para a alimentação de animais, como foi averiguado no relatório de viagem do Alto e Secreto Conselheiro Adriaen van Bullestrate, no qual ele afirma ter ordenado que a farinha de trigo estragada encontrada em uma guarnição de Alagoas fosse remetida ao Recife ou vendida para criadores de animais. ‘Documento 4 - Notas do que se passou na minha viagem, desde 15 [sic] de Dezembro de 1641 até 24 de Janeiro do ano seguinte de 1642. Escrito pelo Alto e Secreto Conselheiro, Adriaen van Bullestrate’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife, p. 177. Se o alimento fosse realmente inaproveitável, era jogado fora, como registrado na Ata Diária de janeiro de 1641, na qual se relata que mais de quatro mil peças de peixe salgado foram jogadas no mar por terem chegado estragadas ao Brasil. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 23-01-1641: “Is goet gevonden over het Recijff in See te werpen meer dan vier duysent stucx stockvis die jongst met het Schip de Oijevaer uijt het Vaderlandt gecomen sijn, omdat de selve los ende ongeslooten op de last gelegen hebbende daer door stinckende ende bedorven is geworden”.

⁴³⁹ O problema do abastecimento e o envio irregular de mantimentos foi abordado sumariamente pelos autores Herman Wätjen e Charles Boxer em suas sínteses gerais sobre o período de ocupação da WIC no Brasil. Para mais detalhes ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*; Ver também o trabalho de Claude Guy Papavero que trabalha especificamente a questão do abastecimento durante o período. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*.

⁴⁴⁰ De acordo com Claude Papavero, havia toda uma “racionalidade comercial sistemática” que se sobressaía “no provimento dos alimentos europeus fornecidos aos navegantes” durante as expedições marítimas. Tal racionalidade pôde ser observada nos cálculos que estipulavam quanto cada soldado precisava para sobreviver durante certo período ou quanto de “munição de boca” havia em um determinado lugar. Essa “racionalidade” a que se refere Papavero também deve ter regido a organização de expedições, já que havia limitações logísticas no transporte. No caso dos cercos, é natural que com a escassez dos alimentos – decorrente do bloqueio às linhas de suprimento –, as rações passassem “a ser calculadas em razão das reservas remanescentes”. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, pp. 78-79.

⁴⁴¹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l’ Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegersleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den

lidar com as crises de abastecimento decorrentes do envio irregular de provisões. Vivendo o cotidiano de um cerco parcial, haja vista que a Companhia circulava livremente no Atlântico, o soldado de Estrasburgo voltou a se queixar da quantidade de comida recebida. Provisões para oito dias não chegavam a dois. Cães, gatos e ratos passaram a ser devorados nos momentos mais críticos.⁴⁴² Até 1632, quando ele pediu dispensa e retornou para a Europa, muitos dos comentários feitos em seu diário foram destinados a falar do aprovisionamento da tropa. Meticulosamente, ele indicou a chegada de navios com provisões – embora não tenha especificado as quantidades remetidas –, as arriscadas saídas de militares em busca de alimentos frescos nos arredores da área sitiada e as ocasiões momentâneas de abundância provenientes de algumas incursões no território que regalaram os soldados com o consumo de carne e víveres frescos.⁴⁴³

As memórias de Richshoffer a respeito dos anos iniciais de ocupação são compatíveis com as observações produzidas pelo governador e comandante das tropas da WIC no Brasil, Diederick van Waerdenburgh, para quem o problema do abastecimento de víveres era uma das causas da lentidão na conquista do território. Além da qualidade, o comandante fala que a insuficiência das rações era determinante até mesmo para a resistência dos homens em permanecer no Brasil após o término do contrato firmado com a Companhia.⁴⁴⁴ Em consonância com o que escreveu Van Waerdenburgh no início de novembro de 1631, Johannes van Walbeeck, membro do Conselho Político, anteviu em uma carta redigida aos Senhores XIX no ano de 1632 que “a ração sóbria de baixo custo” distribuída aos soldados comuns iria influenciar diretamente na escolha deles em voltar para a Europa após o término do contrato inicial de três anos.⁴⁴⁵ Não foi estranho, portanto, que Richshoffer tenha – mesmo com a promessa de seu comandante de promovê-lo a alferes – partido para a Europa na primeira oportunidade que

Haag: Martinus Nijhoff, 1930, p. 10: “[...] *aber in allem so wenig, daß es zween Mann mit gutem appetit hätten auffessen können* [...]”. O diarista especifica a ração semanal dada a cada tripulante: 4½ libras de biscoito (pão cozido duas vezes), ½ libra de manteiga e um pouco de vinagre. Também recebiam em dois dias carne e em um, toucinho. Nos domingos, terças e quintas-feiras era distribuído um prato de favas (½ libra). Nos demais dias recebiam aveia, cevada ou ervilhas. Ocasionalmente era servido bacalhau. Todos receberam três grandes queijos neerlandeses para a viagem inteira.

⁴⁴² Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 61: “[...] *daß wir gar wenig Proviant gehabt, und öftters in acht Tagen nicht so viel Brodt odere Speisen bekommen, als einer gar wohl in zween Tagen verzehren können, derowegen die Hunde, Katzen und Ratten haben müssen herhalten*”.

⁴⁴³ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 56-59, 62, 65-67, 69-70, 72, 78-81, 95-98.

⁴⁴⁴ Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630; Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 47, 55-56.

⁴⁴⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 156, 06-01-1632: “*Voorder is ten boochsten nodich dat Uwe EE geïnformeert zijn vande gelegentheijt ende treck, die bij een yeder is om ten eynde van sijn drie verbonden jaeren te huijs te keeren. Die soo groot is datter seer weijnige sijn die willich in dienst sullen continueren, ende met gewelt die altsamen hier te houden. En souden groote swaricheijt niet te wercke gaen. Het sobere rantsoen van slechte cost maeckt een groote onlust ende tegenheijt inde gemeene soldaten*”; Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In *Documentos Holandeses*, pp. 89-90.

teve.⁴⁴⁶

O caso de Ambrosius Richshoffer remete ainda a outros exemplos. Antes mesmo de embarcar para o Brasil, o já mencionado Stephan Carl Behaim escreveu para sua família a respeito de um jovem da abastada família Tucher que foi servir como militar da WIC no Brasil e que de lá escreveu para casa dizendo que estava passando fome. Possivelmente impressionado pela declaração e temendo padecer da mesma sorte do rapaz, Stephan Carl, já acomodado no navio que o levaria para o Brasil, pediu a um fornecedor que lhe fossem remetidos alimentos que de alguma forma o ajudassem a passar pelos primeiros momentos no Brasil.⁴⁴⁷ Ciente das condições de vida no Brasil, Abraham de Braa, encarregado do recrutamento de Behaim na WIC, mencionou a Lucas Friederich – meio-irmão do militar – que a Companhia iria provê-lo com comida, embora certamente não excedesse a quantia equivalente a um *Reichstaler* (*Rijksdaalder*), soma que o jovem despendeu diariamente em Amsterdã durante a longa espera para o embarque. No Brasil, segundo De Braa, Behaim teria que aprender a administrar tal valor por uma semana, o que iria “mantê-lo muito sóbrio” e lhe daria “uma oportunidade para examinar a si mesmo e escolher uma vida diferente”.⁴⁴⁸

Recém chegado ao Brasil, a primeira menção de Behaim a respeito da comida recebida pareceu comedida e coerente com o que esperava De Braa. Todos eram “aprovisionados de acordo com a necessidade”, escreveu ele em maio de 1636, quando ainda vivia no forte Bruijn, nos limites do Recife.⁴⁴⁹ Alguns meses depois sua opinião mudou. Seu discurso em relação à alimentação passou a ser semelhante ao do jovem Tucher. Naquele momento – meses iniciais do governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen – Behaim se viu forçado a contrair um empréstimo para obter o que achava necessário para sua alimentação.⁴⁵⁰ Durante sua breve estada no Brasil, entre março de 1636 e janeiro de 1638, Behaim foi contemporâneo de insatisfações e tensões entre a tropa e a administração da conquista exatamente por conta do provimento alimentar insuficiente.

Em um dos momentos críticos da crise no provimento dos militares, todos os oficiais do exército em campanha no Sul de Pernambuco – “representando a milícia e a soldadesca” –

⁴⁴⁶ Ele já havia sido promovido duas vezes dentro do exército da Companhia. Na ocasião de partida, ocupava o posto de sargento. Posteriormente ele demonstrou arrependimento pela decisão, por julgar que teria enriquecido no Brasil. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 100-103.

⁴⁴⁷ Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, a bordo do navio Haarlem, 6-16/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 270.

⁴⁴⁸ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 263-264; *Rijksdaalder* era uma antiga moeda de prata que equivalia a 48 *stuivers*.

⁴⁴⁹ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Forte Bruijn, 3-13/05/1636 (carta número 60). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 275.

⁴⁵⁰ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 14/05/1637 (carta número 62). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 281. Deve-se levar em consideração que sendo de uma família abastada, Behaim – tal qual Richshoffer e Tucher – teria necessidades alimentares distintas da gente de origem humilde. Mas suas queixas em relação à quantidade e qualidade dos víveres eram comuns e não constituíam um caso isolado.

ameaçaram pedir demissão de seus postos caso não obtivessem uma melhora na ração recebida. Em 19 de maio de 1636, o coronel polonês Christoffel Arciszewski e o conselheiro político Balthasar Wijntges (Wijntgis) informaram o Conselho Político do Brasil sobre a questão. O Conselho Político, sabendo do risco que isso representava, pois o exército da Companhia encontrava-se no meio de uma campanha militar, recorreu à compra de carne e toucinho a particulares para tentar remediar provisoriamente o imbróglio. Com os armazéns vazios, os conselheiros políticos remeteram um pedido à administração da Companhia nas Províncias Unidas de forma a receber mais provisões e, por conseguinte, para que pudessem ter a capacidade de dar aos militares aquilo que lhes fora prometido na carta-ração.⁴⁵¹ O assunto parece não ter sido resolvido. Praticamente um mês depois da carta de Arciszewski e de Wijntges, o Conselho Político recebeu uma nova comunicação do exército relatando uma séria falta de farinha e de outras necessidades. O teor da carta permanecia ameaçador e protestos foram repassados ao governo. Do exército souberam que se nenhuma providência fosse tomada nada mais poderia ser realizado e tudo – digam-se as conquistas feitas – seria abandonado. Tentando apaziguar a situação com uma nova ação paliativa, o conselheiro político Wilhelm Schott comprou “com seus próprios meios” alguns bens a serviço da Companhia. Em resposta à missiva oriunda do exército, os conselheiros disseram que ainda estavam dispostos a colaborar e que os alimentos estavam a caminho, apesar dos armazéns no Recife só disporem de metade das provisões.⁴⁵² A situação de penúria já perdurava há algum tempo, haja vista que três meses antes a Companhia havia adicionado uma libra de açúcar à ração semanal da tropa, medida de urgência decorrente da escassez de víveres na conquista.⁴⁵³

⁴⁵¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1636: “*Inde vergaderinge gelesen een missive vande H.r Colonel Artischau ende Wijntgis uijt het leger daer bij Haer E. vorderen alle nootwendicheden ende versoucken resolutiën ende effecten om den vijand vorder aen te tasten voorts geven te kennen dat alle officieren vande Comp.e representerende de militie ende soldaetsqen ald.r hadden te kennen gegeven met req. dat sij geentsins wilden te vreden wesen versoucken haer afscheijt ofte verbeteringe vant rantsoen, welcke saecken seer periculens is dese tijden wesende, heeft moeten resolveren haer beter te resolveren ic segge contentieren ende de wijle bij de magazijnen sulcx niet en was soo is daertoe geresolveert alle vleesch ende speck vande vrijeluyden op te coopen een strecken oock dat men sal dit req. oversenden sal aende H.ren meesters in t vaderlandt op dat bij haer E. meerder voorraet nach worden gehouden op dat de soldaten moch erlangen haer belooffde rantsoen bij den rantsoen brieff. Is gecommiteert tot het opcoopen van vleesch en speck d Hr. Stachouwer ende Serooskercken*”. Sobre a falta de víveres no período ver também: NL-HaNA_Staten Generaal 1.01.07, inv. nr. 12564.5, doc. 2, 1636.

⁴⁵² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-06-1636: “*Ontfangen ende gelesen een missive uijt leger daer bij seer heftich ges.en wort over manquement van farinha ende andere nootwendicheden sendende die beeren vant leger daerbij haeren staet van provisie met protestatie indien daer inne niet versien wort dat men niet sal uijtrecchten connen ende alles moet achter blijven, waer op alles geëxamineert ende mede ingesien dat d’ Heer Schotte tot dienste vande Comp. presenterende op zijn crediteren eenich goet op te nemen mits dat sulcx sal wesen tot lasten vande Comp. door den de Vrije Coopl. onwillich zijn voor Comp. qual. jets te laten volgen. Soo is om het heftich schrijven bij provisie de missive beandt. ende verthoont dat veel was gesonden t welck noch onder wegen was, ende oock onse magazijnen de helft minder versien als die haer in t’ leger volgens den staet daer aff te senden dat daeromme van hier niet conden meer worden versien ende wij daeromme genegen waren soo veel mogel. sal toe te contrubueren*”.

⁴⁵³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-03-1636: “*Wert overmits de schaersbeijt van vijvres goet gevonden gemeene soldaten wekelijck een lb suijker tot suij[...] tot rantsoen toeleggen*”; Sobre as operações militares no Sul de Pernambuco no ano de 1636, ver: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 84-92. Utilizando-se das memórias do coronel polonês Christoffel Arciszewski, Charles Boxer diz que no período em questão não houve falta de mantimentos para a tropa continuar seu avanço no Sul de Pernambuco. Para o historiador, ao contrário do que foi

Não foi a primeira vez que faltou comida no decorrer de operações militares da WIC. O desenrolar dos eventos de 1636 pode inclusive ter sido influenciado pelas reduções nos ranchos dos militares feitas em maio de 1635, durante as campanhas de assédio do Arraial e do Cabo de Santo Agostinho. A intenção era racionar o pouco alimento que restava no armazém da Companhia. Os soldados, os mais afetados pelo corte, passaram a receber semanalmente duas peças de pão, duas jarras de cevada e três jarras de feijão – para serem compartilhadas entre sete soldados –, $\frac{3}{4}$ de libra de carne, $\frac{1}{8}$ de jarra de vinagre e $\frac{1}{4}$ de libra de toucinho.⁴⁵⁴ Dias depois, o estado precário do armazém da Companhia influenciou uma nova mudança na carta-ração. Por conta da escassez de víveres, o comissário dos víveres Elbert Chrispijns. recebeu ordens do Conselho Político para recalcular as porções já diminuídas anteriormente. A quantidade de carne distribuída – componente em maior falta – passou a ser de $\frac{1}{4}$ de libra, ao invés de $\frac{3}{4}$ de libra. Já a porção do toucinho foi aumentada, uma jarra de feijão – a ser partilhada – reduzida e uma de cevada – igualmente dividida entre sete homens – acrescentada.⁴⁵⁵ Momentos antes dessas reduções o presidente do Conselho Político, Servaes Carpentier, juntamente com o coronel polonês Christoffel Arciszewski e o conselheiro político Jacob Stachouwer – inteirados da condição dos armazéns da Companhia – decidiram, para economizar suprimentos, transportar prisioneiros de guerra para algumas ilhas nas Índias Ocidentais e libertá-los. Eles “custavam muito” e nada “produziam”. Eram consumidores desnecessários.⁴⁵⁶

Ainda por causa do aprovisionamento ruim dos armazéns da Companhia, o comissário Chrispijns., meses após a conquista do Arraial e do Cabo de Santo Agostinho, foi ordenado a vender farinha de trigo em pequenas porções para soldados e civis. Naquela época, a “terra sob jurisdição da WIC” sofria de grande escassez de farinha de trigo e de outros meios de subsistência, o que forçava a Companhia a perder dinheiro oferecendo farinha de trigo por um valor baixo a seus funcionários. As medidas, de acordo com o relato do comissário, tinham por intenção evitar que os portugueses soubessem das dificuldades de abastecimento da Companhia e

exposto no presente texto – baseado por sua vez no conteúdo de uma missiva do próprio Arciszewski ao Conselho Político –, tudo não passava de um problema político-administrativo. Os componentes civis do governo cuidavam mais de aspectos comerciais do que do aprovisionamento da tropa, relegando a questão a plano secundário. É crível que a questão também influenciasse na condução da guerra, mas naquele momento a conquista realmente tinha dificuldades em aprovisionar sua tropa.

⁴⁵⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-05-1635: “*Gemeene broot 2 [stuks] gort, boonen alsvoeren [1 kan van ii/iii voor 7 coppen] vlees $\frac{3}{4}$ lb. asijn $\frac{1}{8}$ k. speck $\frac{1}{4}$ lb.*”. Os sargentos recebiam porções mais “generosas”: “*Sergijants broot 2 [stuks] vlees 1 lb. bonen 2 k. speck 1 lb. asijn $\frac{1}{4}$ k.*”.

⁴⁵⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-05-1635: “*De Commissaris Crispjns. den Raet voordragende dat de vires seer schaer begonden te werden principal. vlees derhalve van de ransoenen wel op eenige specie wat diende affgecorte zijn ende eenige vermindert. Soo is goet gevonden dat in plaetse van $\frac{3}{4}$ lb. vlees, een vierendel sal gegeven worden, ende in plaetse van $\frac{3}{4}$ lb. speck een lb., mede in plaetse van 2 kannen boonen een kan ende in plaetse van vier kan gort voor seven man vijf dito*”.

⁴⁵⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-05-1635. Ver também: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 129-130.

se sentissem estimulados a atacá-los.⁴⁵⁷ Embora não tenha sido mencionado pelo comissário, as ações também evitavam uma indisposição com a tropa, algo que não tardou a acontecer nos anos posteriores.⁴⁵⁸

O governo de Johan Maurits van Nassau-Siegen, entre os anos de 1637 e 1644, também foi um período de comida limitada e de tensão entre os militares e a administração da Companhia no Brasil. O aumento gradativo do efetivo militar e do território ocupado, além do crescimento populacional, acarretaram um acréscimo das demandas por comida nos armazéns da Companhia, pressionando assim as linhas de abastecimento locais já muito combalidas.⁴⁵⁹ Em 1637, o exército da WIC, composto de pouco mais de 3 mil homens e envolvido em campanhas militares no Sul de Pernambuco, precisava ser alimentado e bem provido para continuar o movimento de expansão. Ainda em 1637, o novo governador do Brasil já dava sinais de que precisaria de mais homens para ocupar as novas possessões e, por extensão, de receber novas remessas de alimentos. Expedições militares aprovisionadas do Recife também passaram a dar sua parcela de contribuição para o esvaziamento dos armazéns da Companhia, a exemplo da destinada à Guiné em fins de 1637, composta por 800 homens e 400 marujos. Na carta em que informa aos Estados Gerais do apresto da esquadra enviada à Guiné, o governador do Brasil aproveita para noticiar que não havia víveres em abundância no Recife, o que os obrigou a abastecer os expedicionários por apenas alguns meses.⁴⁶⁰ Assim, a praça a ser conquistada agüentaria apenas pelo intervalo de tempo até que tivesse seu provimento assumido pela Companhia diretamente a partir da Europa.⁴⁶¹

⁴⁵⁷ A probabilidade de que tal ataque pudesse acontecer, pelo menos em termos logísticos, era baixa. Após perder o controle da Paraíba e Itamaracá – área importante no abastecimento do Arraial –, as tropas da resistência passaram a ser providas quase que exclusivamente de farinha de mandioca e carne de Porto Calvo. Ao fim da guerra de resistência e com a militarização crescente da zona Sul de Pernambuco, os contingentes já estavam recorrendo à farinha da Bahia. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 280-284.

⁴⁵⁸ SAA, NA, 421/343, 20-04-1640.

⁴⁵⁹ Principalmente dos anos 1639 a 1642. Ver tabelas 1 e 2 do primeiro capítulo; Para Claude Papavero, a ampliação do território implicou na ampliação das fontes de abastecimento. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, p. 134. Tal raciocínio é correto, mas as contínuas crises de abastecimento mostram que a ampliação do território seguida de um aumento do contingente militar gerou uma demanda maior do que os armazéns da Companhia e as reservas locais podiam atender. Para piorar a situação, os armazéns da WIC no Brasil passaram a sustentar as guarnições na África. Ver também: Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 297, 299.

⁴⁶⁰ Ainda no começo daquele ano, as porções de alimentos distribuídas para oficiais e soldados foram reduzidas por causa da escassez dos armazéns. Em fins de fevereiro, a ração dada aos soldados, que não podiam viver com o que era dado (*dat de soldaten daer niet bij leven connen*), estava “tão sóbria” (*soo sober*) que o sargento-mor Cornelis Baijart intercedeu em benefício dos soldados. O governo resolveu que cada homem receberia “um pãozinho de centeio” (*een roggen brootjen*) a mais por semana. Em meados de março, com armazéns ainda deficientes, novas modificações foram feitas na ração entregue a oficiais e soldados. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 23-02-1637, DN 28-02-1637, DN 16-03-1637.

⁴⁶¹ Carta de Nassau aos Estados Gerais de 16 de novembro de 1637. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandês, com os Estados Gerais (1637-1646)’ (Tradução de Alfredo de Carvalho) In *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Pernambucano Recife*, Vol. X, 1902, pp. 27-28; De acordo com Claude Papavero, toda vez que a WIC montava uma expedição, faltavam víveres adiante. Por isso, a campanha bélica de 1637 acabou adiando o projeto de assalto à Bahia. Quando Nassau parte para tentar tomar Salvador em 1638, ele deixou os armazéns do Recife “perigosamente

Também era grande a destruição provocada pela guerra no território. Militares de ambos os lados foram responsáveis por excessos que acabaram interferindo posteriormente no curso das campanhas militares, pois nenhum exército podia manter um conflito dependendo única e exclusivamente de abastecimento externo.⁴⁶² Em relatório datado de dezembro de 1639, o membro do governo do Brasil Adriaen van der Dussen indicou as dificuldades geradas pelas movimentações militares dos anos anteriores, a exemplo da destruição quase completa dos rebanhos de gado que abasteciam boa parte das regiões ocupadas.⁴⁶³ Os engenhos de açúcar não foram poupados e muitos foram destruídos ao longo do conflito. No primeiro relatório geral acerca do Brasil conquistado – assinado por Nassau e pelos conselheiros secretos Matthias van Ceulen e Adriaen van der Dussen – menciona-se que dos 150 engenhos em atividade nas quatro capitanias – Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco – apenas 99 estavam moendo em 1638.⁴⁶⁴

Recursos exíguos foram continuamente noticiados por Nassau e constituíram sua justificativa para não atender a muitas das solicitações vindas da direção da Companhia, que exigia, segundo o governador, mais do que ele podia fazer.⁴⁶⁵ Para Nassau, além da falta de tropas e de material bélico, a insuficiência de víveres era um dos problemas principais enfrentados por sua administração no Brasil.⁴⁶⁶ O governador chegou até mesmo ao extremo de pedir que não fossem enviadas tropas – tantas vezes requisitadas – caso não estivessem acompanhadas dos víveres para provê-las.⁴⁶⁷ Depois de reiteradas queixas ele passou a mostrar-se cada vez mais contundente em suas declarações. “Grande penúria”, “falta absoluta”, “soldados esfomeados” e “extrema miséria” foram algumas das palavras utilizadas em suas cartas para relatar aos Estados Gerais e à administração da Companhia nas Províncias Unidas da situação da Companhia no

esgotados”. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, p. 147; Observação semelhante fez Johan Nieuwhof, ao falar que a montagem das expedições a Angola, Espírito Santo, Maranhão, Rio de Janeiro e São Tomé – realizadas na década de 40 do século XVII – “exauriram os celeiros da Companhia”. Nieuwhof, Johan. ‘Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasilica*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom), p. 79.

⁴⁶² Carta de Nassau aos Estados Gerais de 16 de janeiro de 1638. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’, pp. 31-32.

⁴⁶³ ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, p. 175.

⁴⁶⁴ ‘Documento 5. Breve Discurso sobre o estado das quatro Capitanias conquistadas no Brasil, pelos holandeses, 14 de janeiro de 1638’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, p. 126.

⁴⁶⁵ Carta de Nassau aos Estados Gerais de 30 de setembro de 1638, Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’, pp. 42-43.

⁴⁶⁶ Carta de Nassau aos Estados Gerais de 6 de outubro de 1638. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’, pp. 43-44.

⁴⁶⁷ Carta de Nassau aos Estados Gerais de 9 de julho de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandês, com os Estados Gerais (1637-1646)’ (Tradução de Alfredo de Carvalho) In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* Recife, Vol. XII, 68, 1906, pp. 537-539.

Brasil.⁴⁶⁸

Observações feitas por Adriaen van der Dussen só confirmam as reclamações de Nassau e corroboram para mostrar as condições de vida às quais os militares estavam submetidos. Os armazéns gerais e os fortes estavam “quase completamente vazios” e uma das principais faltas que afligiam a Companhia no Brasil era a de farinha de trigo. Essa era a que causava mais “indignação” porque privava os homens do consumo de pão, alimento básico da dieta européia. Também faltava farinha de mandioca no mercado local e dificilmente se obtinham quantidades necessárias para a distribuição da ração no Recife. Na Paraíba houve problema semelhante. Em dezembro de 1639, não era mais possível distribuir a ração de farinha de mandioca. Com a falta de farinha, a Companhia foi obrigada a recorrer a pão duro do armazém. O açougueiro fornecedor de carne do Recife e dos fortes vizinhos queixou-se ao Alto e Secreto Conselho que não tinha como obter mais gado para corte e na Paraíba a situação era idêntica. As regiões estavam esgotadas de gado e de farinha de mandioca e todos esperavam uma grande fome. As linhas de abastecimento internas tampouco conseguiam suprir as demandas da tropa. Van der Dussen previa que as conseqüências de tal situação poderiam ser ainda mais negativas. Sem víveres, as guarnições teriam que ser abandonadas e as contribuições em alimentos locais recebidas cessariam e agravariam ainda mais o estado da Companhia no Brasil. Para piorar, “do país nada se poderia esperar, porque em todo o Brasil não há um lugar onde um exército possa encontrar o alimento necessário”. Com o ano de 1639 perto de acabar, o governo do Brasil ainda aguardava o envio de víveres para 10 mil pessoas aprovado numa resolução de janeiro do mesmo ano. Sem notícias do que aconteceu com tal envio e a especular sobre o novo ano, restava a Van der Dussen lastimar a situação a qual os funcionários da Companhia foram obrigados a tolerar no ano de 1639.⁴⁶⁹

A posição dos soldados era a mais vulnerável. De acordo com o predicante Soler, contemporâneo de Nassau e de Van der Dussen no Brasil, os soldados da Companhia acabavam padecendo de uma “indizível miséria”.⁴⁷⁰ A condição era tal que a tensão existente entre o governo e os militares por causa da falta de alimentos foi reavivada. Segundo Barlaeus, já nas primeiras movimentações militares do governador, soldados foram abastecidos nos acampamentos com ração “assaz estreita e fraca” e os que ficaram estacionados nas guarnições

⁴⁶⁸ Carta de Nassau aos Estados Gerais de 9 de julho de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’ [1906], pp. 537-539; Carta de Nassau aos Estados Gerais de 4 de agosto de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’ [1906], p. 540; Carta de Nassau aos Estados Gerais de 8 de outubro de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’ [1906], p. 452.

⁴⁶⁹ ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitâneas conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, pp. 207-213.

⁴⁷⁰ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 02/04/1639 (carta número 9). In Soler, *Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, p. 58.

acabaram tendo que “viver parcamente e com fraude do apetite”. “Daí [sobrevieram as] queixas e [as] murmurações dos soldados jejunos, as quais dificilmente se aquietaram com as palavras brandas e as promessas liberais dos comandantes”.⁴⁷¹ Numa situação dessas, aludiu Nassau, em uma carta aos Estados Gerais datada de agosto de 1639, era difícil manter o controle da tropa e palavras e promessas não eram suficientes para contê-los.⁴⁷²

Víveres chegaram em número suficiente para amenizar o problema nos primeiros meses de 1640.⁴⁷³ Entretanto, não demoraria muito para que outra crise de abastecimento se abatesse sobre a conquista. De acordo com Evaldo Cabral de Mello, o Alto e Secreto Conselho do Brasil, em carta aos Senhores XIX do começo de 1640, afirmava que no Brasil só era possível obter carne e farinha para os militares por meio de violência.⁴⁷⁴ Mesmo quando as remessas de alimentos eram enviadas pela Companhia, elas costumavam chegar no limite, geralmente quando as condições dos armazéns já eram precárias. Aqui, os relatos de Van der Dussen e de Elbert Crispijns. se assemelham. Em 1635, o comissário testemunhou que os víveres só chegaram ao Brasil quando a conquista já sofria com uma grande escassez.⁴⁷⁵ Em 1639, pelo que expôs o membro do governo, o mesmo aconteceu, o que mostra o quanto a Companhia na Europa falhava em atender às demandas de seus militares no Brasil.

Em janeiro de 1642, uma nova escassez dos armazéns da Companhia obrigou a administração da conquista a diminuir a quantidade de alimentos distribuídos aos homens. A mudança teve relação com a equipagem da frota de 1641 destinada a atacar Luanda. Uma nova carta-ração para o ano de 1642 foi emitida em substituição à carta-ração de 1641, que já enumerava uma quantidade menor de alimentos distribuídos em relação aos listados nas cartas-ração de anos anteriores. Os militares passaram a receber o equivalente a 14 *stuivers* em carne (1 libra) e toucinho (1 libra). Dos componentes da carta-ração de 1641 foram cortadas ervilhas (1 jarra avaliada em 4 *stuivers*) e cevada (1 jarra a 6 *stuivers*).⁴⁷⁶ Reincidente, a falta de víveres na área

⁴⁷¹ É claro que havia o desejo do cronista em relatar as situações a que Nassau esteve submetido durante seu governo e mostrar quão hábil ele foi para contornar os problemas e vencer os inimigos. Com ou sem segundas intenções, a narrativa de Barlaeus, nesse sentido, não ocultou problemas sentidos na colônia durante aqueles anos. Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil, durante oito anos sob o governo do Ilustríssimo Conde João Maurício de Nassau*. [1647]. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 55-56, 70.

⁴⁷² Carta de Nassau aos Estados Gerais de 4 de agosto de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas’ [1906], p. 541.

⁴⁷³ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 12/02/1640 (carta número 10); Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 06/05/1640 (carta número 11). In Soler, *Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, pp. 68, 74.

⁴⁷⁴ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 298.

⁴⁷⁵ SAA, NA, 421/343, 20-04-1640: “[...]Ook toen, in dec. 1635 het schip De Hollandsche Thuin met meel en andere levensmiddelen in Recife arriveerden was er nog grotere schaarste [...]”.

⁴⁷⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 04-01-1642: “Soo wij bevinden dat de voorraet van Potspijse inde Comp. magazijnen met de vtrusting van de afgesondene vloote seer kleijn geworden is, sulcx dat nootsaekelijck met de aenvangs van dit jaer een andere rantsoenbrief na de tegenwoordige gestaltenisse der magazijnen voor des Comp. dienaers dient beraemt te worden, soo is op het voorstel vande Commissaris in Plaetse vande oude dese nieuwe rantsoen brief te lande gearresteert”. É plausível ainda que os

de controle da WIC parece ter perdurado até 1643, o que contrasta com os meses iniciais de 1640, nos quais, de acordo com o predicante Soler, sequer havia espaço nos armazéns para guardar os víveres remetidos da Europa. Aparentemente, os contínuos pedidos de Nassau – reforçados pelo relatório de Van der Dussen entregue à direção da Companhia – surtiram efeito, embora por pouco tempo. Não demorou muito até que fosse feito um novo relato sobre o esvaziamento dos armazéns da Companhia no Brasil. Até mesmo a morte de soldados por conta de inanição foi noticiada, o que demonstra como a situação era grave.⁴⁷⁷ Em meados de 1642, os inventários de víveres do Recife listavam quantidades insignificantes de comida que estavam “muito abaixo dos estoques para seis meses que as autoridades consideravam o mínimo indispensável à segurança da colônia”.⁴⁷⁸

Uma carta desesperada de um funcionário da Companhia estacionado no forte *Maurits* – uma das últimas fortificações ao Sul do território sob controle da WIC – destinada ao Alto e Secreto Conselho e ao governador Nassau confirma o estado crítico da conquista. Herman Hoddersere – possível comissário da guarnição – trata da difícil tarefa de providenciar alimentação para toda a sua guarnição sem dinheiro e com o armazém do forte vazio. Ele pediu urgência no envio de víveres, do contrário ele não sabia mais como controlar a situação – “eu não vejo mais solução” (“*ick en weet geen uitcomste meer*”). “Essa gente quer comer” dispara ele na missiva (“*dit volck willen eeten*”). Para piorar, seu crédito para a compra de alimentos localmente estava diminuindo porque ele não havia recebido dinheiro, o que o obrigou a comprar carne e farinha de mandioca a crédito do mês de junho até 15 de agosto. O dinheiro recebido dias antes foi usado para obter mais crédito com os fornecedores de comida locais, com os quais a guarnição já tinha um débito de 150 florins.⁴⁷⁹

De acordo com Hoddersere, a guarnição de Sergipe, com a qual os do forte *Maurits* mantinham comunicação, estava numa situação ainda pior. Lá, os homens estavam há 15 dias sem pão. Apesar do estado precário da guarnição de São Francisco, foram enviados 15 alqueires de farinha de mandioca e dois barris de farinha de trigo para Sergipe, quantia que Hoddersere achou insuficiente – “[se] eu tivesse mais teria enviado” (“*hadde ick meer gebat sou ‘t gaerne gesonden*

militares estivessem recebendo complementação da ração em dinheiro, de forma que pudessem compensar a pequena quantidade entregue com itens comprados localmente.

⁴⁷⁷ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 06/05/1640 (carta número 11); Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Maurícia, 06/05/1640 (carta número 16). In Soler, *Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, pp. 68, 105-107.

⁴⁷⁸ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 299.

⁴⁷⁹ NL-HaNA_Staten Generaal 1.01.07, inv. nr. 12564.12, Doc. 6, 15-08-1643: “[...] *Het is een droevige saecke, en U. Ed. selff wel bekend, soo veel menschen te provideeren off cost te geven, als men niet met all. In t Magasijn, en heeft, wil dan liever van hier als hier sijn ons Magasijn, is geheel leegh en van geens dings versien, hoope dere wegen, indien het noch niet en geschiet is, de: Ed. Heeren sullen op t spoedigste van alles het geen U. E. hebben, ons hier versien off ick en weet geen uitcomste meer, dit volck willen eeten, booven dit begint ons credit wat te minderen also der noch geen contanten komen en nij seder Junij tot dato hebben laeten schlachten en farinba ingecofft tot behoefte vant garnesoen en daer door ontrent all vijfftien hondert gulden schuldich waer voor aen de leveraers mijn obligatie*”.

hebben”). A embarcação que partiu levando a comida retornou com gente daquela guarnição – o alferes Eisens Neff e de 8 a 9 homens. Eles “pareciam como fantasmas” (“*deder sien alle geesten*”), haja vista o aspecto físico debilitado. Mais da metade dessa gente estava faminta porque não havia comida no armazém de Sergipe. Hoddersere também pediu velocidade (“*met het spoedigste*”) no envio de farinha de mandioca ou de trigo para a tropa em Sergipe, do contrário uma maior quantidade de gente iria morrer de fome.⁴⁸⁰ O estado das guarnições de Sergipe e do São Francisco não era distinto da condição da tropa estacionada no forte *Orange* em Itamaracá. Servindo do outro lado da conquista, Reijner Dickema, possível comissário da fortificação, escreveu a Nassau em 16 de agosto de 1643 para relatar que cada um dos 71 militares do efetivo do forte não tinham comido mais do que 5 pães em 14 dias.⁴⁸¹

Apesar de muito grave, a condição das três guarnições mencionadas parecia melhor do que a situação enfrentada pelos militares estacionados no Cabo de Santo Agostinho. Lá, soldados e oficiais passaram quase um mês sem receber pão e farinha. O relato foi feito pelo sargento-mor Diederik van Hoogstraten em uma carta escrita a Johan Maurits van Nassau em abril de 1643. A situação era tão séria que Van Hoogstraten mencionou a morte por inanição de um dos seus soldados. Ele “estava tão fraco de fome que caiu morto”. No arremate da missiva, tal qual fizeram meses depois os funcionários Herman Hoddersere e Reijner Dickema, o sargento-mor pediu para que a sua tropa fosse provida de víveres e de dinheiro “[...] a fim de que nós não passemos tanto sofrimento e miséria, assim como o pesar que se observa aqui”.⁴⁸²

Com o início da rebelião dos luso-brasileiros contra a Companhia em 1645, os armazéns das guarnições ficaram mais desfalcados do que o de costume, já que as linhas de abastecimento interno foram quase inteiramente cortadas.⁴⁸³ O soldado Peter Hansen, que chegou ao Brasil em fins de 1644 e para quem a alimentação recebida ainda não tinha constituído um problema, passou a viver em um Recife cercado. De origem humilde em comparação com Richshoffer, Tucher e Behaim, o que possivelmente fazia dele um tipo mais resistente a privações, Hansen, após quase um ano vivendo numa cidade sitiada, lamuriou-se ao receber uma exígua ração semanal composta de “1½ libra de peixe seco, 1 libra de farinha de trigo, 1 caneca de óleo de palma e 1 caneca de vinagre”. Segundo ele, todos tiveram que “se contentar [com essa ração] por 9 semanas”. Foi durante os meses de extrema penúria de 1646 que muitas pessoas morreram de fome e que “cavalos, cachorros, gatos e ratos” serviram como a “melhor comida” para os que

⁴⁸⁰ NL-HaNA_Staten Generaal 1.01.07, inv. nr. 12564.12, Doc. 6, 15-08-1643.

⁴⁸¹ NL-HaNA_Staten Generaal 1.01.07, inv. nr. 12564.12, Doc. 6, 16-08-1643: “[...]alsoo sij op dato binnen den tijt van 14 dagen elck een niet meer als 5 brooden hebben genooten [...]”.

⁴⁸² *Koninklijke Huisarchieff*, Den Haag, inv. nr. 1454, f. 285, 2-04-1643. Citado e traduzido por: Teensma, B. N.. ‘Arquivo da Casa Real. Haia, Inventário n. 1454: assuntos brasileiros, 1636-1645’. In Wiesebron, Marianne (ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1554)*. Volume 3. Leiden: CNWS Publications, 2008, p. 53.

⁴⁸³ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 312-314.

estavam cercados no Recife.⁴⁸⁴ Tal situação – cuja narrativa possui semelhanças com o texto feito por Ambrosius Richshoffer nos anos iniciais de ocupação – foi igualmente relatada em um diário anônimo publicado sob a forma de panfleto *Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil* e no livro *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil* escrito pelo comissário da WIC Johan Nieuhof, que viveu no Brasil entre os anos de 1640 e 1649.⁴⁸⁵ Os efeitos do cerco foram sentidos ainda antes. No segundo mês da rebelião já faltavam “refrescos” – isto é, frutas – no Recife, o que mostra a dependência que a conquista tinha da comida local, que por vezes foi mais do que um complemento para a ração distribuída pela WIC.⁴⁸⁶ As já mencionadas movimentações de compra de farinha de mandioca e de carne para as guarnições, além das contribuições impostas, mostram o quanto a Companhia dependia das remessas locais para alimentar sua tropa.

Todavia, o cotidiano de privações não significava que os militares ficassem a esperar pelas remessas de comida enviadas da Europa. Isso pode ser observado nas atuações dos militares não apenas durante as fases de cerco e no transcurso de situações ocasionais, mas também no decorrer de momentos em que eles tiveram mais liberdade de circulação no território. Muitos deles buscaram localmente alimentos para complementar as rações recebidas ou mesmo substituir itens europeus da dieta. Dessa maneira, a coleta, a caça, a pesca e a mariscagem constituíram atividades fundamentais no provimento pessoal dos militares.⁴⁸⁷ Foi caçando, pescando e coletando que o militar Peter Hansen adicionou mais comida ao pouco que recebeu

⁴⁸⁴ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 76: “[...] sonst Pferden, Hunden, Katzen und Ratten unse beste Speiße”.

⁴⁸⁵ *Iournal ofte korte Discours nopende de Rebellye ende verradelijcke Desseynen der Portuguesen alhier in Brasil voorgenomen ‘t welck in Junio 1645 is ontdeckt. Ende wat vorder daer nae ghepasseert is tot den 28 April 1647*. Arnhem: Ghedruckt by Jan Jacobsz, 1647. Tradução portuguesa publicada na Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco como: ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647’. In *Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano*. Volume V, número 32. Recife: Typographia Universal, 1887; Nieuhof, Johan. ‘Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil’. [Amsterdam, 1682] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 302-303.

⁴⁸⁶ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil’, pp. 149-150: “Fazem hoje [, dia 16 de setembro de 1645,] dous mezes que estamos cercados, e este espaço de tempo nos parece um anno, pois o tempo passa fastidiosamente para quem está assim encurralado. A falta de refrescos e de agua causa em muitos graves enfermidades. O gado está todo consumido, e tudo é tão caro que não sabe uma pessoa do povo como haver o seu alimento por mais tempo. Deus venha em nosso auxilio! Se isto durar mais dous mezes sem chegarem navios, havemos de nos entregar ou perecer de fome. Confiamos em Deus e no suspirado socorro”.

⁴⁸⁷ Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*, pp. 108-116, 231-252; O médico Willem Piso mencionou em algumas passagens de *História Natural e Médica da Índia Ocidental* as caçadas empreendidas por soldados. Muitos se mantinham com a caça de guaiamu, pombas, javalis e capivaras. Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Tradução Mário Lobo Leal. [1658] Rio de Janeiro: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1957, pp. 187, 206, 231-232. Uma ata diária do Alto e Secreto Conselho menciona as queixas de criadores de gado contra os soldados que diariamente saíam de suas guarnições para passarinhar e acabavam atirando e machucando seus animais. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-02-1637. É provável também que os militares criassem pequenos animais domésticos, de forma a suplementar a ração. Uma carta datada dos primeiros meses de ocupação escrita pelos Senhores XIX e destinada ao Conselho Político menciona o envio, atendendo à solicitação de Diederick van Waerdenburgh, de “porcos, galos, gansos e patos para serem criados” (“[...] *gelijck wij oock volgens t’scrijven vande Colonel, verckens, hoenders, gansen ende enden om aldaer voort te queecken gesonden hebben* [...]”). NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630.

da Companhia durante o cerco do Recife. Além de ter saído para pescar junto com outros militares e de ter comido animais domésticos e não-domésticos, ele colheu perretil-do-mar – *Critblum maritimum*, que ele chamou de “*Petrosellien de Mare*” – e outras plantas e ervas nas cercanias da guarnição onde servia.⁴⁸⁸

Com a rebelião dos moradores, os militares estacionados em Recife e em Antônio Vaz passaram a ter – semelhantemente ao que se passou nos momentos iniciais da ocupação – suas saídas vigiadas pelas tropas luso-brasileiras e regularmente sofreram com as emboscadas que intencionavam impedi-los de obter qualquer alimento fora do conjunto de fortificações que os protegiam.⁴⁸⁹ A sorte de Peter Hansen mudou quando ele foi transferido do Recife para o Rio Grande em novembro de 1646. Sua situação alimentar melhorou e ele não fez mais comentários sobre qualquer privação alimentar sofrida – Hansen é um tipo de narrador que normalmente só menciona o que interfere diretamente em sua vida. Sua livre circulação no Rio Grande – distante do conflito das capitânicas ao Sul – permitiu que ele e seus companheiros se aprovisionassem localmente sob base regular, o que eles fizeram colhendo frutos e raízes, caçando, passarinhando e pescando. Tudo isso sem correr riscos de morte característicos das áreas sob assédio.⁴⁹⁰ Embora contidamente, a região do Rio Grande continuou a ser responsável pelo provimento de carne fresca e de outros alimentos para o resto do território.⁴⁹¹ A conduta de Hansen e de seus companheiros de guarnição também sugere que a improvisação e a adaptação foram importantes para complementar ou simplesmente substituir itens da dieta européia. Isso demonstra que, além de terem feito o consumo de alimentos locais, eles não ficaram presos – quando tiveram chance – à dieta européia.⁴⁹² Um exemplo prático nesse sentido foi a coleta de caju para a produção de

⁴⁸⁸ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 76-77.

⁴⁸⁹ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 312; Ver os exemplos de ataques em: ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil’, pp. 193, 201; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 77.

⁴⁹⁰ No transcurso de uma expedição feita para o interior do Rio Grande no começo de 1650, Hansen e os outros integrantes tiveram liberdade para caçar preás, pombos selvagens e uma anta. Em outra ocasião, quando Hansen e um pequeno destacamento de soldados serviam em um engenho no interior do Rio Grande, eles colheram frutos, aprovisionaram-se com tabaco e raízes de mandioca. É possível que produzissem eles mesmos a farinha. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 77-79, 87-88, 95.

⁴⁹¹ No Rio Grande, os tapuias aliados da WIC empurraram os moradores rebelados para o Sul. Com a submissão deles, a Companhia conseguiu se apropriar do gado – praticamente o único bem que possuíam – e recolhê-lo para seus currais, o que se mostrou fundamental para sustentar as guarnições da conquista. Além de carne fresca, a região também passou a ser um dos principais produtores de farinha de mandioca, o que também serviu para o alívio dos militares e da população. A região cresceu em importância para a Companhia ao ponto em que os portugueses intentaram conquistar a região e cortar o fornecimento de víveres para as suas guarnições. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 87-88; ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil’, pp. 188, 194, 197; ‘Documento 5 – Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali (1646)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 263-264.

⁴⁹² Isso refuta a idéia de Gonsalves de Mello – em *Tempo dos Flamengos* – de que o pessoal da WIC não se adaptou à dieta local. É importante dizer que eles ficaram presos aos alimentos europeus simplesmente porque nem sempre

vinho.⁴⁹³ Tal consumo improvisado de bebidas alcoólicas também se devia a questões financeiras, haja vista o elevado preço da cerveja e do vinho para os padrões salariais dos militares de baixa patente.⁴⁹⁴ Talvez tenha sido por isso que o consumo de garapa foi tão comum entre os militares, que economizavam o dinheiro recebido para a alimentação comprando pouca carne e arranjando-se com farinha de mandioca e frutas para poder beber um pouco mais.⁴⁹⁵

Anos antes de Hansen e com a WIC em uma situação militar mais vantajosa, o soldado alemão Zacharias Wagener foi obrigado, por falta de pão ou de outro alimento, a consumir perrexil-do-mar – mais do que desejava e “sem manteiga ou azeite” – por quase um ano. Também é de Wagener o depoimento de que pombas silvestres eram apanhadas diariamente no Recife e vendidas a um baixo preço.⁴⁹⁶ Na obra *Thierburch*, Wagener deu diversos exemplos do uso alimentício de animais, frutas, plantas e raízes locais, além dos modos de preparo, o que de certa forma tinha relação com sua atividade posterior de despenseiro de Johan Maurits van Nassau-Siegen.⁴⁹⁷ Por causa das contínuas crises de abastecimento enfrentadas no Brasil, suas observações também deviam ter conexão com a busca de recursos alimentares no território. Comportamento semelhante ao de Wagener foi observado na obra de outro soldado alemão, Caspar Schmalkalden. Dos muitos animais descritos e desenhados no seu livro de viagem ele classificou quais eram os comestíveis e não-comestíveis. Destaque especial dado aos peixes regularmente referidos no que diz respeito ao sabor, outro aspecto citado nas obras de Wagener e

tiveram acesso aos alimentos locais. O trabalho de Claude Papavero discute bem a questão da adaptação alimentar dos militares da WIC no Brasil. Ver Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres*.

⁴⁹³ Em duas outras ocasiões Hansen e seus companheiros saíram da guarnição do forte *Ceulen* para colher a fruta com essa finalidade. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 84, 90.

⁴⁹⁴ Em fevereiro de 1636, uma jarra de cerveja proveniente de Amsterdã custava 6 *stuivers*. No ano seguinte, uma jarra de cerveja proveniente da Zelândia e qualificada como boa valia 10 *stuivers*. Outra cerveja da mesma localidade e qualificada como ruim custava 6 *stuivers* por jarra. Cervejas oriundas de Delft e de Roterdã custavam respectivamente 15 e 11 *stuivers*. Esses preços destoavam muito do valor cobrado por uma caneca de cerveja nas Províncias Unidas, que, de acordo com Simon Schama, estava orçada em ½ *stuiver*. O fato de serem produtos importados explica o aumento acentuado. Em 1642, o preço de uma jarra de cerveja produzida localmente custava muito menos: 2 *stuivers*. Era ainda um valor elevado para os soldados. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-02-1636, DN 03-06-1637, DN 29-07-1637; Schama, Simon. *O desconforto da riqueza*, p. 600; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 228, nota 52.

⁴⁹⁵ A declaração é de Adriaen van der Dussen. ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitânicas conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, p. 210; O consumo devia ser tão regular que o panfleto de atração para o recrutamento *Beneficien* elenca a venda de garapa como uma das atividades que poderiam ser feitas pelos soldados no Brasil para ganhar algum dinheiro extra: “*Daer is over al mede soo te Velde als inde Guarnisoenen – een goede stuyver te verdienen met Graep te tappen*”. *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*.

⁴⁹⁶ Wagener, Zacharias. *The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997, pp. 73, 116. Willem Piso relata que muitos dos que apanhavam e vendiam as pombas silvestres eram soldados e escravos. Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, p. 206.

⁴⁹⁷ Françaço, Mariana de Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, 2009, p. 136.

de Willem Piso.⁴⁹⁸

A pesca, aliás, era muito importante para a alimentação dos soldados e para a Companhia, o que levou Johan Nieuhof a mensurá-la no mesmo patamar da criação de gado.⁴⁹⁹ Os peixes não eram apenas um alento em tempos de emergência, mas também sustentavam muitas pessoas no dia-a-dia, inclusive os militares.⁵⁰⁰ Sozinhos ou em pequenos grupos os soldados complementavam a ração pescando.⁵⁰¹ O hábito da pesca entre os habitantes da conquista era tão comum que o pintor neerlandês Frans Post dedicou algumas de suas gravuras ao tema, a exemplo de *Ostium Fluminis Paraybae* (imagem 3) e de *Arx Principis Guilielmi* (imagem 4), ambas inseridas na obra de Caspar Barlaeus *Rerum per octennium in Brasília*.⁵⁰²

⁴⁹⁸ Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998, pp. 90-109; Wagener, Zacharias. *The "Thierburch" and "Autobiography" of Zacharias Wagener*, pp. 28-47.

⁴⁹⁹ Nieuhof, Johan. 'Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil'. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, p. 50.

⁵⁰⁰ Além do já citado exemplo de Peter Hansen, Johan Nieuhof, que viveu no mesmo período, diz que por ter o "mar aberto", as pessoas do Recife, Itamaracá e fortificações da Paraíba e Rio Grande puderam recorrer ao peixe, "tanto para completar a refeição como em lugar do pão". O comissário ainda menciona que as forças da Companhia vinham se alimentando quase que exclusivamente de peixe e que a administração da Companhia tentou estimular a "indústria da pesca" por conta da escassez vigente na conquista. Nieuhof, Johan. 'Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil'. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 280, 291, 398. A pesca também era muito importante para o provimento do exército luso-brasileiro e para a colônia como um todo. Muitos engenhos dependiam inclusive de peixe seco para alimentar seus trabalhadores. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 284-286, 310-311.

⁵⁰¹ Em julho de 1646, dois soldados foram mortos por tropas luso-brasileiras quando pescavam junto ao reduto *Kijk in de Pot*, nas vizinhanças do Recife. 'Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil', p. 201. O soldado inglês Robbert Jansz. não teve melhor sorte quando saiu para pescar. De acordo com o ex-soldado da WIC Hendrick van Hoorn, Robbert, que servia no forte *Water Casteel*, morreu afogado quando pescava em fins de 1643. Seu corpo foi encontrado entre um pequeno fortim chamado *Juffrouw De Bruijn* e o forte *Bruijn*, ambos no istmo do Recife. SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645. Gonsalves de Mello menciona uma ata diária de março de 1647 na qual ele diz que muitos particulares, soldados e oficiais – obrigados pela necessidade – saíam em jangadas para pescar ou entravam nos mangues para apanhar caranguejos. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 167.

⁵⁰² Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasília et alibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitiss J. Mauritii Nassoviae, &c. Comitiss, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia*. Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647; Em *Ostium Fluminis Paraybae* Frans Post representou um grupo de homens – quase todos brancos – pescando no litoral – legenda D, *Modus Piscandi in Littore* – precisamente na vizinhança do forte *Margaretae*. Na gravura *Arx Principis Guilielmi* Post desenhou um solitário pescador – um homem branco – no primeiro plano da gravura. Ele compunha parte da paisagem que tinha o forte *Prins Willem* ao fundo. Possivelmente esses elementos representados eram militares. É possível especular isso a partir da observação de outras gravuras com a temática da pesca produzidas por Frans Post e incluídas na obra de Caspar Barlaeus. Na vinheta de Post incluída no mapa de Georg Marcgraf e Cornelis Bastiaensz. Golyath – *Praefecturae Paranambucae pars Meridionalis* – ele desenhou um grupo de negros utilizando uma rede de arrasto para pescar – técnica semelhante ao do grupo de pescadores no rio Paraíba. Já na gravura *Alagoa ad Austrum* ele inseriu casas de pescadores – legenda C, *Casae Piscatoriae* –, uma jangada e o brasão da região, onde se observam três peixes – a capitania de Alagoas era conhecida por ser uma região de rios piscosos. Em outra gravura, *Capvt S. Argustini*, Post colocou no primeiro plano – legenda I – pescadores indígenas (*Brasiliani Piscatores*). Frans Post não inseriu legenda alguma nas gravuras *Ostium Fluminis Paraybae* e *Arx Principis Guilielmi* para indicar quem eram os homens brancos pescando. No entanto, desenhá-los próximos das fortificações pode ter sido intencional. Em duas das três gravuras em que ele aludiu à pesca, os personagens que desenvolviam tais atividades puderam ser facilmente identificados. Já os brancos podem ser através de associação. Outro aspecto reforça tal idéia: a pesca era uma atividade muito comum entre as camadas mais baixas da sociedade. Não foi por acaso que o pintor registrou indígenas e negros exercendo tal atividade. Portanto, acredita-se que os pescadores brancos eram militares, que ele deve ter visto em suas andanças nos territórios ocupados.

Imagem 3 – Detalhe da gravura de Frans Post *Ostium Fluminis Paraybae*.

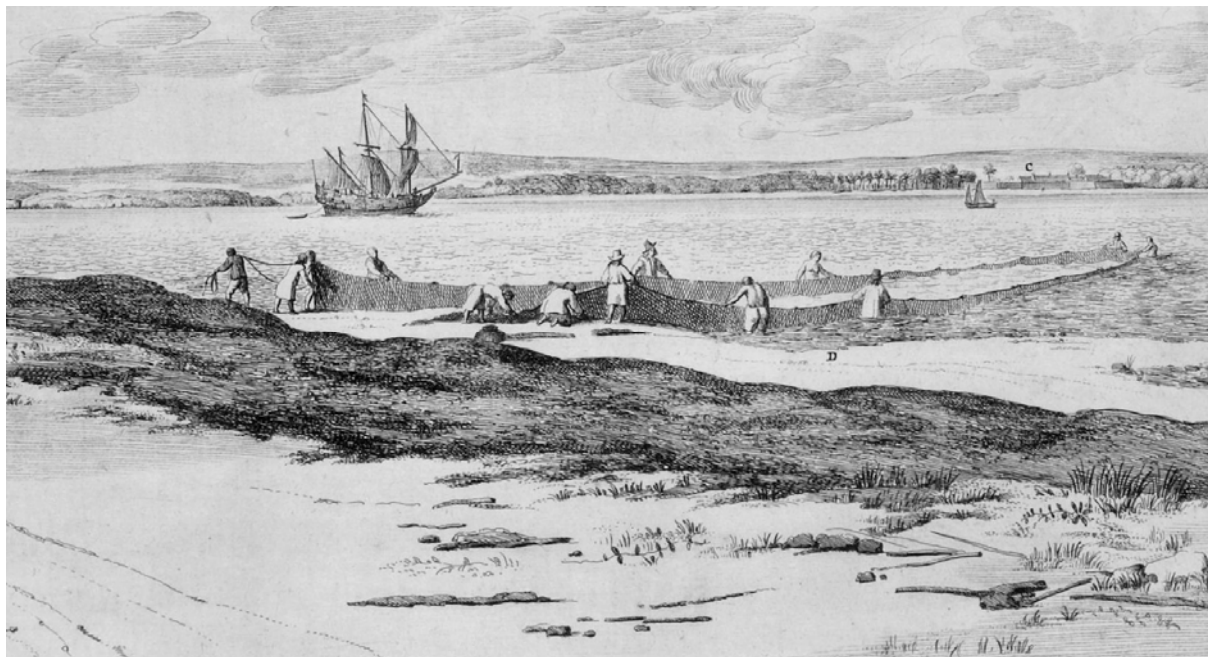
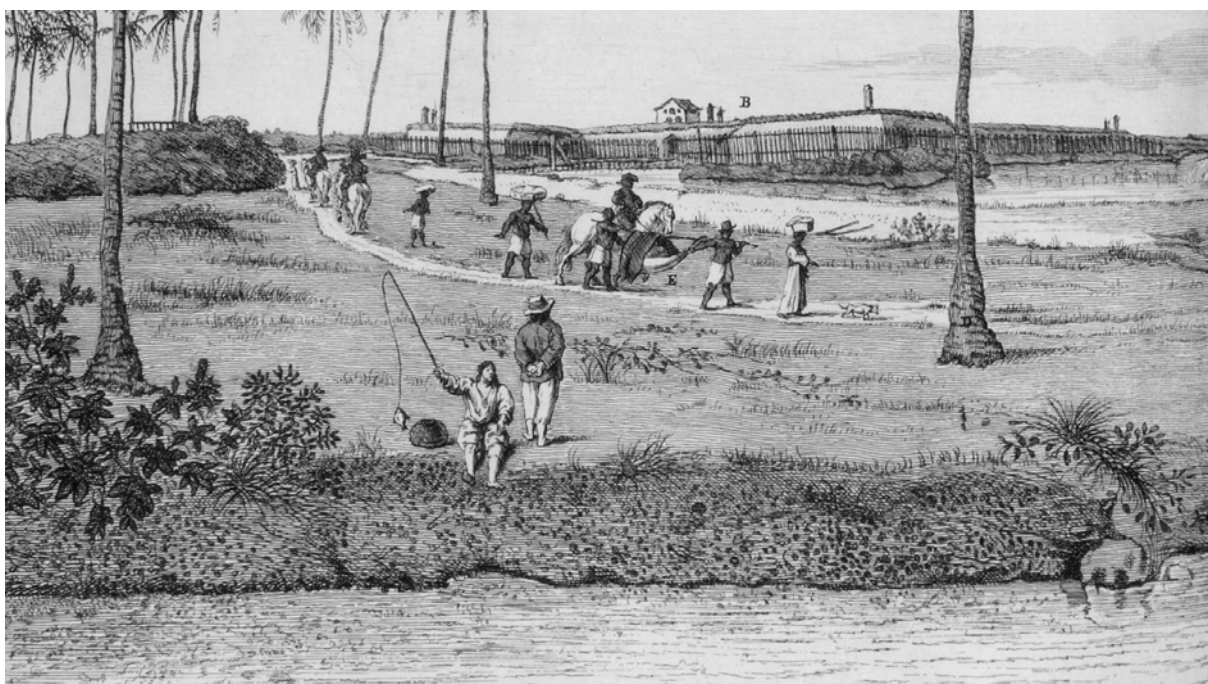


Imagem 4 – Detalhe da gravura de Frans Post *Arx Principis Guilielmi*.



Mas nem sempre os militares labutavam para obter comida. Caminhos mais fáceis foram por vezes seguidos, a exemplo dos roubos e das intimidações perpetradas por militares contra os moradores. Em fevereiro de 1639, dois franceses foram presos nas cercanias de Paratibe pelo capitão de campo Joan da Rouge. Eles tinham invadido as casas de moradores para procurar

dinheiro e comida. Outros quatro franceses que compunham o grupo estavam foragidos. Eles atacaram e assassinaram um português em sua casa.⁵⁰³ Violências como essas, que não eram unicamente motivadas pela falta de alimentos, foram corriqueiras e se tornaram um problema tão sério para a administração da Companhia que, no segundo semestre de 1640, acabaram entrando na pauta de discussão da Assembléia Geral dos moradores das áreas sob controle da WIC. Duas das proposições majoritárias debatidas tinham relação com as vexações e as violências praticadas por bandoleiros e por militares da WIC no interior da conquista.⁵⁰⁴ No intuito de impedir os abusos de seus soldados, a Companhia deu ordens para que um panfleto fosse divulgado com a resolução de que os militares estavam proibidos de pedir comida nas casas dos moradores, “uma vez que a Companhia já pagava o soldo [diga-se *costgeld*] e distribuía ração”.⁵⁰⁵ Contudo, a solução não parece ter surtido muito efeito – até porque a Companhia não provia seus homens adequadamente – e a violência no interior continuou a atingir os moradores regularmente.⁵⁰⁶

Existiam ainda outras maneiras ilícitas de melhorar a condição alimentar. O Alto e Secreto Conselho menciona, em maio de 1637, a possibilidade dos soldados cometerem alguma fraude no recebimento de *costgeld* e *leeninge*. Viajando sem passaporte, eles poderiam obter dinheiro e comida da Companhia em lugares distintos. Para solucionar o problema, pediu-se aos oficiais que não deixassem seus homens saírem das guarnições sem o papel e sem a menção de que haviam recebido o *costgeld*. Desordens posteriores verificadas no recebimento da ração de pão levaram a Companhia a ordenar que os comissários distribuíssem o alimento em dias fixos, além de pedir que os capitães prestassem conta do quanto haviam recebido dos armazéns.⁵⁰⁷

Os homens podiam ainda contrair empréstimos ou comida com comerciantes, como fez Stephan Carl Behaim, embora os preços praticados não fossem convidativos para os militares

⁵⁰³ O capitão de campo recebeu 50 florins por cada soldado capturado e alguns soldados para auxiliá-lo a procurar o resto do bando. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-02-1639: “*De Capiteijn de Campos Joan da Rouge ontrent Paritibi gevangen hebbende 2 france soldaten die door t' land liepen de huijsen der inwoonderen besouckende ende gelt ende eeten affpersende oock 4 andere haer geselschap een portugees in sijn huijs overvallende ende doot schietende. Soo is geordt hem te betaelen f 50 van ijeder tot recompense ende eenige soldaten geordt om andermael met hem uijt te gaen, om de resteerende te soucken*”.

⁵⁰⁴ De uma maneira geral, a segunda proposição era referente à concessão do porte de armas de fogo aos moradores, de forma que pudessem se defender de bandidos. Já a terceira proposição era relativa a uma medida para conter a atividade de bandidos, muitos dos quais soldados indisciplinados que atacavam os moradores “sob o pretexto de pedir comida”. ‘Documento 6 – Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho (Reunião realizada entre dos dias 27 de agosto a 4 de setembro de 1640). Assinado por J. van Walbeeck, 04/09/1640’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 312-314, 323, 328-329.

⁵⁰⁵ ‘Documento 6 – Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 357-358, 370-371; São conhecidas ainda as admoestações feitas durante a Assembléia de 1640 aos oficiais do exército da Companhia, no sentido de que eles impedissem seus homens de abater bois e vacas dos currais dos engenhos da Paraíba e de Itamaracá, de forma a impedir a ruína dos engenhos dependentes de tração animal para seu funcionamento.

⁵⁰⁶ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, p. 12; Ver também o capítulo seis.

⁵⁰⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 09-05-1637, DN 18-05-1637.

ordinários. Normalmente o valor seria sacado da conta do militar.⁵⁰⁸ Situações ocasionais também davam oportunidade aos militares de consumir carne e outros alimentos frescos. Em janeiro de 1634, Johan Gijsselingh, delegado enviado pela WIC ao Brasil, acompanhou as tropas que fizeram uma investida ao Sul de Pernambuco, nas imediações de Porto Calvo. Ele testemunhou que os homens apanharam tanto gado que deixaram de lado a ração ordinária, exceto pão, distribuído duplamente, para comer apenas carne fresca obtida por ocasião do ataque ao interior.⁵⁰⁹ Em agosto de 1645, durante uma marcha de retirada após um confronto no interior de Pernambuco, o soldado Peter Hansen e outros militares – todos esfomeados – forçaram moradores de São Lourenço a entregar farinha de mandioca. O grupo matou ainda um boi selvagem para comê-lo, mas acabou deixando a carne no caminho após sofrer uma escaramuça de “portugueses”. Ainda tentando alcançar o Recife, os militares, após chegarem a um engenho na região de São Lourenço, mataram bois de carga com a intenção de consumi-los e roubaram açúcar e tabaco.⁵¹⁰

Além das iniciativas individuais para aprovisionamento, observa-se, como referido anteriormente, que a administração da Companhia no Brasil procurou amenizar as dificuldades geradas pela insuficiência das rações e minimizar sua dependência das remessas externas através de medidas de racionamento – as reduções dos alimentos distribuídos – e de apropriações “legais” ou de “contribuições” forçadas de alimentos de moradores residentes em áreas recém-incorporadas ao controle da WIC. No entanto, essas eram medidas emergenciais e paliativas.⁵¹¹ Aos soldados restava procurar diariamente alternativas alimentares e driblar as limitações impostas pelas regulares diminuições das rações efetuadas pela administração da Companhia. É provável que muitos deles não tivessem sobrevivido, caso fossem contar apenas com as remessas oriundas da República das Províncias Unidas.

3.2 A paga

Em 25 de agosto de 1644, Hendrick Schaeff, notário na cidade de Amsterdã que dava expedientes na Casa da Companhia das Índias Ocidentais – para quem trabalhava como escriturário – escreveu uma declaração na qual ele alegava que Hendrick van Hoorn, oriundo de Nijkerk, Guêldria, Províncias Unidas, havia comprado ao sargento irlandês Echmond Schij uma

⁵⁰⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-05-1637.

⁵⁰⁹ ‘Relatório dos Senhores Delegados no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gyselingh, dirigido aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais, 05-01-1634’. In *Documentos Holandeses*, p. 139.

⁵¹⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 71-72, 82.

⁵¹¹ Reajustes observados nas cartas-ração já mencionadas; Papavero, Claude Guy. ‘Alegrias e desventuras do paladar: a alimentação no Brasil holandês’. In *Revista de Nutrição*. Campinas: volume 23, número 1, 2010, pp. 139-140.

conta-salário que pertenceu ao ansepeçada Thomas Rochfort, do Limburgo. Van Hoorn, então um ex-soldado da WIC residente em Weesp, partiu para o Brasil a bordo do navio *De Princes Emelia* (*Princes Amelia*, *Amelijsa*, *Emilia*) em data desconhecida, possivelmente no começo de 1641, ou antes. Foi do Brasil que ele viajou para a cidade de Luanda, em Angola, conquistada pela expedição que zarpou do Recife em 30 de maio de 1641. Em Luanda, Van Hoorn conheceu o sargento Schij e adquiriu a conta-salário de Rochfort. Tanto Schij quanto Rochfort trabalhavam juntos na companhia do capitão – depois major – Gerrit Tack, contratado pela câmara do Maas e enviado do Brasil junto com seus homens para Angola em maio de 1641.⁵¹²

Após voltar às Províncias Unidas no navio *Walcheren* em meados de 1644, Van Hoorn seguiu para a Casa da WIC com o intuito de sacar o dinheiro da conta-salário de Rochfort, que antes de falecer – no começo de 1642 – deixou o saldo da sua conta na WIC em testamento para o sargento Schij, que por sua vez a repassou ao soldado Van Hoorn.⁵¹³ Junto com Van Hoorn em Amsterdã estavam outros dois ex-soldados da WIC, o dinamarquês de Tønder, Gotbrugh Juriaans, e o alemão de Freiburg, Harmen Gerritsz.. Ambos foram testemunhas da negociação de Van Hoorn com o sargento Schij em Luanda. Eles alegaram “conhecer bem” o irlandês Schij e que o ex-soldado Van Hoorn adquiriu a conta-salário de Thomas Rochfort na posse dele. Para maior validade da transação, Van Hoorn levou à Casa da WIC uma declaração do escrivão da companhia do capitão Meppelen [sic] – talvez Wouter Barentsen van Meppel –, que foi apresentada a Hendrick Schaeff.⁵¹⁴ O intuito de Van Hoorn era provar que ele tinha direito sobre a conta de Rochfort. Aparentemente, a WIC não ficou convencida – ou não quis se convencer – de sua história e não pagou ao ex-soldado o que devia a Rochfort, já que em 19 de setembro de 1644, Van Hoorn pediu ao notário Schaeff outra declaração de compra da conta de Rochfort. Van Hoorn valeu-se novamente do depoimento do alemão Harmen Gerritsz. e do testemunho de outro ex-soldado da WIC, Hans Resenvelt, oriundo de Utrecht, que voltou com ele no navio *Walcheren*. Ambos alegaram “conhecer bem” Thomas Rochfort, algo que não fizeram na

⁵¹² SAA, NA, 1289/132v, 25-08-1644; SAA, NA, 1289/157, 16-09-1644; SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645; Sobre a expedição de 1641 ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30-05-1641; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 56, doc. 158, 30-05-1641; Após Luanda, a tropa da WIC ocupou Benguela e tomou as ilhas de São Tomé e Ano Bom. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil*, pp. 151-152; Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. Zutphen: Walburg Pers, 2000, pp. 193-195, 203; Nas três declarações o nome do ex-soldado Van Hoorn é grafado de maneira distinta: Henrick, Hindrik e Hendrik; Sobre Hendrick Schaeff ver: Jacobs, Jaap. *The Colony of New Netherland. A Dutch Settlement in Seventeenth-Century America*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2009, p. 37.

⁵¹³ A data de retorno de Hendrick van Hoorn às Províncias Unidas não foi estimada apenas na declaração de agosto de 1644, mas também a partir do rastreamento do navio que o levou de volta para casa. O *Walcheren* ainda estava na Paraíba em fins de maio de 1644. De lá, a embarcação partiu transportando uma carta escrita pelo magistrado Paul Anthoni Daems destinada aos diretores da câmara da Zelândia. A missiva foi lida no dia 27 de julho de 1644, data aproximada da chegada do navio que levou Van Hoorn para casa. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 117, 20-05-1644.

⁵¹⁴ SAA, NA, 1289/132v, 25-08-1644; Sobre o capitão Van Meppel ver: Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650*, pp. 191, 205.

declaração anterior. Houve ainda outra diferença em relação ao testemunho anterior, uma vez que Harmen Gerritsz. alegou ter voltado para casa no mesmo navio que trouxe Van Hoorn, o *Walcheren* e não no *Groot Christoffel*, como ele alegou na declaração de agosto.⁵¹⁵

Não se sabe o que resultou do pedido de Van Hoorn, mas ele retornou à Casa da Companhia das Índias Ocidentais de Amsterdã em março de 1645. Dessa vez ele não foi pedir uma nova declaração a Hendrick Schaeff – o que talvez indique que ele tenha resolvido sua pendência com a Companhia –, mas servir de testemunha a Trijntje Caspardr., viúva do soldado inglês Robbert Jansz.. Van Hoorn e sua esposa Grietje Eldersdr., que também esteve com ele no Brasil, declararam “conhecer bem” Robbert Jansz., que morreu afogado durante uma pescaria no Recife em fins de 1643. Trijntje Caspardr. devia estar pleiteando na WIC os salários pendentes do marido, em procedimento semelhante ao que Van Hoorn fez no ano anterior. A viúva conhecia o casal de Weesp, onde todos eles residiam.⁵¹⁶

Talvez Van Hoorn e sua esposa nunca tenham conhecido o soldado inglês Robbert Jansz. no Brasil e tenham apenas atendido – quiçá recebendo alguma compensação – ao pedido de sua viúva que precisava provar seu vínculo com o marido falecido, de forma a ter direito sobre os salários vencidos. O mesmo pode ser dito das testemunhas de Van Hoorn, que poderiam tê-lo conhecido apenas na viagem de retorno e o ajudado a confirmar a transação que lhe deu a prerrogativa de reclamar os salários de Thomas Rochfort. Independentemente se foram verdadeiros ou não, esses testemunhos servem para mostrar as negociatas estabelecidas entre os militares no seu dia-a-dia e também para elucidar como funcionava, em parte, o sistema de pagamento da Companhia das Índias Ocidentais.

As tentativas de Hendrick van Hoorn e de Trijntje Caspardr. de obter no escritório da WIC em Amsterdã os soldos pendentes dos militares falecidos Thomas Rochfort e Robbert Jansz. foram possíveis porque os militares contratados pela Companhia não recebiam a totalidade de seus ordenados no Brasil, mas quando voltavam para as Províncias Unidas, com o término do contrato. Cada recrutado que assinava com a Companhia abria uma conta-salário na qual eram registradas as entradas e saídas de crédito. Os soldados recebiam mensalmente como salário um crédito de oito florins ao qual posteriormente foram acrescentados cinco florins mensais como ajuda de custo. Esses cinco florins de crédito podiam ser usados mensalmente na localidade onde

⁵¹⁵ SAA, NA, 1289/157, 16-09-1644.

⁵¹⁶ SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645. A data de falecimento do inglês Robbert Jansz. foi utilizada para determinar mais ou menos quando Van Hoorn saiu de Angola para o Brasil. O retorno dele ao Brasil também serve de referência para a data da compra da conta-salário de Rochfort, falecido no começo de 1642. Portanto, Van Hoorn deve ter adquirido a conta entre a morte de Rochfort e sua volta ao Brasil. Ele também deve ter chegado a Angola antes da morte de Rochfort, já que ele alegou tê-lo conhecido.

os militares serviam e seriam descontados da conta-salário do recrutado, caso fossem utilizados.⁵¹⁷ Quando os militares retornavam para a Europa, eles podiam sacar o saldo da conta, após o desconto de alimentos, empréstimos, produtos e serviços obtidos durante o período em que trabalharam para a WIC.⁵¹⁸

O recebimento do pagamento no retorno aos Países Baixos foi também relatado pelos militares em suas narrativas de viagem e igualmente evidenciado pelos saques de dinheiro – ou tentativas de desconto –, venda e compra das contas-salário firmadas com a WIC.

Após o retorno às Províncias Unidas, três ex-militares da Companhia recrutados em Amsterdã registraram em seus diários, em momentos distintos, suas idas à Casa da WIC daquela cidade para receber os salários devidos. Em novembro de 1625, o alemão Johann Gregor Aldenburgk, integrante da tropa que saiu derrotada de Salvador, dirigiu-se ao escritório da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã esperando embolsar seus vencimentos. Ele não pôde recebê-los porque era necessário aguardar o julgamento dos oficiais da Companhia, acusados de traição pela entrega da Praça de Salvador. Como Aldenburgk não quis esperar, seguiu viagem e o único dinheiro recebido foi uma espécie de coroa neerlandesa – granjeada em Haia para viajar a Amsterdã – e um mês de salário na Casa da WIC.⁵¹⁹ Sete anos depois, Ambrosius Richshoffer chegou a Amsterdã, após terminar o tempo de serviço no Brasil. Na cidade, ele aguardou 14 dias para receber da Companhia todos os soldos devidos pelos anos de serviço – de abril de 1629 a novembro de 1632.⁵²⁰ Já o ex-militar Peter Hansen enfrentou uma longa peregrinação na tentativa de reaver os ganhos amealhados entre os anos 1644 e 1654. Como desembarcou na Zelândia, ele passou no escritório da WIC de Middelburgo, em fins de julho de 1654, onde recebeu um mês de salário para poder ir a Haia reclamar seu pagamento – Hansen foi informado que os vencimentos dos militares do Brasil estavam sendo pagos na “Corte da Holanda” (*Hoff von Hollandt*). Lá, no começo de agosto, Peter Hansen recebeu mais dois meses de soldo para seguir para o escritório da Companhia em Amsterdã, onde ele não conseguiu receber os salários pendentes. Depois de mais uma tentativa em Haia, Hansen retornou a Amsterdã e de lá seguiu para a Dinamarca.⁵²¹

⁵¹⁷ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*; Sobre a incorporação da ajuda de custo ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 308-309.

⁵¹⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, Cód. 8, f. 88-89, 31-10-1631; Supõe-se que os militares que saíam da Companhia, mas permaneciam no Brasil, pudessem receber os vencimentos acumulados na conquista.

⁵¹⁹ Ele também obteve um certificado de isenção na “sublevação” ocorrida em Salvador. Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625* [Grüner, 1627]. *Brasiliensia Documenta*, v. 1. Traduzido por Alfredo de Carvalho. São Paulo: 1961, pp. 228-230; Ver também o *fac-simile* do texto original: Aldenburgk, Johann Gregor. ‘Reise nach Brasilien 1623-1626’. In Naber, S. P. I’ Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Krieglern im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, pp. 91-92.

⁵²⁰ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 135.

⁵²¹ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 119-121.

Em março de 1656, mais de um ano depois de voltar para Hajstrup sem os soldos vencidos pelo trabalho no Brasil, Peter Hansen retornou às Províncias Unidas no intuito de reaver seu salário e de sacar o saldo de uma “velha” conta-salário adquirida no Brasil a um soldado inglês chamado Antoni Marron, pelo qual ele pagou 20 *Reichstalers*. Peter Hansen, que recebeu 1 *Reichstaler* adiantado na transação, mencionou que a conta-salário do inglês tinha 170 florins e 11 *stuivers* de crédito.⁵²² O saldo da conta do inglês foi registrado nas “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil” e quase conferia com o valor citado por Peter Hansen em seu diário. No livro de contas foi anotado que o soldado inglês tinha 179 florins, 9 *stuivers* e 8 *penningen* a receber da Companhia das Índias Ocidentais.⁵²³ Para Peter Hansen, adquirir a conta-salário parecia ser um bom negócio, considerando-se o amplo lucro esperado com relativo baixo investimento. Para o inglês, receber uma razoável soma em dinheiro no Brasil sem precisar aguardar o término de seu contrato devia ser de alguma maneira útil, haja vista que os militares não recebiam grandes somas em dinheiro no local de serviço. Por fim, o negócio não terminou bem para Peter Hansen. Além de não ter sido bem sucedido em recuperar o dinheiro que a WIC lhe devia, não obteve o saldo da conta do inglês, que talvez o tenha sacado em 1654 ou revendido a outra pessoa que foi bem sucedida em retirar a quantia na Casa da Companhia antes de Peter Hansen.⁵²⁴ Dessa maneira, ou o militar lhe enganou e conseguiu uma boa quantia de dinheiro à sua custa ou a Companhia não estava disposta a pagar-lhe. Possivelmente a última alternativa foi a mais condizente com os acontecimentos após a rendição de 1654, pois a WIC, financeiramente arruinada, não pagou os militares retornados do Recife após a rendição de 1654.⁵²⁵

Obter dinheiro antes do fim do contrato parece ter sido um motivo comum para a venda de contas-salário. No mês de maio de 1645, o ex-sargento da WIC no Brasil Henrick Renser emprestou dinheiro a diversos soldados e oficiais em troca de reembolso a ser obtido dos créditos de suas contas.⁵²⁶ O leito de morte podia ser o momento de ajuste de pendências. Por

⁵²² Ibidem, pp. 125-126.

⁵²³ Antoni Maron [sic] acumulou um saldo de 707 florins, 3 *stuivers* e 8 *pennigen* durante sua longa estada no Brasil. Foram descontados de sua conta 527 florins e 14 *stuivers*. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655, fol. 45. (*Minuten der opgemaecte rekeningen van t Staeten volck dat voor de West Indische Comp. in Brasilla gedient heeft, nagesien door Gillis van Schendel en Johan van der Dussen. Hier van s'netto gemaecten an haer Ho. Mo. Overgelevert April 1655*); Não se sabe quanto a Companhia ficou devendo a Peter Hansen, pois seu nome não está registrado nas minutas.

⁵²⁴ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 125-126.

⁵²⁵ Os militares que sofreram um calote eram em sua maioria homens que estiveram no Brasil nos últimos anos de ocupação e retornaram às Províncias Unidas em 1654, após a rendição. No arquivo dos Estados Gerais é possível encontrar diversos pedidos de pagamento de soldos atrasados feitos por soldados, oficiais, viúvas de militares falecidos e fornecedores de mercadorias. Ver: NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 3, 25-05-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 9, 28-03-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, docs. 11-21; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 21, 04-05-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, docs. 22-23.

⁵²⁶ SAA, NA, 1292/27, 27-11-1645. As testemunhas de Renser foram o ex-soldado alemão Henricj Fregers e o homem-livre Hendrick van Gotha. Todos os que concederam suas contas-salários não puderam ficar nas Províncias Unidas e tiveram que voltar ao Brasil por conta da rebelião de 1645.

causa de uma dívida, o alferes Hans Coenraets Schieder concedeu ao alferes Hendrick Jansz. pouco antes de falecer, em 1642, 600 florins de saldo de sua conta-salário e 100 florins adicionais para os arranjos de seu próprio enterro. Como Hendrick Jansz. morreu e não pôde retirar a quantia na WIC, sua viúva, Pietergen Dirckdochter obteve o testemunho de dois sargentos da Companhia e do oficial Nicolaes Bijma para reivindicar a soma no escritório da WIC em Amsterdã.⁵²⁷ Já Pieter Pietersz., que partiu como marinheiro para o Brasil no iate *Sloterdijk*, faleceu em um acidente durante os preparativos de retorno às Províncias Unidas. Ele havia penhorado sua conta-salário por 100 florins a um soldado que foi “repatriado” no navio *Groningen*. A história veio à tona porque a mãe da viúva de Pieter Pietersz., Anna Jansdr., foi procurar reaver o salário que a Companhia devia ao seu finado genro. Ela soube da penhora porque o soldado detentor da conta-salário do marinheiro a ofereceu ao cozinheiro do navio *Amsterdam*, Dirck Adriaensz.. Como Adriaensz. recusou a oferta, o soldado tentou vender a conta por metade do valor, provavelmente com medo de perder dinheiro. É plausível que ele tenha obtido a conta de Pieter Pietersz. por um valor abaixo de 100 florins, do contrário não teria pedido metade do valor na primeira recusa.⁵²⁸

Muitas vezes as declarações – ou autorizações – dessas negociatas não especificavam os motivos da entrega ou venda da conta-salário e o preço pago pela compra do crédito, como no caso de Hendrick van Hoorn e Echmondtschij. Situação semelhante foi verificada quando o soldado Robbert Hustlip, contratado para servir no Brasil no escritório da WIC em Middelburgo, deixou uma autorização para o escocês Willem Colwins sacar na Casa da WIC em Middelburgo todos os salários que a WIC lhe devia por seu tempo de trabalho.⁵²⁹ A declaração registrada em Roterdã não informa se o repasse se deu por venda da conta-salário ou por que motivo Hustlip cedeu todos os seus salários a vencer. Em Roterdã, em outubro de 1633, um dos soldados que retornou à Europa após os primeiros anos de ocupação, Samuel Engeren – então ocupando o posto de marinheiro –, foi autorizado pelo soldado Tomas Sacxsen a coletar na WIC dinheiro fruto da pilhagem feita durante a conquista de Olinda, em 1630. Não se sabe qual foi o arranjo feito pelos dois. Na declaração mencionou-se apenas que Engeren ajudou a invadir Olinda. Além de receber uma permissão para sacar dinheiro da conta de Sacxsen, Samuel Engeren deixou uma autorização para o condestável Huybrecht Block, consentindo que ele coletasse 70 florins de sua

⁵²⁷ SAA, NA, 1289/165, 30-09-1644.

⁵²⁸ SAA, NA, 1293/31, 23-03-1646.

⁵²⁹ Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA), inv. nr. 381, 49/62, 19-06-1641: “Robbert Hustlip, gewezen soldaet, uitgevaren in dienst van de camer van Zeelant naar Brasil, met de fleuit genaamd De Wassende Maen, en thuisgekomen met het schip Den Witten Eenhoorn, machtigt Willem Colwins, Schotsman, om van de bewindbeheersers van de Westindische Compagnie te Middelburch in Zeelant alle gage te innen die hij vanwege zijn gedane dienst heeft verdiend”.

conta na Companhia. Mais uma vez, a razão para a transação não foi especificada⁵³⁰ Também por motivos desconhecidos o ex-militar Gijsbert Corneliss, oriundo de Weesp, deu a Jan Reyerss, em 1653, procuração para requerer da WIC seus salários ganhos. Corneliss teve uma longa história com a Companhia, a quem passou a servir como soldado em 1636, indo ao Brasil. Ainda pela WIC ele seguiu para Curaçao e aos Novos Países Baixos – colônia neerlandesa na América do Norte –, onde se tornou homem-livre. No ano em que deu a procuração a Reyerss, ele partiu mais uma vez para os Novos Países Baixos.⁵³¹

Os militares podiam ainda autorizar ou deixar procurações para familiares sacarem dinheiro de suas contas-salário.⁵³² Assim agiu Jacob Bogee, escocês de Edinburgo, que navegou na qualidade de cabo do exército para Angola e de lá, promovido a sargento, seguiu para o Brasil. Antes de viajar para as Índias Orientais, em 1656, ele deixou uma procuração com sua esposa Elisabeth Treyt – com quem ele se casou em Tobago, nas Índias Ocidentais – autorizando-a a requerer e receber da WIC os salários vencidos em Angola.⁵³³ Outro militar, Parsse Aartz, oriundo de Gouda, antes de retornar ao Brasil – para onde ele partiu como soldado em 1640 – deixou uma declaração na qual autorizava sua mãe, Woutertje Leenderts, a sacar e receber da WIC em Amsterdã todos os seus salários atrasados.⁵³⁴

Para todos os que sobreviviam ao tempo de serviço, o retorno às Províncias Unidas era o momento de ajuste de contas com a Companhia. No Brasil ou em qualquer outra área sob controle da WIC, o recrutado tinha sua conta-salário gerenciada por um comissário ou assistente administrativo que assinalava as entradas e saídas de sua conta. Portanto, o que ele recebia ao fim do contrato dependia do seu consumo diário e da correta manutenção de sua conta-salário, além das autorizações de saque concedidas a terceiros. Antes de entregar qualquer produto aos militares, os funcionários administrativos da WIC eram instruídos a verificar quanto tempo os recrutados estavam na conquista, o quanto eles tinham direito a receber mensalmente e o quanto de saldo eles possuíam em suas contas, de forma que se soubesse do quanto eles poderiam

⁵³⁰ GAR, ONA, inv. nr. 194, 53/83, 26-10-1633: “*Samuel Engeren als soldaat gediend hebbende bij de West Indische Compagnie onder major Laurens van Rembach leggende op de Schans Frederick Hendrick in Parnambuco en thans matroos bij capt. Jan Teunis Sluis, machtigt Huybrecht Block constapel bij capt. Bartholomeus Reyniersz den Jongenboer 70 gulden te innen bij de West Indische Compagnie. Tevens is hij gemachtigd tot het innen van het buitgeld van Tomas Sacxsen als soldaat gediend hebbende bij voorn. Compagnie, omdat hij geholpen heeft bij het veroveren van de stad Olinda*”.

⁵³¹ SAA, NA, 1303/124, 10-05-1653.

⁵³² Ver também os exemplos citados no capítulo dois.

⁵³³ SAA, NA, 1306/214, 15-11-1656; Possivelmente Bogee parou em Tobago no caminho para os Países Baixos, após a capitulação da Companhia no Brasil. Pela data da autorização deixada com Elisabeth Treyt, pode-se confirmar a informação de que a WIC ainda estava devendo os salários de seus ex-militares. Talvez isso explique a decisão de Bogee em viajar como funcionário da VOC, após anos de serviço na WIC.

⁵³⁴ SAA, NA, 1293/107, 05-07-1646; No Brasil, Aartz serviu como soldado no forte *Maurits* até setembro de 1645, quando ele foi feito prisioneiro e remetido à Bahia, após a capitulação da fortificação. De lá ele foi remetido para Lisboa, de onde seguiu para Amsterdã.

dispor.⁵³⁵ Semelhantemente às quantidades de alimentos distribuídas – especificadas nas cartas-ração –, salário e ajuda de custo mensal eram diferenciados de acordo com a posição na hierarquia do exército da WIC. Soldados, cadetes, anspeçadas (*lanspesaet*) e cabos tinham ajuda de custo mensal de cinco florins. Os sargentos recebiam o dobro. A partir da patente de alferes – primeiro oficial comissionado no exército da Companhia –, os valores passavam a ser muito mais elevados. Entre os militares de menor posto, os salários não eram análogos como em relação às ajudas de custo. Os soldados venciam 8 florins, cadetes 10, anspeçadas 11, cabos 12 e sargentos 20.⁵³⁶ Era primordial ainda que a Casa da Companhia que recrutou o militar recebesse o livro de conta do local onde ele havia servido para verificar o quanto ele devia e qual era o seu saldo total.⁵³⁷ A consulta do livro era necessária e feita antes de se efetuar o pagamento final. Caso o livro fosse perdido por acidente, o militar ficava desamparado ou precisaria aguardar uma cópia, embora alguns deles voltassem para a Europa com uma transcrição da conta.⁵³⁸

Dois casos envolvendo militares demonstram o procedimento. Em 1646, o francês de Metz, Dominique Verion, que partiu para o Brasil como soldado em 1640, deixou uma procuração com Margriet Clement, esposa de um homem-livre residente no Brasil, Lourens Martin, para que ela reclamasse e recebesse da Companhia os salários ganhos por Verion tão logo o livro de contas contendo suas informações pessoais chegasse de Angola, onde ele serviu. Ela

⁵³⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-09-1640; Moreau, Pierre. 'História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses'. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, p. 24. Os comissários e assistentes eram ordenados a averiguar se os militares tinham saldo suficiente para receber mercadorias no Brasil e a não distribuir nada para devedores. *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geotroyeerde West-Indische Compagnie in Brasy, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640, artigo XCVII.

⁵³⁶ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil.*

⁵³⁷ Militares que mudavam de local de serviço no decorrer do contrato tinham suas contas transferidas. Tal procedimento foi observado quando homens que serviam na guarnição do Recife foram enviados para São Jorge da Mina, ou Elmina, no golfo da Guiné, costa ocidental da África. Seus créditos e débitos no Recife foram registrados e enviados para lá, de forma que a Companhia não precisasse reunir os dados dos dois locais de serviço na hora de encerramento do contrato. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-11-1637. Era possível que o procedimento nem sempre funcionasse de maneira organizada. Quando Peter Hansen mudou de função na WIC e passou a ser escrevente da guarnição do Rio Grande, em novembro de 1647, demorou quatro anos para que a Companhia registrasse a mudança no livro de pessoal. E isso só aconteceu porque Hansen aproveitou uma viagem ao Recife para pedir a alteração de posição ao Alto Governo. Vale salientar que ele não passou todo esse período exercendo a função de escrevente. Ele serviu esporadicamente no serviço de guerra. Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup', pp. 79-80, 97; Os militares contratados também tinham a administração de suas contas vinculadas às câmaras de recrutamento. Por isso, os comissários e assistentes administrativos eram distinguidos de acordo com a câmara de origem. Eles cuidavam das contas dos homens enviados por suas câmaras. Isso explica a distinção entre esses funcionários, a exemplo de Christoffel Huijberts e Gregorius Jacobs., comissários da conta do povo da Câmara da Zelândia ("Christoffel Huijberts ende Gregorius Jacobs. Commiser houder de reecke vant volck van de Camer van Zeeland") e Willem Kestel, assistente administrativo dos livros das guarnições da Câmara do Distrito do Norte ("Willem Kestel Commijs van garnisoenboecken vant Noorderq."). NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-11-1637, DN 07-01-1640. A diferenciação fica mais evidente nas já mencionadas "Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil", que estão organizadas de acordo com a câmara de origem.

⁵³⁸ Às vezes, as cópias eram conseguidas à força, como fizeram muitos ingleses, ao obrigar comissários a escrever bilhetes que atestassem o tempo de serviço e salários antes de deixar o Brasil. A atuação dos militares dessa origem foi mencionada por Pierre Moreau, que ainda escreveu que muitos deles tomavam a primeira embarcação neerlandesa estacionada no porto onde desembarcassem, caso a WIC se negasse a pagá-los. Moreau, Pierre. 'História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses'. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 23-24.

deveria aguardar as contas do local de serviço de Verion porque ele perdeu sua cópia no naufrágio do navio *Zeelandia*.⁵³⁹ O alemão de Hamburgo, Laurens Ackerman, não teve a mesma sorte do francês Verion. Ele chegou a Amsterdã em novembro de 1647, após sobreviver ao naufrágio da embarcação *Prinses (Prinses Amelia)*, que afundou na costa de Gales. Ackerman passou procuração a Willem Watson para reaver o seu salário acumulado, mas visto que a embarcação *Prinses* perdeu o livro de contas, onde seus anos de serviço haviam sido registrados, a Companhia não queria pagá-lo, alegando que não sabia nada sobre sua conduta e do quanto ele tinha a receber. Isso foi o que provavelmente motivou Ackerman a continuar na vida militar. No mesmo ano, já com patente de sargento, entrou a serviço da VOC.⁵⁴⁰ Se os militares tivessem falecido a serviço da WIC, os interessados nos salários acumulados podiam reaver os ganhos, caso tivessem algum testamento ou declaração do próprio contratado que os permitissem retirar o dinheiro vencido.⁵⁴¹

Uma vez que os registros estivessem disponíveis, os funcionários da WIC descontavam tudo o que foi utilizado pelos militares durante os anos de serviço. Um dos itens de maior peso no desconto do crédito concedido era a própria comida fornecida aos militares. Por isso, cada um dos componentes das cartas-ração possuía um preço. Geralmente, os artigos repassados pela Companhia aos soldados somavam 2 florins, que eram descontados semanalmente da conta de cada um deles, conforme pode ser observado na carta-ração estipulada no panfleto de recrutamento *Beneficien*, de 1647, em duas cartas-ração estabelecidas em 1651 e na carta-ração de janeiro de 1654.⁵⁴² No entanto, nem sempre era possível manter esse valor de desconto. Em momentos de ampla escassez de víveres nos armazéns da Companhia, a quantidade de comida distribuída diminuía e conseqüentemente os descontos na conta sofriam redução, a exemplo dos valores deduzidos das contas-salário dos soldados que serviram nos anos de 1641 e de 1642,

⁵³⁹ SAA, NA, 1293/43, 03-04-1646. As razões da entrega da conta não foram mencionadas; O navio *Zeelandia* naufragou junto à ilha de Wight, na costa Sul da Inglaterra em 29 de janeiro de 1646. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 41, 31-03-1646.

⁵⁴⁰ Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland'. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, p. 142. Ver também: SAA, NA, inv. nr. 1294, fol. 208, 06-12-1647; SAA, NA, inv. nr. 1294, fol. 188v, 07-11-1647; SAA, NA, inv. nr. 1341, fol. 75v, 06-12-1647; Ackerman esteve a serviço da WIC no Brasil – de onde retornou em 1642 – e em Curaçao. De lá ele partiu para os Novos Países Baixos, de onde seguiu de volta para a Europa. No caminho para os Países Baixos sofreu o naufrágio que possivelmente o impeliu a continuar a serviço das Companhias de Comércio neerlandesas. Dos 107 passageiros e tripulantes a bordo do navio *Prinses Amelia*, apenas 21 escaparam. Jacobs, Jaap. *The Colony of New Netherland*, p. 36.

⁵⁴¹ A WIC dedicou um capítulo inteiro de sua carta-artigo para tratar do testamento e pertences de falecidos. Ver o capítulo dez, artigos XCI a XCIX, da *Articul-Brief*; As já mencionadas tentativas das viúvas em reaver os salários dos maridos demonstram que nem sempre elas conseguiam obter da Companhia os vencimentos.

⁵⁴² *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*, NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 17-02-1651; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 24-02-1651; NL-HaNA_Archieff van het Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, 02-01-1654; Ver também uma listagem de 1631 – *marcktbrief* – inserida em uma carta enviada pelos Senhores XIX ao Conselho Político de Pernambuco que especifica o valor a ser cobrado pelos alimentos dos armazéns da Companhia: HaNA_OWIC 1.05.01.01, Cód. 8, f. 88-89, 31-10-1631.

quando foram distribuídos alimentos orçados, respectivamente, em 16 *stuivers* e 14 *stuivers*.⁵⁴³

O elevado preço dos alimentos distribuídos pela Companhia explica em parte os pedidos dos militares para o recebimento do *costgelt* em dinheiro, no lugar de víveres.⁵⁴⁴ Não é de se estranhar que as solicitações tenham sido feitas em 1637, ano em que a Companhia conseguiu empurrar o exército inimigo para o outro lado do rio São Francisco e, destarte, ampliar as possibilidades de obtenção de comida localmente. Recebendo em moeda, os militares passavam a poder comprar nas vizinhanças comida a preços menos elevados que os praticados pela Companhia, o que constituía um fator determinante para a diminuição dos valores descontados nas suas contas-salário.⁵⁴⁵ Além do elevado valor cobrado pelo alimento proveniente da Companhia, a rotineira falta de víveres nos armazéns era fator determinante para que ela autorizasse o pagamento das guarnições em dinheiro. Isso porque a incapacidade dos depósitos em suprir a tropa causava reações da soldadesca, que pressionava para poder receber moeda, a exemplo dos persistentes pedidos dos soldados da guarnição de Itamaracá, datados de maio de 1637.⁵⁴⁶ Sem comida para distribuir aos homens, a Companhia ficava sem argumentos para lhes negar a entrega de dinheiro.

A remuneração em dinheiro era feita de modo similar às distribuições de comida referidas anteriormente. Os comissários iam às guarnições fazer os pagamentos ou aguardavam a chegada de moeda nas guarnições para o repasse.⁵⁴⁷ A entrega do dinheiro também acontecia em

⁵⁴³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 04-01-1642.

⁵⁴⁴ Os pedidos foram feitos pela guarnição de Porto Calvo e em outras guarnições não especificadas. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-11-1637; Vale lembrar que somente em abril de 1637 a Companhia instituiu a ajuda de custo (*costgelt*) para os seus militares. A WIC também autorizou que seus militares obtivessem adiantamentos do crédito concedido, chamados de empréstimo (*leeninge*). Os motivos estão associados às muitas murmurações e queixas de soldados e oficiais a respeito da sóbria ração e da fome que sofriam. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, 29-04-1637: “*Alsoo nu allerwegen seer wert gemurmureert over het sobere rantsoen ende soo wel officieren als soldaten claechden niet alleen, daer niet meede toe te comen, maer oock selver honger te lijden [...]*”.

⁵⁴⁵ A compra de alimentos locais não significava que os militares deixassem de comer o que vinha da Europa, mas a substituição dos itens mais caros da alimentação por componentes locais. Mesmo com a concessão da ração em dinheiro, a Companhia podia impor que os militares recebessem determinados alimentos, como em abril de 1637, quando todos os homens foram obrigados a receber pão. Era alegado que os militares gastariam todo o dinheiro com jogos e bebidas, caso tomassem apenas dinheiro. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, 29-04-1637; É importante também recordar a declaração feita por Adriaen van der Dussen, em dezembro de 1639, no “Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil”, na qual ele afirma que os soldados economizavam dinheiro consumindo alimentos locais. “Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639”. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, p. 210.

⁵⁴⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 27-05-1637: “*Alsoo d' heer Gijsselin van Tamarica is weder gecomen ende ons te kennen gevende de sobere gestalte des magazijns. Oock dat de soldaten aldaer seer instancel. aenbielden om mede rantsoen gelt te hebben. Soo is Bastiaen Keller gelast sijn Commijs met gelt darvart te senden om ten verstaen van heer Wijntgis de betalinge aldaer te doen, naer dat hier is geschiedende*”.

⁵⁴⁷ O envio de dinheiro e as viagens de funcionários levando moedas foram registrados nas atas diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil. Alguns exemplos podem ser observados nas nótulas: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1637, DN 22-07-1637, DN 20-10-1637, DN 11-11-1637, DN 07-08-1638, DN 03-12-1638, DN 26-02-1639, DN 22-07-1639, DN 01-01-1640, DN 04-01-1640, DN 05-01-1640, DN 10-01-1640, DN 17-01-1640, DN 17-09-1640, DN 21-09-1640, DN 27-09-1640, DN 01-10-1640, DN 10-11-1640, DN 12-11-1640; NL-

períodos diferentes, o que se explica pela distância entre as guarnições.⁵⁴⁸ A substituição da ração por dinheiro nem sempre foi vantajosa para a Companhia, especialmente quando ela ficava com mercadorias encalhadas nos seus armazéns. Pelo menos foi assim que se manifestaram os membros dos Alto e Secreto Conselho em uma ata diária de setembro de 1640. Naquele momento, sob risco de ficar com o cofre vazio e com alimentos estragados nos armazéns, o governo decidiu fazer um cálculo para complementar o pagamento da ajuda de custo com produtos dos armazéns da Companhia.⁵⁴⁹ Manter o pagamento em moeda, tal qual alimentar os militares, mostrou-se uma árdua tarefa para o governo do Brasil. A Companhia teve muitas dificuldades para sustentar os estipêndios em numerário, o que a levou, nos momentos mais críticos, a instituir cartas de crédito e até mesmo emitir moedas no Brasil.⁵⁵⁰

Afora comida, outros itens geravam descontos nas contas-salário dos militares, a exemplos de peças de vestuário, pois a WIC cobrava de seus funcionários por cada item distribuído.⁵⁵¹ E esse desconto não era baixo, a julgar pelos preços praticados no Brasil, que conseguiam ser ainda mais elevados do que nas Províncias Unidas. Não é surpresa, portanto, que o saldo final da conta-salário do militar Ambrosius Richshoffer tenha sofrido uma redução acentuada a ponto de ele mencionar a dedução em seu diário.⁵⁵²

Um relato mais apurado a respeito da questão foi feito pelo alemão Stephan Carl Behaim. Embora Behaim já tivesse obtido roupas e lençóis nos momentos que antecederam o seu embarque para o Brasil, ele escreveu a seu fornecedor advertindo-o a enviar-lhe mais peças de roupas. Segundo Behaim, ele teve a “informação segura de gente conhecedora [de] que um conjunto de roupas que custa seis *Reichsthalers* em Amsterdã pode somente com dificuldade ser feito por dezesseis na Terra [Nova]”. O nuremberguês disse ainda que sapatos, chinelos, chapéus

HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 29-03-1641, DN 18-01-1641, DN 30/31-01-1641, DN 29-01-1641, DN 30-04-1641, DN 31-05-1641.

⁵⁴⁸ A ata diária do dia 3 de outubro de 1640 traz especificações sobre quais eram as guarnições que recebiam o pagamento do *costgelt* e qual o espaço de tempo para a efetivação do pagamento. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 03-10-1640.

⁵⁴⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-09-1640. A declaração parece ser algo momentâneo. Sabe-se que a Companhia obtinha algum lucro com a venda de alimentos à população civil e que possivelmente não tinha seus armazéns continuamente abarrotados a ponto de ter que se desfazer regularmente do estoque. É pertinente pensar que a qualidade dos produtos oferecidos fizesse com que os homens os evitassem.

⁵⁵⁰ Para a falta de moeda ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-09-1637, DN 08-10-1637, DN 22-04-1640, DN 29-09-1640; Sobre a emissão de cartas de crédito ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-08-1639; Herman Wätjen tratou do assunto com mais detalhes, inclusive a respeito das “moedas de necessidade” cunhadas pela Companhia nos anos de 1645 e 1646. Ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 324-327, 329-331, 333, 336-339.

⁵⁵¹ A exemplo do desconto de 2 florins a ser lançado na conta-salário dos soldados que recebessem chapéus dos armazéns da Companhia, em agosto de 1637. No mês de outubro do mesmo ano, a Companhia comprou linho, meias, sapatos, etc. para serem embarcados e distribuídos no exército em campanha no Sul de Pernambuco. A “distribuição” seria registrada nas contas-salário dos militares. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-08-1637, DN 21-10-1637. Ver também: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.21, doc. 2, 1643.

⁵⁵² Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 135.

e roupas de linho branco eram “tão caros na Terra [Nova] quanto em Amsterdã”.⁵⁵³ Aqueles que informaram Behaim pareciam conhecer bem a situação na conquista, pois o preço do vestuário adquirido pela Companhia a particulares no Brasil, com o propósito de revender aos recrutados, era elevado, ainda mais se forem levados em consideração os vencimentos mensais dos militares.⁵⁵⁴ No ano de 1637, uma peça básica como uma camisa tinha um valor que variava entre 6 *stuivers* – de qualidade inferior (grosseira, *grove*) – e 4 florins – de qualidade superior (fina, *fijn*).⁵⁵⁵ Nesse mesmo período, um par de calças de linho feita por um alfaiate no Brasil saía mais em conta e custava 5 *stuivers*.⁵⁵⁶ O item básico de valor mais elevado era o calçado. Em novembro de 1637, cobrava-se por um par de sapatos entre 38 *stuivers* e 2 florins, enquanto que um par de botas saía pela importância de 10 florins, valor proibitivo para quem recebia mensalmente um crédito total de 13 florins mensais.⁵⁵⁷ Outras peças como casacos, chapéus e meias também tinham preços nada convidativos para os militares. Em fevereiro de 1637, a Companhia pagou 1.708 florins e 10 *stuivers* por 963 casacos comprados ao preço de 50 *stuivers* por unidade.⁵⁵⁸ No mês de agosto, a Companhia adquiriu de um comerciante local 158 chapéus, cada um orçado em 2 florins.⁵⁵⁹ Em novembro de 1637, uma pequena quantidade de chapéus ingleses, avaliados nos valores de 4 florins e de 1 florim e 10 *stuivers* (versão sem veludo), foi comprada a dois mercadores locais.⁵⁶⁰ As meias de linho eram mais acessíveis, embora o valor ainda fosse elevado para os militares de baixa patente. Ainda no mês de novembro, foram obtidos localmente pares com preço entre 14 e 16 *stuivers*.⁵⁶¹

Os produtos enviados pelas câmaras que compunham a WIC nas Províncias Unidas também chegavam ao Brasil custando elevadas somas. De acordo com os membros do Conselho Político do Brasil, o valor das mercadorias enviadas para a conquista chegava mais ou menos ao dobro do preço pedido nos Países Baixos. Em abril de 1632, por exemplo, os integrantes do

⁵⁵³ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 06/01/1636 (carta número 59). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 264, 270.

⁵⁵⁴ O preço cobrado aos militares podia ser ainda mais alto do que o valor de compra de mercadorias pela Companhia.

⁵⁵⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 20-10-1637. Em outros momentos do ano, foi observado que os preços de camisas cobrados eram semelhantes ao indicado em outubro de 1637, valendo, portanto, a indicação de preço entre 7 *stuivers* e 4 florins. Ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-08-1637, DN 10-08-1637, DN 02-09-1637, DN 03-09-1637, DN 14-10-1637, DN 17-11-1637, DN 21-11-1637, DN 30-11-1637, DN 02-12-1637, DN 12-12-1637.

⁵⁵⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-10-1637, DN 08-12-1637, DN 30-12-1637.

⁵⁵⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-11-1637, DN 16-11-1637, DN 21-11-1637; Em agosto de 1630, cobravam-se os mesmos 38 *stuivers* por um par de sapatos. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, cód. 8, f. 95, 31-10-1631.

⁵⁵⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-02-1637.

⁵⁵⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-08-1637.

⁵⁶⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-11-1637.

⁵⁶¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-11-1637, DN 21-11-1637. Para os preços praticados no ano de 1638, ver duas listas de mercadorias transcritas por Herman Wätjen: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 484-485.

governo da WIC no Brasil queixaram-se de que se cobrava na conquista por volta de 42 *stuivers* por um par de calçados, quando estes valiam na Holanda entre 26 e 27 *stuivers*.⁵⁶² Preços como esses indicam que prover os militares com vestimenta era um bom negócio para a Companhia – e também para os comerciantes que a forneciam –, pois recebendo pouco dinheiro, eles acabavam obrigados a comprar nos armazéns da Companhia com o crédito concedido. O lucro podia ser ainda mais acentuado se a qualidade do produto fosse inferior.⁵⁶³

Embora não seja possível precisar o quanto a Companhia lucrou com a venda de vestuário para empregados civis e militares, uma discussão a respeito da possibilidade de fusão entre a WIC e a VOC, ocorrida na década de 40 do século XVII, acabou levando um acionista da Companhia, Jacques Specx, a tratar do assunto. Encarregado de advogar a favor da junção entre as duas Companhias das Índias, Specx elaborou estimativas de despesas e lucros da WIC com intuito de demonstrar sua rentabilidade e, portanto, dar argumentos positivos para a fusão.⁵⁶⁴ O lucro com as peças de roupa fornecidas aos militares era tão elevado que Specx o registrou entre os argumentos favoráveis. Segundo ele, esperava-se gastar anualmente 40 mil florins com vestuário para três mil soldados e funcionários do trem e se obter o retorno de 60 mil florins, a serem descontados da conta dos militares. Era 50% de lucro no investimento feito. Não por acaso, Specx anotou ao lado do registro de gasto que o negócio era “igualmente conveniente e lucrativo para a Companhia” (*is van gelijcken dienstigh en profitabel voorde Comp.*).⁵⁶⁵ Porém, o valor pode ter sido artificialmente aumentado por Specx, de forma a reforçar seus argumentos positivos a favor da reunião entre as duas Companhias, pois um balanço das contas anuais da WIC referente ao ano de 1643 assinalou um lucro de 10 mil florins proveniente do fornecimento

⁵⁶² Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. “*Pelo Lucro da Companhia*”: *Aspectos da Administração no Brasil Holandês, 1630-1639*. Recife: Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2004, pp. 89-90. O documento citado pelo autor – uma carta do Conselho Político do Brasil aos Senhores XIX – está localizado no arquivo da WIC, coleção “Cartas e Papéis do Brasil”: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 178, 09-04-1632.

⁵⁶³ Conforme o caso talvez ficcional citado no panfleto ‘O Machadão do Brasil’, no qual o membro do Alto e Secreto Conselho Hendrick Hamel fez distribuir aos soldados camisas fabricadas pelos seus próprios criados e confeccionadas com linho avariado. Segundo o autor do panfleto, as peças eram tão ordinárias que os militares não podiam vesti-las sem rompê-las. ‘O Machadão do Brasil’. In *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908, p. 161. Texto traduzido por Pedro Souto Maior e corrigido por Alfredo Carvalho. Para a versão original ver: *De Brasilsche Breede-Byl; ofte t’samen-spraak, tusschen Kees Jansz. Schott, komende uyt Brasil, em Jan Maet, Koopmans-knecht, hebbende voor desen ook in Brasil geweest, over Den verloop in Brasil*. In ‘t Jaer onses Heeren, 1647.

⁵⁶⁴ Heijer, Henk den. *De geschiedenis van de WIC*, pp. 97-102. Sobre o debate a respeito da fusão entre a WIC e VOC ver também: Goslinga, Cornelis Ch. *The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast, 1580-1680*. Assen: Van Gorcum & Comp. N.V., 1971, pp. 299-304; *Twee Deductien*, de 1644. *Twee Deductien, Aen-gaende de Vereeniging van d’ Oost ende West-Indische Compagnien aen de Ed. Groot Mog. Heeren Staten van Hollandt ende West-Frieslandt van de West-Indische Compagnie overgelevert*. ‘s Graven-Hage: Jan Veely, 1644.

⁵⁶⁵ “*Lasten, [...] De versorginge van cledinge voor 3000 soldaten en treijnspersoonen hier iaarlycx costende f 40000. [...] Incomen, [...] De soldate[n] cledinge met avance van 50 pcento aende Soldaten op reeckeninge verstreect, geeft f 60000*”. NL-HaNA 1.10.78, Inv. nr. 8, Collectie Specx, 1620-1674, fol. 116v-117.

de roupa para os soldados.⁵⁶⁶ Antes de Specx, Adriaen van der Dussen, em relatório sobre as capitanias datado de dezembro de 1639, já falava na possibilidade de estabelecer um rentável comércio com soldados e oficiais. As peças seriam descontadas da conta dos militares, de forma que os homens “quando do regresso à Pátria” levariam “as suas contas tão sobrecarregadas que pouco lhes restar[ia] para receber em dinheiro”.⁵⁶⁷

Dada a situação a que estavam submetidos, fica fácil constatar que era muito custoso para os militares se manterem bem vestidos. Também era difícil conservar a vestimenta em boa condição, uma vez que nem todos possuíam várias mudas de roupa para alternar o uso – como o militar Ambrosius Richshoffer –, nem partiam para o Brasil com peças além do que traziam no corpo – a exemplo de Stephan Carl Behaim.⁵⁶⁸ A própria vida militar normalmente fazia com que os recrutados precisassem repor suas roupas depois de uma intensa campanha militar ou mesmo após certo tempo exercendo atividades básicas de suas funções, haja vista que atravessar matagais, cavar trincheiras, dormir ao relento, marchar, montar guardas e realizar exercícios militares consumiam rapidamente as roupas.⁵⁶⁹ As peças de roupa adicionais levadas por Behaim, por exemplo, não foram suficientes para mantê-lo em boa ordem. Ele, que chegou ao Brasil em março de 1636, escreveu ao seu meio-irmão Lucas Friederich, em maio de 1637, para justificar o recebimento – sob empréstimo – de novas roupas para substituir as que ele levou das Províncias Unidas ao Brasil. Behaim lembrou a Friederich que na estação chuvosa era necessário marchar três, quatro ou mais dias na chuva, o que exigia muito da indumentária.⁵⁷⁰ Behaim, preocupado antes do embarque com o preço do vestuário no Brasil, acabou sendo encontrado por um amigo, em novembro de 1637, vestindo um casaco esfarrapado, sem meias e descalço.⁵⁷¹ Sua situação podia assemelhar-se à dos muitos “soldados nus” (*naecte soldaten*) mencionados várias vezes pelos membros do governo do Brasil nas atas diárias, “que quase não podiam esconder sua nudez”

⁵⁶⁶ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.21, doc. 2, 1643: “*Advance op de soldaten cledinghe, die de Comp. aende soldaten op rekeninge uitreijckt ter somme van f 40000, winnende 25 p cento f 10000*”.

⁵⁶⁷ Van der Dussen considerava importante também que a Companhia tivesse seus armazéns bem abastecidos com mercadorias, que seriam consumidas em parte pelos próprios funcionários. ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*, pp. 225-226.

⁵⁶⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 59; Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 264.

⁵⁶⁹ Parker menciona, em *The Army of Flanders*, que homens em serviço ativo precisavam de um conjunto novo de roupas a cada ano. Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 138; Parker, Geoffrey. *The Military Revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 71; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 120. A questão da durabilidade também foi evocada em uma ata do Alto e Secreto Conselho Político para explicar o envio de casacos para serem “distribuídos” entre os soldados da guarnição da Paraíba, uma vez que os casacos provenientes da “Pátria” estavam prestes a se arruinar. Supõe-se que o uso intensivo tivesse causado a deterioração. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 09-03-1637.

⁵⁷⁰ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 14/05/1637 (carta número 62). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 281.

⁵⁷¹ Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 283.

(“*dat naenl. haer schamelheijt conde bedecken*”).⁵⁷² Além dos comentários inseridos nas atas diárias de 1636 e 1637, soldados, oficiais e membros do governo mostraram-se queixosos a respeito da falta de vestuário e dos preços praticados em outros momentos.⁵⁷³ Aparentemente, esse problema os acompanhou ao longo dos anos.

Sem opções, os militares podiam receber indumentárias dos armazéns ou buscar outras soluções, como contrair empréstimos – tal qual fez Behaim –, tomar peças do vestuário dos inimigos vencidos ou roubar dos próprios companheiros. Essas eram algumas das alternativas para quem não tinha dinheiro suficiente para gastar com um item tão dispendioso. Vítima e protagonista, o então soldado Ambrosius Richshoffer, que se gabou duas vezes de possuir a indumentária mais vistosa entre os recrutados, teve todas as roupas de seu baú roubadas. No entanto, antes do furto, logo nos primeiros dias de invasão ao Brasil, ele não se esquivou de ampliar seu vestuário. Arrancou um par de calças de um militar oponente morto.⁵⁷⁴ Sua conduta, aliás, nada tinha de estranha ao comportamento de militares na Europa, que repunham peças de roupas desgastadas pilhando adversários mortos ou feridos.⁵⁷⁵ Uma gravura com o tema do assédio ao Arraial, em 1635, corrobora para tal interpretação. No primeiro plano da ilustração, no lado inferior esquerdo, vê-se uma cena típica dos campos de batalha europeus da Guerra dos Trintas Anos: militares sacam as roupas de oponentes mortos e feridos. Outros são assassinados para facilitar a coleta da indumentária e de outros pertences dos quais porventura dispusessem (Imagem 5).⁵⁷⁶ O autor possivelmente teve por intenção fazer uma analogia às cenas de violência

⁵⁷² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-02-1636, DN 06-02-1636, DN 08-04-1636, DN 17-04-1636, DN 23-06-1636, DN 08-08-1637, DN 21-10-1637, DN 05-11-1637. A passagem citada é oriunda da exposição escrita do coronel Arcizweski ao Conselho Político, datada de abril de 1636: “*De Heer Colonel proponerende schriftelijk dat noodich was datmen de soldaten soude versien met cleren de welcke alle naect gingen jae soo dat naenl. haer schamelheijt conde bedecken*”.

⁵⁷³ Missiva do Governador Diederick van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In *Documentos Holandeses*, p. 90; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 166-167; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 136, 262-263, 294-295.

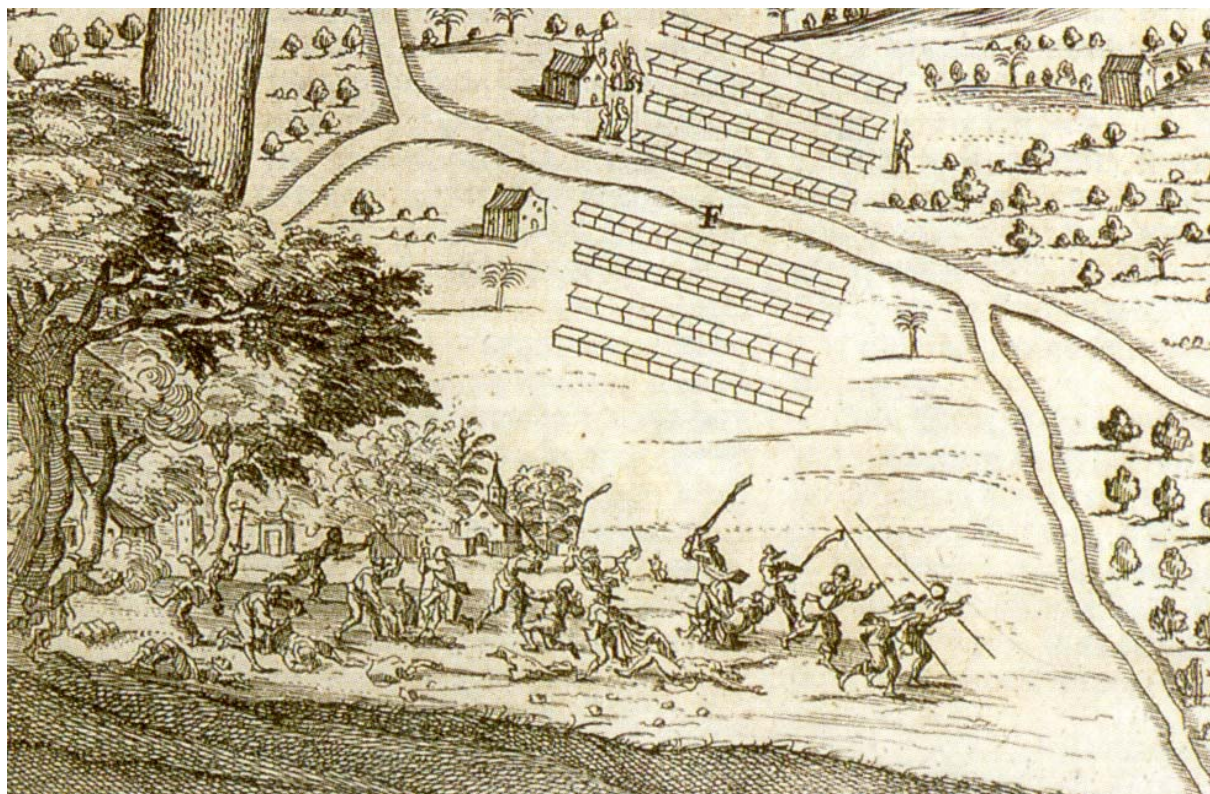
⁵⁷⁴ Richshoffer declarou que a calça, mesmo bastante manchada de sangue, foi puxada por ele sem qualquer horror. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 6, 54-55, 59.

⁵⁷⁵ Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 120; O propósito podia ser outro além da reposição, já que eles podiam vender o produto do saque, cujo preço normalmente era elevado; O próprio Stephan Carl Behaim foi pilhado junto com seus companheiros quando servia no exército sueco durante a Guerra dos Trinta Anos. Ele foi feito prisioneiro por tropas imperiais quando sua companhia fazia patrulhas na região da Bavária. Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Straiffdorf, 17/04/1634 (carta número 47). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 238-245.

⁵⁷⁶ A gravura integra a obra de Nestor Goulart Reis *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial* e foi citada como pertencente ao livro de Johannes de Laet *Historie ofte iaerlijk verhael van de verrichtinghen der geotroyeerde West-Indische Compagnie (Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes)*, cujo exemplar, segundo o autor, encontra-se na Biblioteca Real de Haia (*Koninklijke Bibliotheek*). Reis, Nestor Goulart Reis. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 84; Reis cita que foram consultadas as edições de 1635 e 1644. A informação é estranha, já que essa obra só foi lançada em 1644. Também não foi possível localizar o impresso na Biblioteca Real. Dois outros exemplares do livro de 1644 foram consultados, um no Arquivo Nacional de Haia e outro na Biblioteca da Universidade de Leiden. Ambas as cópias possuem uma gravura com o tema do assédio ao Arraial, embora o desenho, como um todo, seja diferente. Nelas, a cena de violência no primeiro plano é inexistente, como todas as figuras humanas, muitas das edificações não militares e o acampamento da tropa

e pilhagem pintadas em algumas telas daquele período, tais quais as representações de pintores flamengos como David Rijkaert III (1612-1661), Pieter Snayers (1592-1667) e Sebastian Vrancx (1573-1647), além das gravuras do famoso impresso do francês Jacques Callot (1592-1635), *Les Misères et les Malheurs de La Guerre*, publicado em 1633.

Imagem 5 – Detalhe da gravura de autor desconhecido que ilustra o livro de Johannes de Laet, *Historie ofte ierlijck verhael van de verrichtinghen der geotroyeerde West-Indische Compagnie*. In Reis, Nestor Goulart Reis. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*, p. 84.



É pertinente ainda fazer um comentário a respeito do vestuário: os militares da Companhia das Índias Ocidentais não usavam fardamento, o que não era estranho, pois a utilização de uniformes não era universalmente aceita.⁵⁷⁷ Os recrutados seguiam para o Brasil com a roupa de que dispusessem. Isso foi observado nas histórias pessoais de Ambrosius Richshoffer, Stephan Carl Behaim e Peter Hansen em três momentos distintos. O primeiro, jovem de família abastada, foi selecionado para marchar portando a bandeira da WIC nas ruas de Amsterdã por

da WIC. A legenda aparece ainda centrada na parte inferior esquerda e não no lado superior direito. A gravura também está invertida, conforme se vê no posicionamento do outeiro, dos redutos e do forte.

⁵⁷⁷ Parker, Geoffrey. *The Military Revolution*, p. 71; Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Years' War*. 2ª Edição. London/New York: Routledge, 1998, p. 172; Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 304; Em batalha, os militares utilizavam sinais de distinção como flâmulas e bandeiras. Além dos signos, sons emitidos por trompetistas e tambores também ajudavam os militares a reconhecer aliados e as ordens passadas por oficiais, bem como ritmar movimentos. Uma listagem de tropas da WIC de 1631 indica que ela valia-se do serviço de trompetistas e tambores. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, 138E, 26-10-1631. Hale, J. R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985, p. 167.

trajar um vestuário mais gracioso do que seus companheiros.⁵⁷⁸ O segundo, igualmente de boa condição, partiu para o Brasil com roupas adquiridas por um comerciante de Amsterdã. Nada foi entregue pela Companhia.⁵⁷⁹ Por fim, Peter Hansen chegou ao Brasil provavelmente trajando o vestuário que utilizava no Real Armazém dos Víveres do monarca da Dinamarca, onde trabalhou antes de seguir para Amsterdã. Foi por causa dessas vestes que ele foi selecionado, em fins de 1644, para fazer parte da guarda do “Conde Maurits” (*Graff Mauritz*), o qual já tinha partido do Brasil, mas cuja guarnição manteve-se na conquista.⁵⁸⁰

Os descontos gerados pelo fornecimento de comida – muitas vezes estragada – e pela entrega de vestuário – repassado a preços elevados – podiam abocanhar a maior parte dos soldos dos recrutados. Ao menos, essas eram reduções oriundas de itens efetivamente consumidos pelos militares, ao contrário de outras formas de abatimento, algumas delas compulsórias, a exemplo dos pagamentos pelos serviços prestados por predicantes, da caução pela utilização do armamento – cedido por empréstimo pela Companhia – e da ampla variedade de multas aplicadas aos militares em decorrência de infrações aos códigos de conduta instituídos.

A primeira modalidade de desconto foi instituída pelos Senhores XIX em uma resolução datada de 10 de novembro de 1635, que obrigava os funcionários civis e militares da Companhia a contribuir anualmente para a manutenção dos predicantes. De acordo com a Carta-artigo da WIC de 1640, para o “exercício de devoção” (*Oefninge vande Godtvruchticheyt*) dos pastores, os militares de baixa patente, de soldado a sargento, sofriam deduções nas suas contas-salário de 18 *stuivers* a 2 florins e 8 *stuivers*. Os valores aumentavam conforme a função e chegavam a alcançar a cifra máxima de 60 florins anuais para o detentor da patente de coronel.⁵⁸¹ Tal pagamento causou animosidade por parte dos militares em relação aos predicantes no começo de 1638. Na ocasião, predicantes foram pedir ao Alto e Secreto Conselho do Brasil que seus salários pudessem ser provenientes de outra fonte, pois circulavam boatos – de teor verdadeiro – de que o dinheiro para seu pagamento era retirado do salário dos militares. Os religiosos lamentavam-se pela diminuição do respeito dos oficiais para com suas funções e queixavam-se que eles proferiam aos predicantes que eram seus patrões e “mais coisas do tipo”. De acordo com os conselheiros, o assunto “escandaloso” não seria discutido naquela ocasião, mas repassado aos Senhores XIX.⁵⁸² Parece que não houve mudança, pois uma reunião classical

⁵⁷⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 6.

⁵⁷⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 262-265.

⁵⁸⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 68.

⁵⁸¹ *Articul-Brief*, artigo CXXXVII.

⁵⁸² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 23-02-1638: “Item doleerde seer over de geruchten die daer liepen dat der predicanten gage soude gevonden werden uijt de gagien vande officieren vande militie vande soldaten; welcke tot groote verminderinge van hare respect ende digniteijt vant predicanmpt bijde officieren wert opgenomen, de predicanten in hare tegenwoordigheijt verwijtel. seggende

do Brasil, datada de novembro de 1640, registra a hostilidade oriunda dos funcionários da Companhia contra os servidores da Igreja Cristã Reformada, os quais acharam conveniente protestar aos Senhores XIX e pleitear junto aos Altos Conselheiros para que eles intercedessem contra as “blasfêmias” proferidas contra a classe.⁵⁸³

Aparentemente a questão não veio novamente à baila, mas foi citada no panfleto *Brasyls Schuyt-Praetjen* de 1649. O impresso, cuja temática eram as condições de vida de oficiais e soldados no Brasil, incluiu um cálculo projetado que indicava quanto os militares efetivamente recebiam da Companhia, após os descontos feitos em suas contas-salário.⁵⁸⁴ A estimativa referente ao salário dos soldados era simples. Dos 13 florins de pagamento, dos quais 8 constituíam o soldo e 5 a ajuda de custo, eram descontados mensalmente “pelo menos” 18 *stuivers* em função dos serviços prestados por predicantes, barbeiros, pela entrega da arma e por “outros encargos”.⁵⁸⁵ Conforme registrado na *Articul-Brief* de 1640, os abatimentos para pagamento dos pastores não eram sacados mensalmente, como indicou o impresso de 1649, mas anualmente.⁵⁸⁶

O valor deduzido da conta do recrutado pela entrega da arma – um dos saques apontados no impresso *Brasyls Schuyt-Praetjen* – era fato comum na Europa, naquele período.⁵⁸⁷ O preço do mosquete – entre 8 e 14 florins –⁵⁸⁸ também pesava no orçamento da Companhia e era uma quantia com a qual ela não estava disposta a arcar, caso os militares não fizessem a adequada

dat sij haer betaelheeren waren ende alsoo oock wat te seggen hadden ende diergelijcke meer. Wenshende sij predicanten dat hare gagien soo de Comp. die niet konde betalen, ergens anders op ware gevonden geweest [...] Aengaende hare gagien te vinden uijt de gagien vande Officieren ende Soldaten; welcke schandaleus wort naer gesproocken sal men dat stuck noch in state houden, ende daer niet met voortvaren tot dat wij haer Ed. ter vergaderinge van de XIX sullen hier van geaviseert hebben”.

⁵⁸³ Ata da Classe Brasileira, realizada no Recife de Pernambuco, no dia 21 de novembro de 1640. Sessão 5ª, Artigo 2. In Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: Volume LVIII, 1993; Ver também: Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, pp. 104, notas 31 e 32.

⁵⁸⁴ *Brasyls Schuyt-Praetjen*. *Ghebouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman, noopende den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghestracteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portugysen noch onder het onverdraeghlyck loock der Hollanderen saten*. Ghedruckt inde West-Indische Kamer by Maerten, Daer het gelt soo lustich klinckt alser zijn Aep-staerten. Anno 1649.

⁵⁸⁵ *Brasyls Schuyt-Praetjen*. “Nu wort hem alle maenden af-getrocken voor zyn geweer Predicanten Barbiers en andere beswaernisse ten minsten 18 [*stuivers*]”. Foi visto que 18 *stuivers* eram cobrados apenas para o pagamento dos predicantes. Em relação aos descontos pelo serviço médico fornecido pela WIC pouco foi encontrado. É plausível que a Companhia também procurasse obter o ressarcimento pelos tratamentos dispensados a seus homens.

⁵⁸⁶ É importante lembrar que o panfleto *Brasyls Schuyt-Praetjen* foi escrito em um momento no qual se discutia a situação das conquistas da WIC no Brasil e África Ocidental e as relações com Portugal. Debatia-se se os Estados Gerais deveriam ou não ajudar a Companhia – em profunda crise – a manter suas possessões em detrimento das relações – e comércio – com Portugal. O assunto foi discutido sob a forma de panfletos-diálogo, gênero comum do período. *Brasyls Schuyt-Praetjen* era um panfleto anti-WIC e a favor do restabelecimento da paz com Portugal. Representava, portanto, os interesses mercantis da cidade de Amsterdã. Tinha, dessa maneira, por intenção mobilizar os leitores contra a Companhia. Por isso pode ter exagerado na informação emitida de forma a passar uma imagem negativa da situação no Brasil, que não era boa, independentemente das observações do panfletista. Ver: Dingemanse, Clariza; Meijer Drees, Marijke. ‘Praetjes’ over de WIC en Brazilië: literaire aspecten van gesprekspamfletten uit 1649’. In *De Lage Landen en de Nieuwe Wereld. De zeventiende eeuw. Cultuur in de Nederlanden in interdisciplinair perspectief. Tijdschrift van de Werkgroep Zeventiende Eeuw*. Jaargang 21, nummer 1, 2005, pp. 112-127.

⁵⁸⁷ Hale, J. R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 111.

⁵⁸⁸ Jaap Jacobs indica o valor mais elevado, enquanto que um extrato das resoluções dos Estados Gerais, datado de janeiro de 1644, assinala um valor de pouco mais de 8 florins. Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, p. 139. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.16, 21-01-1644.

manutenção da arma-de-fogo ou a abandonassem na ocasião de um confronto. Esperava-se, portanto, que eles cuidassem do equipamento recebido antes de embarcar para o Brasil, de forma a poderem retorná-lo em bom estado à Companhia ao fim do contrato e receber o valor da caução. Outras medidas para que a arma fosse preservada foram instituídas na *Articul-Brief* da Companhia, que previa penalidades pecuniárias para quem não mantivesse o equipamento limpo e em ordem. A fiscalização era feita por capitães, comissários e altos oficiais militares a cada catorze dias.⁵⁸⁹ Caso a arma-de-fogo não estivesse em boa condição, uma multa de um mês de salário era aplicada ao militar.⁵⁹⁰

Nos artigos da Companhia foram ainda especificadas outras multas cuja finalidade era manter os homens disciplinados e atentos ao desempenho de suas funções. Isso evidencia o quanto eles tinham suas ações tolhidas por regras disciplinadoras e comportamentais. Também demonstra o quão intensamente eles estavam sujeitos a perder seus vencimentos, caso agissem contra as regras impostas. Das punições que estipulavam multa, vale ressaltar algumas referentes à vida naval – importante aspecto se for considerado que eles passavam muitos meses em alto-mar, fosse a caminho do Brasil, no retorno à Europa ou participando de operações bélicas: era vetado aos homens deixar roupas molhadas espalhadas no navio ou defecar ou urinar dentro dele, do contrário pagariam 10 *stuivers*;⁵⁹¹ era cobrado um mês de soldo se eles circulassem na embarcação com pavios ou velas acesas, exceto no exercício da função;⁵⁹² se alguém da frota fosse à terra com a intenção de beber seria punido com quatorze dias a pão e água nas galés e, se reincidente, punido oportunamente. Aqueles que se embebedassem na cabine do navio seriam castigados duplamente ou redimidos se pagassem três meses de salário;⁵⁹³ aos brigões que ferissem alguém com uma faca, a punição corporal dificilmente seria suportada, pois seriam passados por debaixo da quilha do navio e perderiam “não menos” que seis meses de salário.⁵⁹⁴

Em terra, os militares eram proibidos de escrever missivas a amigos ou conhecidos que tratassem a respeito do comércio, da guerra ou do comportamento de algum funcionário da WIC no Brasil, sob pena de três meses de salário. Cartas com esse teor só poderiam ser remetidas aos

⁵⁸⁹ *Articul-Brief*, artigos LXXX, CXXXIII e CXXXIV.

⁵⁹⁰ *Articul-Brief*, artigo LXXX: “*Alle Officieren Soldaten ende Boots-gesellen sullen gehouden wesen Sorge te dragen dat het Geweer daer op een yeder gestelt is schoon ende claer gehouden wert insgelijcx: oock alle Gereetschappen op dat in tijdt van noot alle dingen gereet mogen wesen waer op de Schippers Capiteynen Commijsen ofte Hoogste Militaire Officianten gehouden sullen wesen goede toesicht te nemen ende alle veertien dagen elckeen sijn Geweer te doen vertoonen op de boete van een Maend gagie t’ elcken mael te verbeuren daer van de Commijsen ende Supra-cargos Notitie sullen houden ofte by faute van dien selfs een Maendt gagie verbeuren*”.

⁵⁹¹ *Articul-Brief*, artigo XC.

⁵⁹² *Articul-Brief*, artigo CVIII. Medida para diminuir o risco de incêndios.

⁵⁹³ *Articul-Brief*, artigo CII. Crê-se que poucos foram os soldados capazes de pagar por uma acomodação na cabine, que custava, em 1638, cerca de um florim por dia.

⁵⁹⁴ *Articul-Brief*, artigo CIV. Apesar de não mencionarem a multa, Aldenburgh e Richshoffer registram essa e outras punições navais aplicadas a transgressores. Aldenburgh, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625*, pp. 167-168; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 112-113.

diretores da Companhia ou às respectivas câmaras.⁵⁹⁵ Aqueles que por acaso auxiliassem um preso com alimentos e bebidas pagariam uma multa de um mês de salário e ficariam por oito dias presos a ferro e a pão e água.⁵⁹⁶ Nos dias de domingo, durante as prédicas, os militares estavam proibidos de consumir bebidas alcóolicas, pois o funcionamento dos bares nesses dias foi vetado em abril de 1637. A fiscalização ficou por conta dos fiscais e de seus auditores, além dos comandantes das guarnições, que receberiam 2/3 da multa aplicada, estipulada em 12 florins para os que servissem a bebida e 30 *stuivers* para cada um dos bebedores. O hospital da Companhia receberia o 1/3 restante do valor da punição.⁵⁹⁷ Além da Companhia, a Igreja Reformada também recebia parte dos proventos oriundos das punições pecuniárias, como foi observado em uma ata diária do Alto e Secreto Conselho do Brasil, de setembro de 1637. Na ocasião, militares condenados pelo Conselho de Guerra foram obrigados a pagar aos diáconos da comunidade da Paraíba a quantia de 148 florins em benefício dos pobres.⁵⁹⁸

Essas punições ampliavam as possibilidades de rendimento da Companhia sobre seu próprio pessoal. É crível também que isso fosse pensado como uma forma mais ou menos regular de obter o reembolso dos gastos com pessoal, o que delimitaria uma política de ressarcimento ou de descontos. Ao menos, as compensações oriundas de multas eram levadas em consideração, conforme pode ser notado nos já mencionados cálculos do acionista da WIC Jacques Specx. Ao esboçar os gastos para o pagamento de 2.700 soldados com seus sargentos e anspeçadas, Specx especulou que a Companhia teria parte do grande gasto com o *costgeld* de seu pessoal reduzido por morte, prisão e confisco. Dessa maneira, alguns salários sempre ficariam retidos.⁵⁹⁹

A lógica da Companhia em economizar gastos em detrimento dos seus próprios funcionários também pode ser observada em outros procedimentos. Dificultar a dispensa de indivíduos após o término do contrato era, por exemplo, uma maneira de mantê-los trabalhando por mais tempo e de se apropriar de seus vencimentos caso eles viessem a falecer. Ao menos foi assim que se expressou o comerciante francês Auguste de Quelen, em um relato sobre sua passagem pelo Brasil, entre 1638 e 1639.⁶⁰⁰ Estorvar a entrega do pagamento era outro método de

⁵⁹⁵ *Articul-Brief*, artigo CXVI. Não se menciona como era feita a fiscalização dessas missivas.

⁵⁹⁶ *Articul-Brief*, artigo CXXIV. Os presos também pagavam ao preboste (*provoost*) pela quantidade de dias de reclusão, *Articul-Brief*, artigo CXXII.

⁵⁹⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637.

⁵⁹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 24-09-1637. Ver também: Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 241.

⁵⁹⁹ NL-HaNA 1.10.78, Inv. nr. 8, Collectie Specx, 1620-1674, fol. 115v: “Nota comt in consideratie dat bij sterven gevanckenis confiscatie enz. alijc eenige maentgelden blijven staen”

⁶⁰⁰ Para Quelen, a demora na dispensa também tinha por objetivo forçar o militar a pedir demissão, o que o obrigaria a pagar pela passagem de retorno para a Europa. ‘Documento 8. Breve Relação do Estado de Pernambuco. Dedicada à Assembléia dos XIX da nobilíssima Companhia das Índias Ocidentais. Por Auguste de Quelen. Em Amsterdã,

ficar com soldos acumulados e já foram mencionados os casos individuais de Dominique Verion e Laurens Ackerman, impossibilitados de sacar dinheiro porque a Companhia perdeu informações sobre suas contas.⁶⁰¹ Esse mesmo tipo de artifício para reter salários de ex-militares foi narrado por outro francês, Pierre Moreau.⁶⁰² Vale destacar ainda que o esforço da WIC em obstar o pagamento parece ser em parte a causa dos pedidos de feitura de declarações por viúvas, parentes e conhecidos, de forma a provarem seus vínculos com ex-funcionários da Companhia e assim poderem sacar o saldo da conta-salário do funcionário com quem tivessem vínculo.

Além dos expedientes lançados pela Companhia para ficar com o pagamento de seus contratados, fraudes cometidas por comissários e assistentes administrativos da WIC no Brasil – que, segundo Pierre Moreau, enriqueciam forjando pagamentos nunca concedidos a militares, entregando mercadorias a pessoas inexistentes e cometendo outros tipos de logros – também eram responsáveis por desvios danosos à Companhia e aos militares.⁶⁰³ O problema foi mencionado pelo coronel polonês Christoffel Arciszewski em suas memórias, datadas do ano de 1637. Segundo ele, havia falta de transparência nas contas dos assistentes administrativos e muitas irregularidades foram detectadas nos livros de cálculos deles, como casos de pessoas vivas registradas como mortas e falecidas ou desertoras registradas como em serviço. Portanto, alguém estava recebendo mercadorias e pagamentos no lugar dessas pessoas.⁶⁰⁴

Atos desse tipo não foram incomuns e alguns exemplos foram registrados nas atas diárias do governo do Brasil nos momentos contemporâneos e posteriores à presença de Christoffel Arciszewski no Brasil. Ao fim do mês de maio de 1635, o Conselho Político do Brasil condenou o assistente administrativo Arnoudt Veneman a ficar preso em casa por causa de sua proposital “negligência” em fechar as contas de seus livros e de informar a respeito de seus cálculos. Como Veneman quebrou as algemas e permaneceu agindo da mesma forma, foi condenado a cavalgar em um “cavalo de madeira” por duas horas e a receber “não mais que uma ração de soldado”.⁶⁰⁵ O motivo de Veneman ter obliterado o fornecimento de dados sobre sua

impresso por Luís Elzevier, 1640’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 424-425.

⁶⁰¹ SAA, NA, 1293/43, 03-04-1646; Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’, p. 142.

⁶⁰² Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 23-24.

⁶⁰³ Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, pp. 23-24. Ver também: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 180.

⁶⁰⁴ Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilïë in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16, pp. 326-327.

⁶⁰⁵ Ele recebeu um ultimato do Conselho para entregar as contas dentro de um período específico. Do contrário, o Conselho fixaria outras punições para fazer dele um exemplo. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 30-05-1635: “*Alsoen den Commis Veneman voor eenigen tijt over sijne moetwillige naerlatigheijt int sluijten van sijne Boucken en informeren van sijne reeckening in sijn buijs gearresteert, ende inde boeijen besloeten ende hij desen de Boeijen eens open gebroecken hadde, ende oude gangen bleefgaende, ende weder inde Boeije gesett sijnde wij nu verstaende dat hij die weder open gebroecken hadde. Soo is voor ons ontboden ende over sijne moetwilligheijt gecondemneert op morgen twee uren opt houtenpaert te rijden ende als dan weder in sijn logiemente*

conta deve ter relação com irregularidades cometidas, embora não seja especificada na nótula qual foi a sua falta. O caso do assistente administrativo das mercadorias de Barra Grande, Jan Simonsz., narrado em uma ata de fevereiro de 1636, traz mais dados a respeito de desvios encontrados em suas contas. Algumas mercadorias avaliadas em 175 florins foram distribuídas a pessoas inexistentes nos livros de contas.⁶⁰⁶

Casos de improbidade continuaram a figurar nas atas no ano de 1637. No mês de novembro desse ano, Christoffel Huijberts. e Gregorius Jacobs., assistentes administrativos responsáveis pela conta do pessoal recrutado pela Câmara da Zelândia no Brasil, foram demitidos e deportados principalmente por causa de irregularidades existentes em suas contas.⁶⁰⁷ Pouco antes, em setembro de 1637, o assistente administrativo das mercadorias, Rochus van Dorn, teve seu livro de administração devassado pelo Contador Geral da WIC no Brasil. Para o dano da Companhia e dos militares, muitas das cartas de recebimento de gêneros apresentadas por Dorn – como prova do saque das mercadorias – foram entregues a soldados que já tinham partido do Brasil. Ademais, muitos dos nomes registrados em suas contas eram desconhecidos.⁶⁰⁸ No mês seguinte, o Alto e Secreto Conselho, para evitar logros desse tipo, ordenou que assistentes administrativos e comissários exibissem suas contas dentro de um prazo específico após o pedido de entrega.⁶⁰⁹ Anos depois dessa ordem, os assistentes administrativos dos vários escritórios da WIC no Brasil – responsáveis pelas contas e livros de pagamento mensal de soldados e tropas auxiliares – foram intimados a aceitar somente comprovantes de recebimento de roupas com a assinatura ou com os nomes dos capitães (por seus soldados) e comissários (por seu ‘povo’)

*inde Boeijen geset te werden, ende dat hij voortaan niet meer als Soldaten rantsoen sal genieten. Hem voorts aen seggende dat ingevall hij zijn reekening niet binnen de tijt van [] claer soude hebben, dat wie genootsaecht souden zijn met anderen straeffen een exempel hem te statueren”; Um “cavalo de madeira” – conhecido também por “burro espanhol” – era um aparato de tortura que consistia na junção de duas pranchas de madeira que formavam um triângulo. O condenado era obrigado a sentar na ponta aguda do triângulo por uma determinada quantidade de tempo. Ele também podia ter atados às suas pernas pesos, de forma a infligir mais dor. Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history’. Vol.1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, p. 469; O caso de Veneman foi citado em: Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. *O Desconforto da Governabilidade: aspectos da administração no Brasil holandês (1630-1644)*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Universidade Federal Fluminense, 2008, pp. 95-96.*

⁶⁰⁶ Ainda de acordo com a ata diária de fevereiro, exceto pelas mercadorias distribuídas a desconhecidos, as contas de Simonsz. encontravam-se em boa ordem. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-02-1636.

⁶⁰⁷ Eles também resistiram em prestar esclarecimentos. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-11-1637.

⁶⁰⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-09-1637. Rochus van Dorn teve seu salário suspenso pelo tempo em que trabalhou. Ele também foi obrigado a procurar todos os nomes desconhecidos e a ressarcir a Companhia por todas as mercadorias entregues a pessoas não existentes nas listas de pagamento gerenciadas por ele.

⁶⁰⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-10-1637. Na ata também foi mencionado que o prazo de entrega era de seis semanas para os assistentes administrativos e três meses para os comissários. Além disso, consta na nótula que a punição aos infratores era a suspensão do pagamento e da ajuda de custo e que o problema era tão sério que já havia afetado a distribuição de víveres. Ainda nesse mês, o assistente administrativo Jacob van der Merse foi instruído a não distribuir mercadorias aos capitães, tenentes ou alferes que entregassem recibos assinados com nomes de receptores em branco. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-10-1637. Hermann Wätjen menciona outras medidas tomadas durante o governo de Nassau para solucionar os problemas administrativos. Funcionários que tinham cometido roubo foram demitidos e expulsos. Além disso, foram nomeados novos intendentess. Wätjen, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 150-151.

escritos. Eles também deviam ter à disposição, para exibição imediata, os registros de quanto tempo essas pessoas estavam no Brasil, quanto recebiam mensalmente e quanto tinham de saldo na conta.⁶¹⁰ Essas determinações do governo, datadas de outubro de 1637 e de setembro de 1640, eram apenas repetições de regras já estabelecidas pela Companhia.⁶¹¹

As tentativas de solução para os problemas com funcionários administrativos não parecem ter obtido total êxito. Em janeiro de 1640, uma análise das contas de Willem Kestel – que controlava o livro das guarnições das Câmaras do Distrito do Norte (*Noorderq.r*) entre os meses de fevereiro e dezembro de 1638 – apontou que ele entregou produtos a pessoas mortas e não deu baixa a roupas e outras mercadorias distribuídas avaliadas em 825 florins. Kestel acabou sendo deportado e teve ainda 240 florins sacados de sua conta.⁶¹² Outro assistente administrativo, Arent Baltezen van der Meullen, que controlou as contas dos víveres da guarnição de Itamaracá entre junho de 1638 e março de 1639, não respondeu apropriadamente às inquirições da Companhia a respeito das contas administradas por ele e terminou perdendo 92 florins e 13 *stuivers* de sua conta por confisco. Por fim, Van der Meullen foi deportado na qualidade de “parasita” (*doot eter*).⁶¹³

Se os militares conseguissem escapar das multas da Companhia e das tramóias de comissários e assistentes corruptos, eles podiam ainda ter suas contas defraudadas por seus próprios oficiais – por vezes responsáveis pela administração do pessoal. Os registros diretos ou indiretos das práticas fraudulentas de oficiais contra militares não são abundantes. Mas instruções como a passada ao Alto e Secreto Conselheiro Adriaen van Bullestrate, em dezembro de 1641, indiciam a ocorrência de muitos atos fraudulentos feitos por oficiais e comissários. Van Bullestrate, designado para fazer uma visita à região Sul da conquista, foi orientado a indagar nas guarnições do interior por onde passasse sobre as pessoas doentes e ausentes, de maneira a se inteirar da quantidade de funcionários da Companhia existentes em cada uma dessas localidades. Ele deveria confrontar as informações colhidas com as listas de pessoas anteriormente apresentadas por oficiais e comissários para descobrir se eles estavam a desempenhar suas funções honestamente, pois o governo havia tomado conhecimento da ocorrência de uma grande quantidade de irregularidades no pagamento da ajuda de custo e nos empréstimos concedidos aos

⁶¹⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-09-1640.

⁶¹¹ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes. (Copiado do <<Groot Placaat-Boek>>’)’. In *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano* Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886, pp. 3-2-303, artigos 41 e 46.

⁶¹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-01-1640.

⁶¹³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-01-1640. A mesma ata diária que registra as fraudes cometidas por dois funcionários da WIC também traz um apontamento sobre a aprovação das contas de outro funcionário civil, o assistente administrativo do Cabo de Santo Agostinho Jacob Cloet. Aprovações como essa também podem ser encontradas nas atas diárias, o que mostra que também havia gente trabalhando honestamente.

militares.⁶¹⁴ Esse tipo de desvio provavelmente era semelhante aos referidos em uma carta, datada de novembro de 1635, dos Senhores XIX ao Conselho Político do Brasil. Soldados falecidos há quatro, cinco ou mais meses continuavam a receber ração, pois tiveram seus nomes mantidos nas listas de distribuição.⁶¹⁵ Eram casos típicos de “paga morta”, uma ação muito comum na administração de tropas do período.⁶¹⁶

Um episódio descrito por Peter Hansen, ex-soldado que assumiu a função de escrevente da guarnição do Rio Grande, é um exemplo claro dessa sorte de logro. Segundo Hansen, ele foi enviado para a cadeia pelo seu capitão Nicolaes Bijma por ter eliminado, sem seu consentimento, nomes de soldados mortos ou capturados da “lista de ração”. De acordo com Hansen, o capitão queria ficar com o dinheiro do “tratamento” dos soldados. Ademais, ele já havia feito isso muitas vezes.⁶¹⁷ O comandante Bijma retirou Peter Hansen do calabouço quando soube que ele planejava enviar uma carta para o “general” para tratar do assunto. Após o episódio, o escrevente registrou que eles ficaram “melhores amigos do que antes” (*und blieben bessere Freunde, als wir vorhin gewesen*), indício de que Peter Hansen pode ter recebido algum benefício das transações fraudulentas do comandante.⁶¹⁸ Embora os exemplos citados sejam relacionados à “paga-morta”, há de se considerar que os militares podiam ser ludibriados caso comprassem uma conta-salário de alguém morto que continuasse a ter descontos registrados ou se tivessem suas contas manipuladas após uma mudança de guarnição não assinalada. Por fim, os familiares de um servidor da Companhia poderiam descobrir que seu parente não havia deixado qualquer dinheiro para eles, quando na realidade seus vencimentos foram indevidamente desviados por um oficial ou comissário inescrupuloso.⁶¹⁹

⁶¹⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 13-12-1641. Ver uma tradução parcial da ata do dia 13 de dezembro de 1641 em: ‘Documento 4. Introdução’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 141-142.

⁶¹⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 12-11-1635. Na carta em questão, os XIX instaram o Conselho Político a ser mais rigoroso na fiscalização da distribuição da ração.

⁶¹⁶ Por “paga-morta” entende-se o recebimento dos soldos de um militar falecido, desertor ou feito prisioneiro que tinha seu nome mantido na lista de pagamento. Como as mercadorias ou dinheiro eram enviados de acordo com a quantidade de homens da guarnição, o oficial ou o encarregado de distribuir produtos ou moedas ficava com a diferença, a “paga-morta”. Ver: Anderson, M. S.. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988, p. 47; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 114; Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*, p. 304.

⁶¹⁷ Talvez Bijma contasse com a convivência do comissário da guarnição. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 98.

⁶¹⁸ A amizade de Peter Hansen com o comandante Bijma, com quem ele passou a beber e vaguear pelo Rio Grande até os últimos dias de ocupação, atraiu a inimizade de seus ex-companheiros militares, que o consideraram um traidor. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 98, 101-102, 104-105. A eventual cumplicidade de Peter Hansen com o comandante Bijma também serve de indicativo de que os militares também encontravam, à sua maneira, meios de burlar a Companhia. Certo soldado chamado Stoffel Claessen, por exemplo, estava listado duas vezes no livro de pagamento e estava recebendo mais ração do que deveria. Descoberto, foi obrigado a pagar seis meses de soldo de multa. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 26-06-1638.

⁶¹⁹ O comerciante Auguste Quelen fala dos casos de militares que descobriram suas contas com saldo “zero” após anos de serviço ou com descontos em um determinado local quando serviam em outro. ‘Documento 8. Breve

Desta feita, com uma política de descontos tão agressiva, era praticamente impossível que os militares conseguissem manter mensalmente os 3 florins e 10 *stuivers* especulados no panfleto *Brasyls Schuyt-Praetjen* enquanto saldo final a receber após todas as reduções efetuadas pela Companhia. Isso porque o impresso só levou em consideração as retiradas por consumo de alimentos e os valores de algumas das taxas cobradas. Portanto, para ficar com tal quantia de dinheiro ao final de cada mês, o soldado teria que se contentar em receber semanalmente 43 *stuivers* em ração (1 florim e 18 *stuivers*) e dinheiro (5 *stuivers*) e ter deduções orçadas em apenas 18 *stuivers*, valor que por si só compunha o desconto anual pelo serviço de capelania. Mesmo considerando que os descontos obrigatórios ficassem fixados nessa quantia, ele ainda teria que evitar a compra de qualquer peça de roupa e ainda escapar incólume às muitas penalidades pecuniárias estabelecidas. Só assim, ele ficaria com o crédito de 3 florins e 10 *stuivers*.⁶²⁰

3.3 Alojamento

Em novembro de 1631, quando Olinda, então ocupada pelas tropas da Companhia das Índias Ocidentais, foi evacuada e incendiada, uma massa de gente, em sua maioria militares, mudou-se para o Recife. Naquele momento, o *Povo*, como então era chamado o porto de Olinda, passava a ser o único ponto de ocupação das forças da Companhia, além de Antônio Vaz e de uma cabeça de ponte na ilha de Itamaracá. A desocupação de Olinda, antevista pelo comandante das tropas da WIC, coronel Diederick van Waerdenburgh, foi autorizada pelos Estados Gerais em Haia, após um longo debate em torno da inviabilidade logística da ocupação militar e incapacidade de defesa da vila.⁶²¹ Sua destruição implicou no deslocamento de quase 1.400

Relação do Estado de Pernambuco'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 425, 429.

⁶²⁰ *Brasyls Schuyt-Praetjen*.

⁶²¹ Para os conceitos estratégicos do período, a posição de Olinda não seria defendida sem grande esforço. Por estarem estabelecidas em várias colinas, as construções da vila poderiam ser atingidas de cada um desses outeiros de “mesma altura” por artilharia. Essa foi uma das primeiras observações do coronel Van Waerdenburgh, quando ainda não tinha conquistado o Recife, nos primeiros dias de operação. Desde a ocupação de Olinda, em 1630, o comandante neerlandês ressaltou em suas cartas a necessidade de abandonar a vila para concentrar as tropas em Recife. Em abril de 1630, Van Waerdenburgh, acompanhado do engenheiro Tobias Commersteijn, mediante relatório anterior feito pelo tenente-coronel Seton, inspecionou Olinda. O comandante holandês reiterou seu posicionamento contrário aos diretores da Companhia e admitiu que a “cidade” só poderia ser fortificada mediante um excessivo gasto de dinheiro e com a utilização de uma grande quantidade de soldados para guarnecê-la. Caso a Companhia fosse favorável à fortificação de Olinda, seria necessária a construção de duas grandes fortalezas. Ele também argumentava que já possuía planos para a fortificação do Recife e de Antônio Vaz. Após ponderar as vantagens e desvantagens de se estabelecer em Olinda ou no Recife, o coronel e governador Van Waerdenburgh – com a análise dos seus oficiais e engenheiros – passou a solicitar aos Senhores XIX permissão para abandonar Olinda e concentrar suas tropas e fortificações no Recife, sítio que consideravam mais adequado para a construção de uma praça-forte. A direção da Companhia, inicialmente, não deu parecer favorável ao abandono de Olinda, como pode ser visto nas contínuas cartas enviadas aos diretores. Algumas das correspondências enviadas por Van Waerdenburgh foram dirigidas diretamente aos Estados Gerais em Haia, a quem cabia a decisão final da questão. Isso demonstra o desgaste do assunto e a persistência de Van Waerdenburgh em não levar o plano de defesa de

militares, os quais se juntariam a cerca de 2.400 militares que já ocupavam um pequeno espaço entre Recife, Antônio Vaz e algumas das fortificações que resguardavam o entorno destas localidades. Somado ao grupo de militares, residiam no porto e na ilha cerca de 3.200 pessoas, entre marujos da frota da Companhia, funcionários não militares, prisioneiros de guerra, escravos e homens-livres, o que perfazia um total aproximado de 7.000 pessoas.⁶²² O problema decorrente de tal mudança afligiu sobremaneira uma população que já se comprimia em um limitado espaço antes mesmo de ser aumentada. Recife possuía um número de casas insuficiente para receber tamanho número de gente e muitos de seus armazéns, que poderiam servir para acolher provisoriamente os recém-chegados, foram anteriormente incendiados a mando do líder da resistência portuguesa, Matias de Albuquerque, nos primeiros dias de invasão, de forma a impedir a Companhia de obter quaisquer lucros pela captura dos produtos que aguardavam o embarque antes da invasão.⁶²³

O relato do soldado estrasburguês da WIC, Ambrosius Richshoffer, que residia no Recife antes da evacuação de Olinda, serve para mostrar as condições de moradia a que ele e seus companheiros de armas estiveram submetidos naqueles primeiros anos de ocupação. Quando conquistou Olinda em fevereiro de 1630, a força expedicionária da Companhia foi distribuída em aquartelamentos pela cidade, cabendo a alguns dos militares, como escreveu o próprio Richshoffer, “um bom alojamento”.⁶²⁴ Nesse período, muitos militares – soldados e oficiais ordinários – ficaram alojados nas casas dos moradores e nos conventos. Posteriormente os Senhores XIX instruíram o Conselho Político a retirá-los das moradias, de forma a atrair o retorno da população, o que foi feito, pois ainda antes da desocupação de Olinda, a companhia em que Richshoffer servia foi transferida no mês de maio de Olinda para o Recife, onde a tropa

Olinda adiante. Antes mesmo de uma decisão favorável a sua proposta, que era a da não-fortificação de Olinda e da fortificação de Recife, Van Waerdenburgh iniciou a construção de fortificações em Recife e em Antônio Vaz. Em 1631, ele pediu uma decisão sobre o assunto aos Senhores XIX, pois temia um contra-ataque das tropas inimigas, que naquele momento estavam prestes a receber reforços. Provavelmente o coronel considerava sua posição no Recife ainda muito vulnerável para resistir e impedir o ataque. Após uma reunião entre os Senhores XIX e o Príncipe de Orange, chefe-geral das forças armadas neerlandesas, o governo da WIC em Pernambuco recebeu a autorização para, na eventualidade de um ataque, abandonar Olinda e destruí-la. Com o desembarque, em novembro de 1631, de 1.000 homens da frota de dom Antônio de Oquendo, Van Waerdenburgh evacuou e incendiou Olinda. Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais (09-03-1630); Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais (03-04-1630); Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais (09-11-1631). In *Documentos Holandeses*, pp. 28-29, 33-35, 85-88; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 50-53.

⁶²² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 131, 1631; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631. Não militares também devem ter se deslocado de Olinda para o Recife. O arrolamento não especifica onde residiam prisioneiros, negros, parte dos homens-livres, funcionários civis e marujos, embora seja possível especular que os últimos estivessem majoritariamente na área do porto. Cerca de 530 pessoas que não eram funcionárias da Companhia também residiam no Recife.

⁶²³ Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. [1654] Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981, pp. 51-52.

⁶²⁴ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 46.

ficou instalada em um quartel qualificado por Richshoffer como “muito ruim”.⁶²⁵ No entanto, ele não explica porque o novo alojamento era ruim. Sabe-se, entretanto, que naquele momento a soldadesca da WIC encontrava-se aglomerada em um pequeno espaço, distribuída pelas fortificações então existentes e em outras instalações. Ainda antes da desocupação de Olinda e da mudança do pessoal da Companhia para o Recife, residiam no porto por volta de 585 militares, que dividiam o terreno com civis e outros funcionários da WIC. Na ilha de Antônio Vaz, outros 1.400 militares estavam estacionados na área designada de “Grande Quartel” (*Groot Kwartier*), incluindo-se nesta contagem as guarnições dos fortes *Waerdenburgh* e *Ernestus*, além de 450 militares no forte *Frederick Hendrick*. Ao Norte de Pernambuco, 366 militares e entre 8 a 20 não-funcionários da Companhia repartiam espaço dentro das instalações do forte *Orange*.⁶²⁶ Em outubro de 1631, Richshoffer seria novamente deslocado.⁶²⁷ Seu destino seria Antônio Vaz, no *Groot Kwartier*, construído para abrigar parte das forças da Companhia.⁶²⁸ A essa altura, Richshoffer já residia no alojamento de seu comandante. Por conta disso, é possível que ele estivesse mais bem acomodado do que seus companheiros de baixa patente.⁶²⁹ Diz-se “é possível” porque morar no alojamento de um oficial não era necessariamente um indicativo de melhor possibilidade de moradia em relação aos demais militares, visto que, no geral, as condições de habitação no “Brasil Holandês” não costumavam ser boas.⁶³⁰

Com a ampliação do território conquistado, em decorrência do sufocamento da resistência e da retirada progressiva dos portugueses para o Sul de Pernambuco, entre os anos de 1635 e 1637, o problema de moradia que a colônia vivia não foi amenizado, muito pelo contrário, agravou-se, pois houve um aumento significativo no número de homens-livres que chegavam ao Brasil, esperando, haja vista a melhor situação militar, boas oportunidades de negócio. Em decorrência desse grande fluxo de gente que chegava ao Recife, muitas pessoas passaram a morar em grupos nos sótãos dos armazéns da Companhia.⁶³¹ Até mesmo militares de alta patente e

⁶²⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 04-06-1630; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 59.

⁶²⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631; No arrolamento de outubro de 1631, foi indicado ainda que mais 34 homens seriam enviados para a guarnição do forte *Orange*. Não se sabe quem eram essas pessoas, talvez fossem familiares dos militares, comerciantes, etc. Eles são referidos apenas como “o povo fora das companhias” (*[t’volck] buijten de Comp.en*).

⁶²⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631. Richshoffer, já promovido a *adelborst*, servia na companhia do Major Beerstedt, estacionada em Antônio Vaz.

⁶²⁸ A área do *Groot Kwartier* pode ser observada na carta de Andreas Drewisch de 1631: NA VEL 711. *Grondt-teyckeningh van het Eylant Antoni Vaaz, het recif ende Vastelandt aen de haven van Parnambuco in Brasil, soodanigh als die tegenwoordigh voor de West-ind. Comp. met schansen, redouten en andere werken syn voorsien, enz., vervaardigd door Andreas Drewisch Bongesaltensis* [Langensaltensis] (1631). Ver imagem 10.

⁶²⁹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 77.

⁶³⁰ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 386.

⁶³¹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 59. Ver também duas das atas diárias citadas por Gonsalves de Mello: Na ata de 31 de outubro de 1635, são relatados planos para construção de casas nos espaços vazios do Recife, de forma que os cidadãos-livres pudessem morar melhor e deixar as casas e armazéns da

funcionários civis de elevada posição na administração da Companhia tiveram problemas para encontrar estalagens adequadas e moraram de improviso ou precariamente. Alguns casos demonstram o quão grave era o problema. Em maio de 1637, por estar “muito mal acomodado”, o coronel Johan Hans van Koin pediu para ocupar o alojamento do coronel polonês Christoffel Arciszewski, que havia deixado a conquista no mês de março daquele ano. O Alto e Secreto Conselho lhe pediu para aguardar, já que a instalação estava sendo ocupada provisoriamente pelo contabilista Jacob Aldrichs. Aldrichs seria transferido para a morada de outro membro do Conselho, Adriaen van der Dussen, que por sua vez aguardava a construção de um novo abrigo. Portanto, a mudança de Van der Dussen permitiria que Aldrichs ocupasse seu velho alojamento e dessa forma deixasse a ex-residência de Arciszewski para o coronel Van Koin.⁶³² Não se sabe qual foi o desdobramento da situação, mas em dezembro de 1640, Aldrichs ainda não tinha um lugar para morar.

Todavia, ele não era o único nessa posição. O conselheiro político Nunno Olpherdi, que estava residindo na tesouraria da Companhia, expôs que não vivia em um lugar adequado e que não podia repousar, razão pela qual ele continuava sentindo-se fraco – ele convalescia de uma doença não especificada. A ele foi concedido morar temporariamente em um quarto na casa do secretário do Conselho de Justiça Abraham Tapper, que havia sido recentemente adquirida pela Companhia no Recife. Era para lá que iriam outros funcionários desalojados como Daniel Alberti e o próprio Aldrichs, ambos há muito tempo sem alojamento. Os altos e secretos conselheiros ainda especulavam qual seria o local onde poderiam alojar Adriaen van Bullestrate, membro da administração superior da Companhia que estava para chegar no Brasil. Um quarto na casa de Tapper parecia ser o destino escolhido. Ele também poderia ser enviado para o domicílio do conselheiro político Matthias van Ceulen. Para isso, a casa de Van Ceulen deveria ser reconstruída, pois seus quartos desmoronaram, deixando um dos próprios altos conselheiros, Dirck Codde van der Burgh, sem cozinha e abrigo. Van der Burgh, não sem “grande inconveniente”, foi transferido para Antônio Vaz, de forma que o local onde ele residiu por tanto tempo pudesse ser adequadamente preparado. Após a reforma, ele retornaria para a casa de Van Ceulen, mesmo endereço para onde seriam enviados outros dois funcionários, Renier van

Companhia. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 31-10-1635. Já na ata diária de 14 de julho de 1636, duas pessoas receberam ordens para se retirar dos alojamentos da Companhia, visto que ambos eram proprietários de residências e a WIC queria aproveitar os espaços ocupados por eles em proveito próprio. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-07-1636.

⁶³² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-05-1637: “*De Heer Colonel Keun versoeckende alsoo hij seer qualijck is geaccomodeert van logement dat hem het genese logement vande Heer Colonel Artichou, mochte geruijmt worden is sulcx geconsenteert mits dat hij noch patientere. tot dat het logement vande E. Heer Adriaen vander Dussen, claer sij ende wt sijn tegenwoordich logement verhuys daer dan Jacob Aldrichs sal incomen, die nu in t logement vande voorn. Colonel Artichou is gelogeert*”; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 105.

Groenestein, secretário do Conselho Político, e Jan Schouten, comissário de polícia.⁶³³ A precariedade no morar atingiu até mesmo os almirantes Cornelis Cornelissen Jol e Jan Cornelissen Lichthardt, que não encontrando onde se alojar em 1641, foram obrigados a se “arranjar de qualquer jeito”.⁶³⁴

O problema de moradia é compreensível, pois entre os anos de 1637 e 1644, uma população de aproximadamente 2.700 pessoas convivia em uma área de 0,1 km² entre Recife, Antônio Vaz e áreas adjacentes, o que correspondia a um elevado índice de 27 mil pessoas por km². Além das dificuldades habitacionais decorrentes de tamanha concentração, houve desdobramentos negativos nas condições sanitárias das instalações ao longo da cidade. A Companhia, por sua vez, aproveitava-se da carência para fazer lucro e vendeu a comerciantes e particulares, por enormes somas, terrenos e casas que possuía no Recife, desalojando dessa forma empregados civis e militares que ocupavam algumas das casas vendidas. Desalojados, esses empregados foram forçados a procurar uma vaga em alojamentos já superlotados.⁶³⁵

Em março de 1637, Johan Gijsselingh, membro do Alto e Secreto Conselho do Brasil, escrevia aos Senhores XIX dizendo que não havia alojamentos disponíveis no Recife, nem terrenos para novas construções.⁶³⁶ Mesmo com uma maior intensidade de obras em Antônio Vaz, enquanto forma de arrefecer o problema habitacional do Recife, a questão não foi solucionada, uma vez que Johan Maurits van Nassau-Siegen e o Alto e Secreto Conselho, em 1641, relataram aos diretores da WIC nas Províncias Unidas que nos cômodos do Recife, construídos inicialmente para caixeiros, auxiliares de escrita e serventes, moravam 3, 4, 6 e até mesmo 8 pessoas, aglomeradas em espaços minúsculos e sob um calor asfíxiante. Era por isso que eles chamavam de “pocilgas” as habitações onde moravam os funcionários e empregados inferiores da WIC, além dos soldados, marinheiros e todos os que tinham que trabalhar no porto ou nos armazéns.⁶³⁷

No ano seguinte à declaração de Nassau e dos Conselheiros Superiores, alguns marujos, tanto os doentes quanto os que trabalhavam em terra, cuja casa na *Heerestraet* desabou completamente e não pôde mais ser utilizada, tiveram que ser alojados em outro local.⁶³⁸ O desabamento do prédio dá uma idéia do estado das acomodações oferecidas aos funcionários da WIC no Recife. Para a soldadesca vivendo na principal cidade da conquista, a situação não era

⁶³³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-12-1640.

⁶³⁴ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 87.

⁶³⁵ Ibidem, pp. 76; 78-79. Em 1638, a Companhia chegou a lançar um imposto sobre todos os terrenos ocupados por particulares.

⁶³⁶ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 78.

⁶³⁷ Ibidem, p. 87; Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 386.

⁶³⁸ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 88; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 25-08-1642: “10. De huijzinge vande matroos. Inde Heerestraet de plaets. sijn geheel vervallen, en connen niet meer gebruijct worden, en sullen de matroos. Soowel siecken als die aen landt dienst doen op een ander in een logie connen gelecht worden”.

diferente da dos marujos. No mês de janeiro de 1642, as cabanas dos soldados que serviam no forte *Bruijn* encontravam-se sem manutenção há tanto tempo que estavam caídas. Com a aproximação da estação chuvosa, foi autorizada a construção de cabanas duplas para os soldados daquela guarnição.⁶³⁹ Em setembro de 1643, os membros do Alto e Secreto Conselho registraram em suas atas o protesto do comandante René de Monchy, que pedia a construção de um quartel no Recife, de maneira a alojar soldados que, sem quartel ou alojamento fixo, eram forçados a dormir na rua.⁶⁴⁰

Em novembro, o problema causado pela própria Companhia ainda não tinha sido resolvido. Por causa da venda do alojamento, muitos soldados continuavam dormindo na rua e muitos chegaram até a adoecer. Aparentemente, as queixas diárias feitas pela soldadesca aos conselheiros surtiram algum efeito e finalmente, por resolução do Alto e Secreto Conselho, decidiu-se que seriam construídos quartéis ou cabanas para resguardar os militares desabrigados. Pela quantidade de instalações planejadas, a necessidade era elevada, pois se delineou a edificação de 10 cabanas na área da Porta do Mar (*Water Poorte*), de 5 cabanas duplas nas imediações da Porta da Terra (*Lants Poorte*) e ainda 8 na Porta da Balsa (*Pont Poorte*), atrás da ferraria do trem.⁶⁴¹ De acordo com um arrolamento de dezembro de 1644, quase um ano depois da resolução para construção dessas acomodações, havia cerca de 195 soldados servindo no Recife, o que demonstra que a quantidade de soldados desabrigados em 1643 podia ser realmente elevada.⁶⁴² A crise da habitação em Recife e *Mauritsstad*⁶⁴³ também teve desdobramentos nos preços dos aluguéis praticados e nos valores dos imóveis. Em Recife, os preços dos aluguéis alcançavam

⁶³⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30-01-1642.

⁶⁴⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 24-09-1643: “*Resolutie tot het maken van een quartier voor de sold.t op t Reciff. Alsoo de Commandeur Monchij ons remonstreert dat de Sold.t op t Reciff in Garnisoen legende wegen haer cleijn getal op den andere dag hebben te wacken ende alsdan yder voor sijn hoeft een 6 a 7 uren moete schilderen ende dat de selve niet tegenstaende dese fatigue sonder quartier off vast logement synde menig mael op de straet moeten bij nacht blijven slapen versoeckende des halven om sieckte voor te comen, dat een quartier voor haer mochte opgerecht worden, is naer examinatie vande t versoeck goet gevonden na een plaets uijt te sijen daermen een quartier voor het krijgvolck tot haer accomoditeyt soude connen maecken*”.

⁶⁴¹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 88; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 05-11-1643: “*Plaetse tot een quartier voor de Sold.t op t Reciff. Alsoo door t vercoopen vande oude huijs ende logement in t voorgaende jaer de soldaten hijer op Recyff gants geen logementen hebben ende veel op de straeten bij nachte moeten blijven legen, daer door veel sieckte onder haer werden veroorsaect ende ons dagel. veel clachten van de selve voorkomen. Is met de Ingenieur ende fabriickm.r inspectie genomen waer best eenige quartierien ofte hutten souden connen worden gemaect. Is daer toe de plaetse aende Water Poorte ende bevonden dat aldaer 10 hutten bequaem connen werden gestelt als noch vyff dobbele hutten aende Lants Poorte ende noch acht aende Pont Poorte achter de Smits. Vanden Treijn. Is den Ingenieur last gegeven daervan een overslaech ende besteck te maecken om t selve gesien hebbende daer over te disponeren*”.

⁶⁴² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 53a, 29-12-1644.

⁶⁴³ Em 1639, com o território ocupado relativamente consolidado e com um grande número de colonos estabelecidos no Recife, o governador da conquista da WIC no Brasil, Johan Maurits van Nassau-Siegen, iniciou um plano de ocupação racional da ilha de Antônio Vaz. A nova cidade projetada seria instalada no espaço existente na área de ocupação mais antiga da ilha – ao Norte – para o Sul, com limite no forte *Frederick Hendrick*. A ilha foi dividida em duas partes, sendo a primeira, ao Norte, denominada de velha Maurícia e a segunda, ao Sul, a Nova Maurícia – *Nieuwe Mauritia*. Essas duas Maurícias, circunscritas por estacadas e fossos, compunham a *Mauritsstad* – Cidade Maurícia. Menezes, José Luiz Mota. ‘O Recife espelho de Maurício’. In Galindo, Marcos; Menezes, José Luiz Mota; Montes, Maria Lúcia. *Eu, Maurício. Os espelhos de Nassau*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004, pp. 78-79.

somas “fabulosas” que chegavam a ser seis vezes mais altas que os valores cobrados em Amsterdã. Dessa forma, funcionários ordinários – mal pagos e incapazes de arcar com tamanhas despesas – terminavam tendo que aceitar as condições e ofertas de alojamento da Companhia.⁶⁴⁴ Para piorar, propostas de melhoria nas condições de alojamento foram rechaçadas pela direção da Companhia, de forma a economizar e evitar novas despesas.⁶⁴⁵

De acordo com Herman Wätjen, em 1642, a Companhia chegou inclusive a cogitar a suspensão do pagamento dos aluguéis de funcionários superiores e inferiores. Vários protestos foram lançados contra o governo e muitos funcionários ameaçaram abandonar seus postos de trabalho. Pressionada, a administração da Companhia no Brasil acabou entrando em acordo com os Senhores XIX e suspendeu as ordens de interrupção de pagamento do aluguel.⁶⁴⁶

Em 1644, a soldadesca permanecia alojada em vários aquartelamentos ou cabanas dispostos no Recife, em Antônio Vaz e nas instalações das várias fortificações que compunham o sistema de defesa dessas duas localidades. Em Antônio Vaz, de acordo com a “Carta do Porto de Pernambuco” (1644), os quartéis dos soldados – contabilizados naquele período em 222 homens – permaneceram na área de ocupação mais antiga da ilha – o *Groot Kwartier*. Seus aposentos não eram divididos com os oficiais do exército, conforme se observa na denominação utilizada na legenda da carta para indicar a posição dos “quartéis dos soldados” (*t Quartieren vande Soldaeten* – número 25) e dos “alojamentos dos oficiais” (*De Officiers logementen* – número 23; imagem 6).⁶⁴⁷

⁶⁴⁴ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 88; Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 387; Frans Leonard Schalkwijk menciona que o problema da moradia também entrou na pauta de discussões da Igreja Reformada, pois seus servidores tinham boa parte de seus salários drenados para o custeio com moradia no Recife. Schalkwijk, *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 104-105; De acordo com Charles Boxer, antes de 1634, ninguém pagava 2 mil florins na melhor casa do Recife. Três anos depois, não se podia comprar uma casa na cidade nem por dez vezes o valor de 1634. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 107; Gonsalves de Mello, página 88, nota 163, diz ainda que os preços dos aluguéis diminuiriam com o início da insurreição portuguesa; De acordo com o panfleto *Brasyls Schuyt-Praetjen*, de 1649, o aluguel de um quarto custava mensalmente 12 florins. O valor era referente a um aposento destinado a um capitão.

⁶⁴⁵ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 387; Essas condições de moradia enfrentadas no Brasil pelos funcionários da Companhia não eram distintas da situação de diversos trabalhadores pobres e aprendizes na Europa. Lá, eles também se amontoavam nos porões e sótãos de edificações. De acordo com Paul Zumthor, o problema da habitação foi algo permanente no “Século do Ouro” e foi decorrência direta do grande crescimento demográfico verificado nos Países Baixos. Por sua vez, a especulação nos preços dos aluguéis foi um efeito colateral dessa expansão. Casas eram compradas, subdivididas em cômodos minúsculos e alugadas a preços usurários. Cidades como Amsterdã, Leiden e Weesp possuíam várias dessas unidades subdivididas e muitos de seus moradores não conseguiram escapar das práticas extorsivas dos “traficantes” de casas. Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*, p. 27. Ver também Boxer, que fala do superlotamento e das péssimas condições de vida e moradia das populações pobres da cidade. O problema continuou a ser uma regra geral na República por uns dois séculos. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 59.

⁶⁴⁶ Wätjen, Herman. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 390-391.

⁶⁴⁷ NA, VEL H 619-74 *Caerte van de Haven Pharnambocque met de Stadt Mouritijs en dorp Recijffo ende bijleggende forten met alle gelegentheden van dien*; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 53a, 29-12-1644; Alguns anos depois do arrolamento de 1644, já durante o cerco imposto pelas tropas luso-brasileiras, em Antônio Vaz, onde as construções eram, em tese, mais recentes, uma casa da Companhia, utilizada como alojamento da soldadesca, tinha problemas no telhado e era incapaz até mesmo de proteger os soldados da chuva. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 24-02-1651; Nessa época, a guarnição da ilha já havia saltado para cerca de 570 homens, incluindo-se na contagem os

Essa separação entre oficiais e soldados era comum e não ocorria apenas nos quartéis das guarnições estacionadas na capital da conquista. Quando Caspar Schmalkalden desenhou em seu diário uma planta do forte “*Margarethben*”, onde serviu por um tempo, ele delineou, entre outras estruturas habitacionais da fortificação, seis prédios, todos marcados como quartéis de soldados. Em todas essas edificações, os soldados residiam no andar térreo e dividiam a construção, não os aposentos, com outros funcionários da Companhia e com oficiais não-comissionados. A casa do major estava separada das demais, da mesma forma como as acomodações do capitão e de um funcionário civil.⁶⁴⁸

Uma “vista aérea” da Vila de Nossa Senhora da Conceição, em Itamaracá, recém conquistada pelo então governador da Companhia no Brasil, Sigismund Von Schoppe, em 1633, fornece mais elementos que indicam que a separação entre oficiais e praças também existia nos alojamentos. No desenho, foram indicados, entre outros, a casa do comandante, o corpo da guarda, os quartéis dos oficiais da Companhia (*Quartier van de Luten.t Tournalon; Quartier van de Cap.n Tournalon e Quartier van Cap.n Ducar*), além de várias outras estruturas na vila ou próximas a ela, a exemplo de armazéns de guerra e de mercadorias, casas de civis, carpintaria, fontes, igreja, padaria, obras de defesa, olaria e senzala. Ao lado da igreja, dentro da cidade, foram representadas as cabanas dos soldados (*soldaet butten*), não muito afastadas da casa do comandante (*comandeurs buijs*). Elas eram todas interligadas como uma única estrutura, embora subdivididas. Foram representadas em um desenho esquemático, simples como deviam ser as cabanas onde os militares viviam. Também é nítido o contraste entre as estruturas – além da própria denominação dada – dos quartéis dos oficiais e as cabanas dos soldados (imagem 7).⁶⁴⁹ A distinção entre as acomodações de oficiais e soldados podia ser estabelecida até mesmo nos acampamentos montados pelas tropas, como se pode deduzir pela representação do cerco a um forte português em Porto Calvo, em 1637, feita pelo coronel Christoffel Arciszewski. No mapa, pequenas barracas, representadas em vários acampamentos ao redor da fortificação, destoam das grandes tendas, de aparências bem elaboradas e separadas das barracas pequenas. Essas tendas certamente pertenciam aos oficiais e talvez algumas delas fossem utilizadas como depósitos de munições de campanha ou como outras instalações (imagem 8).⁶⁵⁰

homens estacionados nas obras de fortificação externas. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 66-2, doc. 4, 01-01-1651.

⁶⁴⁸ “Grundriß des Fortes Margarethen am Fluß Paraijba”. Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume I. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998, p. 107.

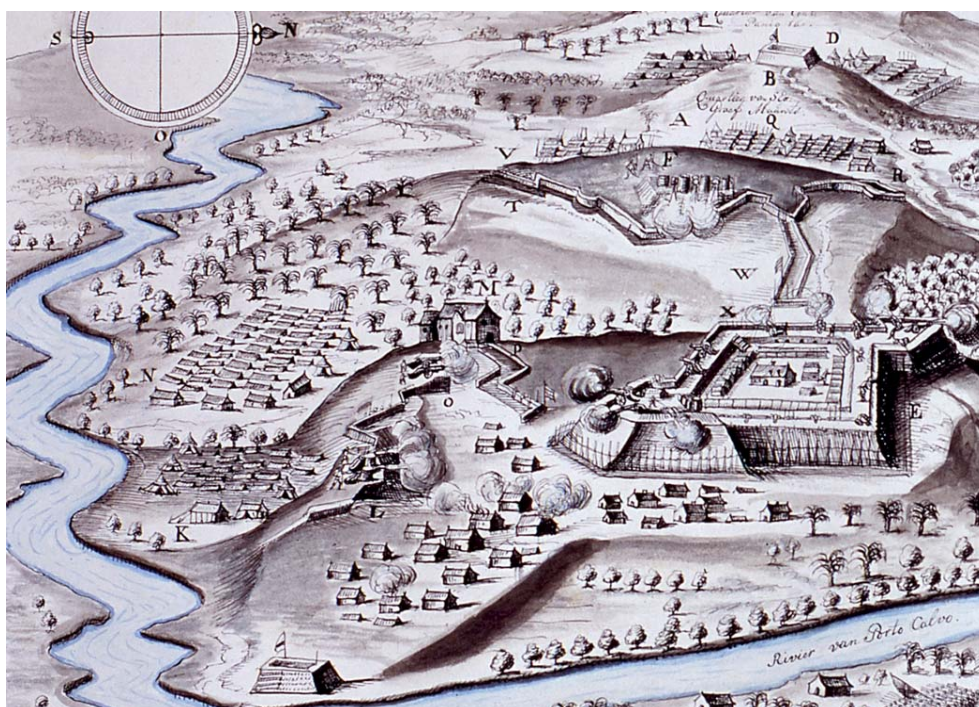
⁶⁴⁹ NA, 4.VEL 2158.

⁶⁵⁰ Universiteitsbibliotheek Leiden (UBL), Bodel Nijenhuis Collectie (COLL.BN), 002-12-076; Não era sempre que os militares tinham tendas para cobri-los. Quando em campanha no Sul de Pernambuco em agosto de 1635, o mesmo Arciszewski que desenhou o acampamento montado para o cerco de Porto Calvo enviou carta ao governo em Recife pedindo tendas para o acampamento da tropa, pois os soldados estavam dormindo ao ar livre. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-08-1635.

Imagem 7 – Detalhe do desenho *Stadt Nostre Signora de Conception*. Autor desconhecido. Ca. 1633. NA, 4.VEL 2158.



Imagem 8 – Detalhe do mapa *Porto Calvo*. Christoffel Arciszewski, 1637. UBL-COLL.BN 002-12-076.



Todas estas informações só corroboram para a visão negativa de Nassau e do Alto e Secreto Conselho a respeito das péssimas condições de alojamento em Recife. Fora do Recife e de Antônio Vaz, sabe-se muito pouco a respeito das condições de alojamento da tropa. Possivelmente não correspondia à propaganda da própria Companhia, como uma veiculada no panfleto *Beneficien* de 1647. No panfleto, menciona-se que os soldados, no interior do país e nas guarnições, gozavam de bons quartéis. Além disso, de acordo com o impresso, os que desejassem, poderiam construir facilmente uma cabana para viver com suas esposas e filhos. O material para a construção poderia ser obtido nas matas do Brasil sem muitas dificuldades e sem custo.⁶⁵¹ A propaganda omite e ignora completamente o fato de que a circulação no interior, naquele momento, estava completamente comprometida pela insegurança decorrente das atividades militares inimigas desde a rebelião deflagrada em 1645 e que as condições de moradia não eram das melhores, como puderam verificar pessoalmente muitos dos homens que talvez tenham recebido o panfleto.⁶⁵²

Apesar das observações negativas a respeito das condições de alojamento, é interessante notar que a WIC erigisse quartéis e cabanas para sua tropa no Brasil, quando na Europa os soldados fossem usualmente alojados – quando não estavam em campanha – na casa de civis nos povoados ou cidades onde o exército estivesse estacionado ou tivessem que cuidar do próprio alojamento.⁶⁵³ No século XVI, sob o governo Habsburgo, os moradores dos Países Baixos deviam fornecer alojamento gratuito para os militares, devendo cobrir ainda os custos de aquecimento, iluminação e um lugar para cozinhar com sal, vinagre e azeite, tudo designado como “*servitium*”. No século seguinte, a obrigação de alojar homens seria substituída por contribuições em dinheiro.⁶⁵⁴ As tropas das Províncias Unidas rebeladas contra os espanhóis

⁶⁵¹ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. “De Soldaten hebben soo te Landtwaerts als inde Guarnisoenen goede Quartieren ende die apart wil zijn met Vrouw ende Kinderen kunnen lichtelick een hut opslaen ende de Materialen met weynich moeyte buyten koste nytte Bosschen halen”.

⁶⁵² Ver, por exemplo, as queixas do almirante da frota de socorro enviada ao Brasil em 1647, Witte Corneliszoon de With. O almirante relatou em seu diário que a gente enviada em 1647 foi confinada em grandes números em espaços apertados e sem boas condições de higiene. Esses quartéis destoavam daquilo que lhes foi prometido durante o recrutamento. Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955, pp. 74-75. No ano de 1646, a situação não era diferente e devido às condições ruins de alojamento dos soldados, o governo decidiu espalhar algumas companhias nas fortificações do Recife e *Mauritsstad*. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 25-06-1646.

⁶⁵³ Parker, Angela; Geoffrey, Parker. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*. [Cambridge, 1977] Madrid: Ediciones Akal, 2000, p. 30; Swart, Erik. *Krijgsvolk: militaire professionalisering en het ontstaan van het Staatse Leger, 1568-1590*. Amsterdam: Proefschrift Universiteit van Amsterdam, 2006, pp. 180-181. Tropas alojadas em quartéis, separadas dos civis e passando a maior parte do seu tempo exercitando em acampamentos especiais foi um fenômeno mais comum na segunda metade do século XVII. Gente de guerra era mantida separada dos civis principalmente quando constituíam forças mantidas por cidades de territórios aliados. O objetivo era evitar confrontos entre civis e soldados. Parrott, David. *Richelieu's army. War, Government and Society in France, 1624-1642*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 505.

⁶⁵⁴ Swart, Erik. *Krijgsvolk*, pp. 176-177; Geoffrey Parker fala que o *servicio de casa* devia ser diretamente fornecido pelos moradores, sendo o custo deduzido dos impostos. Além de alojamento, eles deveriam prover a soldadesca com uma

continuaram a valer-se das práticas das forças habsburgas para alojar seus homens, embora não tenha sido em todas as localidades da República que os moradores foram forçados a aceitar militares gratuitamente. Alguns moradores preferiam pagar um valor para obter uma dispensa do governo e nas cidades de fronteira, os Estados Gerais, em fins do século XVI e no XVII, davam uma compensação financeira em troca do provimento de alojamento.⁶⁵⁵ A retribuição estava atrelada ao posto do militar alojado e havia limitações na quantidade de gente a ser aceita. Um oficial regimental podia procurar casas de civis para alojar os soldados, mas eles não eram obrigados a aceitar militares e ainda podiam expulsá-los, casos eles se conduzissem de maneira inapropriada⁶⁵⁶

O fato de a Companhia não alojar seu pessoal na casa de civis no Brasil pode estar relacionado ao tamanho do seu efetivo militar, que excedeu em número, durante a maior parte do tempo, a população civil da colônia, não havendo, portanto, leitos disponíveis em quantidade satisfatória. Não alojar os homens na casa de civis também era uma maneira de evitar conflitos desnecessários e um meio de evitar o gasto de copiosas somas de dinheiro com moradia, fossem elas pagas aos moradores que recebessem militares ou sob a forma de dinheiro concedido aos homens.⁶⁵⁷ A Companhia bancava a moradia de funcionários civis superiores e inferiores enquanto os soldados ficavam alojados em “cabanas” e “quartéis” espalhados no território. Embora a Companhia fosse responsável direta pelo fornecimento de acomodação aos seus militares, não foi encontrada qualquer forma de regulação para a construção de alojamentos de militares, algo talvez pouco difundido no período.⁶⁵⁸

Conclusão

Prover os militares ao longo dos anos pesou muito aos cofres da Companhia das Índias Ocidentais. Manter o contingente convenientemente alimentado, com parte do soldo entregue na conquista em dia e bem alojado tinha um impacto no orçamento com o qual a Companhia não conseguiu arcar, principalmente se for considerado que os prospectos de lucro se esvaíram com a destruição provocada por um conflito quase contínuo e em razão dos graves problemas

cama, lençóis, velas, azeite, sal, vinagre, pratos e um lugar para cozinhar. Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 122.

⁶⁵⁵ Swart, Erik. *Krijgsvolk*, pp. 178, 180; Vermeesch, Griet. *Oorlog, steden en staatsvorming: de grenssteden Gorichem en Doesburg tijdens de geboorte-eeuw van de Republiek (1570-1680)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006, p. 108.

⁶⁵⁶ Vermeesch, Griet. *Oorlog, steden en staatsvorming*, pp. 108-109.

⁶⁵⁷ Parrott, David. *Richelieu's army*, p. 505; Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 64.

⁶⁵⁸ Deve-se considerar que a obrigação de pagamento e manutenção das tropas, observada no artigo V do privilégio concedido à Companhia, incluía alojamento. *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621*.

financeiros enfrentados pela WIC durante quase toda a sua existência. Para dificultar ainda mais sua posição, a Companhia ocupou um território incapaz de suportá-la, o que implicava em uma dependência muito grande das remessas de víveres provenientes da Europa. É claro que o problema de abastecimento enfrentado pela WIC afetava praticamente a todo grande exército do período, principalmente quando este se encontrava distante de suas linhas regulares de suprimento. Seus oponentes no Brasil também foram enfraquecidos por graves crises no provimento de comida ao longo dos vinte e quatro anos de ocupação e adotaram soluções comuns ao período, como a cobrança de contribuições, que usualmente causavam desgaste entre militares e civis. Ao menos, as forças luso-brasileiras podiam contar com a participação dos moradores – ainda que conflitos emergissem – e com fontes de abastecimento longe do território em guerra, mas muito mais perto do que as linhas de suprimento externo que alimentavam o exército da WIC, sendo elas as únicas com as quais a tropa pôde contar nos primeiros e últimos anos de ocupação.

Incapacitada de manter o termo do “Privilégio” concedido pelos Estados Gerais, a WIC, que controlava todos os aspectos do provimento das tropas, terminava por impor aos recrutados condições de vida bem distintas das promessas feitas no ato de recrutamento. Problemas no fornecimento de munições de boca foram regulares e mostraram-se agudos principalmente nos períodos de cerco e pós-expedições, quando as reservas costumavam sofrer as maiores reduções. Além de racionar a comida distribuída a seus militares, a Companhia cobrou contribuições aos moradores da conquista e fixou quantidades de entrega de alimentos na tentativa de remediar o problema do abastecimento. No que se refere ao provimento local, essas medidas não surtiram o efeito desejado em virtude de antigas dificuldades para produzir alimentos em uma área dominada pela monocultura da cana de açúcar e assolada por confrontos entre dois grandes exércitos que nada produziam – para não falar da grande população urbana –, além do boicote dos produtores locais aos invasores.

As distintas deduções nas contas-salário dos militares pelo consumo de alimentos, roupas, concessão de armamento e até mesmo pelo serviço de capelania foram formas de aliviar parte substancial dos gastos com a tropa. Esse não era, no entanto, um método estranho às tropas do período, sendo praticado, por exemplo, no exército espanhol disposto em Flandres e na companhia comercial que serviu de modelo à Companhia das Índias Ocidentais, a VOC.

Não obstante as condições de provimento dos militares no Brasil fossem precárias, a WIC, pelo menos, foi capaz de manter a entrega de alimento a níveis relativamente razoáveis, considerando a experiência de tropas europeias, pagar com mais regularidade do que muitos governos envolvidos nas contendas das Guerras dos Trinta e Oitenta Anos e até mesmo

construir quartéis para seus militares, algo não tão comum para o período. Isso não significa, no entanto, que a vida militar no Brasil fosse mais fácil do que na Europa. O caso pessoal do veterano da Guerra dos Trinta Anos, Stephan Carl Behaim, ajuda a fortalecer tal assertiva. Esperando que a WIC fosse um patrão que lhe pagasse “estipêndios com mais certeza do que o da coroa da Suécia”, ele se viu na obrigação de contrair uma dívida para se recuperar de uma enfermidade possivelmente adquirida por efeito de má nutrição. Para os que nunca antes enfrentaram tais circunstâncias, como Ambrosius Richshoffer, a vida no Brasil foi tão dura que ele pediu dispensa do serviço na primeira oportunidade que teve. A mesma sorte não teve Peter Hansen, obrigado a permanecer na conquista até os últimos dias de ocupação. Por fim, ele, semelhantemente a muitos outros dos que voltaram do Brasil após a rendição, acabou sem receber a totalidade dos soldos vencidos. Nesse aspecto, para aqueles que retornaram após 1654, a Companhia agiu em consonância com muitos outros exércitos europeus do período.

Capítulo 4: Vida e morte no exército da Companhia

O exercício de atividades militares é por definição algo que envolve muitos perigos. No século XVII não era diferente e tais riscos também eram existentes para aqueles que serviam à Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Muitos soldados morriam em batalhas, alguns saíam feridos e acabavam deformados ou mutilados pelo resto de suas vidas e havia ainda aqueles que adoeciam em decorrência das duras condições de vida ou eram afetados por doenças locais, muitas vezes mortais. É impossível precisar o quão letal e nocivo podia ser o serviço militar no Brasil, uma vez que a quantidade de mortos e feridos, entre 1630 e 1654, não foi registrada de maneira sistemática ou foi tema de relatórios nem sempre precisos. No entanto, mesmo que os dados estatísticos obtidos a partir da análise desses documentos contenham uma margem de erro, fica claro, de partida, que as taxas de baixas e, por extensão, os riscos de morte entre os militares no Brasil eram elevados. Os índices de baixas por doença e por morte em combate das tropas da WIC no Brasil chegaram, em momentos específicos de situação extrema, a alcançar taxas, respectivamente, em torno de 33,52% (1630) e 29,80% (1649).⁶⁵⁹ No geral, os índices de baixa por doença ou incapacidade oscilaram entre 26,04% (1634), 20,14% (1635), 13,08% (1639), 10,22% (1649), 10,48% (1650) e 18,42% (1651).⁶⁶⁰ Tais valores demonstram o quanto o exército da Companhia perdia de sua força ativa em decorrência de enfermidades e mutilações. Os índices de mortos em decorrência de confrontos ou de doenças são mais difíceis de serem calculados, mas deve-se ter em mente que as baixas no serviço causadas por moléstias, ao contrário dos falecimentos por conflito, eram incessantes e independentemente se causavam morte ou não, representavam a ausência de militares no serviço ativo. Os dados provam ainda uma suposição existente no século XVII, de que a maior parte das baixas entre os militares era causada por

⁶⁵⁹ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volume I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916, pp. 222, 231-232; A taxa de baixa por morte das tropas da Companhia derrotadas nos montes Guararapes, em 1649, foi de 29,80%. Dos 3.510 homens enviados para combater os insurrectos, 1.046 perderam suas vidas. Os mortos em decorrência dos ferimentos não estão incluídos, o que deve ter aumentado o saldo negativo. *Brasilianen*, marinheiros e negros foram mantidos na contagem. Para a listagem das forças enviadas para a segunda batalha dos Guararapes ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 12, 19-02-1649. Para as listas contendo as perdas por morte ver: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 22, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 23, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 24, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 25, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 26, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 27, 19-02-1649.

⁶⁶⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01 Vergadering van negentien (Heren XIX). B. Resoluties. Códice 2. Nótulas Secretas do Conselho dos XIX, 1629-1645, 12-08-1634; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 100, 1635; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 5, 05-11-1649; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 6, 15-02-1650; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 17, 18-01-1651.

doenças e não por batalhas.⁶⁶¹ Esse mesmo tipo de pressuposição norteou o estudo do período de ocupação da WIC no Brasil.⁶⁶² Todavia, poucos foram os dados quantitativos apresentados para provar essa conjectura. Além dos índices de baixas por doença que ceifavam muitos militares da Companhia, sabe-se pouco sobre os tratamentos médicos oferecidos para fazer frente a tais moléstias – ainda que esses geralmente não fossem eficientes para a cura de muitos dos achaques. Existe ainda uma carência de informações sobre quais eram as principais doenças que grassavam entre a tropa e quais eram as causas das enfermidades que infligiram danos permanentes ao exército da WIC durante os anos de ocupação. O objetivo desse tópico é responder a esses questionamentos, além de tentar perceber como essas baixas afetaram o cotidiano dos militares e como as doenças entravaram as ações militares da Companhia no Brasil.

4.1 Baixas por doença, ferimento e morte

“Doentes e incapazes para marchar” (*siecke ende onbequame om te marcheren*).⁶⁶³ Essas foram palavras comumente utilizadas em algumas das listas de tropas no Brasil para descrever os militares enfermos e impossibilitados de prestar serviço. Correntemente também foram empregadas variações como “incapaz de trabalhar” (*onbequaem om dienst te doen*),⁶⁶⁴ “incapaz” (*onbequaem*)⁶⁶⁵ ou simplesmente “doentes” (*siecken* ou *crancke*).⁶⁶⁶ Todos esses termos usados são vagos e normalmente as listagens contêm poucas informações sobre a causa de tal incapacidade. Todavia, os números de baixas registrados nos levantamentos feitos para saber qual era a força disponível a ser mobilizada para o serviço militar no Brasil mostram o quanto o exército da WIC foi afetado por doenças, além das baixas resultantes por ferimentos e por morte em confrontos.

⁶⁶¹ Hale, J. R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985, p. 120; Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 39; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, p. 106. Para ver exemplos de baixas causadas no exército da República por conta de doenças ver: Graaf, Ronald de. *Oorlog, mijn arme schapen. Een andere kijk op de Tachtigjarige Oorlog 1565-1648*. Franeker: Uitgeverij Van Wijnen, 2004, pp. 498-500, 505.

⁶⁶² Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979, pp. 472-493. Além do estudo específico de Guerra sobre a medicina no Brasil Holandês, pode-se citar os clássicos escritos por Herman Wätjen (*O Domínio Colonial Holandês no Brasil*) e José Antônio Gonsalves de Mello (*Tempo dos Flamengos*).

⁶⁶³ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639.

⁶⁶⁴ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 15, 22-06-1648.

⁶⁶⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 100, 1635; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 17, 18-01-1651; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 12, 01-05-1651.

⁶⁶⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, 138E, 26-10-1631; Lista das companhias a serviço da WIC datada de 04-01-1634 citada em: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses*. 1957-58. Vol. 5. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000, pp. 106-107; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 85, 14-09-1649; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 5, 05-11-1649; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 6, 15-02-1650.

Quando a frota da Companhia das Índias Ocidentais chegou à costa de Pernambuco, em janeiro de 1630, ela já apresentava uma baixa de cerca de 33,85% de seus marinheiros e soldados. Dos 3.780 marinheiros e 3.500 soldados enviados, ainda estavam disponíveis para o ataque à Capitania de Pernambuco, por não terem sido acometidos por enfermidades, por volta de 2.515 marinheiros e 2.300 soldados.⁶⁶⁷ Ou seja, apenas 66,15% do efetivo enviado podia ser utilizado na operação de conquista. Em fins de fevereiro de 1630, quando ainda tentava conquistar o Recife, o comandante do exército da Companhia, o coronel Diederick van Waerdenburgh não possuía mais de 2.000 homens “em bom estado de saúde” a sua disposição, do montante original de 3.500 soldados despachados em junho de 1629. Naquele momento, havia no exército cerca de 550 homens mortos e outros 896 militares que jaziam doentes, o que representava aproximadamente uma baixa total de 41,31% do número de pessoal enviado, entre temporariamente inutilizados e mortos, sem falar dos mutilados.⁶⁶⁸ Os números, porém, flutuavam e apenas alguns dias depois o coronel declarou que não podia contar com 2.500 homens saudáveis, devido às muitas mortes, doenças e ferimentos. Além disso, era esperado que as tropas tivessem suas forças diminuídas diariamente.⁶⁶⁹ Sua força já havia sido reforçada por 665 militares despachados pela Câmara da Zelândia. No entanto, 200 desses militares – isto é, 30,07% – chegaram doentes ao Brasil.⁶⁷⁰ A chegada de reforços elevou o número de homens, mas o número de baixas por doença chegou a retirar de combate por volta de 16,66% das tropas no mês de julho e cerca de 11,42% em dezembro, quando a força da WIC reunia, respectivamente, 3.600 e 3.500 homens.⁶⁷¹ As baixas por enfermidades e ferimentos das tropas da WIC no Brasil nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro de 1630 podem ser melhor visualizadas no gráfico abaixo:

⁶⁶⁷ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 222, 231-232.

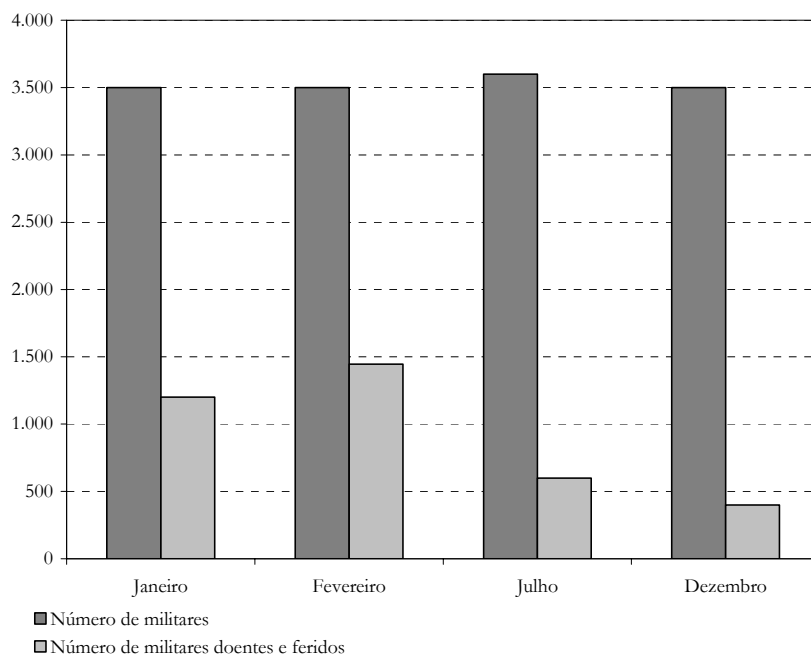
⁶⁶⁸ Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 9 de março de 1630. In Silva, J.C. da; A. Renault (Red.). *Documentos Holandeses*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945, p. 29; Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, p. 222.

⁶⁶⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 3, 03-04-1630. Carta de Diederick van Waerdenburgh em Olinda aos Senhores XIX: “[...] door de veele dooden en siecken en gequetsten hier en op de Recife gebadt, sulck dat wij nu tegenwoordich geen 2500 gesonde mannen wel leveren connen en daagelijcks verminderinge te verwachten hebben”.

⁶⁷⁰ Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630. In *Documentos Holandeses*, p. 33.

⁶⁷¹ Missiva do governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630; Missiva do governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 50, 53.

Gráfico 1 – Número de militares da WIC no Brasil doentes ou feridos nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro do ano de 1630.



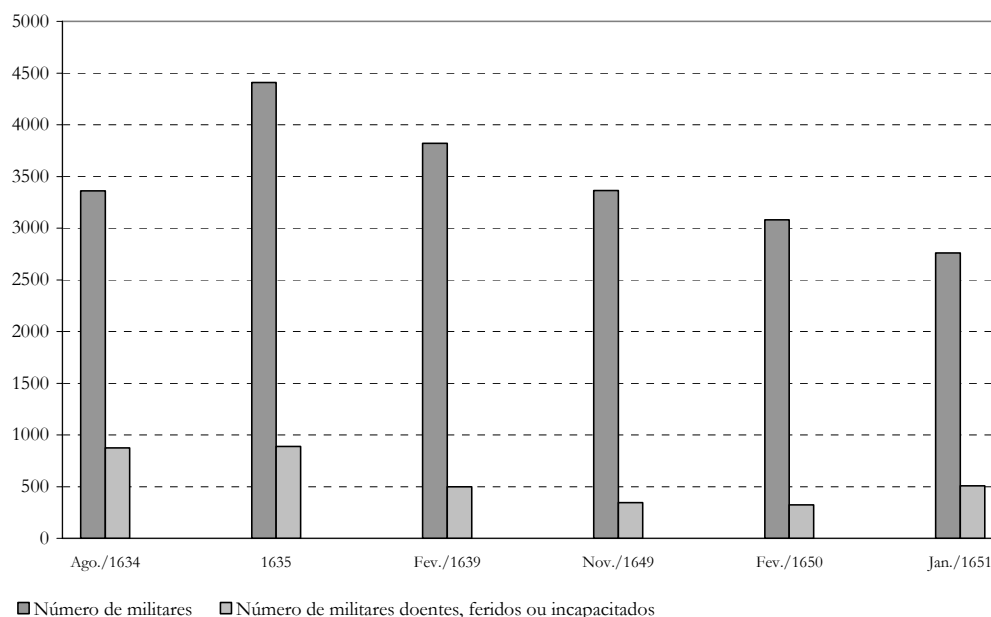
Fontes: Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 222, 231-232; Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 9 de março de 1630; Missiva do governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630; Missiva do governador Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 29, 50, 53.

No decorrer dos anos iniciais, as baixas por doenças continuaram a impor fortes entraves ao avanço da Companhia, além, é claro, do movimento de resistência encabeçado por Matias de Albuquerque. Na medida em que a resistência local ao ataque da WIC foi sendo enfraquecida, entre 1632 e 1633, que mais territórios foram conquistados – a exemplo de Vila Velha (1633), Paraíba (1634) e Rio Grande (1634) – e que novas estratégias militares foram introduzidas nas operações de guerra da WIC – observável diretamente a partir de 1633 – ⁶⁷², o número de baixas por doença diminui em comparação aos primeiros meses de 1630. Essa queda estava possivelmente relacionada ao acesso crescente das tropas da Companhia às áreas produtoras das regiões recém conquistadas e conseqüente melhoria na alimentação. ⁶⁷³ Entretanto, percentualmente, as baixas por enfermidades continuaram, até o fim da ocupação, a alcançar níveis superiores a 10%, a exemplo dos já mencionados percentuais de baixa por doença ou incapacidade dos anos de 1634 (26,04%), 1635 (20,14%), 1639 (13,08%), 1649 (10,22%), 1650 (10,48%) e 1651 (18,42%), representados no gráfico abaixo:

⁶⁷² Mello, Evaldo Cabral de Mello. *Olinda Restaurada. Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 34-35.

⁶⁷³ Ver capítulo anterior.

Gráfico 2 – Número de militares da WIC no Brasil doentes, feridos ou incapacitados nos anos de 1634, 1635, 1639, 1649, 1650 e 1651.



Fontes: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01 Vergadering van negentien (Heren XIX). B. Resoluties. Códice 2. Nótulas Secretas do Conselho dos XIX, 1629-1645, 12-08-1634; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 100, 1635; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 5, 05-11-1649; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.29, doc. 6, 15-02-1650; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 17, 18-01-1651.

Quando discutia nos Estados Gerais a respeito da composição da frota de socorro a ser enviada dos Países Baixos ao Brasil para conter os moradores rebelados desde 1645, Hendrick Haecx, membro do Alto Conselho do Brasil, indicou que “ordinariamente se deve calcular que a terça parte [da tropa] não pode prestar serviços”.⁶⁷⁴ Embora fosse uma taxa muito elevada, já que incluía baixas por deserção e morte, demonstra o quanto a Companhia podia e esperava perder por conta de baixas decorrentes, em parte, por enfermidades. Em Antônio Vaz, em 1634, o comandante das tropas da WIC no Brasil, Sigismund von Schoppe, queixava-se aos Senhores XIX que o número de mortos entre os militares era elevado e cada companhia tinha entre 20 a 30 doentes, além dos muitos feridos.⁶⁷⁵ Schoppe apontava um quadro real e não tão discrepante dos cálculos de Haecx. Uma listagem do começo daquele ano fez um levantamento das guarnições da WIC espalhadas no Brasil. Um bom número delas – 10 de 23 – apresentou números de baixas por doença semelhante ao valor apresentado por Schoppe, o que demonstra a grande quantidade

⁶⁷⁴ Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’. Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O.C. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Volume 69, 1950, p. 92.

⁶⁷⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 69, 03-06-1634: “[...] *t’ getal van de overledenen is groot, onder iedere compagnie zijn op dato noch 20 a 30 siecken, veel gequetsten*”.

de gente fora do serviço. Entre os mais acentuados números de baixas, pode-se observar que a guarnição de Schoppe tinha, por exemplo, 114 homens saudáveis e 24 doentes, isto é, 17,39% de baixas. Algumas das companhias de Antônio Vaz apresentavam percentuais negativos ainda mais elevados, como a companhia do capitão Maulpas, que possuía 24,34% de seu efetivo doente ou a companhia do capitão Michiel Christiaens., com baixa de 20,16% de sua tropa. Já as companhias estacionadas nos fortes *Waerdenburgh* e *Amelia* apresentavam baixas respectivas de 21,87% e 22,13%.⁶⁷⁶

Parte dos doentes e dos feridos podia deixar efetivamente de trabalhar na Companhia, sendo, portanto, enviada de volta à Europa. Em 1631, 62 militares – 59 soldados e 3 oficiais – foram mandados para a Europa por não ser possível curá-los de suas enfermidades ou por conta de mutilações.⁶⁷⁷ No ano seguinte, 120 militares seguiram de volta para “casa” sob a justificativa de que eram incuráveis (*alhier ongeneselijck sijn*).⁶⁷⁸ Em março de 1637, 148 doentes e incapazes partiram sob licença para a República e no dia 16 de abril, 120 pessoas – “todos mutilados além de incapazes” –, tiveram que ir ao Recife para serem passadas em revista.⁶⁷⁹ No dia 22, uma listagem indicou a partida, sob licença, de 130 pessoas, entre funcionários civis e militares. Todos estavam doentes, feridos e incapacitados.⁶⁸⁰ Tais envios também evidenciam a limitação dos tratamentos médicos administrados, embora o problema não seja exclusivo da WIC no Brasil ou de qualquer outra força do período. Mandar os “incuráveis” para casa, aliás, foi algo comumente feito nos entrepostos das Companhias das Índias Orientais na Ásia durante seus muitos anos de operação.⁶⁸¹

Às vezes, o impacto negativo causado pelas doenças era sentido no campo de batalha, o que se mostrava ainda mais danoso para o andamento das operações. Em 1637, na ofensiva do exército da Companhia no Sul de Alagoas, as tropas lideradas por Nassau tiveram seu avanço obstruído por conta de problemas logísticos – falta de água potável –, do clima e da disenteria

⁶⁷⁶ Lista das companhias a serviço da WIC datada de 04-01-1634 e citada em: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses*, Vol. 5, pp. 106-107.

⁶⁷⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 138A, 138B, 1631.

⁶⁷⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 186, 1632.

⁶⁷⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 18-03-1637: “Naer dat nu eenige dagen besich sijn geweest om alle siecken en andersints onbequame die haer licentie naer t vaderlant sochten te visiteren, soo is de lijste der gelicentieerden bevonden te beloop een hondert acht en veertich coppen, welcke over de scheepen soo van hier naer t’ vaderlant gedestineert sijn te vertrecken, aldus gereparteert werden te weten dat, den Cameel sal op hebben 32 coppen de Hope 38 coppen St. Jan 24 coppen Pijnappel 20 coppen Zeerobbe 20 coppen St. Clara 14 coppen Somma 148 coppen”; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637: “Goet gevonden met deese scheepen 120 personen sullen naer Patria gesonden werden waertoe de Trommel sal slaen, dat alle verminckte ende onbequame sullen alhier op t Recijfe compareeren tegens Saterdag smorgens om te sien, welcke gelicentieert sullen worden ende daernaer wat oude soldaten daer connen bij gevoecht worden”.

⁶⁸⁰ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-04-1637: “Overslagen gemaect sijnde van volck welck met de scheepen de Faem ende St. Pieter en Hoop, naert vaderlandt sal comen gesonden werden, soo is goet gevonden dat gereets gelicentieert sijn, siecken, gequetsen, onbequamen [...]”. Incluem-se ainda na contagem – como incapazes – 50 pessoas que foram licenciadas por estarem acima dos 50 anos de idade: “Sullen noch vijftich vande onste [outste] gelicentieert werden die boren de 50 jaren out sijn”.

⁶⁸¹ Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company. Commerce and the Progress of Medicine in the Eighteenth Century*. Leiden: Leiden University Press, 2009, p. 97.

que grassou sobre a tropa.⁶⁸² No outro ano, durante o cerco a Salvador, “nenhum morticínio” devastou mais o exército da Companhia do que o fluxo sanguíneo (disenteria bacilar). Com cerca de 2.000 homens atingidos pela epidemia, as tropas acabaram por se retirar.⁶⁸³ Anos mais tarde, em 1648, com a situação militar da Companhia no Brasil completamente desfavorável, uma força de 650 homens comandada pelo coronel Guillaume de Hauthain teve cerca de 160 homens reembarcados de Alagoas para o Recife em decorrência de doenças.⁶⁸⁴

Por sua vez, os grandes confrontos armados, mesmo acontecendo em momentos muito espaçados, também infligiram pesadas baixas nas tropas da Companhia. Embora as batalhas de grande evergadura não tenham afetado as tropas continuamente como fizeram as doenças, elas foram muito custosas, especialmente se forem levados em consideração os números de baixa por morte em proporção ao tempo que levaram para retirar os militares do serviço. Duas das maiores peijas campais travadas pela WIC na região, as batalhas dos montes Guararapes, constituem exemplos extremos: no primeiro confronto, em 19 abril de 1648, 4.500 militares foram levantados para fazer frente à tropa rebelde. Esse ajuntamento perdeu 501 homens por morte e outros 556 foram feridos, o que resultou numa perda de 23,48% em apenas algumas horas de batalha. Se forem considerados os possíveis desertores e extraviados, as baixas sobem a 1.500 homens, o que dá um percentual de 33,33%.⁶⁸⁵ Em 19 de fevereiro de 1649, novas perdas pesadas foram observadas entre as tropas da Companhia. Dos 3.510 homens da WIC postos em combate, 1.046 sofreram casualidades, isto é, 29,80% do número total de tropas designadas para o enfrentamento.⁶⁸⁶ Mas batalhas dessa envergadura não aconteciam com a mesma frequência das contínuas escaramuças que caracterizaram os anos iniciais e finais de ocupação da WIC no Brasil. Logo após a tomada de Olinda e Recife, a guerrilha ceifou do exército da Companhia cerca de

⁶⁸² Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, p. 147.

⁶⁸³ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Tradução Mário Lobo Leal. [1658] Rio de Janeiro: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1957, pp. 112-113. Optou-se por *Historia naturalis et medica Indiae orientalis* por essa ser uma versão reescrita do material anterior de 1648, *Historia rerum naturalium Brasiliae*, parte segunda do livro *Historia Naturalis Brasiliae*, escrito por Willem Piso e Georg Markgraf e editado por Johannes de Laet; Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 474; Herman Wätjen fala ainda da falta de víveres e munições, além da forte resistência local. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 160-163; O contingente levado para o ataque a Salvador foi, segundo P. M. Netscher, de 3.400 soldados e 1.000 indígenas. Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, Notice Historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII^e siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 95.

⁶⁸⁴ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 474; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada. Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*, p. 259.

⁶⁸⁵ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 3, 19-04-1648; Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010, pp. 441-446; Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955, pp. 86, 90-91.

⁶⁸⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 12, 19-02-1649. Para as listas contendo as perdas por mortes ver: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 22, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 23, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 24, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 25, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 26, 19-02-1649; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 27, 19-02-1649.

500 homens, de uma força aproximada de 4.000.⁶⁸⁷ Os ataques dos guerrilheiros eram tão freqüentes que o soldado estrasburguês Ambrosius Richshoffer, no ano de 1630, registrou no seu diário a sua participação em pelo menos quatro escaramuças. Todas resultaram em mortos e feridos para ambos os lados.⁶⁸⁸ Por duas vezes naquele ano, o comandante das tropas da Companhia, Diederick van Waerdenburgh, fez alusões semelhantes à do soldado Richshoffer.⁶⁸⁹

A observação desses vários exemplos confirma o padrão percebido por Francisco Guerra nas baixas das tropas da WIC no Brasil. Segundo o autor, até o armistício de 1641, poucas foram as vítimas oriundas de guerra regular. A guerrilha, por sua vez, ocasionou números consideráveis de casualidades. Mas foram as enfermidades as responsáveis pelas mais elevadas taxas de baixa durante os vários anos de ocupação em ambos os lados em confronto.⁶⁹⁰ Os principais motivos que levaram a tropa da WIC a sofrer tanto com doenças no Brasil parecem estar relacionados aos regulares problemas de abastecimento – que resultavam em uma precária situação alimentar da soldadesca e dos funcionários da Companhia –, às precárias condições de higiene dominantes e às árduas condições de trabalhos às quais os soldados estavam submetidos, sem falar na já referida incapacidade de lidar com algumas doenças.⁶⁹¹

4.2 Doenças entre as tropas da WIC

Quando Willem Piso, médico pessoal de Johan Maurits van Nassau-Siegen, escreveu em *História Natural e Médica da Índia Ocidental* (1658) a respeito “da natureza e cura das doenças

⁶⁸⁷ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 473; O coronel Van Waerdenburgh inclui entre as várias causas de baixas entre as tropas, nos meses iniciais, as “hostilidades de brasileiros, mouros [negros] e portugueses, que aparecem, de quando em vez, nos arredores da cidade, atirando-se contra os nossos”. Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630. In *Documentos Holandeses*, p. 33.

⁶⁸⁸ “[...] quase diariamente tínhamos pequenas escaramuças com o inimigo aqui [no Recife] e próximo da cidade [de Olinda]” ([...] *dabeneben täglich mit dem Feind, albie und bey der Stadt kleine Scharmützel gehabt*). Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l’Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, pp. 54, 58, 59-60, 63.

⁶⁸⁹ Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630; Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 14 de maio de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 34, 39.

⁶⁹⁰ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, pp. 472-473. Os números de baixas, a condição de saúde, os tipos de doenças e o tratamento médico destinado às tropas “luso-brasileiras”, espanholas e napolitanas durante os anos de confronto ainda não foram tema de pesquisa aprofundada, apesar de os autores Francisco Guerra e Evaldo Cabral de Mello (*Olinda Restaurada*) terem feito observações gerais a respeito do assunto, mencionado inclusive a existência de elevados índices de baixas – principalmente entre os contingentes provenientes da Europa –, a falta de medicamentos e a ausência de instalações apropriadas para atender às tropas oponentes do exército da Companhia das Índias Ocidentais.

⁶⁹¹ Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, p. 39; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, pp. 45, 132-133; Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630. In *Documentos Holandeses*, p. 33; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 106, 126.

familiares à Índia Ocidental” ele destacou entre as muitas doenças que afligiam o exército da Companhia o fluxo sanguíneo ou diarreia bacilar.⁶⁹² Esta era uma doença tão conhecida na Europa quanto outras duas enfermidades comumente registradas como causa de problemas entre os soldados: o escorbuto e a cegueira (noturna ou diurna). Longe de serem típicas doenças tropicais, todas essas enfermidades eram relacionadas, por um lado, com a insalubridade das instalações onde a soldadesca residia e, por outro, com o enfraquecimento provocado por mal-nutrição e privações características da vida militar.⁶⁹³ Elas não foram, no entanto, as únicas moléstias que assolaram as tropas da Companhia, embora tenham sido responsáveis por muitas baixas nas tropas. Bexiga, hidropisia, sífilis e tuberculose também ceifaram militares ao longo dos anos de ocupação.

Entre as doenças relacionadas às deficiências na dieta duas figuram com grande frequência na documentação da Companhia: o escorbuto e a cegueira, tanto a diurna quanto a noturna.⁶⁹⁴ Referências ao escorbuto na documentação da WIC foram comuns principalmente nos diários de bordo de embarcações e nos primeiros anos de ocupação, quando as tropas dependiam quase que exclusivamente do envio de provisões da Europa. Cartas escritas nos primeiros três anos após a conquista de partes de Pernambuco estão cheias de menções à doença.⁶⁹⁵ Longos períodos sem a ingestão de frutas e legumes frescos influenciavam diretamente em seu desenvolvimento. O escorbuto se manifestava com a paralisia, a inflamação da gengiva, a queda dos dentes e os desmaios. Esses sintomas eram agravados ainda mais pela falta de água.⁶⁹⁶ Portanto, era muito comum que militares e marinheiros desenvolvessem a enfermidade no trajeto de caminho para o Brasil ou no retorno para a Europa, visto que a falta de víveres frescos era algo corriqueiro nas longas viagens marítimas do período. As condições de existência dos homens no período pré-embarque também podiam ser decisivas no desenvolvimento do achaque. Períodos prolongados de espera em alojamentos insalubres ou mesmo nas embarcações

⁶⁹² Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 112-113.

⁶⁹³ Tal afirmativa teve por esteio, além da documentação, o depoimento do francês Pierre Moreau, em sua ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. Segundo o francês, “eram doenças comuns o escorbuto, o fluxo de sangue e os vermes engendrados nas serosidades corrompidas de seu sangue [...]”. A falta de alimentos frescos, a quantidade diminuta de comida distribuída e a água de qualidade ruim eram fundamentais para tornar os homens inaptos para o serviço de guerra. Estranhar o clima também parecia, segundo o autor, parte do problema. Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom), p. 98.

⁶⁹⁴ Para evitar confusões com o uso do termo apropriado, optou-se por utilizar cegueira diurna e noturna ao invés dos termos *Hemeralopia* e *Nyctalopia*, que designam respectivamente cegueira diurna e cegueira noturna. Ohba N.; Ohba, A. ‘Nyctalopia and hemeralopia: the current usage trend in the literature’. *British Journal of Ophthalmology*, Vol. 90, n. 12, 2006, pp. 1548-1549; Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, pp. 489-490.

⁶⁹⁵ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 45-47.

⁶⁹⁶ Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma’s Boekhuis, 1980, pp. 81-82.

contribuíram para que muitos dos militares já embarcassem doentes ou debilitados.⁶⁹⁷ Embora o soldado recém contratado da WIC Stephan Carl Behaim não tenha sido acometido pelo escorbuto na viagem para o Brasil, sua longa estadia em Texel, de fins de novembro de 1635 até o começo de janeiro de 1636, mostrou-se muito danosa para sua saúde e, quiçá, de muitos outros alistados. Doente, ele via poucas perspectivas de recobrar sua “força e saúde”, visto o “implacável frio gelado” no local de espera e a qualidade da comida fornecida pela Companhia – à qual ele dizia não estar acostumado.⁶⁹⁸ Behaim não era voz única nas queixas contra as condições pré-embarque. De acordo com Hendrik Haecxs, muitos dos integrantes da frota de socorro do Brasil de 1647 esperaram abarrotados nas embarcações, sob um “frio extremo”, por “8, 10, 12 e 15 semanas” até o embarque.⁶⁹⁹ Por causa dessas condições de pré-embarque, não é de se estranhar que vários meses antes de chegar a Pernambuco, o soldado Ambrosius Richshoffer tenha anotado em seu diário que os capitães das embarcações que transportavam as tropas para o Brasil tenham decidido seguir para as ilhas Canárias em virtude de que muitos dos tripulantes encontravam-se doentes e atacados pelo escorbuto, que segundo ele era “uma epidemia perversa da qual morreram muitos”. Em janeiro de 1630, Richshoffer menciona novamente que a doença espalhou-se em seu navio.⁷⁰⁰ Em outra embarcação, um mês antes, o general da expedição de ataque, Hendrick Corneliszoon Lonck, em declaração semelhante, falava que parte da sua tripulação estava afetada pelo escorbuto e por outras doenças.⁷⁰¹

Como as áreas conquistadas ficaram privadas de víveres frescos durante boa parte dos anos iniciais de ocupação, diariamente muita gente era acometida pela doença, conforme indicou o coronel Waerderburgh em julho de 1630, decorridos cinco meses desde a chegada das tropas no Brasil. Para se ter uma idéia do quanto a enfermidade afetava a tropa, deve-se mencionar que dos 600 doentes mencionados por Waerdenburgh naquele mês, 150 sofriam com o escorbuto.⁷⁰²

⁶⁹⁷ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 82; Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company*, p. 72; Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie*, pp. 85-86; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, pp. 92-93.

⁶⁹⁸ Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 30/12/1635 (carta de número 57). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 265-266.

⁶⁹⁹ Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’, pp. 121-123. Foi durante a longa espera que eles consumiram a maior parte dos víveres destinados à viagem, o que posteriormente se revelou muito danoso para a tripulação.

⁷⁰⁰ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 15, 36. Richshoffer atribuiu a enfermidade ao consumo de víveres deteriorados, principalmente o biscoito exposto ao ar quando a embarcação precisou ser reparada: “[...] diese böse Kranckheit hat sonderlich auff unserm Schiff dargestellt [dergestalt] grassirt, daß gar wenig davon befreyet gewesen, die Ursach ware, daß unsere Speisen, in Specie aber das Bisquit oder zweygebacken Brodt (von wegen daß solche in dem außladen an der Insul St. Vincent in den Lufft kommen) voller Würm und Käferlein worden, dadurch sie dann nicht allein ihre Krafft, sondern auch Geschmack verlohren”.

⁷⁰¹ Missiva do General Henrick Lonck, na Baía de São Vicente, à Companhia das Índias Ocidentais, levada ao conhecimento da Assembléia dos Estados Gerais a 13 de abril de 1630. Datada de 04-12-1629. In *Documentos Holandeses*, p. 24.

⁷⁰² HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 17, 23-07-1630: “den scheurbuyck daegelijx meer ende meer is toenemende”.

Em dezembro, queixando-se aos Estados Gerais sobre a falta de homens, o coronel alegou: “tenho aqui 3.500 [soldados] no máximo, e destes mais de 400 têm escorbuto”.⁷⁰³

O abandono de Olinda, em fins de novembro de 1631, também deu sua contribuição para o agravamento das carências alimentares nos anos iniciais. Um parecer de Johannes van Walbeeck, membro do Conselho Político do Brasil, ilustra bem a situação vivida pelos funcionários da Companhia. O conselheiro queixou-se de que, por conta da permanência das tropas numa ponta de terra estéril – isto é, o Recife –, sem liberdade de se dirigir para o interior, sem acesso a víveres e água fresca e dependendo exclusivamente dos alimentos enviados da República, a tropa era diariamente acometida pelo escorbuto.⁷⁰⁴ Além disso, Van Walbeeck era de opinião de que a Companhia precisava conquistar mais áreas para poder ter acesso a víveres frescos. A saída de Olinda representou, em parte, o fim do acesso a muitas árvores com frutos, inclusive os cítricos, eficazes no tratamento e prevenção do escorbuto. Segundo Van Walbeeck, enquanto ficassem no Recife, eles sentiriam a falta de vegetais que ainda chegavam da cidade de Olinda. Eles estavam, portanto, obrigados a procurar outros locais, do contrário continuariam a sofrer com o escorbuto. O estado de saúde de que desfrutavam naquele momento devia-se muito aos frutos obtidos nos pomares de Olinda.⁷⁰⁵

A tendência é que os casos de desenvolvimento do escorbuto tenham diminuído na medida em que a Companhia passou a conquistar mais territórios e, portanto, a ter acesso a víveres frescos. Mas as tropas continuaram sujeitas ao problema durante as viagens marítimas,⁷⁰⁶ durante amplos períodos de cerco ou de crise de abastecimento, algo de certa forma rotineiro nos anos de ocupação no Brasil.⁷⁰⁷ Todavia, é necessário ter cautela no diagnóstico de escorbuto encontrado na documentação e na historiografia, bem como na determinação de qualquer outra doença do passado.⁷⁰⁸ Isto porque o termo “*scheurbuik*”, geralmente associado à doença acarretada pela falta de alimentos frescos e que se manifestava por tumores e sangramento da gengiva, era

⁷⁰³ Missiva do coronel Diederick van Waerdenburgh, em Olinda, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*, p. 53.

⁷⁰⁴ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 45. Ver o relatório de Walbeeck em: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 95A, 27-11-1631.

⁷⁰⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 95A, 27-11-1631; Muito antes das observações de Van Walbeeck, o tenente-coronel Adolph van Els falava que em Olinda era possível obter alimentos a um baixo custo. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 4, 03-04-1630: “*daertoe is allerleij spijse seer goede coop geweest, soo dat apparentelijc hier veel te winnen is, maer tegenwoordich is het ganselijck slecht*”. No mesmo mês, Pieter de Vroe, secretário do Conselho Político, apontava como solução para o problema dos víveres frescos a colheita de frutos nos pomares de Olinda. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 47. Ver também: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 1, 02-04-1630.

⁷⁰⁶ De acordo com Charles R. Boxer, o escorbuto era uma das doenças mais comuns e mortais que atingiam os tripulantes durante as viagens marítimas. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 78.

⁷⁰⁷ Uma ata diária datada de 1641, quando as possessões da Companhia estavam muito mais ampliadas do que nos primeiros anos de ocupação, registra que a companhia do major Le Grandt recebeu um boi para reforçar a alimentação de soldados atormentados pelo escorbuto. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 15-03-1641.

⁷⁰⁸ Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 31-32, 79, 83.

empregado na República tanto para “peste” quanto para outros tipos de enfermidades causadas por avitaminose.⁷⁰⁹

“As doenças dos olhos, com o embranquecimento ou perda da visão, não ocupam o último lugar entre as primeiras queixas dos recém-chegados às Índias”, escreveu Piso, em suas observações sobre as doenças “familiares” aos habitantes das possessões meridionais da WIC.⁷¹⁰ A cegueira chegou a ser um problema tão corriqueiro que até havia sido incluída entre as indenizações estipuladas na Carta-Artigo da Companhia das Índias Ocidentais, de forma a recompensar financeiramente os militares que sofressem mutilações ou outros achaques durante o serviço. Apesar da sugestão feita na Carta-Artigo de que o problema era decorrente do “ar, virulência ou clima” (*Lucht, Fenijn of Climaet*) insalubres do Brasil, o problema é associado a uma dieta deficitária, especificamente pela falta de vitamina A, presente em algumas leguminosas, frutas e alimentos como leite, ovo e peixe.⁷¹¹ Durante o ataque ao forte Cabedelo, na Paraíba, em 1632, 40 soldados foram afetados pela doença, conforme informa Diederick van Waerdenburgh aos Senhores XIX.⁷¹² Em outubro de 1630, 120 soldados, especialmente os que não podiam mais enxergar durante a noite, foram enviados de volta para Europa. Até se pensou que eles estivessem simulando a cegueira, mas foi constatado que o problema era sério.⁷¹³

Com densas concentrações de pessoal em acampamentos, hospitais, navios e quartéis, os exércitos ofereciam condições ideais para a transmissão de doenças de grupo, como tifo e catapora, além das doenças associadas com higiene precária, como febre tifóide e disenteria. A dieta deficitária e a distribuição de alimentos corrompidos também contribuíam para a disseminação de moléstias. Os navios, por exemplo, eram ambientes especialmente nocivos e sujeitos à dispersão de enfermidades, haja vista a usual grande quantidade de gente em espaços confinados, a falta de água potável e de comida em bom estado de conservação.⁷¹⁴ Para evitar surtos epidêmicos, tanto a VOC quanto a WIC faziam recomendações para a manutenção da boa

⁷⁰⁹ Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie*, p. 81; Graaf, Ronald de. ‘Geneeskundige zorg in het Staatse Leger tijdens de opstand tegen Spanje’. *Leidschrift. Historisch Tijdschrift*. Jaargang 17, Nummer 1, 2002, p. 67.

⁷¹⁰ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, p. 89.

⁷¹¹ *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geotroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640, artigo XLIV; De acordo com Francisco Guerra, tanto a cegueira diurna (*Hemeralopia*) quanto a noturna (*Nyctalopia*) “tinham idênticos mecanismos físico-patológicos”. Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, pp. 489-490.

⁷¹² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 97A, 06-01-1632.

⁷¹³ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 64: “Den 22 ist hingegen die Jacht Overijfel mit Brasilien Holtz und Glocken beladen von hier abgesegelt, darauff auch 120 Mann, welche kein dienst mehr thun können, sonderlich die jenigen, so zu nacht gantz blind wurden, und ob man zwar vermeint, es seye bey den meisten ein angenommene Weise, so hat sich jedoch befunden, daß wann man ihnen ein brennendes Leicht für die offenen Augen gehalten, sie nicht einmahl gezucket, biß ihnen die Augbrauen damit versenget worden, dafür aber kein Mittel zu finden war”.

⁷¹⁴ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, pp. 76-77; Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 17-18, 73-74, 76-77, 79-80; Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie*, pp. 83-85, 86-87; Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 79, 267-268; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 106-107.

ordem e limpeza das instalações dos navios. As Cartas-Artigo da VOC e da WIC dedicaram algumas linhas sobre a necessidade de limpeza e organização dos espaços nas naus. O título nove, da *Articul-Brief* da Companhia das Índias Ocidentais, “Sobre doentes, barbeiros e afins” (*Van de Siecken, Barbiers, ende wat daer toe behoort*), dedica dois artigos à limpeza. O artigo 89, diz, por exemplo, que o quartel-mestre, encarregado da intendência, deveria limpar o navio todas as manhãs, por dentro e por fora. O artigo subsequente informa ainda que não era permitido a ninguém defecar ou urinar dentro do navio, exceto no local indicado, do contrário seriam punidos pecuniariamente. O mesmo castigo era estipulado para os que deixassem roupas molhadas pelo navio.⁷¹⁵ Essas especificações provavelmente não eram cumpridas com regularidade. É o que indica Hendrik Haecxs em seu diário, quando relatou os preparativos da frota de socorro de 1647. De acordo com ele, a sujeira e o mau-cheiro das naves era tão grande que foram dadas ordens a todos os comandantes e oficiais para mandar lavar os navios “de 3 em 3 dias, purificando-os com um pouco de vinagre”. Haecxs comenta ainda que por conta da negligência na limpeza advinham doenças e males que já haviam causado a morte de muitos homens. Fonte de queixas de Haecxs e de todos os oficiais de navios, o péssimo estado dos alojamentos, a água ruim, o alimento mau cheiroso e a aglomeração de gente também foram decisivos na deterioração das condições de higiene nas embarcações. Outro fator agravante era a prolongada “residência” nesse tipo de local. Sabe-se, por exemplo, que muitos dos homens estavam a bordo há muitas semanas, todos confinados aguardando a saída da frota. Para os que não faleceram no caminho, a estadia prolongou-se por várias outras semanas.⁷¹⁶

Esse tipo de ambiente era ideal para a propagação da disenteria, geradora de muitas queixas entre os funcionários da VOC e moléstia tão corriqueira entre os soldados estacionados na Europa que era conhecida por “febre de acampamento”.⁷¹⁷ Causada por condições sanitárias ruins, falta de água potável e alimentos corrompidos, a doença incidiu principalmente nos acampamentos, fortificações, na cidade e nos navios, todos locais que normalmente eram densamente habitados. Alguns casos entre a gente da Companhia foram relatados por Willem Piso como endêmicos – com característica de disenteria parasitária – ou epidêmicos – com fluxo sanguíneo, que para Fernando Guerra era sem dúvida de origem bacilar.⁷¹⁸

⁷¹⁵ *Articul-Brief*, artigo LXXXIX: “Ende op datter door Stanck geen Siecken souden onsteken sullen alle Quartier-meesters s’morgens de Schepen reynigen van binnen ende van buyten; XC. Niemandt sal oock vermogen sijn gevoeg te doen noch oock sijn water te maken of lossen binnen de Schepen anders dan ter plaetse daer toe verordineert ende daer het toe gelaten is: noch oock syn Cleederen nat gemaect hebbende sonder uyt te trappen in ’t Schip te laten liggen op te boete van tien stuyvers te verbeuren”; Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company*, p. 65.

⁷¹⁶ Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’, pp. 121-123.

⁷¹⁷ Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, p. 93; Parker, Angela; Geoffrey, Parker. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*. [Cambridge, 1977] Madrid: Ediciones Akal, 2000, p. 60.

⁷¹⁸ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 478; Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 96-114; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 107.

De acordo com Gonsalves de Mello, disenterias sangüíneas, chamadas de *rood loope* em certa carta de 1630, *root melesoen* em outra de 1646 e de *ventris fluxus* por Piso, mataram um número enorme de soldados, empregados civis e particulares.⁷¹⁹ Vários foram os registros dos danos ocasionados pela doença ao longo dos anos de ocupação da Companhia no Brasil, a exemplo da epidemia que atingiu cerca de 2.000 militares que participavam do assédio a Salvador em 1638 e do entrave causado às tropas de Nassau que avançavam contra o exército do conde de Bagnuoli em 1637.⁷²⁰ As baixas causadas pela doença remontam até mesmo ao momento anterior à chegada da Companhia em Pernambuco. O soldado Ambrosius Richshoffer anotou em seu diário que entre a força expedicionária da Companhia acampada na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, em 1629, grassou uma epidemia de fluxo sanguíneo “com violência” e que dela morreram muita gente. Para ele, a doença foi causada pela ingestão da carne gordurosa de tartarugas, consumo de água salobra e de outras comidas não saudáveis (*ungesunden Speisen*).⁷²¹ Em julho de 1630, Van Waerdenburgh queixava-se de que a maior parte dos 600 doentes do exército estava acometida com disenteria sangrenta (*roode loop*)⁷²² e alguns meses antes, o tenente-coronel Van Els afirmava que 1/3 da tropa da Companhia estava doente, sofrendo a maioria de fluxo sanguíneo.⁷²³ Militares que tentavam voltar para o Recife após a derrota em Santo Antônio (Tabocas), em agosto de 1645, foram acometidos por uma forte disenteria sangrenta, motivo pelo qual muitos morreram, relata Peter Hansen em seu diário.⁷²⁴ Em outra ocasião, Hansen fala novamente dos problemas causados pela disenteria sangrenta. Integrantes de uma expedição que procurava prata no interior do Rio Grande foram acometidos da moléstia, segundo ele, após beberem água de uma lagoa.⁷²⁵ Dessa vez não houve mortes e eles conseguiram chegar ao forte *Ceulen*, onde muitos anos antes o soldado de Amsterdã, Jacob Arentsz., que possivelmente tinha

⁷¹⁹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 133.

⁷²⁰ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 112-113; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 147.

⁷²¹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 30: “[...] *die rothe Ruhr gar starcke unter der Armee grassirt, daran dann sehr viel Volcks gestorben* [...]”. Essa era mais uma associação de Richshoffer entre doença e alimentos.

⁷²² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 17, 23-07-1630.

⁷²³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 4, 03-04-1630: “[...] *cunnen daer van opgeven 1/3 deel cranck is, meest vande roode loop*”.

⁷²⁴ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, p. 71. Peter Hansen também fez uma associação entre os alimentos consumidos e o achaque. Ele fala que, na falta de alimentos, a tropa, estacionada do engenho Tapacurá, alimentou-se apenas de laranjas, maracujás e outras frutas, além de beber garapa e por esse motivo a maior parte dos homens teve uma diarreia sangrenta. “[...] *davon wir meisten theils den Rothen Lauff oder den Bluthgang bekommen, sein auch viel davon weg gestorben*”.

⁷²⁵ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 87: “*Die aber davon truncken, sein strachß kranck geworden, und haben den Rothen Lauff gehabt*”. Talvez os homens tenham sido acometidos apenas por uma forte diarreia, diferente da disenteria sangrenta, que costumava ser fatal, pois causava massiva diarreia sangrenta acompanhada de febre, extrema desidratação e progressiva delibitação. Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 79-80.

enfrentado mais perigos de morte quando viajou à Guiné pela WIC, faleceu em decorrência da doença.⁷²⁶

As listas de pessoal enviado de volta à Europa também trazem informações sobre outras enfermidades que acometeram os militares da Companhia. Todavia, o desconhecimento de muitas doenças gerava diagnósticos vagos como “uma doença incurável” (*een ongeneselijcke sieckte*),⁷²⁷ “uma doença prolongada” (*een lanckduerige sieckte*), ou, mais frequentemente, era utilizado “incapacitado por doença” (*door sieckte onbequaem*). Por vezes foram citados os sintomas da enfermidade nos militares, a exemplo da “contração dos nervos” (*crimpinge van senuen*), da “rigidez dos membros” (*verstijftheijt van leden*), da “paralisia” (*lam, lammicheijt*) ou a “queda” ao chão (*vallende sieckte*) – literalmente “doença da queda”.⁷²⁸ Enfermidades reconhecidas também foram registradas, como no caso da hidropisia (*water suchlich*) e da tuberculose (*terende sieckte*), cujo desenvolvimento Piso creditava ao “estilo de vida” dos marujos.⁷²⁹ Tal assertiva remete a outros dois problemas associados ao tipo de vida dos militares e marujos: a sífilis e o alcoolismo.

A primeira era uma doença muito comum entre os europeus e, de acordo com Herman Wätjen, seus principais portadores e propagadores no Recife eram os soldados e as meretrizes que trabalhavam nas adjacências do porto.⁷³⁰ Piso também descreve uma doença chamada de *Lues Índica*, cujos sintomas eram semelhantes ao da sífilis, embora ele a diferencie. De acordo com ele, essa era uma doença transmitida através do “coito” ou “por mal hereditário” de pais a filhos e fazia “devastações não só entre os africanos e americanos, como também entre os lusitanos e flamengos”.⁷³¹ Em relação à segunda, sabe-se que o médico de Nassau também apontou os

⁷²⁶ Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 1280/66v-67, 20-05-1639.

⁷²⁷ De acordo com Geoffrey Parker, os registros dos hospitais onde estiveram alojados membros do exército de Flandres trazem muitas menções de gente que sofria de “uma doença incurável” que ele especula ter sido tuberculose, malária ou – “mais provavelmente” – uma doença venérea. Segundo o autor, a sífilis era corrente no exército de Flandres, mas como mencionado anteriormente, é difícil dar diagnósticos precisos de doenças do passado. Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [Cambridge, 1972] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 143.

⁷²⁸ De acordo com Owsei Temkin, entre os muitos nomes utilizados para epilepsia, um era baseado em seu sintoma mais visível: a queda ao chão. A doença era denominada de *passio caduca*, mas muitos nomes relacionados ao sintoma aparecem na literatura medieval de muitas nações européias, inclusive “doença da queda”. O termo epilepsia também era conhecido popularmente. Temkin, Owsei. *The falling sickness: a history of epilepsy from the Greeks to the beginnings of modern neurology*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1994, pp. 85-86. Ver também: Midelfort, Erik. *A History of Madness in Sixteenth-Century Germany*. Stanford: Stanford University Press, 1999, pp. 116, 296; Richelet, Pierre. *Le Grand et Nouveau Dictionnaire François et Flamand*. Première Partie. Bruxelles: Judocus de Griecke, Imprimeur, & Marchand-Libraire, 1707, p. 211.

⁷²⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138 A, 138B, 1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 219, 28-11-1632; Bontius, Jacobus; Markgraeff, Georgius; Piso, Gulielmus. *Oost- en West-Indische warande: Vervattende aldaar de leef- en genees-konst. Met een verbaal van de speceryen, boom- en aard-gewassen, dieren &c. in Oost- en West Indien voorvallende*. Amsterdam: by Jan ten Hoorn, boekverkooper tegen over 't Oude Heere-Logement, 1694, pp. 210-213.

⁷³⁰ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 394.

⁷³¹ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, p. 118; Cook, Harold J. *Matters of Exchange. Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*. New Haven/London: Yale University Press, 2007, p. 216. Sobre a sífilis, seu tratamento e associação com os hábitos sexuais ver: Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 66-70.

problemas causados pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas nos trópicos e reportou ter encontrado diversos casos de cirrose no fígado em exames pós-morte.⁷³² O historiador Herman Wätjen, comentando sobre o problema, aponta que eram conhecidas as exposições queixosas do governo e do Conselho da Igreja contra “escândalos públicos” acarretados por embriaguez de civis e militares. As admoestações também eram direcionadas para impedir o elevado consumo de vinho e “bebidas espirituosas” que “a gente de menores recursos consumia nos botequins e albergues da cidade”.⁷³³ Não foram poucas as vezes, por exemplo, que o militar Peter Hansen mencionou ter consumido bebidas alcólicas com seus companheiros nas horas de folga. Eles chegaram a percorrer uma longa distância para colher caju, no intuito de fazer vinho com a fruta. Hansen também relatou a presença de militares e funcionários civis bêbados dentro da fortificação onde servia, algo que não devia ser muito incomum nas guarnições da Companhia espalhadas ao longo do território.⁷³⁴ Segundo o diretor Jacob van der Wel, os soldados da guarnição da ilha de São Tomé, na África, gastavam seus soldos em vinho de palma e eram até mesmo capazes de “vender suas almas a troco de bebidas espirituosas”.⁷³⁵ Mas o problema não atingia apenas os mais pobres. Esse “pecado afetou [até mesmo] alguns pastores e autoridades civis” e era continuamente combatido pela Igreja Reformada, conquanto as reprimendas tenham obtido pouco sucesso.⁷³⁶ Eram também notórios os problemas com bebida que os comandantes da guarnição de Salvador tiveram. Albert Schouten, governador da WIC em Salvador, morreu em decorrência do consumo excessivo de álcool e foi substituído por seu irmão Willem Schouten, igualmente conhecido por seu vício em bebida.⁷³⁷ Muitas das correspondências privadas e oficiais

⁷³² Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 476.

⁷³³ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 396.

⁷³⁴ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 84, 91-93, 95-96, 101, 105.

⁷³⁵ Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. Zutphen: Walburg Pers, 2000, p. 236.

⁷³⁶ Schalkwijk, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, p. 51, notas 100 e 102. De acordo com Schalkwijk, o pastor Cristianus Wachtelo foi afastado do trabalho por conta do alcoolismo. Sobre o caso de Wachtelo, ver ainda as Atas das Assembléias da Igreja Cristã Reformada no Brasil: Assembléia Classical realizada no Brasil, no Recife de Pernambuco, no ano de 1637, no dia 3 de março (sessão 3, artigo 3) e Classe realizada no Brasil, no Recife de Pernambuco, no ano de 1638, dia 29 de outubro (sessões 5, artigo 5 e 6, artigo 1º). Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: Volume LVIII, 1993; Na República eram conhecidas as prédicas sobre os perigos da bebedeira. Por mais que a Igreja Reformada insistisse que álcool, além do fumo, fossem alimentos do demônio, ela não foi capaz de “estigmatizar seu consumo como impureza moral”. Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 171, 195, 198; Era difícil para a Igreja bater em hábitos de consumo da população. É sabido que a cerveja, por exemplo, era tomada em todas as refeições, tanto no desjejum como na taberna. Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 97.

⁷³⁷ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624 – 1654*. [1957] Recife: CEPE, 2004, p. 35; Boxer, Charles Ralph. *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola 1602-1686*. London: The Athlone Press, 1952, pp. 55, 61; Edmundson, George. ‘The Dutch Power in Brazil (1624-1654). Part I – The Struggle for Bahia (1624-1627)’. In *The English Historical Review*, Vol. 11, n. 42, 1896, pp. 245-246. Tanto Boxer quanto Edmundson não informam de onde retiraram as informações pessoais a respeito dos irmãos Schouten.

a respeito da vida dos europeus nos trópicos durante os séculos XVII e XVIII trazem informações sobre o elevado consumo de bebidas alcoólicas. Para Charles R. Boxer, por exemplo, não é exagero dizer que muitos dos neerlandeses e ingleses falecidos nos trópicos a serviço das companhias de comércio tiveram por causa o alcoolismo, mesmo considerando as elevadas baixas decorrentes da malária e disenteria.⁷³⁸

Além das enfermidades ocasionadas por problemas alimentares, pela falta de higiene ou decorrentes do “estilo de vida”, outros tipos de doenças mostravam-se danosas aos militares da WIC, como certa febre que atacou militares europeus e indígenas em São Tomé, cujas características lembram a febre amarela.⁷³⁹ Para B. N. Teensma, a febre que vitimou o pessoal da WIC na ínsula africana foi a malária, referida na documentação como “doença da terra” (*lantsieckte*).⁷⁴⁰ Segundo Gonsalves de Mello, essa “moléstia do país” também acometeu Nassau e foi responsável pela morte de muitos militares estacionados no interior do Brasil, principalmente nas áreas “pantanosas”, onde o mosquito transmissor da doença encontrava condições adequadas para sua reprodução. Possivelmente teria sido essa “doença da terra” que afetou a tropa da Companhia estacionada em Afogados, conforme escreveu o presidente do Conselho Político Servaes Carpentier, em 1634. Ele relatou que lá “grassou de tal modo a doença” que eles tiveram que mudar a guarnição por três vezes. Uma companhia de 150 homens foi reduzida, em menos de um mês, a 60.⁷⁴¹ Pouco mais de um ano depois, o coronel Arcizewski, envolvido no assédio ao Arraial durante a estação chuvosa, informou que ele, seus oficiais e soldados haviam sentido os efeitos das chuvas torrenciais. Muitos homens adoeceram e outros se fizeram de doentes para fugir.⁷⁴² Ainda durante o cerco ao forte, um mestre de equipamentos de uma das tropas envolvidas nas peijas relatou aos Conselheiros Políticos sobre o incômodo das tropas com a chuva diária. Ele falava da necessidade de transferir o alojamento dos militares para um lugar mais elevado, certamente porque o local onde os militares estacionaram estava sendo inundado e os homens estavam adoecendo.⁷⁴³ Não se sabe, todavia, se os militares padeciam de malária. Em

⁷³⁸ Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 209. Para dar suporte a seu ponto de vista, o autor cita – na mesma página – duas linhas de uma tumba do século XVII, em Coromandel, costa Sul da Índia: “Os neerlandeses e ingleses estiveram aqui / E eles beberam *Toddy* por falta de cerveja” (“*The Dutch and the English were here / And they drank Toddy for want of beer*”). *Toddy* – ou vinho de palma – é uma bebida alcoólica produzida com o suco de várias palmeiras.

⁷³⁹ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 477.

⁷⁴⁰ Teensma, B. N. ‘De sluipmoordenares: de Malaria Quartana’. In *Geschiedenis der Geneeskunde*. Jaargang 13, nummer 3. Antwerpen/Apeldoorn: Garant Uitgevers, 2009, pp. 172-174.

⁷⁴¹ A malária era provocada por um plasmódio – um tipo de protozoário – e era transmitida por um mosquito portador desse parasita. McNeill, J. R. *Mosquito Empires. Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914*. New York: Cambridge University Press, 2010, pp. 2-3; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 49; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 61, 18-04-1634: “[...] *want in de Afogados heeft de sieckte soo gegrasseert dat wij tot drijmalen de garnisoenen hebben moeten veranderen* [...]”.

⁷⁴² HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-05-1635. Arcizewski pedia ainda que os retirados para o Recife por conta de doença fossem bem inspecionados e que fossem punidos os farsantes.

⁷⁴³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1635.

junho de 1641, a “doença da terra” atacou os militares no Brasil tão seriamente que muitos foram enviados para serem tratados por um médico português (*eenen Portugesen Doctor*) no interior, acostumado a tratar das vítimas do achaque. No ano seguinte, soldados acometidos pela doença foram encaminhados para um “cirurgião português”.⁷⁴⁴

A despeito dos relatos, números concretos de militares vitimados por malária ou febre amarela no Brasil são praticamente desconhecidos. Embora não tenha mostrado qualquer dado quantitativo, J. R. McNeill diz que a enfermidade dificultou a vida dos invasores, mas não o suficiente para impedir seu progresso militar. Ele rebateu a afirmação de Francisco Guerra de que a malária não foi proeminente no Brasil.⁷⁴⁵ Episódios como os de abril de 1634, junho de 1641 e abril de 1642 podem dar validade a crítica de McNeill, caso essa “doença da terra”, definida por ele, Gonsalves de Mello e B. N. Teensma como malária, tenha afetado as tropas. Para Guerra, a “doença da terra” era a febre amarela. No entanto, a ausência de informações precisas sobre a *lantsieckte* que abateu os soldados da WIC no Brasil impossibilita saber quem está correto nesse debate, até porque nenhum dos autores supracitados forneceu elementos documentais suficientes para provar seus posicionamentos. Como mencionado, confusões na denominação de doenças do passado são comuns, assim como o uso de termos semelhantes para doenças diferentes, mas de sintomas parecidos. O importante neste texto, entretanto, é o quão nocivo foi o achaque para a tropa. Nesse sentido, as tropas da WIC não foram afetadas pela febre amarela ou pela malária da mesma forma que as guarnições de soldados europeus em outras áreas do globo.⁷⁴⁶ No Caribe, mais soldados morreram de malária do que em combate e algumas estimativas apontam que 90% das fatalidades de militares nessa área foram atribuídas à malária e à febre amarela. Na Ásia, a malária teria sido a possível causa de índices extremamente elevados de mortalidade entre os empregados da VOC, principalmente depois de 1733, embora em Batávia, por exemplo, a doença fosse endêmica antes dessa data.⁷⁴⁷ Homens da WIC do outro lado do Atlântico também foram dizimados em grandes números nas guarnições em São Tomé e Luanda. O primeiro ataque neerlandês àquela ilha, em 1599, redundou em um tremendo fracasso por causa de doenças e clima adverso.⁷⁴⁸

Também são conhecidas outras doenças e parasitas que causaram danos diversos aos militares da Companhia. As epidemias de varíola e bexiga que vitimaram muitos indígenas e

⁷⁴⁴ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-06-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 02-04-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 19-04-1642.

⁷⁴⁵ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 478; McNeill, J. R. *Mosquito Empires*, p. 96.

⁷⁴⁶ McNeill, J. R. *Mosquito Empires*, pp. 91-92, 96-97.

⁷⁴⁷ Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 80-81; McNeill, J. R. *Mosquito Empires*, pp. 91-92.

⁷⁴⁸ Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650*, pp. 36, 147-149, 153-154. Ver também: Teensma, B. N. ‘De sluipmoordenares: de Malaria Quartana’, pp. 172-174.

escravos nos anos de 1642 e 1643 podem também ter ceifado alguns dos militares.⁷⁴⁹ Problemas decorrentes da tripanossomíase, endêmica no Brasil muito antes da colonização européia, foram descritos por Piso, tendo ele mesmo sido infectado.⁷⁵⁰ No entanto, as moléstias não precisavam ser totalmente debilitantes para tirar soldados do serviço. Problemas nos pés de militares em campanha ao Sul de Pernambuco, em outubro de 1635, foram suficientes para inutilizar 200 homens, conforme apontou o governador Von Schoppe. O comandante reportou que os militares tiveram seus pés comidos por “*biesgens*” – corruptela de *beestjes*, isto é, “bichos” – e que não tinham medicamentos para resolver o transtorno.⁷⁵¹ Talvez o governador estivesse se referindo ao ataque do inseto *Tunga penetrans*, o popular bicho-do-pé, que acometeu militares que transitavam descalços no território.⁷⁵²

Esses foram alguns exemplos entre as várias moléstias que contribuíam para diminuir diariamente as forças da Companhia no Brasil. Os militares, no entanto, também estavam expostos a vários outros riscos inerentes à atividade para qual eles tinham sido contratados, como mutilações e ferimentos provocados por projéteis de artilharia ou acidentes.

4.3 Ferimentos infligidos

Como já mencionado, as doenças não eram as únicas responsáveis pelas baixas infligidas na tropa da WIC. Rotinas de trabalho e, principalmente, os combates expunham os militares a uma grande variedade de contusões, ferimentos e mutilações. Embora os levantamentos de tropas não sejam claros a respeito dos tipos de ferimentos sofridos pelos militares e termos vagos ou ambíguos tenham sido utilizados para indicar baixas por ferimentos ou doenças – como

⁷⁴⁹ Para as epidemias de varíola e bexiga que afetaram indígenas e escravos ver: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 16-01-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 06-02-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 07-02-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 04-10-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 12-02-1643; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 05-03-1643; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 13-03-1643.

⁷⁵⁰ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 478.

⁷⁵¹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-10-1635: “[...] *Secht meede dat aldaer wel 200 soldaten sijn, die geen dienst connen doen door dien de voeten biesgens opgegeeten worden, waer toe geen medicamenten aldaer hebben, om die te cureren [...]*”.

⁷⁵² No livro *Oost- en West-Indische Warande*, capítulo XXIII, fala-se, por exemplo, dos *bloedeloose beesjes*, cuja descrição coincide com o ataque do inseto *Tunga penetrans*. Bontius, Jacobus; Piso, Gulielmus; Markgraef, Georgius. *Oost- en West-Indische warande*; O soldado Caspar Schmalkalden faz igualmente uma descrição do *Tunga*, que ele também chama de *Bicho* ou *Bestien* em seu diário. Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998, p. 122. Schmalkalden fala ainda que esses insetos podiam ser encontrados em canaviais e galinheiros e que atacavam as pessoas principalmente quando elas andavam descalças. A remoção deveria ser feita com uma faca pontiaguda ou uma agulha, cortando-se toda área ao redor do inseto para evitar que seus ovos se espalhassem pelo pé. Passar um pouco de cinzas de tabaco e de suco de limão no pequeno ferimento feito para remoção era importante para uma cura rápida. Piso também falou do *Tunga* e do procedimento para tratamento no livro *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Ver: Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 601-602; Um terceiro autor, o militar Johann Paul Augspurger, fez igual referência ao inseto – ou pequenos vermes, *Wurmelein* – e ao tratamento. Johann Paul Augspurger. *Kurtze und warhafft Beschreibung der See-Reisen von Amsterdam in Holland nacher Brasilien in America, und Angola in Africa. Vom 4. Novembris 1640, biss 10 Julii 1642*. Schleusingen: Gedrukt bey Joh. Michael Schalln, 1644, p. 19.

“incapacitados” (*onbequaem*), “incapacitados para marchar” (*onbequam om te marcheren*), “incapacitados para trabalhar” (*onbequaem om dienst te doen*) ou “feridos” (*gequetst*) —⁷⁵³ a gravidade dos ferimentos podia ser descrita, a exemplo de uma listagem de maio de 1648 sobre a situação dos regimentos do exército da Companhia envolvidos na primeira batalha dos montes Guararapes, ocorrida em abril de 1648. Após o confronto, as forças de cada uma das companhias foram inspecionadas e classificadas em três categorias, de acordo com suas capacidades operacionais: os militares capazes de marchar — isto é, saudáveis (*hoe veel bequamen van ijder sijnen Comp.en can marchereren*) —, os mutilados, mas ainda em condições de trabalhar (*hoe vele datter sijn die wat mangel hebben ende nochtans dienst doen*) e os que não podiam trabalhar ou estavam ausentes (*die heel geen dienst coennen doen ende ock absent sijn*).⁷⁵⁴ Por sua vez, duas listagens de transporte de militares feridos, mutilados ou doentes datadas de 1631 fornecem uma visualização de alguns dos ferimentos recebidos no exercício da função. Esses dois arrolamentos trazem várias descrições das mutilações que incapacitaram os militares de trabalhar na Companhia. Entre os feridos e estropiados enviados nos navios *Campen* e *Matance* observam-se os exemplos de Mattis Wijnagel, que sofreu “uma grande fratura incurável” (*een groote ongeneselicke breuckel*), Symon Gerrits., incapacitado em decorrência de ferimentos causados pelo inimigo em ambos os joelhos (*door quetsueringe in beide de knijen voor den vijandt becomen, onbequaem*), Hans Seegers, incapacitado por ter sido alvejado no quadril (*door een schoot inde heup onbequaem*), Doncker Machoul, que carregava um estilhaço no peito (*pine inde borst*), Jan Versel, ferido na perna e incapacitado para o trabalho (*quetsuere in t been can geen dienst doen*), Henderick Brandt, que não podia trabalhar por cerca de 7 a 9 meses por conta de um ferimento na perna (*door een quetsinge aen t been soo dat in 7 a 9 maenden geen dienst heeft connen doen*), Joost Lambertsen, incapacitado por uma queda (*door vallen gequetst sijnde wert onbequaem bevonden*) e Gerrit Fredericks, ferido nos joelhos (*door quetsuere inde knijen can geen dienst doen*).⁷⁵⁵ As atas diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil também trazem descrições de casos individuais de ferimentos que resultaram no afastamento de militares. Após um longo tempo de serviço no Brasil, onde servia desde 1630, o veterano Antonio Falles foi dispensado da

⁷⁵³ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 100, 1635; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 54, doc. 13, 18-02-1639; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 64, doc. 14, 19-04-1648; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 64, doc. 15, 19-04-1648; HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 3, 19-04-1648; HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 15, 22-06-1648.

⁷⁵⁴ HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 2, 25-05-1648. Ausentes pode significar desaparecidos, já que muitos ficaram mortos no campo de batalha ou desertaram. Foram citadas na “situação” (*staet*) as baixas de cada um dos regimentos dos coronéis Guillaume de Hautain, Cornelis van den Brande, Johan van den Brinck, Kerweer e Martin van Elst.

⁷⁵⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, 138A, 1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, 138B, 1631; Fraturas incuráveis como a de Mattis Wijnage podiam ser um indicativo da falta de cálcio na alimentação. McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004, p. 111.

Companhia por causa de uma mutilação sofrida no pé.⁷⁵⁶ Ele permaneceu no Brasil na qualidade de homem-livre, ao contrário do francês Louis Petit, incapacitado de trabalhar por conta de um ferimento na perna.⁷⁵⁷ No mesmo ano da saída de Falles e Petit da WIC, o cabo neerlandês Cornelis Thomasz. retornou para as Províncias Unidas em decorrência de uma mutilação não especificada.⁷⁵⁸

Todos esses ferimentos registrados foram responsáveis pela retirada temporária ou definitiva desses militares do serviço. Mas pode-se dizer que eles tiveram sorte por não perder um membro do corpo ou a vida, o que podia ser um resultado rotineiro nos combates do período. O soldado Richshoffer, por exemplo, surpreendeu-se com o aspecto de alguns dos tripulantes – ou do que sobrou deles – dos vários navios integrantes da frota de Adriaen Janszoon Pater e Maerten Thijssen, de volta ao Recife após um intenso combate com a armada de Antônio de Oquendo, ocorrido em setembro de 1631. Segundo ele, as embarcações aportadas traziam, além de muitos feridos sem braços e pernas, “carne humana, miolos e sangue” espalhados por toda parte em uma quantidade tão grande que foi preciso raspá-los do convés com vassouras.⁷⁵⁹ Essa não era a primeira vez que Richshoffer testemunhava – ou talvez tenha escutado – a respeito dos efeitos e da violência de armamentos de grosso calibre nos corpos de seus companheiros de luta. Nos primeiros dias de ataque ao Brasil, ele anotou em seu diário que os canhões dos fortes do povoado do Recife foram responsáveis por ceifar muitas “cabeças, braços e pernas” dos tripulantes das embarcações que intentaram adentrar no porto.⁷⁶⁰

Todavia, os casos relatados por Richshoffer foram decorrência direta de ferimentos causados por inimigos, o que nem sempre era a razão da retirada de um militar do serviço. Quando retornavam do Brasil, os tripulantes do navio *Princes* entraram em alerta por acharem ter avistado uma frota inimiga. Na preparação para o combate iminente, Jacob Dircxz. teve seu olho esquerdo seriamente ferido por causa da explosão do seu mosquete.⁷⁶¹ Alguns anos antes do incidente de Jacob Dircxz, o soldado Lenart Smits, de Londres, também sofreu um acidente com sua arma de fogo, que explodiu e o fez perder a mão esquerda.⁷⁶² Aparentemente, os acidentes de Jacob Dircxz. e Lenart Smits eram comuns. Na frota de socorro enviada ao Brasil em 1647, foi observado, antes do embarque, que muitos dos mosquetes fornecidos pela WIC às tropas

⁷⁵⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637.

⁷⁵⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-03-1637.

⁷⁵⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 09-03-1637.

⁷⁵⁹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 88: “[...] ja es seind die Schiff inn- und außwendig dermassen so voller Menschenfleisch, Hirn und Blut besprützet gewesen, daß man solches mit stumpffen Besen abschroppen mußte, welches dann ein grausam Spectacul gewesen”.

⁷⁶⁰ Ibidem, p. 47.

⁷⁶¹ SAA, NA, 1289/109, 05-08-1644: “Het muskeet van Jacob Dircxsz. barstte hierbij uit elkaar waardoor zijn linkeroog ernstig verwond werd”.

⁷⁶² HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-03-1637.

estavam defeituosos. Em relatório apresentado aos Estados Gerais por Hendrik Haecxs, foram apontadas, além de várias outras carências, uma quantidade elevadíssima de armamentos defeituosos. Haecxs tentou, junto com os comandantes militares da expedição, remediar o problema, já que a qualidade ruim do armamento, segundo ele, poderia causar “a perda da saúde, do corpo e da vida” de muitos. Era uma previsão do que ocorreria no campo de batalha se o equipamento falhasse.⁷⁶³ Nos últimos dias de ocupação da Companhia no Brasil, o governo ainda ouvia queixas sobre armas defeituosas. Uma dessas explosões levou o polegar esquerdo de um soldado da Companhia.⁷⁶⁴ Outro desastre de trabalho foi testemunhado por dois militares escoceses que serviram no Brasil. O conterrâneo deles, Joan Niclaes (ou Jan Niccols), enviado ao Brasil sob o comando do militar polonês Arcizewski em 1639, morreu em 1643 no forte *Bruijn*, no Recife, ao ser atingido por uma grande pedra que estava sendo içada.⁷⁶⁵ O escocês devia estar a trabalhar em alguma obra de manutenção do forte, tarefa rotineira da vida militar. Até mesmo brigas e duelos entre funcionários da Companhia davam sua parcela de contribuição às baixas por ferimento e morte. O problema foi sério a ponto de o Alto e Secreto Conselho – em decorrência dos danos financeiros que tais justas causavam – resolver lançar um edital para o ressarcimento da Companhia – a ser feito pelos combatentes – pelo trabalho dos cirurgiões e pelos medicamentos despendidos no tratamento dos feridos.⁷⁶⁶

Deve-se acrescentar ainda que a possibilidade de perder um membro durante um confronto do período era tão grande, que a WIC preocupou-se em divulgar em seu panfleto de recrutamento uma listagem contendo os valores indenizatórios pela perda de partes do corpo durante o serviço (Imagem 9).⁷⁶⁷ A lista veiculada no panfleto era semelhante à estipulada na Carta-Artigo da Companhia, inclusive nos valores oferecidos.⁷⁶⁸ Porém, as explicações sobre a avaliação das mutilações sofridas a ser feita por cirurgiões e médicos da WIC, para a indicação do valor indenizatório, eram mais extensas na Carta-Artigo, possível indicativo de que a Companhia

⁷⁶³ Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’, pp. 113-119.

⁷⁶⁴ NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, Dagelijkse Notulen (DN) 13-01-1654.

⁷⁶⁵ SAA, NA, 1291/62, 19-04-1645.

⁷⁶⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-11-1639: “Ende alsoo daegelijcx veel gevechth ende snijden, met messen, houwen ende kerven omgaeth, niet alleen schandaleus in t ommeganck onder onse natie maer oock tot ondiens van de Comp.e is streckende, alsoo Comp.es dienaers veel gequets werdende door langs legghen, sonder de Comp.e dienst te doen, ende cost ende gagie voor niet treckende, ende daer en boven noch de Chirurgijns de handen vol wercx geven ende de Comp.es medicamenten daer aen gedissipeert werdende. Is goet gevonden een placcaet daer tegen te laten emaneren, in t welke oock des Comp.es schade vergoeden ende des Chirurgijns arbeit gecompenseert werdende”; Os diaristas Peter Hansen e Ambrosius Richshoffer relatam os resultados de duelos e brigas envolvendo funcionários militares e civis. Hansen envolveu-se pessoalmente em muitos dos confrontos narrados. Ele foi ferido, feriu e também relatou a morte de um alferes em uma briga na qual não tomou parte. Já Richshoffer registrou em seu diário a morte de um francês que duelara com um conterrâneo. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 91-93, 101-102; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 101.

⁷⁶⁷ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. s’Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647.

⁷⁶⁸ *Articul-Brief*, artigo XLIV.

não queria mostrar no folhetim de recrutamento os rigores burocráticos aos quais os mutilados seriam submetidos para poder receber uma compensação por suas perdas. Além da inspeção, o adoentado, ferido ou mutilado deveria levar uma certificação de seu comandante para comprovar que o ferimento ou mutilação foi causado ou recebido durante o serviço. Também seriam avaliados os casos de cegueira e as mazelas decorrentes do ataque de “bichos” (*besios*, *bícios*).⁷⁶⁹ Caso a WIC seguisse os procedimentos da Companhia das Índias Orientais, ela não daria compensações financeiras aos homens debilitados por sífilis ou àqueles tratados por mutilações originárias de brigas e duelos.⁷⁷⁰

Imagem 9 – Trecho do panfleto *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* de 1647 onde foram listados os valores das indenizações por perda de membros oferecidas aos soldados da Companhia.

Sullen voor Mincken, die sy in dienst voor den Vyant krijgen genieten, gelijk de Comp^{te} Soldaten vande Compagnie genieten, te weten:

Doo: een rechter arm	800	} gulden.
Doo: een linker arm	500	
Doo: beyde armen	1000	
Doo: een rechter been	450	
Doo: een linker been	450	
Doo: beyde beenen	800	
Doo: een oog	300	
Doo: beyde oogen	900	
Doo: een rechter hant	600	
Doo: de linker hant	400	

Ende dan hoort: Doo: andere mindere Minckinge ter discretie ende ooc: deel vande Reg: ringe/ ende luyden hun des verstaende/ ghelijck dit bydeet inden Artijckels-brief vande West-Indische Compagnie te sien is.

“Os soldados da Companhia deverão receber por mutilação feita pelo inimigo durante o serviço:

800 florins pelo braço direito, 500 florins pelo braço esquerdo, 1.000 florins por ambos os braços, 450 florins pela perna direita, 450 florins pela perna esquerda, 800 florins por ambas as pernas, 300 florins por um olho, 900 florins por ambos os olhos, 600 florins pela mão direita, 400 florins pela mão esquerda.

E além disso, [deverão receber compensação] por outros ferimentos a discernimento e julgamento do Governo e entendimento de seus funcionários, como é amplamente visto na Carta-Artigo da WIC”.

⁷⁶⁹ *Articul-Brief*, artigo XLIV: “Voor t’ verlies van alle andere Leden ende verlemtheden waer door iemant volcomen gecureert ende genesen sijnde noch echter van sijn voorige gesontheyt soude mogen verstaen ende bevonden worden berooft verminckt ofte daer door van t’ voorige gebruik sijner Leden gepriveert te sijn sal daer voor tot discretie van goede Mannen of Doctoren Chirurgijns ofte andere hun dies verstaende naer voorgaende Inspectie vergoet worden mits alijt vertoene en de met hem brengende Acte van haer Opperste Overicheden die ten tijde van haer quetsuire ende vermintheden t’ Commandement hebben ende t’ Scheep van den gebeelen Scheeps-Raet dat sy luyden de quetsuiren in t’ executeren van haer Ampt ende Bedieninge ten dienste van de Compagnie gecregen hebben sonder dat attestatie van minder Officieren of particuliere Personen of die niet terstont nae de verwondinge ende verminckinge versocht sijn sullen mogen gelden of oock van gescheurtheit of andere inwendige gebreecken ofte die van ongesonde Lucht Fenijn of Climaet voort-comen gelijk als de Besios ende Blintheit in Brasil Item Worm in Guinea ofte diergelijcke veel min van wonden sonder verlemtheden enige vergoedinge sal mogen geeytschet of gegeven worden”. Ver também a versão de 1641: *Articulen, Ende Ordonnantien ter vergaderinge vande Negenthiene der Generale Geootrooyeerde West-Indische Compagnie geresumeert ende ghearresteert*. Amsterdam, 1641, artigo XLIV; De acordo com Francisco Guerra, “bicho” podia ser uma referência à tripanossomíase em uma de suas síndromes principais, que causava distúrbios digestivos. A outra variação era conhecida por causar distúrbios neurológicos. A primeira foi citada por um cirurgião de Hildersheim chamado Jacob Lachmund, que esteve com as tropas da WIC em Salvador e por Willem Piso. O médico pessoal de Nassau também fez observações sobre a segunda síndrome. Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, pp. 480, 486-487.

⁷⁷⁰ Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company*, p. 90; A respeito do ressarcimento por tratamento médico a ser feito pela gente envolvida em brigas, ver a ata diária de novembro de 1639 mencionada na página anterior.

Essas “vantagens” oferecidas pela Companhia não eram, de todo, incomuns no mundo militar europeu, como demonstram Geoffrey e Angela Parker ao falarem do plano de pensão oferecidos a alguns dos militares do exército espanhol.⁷⁷¹ Era também corrente compensar os militares e marujos contratados pela VOC, bem como o pessoal do próprio exército da República das Províncias Unidas, por perdas de membros durante o serviço.⁷⁷² É incerto, entretanto, que a Companhia das Índias Ocidentais recompensasse todos os contratados por suas perdas, principalmente se for levada em consideração a usual dificuldade que os homens tinham em receber o saldo final pelo tempo de serviço. Dois atestados registrados em cartório na cidade de Amsterdã podem indicar que alguns dos ex-militares da WIC tiveram, no mínimo, problemas para obter alguma compensação financeira pelo tratamento necessário após a chegada à Europa ou pela perda de algum membro – ou órgão. Já foi citado o caso de Jacob Dircxz., que possivelmente perdeu a visão do olho esquerdo na explosão de seu mosquete. Dircxz. registrou o fato no cartório em Amsterdã e contou com o testemunho de dois tripulantes. Possivelmente ele precisou do testemunho desses dois para poder fazer o pedido de indenização.⁷⁷³ Já Albert Dircx., recém chegado do Recife, pediu uma declaração de dois cirurgiões de Amsterdã com quem se tratou após voltar para a Europa, de forma a provar que os diversos ferimentos recebidos nas pernas e nas nádegas, e cuidados por um cirurgião da WIC no Brasil, não foram tratados adequadamente.⁷⁷⁴

4.4 Assistência aos feridos e doentes

Em abril de 1639, após um ano e meio sem notícias de Stephan Carl Behaim, seus familiares escreveram ao homem responsável por seu recrutamento na Casa da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã. Eles souberam dele que um conhecido alemão de Behaim o havia visto pela última vez em novembro de 1637, em um forte da Companhia, ao Sul de Alagoas. De acordo com o relato desse contato, chamado Caspar Stör, Stephan Carl tornara-se um homem arruinado. Stör, que serviu em um regimento no Brasil, o viu sujo e febril, usando um casaco esfarrapado e andando sem meias e sapatos. Um dedo purulento, parcialmente podre e prestes a cair de seu pé, causava-lhe dor constante. Ele tentou admoestar Behaim a se lavar e a cuidar de si próprio, mas Stephan Carl perdeu o entusiasmo. Logo depois, ele foi transferido do forte em São Francisco para um hospital de Recife, onde Stör prometeu-lhe fazer em pouco

⁷⁷¹ Parker, Angela; Geoffrey, Parker. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*, p. 58.

⁷⁷² Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 60, 88-91; Cook, Harold J. *Matters of Exchange*, pp. 178-179; Graaf, Ronald de. *Oorlog, mijn arme schapen*, pp. 502-503.

⁷⁷³ SAA, NA, 1289/109, 05-08-1644.

⁷⁷⁴ SAA, NA, 852/131v, 11-08-1631.

tempo uma visita. Mais de quatorze meses se passaram antes que Stör cumprisse a promessa. Naquele tempo ele descobriu que Stephan Carl havia morrido um ano antes por causa de envenenamento sanguíneo, apenas dois meses depois de tê-lo visto no forte. De acordo com Caspar Stör, as condições do hospital eram tais que até um homem saudável não poderia sobreviver lá por muito tempo.⁷⁷⁵

O drama pessoal do soldado Stephan Carl Behaim narrado por Caspar Stör serve para mostrar alguns dos problemas enfrentados por muitos dos militares da WIC que adoeciam no Brasil, a exemplo da qualidade ruim do serviço médico oferecido pela Companhia e da ausência de instalações para o cuidado dos que serviam nas guarnições mais afastadas do Recife. Além dessas dificuldades, a falta de pessoal médico, a insuficiência de fundos e outras carências parecem ter sido constantes no dia-a-dia da conquista. Os próximos parágrafos desse extrato foram dedicados a tratar dessas matérias, além de dissertar sobre os tratamentos médicos oferecidos por funcionários da WIC no Brasil.

O traslado de Behaim do forte em São Francisco para o Recife, onde a Companhia detinha um hospital, foi um deslocamento comum entre militares enfermos ou feridos nas várias partes da conquista, pois a Companhia não levantava hospitais de campanha, nem dispunha de pessoal suficiente para atender a todos os militares estacionados nas diversas guarnições espalhadas pelo território. Algumas dessas transferências foram registradas em atas diárias do governo do Brasil, a exemplo do transporte de homens de guerra feridos e doentes durante campanhas militares em paragens ao Sul de Pernambuco, em diferentes momentos – Paripueira (Alagoas), Coruripe (Alagoas), Salvador (Bahia) e Rio Real (Sergipe).⁷⁷⁶ Apesar de a Companhia não montar hospitais de campanha – algo não incomum, pois durante parte da Guerra dos Oitenta Anos, os doentes e feridos do exército da República eram usualmente levados para os hospitais das cidades mais próximas para serem tratados –, barbeiros, cirurgiões e médicos, além do trabalho fixo que exerciam nas guarnições e hospitais, podiam acompanhar os militares em suas investidas.⁷⁷⁷

⁷⁷⁵ Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 283. Ver também o livro do historiador Anton Ernstberger, *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges*, que traz informações mais detalhadas sobre as cartas de Lucas Friederich, Abraham de Braa e Caspar Stör. Ernstberger, Anton. *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges. Zur Kulturgeschichte der Zeit*. Erlangen: Universitätsbund Erlangen-Nürnberg, 1963, pp. 86-89.

⁷⁷⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-05-1636; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-12-1637; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-05-1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-09-1640. Isso não significa que não fossem montados postos de emergência provisórios para atender aos feridos e doentes, conforme relatou Cuthbert Pudsey durante o cerco a Salvador, em 1638. Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640* [Payter, 1644]. Petrópolis: Editora Index, 2001, p. 129.

⁷⁷⁷ Swart, Erik. *Krijgsvolk: militaire professionalisering en het ontstaan van het Staatse Leger, 1568-1590*. Amsterdam: Proefschrift Universiteit van Amsterdam, 2006, p. 186; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 146, 1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 17-10-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30-12-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 02-04-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-08-1642.

No entanto, a ida ao campo de batalha nem sempre era voluntária, como sugere a ordem dada pelo Alto e Secreto Conselho do Brasil em 1639, que obrigou alguns cirurgiões a seguirem o exército.⁷⁷⁸ A relutância podia estar associada aos riscos de morte existentes durante os conflitos. Foi assim que um cirurgião e um barbeiro da Companhia perderam a vida enquanto serviam no regimento do coronel Van den Brande, envolvido na segunda batalha dos montes Guararapes, em fevereiro de 1649.⁷⁷⁹ O doutor em medicina, Willem van Milanen, que chegou ao Brasil enquanto membro da comitiva de Nassau, em 1637, também faleceu quando participava de operações militares em Alagoas, embora o documento que registra a sua morte não esclareça o motivo.⁷⁸⁰ Seu substituto, Willem Piso, junto com “cirurgiões europeus, lusitanos e batavos”, também seguiu a rotina das equipes médicas da Companhia e acompanhou Nassau no cerco levantado a Salvador em 1638, local onde fez alguns apontamentos sobre a atuação de indígenas no tratamento de militares feridos.⁷⁸¹

Ademais, três listagens da Companhia datadas de 1631, 1638 e 1642 permitem que se conheçam alguns dos locais de atuação dos funcionários encarregados de tratar da saúde dos militares da WIC e, não menos importante, a quantidade de funcionários empregados para atendimento médico da tropa. É importante mencionar ainda que aos militares não era reservado um hospital exclusivo, algo também observável nas Províncias Unidas. Seus rivais espanhóis, aliás, foram um dos primeiros a prover suas tropas com cuidados regulares e específicos na Europa, da mesma maneira que os franceses e algumas forças dispostas em territórios dos Estados Alemães.⁷⁸²

No arrolamento das forças de todas as companhias encontradas na chamada feita em outubro de 1631, quando a Companhia encontrava-se limitada ao Recife, Olinda, Antônio Vaz e no forte *Orange* em Itamaracá, foram registrados um total de sete pessoas designadas como “cirurgião e ajudante” – sem especificações quantitativas individuais – e outras cinco trabalhando

⁷⁷⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-07-1639.

⁷⁷⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 65, doc. 26, 19-02-1649.

⁷⁸⁰ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-04-1637. Supõe-se que ele tenha morrido durante as operações militares de Nassau em Alagoas, porque ele era médico pessoal de Nassau, como aponta Harold Cook em *Matters of Exchange*. Cook, Harold J. *Matters of Exchange*, p. 212; Outra pista que indica sua presença entre as tropas de Nassau é a referência, na mesma ata diária supracitada, do retorno de Nassau ao Recife, proveniente de Penedo, em abril de 1637.

⁷⁸¹ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 75-76.

⁷⁸² Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 185, 187. Nesse aspecto, de acordo com Ronald de Graaf, os soldados do exército de Flandres eram mais bem providos do que os homens da República. Mas nem todos os membros do exército eram atendidos. Aqueles recrutados localmente não eram admitidos nos hospitais militares, embora pudessem ser tratados pelos cirurgiões que acompanhavam as tropas e receber tratamento em hospitais temporários levantados por ocasião de campanhas militares. Graaf, Ronald de. *Oorlog, mijn arme schapen*, p. 504; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 141-142.

com Servaes Carpentier, médico graduado de Utrecht, além do seu irmão farmacêutico, Gerardt Carpentier.⁷⁸³

De acordo com a lista dos salários semanais e dos víveres distribuídos aos empregados da Companhia em 1638, no Recife trabalhavam o mestre Abraham Duurcoop, judeu Ashkenazi proveniente dos Países Baixos, e mais um cirurgião chefe (*Oppper chirurgyn*) – ou primeiro cirurgião – com outras cinco pessoas – possivelmente ajudantes –, um farmacêutico e dois consoladores de enfermos. No hospital, dois barbeiros eram supervisionados por uma espécie de diretor da casa de saúde (*Gasthuisvader*), enquanto que em Antônio Vaz atuavam três barbeiros. Nos fortes *Bruijn* – mais seu reduto – e *Prins Willem* serviam, respectivamente, um barbeiro chefe com um ajudante e um barbeiro e três aprendizes de barbeiro (*Barbiers gesellen*). No Sul de Pernambuco, as guarnições de Sirinhaém e do Cabo de Santo Agostinho eram servidas por dois barbeiros, embora a última contasse com o apoio de dois consoladores de doentes. Ao Norte de Pernambuco, cada uma das guarnições de Goiana e do forte *Orange* tinha um barbeiro a serviço, enquanto que a vila *Schoppe* (Vila de Nossa Senhora da Conceição), onde havia outro hospital, era local de trabalho para três aprendizes de barbeiro e um consolador de enfermos, todos coordenados por um *Gasthuisvader*. Mais ao Norte, *Frederickstadt* também tinha um hospital. Lá o administrador tinha a sua disposição um barbeiro e um consolador de enfermos.⁷⁸⁴

Por fim, um extrato que lista o pessoal auxiliar a serviço da Companhia em 1642 fornece mais uma visualização do tamanho e local de serviço da equipe médica da conquista. No ponto mais austral de atuação das forças da WIC, em Sergipe, trabalhavam junto às tropas um cirurgião e seu auxiliar, mais um consolador de doentes. Tanto Alagoas [sic] como Porto Calvo tinham destacados um cirurgião e um consolador, enquanto que Una e Sirinhaém tinham um barbeiro cada. A área de Ipojuca era servida de um consolador de doentes, da mesma forma que o Cabo de Santo Agostinho, onde também serviam um barbeiro e um cirurgião. Aproximando-se do Recife, os fortes *Prins Willem*, *Vijfhoek* e *Ernestus* contavam cada um com os serviços de um barbeiro. A ilha de Antônio Vaz também era servida de um desses empregados. No Recife e nas guarnições dos fortes circunvizinhos trabalhavam farmacêuticos, barbeiros e consoladores de doentes, além do médico pessoal de Nassau, Willem Piso e do Mestre Duurcoop, ambos estacionados no hospital. Ao Norte, Itamaracá e Igarassú eram locais de pouso de dois consoladores de doentes, enquanto que apenas um cirurgião atendia *Frederickstadt* e os fortes da barra do rio Paraíba. No Rio Grande, um barbeiro atuava no forte *Ceulen*.⁷⁸⁵

⁷⁸³ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631.

⁷⁸⁴ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 146, 1638. Sobre o mestre Abraham Duurcoop, ou Dierkoop, ver: Guerra, Francisco. 'Medicine in Dutch Brazil 1624-1654', p. 480.

⁷⁸⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-08-1642.

Comparado com o número total de homens a serviço da Companhia no Brasil, essa equipe médica era insuficiente para atender aos militares. No mês de outubro de 1631 e no mês de julho de 1638, por exemplo, os contingentes do exército da WIC eram respectivamente de 3.819 e 2.728 militares, sem contar com funcionários civis e marujos estacionados no porto ou em trabalho nas frotas, enquanto que o pessoal destinado a cuidar de enfermos e feridos abrangia 12 pessoas em 1631 e 36 em 1638, incluindo na contagem os administradores de hospital e os consoladores de enfermos, que a princípio não cuidavam dos doentes. Tais cifras podem indicar que a Companhia tinha dificuldades em acolher possíveis pacientes, especialmente em períodos de contínuas operações militares, pois às quantidades regulares de gente enferma eram somadas as vítimas de ferimentos.⁷⁸⁶ A carência de pessoal não foi percebida somente nas listas supracitadas, mas diretamente referida em queixas feitas por funcionários da Companhia, como a de julho de 1630, na qual os conselheiros políticos Pieter van der Hagen e Pieter de Vroe, em carta endereçada aos Senhores XIX, aludem à insuficiência de cirurgiões para o cuidado dos doentes.⁷⁸⁷ O problema podia levar ainda à utilização de um único empregado em dois locais de trabalho, como aconteceu em 1642 com o cirurgião do hospital da Companhia em Recife, designado para servir também no forte *Bruijn*.⁷⁸⁸

Mas a escassez de cirurgiões e barbeiros não era o único problema das casas de saúde da WIC no Brasil. Outras carências foram apontadas durante vários momentos da ocupação. Em 1637, por exemplo, faltaram leitos no hospital da Companhia em Recife para receber os doentes e feridos oriundos das campanhas militares do Sul de Pernambuco e, em 1642, muitos soldados estiveram, quando acometidos provavelmente por malária (*lantsieckte*), alojados em um velho armazém em Recife por falta de lugares livres no hospital.⁷⁸⁹ Dificuldade semelhante foi observada durante a grande fome que grassou no Recife em 1646, seguida de uma epidemia que acabou por elevar drasticamente o número de enfermos na cidade. Segundo Herman Wätjen, a situação era tão grave que os “médicos” não souberam como e onde poderiam internar as

⁷⁸⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 114, 20-07-1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 57, doc. 38, 24-07-1642.

⁷⁸⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 19, 26-07-1630.

⁷⁸⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 02-04-1642: “*Noch versoecken dat de Scherurgijn van t Gasthuijs, bij dese tegenwoordige schaersheijt van scherurgijns de patiënten int fort de Bruijne soude geordonneert worden, mede waer te nemen vermits t’selve fort daer naest bij gelegen is, ende sulcx voordesen een gebruijck is geweest. Is goet gevonden volgens haer versoeck de voors Chirurgijn van t gasthuijs daertoe te houden*”.

⁷⁸⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-03-1637: “*De diaconen en gasthuijs meesters verthoonende hoe dat int Gasthuijs gebreck was van coijen om de siecken en gequetsten die nijt het leeger quamen te connen accomoderen. Is haer geconsenteert vijftich deelen en vijftich sparren, om coijen van te maecken*”; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 02-04-1642: “*Gebreack van huijsinge voor die de lantsieckte hebben Doctor Piso ende Mr. Abraham Duercoop dragen voor dat de soldaten, die bij den portugesen Doctor vande lantsieckte gecureert worden, een andere huijsinge tegen dit winter seizoen dienen te hebben, alsoo in het oude packhuijs niet langer en kosten geaccomodeert worden. Is goet gevonden dat sij met de gasthuijs Mr. sullen spreekken om te sien oft sij aldaer niet en souden kunnen logeren, om de onkosten vant bouwen voor te komen, ende dat men haer aldaer haer kost ende lenning gelden souden laten ontfangen*”.

vítimas.⁷⁹⁰ A confusão parece ser ainda maior do que o historiador alemão apontou, haja vista que naquele ano muitos órfãos foram alojados na casa de saúde, por conta da ausência de um orfanato.⁷⁹¹ Com a conquista em guerra desde 1645, o Recife continuou aparentemente incapacitado para receber grandes quantidades de doentes. Em 1647, a superlotação do hospital no Recife acabou interferindo no funcionamento da casa de saúde da Paraíba, que terminou por receber, de acordo com a Ata da Classe do Brasil de janeiro daquele ano, “dez, vinte e até trinta doentes” provenientes do Recife.⁷⁹² O hospital da Companhia na Paraíba aparentemente não tinha capacidade de receber muitos enfermos, de acordo com as observações feitas em outra Ata da Classe do Brasil, de maio de 1648.⁷⁹³ A escassez de comida, de medicamentos e de outros materiais para o cuidado dos doentes também esteve rotineiramente na pauta de reclamação de funcionários da Companhia ou dos administradores dos hospitais.⁷⁹⁴ Destaque deve ser dado para a grande carência de medicamentos entre os anos de 1641 e 1644,⁷⁹⁵ que levou a Companhia a comprar remédios de comerciantes livres locais.⁷⁹⁶ O problema era tão grave que foi dada ordem ao médico e aos cirurgiões do hospital da Companhia em Recife para não distribuírem

⁷⁹⁰ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 393.

⁷⁹¹ Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. Ata da Classe do Brasil de janeiro de 1646, sessão 5, artigo 38, gravame 8.

⁷⁹² Ibidem, Ata da Classe do Brasil de janeiro de 1647, sessão 8, artigo 5, gravame 2 e artigo 6, gravame 3.

⁷⁹³ Ibidem, Ata da Classe do Brasil de janeiro de 1647, sessão 2, artigo 1.

⁷⁹⁴ A já citada carta de Pieter van der Hagen e Pieter de Vroe, de julho de 1630, menciona, além da falta de cirurgiões, a escassez de medicamentos para tratamento dos doentes. O problema foi tão grave que “todos os doentes pediram para partir para casa”. No original: “*alsoo nij van alle medicamenten seer schaers versien sijn ende d’ selve ten hooghsten noodigh hebben om de siecken die veel sijn te pensen. Ende alhier geen en weeten te becomen, ende oorsaeck is dat alle siecken versoecken om naer huijs te moghen trecken*”. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 19, 26-07-1630; Em fevereiro de 1636, a chegada de muitos feridos do exército da Companhia fez com que os diáconos envolvidos na administração do hospital pedissem ao Conselho Político que fossem cedidas duas vacas do curral da Companhia para ajudar no tratamento dos homens. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-02-1636. No mês seguinte, uma outra ata diária do Conselho Político refere-se às muitas queixas diárias feitas pelos cirurgiões, que apontavam a falta de linho, a ser utilizado nas ataduras feitas nos feridos. No original: “*Alsoo de Chirirgijns dagelicx seer clagen dat geen out linnen hebben om de patienten te verbinden ende vande Ed: Comp.e in lang[...] niet gebadt hebben is der selven geresolveert bijde vrije [...] luijden linnen te coopen op dat de gequetste als andere mog[...] verbonden worden*”. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 18-03-1636. Até mesmo a falta de livros para os consoladores de doentes, que auxiliavam a equipe médica, foi registrada em uma ata diária. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 23-02-1638; Em 1646, faltavam roupas brancas e medicamentos, além de alimentos. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 393.

⁷⁹⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 20-11-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 21-11-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 25-11-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 14-02-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 20-03-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 02-06-1643; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 07-07-1643; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação. Cristãos-novos e judeus em Pernambuco 1542-1654*. 2ª Edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996, p. 242.

⁷⁹⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 20-03-1642; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 07-07-1643. Gonsalves de Mello, citando as atas diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil, menciona que o médico judeu Abraão de Mercado vendeu medicamentos à Companhia nos meses de janeiro (263 florins e 7 stuivers) e setembro (1.000 florins) de 1642 e nos meses de março (362 florins e 8 stuivers), julho e dezembro (237 florins e 11 stuivers) de 1644. Uma ata diária de março de 1650 registra a compra de medicamentos a outro médico judeu – Doutor Musaphia – pelo valor de 400 florins. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação*, pp. 242, 378. Os contatos com médicos judeus no Brasil não eram fortuitos. De acordo com Francisco Guerra, os médicos mais célebres da Espanha e Portugal eram judeus. Muitos deles migraram para os Países Baixos e outros foram parar no Brasil. Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 479.

medicamentos às mulheres e filhos de funcionários da WIC, à exceção dos que realmente fossem funcionários da Companhia ou estivessem em tratamento no hospital, além de algumas esposas e filhos de soldados pobres, “que não tinham meios de comprar os medicamentos necessários para seu tratamento”.⁷⁹⁷

A construção e manutenção de hospitais e o pagamento dos salários de médicos, cirurgiões, barbeiros e outros funcionários era responsabilidade da WIC, embora o cuidado dos doentes fosse um serviço cooperativo que envolvia o governo, a Igreja Reformada e a sociedade.⁷⁹⁸ A divisão da responsabilidade, no entanto, não é clara. O próprio governo considerava os diáconos como supervisores dos hospitais e no caso de vacância de importantes posições no pessoal, a igreja não apenas aconselhava o governo, como também exercia sua influência na nomeação de membros.⁷⁹⁹ No hospital da Companhia em Recife, a administração do estabelecimento era confiada a “alguns Deões e matronas piedosas”, que prestavam contas à enfermeira chefe (*Gasthuismoeder*) e a um diretor (*Gasthuisvader*).⁸⁰⁰ Também era importante o papel dos consoladores de enfermos (*ziekentroosters*) no cuidado dos acometidos por moléstias. Segunda categoria de funcionários não-ordenados da Igreja Reformada, os consoladores tinham inicialmente – nos Países Baixos do século XVI – um trabalho ligado aos doentes, mas durante a ocupação da Companhia no Brasil, observou-se que suas funções foram ampliadas. Além do auxílio espiritual feito em hospitais, eles trabalharam nas embarcações, nos fortes e nos campos de batalha, ajudando também pobres, órfãos, moribundos com seus últimos pedidos e cuidando dos condenados em suas últimas horas. Também atuaram na catequização de indígenas e atuaram ainda como professores. De acordo com F. L. Schalkwijk, pelo menos noventa desses funcionários atuaram no Brasil, muitos deles – como visto nas listagens de 1631, 1638 e 1642 – entre os militares. Eles também estiveram presentes em grandes números nas áreas sob administração da VOC e a bordo de embarcações da marinha da República.⁸⁰¹

⁷⁹⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 02-06-1643: “Soo wij bemercken dat eenige Comp. medicamenten verbruijct worden aen de vrouwen ende kinderen van des Comp. dienaers, is den doctor ende churghen gelast ordre te stellen inde apoteecq dat aen niemant eenige medicamenten sullen werden nijtgereijckt als die in actuelen dienst sijn ofte int gasthuijs gecureert worden nijtgesondert aen eenige arme soldt. vrouwen ende kinderen die geen middelen hebben de medicamenten tot hare sieckte noodich te coopen, waer in sij de gelegentheynt verondersocht hebbende handelen sullen na discretie”.

⁷⁹⁸ Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 481; Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, pp. 123 (notas 221 e 223), 241. De acordo com Mary Lindemann, a assistência médica aos pobres era um dos elementos centrais dos trabalhos de caridade da Igreja Reformada. Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, p. 230.

⁷⁹⁹ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 123, nota 224.

⁸⁰⁰ Ibidem, p. 124; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 392.

⁸⁰¹ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 132-133, 136-137; Niet, Johan de. *Ziekentroosters op de pastorale markt 1550-1880*. Rotterdam: Erasmus Publishing, 2006, pp. 14, 39-41. Segundo Johan de Niet, pelo menos 2.022 consoladores de doentes estiveram trabalhando em embarcações da VOC no período de 1602 a 1795.

Além dos administradores e auxiliares (enfermeiras e consoladores), a Companhia provia suas guarnições com barbeiros, cirurgiões, e ocasionalmente médicos. Por isso, são tão escassos os registros de “doutores em medicina” na documentação, embora isso não seja algo a se estranhar, pois eram cirurgiões e barbeiros que compunham a maior porcentagem do pessoal que cuidava da saúde das pessoas na Europa pré-moderna.⁸⁰² Nas regiões sob jurisdição da Companhia das Índias Orientais a situação era semelhante e muitas vezes quem cuidava das doenças, por ausência de médicos, eram os cirurgiões.⁸⁰³ Barbeiros e cirurgiões compunham o grosso da equipe médica do Brasil e eram divididos hierarquicamente, a exemplo de mestre cirurgião ou primeiro cirurgião (*meester, opperchirurgijn*) e cirurgião auxiliar ou aprendiz (*knecht*). Barbeiros também eram diferenciados por hierarquia (*opperbarbier, barbier, barbier gesellen*).⁸⁰⁴ De acordo com Iris Bruijn – em estudo sobre cirurgiões a serviço da VOC –, para trabalhar nas frotas os candidatos a cirurgião deviam fazer um exame (*Zeeproef*) que requeria um período de preparação mais curto do que os que trabalhavam em terra (*Huisproef*). Os aprovados não recebiam licença para a prática em terra firme, mas podiam alcançar o posto de primeiro cirurgião trabalhando a bordo. Isso dependia, no entanto, da guilda onde o candidato fazia o teste.⁸⁰⁵

Nos Países Baixos, Inglaterra e França do século XVII, cirurgiões e barbeiros eram formados através de um sistema de guildas que não envolvia muito treinamento formal, mas

⁸⁰² Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 262-264; No Brasil foi registrada a presença do “doutor” Servaes Carpentier (*D’ Hr Carpentier*, 1631), do “doutor” Jacop Stalpaert (*Doctor Jacop Stalpert van der Wielle*, 1635), do “doutor em medicina” Willem Milanen (*Ed Milanen Doctor Medicine*, 1637), do “doutor” Willem Piso (*Doctor Piso*, 1641) e do “médico das tropas no Brasil”, Mathias Grausius (*arts der troepen in Brazilië*, 1648). HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631, HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 50, doc. 137, 28-08-1635, HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-04-1637, HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-06-1641, HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.43, doc. 6, 04-12-1648. Gonsalves de Mello relaciona ainda outro médico, o doutor Carolus Menedeth. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 133. O historiador fala também do médico judeu sefardim Abrahan de Mercado. Aparentemente, ele não tinha vínculo contratual com a Companhia, semelhantemente a outros dois doutores judeus que atuaram no Brasil, Dr. Manuel Nunes e Dr. Musaphia. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação*, pp. 242, 378, 415-416. O doutor Mathias Grausius substituiu o “doutor em medicina” Simon Kohout de Lichtenfeld, de Praga, morto em 1648. Lichtenfeld emigrou para as Províncias Unidas junto com sua família durante a Guerra dos Trinta Anos. Ele trabalhou como médico na Zelândia antes de seguir para o Brasil na frota de socorro de Witte Corneliszoon de With, em 1647. Mout, Nicolette. ‘Os primeiros tchecos no Brasil’. In *Ibero-Americana Pragensia*. Ano III, 1969, p. 221. É importante lembrar ainda que Georg Marcgraf esteve matriculado na Faculdade de Medicina da Universidade de Leiden, em 1636, embora tenha seguido para o Brasil como astrônomo. Na conquista, ele fundou uma farmácia e também atuou como médico. Cook, Harold J. *Matters of Exchange*, p. 213. Ver também: North, J. D. ‘Georg Markgraf, an astronomer in the New World’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*, pp. 401-402; Whitehead, P. J. P. ‘Georg Markgraf and Brazilian zoology’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*, p. 450.

⁸⁰³ Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 18, 49, 353; Cook, Harold J. *Matters of Exchange*, p. 179.

⁸⁰⁴ Parte dessas denominações podem ser encontradas nos arrolamentos de 1631, 1638 e 1642. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631, HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 146, 1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-08-1642. Além dessas listagens, registros de contratação, de queixa ou pedidos de aumento salarial dispostos nas atas diárias do Alto e Secreto Conselho e nas Cartas e Papéis do Brasil também trazem essas designações. Ver: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 20-03-1636; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-10-1637; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 25-10-1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 16-04-1642.

⁸⁰⁵ Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 60-61.

sobretudo prático. Apesar de suas inabilidades em tratar muitas das doenças que atacavam os militares, eles incorporavam práticas locais de cura no tratamento de doentes. Eles não podiam fazer muito contra epidemias, exceto prescrever repouso, recomendar uma melhoria na dieta e torcer pela melhora do enfermo.⁸⁰⁶ Aparentemente eles não estavam organizados em guildas no Brasil. Se for levado em consideração o que ocorria na Ásia sob administração da VOC, tal suposição estará correta, pois essa Companhia era quem determinava se o contratado tinha ou não qualificação para exercer o posto de cirurgião. Possíveis indícios de que a WIC também controlava a admissão de pessoal médico foram as contratações no Brasil dos militares Benoit Pellerin e Thomas Colman. Segundo uma ata do Alto e Secreto Conselho de maio de 1637, Pellerin – inicialmente enviado ao Brasil como soldado – foi aceito como cirurgião após ser examinado.⁸⁰⁷ Já Colman, contratado inicialmente como cadete, estava trabalhando como cirurgião no convento em Antônio Vaz há 14 meses.⁸⁰⁸ Não foram mencionados os critérios de seleção de ambos, embora pareça evidente que o governo da WIC – possivelmente junto com seus médicos e cirurgiões – decidisse quem estava apto para as tarefas de assistência aos doentes e feridos.

A Companhia teve hospitais em Recife, *Frederickstadt* e na vila *Schoppe*, embora não se saiba quando essas instituições foram construídas.⁸⁰⁹ De acordo com Francisco Guerra, após a chegada de Johan Maurits van Nassau-Siegen foi iniciada a construção de um hospital dentro do Castelo da Terra, ou forte São Jorge, embora uma casa de saúde funcionasse anteriormente no Recife e fosse, segundo Wätjen, um dos edifícios públicos mais antigos construídos pelos neerlandeses. Esse hospital do Recife atendia a civis e militares e era administrado de acordo com as regras da República, embora, em certos aspectos, tivesse os mesmos objetivos religiosos e de caridade que as Casas de Misericórdia portuguesas. Sabe-se ainda que a Casa de Misericórdia de Olinda, destruída durante o ataque de 1630, foi reconstruída em 1640 a pedido dos moradores

⁸⁰⁶ Ibidem, p. 25; Snelders, Stephen. ‘Chirurgijns onder de zeerovers in de 17e eeuw’. In *Nederland Tijdschrift voor de Geneeskunde* (NTvG). 2005 24 december; 149(52), pp. 2933-2935. “Homens práticos”, cirurgiões e cirurgiões-barbeiros “aliavam a arguta observação dos casos que assistiam à medicina erudita apreendida nos livros e, dessa mescla, produziam um novo conhecimento que oscilava entre o popular e o erudito”. Furtado, Júnia Ferreira. ‘Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial’. In *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 41, 2005, p. 90. É importante salientar que apesar de os cirurgiões realizarem atividades usualmente mecânicas, eles precisavam demonstrar certo conhecimento teórico para obter da guilda sua licença de trabalho. Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 128-131, 136.

⁸⁰⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637: “Benoit Pellerin van Borgoin voor soldaet gecomen met het schip de Griffioen van Amsterdam. Is naer examinatie aengenomen voor Chirurgijn a 15 gulden ter maent ende sal dienst doen aende Cabo St. Augustijn”.

⁸⁰⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 20-03-1636: “Thomas Colman gecomen met overijssel voor adelborst ende bedient hebbende de Chirurgijns plaetse in t Clooster op Antonio Vaez ontrent de veerthien maenden is toegelecht 14 gl. p.r maent”.

⁸⁰⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 146, 1638; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-08-1642. Francisco Guerra fala de hospitais em Goiana e Igarassu. Não foi possível confirmar sua observação nas fontes. Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 480.

portugueses.⁸¹⁰ Um registro de pedido para a construção de um hospital na Paraíba foi feito em 1637 e a casa de saúde deve ter sido construída em pouco tempo, a julgar pela lista de salários semanais de funcionários da Companhia de 1638, que indica a efetuação de pagamentos ao diretor de hospital de *Frederickstadt*, juntamente com um consolador de doentes e um barbeiro. Nesse mesmo período, também foi registrado o pagamento a um consolador de doentes e a um diretor no hospital da vila *Schoppe*.⁸¹¹ Uma farmácia complementava a estrutura física de atendimento aos doentes.⁸¹²

Enquanto componentes do programa de assistência social da Igreja Reformada, os hospitais eram financiados, em parte, através dos ganhos do governo obtidos com multas aplicadas na conquista e através do repasse de 1/4 das ofertas dominicais dadas à igreja.⁸¹³ No entanto, as multas aplicadas não eram destinadas em sua totalidade aos hospitais. Um exemplo dessa divisão era a fração do valor arrecadado com multas aplicadas aos taverneiros que fossem pegos servindo bebidas alcoólicas nos dias de domingo, durante as prédicas. O hospital ficaria com 1/3 do valor obtido, enquanto que 2/3 seriam destinados aos fiscais.⁸¹⁴ Situações

⁸¹⁰ O forte São Jorge foi cedido aos administradores do hospital do Recife para ser usado como enfermaria em 1638. Em troca eles faziam reparos na edificação. Albuquerque, Marcos; Lucena, Veleda; Walmsley, Doris. *Fortes de Pernambuco. Imagens do passado e do presente*. Recife: Graftorre, 1999, p. 36; Guerra, Francisco. 'Medicine in Dutch Brazil 1624-1654', p. 481. Francisco Guerra menciona ainda que na ilha de Antônio Vaz, vizinha do Recife, foi construído um hospital para os escravos, localizado entre os estúbulos do palácio de Nassau e o forte *Ernestus*. De acordo com Ernst van den Boogaart, o termo que designa o suposto hospital para os negros – *Hospitium nigrorum* – podia ser referente aos alojamentos dos escravos no palácio de *Vrijburg*, mesmo que o local pudesse ter leitos para os doentes; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 391-392. Outra menção do uso do forte São Jorge como hospital foi feita em: 'Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, p. 282.

⁸¹¹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-03-1637: "Versoockende dat in Paraiba mede een Gasthuijs mochte opgericht werden, ende de boeten aldaer den armen te adjudiceren tot het selve Gasthuijs mochte geapplianceert werden. Is sulcx geconsenteert"; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 146, 1638.

⁸¹² HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 20-03-1642; A existência de uma farmácia da Companhia no Brasil pode ser ainda mais antiga, haja vista que um "apotecário" já estava a serviço da Companhia, pelo menos, desde 1631. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 138E, 26-10-1631.

⁸¹³ Schalkwijk, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, pp. 122-123, 241; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 391-392; Em setembro de 1637, militares condenados pelo Conselho de Guerra tiveram que pagar 148 florins aos diáconos da comunidade da Paraíba em benefício dos pobres. A operação foi feita pelos tesoureiros da Companhia que descontaram o valor da folha de pagamento dos funcionários penalizados e o repassaram para os diáconos. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 24-09-1637: "De Heeren Thesauriers geordonneert te betalen aende diaconen vande gemeijnte van Paraiba de somme van f 148 mits dat de volgende personen daer voor gedebiteert werden, alsoo daer in waren bij de heeren vanden Chrijsraet gecondenneert ter profijte vanden armen. Jan Dircks. van Bremen Constabel in t land gekomen met het schip Graeft Ernestus f 64, Jan Gras van Groeningen f 30, Andries Verpoorten Commijs vanden treijn f 36, Caspar Vroljck Sargeant f 18: f 148".

⁸¹⁴ A multa era de 12 florins para os taverneiros. Os clientes pegos também eram condenados a pagar uma multa, cujo valor era de um florim e meio. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-04-1637: "Dat oock geene tappers, sich sullen vervorderen des Sondaeghs onder de predicatie te tappen ofte eenige gelagen te setten, op peene dat den tapper, t'elcke reijse sal verbeuren twaelft guldens ende die sitten en drincken ijder eenen daelder van dartich stuivers ende deese executi sullen moogen doen den fiscael ofte sijne auditeurs, de commandeurs inde guarnisoenen ende geweldiger ende die van deese de executie sal doen, sal genieten twee dardeparten ende het resteerende dardepart sal sijn voor het gasthuijs".

extraordinárias também requeriam um auxílio extra, como foi observado no envio, em agosto de 1638, de 2.000 florins para a conta dos pobres, quando, de acordo com os diáconos, o hospital do Recife estava a receber diariamente muitos soldados doentes e feridos, quicá gente do exército que esteve envolvida na frustrada tentativa de conquistar Salvador.⁸¹⁵ O aumento no número de pacientes também foi o motivo pelo qual os diáconos solicitaram em fevereiro de 1636 o envio de duas vacas do curral da Companhia para incrementar a alimentação dos muitos feridos do exército que estavam a chegar no hospital para serem tratados. O tesoureiro da Companhia, Sebastiaen Keller, foi ordenado a fazer o pagamento do valor correspondente ao pedido dos diáconos na conta dos pobres.⁸¹⁶ Com o caixa do hospital em baixa, os administradores intentaram obter até mesmo o salário de soldados falecidos no hospital, a julgar pelo pedido – baseado em uma resolução anterior do Conselho Político – feito pelos diáconos em maio de 1637, indeferido pelo Alto e Secreto Conselho do Brasil, visto que os parentes dos militares mortos reclamariam os vencimentos dos familiares.⁸¹⁷ Tais requerimentos indicam que os repasses feitos pela Companhia e as doações e coletas não eram suficientes para atender às necessidades da casa de saúde. Isso foi citado diretamente na já mencionada Ata da Classe do Brasil de janeiro de 1647, quando os supervisores do hospital da Paraíba receberam muito doentes provenientes de Recife.⁸¹⁸

Ao contrário do que a WIC veiculou em uma de suas propagandas de recrutamento, os escassos registros documentais e da literatura observados não contribuíram para que se obtivesse uma boa imagem em relação à qualidade do tratamento oferecido nas casas de saúde da Companhia.⁸¹⁹ Já foram feitas referências à falta de medicamentos e de cirurgiões e barbeiros em número suficiente para atender os militares. Somadas a essas carências, Herman Wätjen, em uma observação incisiva, mencionou também as freqüentes mudanças no quadro médico como um indicativo de que o serviço prestado não era bom. O historiador argumenta que a Companhia, ao

⁸¹⁵ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-08-1638.

⁸¹⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-02-1636: “*Alsoo nu veele gequetsten wt ons leger int gasthuijs waeren gesonden ende de selve wel wat goeden cost ende versch vleesch diende te nuttigen. Soo hebben die diakonen als op sienders vant gasthuijs versocht dat men haer twee van des comp.es coeijen soude willen overlaten d’welcke alsoo geconsenteert is ende de veeboeder belast te laten volgen tot acht stucken van achten t’ stuck ende is Bastiaen Kelder gelast den armen reeckeninge te debiteren*”.

⁸¹⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-05-1637: “*De diaconen ter vergaderinge presenterende een lijst van soldaten die in t gasthuijs sijn overleden versochten volgens resolutie van de Polit. Raedt bij de welke haer was geconsenteert van allen die in t gasthuijs quamen te overliden, dat t’selve huijs van de selve souden genieten twee maenden gagie op reeckeninge van de overledener maent gelden, dat haer Ed. dien volgende de soldaten op de voors. lijsten staenden insgelijckx geliefden te doen belasten, de Heeren considererende dat men der overledener gagie soo niet conden wechgeven ende dat sulcke gijsten [lijsten] nul was ende alijt bij den erfsgenamen reprochabel datmen oock veelijt den eenen armen soude nemen om den anderen te geven dat oock het gasthuijs gebreck hebbende, elders mochte subsidien verwachten, soo is goet gevonden den diaconen haer versoeck aff te slaen*”.

⁸¹⁸ Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’, Ata da Classe do Brasil de janeiro de 1647, sessão 8, artigo 5, gravame 2.

⁸¹⁹ O panfleto *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil* traz, entre outras “vantagens” a informação de que os soldados que adoessem encontrariam no Brasil hospitais adequados: “*Sullen in Brasil bequame Gast-buysen vinden voor die sieck mochten worden*”.

contratar “clínicos”, economizava e escolhia os de menor honorários e, portanto, não deveria contratar, pela “modicidade dos honorários” oferecidos, bons profissionais.⁸²⁰ Essa observação especulativa pode encontrar algum esteio na já mencionada queixa registrada por um ex-militar da Companhia em um notário de Amsterdã. Ele voltou para a Europa após ter sido ferido no Brasil e, encontrando-se ainda machucado em Amsterdã, se viu forçado a procurar ajuda médica. Os dois cirurgiões que o examinaram constataram que alguns dos seus ferimentos, tratados no Brasil por um cirurgião da WIC chamado Jeronimus, não estavam sarados e que outros se encontravam curados apenas superficialmente. Por fim, eles alegaram que o militar Albert Dircx. tinha seis ferimentos profundos e sérios, que ele estava atormentado e que provavelmente não teria mais uma vida saudável.⁸²¹ Queixas de natureza diferente, embora importantes para mostrar o tipo de gente enviada para compor a equipe médica, foram feitas pelos diáconos administradores do hospital do Recife. Em outubro de 1638, eles acusaram os cirurgiões do hospital de, sob o pretexto de pedirem aguardente e vinho para o tratamento dos pacientes, se embriagarem durante o serviço.⁸²² No ano de 1645, no mesmo mês, os diáconos reclamaram que eles tiveram grandes aborrecimentos com o cirurgião do hospital. O problema, segundo eles, era que ele tinha esposa e quatro filhos e que esta queria controlar tudo. A presença da família representava ainda um consumo extraordinário dos víveres do hospital. Embora o problema não indicasse qualquer incapacidade do cirurgião, os diáconos queriam substituí-lo.⁸²³ Por último, a observação negativa de Caspar Stör a respeito do hospital onde o militar Stephan Carl Behaim foi internado e faleceu no começo de 1638. Ela serve como mais uma evidência das condições ruins do hospital da WIC no Recife e da qualidade do serviço oferecido a muitos dos militares e civis.⁸²⁴

Todavia, mesmo com instalações adequadas, equipe médica suficiente e abastecimento regular, o que não era o caso da Companhia no Brasil, a medicina daquele período não oferecia soluções para muitas das enfermidades que grassavam entre as tropas e muitos dos perigos microscópicos existentes, podendo apenas prover os militares com um pouco de alívio para a

⁸²⁰ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 392.

⁸²¹ SAA, NA, 852/131v, 11-08-1631: “*Verklaring van Albert Gerritsz., 51 jaar, en Marten Martensz., 44 jaar, beiden chirurgijns te Amsterdam, op verzoek van Albert Dircx., laatste uit Recife gekomen met het schip ‘De Overijsel’. 8 dagen voor Pasen kregen zij Dircx. onder handen om hem te genezen van verschillende wonden aan zijn been en zitvlak. Daarvoor was hij behandeld door Jeronimus, de chirurgijn van de WIC. Zij bevonden dat enkele van zijn wonden niet genezen waren en enkele andere alleen van boven dichtgegroeid. Zij hebben deze geopend en zagen dat ze daaronder ‘geheel hol waren’. Bovendien hebben zij een stuitbeen ter grootte van een duimkootje uit de wonden gehaald en zal Dircx. is er miserabel aan toe: hij heeft 6 diepe en ernstige wonden, is bedlegerig en zal waarschijnlijk van zijn levensdagen niet meer gezond worden.*”

⁸²² HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 25-10-1638: “*De diaconen remonstreeren dat sij disordre hebben in t gasthuijs met de Chirurgijns alsoo de selve onder t pretext van wijn ende brandenijn van nooden te hebben voor de patiënten, sich daer met droncken drincken, ende debaucheen, is goet geven dat m.r Abraham Duercoop sall dervaerts gaen inspecti te nemen wat daer noodich is, en de Chirurgijns eens vernisselen.*”

⁸²³ “*De Diaconen klagen dat sij met de chirurgijn van t gasthuijs groote onlusten hebben, soo hij een vrouwe met vier kinderen heeft, die alles wil regeren, en inde vijvres extraordinaris consumptie doet. Is goet gevonden hem te veranderen.*”. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 03-10-1645; Ver também: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 393.

⁸²⁴ Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 283.

maioria das doenças e achaques. Por isso, quadros infecciosos como os dos militares Stephan Carl Behaim e Albert Dircx. não podiam ser contidos.⁸²⁵ O desconhecimento total ou parcial de certas doenças – sobretudo as locais, às quais muitos dos militares não eram imunes – gerou ainda diagnósticos vagos como “doença prolongada”, “doença incurável” ou apenas o já muitas vezes citado “incapacitado por doença”.⁸²⁶ Quando a equipe médica da Companhia não conhecia e não sabia como proceder com certas moléstias da região, a solução era buscar ajuda na própria localidade. Muitos soldados acometidos com a “doença da terra” – talvez malária – foram enviados para o interior para serem tratados por um português chamado Rodrigo Gonsalves, posteriormente contratado pela WIC.⁸²⁷ Gonsalves não era o único “local” a atender os soldados da Companhia. Em janeiro de 1641, Geraldo de Montel recebeu 120 florins da WIC pela cura de soldados (*voor cureren van soldaten*).⁸²⁸ Nos dois meses seguintes, certo George Gonsalves embolsou 297 florins pela cura de diversos soldados.⁸²⁹ Outra tentativa de solução era mandar a gente adoentada para casa, como indicam os envios de militares mencionados anteriormente.

Muitas doenças conhecidas na Europa foram reconhecidas – a exemplo de cegueira, disenteria, hidropisia, tuberculose, etc. – e tratadas, quando possível, de acordo com os critérios europeus ou influenciados pelos padrões da região. Em *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, Willem Piso relatou os procedimentos para a cura ou pelo menos alívio de muitas das doenças que afligiam a gente da conquista. Ele recomendava, por exemplo, para os que estivessem cegos – a partir do que diziam “os lusitanos e os bárbaros” – o consumo de “fígado fresco do peixe

⁸²⁵ Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, p. 279; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 108; Gonsalves de Mello cita uma carta do farmacêutico Gerard Carpentier aos Senhores XIX na qual ele declara que seus remédios “pouco efeito faziam em doenças que não eram conhecidas”. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 48, nota 31.

⁸²⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 138A, 138B, 1631; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 219, 28-11-1632; Diagnósticos vagos também foram registrados nas Atas Diárias do Alto e Secreto Conselho do Brasil, a exemplo do caso observado em 1635, no qual se mencionou que o militar Adam Janss. foi liberado do serviço da Companhia porque “estava sempre doente”. O soldado escocês Jacques Knocx. foi dispensado do serviço da WIC em 1637 por razão semelhante. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-12-1635, DN 07-03-1637.

⁸²⁷ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 28-06-1641, DN 02-04-1642, DN 19-04-1642. No dia 2 de abril de 1642, o doutor Piso e o mestre Abraham Duerkoop [sic] foram encarregados de discutir com Rodrigo Gonsalves, intitulado então como cirurgião, a respeito do tratamento que seria ministrado nas tropas e sobre a possibilidade de contratá-lo com o salário de cirurgião chefe. No original: “*Docter Piso ende Mr. Abraham Duerkoop dragen voor dat de Portugesche scherurgijn vande landtsieck Rodriguez Gonsalves, de soldaten die daer aen sieck zijn volgens onse ordre in het gasthuijs gebracht hadde, die aldaer soude geacommodeert ende gecurreert worden, op conditie dat haer cost ende leeningelt aen het selve huijs soude uijtgerijckt worden is sulcx toegestaen, ende is aen haer voorts ordre gegeven dat sij met deselve Portugese scherurgijn over sijn tractement sullen spreekken, om te sien off sij het selve tot opper schirurgijns gagie kunnen brengen*”. No dia 19, Piso e Duercoop [sic] relatam ao Alto e Secreto Conselho que entraram em acordo com o “doutor” Gonsalves para pagar-lhe uma soma mensal de 69 florins. Ver também: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 49, nota 33.

⁸²⁸ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 30/31-01-1641.

⁸²⁹ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 29-02-1641, DN 29-03-1641. De acordo com o viajante francês Jean-Baptiste Tavernier, a população europeia em Goa inicialmente ignorou completamente a medicina européia, consultando apenas “médicos” hindus. No século XVII, ingleses estabelecidos em feitorias na Ásia tomaram atitudes semelhantes à gente da WIC no Brasil. Enviaram seus homens para os “doutores” locais e depois de certo tempo chegaram até mesmo a deixar de ter a mesma disposição em usar os medicamentos enviados pela Companhia Inglesa das Índias Orientais. Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 53-55.

tubarão”. Para úlceras e gangrenas, suco de tabaco e certas gomas. Para auxiliar o tratamento do “fluxo hepático”, ele indicava a deglutição de certas “sementes frias frescas” de frutos e raízes e para o tratamento da gonorréia, aconselhava a raiz de certa árvore e uma cana silvestre, além do uso da raiz *Laborandi* (*Pilocarpus jaborandi*), ministrada amplamente por ele no tratamento de várias outras moléstias. Fica patente que muitas das suas observações estiveram baseadas no proceder dos indígenas, médicos e cirurgiões locais.⁸³⁰

Tratamentos tradicionais como sangrias e purgativos também faziam parte do repertório terapêutico de médicos, cirurgiões e barbeiros da Companhia no Brasil, o que demonstra, em parte, o quanto as práticas de cura do período eram influenciadas pelo pensamento grego, em especial, do filósofo Hipócrates. De acordo com sua teoria, os elementos primários constituintes do corpo eram a água, o fogo, o ar e a terra. Esses elementos tinham características como úmido, quente, frio e seco, que organizadas em pares davam origem aos quatro humores, que misturados correspondiam a partes líquidas e sólidas do corpo. O desequilíbrio na composição natural desses humores gerava doenças. No século XVII, duas terapêuticas eram amplamente utilizadas para equilibrar esses elementos do corpo: a sangria e as purgações.⁸³¹ Nesse sentido, a obra de Willem Piso serve mais uma vez de referência para as práticas médicas adotadas no Brasil, já que na *História Natural e Médica da Índia Ocidental* as purgações e sangrias foram comumente citadas como forma de tratamento para certas doenças. Piso, no entanto, recomendava certa cautela na prática da sangria nos enfermos recém-chegados, devido aos “rigores do clima”, embora considerasse “louvável”, ainda que com precaução, a realização de sangrias nos doentes acometidos pelo “fluxo hepático”. Febres, catarros e furúnculos também eram tratados com sangria, não obstante as duas últimas moléstias tivessem a purgação como terapia principal.⁸³² Dado o costume médico do período, fica fácil compreender porque o soldado Ambrosius Richshoffer disse ter sido tratado com sangria quando ele e seus companheiros, por conta do cheiro forte de alcatrão da

⁸³⁰ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 75-76, 91, 113-114, 120; Sobre as observações de Piso a respeito da cultura médica local, ver: Cook, Harold J. *Matters of Exchange*, pp. 216-218; Furtado, Júnia Ferreira. ‘Tropical Empiricism: Making Medical Knowledge in Colonial Brazil’. In Delbourgo, Jame & Dew, Nicholas (Eds.). *Science and Empire in the Atlantic World*. New York/London: Routledge, 2008, pp. 133-137; Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, pp. 486-491.

⁸³¹ Bruijn, Iris. *Ship’s Surgeons of the Dutch East India Company*, pp. 25-27, 69; Furtado, Júnia Ferreira. ‘Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial’, p. 102; Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 13-14, 86-90, 112; Rebollo, Regina Andrés. ‘O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno’. In *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 4, n. 1, mar. 2006, p. 56; Rutkow, Ira M. ‘Origins of Modern Surgery’. In Norton, J. A.; Barie, P. S.; Bollinger, R. R.; Chang, A. E.; Lowry, S. F.; Mulvihill, S. J.; Pass, H. I.; Thopson, R. W. (Eds.). *Surgery. Basic Science and Clinical Evidence*. 2nd Edition. New York: Springer, 2008, pp. 8-9; Piso e possivelmente muitos dos médicos, cirurgiões e barbeiros contemporâneos a ele não deixaram de ser influenciados pelos dogmas de doutrinas clássicas gregas. Guerra afirma que as observações de Piso, por exemplo, estiveram imbuídas das proposições de Hipócrates, com as quais ele teve contato em seus anos de estudo, o que pode ser observado diretamente em diversas passagens de sua obra. Guerra, Francisco. ‘Medicine in Dutch Brazil 1624-1654’, p. 486. Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*.

⁸³² Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, p. 80, 86-87, 113, 124.

madeira e dos cordames novos da embarcação que os levava ao Brasil, foram acometidos por fortes dores de cabeça.⁸³³

Influenciado pela teoria dos humores, Piso também associava muitas doenças ao consumo de alimentos estragados ou à ingestão exacerbada de bebidas alcoólicas – a exemplo da diarreia e da *Lues Índica* –, ambas capazes de desequilibrar os fluidos. Por isso ele recomendava a moderação no comer e no beber, além da utilização de certas ervas, raízes e frutos.⁸³⁴ A mudança e reforço na alimentação, aliás, foram comumente receitadas para o tratamento ou auxílio na cura de doenças. Foram correntes, em diversos momentos, as prescrições de porções adicionais de certos alimentos para militares doentes. Carne fresca, açúcar e vinho estão entre os alimentos mais recomendados para o restabelecimento dos doentes e nos anos iniciais de ocupação foram comuns a saída de pequenos grupos de escravos para colher “refrescos” para os doentes.⁸³⁵ O envio de militares para locais de convalescença também foi comum, sendo o caso mais conhecido o de homens transferidos para a ilha Fernando de Noronha, algo feito desde o primeiro ano de ocupação. Novamente, o tratamento alimentar diferenciado para os internados na ilha era a base para a recuperação dos enfermos.⁸³⁶ Muitos voltaram de lá recuperados, embora a ilha não tenha sido utilizada como local de convalescença por muito tempo, haja vista os problemas regulares de abastecimentos que enfrentava.⁸³⁷

⁸³³ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 10.

⁸³⁴ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 97, 118; Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 13-14, 17-19, 89. Os militares Ambrosius Richshoffer, Cuthbert Pudsey e o funcionário civil da Companhia Pierre Moreau também transpareceram em seus relatos a visão da época, quando eles associaram doenças ao consumo de alimentos não frescos e/ou estragados. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 36; Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil*, 1629-1640, p. 63; Moreau, Pierre. ‘História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses’. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia*, p. 98. Relatos de marujos da VOC também associavam doenças ao estado de conservação dos alimentos. Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*, p. 93.

⁸³⁵ Envio de açúcar para enfermos observados em: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-04-1637, DN 27-11-1637, DN 05-12-1639. Crenças médicas do período reputavam ao açúcar a capacidade de restabelecimento das energias dos convalescentes. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e viveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, 2002, p. 222.; Envio de carne: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-03-1637; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 15-03-1641, DN 16-09-1641; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 19-05-1643; Envio de vinho: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-12-1639, DN 22-12-1639; Indicações de outros alimentos: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-04-1637; Coleta de alimentos para os doentes: HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 21, 23-09-1630. Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 46, 59; A respeito do consumo de frutas e legumes frescos para o tratamento do “escorbuto” ver: Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 126, 134; O militar Cuthbert Pudsey fala do uso de frutas para curar a cegueira. Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil*, 1629-1640, p. 63.

⁸³⁶ HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 36, 21-12-1630; HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 176, 07-04-1632.

⁸³⁷ Uma carta de Jan Mast escrita aos Senhores XIX relata que muitos dos soldados e marinheiros enviados para a ilha recuperaram sua saúde anterior e voltaram para o continente: “*van daer mede brengende soldaten en bootsgesellen van de gene die door sieckte van t'scheurbuick daer benen waren gesonden en nu weder meest tot haer vorige gesontheit gecomen*”. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 199, 08-05-1632. Um dia depois, o coronel Van Waerdenburgh escreveu aos Senhores XIX falando sobre a possibilidade de a ilha dar bons resultados e que 50 doentes enviados para lá já haviam se recuperado: “*het eijlandt fardinando [...] in hem selve is goet en sal de Compagnie metter tijt wel goede vruchten connen geven, als 't wat beter is gecultiveert, 't waere wel bestant om 50 siecken op de been te helpen*”. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr.

Em relação ao tratamento de ferimentos causados por projéteis de artilharia, era padrão no período a amputação. Cortes e perfurações de espada, pique e outra armas brancas podiam ser curados, caso não tivessem atingido órgãos internos e desde que fossem bem limpos e enfaixados. Ferimentos causados por armas de fogo eram mais problemáticos. Um impacto de uma bala de canhão era usualmente, mas não constantemente, fatal. Projéteis menores oriundos de armas de fogo portáteis podiam, por sua vez, esmagar ossos e tecidos e causar hemorragia interna, como também carregar pedaços da roupa e sujeira para dentro do ferimento, o que acarretava infecção. Cirurgiões eram incapazes de lidar efetivamente com ambas as situações e um ferimento desse tipo no tronco era praticamente fatal. Por outro lado, ferimentos provocados por balas nos braços ou nas pernas podiam ser cuidados com a amputação, que diminuía os riscos da gangrena com a retirada de parte do membro acima do local de ferimento.⁸³⁸ Mais uma vez, o escrito de Willem Piso foi utilizado para demonstrar que a amputação era prática corrente entre os cirurgiões da Companhia. Ironicamente, para a sorte dos soldados em questão, o episódio relatado por ele a respeito do uso do procedimento mostrou como a atuação de indígenas evitou que os militares perdessem os membros feridos por projéteis de artilharia portátil.⁸³⁹

49, doc. 200B, 09-05-1632; De acordo com Ernst van den Boogaart, um relatório de 1638 enviado aos Senhores XIX apontava que a ilha tinha sérios problemas de abastecimento. As colheitas foram atacadas por pragas e os colonos continuavam a depender da Companhia para sobreviver. De local de convalescença, a ilha passou a ser lugar de desterro de criminosos e desde 1635 foram registrados o envio de condenados. Boogaart, Ernst van den. 'Morrer e Viver em Fernando de Noronha, 1630-1654'. In Galindo, Marcos (Org.). *Viver e Morrer no Brasil Holandês*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2005, p. 26. Apesar das observações de Van den Boogaart sobre os problemas de abastecimento da ilha, nos últimos momentos da WIC no Brasil, alimentos provavelmente provenientes de lá continuavam a integrar as rações distribuídas aos soldados. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. 5252.22, DN 05-12-1653, DN 12-12-1653, DN 17-12-1653, DN 19-12-1653, DN 23-12-1653, DN 26-12-1653, DN 01-01-1654, DN 02-01-1654, DN 09-01-1654, DN 16-01-1654.

⁸³⁸ Parker, Angela; Geoffrey, Parker. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*, p. 58; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 142; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 108-109.

⁸³⁹ Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 75-76: "Lembro-me de que os bárbaros nos acampamentos, por meio de gomas frescas, sucos e bálsamos, livraram do ferro e do fogo e restabeleceram com êxito os membros dos soldados feridos por balas de espingardas, que estavam para ser amputados pelos cirurgiões europeus, lusitanos e batavos"; A prática padrão de amputação foi estipulada pelo cirurgião italiano Giovanni de Vigo (1460-1525) em sua influente obra *Practica in Arte Chirurgica Copiosa Continens Novem Libros* (1514), que teve 40 edições. Vigo instruíra que o ferimento causado pela remoção do membro deveria ser cauterizado com óleo fervente, fechando quaisquer artérias rompidas com a aplicação de um ferro quente. Posteriormente, uma grande mudança no tratamento foi feita pelo francês Ambroise Paré (1510-1590), que prescrevia o uso de óleos líquidos suaves e bandagens no lugar de óleo fervente. Além disso, Paré aconselhava a remoção de tecidos mortos ou substâncias externas do ferimento, uma vez que isso causava a infecção. Ele também advogava a utilização da ligadura para controlar a perda de sangue e do torniquete, cujo uso contribuía de certa forma para anestesiá-lo. Em uma era pré-anestésica, pouco se podia fazer para minimizar a dor de uma operação, exceto o uso de álcool e uma operação com velocidade. Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 109; Rutkow, Ira M. 'Origins of Modern Surgery', p. 7; Paré, Ambrose. *The Method of Curing Wounds made by Gun-shot. Also by Arrows and Darts, with their Accidents (Faithfully done into English out of the French Copie, by Walter Hamond, Chirurgian)*. London: Printed by Isaac Iaggard, 1617. Ver também: Graaf, Ronald de. *Oorlog, mijn arme schapen*, pp. 504-505; Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*, pp. 131-132.

Conclusão

O arriscado serviço de guerra no Brasil parece ter sido menos nocivo aos militares contratados do que as várias moléstias que os atormentaram no decorrer dos anos de ocupação. Além de reafirmar a suposição existente no século XVII – segundo a qual os exércitos do período perdiam mais homens em decorrência de doenças do que por combate –, tal inferência sobre as condições de saúde da tropa da Companhia serve para mostrar que a maior parte dos problemas físicos dos homens da WIC estava relacionada à dificuldade da própria Companhia em provê-los. Ou seja, além dos transtornos naturais gerados pelos confrontos – fossem eles de baixa ou alta intensidade – e pelas doenças locais, às quais eles não eram imunes, os militares freqüentemente adoeciam porque a Companhia falhou – como visto com mais detalhes no capítulo anterior – em fornecer a seu pessoal o básico, isto é, alimentação e alojamento em quantidades e espaços adequados. Para piorar, a WIC também teve problemas para prover sua gente com leitos suficientes nos hospitais, medicamento e número suficiente de cirurgiões e barbeiros para administrar tratamentos. É necessário, todavia, lembrar das limitações da medicina do período, que era incapaz de lidar com uma grande variedade de doenças, mesmo as mais simples, que causavam mais danos no passado do que nos dias atuais.

Os prolongados anos de cerco, a dificuldade em obter comida localmente em quantidade satisfatória e a dependência contínua das remessas de alimentos oriundos da Europa, enviados em intervalos não regulares, deram uma alta parcela de contribuição para o desenvolvimento de mazelas, algumas das quais muito simples de serem tratadas, conquanto fossem responsáveis por muitas baixas nas fileiras do exército da Companhia. Índices de perda de 10 a 33% – incluindo-se na contagem gente enferma e ferida em combates – foram suficientemente elevados para estorvar muitas das atividades militares da Companhia, uma vez que toda operação de guerra organizada requeria, além do pessoal que saía para o combate, tropas de reserva e gente para manter as posições já ocupadas, fossem acampamentos, fortes ou cidades. Também parece certo que durante a ocupação da Companhia no Brasil, o transtorno causado pelas enfermidades não foi algo pontual, mas rotineiro no dia-a-dia da conquista, afetando com maior ou menor intensidade a todos os que lá passaram, embora seja plausível que os soldados, ao menos no que se refere aos achaques provenientes de avitaminoses e de precárias condições de higiene, sofressem mais do que seus superiores, haja vista a dieta deficitária a que estavam submetidos e a qualidade dos alojamentos fornecidos. Era dessa gente que se esperava a defesa de um amplo território e realização dos mais variados trabalhos, muitos dos quais exigiam muito de sua condição física, como será visto adiante.

Capítulo 5: A faina

“Aqui as provisões têm várias possibilidades de se estragar e a cada dia há muitas altas montanhas para escalar. No entanto, o Deus verdadeiro tem graciosamente me ajudado todo esse tempo a fazer meus deveres dignamente como os outros soldados. Eu não posso aqui, como eu podia na Pátria, depender da boa vontade dos outros ou voltar-me para bons amigos e conhecidos. Aqui a regra é: ‘Se você não quer, então você deve’.”⁸⁴⁰

Transcorrido praticamente um ano após sua chegada ao Brasil, Stephan Carl Behaim mostrava-se insatisfeito com a sua situação. A expectativa de ingressar na cavalaria, onde o jovem esperava decididamente “procurar [sua] fortuna”, feneceu.⁸⁴¹ Acostumado a pedir a assistência de sua família para resolver os problemas em que se envolvia – principalmente os de ordem financeira –, Behaim desistiu da idéia de servir na cavalaria por causa de dois fatores principais: a atuação muito reduzida desta no Brasil – segundo ele, por causa da vegetação e da falta de pasto nos meses de verão – e sua incapacidade em adquirir o equipamento requerido – “sela, armadura e pistola” – para o exercício da função sem recorrer a empréstimos, motivo de seus contínuos atritos com familiares.⁸⁴² Sentindo-se abandonado, comparando-se ao personagem bíblico José, do Velho Testamento – vendido como escravo por irmãos ciumentos –, Behaim agradecia a Deus por ter condições de cumprir tarefas das quais ele não podia se evadir e instava seu meio-irmão a interceder junto a Ludwig Camerarius, embaixador da Suécia nas Províncias Unidas, para que ele fosse recomendado a Johan Maurits van Nassau-Siegen, recém chegado ao Brasil.⁸⁴³

A carta de Behaim escrita em março de 1637 contrasta com outro escrito seu datado de

⁸⁴⁰ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 27/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 278-279. O extrato é uma tradução livre.

⁸⁴¹ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Forte Bruijn, 03-13/05/1636 (carta número 60); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 27/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 274-275, 279.

⁸⁴² Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 27/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 278-279; Sobre a utilização marginal da cavalaria no Brasil entre os anos de 1630 e 1654 ver: Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [2ª Edição] Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 325-331.

⁸⁴³ Não era a primeira vez que Stephan Carl Behaim valia-se desse artifício para tentar melhorar sua situação. Recrutado pela WIC como cabo por conta da influência do comerciante Abraham de Braa e de sua experiência militar, ele foi para o Brasil com uma carta de recomendação escrita pelos Senhores XIX destinada ao coronel polonês Christoffel Arciszweski. De acordo com De Braa, os XIX pediam que Arciszweski ajudasse o jovem a ingressar na cavalaria. Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 254, 264; Ver também a pequena introdução escrita por Ozment a respeito dos anos de Behaim no Brasil: Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 273.

maio de 1636. Ele aparentava estar desmotivado e suas maiores reclamações foram direcionadas aos percalços, isolamento e obrigações do serviço no Brasil. Enquanto que em 1636 o jovem se lamuriou de que havia muito pouco o que fazer na conquista, à exceção de “manter a guarda” – tarefa na qual “um jovem soldado” não “estará em glória total” –, no ano seguinte ele queixou-se do inverso.⁸⁴⁴ Após passar um tempo servindo no forte *Bruijn*, situado no istmo entre Recife e Olinda, Behaim foi arrastado para o teatro de operações ao Sul de Pernambuco. O conflito naquela região havia sido intensificado no mês seguinte à chegada de Nassau ao Brasil. Como resultado da nova ofensiva promovida por Nassau, o exército da Companhia das Índias Ocidentais conseguiu empurrar seus opositores para o lado Sul do rio São Francisco.⁸⁴⁵ Pouco antes de sua partida para a frente de batalha, Behaim pediu ajuda a seu meio-irmão Lucas Friederich de forma a ser favorecido por Nassau. Ele almejava obter a posição comissionada de alferes, posto para o qual ele se achava apto por conta de sua experiência anterior na infantaria.⁸⁴⁶ Pode-se supor que ele ambicionasse obter um cargo que lhe permitisse ter mais conforto financeiro e privilégios – algo que ele não encontraria em uma posição não comissionada –, além, é claro, de se afastar dos afazeres ordinários do exército. Mas em nenhum momento Behaim foi explícito a respeito de para quais deveres da infantaria ele precisou da ajuda de Deus. Também não mencionou quais foram as tarefas das quais ele não pôde se esquivar, sendo portanto, forçado a fazê-las. Ao contrário dele, alguns militares que estiveram no Brasil foram mais diretos ao falar de suas rotinas e condições de trabalho na conquista. Desta feita, o objetivo desse capítulo é dissertar sobre as tarefas diárias dos membros da infantaria da WIC, bem como a respeito de suas condições de serviço. Também foram abordados aspectos concernentes ao percurso desses indivíduos dentro do exército da Companhia, à saída do serviço militar para o desempenho de atividades civis dentro e fora da WIC e às formas pelas quais esses homens puderam melhorar suas condições de vida.

5.1 Rotinas e obrigações a serviço da WIC

Mas afinal, quais eram as atividades desempenhadas pelos militares do período estudado? Apesar de terem o combate por função primária, homens de guarnições da WIC e da

⁸⁴⁴ Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Forte Bruijn, 03-13/05/1636 (carta número 60); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 27/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 275, 279.

⁸⁴⁵ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* [London, 1957] 2ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 98-100.

⁸⁴⁶ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 27/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 254, 279.

VOC nos Novos Países Baixos (*Nieuw-Nederland*) e em Batávia dedicavam parte considerável do seu tempo no desempenho de afazeres como escoltas, guardas e patrulhas.⁸⁴⁷ Esses mesmos tipos de atividades também preenchiam boa parte do dia-a-dia dos homens da WIC no Brasil. Relatos de viagem de soldados como Ambrosius Richshoffer, que esteve em Pernambuco entre os anos de 1630 e 1632, e Peter Hansen, na conquista entre 1644 e 1654, estão cheios de referências a participações suas em trabalhos desse gênero.⁸⁴⁸ No entanto, a guarda de posições, as escoltas e as patrulhas não foram os únicos serviços a consumir parte substancial do tempo dos militares e nem de longe constituíam-se nas tarefas mais árduas exercidas por eles. Construções e reparos de obras de defesa exigiam da tropa da Companhia, em variados momentos da ocupação no Brasil, muitas horas de trabalho pesado e levavam dias ou mesmo meses para ficarem prontas.

Exemplos dessa rotina de “rudes” e “fatigantes trabalhos”, conforme apontou o coronel Diederick van Waerdenburgh em missivas datadas de abril e julho de 1630,⁸⁴⁹ podem ser observados nos meses subseqüentes à conquista de Olinda, Recife e Antônio Vaz, quando a tropa da WIC estacionada nessas três localidades foi intensamente utilizada para erguer um grande conjunto de fortificações com a finalidade de manter as posições recém conquistadas aos portugueses. Em um pequeno intervalo de tempo entre março de 1630 – quando a Companhia conquistou Recife e Antônio Vaz – e o mês de julho de 1631 – data da execução da primeira planta do Recife e Antônio Vaz, elaborada pelo engenheiro Andreas Drewisch Bongesaltensis [Langesaltensis] –⁸⁵⁰, o exército da Companhia trabalhou efetivamente na construção de um conjunto defensivo composto por quatro redutos na ilha de Antônio Vaz, todos voltados para a defesa do lado Oeste, em direção ao rio Capibaribe, um forte de cinco baluartes (*schans Frederick Hendrick*) com um amplo hornaveque na porção Sul da ilha, uma fortificação com quatro baluartes na área Norte (*schans Ernst*) de Antônio Vaz – dois completos, no sentido do continente, e dois meio-baluartes, para o lado do Recife – ligada a imensas obras cornas em

⁸⁴⁷ Iongh, D. de. *Het krijgswezen onder de Oost-Indische Compagnie*. 's-Gravenhage: N. V. Uitgeverij W. P. van Stockum en Zoon, 1950, pp. 85-86; Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland’. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, p. 141; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, p. 180.

⁸⁴⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l'Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, pp. 42, 55-58, 79; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 68-69, 88, 90, 96, 98.

⁸⁴⁹ Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630. In *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945, pp. 33, 48, 51.

⁸⁵⁰ Reis Filho, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2002, p. 330.

direção ao Sul da ínsula e um forte de três baluartes (*schans Waerdenburgh*), situado na confluência dos rios Capibaribe e Beberibe. Recife foi totalmente cercado por paliçadas e no istmo que ligava o povoado a Olinda, outra fortificação dotada de baluartes (*schans De Bruijn*), conectada a um grande hornaveque, fechava a defesa da área. As duas fortificações portuguesas situadas no istmo e no arrecife – respectivamente, o “Grande Castelo São Jorge” (*Het Groot Casteel St. Joris*) e o “Pequeno Castelo, Castelo D’Água” (*Cleijn Casteel, Watercasteel*) – foram incorporadas ao sistema de defesa (imagem 10).⁸⁵¹ Já a vila de Olinda, embora inicialmente protegida por algumas obras de defesa levantadas nos primeiros meses de 1630, acabou sendo incendiada e arrasada em fins de 1631, por causa da incapacidade logística da Companhia em defendê-la.⁸⁵²

Levantar em um curto espaço de tempo tamanha quantidade de fortificações para defender as posições recém-conquistadas não foi uma tarefa fácil, pois a construção de estruturas defensivas implicava em grandes movimentações de terra, na coleta e preparação de material construtivo – transformados em gabiões e faxinas necessários às centenas para as obras de fortificação – e no transporte de abundantes cargas de madeira, pedra e tijolo. Para tais serviços, era imprescindível empregar um amplo número de homens, sendo também importante a utilização de trabalhadores especializados como carpinteiros, ferreiros e pedreiros, além da posse de uma ampla variedade de ferramentas de trabalho.⁸⁵³

⁸⁵¹ Nationaal Archief, VEL 711, Julho de 1631; Ver também: Oers, Ron van. *Dutch Town Planning Overseas during VOC and WIC rule (1600-1800)*. Zutphen: Walburg Pers, 2000, pp. 139-141; Reis Filho, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, p. 330.

⁸⁵² Sobre o abandono de Olinda ver o capítulo 3.

⁸⁵³ Sobre os procedimentos para a construção de recintos fortificados no período ver: Duffy, Christopher. *Fire and Stone: The Science of Fortress Warfare, 1660-1860*. London: Greenhill Books, 1996, pp. 37-52. Ver também a obra do matemático e engenheiro militar flamengo Simon Stevin (1548-1620), *De Sterckenbouwing* (1584), onde o autor disserta, entre vários assuntos, sobre a construção de fortificações, preparação do terreno, tipos de estruturas a serem levantadas e outros trabalhos necessários para a edificação de obras de defesa. Stevin, Simon. *De sterckenbouwing. Tot Leyden: by François van Ravelenghien, 1594*.

Imagem 10 – Nationaal Archief, VEL 711, Julho de 1631. *Grondt teyckeningh van het Eylant Antoni Vaaz het Recif ende vastelandt aende haven van Pernambuco in Brasil, soodanigh als die tegenwoordigh voor de Westindische Comp.e met Schansen Redouten ende andre werken syn voorsien, in Caert gebracht door den Ingenieur Andreas Drewisch Bongesaltensis [Langesaltensis] in Julio A.o 1631.*



Essa é a primeira planta do Recife após a ocupação da WIC. Foi elaborada em 1631 por Andreas Drewisch de Langensalza, com o objetivo de mapear o espaço natural do Recife e arredores, com sua vegetação e relevo. Trata-se de um reconhecimento do terreno para a obtenção de subsídios para a construção do sistema de defesa que conteria ataques provenientes do mar, rios e terra.⁸⁵⁴ O enfoque da carta é militar, por isso não foram representados arruamentos e construções civis das localidades. O destaque é dado às fortificações – fortes, hornaveques, paliçadas e redutos – do istmo que ligava Recife a Olinda, à ilha de Antônio Vaz e ao continente. Posições fortificadas futuras foram representadas em traços pontilhados, conforme pode ser observado no istmo – junto ao forte *Bruijn* – e em Antônio Vaz – junto ao forte *Frederick Hendrick*. O arrecife – e suas duas entradas –, os rios, bancos de areia, ilhas e posições inimigas também foram delimitados. O interior, ainda pouco conhecido, não foi mapeado.

Conquanto o trabalho de edificação fosse uma tarefa usual dos militares do período e, portanto, se esperasse que todos os soldados fossem capazes de utilizar uma pá tão bem quanto o próprio mosquete,⁸⁵⁵ a participação dos soldados da WIC nas obras de defesa levantadas no Recife e em Antônio Vaz, entre 1630 e meados de 1631, não ocorreu sem percalços e sem mal-estar entre os militares e a administração da Companhia. Isso porque a força, diminuta em tamanho, mal alimentada e precariamente equipada, foi compelida a se revezar entre as tarefas

⁸⁵⁴ Pereira, Sidclay Cordeiro. *Caminhos na Resistência. O espaço do Recife durante a ocupação neerlandesa (1630-1637) em Pernambuco (Brasil)*. Recife: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2006, p. 62.

⁸⁵⁵ Algo que está diretamente relacionado ao uso intensivo de estruturas fortificadas nas guerras daquela época. Moor, J. A. de. 'Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe'. In Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms. Warfare in the Netherlands (1568-1648)*. Leiden: Brill, 1997, pp. 26, 31; Swart, Erik. *Krijgsvolk: militaire professionalisering en het ontstaan van het Staatse Leger, 1568-1590*. Amsterdam: Proefschrift Universiteit van Amsterdam, 2006, pp. 82-84.

militares de guarda, escolta e combate e os pesados afazeres de construção. O assunto esteve durante muitos meses na pauta de discussão das missivas trocadas entre o comandante e governador das tropas da WIC no Brasil, Diederick van Waerdenburgh,⁸⁵⁶ e os diretores da Companhia – os Senhores XIX –, passando ainda pela observação e análise dos Estados Gerais. Por várias vezes, Van Waerdenburgh, enquanto reportava o andamento das construções, queixou-se de dispor apenas de um pequeno número de militares para executar múltiplas tarefas. O governador reclamava de que ao mesmo tempo em que recebia da República ordens para tornar a posição do Brasil “inexpugnável contra uma frota espanhola” prestes a ser enviada, ele era igualmente instruído a empreender expedições contra territórios vizinhos. Assim, ele dizia-se forçado a pôr os soldados – já “fatigados por uma dura escravidão de trabalho num clima tão excessivamente quente” – a “trabalhar como cavalos” de forma a poder manter Olinda, Recife e Antônio Vaz e ainda atender a todos os pedidos dos Senhores XIX, sem que os mesmos o tivessem dotado de condições materiais e humanas para cumprir as solicitações.⁸⁵⁷ Para completar, segundo o governador, os rigores do clima,⁸⁵⁸ as doenças⁸⁵⁹ e os ataques contínuos do inimigo⁸⁶⁰ – além da falta de materiais e de pessoal qualificado⁸⁶¹ – atravancavam o progresso

⁸⁵⁶ Diederick van Waerdenburgh recebeu o título de governador em maio de 1630. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [1957] Recife: CEPE, 2004, p. 69.

⁸⁵⁷ Relatório do Governador D. van Waerdenburgh aos Estados Gerais. Datado de 10 de julho de 1633. In *Documentos Holandeses*, pp. 113-114; Sobre as exigências feitas nos primeiros meses de ocupação, ver, por exemplo, as cartas enviadas pelos Senhores XIX, no mês de julho de 1630, que compõem o inventário 8 da coleção da Velha Companhia das Índias Ocidentais: No dia treze, os Senhores XIX instruíram o coronel Adolph van Elst a “manter e fortificar” a “cidade” de Olinda, o Recife e a ilha de Antônio Vaz. Eles passaram a mesma instrução a Diederick van Waerdenburgh e ao Conselho Político e sugeriram a conquista de Itamaracá. No dia 17 do mesmo mês, os diretores repassaram ordens a Van Waerdenburgh para que ele conquistasse a Paraíba e o Rio Grande. No dia seguinte, em uma missiva destinada ao Conselho Político, mostraram-se surpresos de que nada tenha sido conquistado ao Norte do Brasil. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630, 17-07-1630, 18-07-1630.

⁸⁵⁸ Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In *Documentos Holandeses*, pp. 33, 51, 55-56, 86-87; Carta dos Senhores XIX destinada ao Conselho Político. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630.

⁸⁵⁹ Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 07 de outubro de 1631. In *Documentos Holandeses*, pp. 33, 53-56, 79.

⁸⁶⁰ Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 3 de abril de 1630; Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 14 de maio de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 33, 39-40, 46, 50, 55-56.

⁸⁶¹ Diederick van Waerdenburgh referia-se à falta de pedreiros, canteiros, cal e cimento. Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 27 de julho de 1630. In *Documentos Holandeses*, p. 47; O governador também pediu aos Senhores XIX o envio de ferramentas de trabalho e madeira, recebendo como resposta que ele deveria cessar com as queixas e obter madeira no local, que havia em grande quantidade. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630: “[...] *ende versorgen dat de clachten over de bijlen, schoppen, piecken, pallassaet pinnen ende wat des meer sijn mocht in toekomende sullen cesseren, ende tegen het harde hout dat aldaer valt bastandt gemaect werden* [...]”.

das construções e os avanços militares. Ainda de acordo com Van Waerdenburgh, era facilmente compreensível que, após passarem por pesadas jornadas de trabalho e privações, muitos dos recrutados demonstrassem insatisfação e quisessem voltar para a Europa após o fim do contrato estabelecido com a Companhia, pois o “tratamento [dado cansava] tantos os oficiais como os pobres soldados”. Para diminuir o desgaste com a tropa, o governador procurou retribuí-la em dinheiro pelos trabalhos realizados, de forma que os militares pudessem comprar “alimento, bebida, sapatos, camisas e meias”. Sem tal iniciativa, afirmava Van Waerdenburgh, “[eles] teriam [se] desesperado consoante já o tem provado vários exemplos”. Ele também acreditava que sem o auxílio dado à tropa teria sido impossível executar os trabalhos, “porque os pequenos ranchos e o fato de nada haver para beber senão água tinha de tal forma esgotado os trabalhadores que [eles] chegavam a cair por terra com os carrinhos de mão e tinham de parar o trabalho por motivo de doença”.⁸⁶²

Aparentemente, a iniciativa de recompensar os militares havia partido da própria Companhia, que havia instruído o comandante Van Waerdenburgh, o almirante Hendrick Corneliszoon Lonck e o Conselho Político a dar “alguma pequena recompensa” aos soldados e marinheiros envolvidos nos “amplos trabalhos” ou que faziam “serviço extraordinário nas fortificações”, de maneira a encorajá-los. A gratificação se deu sob a forma de rações duplas de vinho e aguardadente ou de uma pequena quantidade em dinheiro.⁸⁶³ Muitos anos depois, a mesma ação de remunerar os militares e marinheiros por serviços extraordinários foi observada quando do cerco imposto pelos luso-brasileiros à tropa da WIC estacionada no Recife e Antônio Vaz, nos últimos anos de ocupação da Companhia no Brasil. Os soldados foram remunerados

⁸⁶² Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In *Documentos Holandeses*, pp. 89-90.

⁸⁶³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630: Instruções dadas a Van Waerdenburgh: “[...] *belangende de roijale werken, ende t’recompenseren vanden arbeit, die in t op maecken vande selve wert gedaen, hebben de voorgemelte onse raden soo veel gechargeert als wij meijnen dat de gelegentheit vande Comp.e lijden can om die daer aen arbeijden dagelijcx ijert toe te leggen boven haer cost ende gagie ende meijnen t’selve met de cost die wij de soldaten geven t’samen genoecht dat sij behooren daer aen contentement te nemen. Daer toe U. E. bij alle mogelijcke ende gevoechelijck middelen de soldaten sult gelieven te houden ende onse raden de handt bieden, gelijk wij vertrouwen dat in alle goede correspondentie sal geschieden, wij sullen oock versorgen dat aldaer spaense, franse wijn ende brandewijn genoech sij, soo vele ende goet als ons mogel. sijn sal [...]*”. Recomendações feitas a Lonck: “*Ende datse onse soldaten ende bootsvolck die aende fortificatien extraordinaris arbeit doen, sullen eenige cleijne belooninge doen, daer van wij U. E. bij desen goet vinden kennisse te doen, om de matroosen des noots sijnde daer door te encourageren, voorts ons gedragende tot alle voorige instructien, sullen met verlangen de vordere successen verwachten U. E. manhafticheijt ende vigilantie alles toe vertrouwen [...]*”. Diretivas passadas ao Conselho Político: “*Ende aengaende de fortificatien die daer noodich worden vereijst, sult om onse soldaten ende matroosen daer toe te meer te encourageren, vermogen haer ijets voor den arbeit toe te leggen, het sij bij dobbel rantsoen van wijn, brandewijn oft anders met eenige, doch cleijne verbeteringe in gelde te betalen, alles tot de meeste mesnagie van de Comp.e*”; Os Senhores XIX também instruíram o Conselho Político do Brasil a utilizar os “muitos negros” de posse da Companhia nas obras de fortificação e em outros serviços, de forma a poupar os homens do trabalho, “pesado para os nossos por causa do grande calor”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630: “*Wijders alsoo buijten twijffel aldaer veel swarten sult becomen hebben ende den arbeit voorde onse swaer valt door de groote hitte, souden gans dienstich vinden, dat U. E. de selve, tot alle fortificatien ende ander werken imploijeert, ende daer door de onse soo veel mogelijck verschoont, oock van de bequaemste eenige Comp.en oprechten om U. E. daer van in Ex.t versien als anders daer toe de selve bequaemst sijn, te mogen dienen*”.

para trabalhar nas obras de defesa de Recife e Antônio Vaz.⁸⁶⁴ Em outro momento, durante o assédio feito pela WIC ao Arraial em meados de 1635, a Companhia utilizou-se de 180 marujos das embarcações estacionadas no porto para construir um dos redutos onde foram instalados morteiros para bater a fortificação que servia de base para a guerrilha. Os homens receberam vinho espanhol como gratificação.⁸⁶⁵ Os incentivos pela execução de trabalhos penosos não foram dados apenas durante períodos críticos, mas também para o desempenho de obras de rotina, como no caso da destruição de uma fortificação nos arredores de Antônio Vaz, em 1637, ou a exemplo da construção de uma nova “casa do peso” (*De Waag*), pela qual os homens receberiam uma diária pelo trabalho.⁸⁶⁶

Recompesar os militares era uma maneira de atenuar o desgaste da tropa e de incentivá-la a trabalhar com mais afinco, principalmente quando os homens estavam submetidos a jornadas duplas e sofriam privações alimentares. Enquanto obrigação de oficiais de guerra e de soldados, conforme estipulavam as ordenanças para os marítimos e o pessoal de guerra a serviço da Companhia no Brasil, era usual que eles trabalhassem na edificação e reparo de fortes, baterias, trincheiras e outras obras sem o recebimento de qualquer pagamento extra além do salário fixado.⁸⁶⁷ Isso não excluía a participação de escravos nas obras de defesa, embora tal emprego não fosse vantajoso em termos econômicos, conforme observou o Alto e Secreto Conselho em julho de 1637, para quem o uso temporário de uma grande quantidade de escravos dos habitantes nas construções e manutenções de fortificações causava um grande prejuízo para os engenhos e para a agricultura.⁸⁶⁸ É evidente que era mais barato para a Companhia utilizar seus próprios soldados – e marujos – e compensá-los com algumas diárias ou produtos provenientes do

⁸⁶⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 02-03-1651. Ver também: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 23-02-1651, DN 03-03-1651.

⁸⁶⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-05-1635; Alguns dias depois, 52 homens – sem especificação da arma em que serviam – receberam vinho espanhol pela construção de uma obra de assédio em frente ao Arraial. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1635.

⁸⁶⁶ Pelo trabalho de demolição do forte *Ameliae* [*Emilia* ou *Amalia*], soldados e escravos da Companhia receberam aguardente. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1637; Sobre a construção da nova casa do peso: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 30-11-1640.

⁸⁶⁷ *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geotroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640, Artigo CXXXII: “Alle Crijchs-Officieren en Soldaten als oock des noots sijnde alle andere in Dienst vande Compagnie wesende geen nytgesondert sullen gehouden wesen tot haer eygen Versekeringe ende Defensie als oock ten Dienste vande Ho: Mog: Heeren Staten Generael Sijne Hoocheyt ende de Compagnie ter Ordonnantie vanden Generael Admirael Raden als oock van alle andere over haer gestelde Overbeden ende Bevel-hebberen te arbeiden aen ‘t maecken ende repareren van Forten Batteryen ende Loop-schanssen ende andere Wercken sonder daer van meer dan vrye Cost geduyrende den tijdt van ‘t arbeiden boven haer bedongen Gage te genieten ten ware den voorschreven Generael Admirael ende Raden van West- Indien of Brasil (de welke sulcx toe sal staen ende niet aen eenige andere minder ofte Sub-alterne Officieren) om eenige merckelicke Redenen ende Consideratien geraden mochten vinden de Arbeyders noch jeets daer boven tot een Vereeringe toe te leggen daerinne sy lyden de mate niet en sullen excederen.”

⁸⁶⁸ Para o Conselho, era melhor taxar os habitantes no abatimento dos animais e destinar a verba na manutenção das fortificações. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-07-1637: “Nopende hare klachten van nieuwe lasten ende tributen op het slachten gestelt hebben oock geen reden te klagen, want die lasten niet swaer en sijn maer seer draechl. ende beter dat men met soo eene cleyghs middelen vinde tot maecken ende onderhouden van wercken van fortificatie als dat men tot groote schade van de Ingenbos ende landenbouw de slaven ofte Negers in groote quantiteijt den Inwoonderen voor veel tijts aff nemen, ende haer in t principaelste van haren tijdt van hare nodige diensten ontbloot.”

armazém em atividades que eram de sua competência, ao invés de privar os habitantes de seus trabalhadores.

Os registros de recebimento de recompensas por trabalhos de construção em diferentes momentos da ocupação da WIC no Brasil também servem para demonstrar que tais tipos de atividades nunca cessaram e sempre estiveram na rotina dos militares. Retornando aos primeiros anos de ocupação, vê-se que logo após o governo da Companhia em Pernambuco receber autorização dos Estados Gerais para abandonar e destruir Olinda, em fins de 1631, parte da tropa – que Van Waerdenburgh dizia querer liberar dos serviços pesados – continuou a ser freqüentemente utilizada no transporte de material construtivo de Olinda para Recife e Antônio Vaz e a trabalhar no reforço das fortificações construídas nessas posições.⁸⁶⁹ Embora Van Waerdenburgh julgasse que a insuficiência de pessoal fosse responsável pelas intermináveis jornadas duplas da soldadesca, é importante dizer que a natureza provisória das fortificações do período, construídas majoritariamente em madeira e terra, normalmente levava os homens das guarnições a despender muito tempo manuseando enxadas, pás, machados e carros de mão em um contínuo ciclo de construção e reconstrução.⁸⁷⁰ Nesse sentido, “chuvas contínuas” e “violentas marés altas”, como apontou o governador, dificultavam ainda mais os empreendimentos da Companhia e, sobretudo, a vida dos soldados, forçados a cumprir extenuantes tarefas de edificação a cada inverno.⁸⁷¹

Algumas das atividades relacionadas à vida militar exigiam menos dos soldados. O cuidado com o próprio material de trabalho era uma dessas tarefas. Todo militar recrutado pela WIC era responsável pela limpeza e manutenção do armamento fornecido pela Companhia, que seria devolvido ao término do contrato. Aos homens era cobrada uma caução pela entrega da arma, que seria reembolsada com a devolução da mesma.⁸⁷² Teoricamente, de acordo com a carta-

⁸⁶⁹ Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631. In *Documentos Holandeses*, pp. 86, 88; No ano seguinte, no mês de maio, Van Waerdenburgh relatava que algumas fortificações “construídas apressadamente no começo” encontravam-se “inteiramente estragadas”, sendo necessária a reconstrução. As “grandes enchentes” – além da pressa – foram responsáveis pelo reengajamento dos soldados nesse tipo de atividade. Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de maio de 1632. In *Documentos Holandeses*, pp. 104-105; O material construtivo proveniente de casas e igrejas de Olinda já era retirado muito antes da ordem para o abandono da vila. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630. Ver também: Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*. [Payter, 1644] Petrópolis: Editora Index, 2001, p. 51.

⁸⁷⁰ McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London, NE: University of Nebraska Press, 2004, xvi-xvii.

⁸⁷¹ Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 16 de dezembro de 1630; Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de maio de 1632; Relatório dos Senhores Delegados no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gyselingh, dirigido aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Datado de 5 de janeiro de 1634; In *Documentos Holandeses*, pp. 54, 104, 154-155.

⁸⁷² *Brasyls Schuyt-Praetjen. Ghebouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman, noopen de Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetraecteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portugysen noch onder het*

artigo que estabelecia as regras e deveres dos militares e marujos da WIC, os homens também teriam o armamento inspecionado regularmente por oficiais e funcionários civis da Companhia. Caso eles não estivessem conservando-o bem, seriam multados.⁸⁷³ A julgar pela quantia instituída como multa – um mês de salário em 1640 –, além da retenção de certa soma pela entrega da arma, pode-se supor que os homens não agiam com negligência. Não se sabe, todavia, se a Companhia sempre cobrou da tropa uma caução pela entrega do armamento, pois os Senhores XIX, em novembro de 1631, queixavam-se ao governador Van Waerdenburgh de que muitas armas estavam danificadas – “para grande dano da Companhia” – por falta de limpeza e manutenção. Pedia-se que ele cuidasse para que os cabos de cada companhia do exército cumprissem com seu dever, de forma a manter e limpar as armas.⁸⁷⁴ Só não ficou claro o que os cabos deviam fazer, isto é, se deviam inspecionar os soldados para que eles cuidassem do armamento ou se eles mesmos deviam assumir a tarefa de manutenção. A julgar pela regra de 1640, a primeira opção parece ser mais plausível.

Outra possível rotina dos homens da Companhia era o treinamento. Considerando que parte da soldadesca recrutada não tinha qualquer experiência de combate, supõe-se que ela fosse obrigada a passar algum tempo sendo adestrada por oficiais comissionados ou não-comissionados do exército da WIC.⁸⁷⁵ É muito provável que até mesmo os soldados com experiência militar também tivessem parte de seu cotidiano preenchido por treinamentos e exercícios no intuito de que pudessem manusear adequadamente e com mais velocidade suas ferramentas de trabalho, além de manterem-se atualizados com as formações e ordens de batalha emitidas por seus comandantes.

Apesar de ser impróprio falar que havia, nos séculos XVI e XVII, treinamento que pudesse transformar recrutas em militares – pois naquele período os exercícios de formação eram muito elementares e dependiam quase que exclusivamente da iniciativa individual dos

onverdragblijck loock der Hollanderen saten. Ghedruckt inde West-Indische Kamer by Maerten, Daer het gelt soo lustich klinckt als ser zijn Aep-staerten. Anno 1649.

⁸⁷³ *Articul-Brief*, artigos LXXX, CXXXIII e CXXXIV; O mesmo procedimento de fiscalização pode ser observado na área sob controle da VOC. Iongh, D. de. *Het krijgswezen onder de Oost-Indische Compagnie*, p. 86.

⁸⁷⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 01-11-1631: “*Wij vernemen oock dat aldaer quade toesicht over de wapenen is, ende dat daer t’gebreck van schoonmaecken ende repareren vele der selver te niet comen, tot groote schade vande Comp.e. Waer over Uwe Edts ons met den eersten sult gelieven bericht te doen, ende ondertussen besorgen dat de Corporaels van ijder Comp.e haren schuldigen dienst ende devoir doen, om de selve te repareren ende schoon te houden*”.

⁸⁷⁵ É corrente que muitos exércitos do período recrutassem não militares. Muitos deles eram ex-camposinos, trabalhadores de ofício e serviços domésticos que ingressaram na carreira das armas – muitas vezes temporariamente – em busca de melhores condições de vida. Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985, pp. 153, 167; Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, pp. 46-47; Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history’. Vol.1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, pp. 456-459; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, p. 88; Ver também a discussão sobre a origem social da tropa no capítulo 1.

comandantes –, já se reconhecia a relevância dos treinamentos e das organizações táticas.⁸⁷⁶ Aliás, foi nas Províncias Unidas que exercício e treinamento transformaram-se, algumas décadas antes da fundação da Companhia das Índias Ocidentais, em importantes elementos para a doutrinação dos militares. Isso está atrelado sobremaneira ao uso cada vez mais intenso de armas de fogo portáteis no campo de batalha e, por consequência, na participação progressiva do mosqueteiro nos exércitos do período.⁸⁷⁷ Embora a utilização de mosquetes e arcabuzes fosse vantajosa, principalmente por causa da possibilidade de manter oponentes afastados ou de poder atingí-los em longa distância, a imprecisão e o tempo necessário para o carregamento resultavam que o uso bem sucedido da arma de fogo só ocorria depois que vários projéteis fossem desperdiçados e após um grande intervalo de tempo para execução de uma nova salva. Geralmente tal operação levava tempo suficiente para que os opositores pudessem se reorganizar e lançar um ataque contra seus inimigos.⁸⁷⁸

Em fins do século XVI, necessitando suplantar o exército espanhol no conflito conhecido como a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), o capitão-general do exército da República das Províncias Unidas, o príncipe Maurits van Oranje-Nassau (1567-1625), e seus primos Willem Lodewijk van Nassau (1560-1620), capitão general do exército da Província da Frísia, e Johan van Nassau-Siegen (1561-1623), também membro do exército da República, foram responsáveis por uma reorganização no exército das Províncias Unidas que buscou, entre outras mudanças, aumentar o poder de fogo dos mosqueteiros e maximizar sua eficiência em combate. Para isso, foram feitas duas importantes alterações na organização da força a serviço da República: os homens passaram a realizar exercícios e treinamentos regulares para aumentar a velocidade de municionamento da arma de fogo e a tropa passou a ser distribuída de maneira diferente no campo de batalha. As formações grandes e pesadas comumente utilizadas – os *tercios* espanhóis compostos de 1.500 homens – foram substituídas por leves formações lineares e extensas, dispostas alongadamente em fileiras de dez linhas de profundidade – posteriormente cinco – que estavam organizadas em batalhões de cinco companhias, totalizando 675 homens.⁸⁷⁹

⁸⁷⁶ No exército espanhol e francês, por exemplo, soldados experientes ensinavam aos recrutas, um método de ensino da época dos lansquenets. No primeiro, também era comum que os homens aprendessem a lutar no campo de batalha. M.S. Anderson. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988, p. 56; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe*, pp. 164-165; Nimwegen, Olaf van. *'Deser landen krijgsvolk' Het Staatse leger en de militaire revoluties 1588-1688*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2006, p. 93.

⁸⁷⁷ Moor, J. A. de. 'Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe', p. 25; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 17.

⁸⁷⁸ De acordo com Geoffrey Parker, no começo do século XVII, os mosqueteiros disparavam uma vez a cada dois minutos. Já Nimwegen fala de dois disparos por minuto. Tais projeções são apenas figurativas, pois tudo dependia das condições de batalha e nível de experiência dos militares. Nimwegen, Olaf van. *'Deser landen krijgsvolk'*, p. 94; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 18.

⁸⁷⁹ Moor, J. A. de. 'Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe', pp. 25-26; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 18-19.

Como resultado, a infantaria ganhava flexibilidade e velocidade. Mas como essas pequenas formações ficariam expostas aos grupos fechados e maciços das tropas da Espanha, os comandantes do exército da República desenvolveram a chamada carga simultânea, no intuito de aumentar o poder de fogo. Na carga simultânea, os soldados da primeira linha da formação disparavam suas armas de fogo ao mesmo tempo e retiravam-se para a última fileira – a chamada contramarcha – para recarregar a arma enquanto que a segunda linha assumia sua posição para repetir o mesmo movimento. Após efetivar o disparo, a segunda linha seria substituída pela terceira e assim sucessivamente até que os homens da primeira tivessem suas armas recarregadas e pudessem atirar novamente. Mosqueteiros ou arcabuzeiros disparavam suas armas ininterruptamente até que o inimigo fosse aniquilado ou chegasse tão próximo que eles tivessem que ser defendidos pelos piqueiros, importantes componentes das formações de infantaria do período.⁸⁸⁰ A contramarcha e o manuseio das armas de fogo tinham que ser ensinados aos militares por meio de exercícios diários e treinamento intensivo, de forma que os homens pudessem realizar tais movimentos de maneira semi-automática, algo muito importante para quem teria que, durante a confusão da batalha, fazer uma sequência razoável de movimentos para conseguir efetuar um disparo. Segundo Maarten Prak, de dois a três anos eram necessários para transformar um recruta em um soldado experimentado, um tempo um tanto quanto longo para se esperar pela reposição de uma baixa, levando em consideração os elevados índices de mortalidade entre os militares do período.⁸⁸¹

Após 1600, essa nova doutrina militar, inspirada nas táticas militares utilizadas na Grécia e na Roma antiga,⁸⁸² alcançou notoriedade e foi difundida nos principados alemães, na Inglaterra, na França e na Suécia. Foi nesta última localidade que as reformas táticas implantadas nas Províncias Unidas – disseminadas sobremaneira através de instrutores neerlandeses enviados a diferentes localidades – foram pioneiramente postas em prática. O próprio Johan van Nassau-

⁸⁸⁰ Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 18-19.

⁸⁸¹ Prak, Maarten. *The Dutch Republic in the Seventeenth Century: The Golden Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 71; De acordo com Geoffrey Parker, um bom sargento poderia, através de treinamento, “produzir” um arcabuzeiro razoavelmente bom em poucos dias. Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 17.

⁸⁸² Naquele período, vários livros de autores romanos como Vegetius, Frontinus, Tito Lívio, Júlio César e Salústio foram traduzidos para o francês, inglês e espanhol e lidos por militares da aristocracia. A redescoberta das táticas militares dos antigos trouxe à tona os diagramas militares do grego Eliano (*Aelianus Tacticus*) e as descrições de práticas militares feitas por seu contemporâneo Políbio. O professor da Universidade de Leiden, Justus Lipsius, publicou em 1596 um comentário a respeito do trabalho de Políbio – intitulado *De militia romana* – com o objetivo de demonstrar que as lições da antiga Roma, em relação ao exército, eram de extrema importância para os Países Baixos. Seria imitando os legionários romanos – sujeitos a treinamento e disciplina diária – que os Estados Gerais esperavam reformar seu exército. Moor, J. A. de. ‘Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe’, p. 24; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe*, p. 166; Sobre a influência de Lipsius nas mudanças promovidas no exército da República ver também: Mout, M. E. H. N. ‘The youth of Johan Maurits and aristocratic culture in the early seventeenth century’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979, p. 34; Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic: Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, pp. 269-270.

Siegen, que atuou como general do exército sueco na campanha contra a Polônia, foi responsável por introduzir na Suécia o novo preceito bélico. Posteriormente, Johan van Nassau-Siegen reorganizou e introduziu as novas formações no seu exército em Siegen, local onde ele criou uma academia militar em 1616 com a intenção de educar jovens cavaleiros na arte da guerra. Esses novos ensinamentos também foram disseminados sob a forma de livros. Os diferentes movimentos necessários para a manipulação das principais armas de infantaria foram enumerados e representados em desenhos em um manual de exercício militar que foi impresso no ano de 1607. A produção do livro, com ilustrações de Jacob de Gheyn (1565-1629), foi supervisionada por Johan van Nassau-Siegen. “Exercício de armas para arcabuzes, mosquetes e piques” (*Wapenhandlinghe van roers, musquetten ende spiessen*) foi traduzido para várias línguas e publicado em diferentes localidades da Europa (imagem 11).⁸⁸³

As modificações ocorridas nos procedimentos militares não ficaram restritas apenas à Europa, mas também chegaram, no século XVII, através das companhias comerciais européias, a África, América e Ásia.⁸⁸⁴ Embora poucos exemplos tenham sido encontrados na documentação para que se fale em treinamento e exercício de armas entre os homens da Companhia das Índias Ocidentais enviados ao Brasil, algumas menções permitem que sejam estabelecidas conexões entre o que era praticado na República das Províncias Unidas e nas conquistas da WIC. A falta de informação sobre o assunto pode estar relacionada ao fato de que as legislações de forças permanentes do período normalmente não faziam qualquer menção ao adestramento de tropas e de que os relatórios de governo se debruçavam mais a respeito de números, equipamentos e afins do que exercícios e evoluções ensaiadas.⁸⁸⁵ Isso explica ainda porque as escassas menções obtidas na documentação são tão inconclusivas a respeito do assunto. A Carta-Artigo da WIC de 1640, por exemplo, faz alusão a que “capitães e oficiais de guerra deveriam cumprir com seus deveres e exercitar os marinheiros nas armas, [tarefa] de que eles de bom grado se ocupariam”.⁸⁸⁶ A título

⁸⁸³ Gheyn, Jacob de. *Wapenhandlinghe van roers, musquetten ende spiessen. achtervolgende de ordre van Sijn Excellentie Maurits Prince van Oranje*. Amsterdam: 1608; Moor, J. A. de. ‘Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe’, pp. 21, 25, 27; Mout, M. E. H. N. ‘The youth of Johan Maurits and aristocratic culture in the early seventeenth century’, pp. 31-34; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 21, 26-27; De acordo com Olaf van Nimwegen, o livro *Wapenhandlinghe van roers, musquetten ende spiessen* havia sido criado com a finalidade de que soldados jovens e inexperientes pudessem estudar individualmente os movimentos necessários para o uso das armas básicas da infantaria e não para o ensino de grupos de soldados. Portanto, seria um erro supor que os oficiais do exército da República tivessem em suas mãos o manual de exercício militar durante os treinamentos. Nimwegen, Olaf van. ‘*Deser landen krijchsvolck*’, p. 93.

⁸⁸⁴ Parker, Geoffrey. ‘Foreword’. In Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms*, xi; Moor, J. A. de. ‘Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe’, p. 23; Para um panorama mais amplo das modificações militares ocorridas ao longo dos séculos XVI a XVIII e não apenas referente às reformas na infantaria ver: Parker, Geoffrey. *The military revolution*; Black, Jeremy. *A military revolution? Military change and european society 1550-1800*. London: Macmillan, 1991.

⁸⁸⁵ Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 165-166.

⁸⁸⁶ *Articul-Brief*, artigo CXXXI: “*Sullen oock de Capiteynen Chrijgs-Officiieren hun dervoir doen ‘t Boots-volck inte Wapenen te oeffenen die hun daer toe oock gewillichlick begeven sullen*”.

de comparação, foi encontrada apenas uma referência ao assunto em um grande conjunto de leis e ordenações emitidas na colônia da WIC na América do Norte (*Nieuw Nederland*) entre os anos de 1638 e 1674. O artigo oitavo da ordenança emitida pelo diretor-geral da colônia Peter Stuyvesant, em setembro de 1656, faz uma menção de que os sargentos deveriam todas as manhãs, caso o tempo estivesse seco e adequado, exercitar com os homens em guarda “da maneira apropriada” por pelo menos uma ou uma hora e meia.⁸⁸⁷

O testemunho mais direto a respeito do tipo de treinamento feito pelas tropas da Companhia foi feito pelo recruta Ambrosius Richshoffer. Em seu diário, ele registrou ter feito “exercícios” (*exercirt*) antes do seu embarque e a caminho do Brasil, durante as várias paradas feitas pela frota que o levava a Pernambuco. Efetuado diariamente, o “exercício de armas” (*Exercitio deß Gewehrs*) a que Richshoffer e os outros neófitos estiveram submetidos, consistia no manuseio de armas de fogo e na prática de tiro ao alvo.⁸⁸⁸ É possível que também exercitassem a contramarcha e os comandos militares mais elementares. Era um treinamento básico, porém necessário para o desempenho da função, e consistia apenas em uma parte de um longo processo de preparação para o campo de batalha, onde a tropa efetivamente iria aprender a lutar e ganhar experiência no ofício das armas. Em um de seus apontamentos, Richshoffer narrou uma ocasião na qual os oficiais ofereceram aos soldados prêmios para os que conseguissem, andando com o mosquete, acertar em um alvo três tiros em rápida sucessão. Ainda muito inexperientes, poucos foram os que atingiram o alvo duas vezes.⁸⁸⁹

Em fins de 1631, então militar relativamente experimentado, Richshoffer fez outro testemunho que indica o uso prático das lições recebidas nos anos anteriores e possivelmente reforçadas através de treinamento diário. No malfadado ataque da WIC à Paraíba, ele relatou ter marchado com companheiros dispostos em linha no assalto a uma posição inimiga. Durante a ação, Richshoffer viu dois militares, apenas algumas linhas a sua frente, tombarem feridos por causa de uma bala de canhão. Encorajada pelo tenente, a tropa continuou o avanço até cada mosqueteiro ter desferido três tiros e ter sido substituído por outro militar. Segundo Richshoffer, era impossível recarregar a arma após os disparos, visto que o cano estava sobreaquecido.⁸⁹⁰

⁸⁸⁷ O’Callaghan, E. B. (Ed.). *Laws and Ordinances of New Netherland, 1638-1674*. Albany: Weed, Parsons and Company, 1868, p. 254.

⁸⁸⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 6, 21, 23-24, 28.

⁸⁸⁹ Ibidem, p. 28: “Den 4 und 5 nach deme wir zuvor wohl exercirt worden, haben die Herren Officiers auch etliche Gaben zuverschiessen geben, der gestalten, daß ein jeder seine drey Schütz geschwind auff einander nach der Scheiben thun, und in dem Gang die Musqueten laden mußte, dabey es aber gar wenig Zweyer geben”.

⁸⁹⁰ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 90-91: “Hierauff seind unsere Völcker in Bataille gestelt (davon etliche Compagnien, darunder die unserige den Vorzug gehabt) mit dem Feind zu scharmützieren commandirt worden, da dann gleich in dem anmarschieren, zween unter unserm Trouppen nur drey Glieder und Reigen vor mir, mit einer Stuckekugel getroffen, dem einen das Fleisch ausserhalb, dem andern aber inwendig am dückentheil deß Schenckels hinweg geschossen wurde, dessen ohngeacht, ruckten wir auff zusprechen unsers Hrn. Lieuten. immer besser fort, kamen auch dem Feind so nabe auff den Halß, daß wir einander wohl zuruffen kuntten, traffen so lang mit demselben, biß ein jeder auff den lebenden Schutz kommen, ebe man uns abgelöset, dannenbero

O evento descrito por Richshoffer, no qual militares marcham em fila e descarregam suas armas simultaneamente em ondas sucessivas, não é o único exemplo da utilização desse tipo de tática em confrontos travados no Brasil. Em um mapa sobre a batalha de Porto Calvo feito pelo coronel polonês Christoffel Arciszewski foi representada a execução de salvas simultâneas pela tropa da WIC.⁸⁹¹ Em parte da cena montada pelo coronel, pequenas formações de mosqueteiros – protegidas por piqueiros – avançam enfileiradas contra as posições inimigas e efetuam disparos em sequência (imagem 12). No desenho, Arciszewski sintetizou a longa série de movimentos necessários para a realização da carga simultânea – pormenorizadamente registradas no livro de exercício de armas de De Gheyn – e excluiu a contramarcha, mas incluiu as figuras de um tambor e de um alabardeiro marchando junto às tropas. De acordo com J. R. Hale, além de entreterem e incitarem as tropas, tambores e tocadores de pífano tinham por encargo transmitir ordens sonoras – afastar-se, assumir ordem de batalha, atacar, parar, retirar – que eram complementadas por comandos mímicos sinalizados por sargentos que manipulavam alabardas. Passar comandos sonoros e gestuais era algo útil não apenas porque os homens do exército da WIC eram oriundos de diversas localidades da Europa, mas porque na hora da batalha eles não conseguiriam entender as instruções passadas por seus comandantes.⁸⁹²

Outros registros iconográficos sobre a peleja em Porto Calvo foram elaborados pelo pintor Frans Post, que acompanhou a expedição militar encabeçada por Johan Maurits van Nassau-Siegen ao Sul de Pernambuco. No desenho *Praedium prope Portum Calvum*, de 1645, que serviu de base para a gravura de mesmo nome inserida na obra de Caspar Barlaeus *Rerum per octennium in Brasíliā*, Post faz uma representação do movimento de carga simultânea (imagem 13).⁸⁹³ Semelhantemente a Arciszewski, Post resumiu as etapas para efetuação do disparo – ver legendas 2 e 3 da gravura – e excluiu a contramarcha, embora a movimentação da tropa seja mais nítida e conte com uma etapa a mais no manejo para o disparo – os homens carregam as armas

unsere Musquetenläuff von der Sonnen und dem beständigen chargiren so heiss worden, daß wir fast nicht mehr laden konten”; Os pormenores da fracassada expedição foram narrados por Johannes de Laet em: Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volume II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphics da Bibliotheca Nacional, 1916, pp. 297-302.

⁸⁹¹ Arciszewski, Christoffel. *Porto Calvo*. Universiteitsbibliotheek Leiden (UBL), Bodel Nijenhuis Collectie (COLL.BN), 002-12-076.

⁸⁹² Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe*, p. 167; Riben, Hans. ‘The musical instruments in the Swedish State Trophy Collection’. In Sandstedt, F.; Engquist Sandstedt, L.; Skoog, M.; Tetteris, K. (Eds.). *In hoc signo vinces. A Presentation of The Swedish State Trophy Collection*. Halmstad: Printografen, 2006, pp. 149-150.

⁸⁹³ Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasíliā et alibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitis J. Mauriti Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia*. Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647; Tanto o desenho quanto a gravura foram baseados em um esboço feito provavelmente em 1637. De acordo com Bia e Pedro Corrêa do Lago, a autoria da gravura ainda é tema de debate entre historiadores, embora contenha a assinatura de Post. Lago, Bia Corrêa do; Lago, Pedro Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}*. *Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continents, 2007, pp. 378, 400.

no ombro, apresentam-nas, fazem pontaria e efetuam o disparo.⁸⁹⁴ Esses episódios ocorridos na Paraíba e em Porto Calvo servem para demonstrar que os homens da WIC no Brasil foram treinados com rotina, do contrário não seriam capazes de realizar tais sequências de movimentos. O mesmo pode ser dito a respeito daqueles que tinham experiência militar, pois para manter a cadência e velocidade necessárias para a execução da carga contínua eles precisavam se exercitar continuamente.

⁸⁹⁴ Apesar de o mapa de Arciszewski e o desenho de Post registrarem o mesmo confronto e atentarem para o mesmo detalhe, deve ser dito que ambas as obras tinham finalidades muito diferentes. O primeiro pode ser definido como um mapa corográfico, ou seja, que levava em consideração elementos topográficos que poderiam ser úteis, em tempos de guerra, para militares que fossem atuar na região. Também é necessário dizer que o mapa do coronel polonês estava vinculado ao relatório de batalha feito pelo mesmo e, em conjunto, ele explicava os vários momentos do confronto. Todas as letras indicadas na carta são explicadas na exposição escrita do coronel. Já o desenho de Post não teve qualquer finalidade militar, apesar da maior precisão com que o relevo foi delineado. Foi uma obra de testemunha ocular e não um “artefato técnico” como o do comandante polonês, apesar de também ter vínculo a um texto, o livro de Caspar Barlaeus. Serebrennikov, Nina Eugenia. ‘Plotting imperial campaigns. Hieronymus Cock’s abortive foray into chorography’. In Jong, Jan de; Meadow, Mark; Ramakers, Bart; Scholten, Frits (Eds.). *Nederlands Kunsthistorisch Jaarboek, Prentwerk 1500-1700*. Zwolle: Waanders Uitgevers, deel 52, 2001, p. 188; Vieira, Daniel de Souza Leão. *Topografias Imaginárias: A Paisagem Política do Brasil Holandês em Frans Post, 1637-1669*. Leiden: Tese de doutorado da Universidade de Leiden, 2010, pp. 187-188. Para o relato de Arciszewski ver: NL-HaNA_SG 1.01.05, inv. nr. 9217, 01-07-1637. O desenho que serviu de base para a gravura e o seu rascunho pode ser visualizado em: Lago, Bia Corrêa do; Lago, Pedro Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}*. *Catalogue Raisonné*, pp. 378, 381; *Dutch Brazil, Vol. I: Frans Post, The British Museum Drawings*. Petrópolis: Editora Índex, 2000, p. 34.

Imagem 11 – Movimentos – em momentos aleatórios – necessários para o manuseio apropriado de um arcabuz. Gravuras da versão francesa da obra *Wapenhandlinghe van roers, musquetten ende spiessen: achtervolgende de ordre van Sijn Excellentie Maurits Prince van Oranje*.⁸⁹⁵



⁸⁹⁵ *Maniement d'armes d'arquebuses, mousquetz, & piques: En conformité de l'ordre de Monseigneur le Prince Maurice, Prince d'Orange, Comte de Nassau & Gouverneur et Capitain General de Geldres, Hollande, Zeelande, Utrecht, Overijssel etc. représenté par figures, par Jaques de Gheyn. Amsterdam: Chez Robert de Baudous, avec privilege de l'Empereur, du Roy de France, & des nobles & puissans seigneurs messeigneurs les Estatz generaux des Provinces Unies, 1608.*

Imagem 12 - Detalhe do desenho de Christoffel Arcizweski.

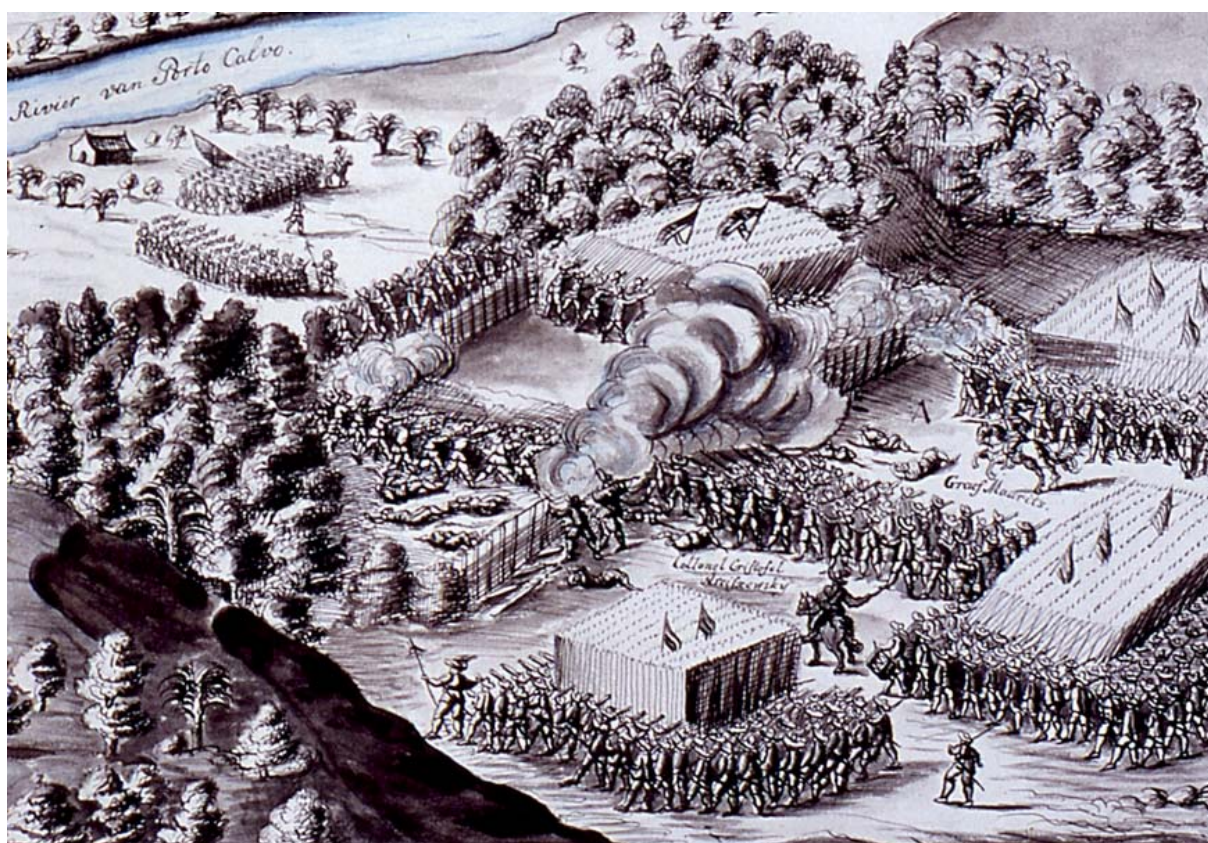


Imagem 13 – Detalhe da gravura *Praedium prope Portum Calvum*.



Todavia, o treinamento recebido pelos militares da WIC visava capacitá-los a perfazer disciplinadas evoluções que só seriam proveitosas em confrontos travados entre tropas dispostas ordenadamente no campo de batalha. No Brasil, peijas campais – a exemplo das batalhas de Mata Redonda (1636), Porto Calvo (1637), Tabocas (1645) e Guararapes (1648; 1649) – ocorreram apenas pontualmente e mesmo em algumas dessas ocasiões a tropa da Companhia teve poucas oportunidades de enfrentar seus inimigos organizando-se em formações enfileiradas.⁸⁹⁶ Nas refregas campais que tiveram lugar em Guararapes, por exemplo, os militares envolvidos não foram capazes de manter-se organizados por muito tempo e apesar das contínuas tentativas dos comandantes para dispô-los em formação de combate, eles foram arrastados para um confronto corpo-a-corpo – que normalmente era o momento decisivo das batalhas do período – tendo efetuado apenas algumas seqüências de disparos.⁸⁹⁷

A ausência de batalhas campais está relacionada ao fato de que as tropas luso-brasileiras da fase inicial de resistência (1630-1633) e do período de rebelião (1645-1654) não buscavam confrontação direta com o exército da Companhia.⁸⁹⁸ Elas armavam emboscadas para desferir pequenos, mas contínuos golpes nas forças da WIC, sempre procurando o momento mais oportuno para atacar e investindo de maneira não ordenada para os padrões europeus.⁸⁹⁹ As tropas locais também utilizavam o terreno para encobrir suas ações e aproveitavam-se da mobilidade de seus soldados para quebrar as formações da Companhia – fechadas e lentas para a guerra praticada no Brasil. Por isso, o membro da administração superior do Brasil, Michiel van Goch, tentando explicar a segunda derrota nos montes Guararapes, em fevereiro de 1649,

⁸⁹⁶ No confronto em Porto Calvo – não citado como campal por Evaldo Cabral – houve um choque entre as tropas da WIC e o exército de resistência antes do assédio à fortificação defendida pelo tenente general da artilharia Miguel Giberton, conforme se observa no mapa de Arciszewski, no seu relatório escrito sobre a conquista daquela praça e na descrição feita por Duarte de Albuquerque Coelho. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 372; Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, pp. 310-316; NL-HaNA_SG 1.01.05, inv. nr. 9217, 01-07-1637.

⁸⁹⁷ Black, Jeremy. *A military revolution? Military change and european society 1550-1800*. London: Macmillan, 1991, p. 10; Moor, J. A. de. 'Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe', p. 20; Uma boa seleção de relatos a respeito dos confrontos em Guararapes foi elaborada por Evaldo Cabral de Mello no capítulo 'Rumo aos Guararapes' do livro *O Brasil Holandês*: Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010, pp. 427-461. Ver também: Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955, p. 89.

⁸⁹⁸ Mesmo nos Países Baixos, durante a Guerra dos Oitenta Anos, os confrontos campais ocorreram apenas ocasionalmente. De acordo com H. L. Zwitter, os comandantes do exército da República evitavam o confronto direto contra a tropa da Espanha. Preferiam defender-se a partir de suas fortificações e levantar assédios a posições defendidas pelo exército da Espanha do que enfrentá-los em campo aberto, uma medida que visava evitar baixas desnecessárias e insubstituíveis. Zwitter, H. L. 'The Eighty years war'. In Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms*, pp. 41-42.

⁸⁹⁹ Conforme mencionou Fernando Dores Costa, é necessário tomar cuidado com os estereótipos e generalizações a respeito da falta de disciplina dos militares portugueses existentes na historiografia e na documentação do período, pois estas podiam ser provenientes de discursos que buscavam vincular os portugueses "a uma relação conflituosa com a disciplina militar". Para mais informações ver: Costa, Fernando Dores. 'Milícia e Sociedade – Recrutamento'. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, pp. 97-101.

mencionou que as tropas inimigas, além de mais leves, “tinham a vantagem da posição, atacavam sem ordem e em completa dispersão”, enquanto que os militares da Companhia combatiam “em batalhões formados como [...] na mãe-pátria”.⁹⁰⁰

Conforme apontou Evaldo Cabral de Mello em *Olinda Restaurada*, as lutas travadas no Brasil foram em parte baseadas na defesa e conquista de posições fortificadas e, por outro lado, em conflitos que consistiam essencialmente em pequenos assaltos e contínuas emboscadas.⁹⁰¹ Esses tipos de conflito acabaram por reger muito do cotidiano dos homens da WIC, que passavam parte do tempo construindo e reparando paliçadas e fortificações, emboscando ou fugindo de ataques no meio das matas ou mantendo a vigilância do território por trás dos parapeitos dos fortes onde estivessem estacionados. Os combates de grande envergadura – onde em tese os homens usariam o aprendizado dos treinos –, a participação em operações de assédio e o ingresso em pelejas marítimas constituíam apenas eventos esporádicos na vida dos militares.

As rotinas dos militares Ambrosius Richshoffer, Cuthbert Pudsey – nos primeiros anos de ocupação – e Peter Hansen – de fins de 1644 a 1654 – estiveram amplamente conectadas ao tipo de confronto no qual a Companhia esteve envolvida no Brasil, isto é, a mistura da guerra européia de posições e a guerrilha, que impedia a tropa da WIC de ingressar no território e a colocava em um estado de contínuo alerta. O primeiro deles, por exemplo, participou intensamente na construção de fortificações para conter os contra-ataques dos locais e tomou parte em constantes e violentos encontros com guerrilheiros nos arredores de Recife e Olinda, já que o bloqueio imposto pela tropa da resistência negava aos homens da WIC o acesso a alimentos frescos e lenha para cozinha e construção.⁹⁰² Sua participação em expedições militares foi apenas esporádica. Vivendo no Brasil no mesmo período, o militar Pudsey também descreveu em seu diário um cotidiano de trabalhos em obras de defesa e de ataques enfrentados a cada saída da tropa em busca de refrescos ou de madeira, algo que os colocava “em contínua ação por longo tempo”, sobretudo porque os homens eram forçados a complementar rotineiramente as parcas rações recebidas com alimentos locais – isso quando os últimos, como nos momentos mais críticos, não terminavam sendo o único recurso disponível.⁹⁰³

Na medida em que a tropa da Companhia foi vencendo a resistência imposta pela

⁹⁰⁰ Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*, pp. 453-458; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, p. 250, nota 30.

⁹⁰¹ Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 318-319.

⁹⁰² Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 54-61, 63-71, 80.

⁹⁰³ Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*, pp. 55-61. Pudsey não é muito claro em seu texto a respeito de sua participação nas fainas construtivas e coleta de refrescos e lenha, pois às vezes ele menciona os fatos como um simples observador e em outros momento inclui-se nos episódios descritos escrevendo na primeira pessoa do plural. É o “we” vago do qual o historiador José Antônio Gonsalves de Mello queixou-se em um artigo sobre o militar publicado no jornal *Diário de Pernambuco*. Mello, José Antônio Gonsalves de. ‘O inglês Pudsey em Pernambuco’. In *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 nov., 1950; A respeito do abastecimento de víveres ver o capítulo 3.

guerrilha, conhecendo o território e se reajustando às condições da guerra local, ela, antes vítima rotineira dos ataques dos guerrilheiros, passou também a fazer ataques surpresa nas matas. De acordo com o militar Cuthbert Pudsey, a “invenção assassina” – a emboscada –, que foi responsável pela morte de muitos homens, foi sendo gradativamente incorporada no repertório de combate dos militares. Em pouco tempo os homens passaram a esperar o momento certo para atacar – quando o inimigo estava “à distância de um tiro de pistola” –, a usar armas de fogo de pederneira – evitando assim ter sua posição denunciada com a queima da mecha – e a levar para o combate armas de corte facilmente manejáveis nas matas e úteis para a luta corporal que usualmente podia ocorrer nesse tipo de peleja.⁹⁰⁴ A narrativa de Ambrosius Richshoffer se coaduna com o relato de Pudsey. Em princípios de 1631, Richshoffer começa a incluir nas páginas de seu diário as primeiras descrições de emboscadas preparadas pelos homens da WIC nas áreas vizinhas ao Recife.⁹⁰⁵ Anos depois, durante o cerco ao Arraial, em 1635, seria a vez dos homens da WIC fazerem escaramuças diárias contra o inimigo, de forma a mantê-lo dentro do Arraial. Além dos redutos construídos para bater a posição da resistência, estratégia típica dos assédios do período, emboscadas ajudavam os atacantes a impedir as saídas de pessoal da fortificação sitiada e as entradas de reforços em tropa e comida.⁹⁰⁶

Antes de falar nas experiências pessoais de Peter Hansen, é válido mencionar que as táticas da guerra local aprendidas foram pouco utilizadas pelas tropas da Companhia em confrontos posteriores – principalmente os que ocorreram após a revolta – por causa da contínua rotatividade das tropas. Richshoffer, Pudsey e outros militares do seu tempo voltaram para a Europa após o término do primeiro contrato ou alguns anos mais tarde. Junto com eles, o aprendizado – a despeito dos esforços da WIC em manter soldados veteranos. Portanto, os homens do exército da Companhia não eram incapazes de se adaptar ao clima e a guerra local, a contrário do que indicou Gonsalves de Mello.⁹⁰⁷ Por serem enviados ao Brasil por tempo pré-determinado, a prática, adquirida a duras perdas e após algum tempo, não podia ser transmitida aos substitutos que por vezes eram lançados diretamente no campo de batalha sem ter passado por qualquer momento de aclimação. Isso pode explicar em parte as derrotas das tropas da WIC no Brasil.⁹⁰⁸ Entre o contingente que combateu em Guararapes, por exemplo, havia muita

⁹⁰⁴ Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*, pp. 59, 61, 69, 81, 83. O autor também aponta a participação de guias locais, certamente importantes para a apropriação da guerra local. Armas de fogo de pederneira também eram úteis nos dias chuvosos, ao contrário das dotadas de mecha. Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 344-345.

⁹⁰⁵ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 67-68, 73, 80, 83, 88.

⁹⁰⁶ Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*, pp. 81, 83.

⁹⁰⁷ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 250, nota 30.

⁹⁰⁸ De acordo com Charles Boxer, entre as várias razões para o fracasso militar das tropas da WIC em Angola e no Brasil – mesmo considerando que os militares da WIC eram mais fortes fisicamente, melhor alimentados e disciplinados em relação aos seus oponentes – estava o fato de os militares não terem sido melhor aclimatados do

gente novata e inexperiente no tipo de guerra local e que foi enviada nas frotas de socorro remetidas após o início da rebelião. Por isso, alguns anos após as pesadas derrotas para os rebeldes em 1648 e 1649, o Alto Governo do Brasil ainda escrevia aos Estados Gerais para falar da necessidade de contratar gente experimentada que já havia servido no Brasil, pois eram indivíduos acostumados com o clima e as condições do local.⁹⁰⁹ Gente com experiência em combate apenas na Europa era inadequada para a Companhia. Entretanto, em face das experiências vivenciadas, seria difícil convencer esse pessoal a voltar para o Brasil.

Peter Hansen chegou ao Brasil em dezembro de 1644, quando a Companhia tinha livre circulação no território. Quando a rebelião estourou em meados de 1645, ele estava entre a tropa designada para participar das primeiras investidas da WIC para sufocar os rebeldes. Na perseguição aos insurgentes, acabou participando da batalha das Tabocas, no começo de agosto, que foi a primeira grande derrota da Companhia ocorrida após o levante dos moradores. No retorno de Peter Hansen ao Recife, passando por engenhos e matas na área de São Lourenço – junto com os remanescentes da tropa batida nos tabocais –, ele se viu esgotado por causa da luta e das longas marchas forçadas, faminto em decorrência da falta de provisões e caçado pelos rebeldes. O grupo do qual ele fazia parte acabou procurando refúgio no “engenho de Tournalon”, onde a tropa da Companhia se reagrupava após a derrota. Eles foram cercados e novamente batidos em meados do mesmo mês.⁹¹⁰ Um dos poucos a se evadir com vida do engenho, ele conseguiu voltar para o Recife com dois “alemães” e sete “brasileiros”, onde passou a viver o dia-a-dia do cerco imposto pelos rebeldes. Para os militares, a rotina dentro da cidade assediada passou a ser voltada para contínua vigilância e pequenos combates com as tropas luso-brasileiras. As tentativas diárias de buscar alimentos nas vizinhanças do Recife, de forma a arrefecer a fome que grassava fortemente, resultavam constantemente em violentas escaramuças. Nas guarnições

que seus inimigos. Faltou apenas o autor inglês falar do problema que era para Companhia utilizar tropas que trabalhavam apenas temporariamente e que normalmente voltavam para casa – caso não morressem – ao fim do contrato, ao contrário de muitos de seus oponentes. Esses eram alistados à força por períodos que variavam “de alguns anos até a vida inteira”. Boxer, Charles Ralph. *O Império Colonial Português*. Lisboa: Edições 70, 1977, pp. 139-140, 142-143; Costa, Fernando Dore. ‘Milícia e Sociedade – Recrutamento’. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*, pp. 77-79; Peregalli, Enrique. *Recrutamento militar no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1986; Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. *O miserável soldo e a boa ordem da sociedade colonial – Militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2001, p. 86.

⁹⁰⁹ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 67, 25-05-1651: “Oock strecken de nijtgediende soldaten voor dobbele lieden tot conservatie van desen stadt, in ’t reguard van de nieuvelingen soo hervarts mochten comen, terwijlden het climaet gewoon sijn, ende het lant conditie”. Ver também o que fala Herman Wätjen a respeito da ineficiência das tropas enviadas ao Brasil após o início da rebelião e das consequências desastrosas do encontro de tropas européias frescas com guerrilheiros experimentados. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, pp. 255-256. Ver também: Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, p. 68.

⁹¹⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 69-74.

mais isoladas não seria diferente.⁹¹¹

O militar Peter Hansen não ficou no Recife durante todo o tempo em que esteve no Brasil. Em novembro de 1646, ele partiu como voluntário para servir em Cunhaú, no Rio Grande, com uma pequena tropa de 12 homens que tinha por missão proteger o engenho de Mathias Beck. Promovido a escrevente em setembro de 1647, ele foi transferido para o forte *Ceulen*, um dos pontos de ocupação mais remotos da conquista.⁹¹² Apesar de não ter se afastado de uma vida de perigos e confrontos, Hansen empenhou-se em atividades distintas daquela para a qual ele foi recrutado. Afora suas saídas para buscar alimentos e expedições oficiais com propósitos diversos, ele esteve em busca de serviços que lhe dessem algum retorno financeiro além da paga recebida pelo trabalho na Companhia, a exemplo de sua jornada para capturar negros fugitivos no interior do Rio Grande ou do serviço temporário como comissário dos víveres no forte *Ceulen*.⁹¹³ Como Peter Hansen, muitos militares da WIC também procuraram obter algum dinheiro através do desempenho de serviços extraordinários, fossem eles realizados para a Companhia, para terceiros ou por conta própria – e nessas duas últimas ocasiões nem sempre contaram com autorização da Companhia. A ascensão dentro do exército e a saída do serviço militar da WIC também se mostraram maneiras de melhorar as condições de vida e meios comuns de tentar amealhar algo para o retorno à Europa, conforme será observado adiante.

5.2 Carreira e possibilidades fora da WIC

A labuta nas fortificações, os pequenos confrontos, o treinamento e uma série de outras tarefas militares preenchiam parte substancial do dia-a-dia dos recrutados. Além dos afazeres de ordem militar, os homens do exército da Companhia também dedicavam seu tempo a suplementar a ração distribuída através da caça, coleta, pesca e outras atividades.⁹¹⁴ Contudo, os militares não viviam apenas em função de saciar seus apetites – rotineiramente defraudados por conta das inúmeras crises de abastecimento na conquista – e muitos buscavam melhorar sua condição de vida e obter algum ganho pecuniário trabalhando. Alguns desses serviços eram prestados para a própria Companhia, empregadora habitual. Eram usualmente pesadas fainas

⁹¹¹ Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup', pp. 74-75, 77; Um diário anônimo publicado em Arnhem traz informações pormenorizadas do dia-a-dia no Recife e em outras localidades ocupadas pela Companhia durante os primeiros anos do cerco imposto pelos rebeldes. Ver: 'Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647'. In *Revista do Instituto Archeológico Historico e Geographico Pernambucano*. Volume V, número 32. Recife: Typographia Universal, 1887, pp. 140, 150-151, 171-172, 178-181, 193-194, 204, 211, 213, 215, 217.

⁹¹² Sua rotina de mudanças continuou até seus últimos dias na conquista – algo típico da vida dos militares. Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup', pp. 74, 77-78, 80.

⁹¹³ Ibidem, pp. 89-90, 93-94.

⁹¹⁴ Ver o capítulo 3.

construtivas de edificações civis e militares que podiam valer aos empregados pequenas retribuições em alimentos – freqüentemente bebidas alcoólicas – ou alguma quantia em dinheiro, paga por dia de serviço. O quanto cada um deles ganhava de estipêndio dependia do tipo de atividade realizada. Homens que tinham apenas a força corporal como instrumento de trabalho recebiam menos e geralmente em produtos provenientes do próprio armazém da Companhia, cujo preço era elevado o suficiente para que eles não tivessem acesso regular. Como no caso da caneca de aguardente dada a alguns soldados de diferentes guarnições da área do Recife designados para cortar madeira para o reparo de obras de fortificação e das duas canecas de aguardente ou vinho a serem entregues semanalmente – por sugestão do major Cornelis Bajart (Bajart, Baijer) – para os soldados que “fossem trabalhar ativamente no corte de vime”, certamente a ser utilizado para a construção de estruturas defensivas.⁹¹⁵ Mesmo um serviço mais técnico feito por um soldado, como a pintura de “duas casinhas” em local não especificado, foi pago pela Companhia com quatro jarras de vinho proveniente do armazém, conforme o registro do Alto e Secreto Conselho do Brasil de abril de 1637. Havia de ser um bom negócio, pois além de consumir o produto recebido, o militar podia negociá-lo por uma boa soma, uma vez que uma jarra de vinho espanhol, em maio de 1637, custava 30 *stuivers*, enquanto que a mesma quantidade de vinho francês saía pelo valor de 18 *stuivers*.⁹¹⁶

Os capazes de exercer algum serviço especializado – como trabalhos de pedreiro ou carpinteiro – podiam receber diárias em dinheiro. Mesmo aqueles que apenas prestavam auxílio aos mestres de ofício recebiam um pagamento melhor, a exemplo dos quatro soldados cedidos pela WIC para dar assistência a carpinteiros e pedreiros que laboravam no forte *Goch*, nas vizinhanças do Recife, em fevereiro de 1651. Os militares receberam 28 florins e 16 *stuivers* por 32 dias de trabalho, sendo a diária de 18 *stuivers*, quase $\frac{1}{8}$ dos 8 florins que um soldado ordinário vencia por mês.⁹¹⁷ Uma diária de valor igual foi paga a seis soldados por seis dias de trabalho de demolição do grande quartel em Antônio Vaz. Os homens embolsaram 32 florins e 8 *stuivers* pelo serviço.⁹¹⁸ Entretanto, os militares não trabalhavam somente como auxiliares nas obras de fortificação. No mesmo mês em que os soldados foram pagos com diárias por trabalhos construtivos, diversos contratadores de gente, agindo como empreiteiros, receberam da

⁹¹⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-02-1637, DN 28-02-1637.

⁹¹⁶ Esses eram os preços praticados pelo armazém da Companhia naquele ano. Comerciantes que atuavam no Brasil, no mesmo período, aplicavam outros valores. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-04-1637, DN 04-05-1637, DN 13-06-1637, DN 18-11-1637; Outros exemplos de remuneração com bebidas alcoólicas podem ser observados em: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 13-07-1630, NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-05-1635, DN 16-05-1635, DN 16-05-1637.

⁹¹⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 23-02-1651: “*Sijnde gehuijrt vier soldaten omme te arbeijden aen t'fort Goch tot assistentie van timmerluiiden ende metselaers aldaer. Is aen de selve ord.tie gepassert voor arbeijts loon van twee en dertich dagen tot 18 stuivers daegs ter somme van achten twintich gl 16 stuivers*”.

⁹¹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 03-03-1651: “*Aen 6 soldaten voor 6 dagen arbeijts loon ider voor t'afbrecken t lange quartier op Antonio Vaz a 18 st. daegs 32 gl. 8 st.*”.

Companhia elevadas somas em dinheiro para construir, reparar ou manter fortificações em Recife, Antônio Vaz e vizinhanças. Alguns desses homens, militares não comissionados do exército, foram responsáveis por repassar o dinheiro recebido a diversos soldados que labutaram sob sua supervisão. Foi o caso do cabo do exército da WIC Christiaen Polman, que recebeu uma ordem de pagamento no valor de 164 florins e 10 *stuivers* de forma a remunerar os soldados que trabalharam para ele.⁹¹⁹ Outros dois militares não comissionados, o cabo Jan Jacobs. Hetman e o sargento Jan Keetinan, receberam cada um 30 florins por obras de fortificação feitas para a Companhia. Hetman granjeou a quantia por ter construído uma berma em local não especificado enquanto que o sargento Keetinan embolsou o mesmo valor para reparar a berma do forte *Bruijn*.⁹²⁰ Eram valores substanciais para quem recebia 12 e 20 florins mensais, sem contar com os descontos usuais.⁹²¹

A atuação de militares como empreiteiros em obras de fortificação no Brasil remonta aos primeiros meses de ocupação, ocasião em que membros do exército da Companhia receberam a tarefa de construir defesas para manter as posições recém conquistadas. Entre os militares encarregados das construções, alguns não comissionados, como o sargento Joris Bos – em conjunto com o alferes Ludoff Nieuwenhuysen –, contratado para levantar um forte no Recife, o sargento Jan Coyman, o soldado Christoffel Deteranson e o cadete Hans Willem Louisen, encarregados de construir o forte *Ernst*, na ilha de Antônio Vaz.⁹²²

Contudo, parte considerável dos homens empregados pela Companhia para levantar fortificações ou fazer manutenções e reparos era composta de militares comissionados, a exemplo dos oficiais do exército Cornelis Baijart e René de Monchy. Ambos estiveram amplamente envolvidos em obras de construção, manutenção e reparo de fortificações no Brasil. O primeiro foi contratado pela WIC em 1635 – quando tinha patente de major – para reparar o forte *Prins Willem*, em Afogados, conforme pode ser observado em atas diárias de março, abril e junho daquele ano. Entre 1636 e 1637, Baijart continuou envolvido na manutenção de fortificações e na inspeção de obras de defesa. No mês de janeiro de 1636, ele foi designado para fazer a conservação do forte *Ernst*, onde fez reparos em fevereiro, e em agosto do mesmo ano

⁹¹⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 02-03-1651. Na ata diária datada de março de 1651 não consta que Polman era militar, mas seu nome figura nas “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil” com a patente de cabo. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

⁹²⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 75, DN 17-02-1651, DN 02-03-1651. A ata diária de março de 1651 não indica a patente de Hetman, citado somente como “Jan Hetman”. Nas “Minutas” anteriormente citadas consta um “Jan Jacobs. Hetman, com a patente de cabo. Não é um nome de família comum para ser repetido, portanto, deve se tratar da mesma pessoa. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

⁹²¹ Valores estabelecidos no panfleto de 1647 *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*. s’Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647.

⁹²² Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 50-51, nota 37; O forte a ser levantado por Joris Bos e Ludoff Nieuwenhuysen, localizado “defronte da entrada do Poço”, era o *Bruijn*.

Baijart voltou a trabalhar no forte *Prins Willem*. Em 1637, Cornelis Baijart fez serviços nos fortes *Bruijn* e *Waerdenburgh*, ao Norte de Antônio Vaz, e esteve mais uma vez laborando no *Prins Willem*.⁹²³

As atividades do outro oficial construtor, René de Monchy, foram igualmente registradas nas atas diárias escritas pelo governo do Brasil. O tenente recebeu, em março de 1638, 300 florins pela manutenção do forte *Orange* em Itamaracá. Em fins de abril do mesmo ano, um tesoureiro da Companhia no Brasil recebia instruções do Alto e Secreto Governo para pagar a De Monchy 1.000 florins pela construção de uma paliçada em torno do Recife. Os negócios iam bem para o tenente, que iria embolsar mais 1.200 florins para manter, pelo período de um ano, o forte *Bruijn*. Em 22 de abril de 1639, De Monchy recebeu o pagamento complementar de 233 florins e 15 *stuivers* pela manutenção do forte *Bruijn* e no dia seguinte, uma ordem de remuneração de 175 florins foi emitida em benefício dele e de Coenraet Mackinje, como pagamento restante pelo muro de pedra levantado por ambos no forte *Ernst*. Em maio, De Monchy era empregado pela soma de 500 florins, por um período de um ano, para fazer reparos nas obras cornas e na cortina em frente ao Recife e para preencher o terraplano da porta do Recife. No ano seguinte, De Monchy recebia nova ordem de pagamento, desta vez no valor de 1.000 florins. Ele arrematou a construção de uma estacada ao redor do forte *Ernst*.⁹²⁴

Os negócios dos dois oficiais com a Companhia prosseguiram em outros momentos, sempre movimentando elevadas quantias de dinheiro. Embora os registros de suas atividades não informem nada a respeito da mão-de-obra empregada nas construções, é provável que eles utilizassem militares. Esses deviam ser remunerados em dinheiro, como nos vários repasses registrados em 1651 – alguns dos quais feitos por oficiais não comissionados –, ou eram recompensados com produtos oriundos dos armazéns da Companhia, como podem indicar a mencionada solicitação de Cornelis Baijart, datada de fins de fevereiro de 1637, e as várias retribuições desse tipo mencionadas anteriormente.⁹²⁵

⁹²³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 31-03-1635, DN 03-04-1635, DN 27-06-1635, DN 09-01-1636, DN 02-02-1636, DN 28-08-1636, DN 06-04-1637, DN 07-04-1637.

⁹²⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-03-1638, DN 30-04-1638, DN 01-05-1638, DN 22-04-1639, DN 23-04-1639, DN 02-05-1639, DN 09-10-1640; Hannedea C. van Nederveen Meerkerk teve a atenção atraída pela participação de De Monchy em obras de fortificação no Brasil. Segundo a pesquisadora, seu nome foi recorrentemente citado até 1652. Nederveen Meerkerk, Hannedea C. van. *Recife: The rise of a 17th century trade city from a cultural-historical perspective*. Van Gorcum, Assen/Maastricht: PhD dissertation Technical University of Delft, 1989, pp. 52, 64 (nota 8). De Monchy ficou no Brasil até os últimos dias de ocupação – seu nome figura nas “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil” –, retornando às Províncias Unidas em 1654. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655. Em dezembro de 1653, dias antes da rendição, ele ainda prestava serviços de construção para a Companhia. NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, Dagelijkse Notulen (DN) 22-12-1654.

⁹²⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-02-1637; Sobre outros oficiais comissionados envolvidos em obras de construção, ver os casos do major De Vries, que recebeu pagamento da WIC por um trabalho em uma fortificação no Cabo de Santo Agostinho em maio de 1635, do capitão Striffrij (Sifri), contratador do forte *Orange* em novembro de 1635, do capitão Hoochstraten, que embolsou mais de 600 florins por ter erguido um forte em abril de

Afora as rendas provenientes dos trabalhos de construção, os militares suplementavam sua paga trabalhando por conta própria, oferecendo seus serviços para terceiros ou desempenhando atividades civis dentro da WIC – algo que não implicava necessariamente em uma grande melhoria salarial, mas certamente os afastava do serviço de guerra. Uma interessante observação nesse sentido foi feita pelo coronel polonês Christoffel Arciszweski. Segundo ele, “muita gente” da Companhia se “esquivava” de seus afazeres ordinários para tentar praticar todo tipo de negócios: alguns trabalhavam com os “Senhores” – isto é, membros do governo – e com cidadãos-livres, outros praticavam algum ofício – ou seja, trabalhavam como mecânicos – e havia ainda aqueles que trabalhavam como vivandeiros.⁹²⁶

Entre as atividades exercidas autonomamente encontram-se pequenos serviços como a venda de alimentos obtidos nas vizinhanças das guarnições ou as transações com mercadorias, às vezes de procedência duvidosa, como as linhas e cadarços subtraídas da Companhia por um tambor que servia no Recife.⁹²⁷ Alguns chegavam até mesmo a vender a própria roupa, a exemplo do que fizeram alguns soldados, de acordo com uma carta escrita pelos Senhores XIX em janeiro de 1639.⁹²⁸ Outros incrementavam a renda com a captura de escravos e de animais desgarrados, vendidos por substanciais quantias para terceiros ou para a Companhia.⁹²⁹ Um caso desse tipo foi descrito pelo diarista Peter Hansen, que mencionou ter capturado, em 1650, alguns escravos fugidos – a quem ele chamou de “negros da mata” (*Bosch Negroß*) – no interior do Rio Grande. Ele, então escrivão do forte *Ceulen*, disse ter “tomado” um soldado de sua guarnição e se juntado com alguns *brasilianen* e dois negros na tentativa de apanhar os escravos evadidos. Após seis dias longe de sua guarnição, Hansen conseguiu prender quatro negros e os vendeu no Rio Grande por 400 peças de oito (*Stück von Achten*), quantia dividida irregularmente entre ele (250 peças), o

1637 e do tenente D’Autrij, contratado pela Companhia para construir paliçadas em local não especificado em setembro de 1637. São vários os exemplos que podem ser encontrados na documentação. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-05-1635, DN 17-11-1635, DN 07-04-1637 e DN 03-09-1637.

⁹²⁶ Artichofsky, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilië in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch genootschap*. Utrecht: Kernink en Zoon, 1869, n° 16, p. 281: “Men coste wel met handen tasten, dat veel volcx haer ontrock den gemeenen dienst, met alderhande finessen, [...] d’andere met dienen bij de beeren en vrijelieden, de derden met ambachten te drijven, de vierde met soutelen”.

⁹²⁷ Segundo o médico Willem Piso, no livro *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, escravos e soldados vendiam pombas silvestres caçadas por eles. Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Tradução Mário Lobo Leal. [1658] Rio de Janeiro: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1957, p. 206; Por causa do furto de mercadorias da Companhia, o tambor Jan Alberts foi condenado a ser fortemente açoitado. Ele as vendeu por alguns *stuivers* e *schellingsen* ou as trocou por jarras de garapa. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 55, doc. 3, 28-01-1639.

⁹²⁸ Na carta enviada pelos Senhores XIX ao Alto e Secreto Conselho e a Johan Maurits van Nassau-Siegen eles se queixam do estado andrajoso dos militares, acusados por eles de venderem suas roupas em troca de dinheiro para beber ou para desperdiçar inutilmente. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 28-01-1639. Tal negociata era inclusive proibida pela Companhia, de acordo com a Carta-Artigo, sob pena de “correção arbitral” (*Arbitrale Correctie*). *Articul-Brief*, artigo LXIX. Sobre as leis que regiam a vida militar ver o próximo capítulo.

⁹²⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-09-1637, DN 27-10-1637, DN 11-11-1637.

soldado (100 peças) e o regedor dos indígenas (50 peças).⁹³⁰

Antes de Peter Hansen, alguns soldados e oficiais – além de vários capitães do mato – conseguiram boas somas pela captura e revenda de escravos. Quando houve a intensificação da guerra ao Sul de Pernambuco, entre 1636 e 1637, muitos dos negros foram apresados pelos militares como espólio de guerra e a Companhia – tentando obter algum provento – instituiu no fim de outubro de 1637 que oficiais e soldados entregassem escravos capturados “aos senhores do Alto Conselho e seus representantes”, sob o risco de serem obrigados a restituí-los e a pagar uma multa de 300 florins por cada escravo sonegado. A WIC, usualmente inventiva em lucrar à custa de seus próprios empregados, iria pagar 20 peças de 8 para cada homem e 6 peças de 8 para cada mulher devolvidos.⁹³¹ Era um preço inferior ao valor de mercado e certamente alguns militares procuraram repassar suas presas a terceiros, como aparentemente o fez Peter Hansen – considerando que a regra acordada pelo Alto e Secreto Conselho do Brasil em 1637 ainda estivesse em vigor em 1650.⁹³² A Companhia teve atitude semelhante em relação aos animais desgarrados que fossem capturados por seus militares. Ela os obrigava a entregá-los em troca de 10% do valor do animal. Caso infringissem a ordem e fossem pegos, pagariam multa de 12 peças de 8 para cada vaca e 20 peças de 8 para cada boi ou novillo apanhado, além de terem que restituí-los.⁹³³

⁹³⁰ O regedor era Antônio Paraupaba, com quem Peter Hansen parece ter estabelecido uma relação de amizade e que autorizou a saída dos indígenas como escolta para auxiliar a captura dos negros. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 89-90. Sobre Antônio Paraupaba ver: Hulsman, Lodewijk. ‘Índios do Brasil na República dos Países Baixos: As representações de Antônio Paraupaba para os Estados Gerais em 1654 e 1656’. In *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, número 154, 2006.

⁹³¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 27-10-1637; O preço de compra parece que estava regulado antes da deliberação, pois em setembro de 1637, um capitão do campo e alguns soldados venderam à Companhia 5 negros (4 homens e 1 mulher) por 26 peças de 8, o equivalente a 206 florins e 8 *stuivers*. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-09-1637; Em novembro de 1637, um capitão do mato e alguns soldados venderam 2 homens, 2 mulheres e 1 criança à Companhia em Recife por 56 “patacas”. Eles haviam capturado essa gente em Porto Calvo. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-11-1637.

⁹³² Para comparar a diferença de valores para aquele ano, em 9 de março de 1637, 8 escravos (1 homem, 1 mulher e 6 crianças de diferentes idades) foram vendidos por 416 florins (52 reais de 8 por peça) a Gaspar Dias Ferreira. No mesmo dia Govert Clock arrematou 1 mulher e 2 crianças por 42 reais de 8 por unidade. Os valores observados em transações nesse mesmo ano flutuaram. Ainda em março, 1 mulher adulta alcançou a soma de 200 florins e em abril 15 homens e mulheres de diferentes idades foram comercializados a 3 mil florins, preços mais ajustados aos valores cobrados pela Companhia no Brasil entre os anos de 1630 e 1650. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 09-03-1637, DN 26-03-1637, DN 24-04-1637. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 191. Em 1638, durante o assédio a Salvador, os militares receberam ordens especiais do membro do Alto e Secreto Conselho, Johan Gijsselingh, para entregar todos os negros capturados nas imediações da cidade. Um preço foi fixado para a compra dos escravos apresados pelos soldados. De acordo com Cuthbert Pudsey, seriam pagas 16 peças de 8 por cada homem e 8 peças de 8 por cada mulher. Esses escravos foram levados para Pernambuco e revendidos aos “camponeses” (*the Boores*) por somas muito superiores. Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil*, 1629-1640, p. 133.

⁹³³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 27-10-1637: “Ende belangende de beesten diese de vijant souden mogen ontdrijven ofte opvangen in t wilde loopende, daer van sullen de thiende genieten. Mits deselve insgelijcx getrouwel. aen te brengen met peene van voor ijder coebeest die sullen verswegen ofte ontvoert hebben, te sullen betalen twaelff sticken van achten, ende ijder osse ofte novillo twintigh sticken van achten, ende niet te min de selve beesten te restitueren”; Em 1637, uma vaca podia custar entre 6 e 8 peças de 8, conforme indicam duas atas do Alto e Secreto Conselho do Brasil datadas do mês de abril e setembro. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-04-1637, DN 04-09-1637.

Levando outra vez em consideração a declaração de Arciszweski em suas memórias – certamente baseadas na sua segunda estadia no Brasil, entre 1634 e 1637 –, a saída de muitos militares das guarnições para trabalhar com particulares era algo corriqueiro.⁹³⁴ A queixa do coronel polonês é ratificada por alguns registros provenientes do Alto e Secreto Conselho do Brasil. Tais apontamentos fornecem mais dados sobre a constância do exercício de atividades fora do serviço da Companhia e das tentativas do governo de impedir as evasões. A situação era tal que a Companhia – por meio de um edital “novamente promulgado” pelo Alto e Secreto Conselho no mês de maio de 1638 – passou a estipular a punição tanto dos cidadãos-livres (*vrijeluijden*) que contratassem servidores da Companhia (*Comp.ies dienaers*) quanto dos funcionários que trabalhassem para eles. Os *vrijeluijden* pagariam 50 florins de multa na primeira infração e 100 florins na segunda, enquanto que servidores seriam penalizados com a perda de três meses de salário.⁹³⁵ Algum tempo antes da repetição desse edital, o governo já emitia ordens para que pedreiros e carpinteiros da Companhia não fossem trabalhar para particulares, uma vez que ela sofreria “grandes prejuízos” (*de Comp.e daer groote schade door komt te lijden*).⁹³⁶ Era mais um indicativo de que o governo da WIC no Brasil continuava a lutar para evitar a saída não autorizada de seus funcionários.

Conforme foi especificado em um novo edital, datado de novembro de 1640, era um problema que seus servidores trabalhassem em horário de expediente e, o pior, continuassem a receber salários, ajuda de custo e até mesmo utilizassem material dos armazéns da Companhia em seus trabalhos paralelos. Esse “projeto de instrução ou edital” de 1640, assinado por Johan Maurits van Nassau-Siegen e pelo Alto e Secreto Conselho, foi mais específico em relação a quem eram os empregadores e sobre os tipos de servidores que estavam abandonando a Companhia para trabalhar para terceiros. De acordo com o edital, marujos, soldados do trem ou a serviço do mestre de equipagem, comissários de artilharia, carpinteiros, pedreiros, chaveiros, aprendizes de ferreiro, padeiros, tanoeiros e todos os trabalhadores de ofício sob juramento da Companhia que trabalhassem sem “especial consentimento e permissão” do governo para civis, comerciantes-livres, barqueiros, estalajadeiros e outros particulares seriam punidos com a perda de três meses de salários na primeira vez que fossem pegos, seis meses de paga na segunda repreensão e todo o saldo que tivessem em conta em uma terceira infração. A punição para os

⁹³⁴ Pelo menos nos momentos em que a conquista teve estabilidade suficiente para gerar oportunidades de ganho além do serviço de guerra. Para a declaração do polonês, ver: Artichofsky, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky’, p. 281.

⁹³⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-05-1638: “Gedaen renoveren ende weder affkondigen het placact verbiedende dat geen vrijeluijden, Comp.ies dienaers in baren dienst ofte werck sullen mogen gebruijcken, op verbeurte van vijftigh gulden voor de eerste ende hondert gulden voor de tweede reijse. Ende de Comp.ies dienaers, die voor vrijeluijden sullen bevonden werden te wercken, sullen verbeuren drie maenden gagie voor de eerste, ende ses maenden voor de tweede reijse”.

⁹³⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-09-1637.

contratadores de funcionários da WIC segue o padrão do edital de 1638, embora tenha sido incluído o valor para uma terceira transgressão, 300 florins.⁹³⁷

Outro registro do Alto e Secreto Conselho, datado de maio de 1639, aponta que a saída de pessoal do serviço de guerra podia ter conseqüências que extrapolavam os gastos com funcionários ausentes do serviço. Com o egresso rotineiro de muitos soldados – com anuência de seus capitães – para trabalhar fora de suas guarnições, as fortificações ficavam desguarnecidas e, conforme apontavam os membros do governo, corriam perigo.⁹³⁸ Para remediar o problema, o governo decidiu enviar instruções a todos os capitães, autorizando-os a deixar os soldados trabalharem fora dos fortes durante o dia – “para ganhar algum dinheirinho” –, sob a justificativa de que o soldo dos militares era “muito baixo”. Em contrapartida, os soldados estavam proibidos de passar a noite fora das fortificações. Como de praxe, uma “rigorosa punição” seria administrada caso houvesse o descumprimento da diretiva.⁹³⁹ Essa era uma medida que mostra certa flexibilidade e negociação, além da noção de que eles não conseguiriam impedir as saídas dos militares. Com baixos salários e ranchos deficientes, era preferível ter os homens fora do serviço durante parte do dia do que ter gente insatisfeita dentro das guarnições.

Anos depois das tentativas de dificultar os trabalhos não autorizados, a Companhia já se mostrava mais aberta à possibilidade de os recrutados trabalharem no Brasil. Ao menos era isso o que indicava o já mencionado panfleto de 1647, impresso com o objetivo de induzir pessoas a assinarem contrato com a WIC. Aqueles que fossem ao Brasil, de acordo com o *Beneficien*, poderiam “com pouco trabalho ganhar um bom *stuyver* tanto no interior quanto na costa”. Também seriam capazes, caso soubessem algum ofício, de receber uma boa paga dentro das guarnições. E aqueles que não conhecessem alguma profissão, poderiam “em todo lugar, tanto

⁹³⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-11-1640.

⁹³⁸ Deve ser considerada ainda a possibilidade de que essas permissões de trabalho dadas por oficiais a soldados pudessem ser negociadas. Embora nenhuma transação do gênero tenha sido observada na documentação referente à WIC, sabe-se que o pagamento para obtenção de licença para sair da guarnição era algo comum no mundo militar do período. Um exemplo de negociata desse tipo foi dado por De Iongh, que ao analisar um inventário de um cabo a serviço da VOC na Ásia, observou que ele pagava 3 *rijksdaalders* mensais ao seu comandante para ser dispensado das tarefas militares. Ele mantinha uma alfaiataria com um ajudante, que era soldado, e alguns escravos. Iongh, D. de. *Het krijgswezen onder de Oost-Indische Compagnie*, p. 84. Na região sob administração da VOC, toda a gente, do governador ao funcionário de mais baixa patente, negociava e trabalhava por fora da Companhia e isso era fato conhecido de todos. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 201.

⁹³⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-05-1639: “*Alsoo bevonden wert dat de capitainen leggende in de forten, veele soldaten licentie geven om buijten de forten te gaen wercken, waer door de forten van volck ontbloot werden, ende in occasie in perickel gestelt. Soo is goet gevonden ordre daer in te stellen ende alle capitainen in t particulier aen te schrijven, dat se den soldaten wel sullen mogen toelaten buijten het fort des daegs te gaen arbeijden om een pennicken te verdienen alsoo haer costgelt te sober is, maer dat se niemant buijtent fort sullen laten vernachten maer dat se alle die arbeijden willen, des avonts weder in haer fort ende garnisoen sullen moeten keeren, op rigoreuse straffe, soo ijmand buijten quame te vernachten*”.

no campo quanto nas guarnições, receber um bom *stuyver* servindo garapa”.⁹⁴⁰

Em essência, o panfleto passava a informação correta: os homens que soubessem algum ofício poderiam de fato ganhar algum dinheiro trabalhando nas guarnições e talvez até mais do que “um bom *stuyver*”.⁹⁴¹ Entretanto, não era dentro das guarnições que os homens iriam buscar trabalho, mas fora delas. E é fácil entender porque os homens se arriscavam a sair do serviço. As diárias pagas a trabalhadores especializados eram muito atrativas para que eles ficassem presos à Companhia.⁹⁴² De acordo com Adriaen van der Dussen, em um relatório datado de 1639, “artífices [...] chegando [no Brasil] com seus instrumentos de trabalho [tornariam-se] ricos, porque muitos desses artífices percebem um bom salário; um mestre carpinteiro ganha 6 florins por dia, um menos habilitado que trabalhe como ajudante recebe 3 a 4 florins por dia; os que sabem lidar com utensílios dos engenhos ganham os maiores salários”.⁹⁴³ Embora pareça ser um exagero, é necessário dizer que tais valores estavam sobremaneira relacionados à carência de mestres de ofício na conquista, o que levou a Companhia a contratar artesãos portugueses localmente ou mesmo procurar entre a tropa quem pudesse trabalhar ocasionalmente como carpinteiro e pedreiro, em troca de pequenas diárias.⁹⁴⁴

Não há dúvida de que os capazes de exercer algum ofício – caso as possibilidades de ganho fora da Companhia fossem como Van der Dussen apregoava – procurariam trabalhar por conta própria ou para terceiros de forma a sair do serviço de guerra e amealhar mais do que o salário de militar não comissionado. O mesmo pode ser dito sobre os que tinham alguma qualificação para granjear um emprego fora do exército.

A expansão da WIC no território e a conseqüente ampliação das oportunidades de

⁹⁴⁰ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil: “In t Landt ende aen Strant is met weynich arbeyt een goede stuyver te verdienen. Insgelijcks binnen de Guarnisoenen voor die gene die een Ambacht kunnen. Daer is over al mede soo te Velde als inde Guarnisoenen – een goede stuyver te verdienen met Graep te tappen”.*

⁹⁴¹ O folheto omitia, por motivos óbvios, que a rebelião dos moradores iniciada em meados de 1645 reduziu acentuadamente as possibilidades de ganho extra na conquista.

⁹⁴² As diárias pagas a trabalhadores especializados na República – diga-se principalmente nas províncias da Holanda e Zelândia – também eram elevadas e constituíam grandes fatores de atração de mão-de-obra estrangeira, sendo muito maiores que a maior parte das regiões do Noroeste da Europa. Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic*, pp. 351-353; Swart, Erik. ‘From “*Landsknecht*” to “Soldier”: The Low German Foot Soldiers of the Low Countries in the Second Half of the Sixteenth Century’. In *International Review of Social History*. Cambridge: Cambridge University Press, Volume 51, Issue 1, 2006, p. 81; Vries, Jan de; Woude, Ad van der. *The First Modern Economy. Success, failure, and perseverance of the Dutch economy, 1500-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 609, 614, 627-628, 632-633.

⁹⁴³ ‘Documento 6. Relatório sobre o estado das Capitânias conquistadas no Brasil, datado de 10 de dezembro de 1639’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981, p. 179.

⁹⁴⁴ A carência de pessoal era tão grande que a Companhia pagava a carpinteiros portugueses 2 patacas por dia de trabalho, valor muito elevado de acordo com os Senhores XIX, em carta de junho de 1639, escrita a Johan Maurits van Nassau-Siegen e Altos e Secreto Conselheiros. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 8, 24-06-1639; Sobre a busca a ser feita entre os soldados ver a ata diária de fevereiro de 1637: “*Eijntelijck verthoonende dat aldr. onder de soldaten wel eenige timmerluijden en metselaers souden te vinden sijn, die voor cleijne dach loonen het nodich werck souden kunnen doen, is goet gevonden dat sijn E.daer in sal doen, als voort cleijne werck dat daer is ten meesten dienste van de Comp. sal bevinden te behooren*”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 25-02-1637.

negócios foram acompanhadas de muitos desligamentos de funcionários do serviço, inclusive militares. Eram pessoas que saíam da Companhia para tentar a sorte no Brasil em atividades assaz distintas daquelas para as quais foram originalmente recrutadas. De acordo com Gonsalves de Mello, a quantidade de homens-livres no Brasil começou a aumentar a partir de 1632. Eram em sua maioria soldados cujo primeiro contrato havia vencido e que pediram baixa “para passar a cidadãos-livres na qualidade de artesãos, comerciantes, taverneiros, etc”. E não era, segundo o historiador pernambucano, um número pequeno, pois em 1634 era possível arregimentar, “somente no Recife, duas companhias de burgueses com efetivo de oitenta homens cada”.⁹⁴⁵ O assunto foi igualmente mencionado por Charles Boxer e Herman Wätjen, quando falavam do estabelecimento no Brasil de oficiais e soldados que haviam se desligado do serviço militar. Para o autor alemão, “boa parte” dos cidadãos-livres do Brasil era proveniente do próprio exército da Companhia. O historiador inglês faz argumentação semelhante e afirma que muitos soldados fixaram-se na terra “como mascates, retalhistas ou pequenos proprietários que exploravam lotes ou partidas de cana com ajuda de seus escravos”.⁹⁴⁶ Mas é difícil precisar a quantidade exata de gente que ficou no Brasil. Declarações vagas como a de Boxer, Gonsalves de Mello e Wätjen foram originadas por causa das muitas referências imprecisas existentes na própria documentação que eles consultaram.

Muitas dessas saídas autorizadas pela Companhia foram registradas nas atas diárias do governo do Brasil, responsável, entre inúmeras atribuições, pela contratação e dispensa de funcionários.⁹⁴⁷ São nos apontamentos das decisões tomadas pelo governo – com data inicial de 1635 – que se encontram casos de militares como o soldado Ertman Nuser, que pediu baixa da WIC para trabalhar como ourives.⁹⁴⁸ Outro praça, Isac Jacobs., desligou-se da Companhia após seu tempo de serviço ter expirado e foi cuidar de um negócio próprio. Ele passou a comprar e abater animais para a venda, possivelmente agindo como marchante.⁹⁴⁹ O soldado Philips Mangelman foi dispensado da Companhia para cuidar da balsa, que ele arrematou quando ainda servia como soldado.⁹⁵⁰ Mais um soldado a tentar a sorte foi Wessel Wessels., que já havia se desvinculado do serviço militar para trabalhar para a Companhia como ferreiro no arsenal e

⁹⁴⁵ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 51.

⁹⁴⁶ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* [London, 1957] 2ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, p. 185; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, p. 382.

⁹⁴⁷ Gonsalves de Mello chega a listar alguns dos funcionários da Companhia, entre militares e civis, que tornaram-se homens-livres, algo também feito posteriormente por outro historiador pernambucano, Rômulo Xavier Nascimento, que enumerou parte da gente que se desligou da WIC entre 1635 e 1636. Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 57, nota 65; Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. *O Desconforto da Governabilidade: aspectos da administração no Brasil holandês (1630-1644)*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Universidade Federal Fluminense, 2008, pp. 130-131.

⁹⁴⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-06-1635.

⁹⁴⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-06-1635.

⁹⁵⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1636.

desligou-se dela para abrir uma ferraria.⁹⁵¹ No mesmo mês em que Wessels. pediu desligamento da WIC, Charles Boucheron, homem-livre desde 1635, pediu autorização para comprar seis escravos da Companhia para utilizá-los em uma plantação.⁹⁵² Ainda em 1637, o soldado Samuel van Goedenhuijse, que estava trabalhando, com autorização da Companhia, para um português, pediu para sair do exército, o que a WIC aceitou se o militar abdicasse de todos os salários acumulados no período trabalhado sob licença.⁹⁵³ O veterano Willem Pieters. – no Brasil desde 1632 – tornou-se homem-livre em abril de 1637 provavelmente para atuar com sua formação de origem. De acordo com o registro do governo ele era um “soldado pedreiro” (*metselaer soldaet*).⁹⁵⁴

Vários outros pedidos ou registros de desligamento podem ser encontrados nas atas diárias do governo, embora nem sempre sejam feitas menções às novas atividades a serem desenvolvidas ou, em muitos casos, retomadas após uma temporada de trabalho na WIC.⁹⁵⁵ Por outro lado, alguns dos apontamentos dos conselheiros assinalam as razões para o desligamento, como o tempo de serviço expirado – os casos dos soldados Honnero de Bolonge, Pieter Goddingh e Corn. Verbreecken –⁹⁵⁶ ou a incapacidade de continuar trabalhando no exército – situação de Antonio Falles (no Brasil desde 1630 e desligado por mutilação), Dirc Balc, Noe River (incapacitados para o serviço), Marten Laurens (ferido em ambos os braços) e Dirck Piel (ferido na perna por um tiro).⁹⁵⁷ É relevante dizer que essas pessoas não iriam pedir para continuar no Brasil como *vrijeluiden* se não tivessem a perspectiva de encontrar serviço, indicativo de que talvez já estivessem trabalhando por fora – como os soldados Philips Mangelman e Samuel van Goedenhuijse –⁹⁵⁸ ou que ao menos planejassem investir o saldo acumulado de suas contas em alguma atividade que considerassem rentável. Nesse sentido, seria muito difícil, por exemplo, que o judeu português Moisés Navarro – dispensado do exército em maio de 1635 – estivesse agindo como corretor no comércio de açúcar, tabaco e outras mercadorias já em fins de 1635 e início de 1636 – atividade na qual o Conselho Político o considerava experiente –, caso ele

⁹⁵¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-05-1637.

⁹⁵² O governo decidiu se informar melhor a respeito da plantação, antes de autorizar a venda. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-05-1637: “*Charles Boucheron voor soldaet met het schip Dort vrijman gemaect den 20 Junij 1635. Heeft haer Ed. verthoondt hoe dat hem als doen een plantage met een huijs was in geruijmt ende noch ses soo negers als negerinnen versoeckende dat hem t selve op prijs mogen gestelt worden, is om redenen dat de gelegentheijt van de plantage haer Ed. niet wel bekent, is goet gevonden nijtte stellen tot dat haer beter sullen geïnformeert hebben*”.

⁹⁵³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-04-1637.

⁹⁵⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-04-1637.

⁹⁵⁵ Ver os registros de saída dos seguintes militares: Willem Plant (cabo), datado de fevereiro de 1637, Johannis van Stockein (soldado), de março de 1637, Jean Petit Frere e Robbert Johus (soldados), ambos de 13 de março de 1637, Aswil Gil (sargento), de 24 de março de 1637, Pieter de Calvaert (soldado), de abril de 1637, Hans Mottin e Pierre Waterloo (soldados) e Steven Wendels e Willem Collens (cadetes), todos datados de 23 de abril de 1637, Willem Jansen (soldado), de maio de 1637. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 10-02-1637, DN 03-03-1637, DN 13-03-1637, DN 24-03-1637, DN 11-04-1637, DN 23-04-1637, DN 01-05-1637.

⁹⁵⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-06-1635, DN 09-01-1636, DN 14-01-1636, DN 09-03-1636, DN 21-04-1637, DN 18-09-1640.

⁹⁵⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-02-1637, DN 28-02-1637, DN 26-03-1637, DN 04-04-1637.

⁹⁵⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-05-1636, DN 20-04-1637.

não tivesse trabalhado ou estabelecido contatos anteriores a sua saída da Companhia.⁹⁵⁹

No geral, os militares tinham que satisfazer alguns requisitos para solicitar o desligamento da WIC. Cumprir todo o período de serviço era condição básica, além da posse de um atestado de bom comportamento – feito pelo comandante – e da ausência de pendências financeiras com a Companhia. O caso do veterano Johannis van Stockein, soldado no Brasil desde 1632 e desligado da Companhia em março de 1637 ilustra bem tal suposição. Para se tornar homem-livre, ele teve que mostrar ao Alto e Secreto Conselho o passaporte concedido pelo seu capitão em julho de 1636. Por causa do pedido de Van Stockein, ordens foram dadas pelo Alto e Secreto Conselho para que sua conta fosse “fechada” pelo assistente administrativo, que teria que mostrar aos Altos Conselheiros o livro de contabilidade para provar que o militar não tinha impedimentos financeiros para sair do exército.⁹⁶⁰ Esses passaportes normalmente atestavam parte das atividades desenvolvidas pelos recrutados e é provável que todo militar recebesse um ao ser dispensado por seu oficial. Quando desligado pela WIC em 1632, o militar Ambrosius Richshoffer recebeu de seu major – Hugo Wirich von Berstett – um desses passaportes, que ele transcreveu por inteiro em seu diário.⁹⁶¹ No entanto, as imposições para o desligamento podiam variar com o tempo. De acordo com uma ata diária de fevereiro de 1644, os soldados que fizessem a requisição de se tornar cidadãos-livres tinham que ter pelo menos 1/3 de seus salários de saldo na conta, ter “estado por mais de um ano em terra” e atender a “algumas outras dificuldades” que seriam anunciadas pelo Alto e Secreto Conselho. Certamente era uma modificação de exigências passadas, talvez consideradas complacentes.⁹⁶²

A imposição de tais requerimentos por parte da Companhia era compreensível, pois custava caro substituir um soldado e era melhor e mais rentável tentar mantê-lo na conquista do

⁹⁵⁹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 259. Ver ainda as atas diárias indicadas pelo autor NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-11-1635, DN 31-03-1636; O cadete Moisés Navarro (grafado em uma ata diária de maio de 1635 como *Moses Navara*) teria integrado, segundo Arnold Wiznitzer, a expedição de ataque ao Brasil de 1629. Se a conjectura de Wiznitzer estiver correta, aponta Daniel Breda, Navarro renovou seu contrato em 1632. Em 1635, ele abriu mão de todo o seu salário para ser dispensado da WIC. De acordo com Gonsalves de Mello, Navarro torna-se-ia um dos comerciantes mais prósperos do Recife. Wiznitzer, Arnold. ‘Jewish soldiers in Dutch Brazil (1630-1654)’. In *American Jewish Historical Society Publications*. Vol. 46:1, 1956, pp. 40-41; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 57; Breda, Daniel Oliveira. *Vicus Judaëorum: Os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654)*. Natal: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Natal, 2007, p. 100, nota 116. Uma pequena biografia de Navarro pode ser encontrada na obra *Gente da Nação*, de Gonsalves de Mello: Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação. Cristãos-novos e judeus em Pernambuco 1542-1654*. 2ª Edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996, pp. 495-496. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 24-05-1635.

⁹⁶⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 03-03-1637: “Johannis van Stockein overgecomen met het schip de *Blaeuweleen* 27 April 1632 verthoonende zijn pasport van zijn Capn. in dato 15 Julij 1636, ende te kennen gevende dat hij hem t sedert met sijnen arbeit geneert hadde, ende geen rantsoen ontfangen, versoeckende dat hij vrijman mocht gemaect werden, is sulcx geconsenteert, ende den Commijs belast sijne reeck. op 15 Julij 1636 te sluijten, ende de Ed. Heeren verthoenen”.

⁹⁶¹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 102-103.

⁹⁶² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 08-02-1644: “[...] de soldaten die versoecken vrijman te worden te expedieren mits hem alvooren blijck dat sij ruijm een derde van haer gagie te goet beben ende over t jaer aen lant geweest sijn ende eenige andere difficulteiten occurrerende sal de vergaederinge dar van aendienen”. A respeito dos procedimentos de pagamento e fechamento da conta da tropa ver o capítulo três.

que recrutar um suplente na Europa. Além da saída de um militar experimentado e aclimatado, isso implicaria em custos como o pagamento do prêmio pela assinatura do contrato, a remuneração a quem fosse transportar o recruta para o Brasil e a despesa com alimentação durante a espera para o embarque e viagem de ida, sem contar os gastos provenientes dos deslocamentos internos do local onde o recrutado era aliciado para o escritório da WIC que o contrataria.⁹⁶³

O serviço civil ou de intendência na própria Companhia era outra possibilidade de trabalho, principalmente para aqueles que almejavam se afastar das rotinas militares e possuíam alguma formação educacional, mas não tiveram meios de se desligar da WIC ou não quiseram deixá-la. A faina nos armazéns e nos escritórios foi desempenhada por muitos militares deslocados de suas funções originais. E essa movimentação da tropa para o serviço civil ou de intendência, tal qual o desligamento completo da Companhia, foi registrada com certa regularidade nas atas diárias do governo no Brasil.

Os tipos de funções exercidas na Companhia por ex-funcionários militares podem ser grosseiramente divididos em tarefas mecânicas, isto é, realizadas por trabalhadores de ofício, e atividades civis gerais. Essas pessoas remanejadas do exército para empregos internos tinham as mais variadas capacidades e qualificações. Carpinteiros, cirurgiões, ferreiros, padeiros e pedreiros – alguns deles aprendizes, outros mestres – estão entre os mais citados nos apontamentos do governo.⁹⁶⁴ Entre as atividades administrativas, os postos de escrivão e de auxiliar administrativo foram os mais assumidos por ex-militares de baixa patente, embora tenha sido observado o registro de homens que passaram a trabalhar como “auditor” (*auditeur*) da WIC.⁹⁶⁵ Não foi totalmente incomum encontrar entre a tropa gente arrebanhada para serviços dentro da Igreja Reformada. Militares foram usualmente contratados para tarefas não ordenadas como a de

⁹⁶³ A respeito do procedimento para recrutamento ver o capítulo dois; Isso também explica o procedimento da Companhia em oferecer vantagens salariais àqueles que renovassem seus contratos ou ainda as tentativas de manter os homens na conquista, mesmo quando eles já haviam se desligado dela. Ver o caso de Marten Laurens, proveniente de Roterdã. Ferido em ambos os braços, ele requereu ser desligado da WIC. A Companhia permitiu que ele passasse à condição de homem-livre sob a exigência de ele ficar no Brasil com mulher e filhos por pelo menos três anos. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 06-02-1637.

⁹⁶⁴ Citados por ordem cronológica: Jan Dirksen (aprendiz de carpinteiro), Pieter Hendricx (pedreiro), Joost Pieters. van der Bij (aprendiz de ferreiro, posteriormente mestre), Jan Emhoen (ferreiro), Thomas Colman (cirurgião), Hans van Envelgum (pedreiro), Benoit Pellerin (cirurgião), Theunis Lamberts. (carpinteiro e posteriormente mestre carpinteiro), Jacob Martens. (aprendiz de ferreiro), Gerrit Adriaens. (carpinteiro), Pieter Ellerts. (carpinteiro), Cornelis Joosten (carpinteiro), Lourens Hans (aprendiz de ferreiro), Henricj Fregers (mestre padeiro). NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-05-1635, DN 15-05-1635, DN 03-08-1635, DN 14-01-1636, DN 20-03-1636, DN 06-03-1637, DN 19-05-1637, DN 22-05-1637, DN 11-08-1637, DN 14-09-1637, DN 13-10-1637, DN 17-11-1637, SAA, NA, 1292/27, 27-11-1645.

⁹⁶⁵ Citados por ordem cronológica: Daniel [...] (escrivão), Gerrit Haeck (auditor – *auditeur*), Pieter van de Heede (auxiliar de assistente administrativo – *commies*), Denijs Loockemants (escrivão), Nicolaes Bloemsaet (assistente administrativo), Marten Scholten (escrivão), Evert Corn. (auxiliar de assistente administrativo), Hendrik Caerloff (escrivão, posteriormente auditor – *auditeur*). NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1635, DN 01-06-1635, DN 03-01-1636, DN 11-05-1637, DN 16-05-1637, DN 23-07-1637, DN 12-12-1637, SAA, NA, 1289/8v-19v, 08-02-1644.

“confortador de doentes” (*ziekentrooster*),⁹⁶⁶ mas houve casos de soldados que chegaram a ser ordenados, como Thomas Kemp e Johannes Apricius, e ainda situações provavelmente incomuns, como a do soldado Jan Huijgen. Ele foi dispensado de sua companhia a pedido do Conselho da Igreja para assumir o posto de diretor do hospital da WIC (*Gasthuijs Vader*) em Itamaracá.⁹⁶⁷ Entre as diversas atividades auxiliares adotadas por ex-militares foram encontradas ainda as funções de cozinheiro e jardineiro.⁹⁶⁸

Alguns desses homens chegaram a ser examinados antes de serem admitidos, no caso do ex-soldado Benoit Pellerin, designado para atuar como cirurgião no Cabo de Santo Agostinho.⁹⁶⁹ Outros ex-militares passaram por um período de observação – de maneira que fossem verificadas suas capacidades – antes de serem efetivados em seus postos, a exemplo de certo soldado chamado Daniel, remanejado como escrivão em abril de 1635, do cadete Gerrit Haeck, que assumiu a posição de auditor em junho do mesmo ano, e do soldado Hans van Envelgun, tomado como pedreiro do trem em março de 1637.⁹⁷⁰

Pelos exemplos observados fica patente que soldados e outros militares não comissionados capazes de ler, fazer contas simples e escrever tinham mais chances de melhorar sua situação e que essas mesmas qualificações eram importantes para a mudança de atividade e

⁹⁶⁶ Segundo Charles Boxer, por causa das “humilhantes condições de trabalho” nas conquistas, ambas as companhias comerciais neerlandesas (VOC e WIC) tinham dificuldades de encontrar e manter religiosos. Por isso indivíduos anteriormente militares, alfaiates, sapateiros, tecelões, padeiros, etc. foram contratados – mesmo possuindo treinamento e conhecimentos teológicos rudimentares – para essa função não ordenada. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire*, p. 136.

⁹⁶⁷ Citados por ordem cronológica: Johannes Engman (confortador de doentes), Hans Melchior Reijer (confortador de doentes), Fredrick Alcken (confortador de doentes). NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637, DN 08-06-1637, DN 29-07-1637. O caso Thomas Kemp e Johannes Apricius foi detalhado no capítulo primeiro. Já a história de Jan Huijgen foi registrada em uma ata diária datada de março de 1637. Nesse apontamento ele é chamado de Jean, mas dois outros documentos que atestam sua passagem pelo Brasil – uma ata diária e uma Ata da Classe do Brasil datadas de 1638 –, o denominam de Jan. Ele foi presbítero – ancião – em Itamaracá, fazendo parte, portanto, do Conselho da Igreja e recebeu um aumento salarial por seu trabalho de *Gasthuijs Vader* em março de 1638. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-03-1637: “*Jean Huijgen soldaet onder Cap. Tuwijn wesende bijde Kercken Raide op Tamarica gestelt tot Gasthuijs Vader aldaer oock geapprobeert bij den Raet Politicq, versoeckende voorder ratificatie van de Hoge ende Secrete Raden met ontslaginge van sijn Comp.e fiat ende is den Cap. geordonneert hem vande Comp.e te ontslaen*”. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-03-1638: “*Jan Huijgen van Leijden gecomen met de Sonne uijt Zeeland. Als Gasthuijs Vader op Tamarica gedient hebbende sedert den 15 Maert 1637 is daer voor toegeleijt 16 guldens ter maen*”. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, Volume LVIII, 1993, Ata da Classe do Brasil de 05 de janeiro de 1638. A respeito de outros militares que entraram a serviço da Igreja Reformada na qualidade de consoladores de enfermos ver: Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, pp. 137-138, 178-181.

⁹⁶⁸ Willem Lambertsz. (jardineiro). Os nomes dos dois soldados que trabalhavam como cozinheiros no hospital da Companhia não foram mencionados na ata datada de maio de 1637. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-01-1636, DN 11-05-1637.

⁹⁶⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637.

⁹⁷⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1635, DN 01-06-1635, DN 06-03-1637. Sendo um homem velho e casado, Van Envelgun foi admitido como pedreiro no trem para que fosse vista sua capacidade e, caso conveniente, ele teria acrescentada remuneração. “*Hans van Envelgun soldaet overgecomen met den Jager uijt de Camer van Groeningen, sijnde een out man met sijn vrouw sijn hant werck een metselaer, is in dier qualiteijt aengenomen onder den Train te dienen, mits dat hij eerst een wijle sal wercken dat men siet wat hij can, ende sal men alsdan hem gagie toeleggen als men sal vinden te behooren*”.

promoção social após o fim do primeiro contrato.⁹⁷¹ Contudo, conexões internas eram por vezes mais importantes para a ascensão do que a formação educacional ou qualquer outro tipo de qualificação. Nas áreas da América do Norte sob jurisdição da Companhia das Índias Ocidentais, as relações de parentesco e amizade serviam como passaporte para a aquisição de um posto. Como mencionado anteriormente, funções administrativas inferiores da WIC nessa região eram oferecidas a jovens parentes ou filhos de diretores, de forma que eles adquirissem experiência no ultramar.⁹⁷² Segundo Femme Gaastra, referindo-se à área de jurisdição da Companhia das Índias Orientais, tanto “nepotismo” quanto “favoritismo” desempenhavam um importante papel nas indicações e promoções dos servidores. Para o autor, as relações pessoais de um funcionário e sua origem social eram significantes para “acelerar” sua carreira, o que tornava para vários a possibilidade de mudança muito irregular e arbitrária.⁹⁷³

No Brasil, ter bons contatos também se mostrou fundamental para obter uma posição, uma promoção ou mesmo para facilitar a saída do exército. Alguns dos homens que assumiram postos de trabalho no arsenal, na administração e no hospital o fizeram sob a recomendação e emissão de um “bom parecer” de membros da administração civil da Companhia ou da Igreja Reformada.

O soldado Jan Dircksen, por exemplo, foi recomendado pelo comissário Wilhelm Doncker, em maio de 1635 e contratado como aprendiz de carpinteiro na “artilharia” (*op t voordraegen [...] aengenoemen voor timmermans gesel vande artellerije*).⁹⁷⁴ Doncker também deu um parecer a favor do soldado Pieter Hendricx, que foi admitido como pedreiro em maio de 1635 por causa do “bom relatório” do comissário (*is op goed rapport [...] voor metselaer aengenomen*).⁹⁷⁵ Ele seria responsável ainda por dar um parecer favorável a Jan Emhoen, de maneira que o governo autorizasse o pedido do ex-soldado para receber um aumento de três florins por dois anos de serviço como ferreiro sem granjear qualquer reajuste.⁹⁷⁶ Outro soldado, Evert Corn., foi contratado como assistente por indicação do auxiliar administrativo Ysebrandt Eecqueseen.⁹⁷⁷

⁹⁷¹ Algo também percebido entre as tropas da WIC estacionadas na América do Norte, segundo Jaap Jacobs no artigo ‘Soldaten van de Compagnie’, pp. 143-144.

⁹⁷² Jacobs, Jaap. *New Netherland. A Dutch Colony in Seventeenth-Century America*. Leiden: Brill, 2005, pp. 62-63. Ver também o segundo capítulo, que versa brevemente sobre o papel das conexões no recrutamento.

⁹⁷³ Gaastra, Femme S. *The Dutch East India Company. Expansion and Decline*. Zutphen: Walburg Pers, 2003, pp. 92, 94-95; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 184; Para uma análise mais apurada a respeito do papel das relações pessoais para o crescimento de um funcionário na VOC ver o trabalho de Jan Christiaan Nierstrasz, *In the shadow of the Company*, especialmente a parte terceira ‘Profit & Fortune’: Nierstrasz, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company. The VOC (Dutch East India Company) and its Servants in the Period of its Decline (1740-1796)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2008.

⁹⁷⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 08-05-1635.

⁹⁷⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-05-1635.

⁹⁷⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-01-1636. O ferreiro apresentou o parecer quando fez o pedido ao governo.

⁹⁷⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 12-12-1637.

O Conselho da Igreja e membros da Igreja Reformada também intercediam pela contratação de militares. Já foi mencionado o caso de Jan Huijgen, admitido como diretor do hospital da Companhia em Itamaracá pelo Conselho da Igreja.⁹⁷⁸ Esse mesmo Conselho contratou para a função de consolador de doentes, em julho de 1637, o soldado proveniente de Bremen Fredrick Alcken, posteriormente enviado de volta à Europa por falhar no desempenho de suas funções e por causar problemas não claramente mencionados nas Atas da Classe do Brasil datadas de 1638 e 1640.⁹⁷⁹ Os diáconos – oficiais eclesiásticos da Igreja – do hospital pediram à Companhia, em maio de 1637, para contratar Denijs Loockemants como escrivão do hospital e para aumentar o salário de dois soldados que já trabalhavam como cozinheiros no mesmo local.⁹⁸⁰

Todavia, não há qualquer indício dos motivos que levaram Doncker, Eecqueseen, diáconos e membros do Conselho da Igreja a fazerem tais recomendações e a admitirem esses militares para novas funções. Segundo J. C. Nierstrasz, oferecer uma recomendação de “bom comportamento” equivalia a dar uma garantia de que o indicado se portaria adequadamente em sua nova função. A pessoa que fazia a indicação passaria a ser responsável pelo comportamento do suposto protegido. Ademais, nas áreas da VOC, uma recomendação para um cargo aceita pela Companhia podia ser feita com algum interesse pessoal e podia valer àquele que fazia a indicação o pagamento de uma recompensa monetária, além do estabelecimento de um contato para futuros negócios.⁹⁸¹

Nem sempre era possível garantir o comportamento de um indicado, como no mencionado episódio envolvendo o soldado de Bremen Fredrick Alcken. Ironicamente, outro militar com conexões com membros da Igreja Reformada também contrariou as expectativas daquele que o ajudara. Foi o caso do francês de patente desconhecida Alexandre le Rond. Ele conseguiu sair do exército da Companhia por interferência do teólogo protestante francês André Rivet, que o recomendou ao predicante a serviço da WIC no Brasil Vicente Joaquim Soler, conforme consta em uma carta escrita pelo religioso em abril de 1639.⁹⁸² André Rivet, por sua vez, recomendou Le Rond a Soler para atender ao pedido de Charles Drelincourt, predicante e

⁹⁷⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-03-1637.

⁹⁷⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-07-1637: “*Fredrick Alcken van Breemen voor Soldaet gecomen met het Schip T Wapen van Medemblik, door den Kerkenraad aengenoomen tot sieckentrooster om naer Rio Grande gesonden te worden. Is bij ons inde chergie geconfirmeert ende sal van nu aff verdienen f 16 per maent*”. Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 137. Ver também as Atas da Classe datadas de janeiro e dezembro de 1638 e de abril de 1640. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’.

⁹⁸⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 11-05-1637.

⁹⁸¹ Nierstrasz, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company*, pp. 168-175.

⁹⁸² Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 02/04/1639 (carta número 9). In *Soler, Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*. Traduzidas por B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999, p. 59.

teólogo nascido em Sedan, conforme indica uma carta datada de 23 de junho de 1638.⁹⁸³ Mais de um ano depois da referência de Soler à recomendação, ele, com a ajuda do mordomo da corte de Johan Maurits van Nassau-Siegen, Pierre Bonjour, conseguiu tirar Alexandre le Rond da “milícia” e empregá-lo com um mercador francês.⁹⁸⁴ É desconhecida a relação de Alexandre le Rond com Charles Drelincourt, mas sabe-se que Rivet tinha sido responsável por conseguir a posição de Soler no Recife e, portanto, fica explicada a razão da ajuda feita pelo religioso ao jovem militar. Rivet era influente tanto na política quanto no mundo das letras. Foi professor de teologia na Universidade de Leiden e tutor, por algum tempo, de Willem II (1626-1650), Príncipe de Oranje, posteriormente *Stadhouder* da República.⁹⁸⁵ Le Rond mostrou-se agradecido a Rivet e escreveu-lhe relatando o auxílio dado pelo predicante Soler. O jovem declarou que Soler fez muito por ele ao lhe resgatar do “árduo serviço no exército” (*de la dure servitude de l’armée*) e ao encontrar para ele trabalho com um “honesto mercador” (*un fort honneste marchand*).⁹⁸⁶ Soler parece ter nutrido simpatia por Le Rond e chegou até mesmo a dizer que o considerava como um filho. A relação dos dois se deteriorou, segundo uma carta de Soler de junho de 1643, por causa do mau comportamento de Le Rond, que “sob pretexto de procurar uma noiva, [debochou da] irmã maior dela, que estava casada; e tendo [a moça] saído para Zelândia na armada do dois de abril para esperá-lo [ele] abandonou-se duma maneira desesperada a pândegas e bebedeiras, freqüentando publicamente os mais infames bordéis”.⁹⁸⁷

Os acontecimentos envolvendo Le Rond, Soler, Rivet e Drelincourt servem para mostrar como uma relação de amizade ou o conhecimento de contatos influentes eram importantes fatores para a mudança de posição na Companhia e para a obtenção de um cargo. Esses mesmos elementos que ajudaram os militares a sair do serviço de guerra eram igualmente importantes para a promoção no exército da Companhia. Nesse sentido, a situação de Alexandre le Rond tem conexão com o caso de militares como Ambrosius Richshoffer e Stephan Carl Behaim. Eles se valeram de contatos para progredir – ou tentar avançar – na Companhia.

Ambrosius Richshoffer relata em seu diário ter sido apresentado por seu comandante, o major Hugo Wirich von Berstedt, ao coronel Diederick van Waerdenburgh quando trabalhava

⁹⁸³ Carta de Charles Drelincourt a André Rivet. 23 de junho de 1638. Universiteit Leiden Bibliotheek, Bijzondere Collecties, BPL 273, f75r.

⁹⁸⁴ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Recife, 06-05-1640 (carta número 11). In Soler, *Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, pp. 74-75.

⁹⁸⁵ Mello, José Antônio Gonsalves de. ‘Vicent Joachim Soler in Dutch Brazil’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679*, p. 248.

⁹⁸⁶ Mello, José Antônio Gonsalves de. ‘Vicent Joachim Soler in Dutch Brazil’, p. 248; Carta de Alexandre le Rond a André Rivet. Recife, 28 de agosto de 1640. Universiteit Leiden Bibliotheek, Bijzondere Collecties, BPL 302, f271r: “Monsieur Soler m’a bien fait venir en sa charité, & l’estime qu’il fait de vous, & s’est tant esmancipé de me bien faire que, m’ayant tiré de la dure servitude de l’armée, il m’a mis avec un fort honneste marchand, que je sers il-y-a près de six mois”.

⁹⁸⁷ Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Maurícia, 06-04-1641 (carta número 13), Carta de Vicente Joaquim Soler a André Rivet. Maurícia, 05-06-1643 (carta número 17). In Soler, *Vicente Joaquim. Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*, pp. 90, 111.

coletando material para a defesa de Olinda, em meados de fevereiro de 1630. O major mencionou a Van Waerdenburgh o nome de família de Ambrosius, motivo pelo qual o coronel deu-lhe ordens para que o jovem fosse promovido a cadete e passasse a compartilhar a mesa com o tenente da guarnição. A amizade com Von Berstedt parece sido proveitosa para Richshoffer, que algum tempo depois passou a dormir no alojamento dele, foi promovido por ele a sargento e já tinha até recebido do major a promessa de ocupar o primeiro posto vacante de alferes no regimento quando decidiu se desligar da WIC e iniciar sua jornada de retorno à Europa.⁹⁸⁸

Como mencionado no começo desse capítulo, Stephan Carl Behaim conseguiu ingressar na Companhia das Índias Ocidentais com a patente de cabo por conta dos contatos estabelecidos entre seu meio-irmão, Lucas Friederich, e o banqueiro Abraham de Braa. A experiência militar do jovem também pode ter contribuído para que ele fosse enviado ao Brasil com tal posição, embora ele estivesse inicialmente almejando servir na cavalaria. Foi com essa finalidade que De Braa conseguiu dos diretores da WIC uma carta de recomendação em favor de Behaim – a ser encaminhada ao comandante polonês Christoffel Arciszweski. Por motivos já referidos, a indicação não foi tomada em consideração. Behaim também tentou obter outro auxílio externo ao solicitar uma recomendação do embaixador da Suécia nos Países Baixos, Ludwig Camerarius. Ele esperava ser indicado ao governador Johan Maurits van Nassau-Siegen para ser promovido a alferes. Não se sabe ao certo se Nassau chegou a receber o pedido em favor do jovem. Em março de 1637, Behaim pedia a seu meio-irmão para que a recomendação fosse despachada “o mais rápido possível”.⁹⁸⁹

As histórias pessoais de Richshoffer e de Behaim evidenciam como escolhas pessoais e conexões familiares podiam pesar para a promoção no exército da Companhia. O próprio regimento da WIC dava abertura para que a seleção dos militares não comissionados sofresse a interferência de interesses pessoais, pois os capitães tinham autonomia para nomear os sargentos, cabos e cadetes de suas respectivas companhias. Apesar de o regimento especificar que os postos vagos deveriam ser preenchidos por soldados “capazes e experientes”, de forma a recompensar os homens que se distinguiram pelo “bom comportamento e merecimento”, critérios pessoais normalmente eram determinantes na seleção, conforme sugerem os exemplos mencionados anteriormente.⁹⁹⁰

⁹⁸⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 47-48, 77, 100-103.

⁹⁸⁹ Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/03/1635 (carta número 52); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich, Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 25/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 251, 254, 263-264, 279. Para mais detalhes ver o segundo capítulo.

⁹⁹⁰ ‘Regimento do Governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Ocidentais (Copiado do *Groot Placaat-Boek*)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia

No entanto, não se pode dizer que interesses pessoais e conexões familiares ou de amizades eram os únicos fatores que norteavam a decisão de um oficial na hora de promover um militar. Ambrosius Richshoffer não conseguiu progredir no exército apenas por gozar da simpatia de seu oficial e ser proveniente de uma família de recursos. Ele foi um sobrevivente, tinha boa formação e apesar dos poucos anos de vida podia ser considerado um veterano. Outro caso registrado em diário serve para mostrar como um militar de origem modesta e sem contatos poderia conseguir uma promoção principalmente em razão de suas habilidades pessoais. O jovem Peter Hansen conseguiu ser promovido em menos de um ano a cabo de sua Companhia. Apesar de Hansen não ser um exemplo de militar comportado, ele também foi capaz de sobreviver a inúmeros confrontos e teve qualificação suficiente para ascender à posição de escrivão e até mesmo substituiu temporariamente o comissário de sua guarnição.⁹⁹¹

É possível ainda que oficiais levassem em consideração o tempo de serviço dos militares na hora de escolher substitutos para os postos vacantes.⁹⁹² Talvez tenha sido por isso que aumentos salariais e promessas de promoções foram feitas aos militares cujo tempo de serviço expirara em 1632, conforme aponta Ambrosius Richshoffer.⁹⁹³ As ofertas continuariam com a chegada dos dois diretores Mathias van Ceulen e Johan Gijsselingh ao Brasil – o primeiro em fins de 1632 e o segundo nos dias iniciais de 1633. Entre outras prerrogativas, eles foram ao Brasil com a missão de utilizar “todas as suas artes de persuasão” para obter a renovação dos contratos dos soldados. O objetivo, segundo Herman Wätjen, era o de reduzir as despesas com o envio de tropas – e com o recrutamento, como já referido.⁹⁹⁴ O aumento para os que renovavam o contrato foi inclusive instituído posteriormente pela Companhia, conforme pode ser visto na

Industrial, 1886, p. 299. Para o texto original ver: ‘Ordre van Regieringe soo in Policie als Justicie, in de plaetsen verovert ende te veroveren in West-Indien’ In *Groot Plakaatboek* 2, 1235; Os cargos de capitão, tenente e alferes seriam escolhidos pelo governador e pelo “conselho” – supõe-se Conselho Político –, para os primeiros anos, e para outros momentos Alto e Secreto Conselho e Alto Governo. Tais procedimentos de seleção foram registrados em atas diárias do Brasil de 1638, 1639 e 1642. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 02-09-1638, DN 04-09-1638, DN 18-11-1639 e DN 30-11-1639. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 06-01-1642. Sobre as influências externas nas nomeações de postos militares ver o comentário de Johan Maurits van Nassau-Siegen nas instruções que ele deixou ao governo no ano de sua saída do Brasil: ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, p. 397. Para a versão original da instrução ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 131, 06-05-1644. Essa escolha podia ser problemática. Ver as queixas feitas pelo Governador Diederick van Waerdenburgh aos Estados Gerais em maio de 1630. Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Olinda, aos Estados Gerais. Datada de 14 de maio de 1630. In *Documentos Holandeses*, pp. 40-41.

⁹⁹¹ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 74, 79-80, 93.

⁹⁹² Tal “princípio de antiguidade”, conforme apontou Jan Christiaan Nierstras, norteava parcialmente as promoções de funcionários na VOC. Nierstras, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company*, pp. 166-168.

⁹⁹³ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 100-101.

⁹⁹⁴ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias*, pp. 350, 373; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 294-295. Para mais detalhes, ver as instruções para os senhores delegados de junho de 1632: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 2, 02-06-1632.

Carta Artigo de 1640 e nos Artigos e Ordenanças impressos em 1641.⁹⁹⁵

Todavia, é provável que vários militares não tenham conseguido ser promovidos. Estrangeiros, longe de casa e sem contatos nas Províncias Unidas que pudessem alavancar suas carreiras, muitos voltaram para casa na primeira oportunidade que tiveram. O militar Caspar Schmalkalden, alistado como soldado em 1642, não conseguiu ascender na WIC e retornou para a Europa. Entretanto, sua experiência no Brasil foi-lhe válida. Em 1646, ele assinou contrato com a VOC como medidor de terras e cartógrafo.⁹⁹⁶ Outros homens preferiram sair do exército após longos anos de serviço e nenhuma promoção, de maneira a tentar a vida como cidadãos-livres. Foi caso do soldado Willem Pieters., no Brasil desde 1632, e que ao fim de seu segundo contrato, em março de 1637, resolveu se estabelecer como pedreiro, seu antigo ofício. Nessa mesma data, os soldados Honnero de Bolonge e Pieter Goddingh, ambos no Brasil desde 1633, pediram para se tornar homens-livres.⁹⁹⁷ O mesmo fez o soldado Corn. Verbreecken em setembro de 1640, após quase seis anos de serviço no Brasil.⁹⁹⁸

A melhoria econômica para os que saíam da Companhia ou recebiam promoção era significativa. Porém, é difícil mensurar quanto venciam os que deixavam a WIC. As diárias pagas mencionadas anteriormente dão uma idéia do quanto podiam receber. Os que trabalhavam com construções enquanto empreiteiros ou mestres de obras recebiam boas somas. Quem continuava a servir na WIC tinha um aumento menos acentuado, mas não ficava exposto às flutuações econômicas da conquista. Os salários de cabos e sargentos eram significativamente mais elevados. Peter Hansen, na sua primeira promoção a cabo, passou a receber 12 florins, sem contar com os 5 florins de ajuda de custo pago a ambas as posições. Se passasse a sargento, como Richshoffer, passaria a receber 20 florins, sem incluir 10 florins de ajuda de custo. Mas como escrivão da WIC ele não teve um reajuste ruim, pois passou a ganhar 14 florins de salário e 7 de ajuda de custo.⁹⁹⁹ Outros valores salariais de cargos não militares – provavelmente sem incluir a ajuda de custo – ajudam a visualizar a melhoria. O soldado Benoit Pellerin começou a receber 15 florins para atuar como cirurgião¹⁰⁰⁰ e outros ex-militares exercendo ofícios como o de ferreiro e carpinteiro

⁹⁹⁵ Os artigos são praticamente os mesmos. Apenas a numeração é distinta. *Articul-Brief*, artigo LX; ‘Articulen, ende Ordonnantien ter vergaderinge vande Negenthien der Generale Geoctroyeerde West-Indische Compagnie geresumeert ende ghearresteert’. Amsterdam: 1641, artigo LXII. In NL-HaNA 1.01.04, inv. nr. 5759, 1647.

⁹⁹⁶ Teixeira, Dante Martins. ‘The Travel Diary of Caspar to the New World (1642-1645)’. In Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Rio de Janeiro: Editora Index, 1998, pp. 13-14; 17 (notas 14 e 15). De acordo com Mariana Françaço, Schmalkalden foi treinado para fazer levantamento topográfico quando jovem. Françaço, Mariana Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico Holandês (século XVII)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, 2009, pp. 85-86.

⁹⁹⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 21-04-1637.

⁹⁹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 18-09-1640.

⁹⁹⁹ *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil*.

¹⁰⁰⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1637.

tiveram reajustes de 20 florins (Joost Pietersz., mestre ferreiro)¹⁰⁰¹, 12 florins (Jacob Martensz., aprendiz de ferreiro)¹⁰⁰² e 14 florins (soldados contratados como carpinteiros).¹⁰⁰³ Militares tomados pela Igreja Reformada para atuarem como confortadores passaram a vencer 16 florins.¹⁰⁰⁴ Não eram reajustes insignificantes para quem recebia 8 florins na função de soldado.

Conclusão

A rotina pesada do trabalho no exército e a monotonia dos serviços de guarda frustraram rapidamente os planos de Stephan Carl Behaim de alcançar “boa fortuna”.¹⁰⁰⁵ Os grandes combates, onde geralmente os homens procuravam alcançar reputação – ou pilhagem – aconteciam apenas eventualmente. A violência, no entanto, era diária, pois a guerrilha esteve durante muitos anos martelando as fortificações defendidas pelos militares da WIC. E foi nesses tipos de edificações que muitos deles despenderam parte substancial de seu tempo no Brasil. Obras de construção não consumiam apenas horas de labuta diária, mas energia de corpos mal alimentados. Treinamento e tarefas ordinárias das mais diversas também preenchiam parte do dia-a-dia da soldadesca. Nas horas de folga, ou mesmo de trabalho, muitos homens se dedicavam a serviços com propósitos diversos. Eles podiam labutar para suplementar as magras rações distribuídas, fazer um pecúlio para um eventual retorno ou investimento em uma nova atividade ou apenas suprir outras necessidades existentes que o baixo soldo de soldado não podia prover. O vencimento exíguo, os problemas logísticos e as rudes rotinas do trabalho eram provavelmente os principais motores que impulsionavam os homens a procurar melhores condições de existência. E eles faziam isso das maneiras mais diversas e valendo-se dos artifícios de que dispunham. Ter um bom contato era um dos meios mais eficazes de ascender na Companhia, mas muitos, sendo transmigrantes, chegavam à conquista desenraizados. Nesses casos, qualificação pessoal mostrou-se importante para a mudança de posição e promoção social.

A saída da Companhia foi sucintamente mencionada pelos mais importantes historiadores que se dedicaram ao estudo do período. Nenhum deles, no entanto, vinculou essa alteração da condição a conexões familiares e pessoais estabelecidas ou às atividades previamente exercidas pelos recrutados. E é exatamente nesse último aspecto que se pode perceber algo que já foi mencionado anteriormente. O exercício de atividades não militares por ex-soldados após o

¹⁰⁰¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 14-09-1637.

¹⁰⁰² Idem.

¹⁰⁰³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 13-10-1637.

¹⁰⁰⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 29-07-1637.

¹⁰⁰⁵ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, p. 255.

término do contrato só foi possível porque essas pessoas tinham qualificações suficientes para se desvincularem da Companhia. Ou seja, não era apenas gente miserável ou de “origem obscura” – conforme mencionou Wätjen –, que embarcava em sua maioria para o Brasil. Isso não significa que eram inexistentes no exército da WIC gente sem qualquer qualificação, criminosa e destituída a que se referiu o autor e outros antes e depois dele.¹⁰⁰⁶ Para Fritz Redlich, que pesquisou os exércitos recrutados por empresários militares dos estados alemães, o componente criminoso, embora existente, não era majoritário entre os recrutados, uma vez que os comandantes militares não acreditavam que eles pudessem ser bons militares.¹⁰⁰⁷ Observações semelhantes foram feitas por McConnell, ao estudar guarnições inglesas estacionadas na América do Norte no século seguinte. Entre os alistados para servir nas tropas britânicas, muitos homens tinham atuado em uma grande variedade de ocupações. Enquanto metade foi de camponeses ou homens sem função específica, talvez um terço fora oriunda da construção, da indústria têxtil ou de trabalhos em couro. Camponeses, carpinteiros, tecelões e sapateiros serviram ao lado de ocasionais açougueiros, jardineiros, impressores, etc.¹⁰⁰⁸ Roelof van Gelder encontrou resultados similares a Redlich e McConnell e muitos outros autores. Ele, que fez um estudo sobre os alemães a serviço da VOC, enumerou algumas das profissões exercidas por vários diaristas antes de entrarem na companhia comercial neerlandesa: alfaiates, apotecários, barbeiros, carpinteiros, chaveiros, ferreiros, pedreiros, sapateiros, torneiros, etc.. Portanto, é necessário evitar generalizações.¹⁰⁰⁹

O indicativo de que a Companhia das Índias Ocidentais tinha entre seus homens gente das mais variadas origens pode ser percebido também na própria história pessoal dos poucos diaristas que deixaram relatos de suas passagens no Brasil. Nas atas diárias do governo do Brasil e em outras fontes diversas podem ser encontrados elementos para dizer que os cronistas não constituíam uma exceção entre o grande contingente enviado ao Brasil entre os anos de 1629 e 1653.

Nenhum mestre de ofício teria aprendido sua profissão durante sua estadia como militar

¹⁰⁰⁶ Sobre a visão negativa a respeito da soldadesca recrutada pela WIC ver o primeiro capítulo. Na historiografia sobre o Brasil sob ocupação da WIC, observações desse tipo foram feitas em variados momentos – em ordem cronológica: Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVIIe Siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 180, nota 46; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 380, 382-383; Boxer, Charles Ralph. *Os Holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 181; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 79; Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 57.

¹⁰⁰⁷ Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history’. Vol. 1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, pp. 456-459.

¹⁰⁰⁸ McConnell, Michael N. *Army and Empire*, p. 60.

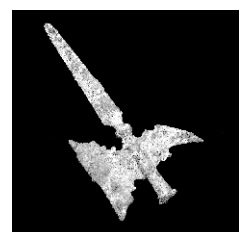
¹⁰⁰⁹ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 182. Ver também: Black, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002, p. 13; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe*, pp. 86, 167; McConnell, Michael N. *Army and Empire*, p. 60; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 46-47; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 85, 88.

no Brasil, mas antes de sua partida. Nenhum ex-militar contratado pela administração da Companhia para o exercício de uma atividade totalmente distinta do serviço de guerra teria sido empregado se não tivesse alguma qualificação ou contatos. Ninguém tornaria-se homem-livre se não tivesse a possibilidade de conseguir trabalho em outra função. Soldados como Ambrosius Richshoffer, Zacharias Wagener, Lorenz Simon e Peter Hansen largaram seus empregos antes de assinar contrato com a WIC. E suas experiências anteriores foram válidas para suas promoções no exército e na Companhia. Embora a maior parte dos casos observados seja de gente que conseguiu promoção para cargos não comissionados ou remanejamento para as funções mais baixas da hierarquia da Companhia, deve-se pensar no que tal mudança representava para a vida deles. Além do aumento salarial, que em alguns casos podia ser considerável, esses militares podiam se esquivar de rudes rotinas inerentes à atividade militar.

A busca por soluções para os problemas era feita no dia-a-dia, fosse trabalhando para a Companhia ou fora dela. E no último caso poderia render ao militar uma pesada punição pecuniária, caso o soldado não tivesse autorização para sair de sua guarnição. Tal repreensão era muito leve se comparada àquelas impostas aos que estivessem buscando riquezas através da pilhagem e do furto nas matas e engenhos da conquista. Infrações como essas e outras até mais graves – não necessariamente associadas à pilhagem, que por sua vez podia ser legal – serão tema do próximo capítulo.

Parte III

Cotidiano e resistência



“Quanto aos delitos dos soldados convém que Vossas Nobrezas não sejam compassivos, pois somente com rigor se pode manter a subordinação dessa gente. A impunidade dos soldados, bem como de toda a sorte de indivíduos, os transvia e corrompe facilmente. Mas para os poder castigar é necessário não dar-lhes ocasião de alegar que são mal alimentados”.¹⁰¹⁰

Antes de retornar às Províncias Unidas em 1644, Johan Maurits van Nassau-Siegen atendeu ao pedido dos membros do governo que o substituiria e escreveu um manuscrito com uma série de diretrizes destinadas a guiá-los no governo do Brasil.¹⁰¹¹ No geral, parte considerável das recomendações feitas por Nassau intencionava reduzir os atritos de militares e funcionários da WIC com os moradores luso-brasileiros, protegendo os últimos dos excessos dos primeiros, embora ainda fossem mantidos os interesses da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil.¹⁰¹² No texto, dividido em “três matérias” das quais dependia a “boa ou má administração do Brasil”, isto é, assuntos militares, civis e eclesiásticos, o ex-governador caracterizou as “três espécies de gente” da conquista a ser governadas: “soldados, mercadores e moradores de nação portuguesa”.¹⁰¹³ De acordo com Evaldo Cabral de Mello, “a segurança da conquista dependia da maneira como se lidasse com cada uma dessas categorias e de se achar o ponto de equilíbrio entre elas”.¹⁰¹⁴

Sobre os assuntos de caráter militar, Nassau foi firme em recomendar que os novos governantes ficassem atentos às atividades dos soldados e não fossem coniventes com sua indisciplina. Era uma advertência para que eles enfrentassem um dos grandes problemas de sua administração entre os anos de 1637 e 1644: a violência promovida pelas tropas da Companhia

¹⁰¹⁰ ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*. Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, pp. 396-397.

¹⁰¹¹ De acordo com o historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello, a instrução, datada originalmente de maio de 1644, pode ser encontrada no Arquivo Nacional de Haia em três cópias. O texto foi parcialmente inserido na obra de Caspar Barlaeus, *História dos Feitos Praticados no Brasil*. Uma das versões do Arquivo Nacional de Haia, depositada no inventário 59 da WIC – NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 131, 06-05-1644 – foi traduzida por José Hygino Duarte Pereira e publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, do ano de 1895, sob o título *Testamento Político do Conde João Maurício de Nassau*. O texto publicado por Gonsalves de Mello em *Fontes para a História do Brasil Holandês* é uma revisão do que foi publicado na *Revista do Instituto*, embora com um novo título: ‘Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca de seu governo do Brasil (1644)’. Para mais informações ver: Mello, José Antônio Gonsalves de. ‘Documento 7. Introdução’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 391-392; Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil, durante oito anos sob o governo do Ilustríssimo Conde João Maurício de Nassau*. [1647]. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom), pp. 394-409.

¹⁰¹² ‘Documento 7. Introdução’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 390-391.

¹⁰¹³ ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, p. 395; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 59, doc. 131, 06-05-1644.

¹⁰¹⁴ Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 196-199.

contra os moradores e a ação de grupos predatórios no interior da conquista, muitos deles compostos de desertores da própria Companhia das Índias Ocidentais.¹⁰¹⁵ Essas agressões perpetradas pelos membros do exército da WIC ampliavam ainda mais os antagonismos entre os moradores portugueses e a força de ocupação, além de prejudicar as plantações, continuamente devastadas por grupos de guerrilheiros. Nassau temia que a opressão promovida pelos militares, que vagueavam pelo interior sem ser impedidos por seus comandantes, pudesse acabar gerando um levante de moradores contra a Companhia caso o governo não agisse com firmeza na punição e repressão dos crimes.¹⁰¹⁶

Para Johan Maurits, o novo governo não podia ser tolerante com indisciplinas e delitos de soldados, os quais ele considerava os elementos “mais perigosos” da conquista. Todavia, para castigá-los, salienta Nassau, era necessário provê-los adequadamente, de forma que o fato de estarem mal alimentados não lhes servisse como desculpa para saírem de suas guarnições e atacarem os moradores no interior.¹⁰¹⁷ Tal medida era ainda, conforme aponta o cronista de seu governo, Caspar Barlaeus, um meio de prevenir motins e deserções.¹⁰¹⁸ Como visto anteriormente, manter a distribuição regular da ração da soldadesca foi um dos problemas mais sérios da administração de Nassau no Brasil e dos governos anteriores e posteriores, o que, junto a outras deficiências, implicou em constantes atritos entre os militares e a Companhia. Tais dificuldades no provimento das tropas estiveram fortemente atreladas a tumultos, deserções, motins e outras indisciplinas que assustaram continuamente os diversos governos da WIC no Brasil, entre os anos de 1630 e 1654, e influenciaram diretamente muitas das decisões governamentais tomadas. Não foi fortuito, portanto, que uma série de insubordinações de soldados teve papel considerável na assinatura da capitulação da Companhia em janeiro de 1654, um evento que selou o destino da WIC no Brasil e que, de certa forma, concretizou os temores de levante geral registrados em alguns relatos de funcionários da Companhia.

O objetivo do próximo capítulo é mostrar a relação das dificuldades no provimento da tropa com os problemas disciplinares do exército da WIC no Brasil e ainda apontar como as

¹⁰¹⁵ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* [London, 1957] 2ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, pp. 167-168, 179-181; Mello, José Antônio Gonçalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001, pp. 145, 245. Ver também as discussões feitas na assembléia dos moradores realizada em 1640 e as medidas tomadas, por efeito de tal reunião, para conter os ataques de soldados aos moradores: ‘Documento 6. Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho (Reunião realizada entre dos dias 27 de agosto a 4 de setembro de 1640)’. In Mello, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 323-324, 328-329, 357-359.

¹⁰¹⁶ ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 397, 400-402.

¹⁰¹⁷ Ibidem, pp. 396-397: “Não vejo outro meio para obstá-lo senão atender-se ao abastecimento regular de suas rações, pois assim consegue-se mantê-los nos fortes pelo freio do castigo”.

¹⁰¹⁸ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, p. 395.

indisciplinas mencionadas por Nassau podiam ser formas de resistência dos militares às condições de vida vigentes na conquista, não constituindo apenas em um mau comportamento inato da soldadesca, segundo apontaram Nassau, Barlaeus e alguns historiadores muitos anos depois. Vale salientar que muitas das reações da soldadesca foram meios legítimos de negociação utilizados pelos militares para sanar dificuldades existentes e geraram tensões entre eles e o governo da Companhia. Tanto os motins como as deserções eram rupturas passíveis de pena capital e soluções imediatas ou planejadas para problemas extremados. No entanto, nem toda indisciplina teve vínculo direto com as dificuldades logísticas enfrentadas, a exemplo de parte dos roubos praticados por soldados contra civis, da deserção e motim por efeito dos longos anos de trabalho sem dispensa ou mesmo o trabalho fora das guarnições sem autorização da Companhia. Por fim, tem-se por escopo mostrar como motins, deserções e outras indisciplinas de soldados afetaram diretamente a eficiência e combatividade do exército da Companhia no Brasil e tiveram relação parcial com o colapso militar da Companhia após a rebelião dos moradores em 1645 e direta com a rendição em 1654.

Capítulo 6: Desordens, deserções e motins

Os recorrentes problemas disciplinares da soldadesca apontados por Johan Maurits van Nassau-Siegen no manuscrito entregue em 1644 ao novo governo do Brasil estavam longe de ser exclusivos do exército da Companhia das Índias Ocidentais, pois assolavam praticamente todas as grandes forças militares da Europa daquele tempo. São conhecidos os levantes de soldados do exército espanhol em Flandres, estudados detalhadamente por Geoffrey Parker, bem como os graves atos de indisciplina das tropas a serviço da República das Províncias Unidas, conforme indicado pelo mesmo autor e por pesquisadores como David Trim e Olaf van Nimwegen.¹⁰¹⁹ Além de sofrer com as destruições usuais produzidas pelas séries de conflitos, a região onde ocorreu a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648) foi afligida por pilhagens e saques a civis promovidos por militares, tal qual faziam as tropas nas áreas de outro confronto contemporâneo de amplas proporções, a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).¹⁰²⁰

Uma das indisciplinas mais graves – a deserção – tinha efeitos negativos na combatividade dos exércitos do período e foi responsável por baixas consideráveis que podiam reduzir entre 10% a 25% de uma força.¹⁰²¹ Segundo Parker, apesar da escassez de informações sobre o impacto das deserções no exército de Flandres, os índices encontrados são notáveis. No prolongado assédio a Bergen-op-Zoom, em 1622, não menos que 1/3 da tropa desertou para a cidade que eles cercavam para pedir asilo, comida e repatriação.¹⁰²² A respeito dos motins, o autor indicou que eles – durante a guerra contra a República das Províncias Unidas – representaram um “desastre militar e financeiro para a Espanha” e paralisaram as forças, solaparam ofensivas e colocaram em risco a segurança de cidades sob controle espanhol. Entre os anos de 1573 e 1607,

¹⁰¹⁹ Trim, David J. B. 'Ideology, Greed, and Social Discontent in Early Modern Europe: Mercenaries and Mutinies in the Rebellious Netherlands, 1568-1609'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention: Mutiny in Comparative Perspective*. Westport/Connecticut/London: Praeger, 2001; Nimwegen, Olaf van. 'Deser landen crijchsvolck' *Het Staatse leger en de militaire revoluties 1588-1688*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2006; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [2nd Edition] Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

¹⁰²⁰ Para obras mais gerais sobre esses e outros conflitos na Europa que tratem a respeito de aspectos como deserção, desordem, motim e saque a civis ver: Anderson, M.S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988; Black, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002; Gutmann, Myron P. *War and rural life in the early modern Low Countries*. Assen: Van Gorcum, 1980; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985; Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996; Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Years' War* [2nd Edition]. London/New York: Routledge, 1997; Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992; Redlich, Fritz. 'The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history'. Vol. 1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964.

¹⁰²¹ Anderson, M.S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*, p. 39; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 79; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 116-117, 125-126.

¹⁰²² Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 179-181.

por volta de 45 motins irromperam entre as guarnições do exército de Flandres, tendo mais da metade dos episódios ocorrido em momentos posteriores ao ano de 1596. Essas rebeliões de soldados tiveram duração diversa: algumas perduraram um ano e outras levaram até mesmo de dois a três anos para serem pacificadas. A maior parte dessas revoltas envolveu cerca de 3 a 4 mil homens e ocorreu ao sabor da diminuição da qualidade de vida nas guarnições.¹⁰²³ Essa foi, aliás, uma das razões principais para variados tipos de desordens, por sua vez muito associadas à incapacidade de qualquer sistema logístico do período em sustentar os exércitos, principalmente quando eles estavam envolvidos em operações militares em território inimigo. Normalmente essa inépcia levava os comandantes, se incapacitados de pagar e alimentar seus homens, a perder o controle da tropa, o que podia levar a resultados militares desastrosos e a sérias repercussões políticas e econômicas.¹⁰²⁴

A derrota da primeira revolta dos neerlandeses contra os espanhóis, em 1568, por exemplo, foi em parte responsabilidade do comportamento indisciplinado dos mercenários alemães. As tropas do exército rebelde sofreram uma derrota decisiva em Jemmingen, na Frísia, quando os militares abandonaram suas posições aos gritos de “dinheiro, dinheiro”, enquanto que no Brabante, o exército se desfez diante da tática espanhola de atravancar suas vias de abastecimento. Na década de 80 do século XVI, importantes guarnições – Lier (1582), Aalst (1584), Deventer (1587) e Geertruidenberg (1589) – defendidas por militares escoceses, ingleses, irlandeses e alemães se amotinaram e se renderam aos espanhóis. Na década anterior, unidades alemãs recusaram-se a combater até receber pagamento.¹⁰²⁵ Porém, a falta de dinheiro e de comida não eram os únicos causadores de motins, deserções ou de qualquer outro tipo de indisciplina. Anos de serviço sem descanso e licença, humilhações impostas por superiores, punições físicas por delitos leves – principalmente se ocorressem sem qualquer julgamento apropriado –, abuso verbal por parte dos superiores e os rigores do trabalho podiam motivar a ocorrência de um motim ou levar os homens a abandonarem suas posições para buscar uma melhor situação.¹⁰²⁶

Conquanto os desmandos de militares tenham afetado a Companhia das Índias Ocidentais no Brasil e em diferentes momentos os governos estabelecidos na conquista –

¹⁰²³ Parker, Geoffrey. ‘Mutiny and Discontent in the Spanish Army of Flanders 1572-1607’. In *Past and Present: A Journal of Historical Studies*. Oxford: n. 58, Feb. 1973, pp. 39, 41; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 157.

¹⁰²⁴ Black, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002, pp. 19-21; Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*, pp. 54-55; Creveld, Martin van. *Supplying War. Logistics from Wallenstein to Patton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 7.

¹⁰²⁵ Trim, David J. B. ‘Ideology, Greed, and Social Discontent in Early Modern Europe: Mercenaries and Mutinies in the Rebellious Netherlands, 1568-1609’, pp. 49-50.

¹⁰²⁶ Hathaway, Jane. ‘Introduction’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, xv-xvi; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 167-169.

certamente sensíveis ao moral da tropa – tenham tomado decisões influenciadas pelo nível de disciplina dos soldados, o assunto foi pouco explorado e comentado pelos historiadores que se dedicaram a estudar a ocupação da WIC no Brasil.¹⁰²⁷ Essas deliberações, muitas vezes verdadeiras negociações entre a Companhia e os militares, ocorreram desde os primeiros anos de governo e tiveram o objetivo único de arrefecer insatisfações entre a tropa que pudessem dar ensejo a motins e deserções. Alguns episódios, a ser trabalhados posteriormente, foram registrados em cartas como a do governador Diederick van Waerdenburgh, de fins de novembro de 1631. Foi para agradar os militares e diminuir o clima de descontentamento geral que ele menciona ter feito o pagamento de pequenas quantias em dinheiro para a tropa que se revezava nas pesadas obras de fortificação. Essa era também uma maneira de atenuar outras queixas provenientes da distribuição aos soldados de uma ração qualificada pelo comandante como “salgada e insuportável”.¹⁰²⁸

Poucos anos depois, os delegados da WIC no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gijsselingh, relatam ter deixado de punir com “severidade excessiva” atos de extrema indisciplina da soldadesca para evitar um motim. Isso porque eles reconheciam o descontentamento geral existente por causa da permanência na conquista de gente que já tinha seu tempo de contrato expirado.¹⁰²⁹ Já foram referidas as tensões existentes entre o governo e a tropa em campanha no Sul de Pernambuco em 1636, especificamente a ameaça de greve de oficiais e soldados por conta da falta de suprimentos, o que levou o Conselho Político a comprar alimentos em caráter de urgência a comerciantes particulares para o provimento da tropa, de maneira a mantê-la na frente de combate.¹⁰³⁰ O desgaste de militares com o governo não seria arrefecido durante a administração de Nassau. Já foram mencionadas suas negociações com a tropa – os soldados

¹⁰²⁷ O debate sobre a questão da indisciplina, principalmente no que diz respeito a motins e deserções, parece ter atraído mais a atenção dos historiadores que escreveram a respeito da Companhia das Índias Orientais. Todavia, os títulos lançados tratam em sua maioria de motins navais, como os trabalhos de: Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij. Oproer en berechting op schepen van de VOC*. Haarlem: De Boer Maritiem, 1980; Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002. Também é conhecida popularmente nos Países Baixos a história do motim de membros do navio *Batavia*, ocorrido próximo à costa da Austrália, em 1629. Sobre o episódio ver: Dash, Mike. *Batavia's Graveyard: The True Story of the Mad Heretic Who Led History's Bloodiest Mutiny*. London: Phoenix, 2003; Roeper, Vibeke. *De schipbreuk van de Batavia 1629*. Zutphen: Walburg Pers, 2002. Motins navais também foram tratados por Herman Wätjen – *O Domínio Colonial Holandês no Brasil* – e Charles Boxer – *Os holandeses no Brasil*. É possível encontrar algumas menções a rebeliões em alto-mar nos seus dois trabalhos concernentes à WIC no Brasil. O único autor a escrever a respeito de motins de navios a serviço da WIC com mais detalhe foi Willem Johannes van Hoboken. Ver seu artigo a respeito do motim ocorrido em um dos navios da frota de Witte de With – o *Dolphijn*, do capitão Jacques Forant – no ano de 1649: Hoboken, W. J. van. ‘Een muiterij in Verzuimd Brazilië’. *De Nieuwe Stem. Maandblad voor Cultuur en Politiek*. Amsterdam/Antwerpen: Wereldbibliotheek, 9e. jrg., 1954. O assunto também é um dos temas centrais de sua tese: Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955.

¹⁰²⁸ ‘Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631’. In *Documentos Holandeses*. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945, pp. 89-90.

¹⁰²⁹ ‘Relatório dos Senhores Delegados no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gyselingh, dirigido aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Datado de 5 de janeiro de 1634’. In *Documentos Holandeses*, pp. 159-160.

¹⁰³⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1636, DN 22-06-1636. Ver também o terceiro capítulo.

jejunos a quem se referiu com tom crítico Barlaeus – de forma a abrandar seus ânimos.¹⁰³¹ Não por acaso, as recomendações feitas por Johan Maurits van Nassau-Siegen em 1644 tiveram por assunto especial a problemática questão da manutenção da disciplina da soldadesca.

Nos turbulentos anos iniciais da rebelião dos moradores, em 1645 e 1646, a ameaça de motim geral levou o Alto Governo a tomar medidas como a emissão de cartas de crédito e a cunhagem de moedas de emergência para a compra de alimentos e pagamento de parte do soldo semanal da tropa. Datam ainda desse conturbado período o elevado número de deserções de militares da WIC, pequenos motins de soldados ou ameaças de revolta em fortificações nas vizinhanças do Recife e em áreas mais distantes, sem contar a entrega aos portugueses, por venda, da fortificação do Cabo de Santo Agostinho e de um reduto em Olinda.¹⁰³² A dificuldade em conter a insatisfação da soldadesca aumentou mais ainda após as derrotas em Guararapes nos anos de 1648 e 1649 e o governo foi perdendo gradativamente o poder de dialogar com seus militares. Antes mesmo do primeiro confronto nos montes Guararapes, em abril de 1648, muitos soldados provenientes da frota de socorro enviada ao Brasil em 1647 mostraram-se queixosos pelo não pagamento de dois meses de soldo prometidos pelo ato de recrutamento, um dos motivos apontados por W. J. van Hoboken para a derrota em Guararapes. O governo precisou ainda pagar a tropa – em detrimento de seu caixa – para abafar um motim ocorrido nos dias subseqüentes ao confronto e conceder perdão aos soldados por temer desdobramentos ainda mais graves.¹⁰³³ As ameaças de motins e deserções de soldados insatisfeitos teriam papel de extrema importância na rendição de 1654, apesar das tentativas de negociação feita pelo governo e de outras medidas para o arrefecimento do descontentamento geral da tropa.¹⁰³⁴

¹⁰³¹ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, pp. 55-56, 70; Carta de Nassau aos Estados Gerais de 4 de agosto de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandês, com os Estados Gerais (1637-1646)’ (Tradução de Alfredo de Carvalho) In *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano Recife*, Vol. XII, 68, 1906, p. 541.

¹⁰³² Sobre a cunhagem e emissão de carta de crédito ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 333, 336-339; Sobre deserções e motins: ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portugueses do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647’. In *Revista do Instituto Archeológico Historico e Geographico Pernambucano*. Volume V, número 32. Recife: Typographia Universal, 1887, pp. 147-149, 182, 185-186, 190-193, 197-198, 200-201, 207; ‘Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas, sobre a situação e a organização dos referidos países, tal como se encontravam ao tempo de seu governo e de sua partida dali’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 256, 259-260, 267; Ver também as atas diárias do Alto Governo: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 04-06-1646, DN 22-06-1646, DN 23-06-1646, DN 24-06-1646, DN 25-06-1646, DN 29-06-1646, DN 08-07-1646.

¹⁰³³ Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 77, 92; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 22-04-1648; DN 23-04-1648.

¹⁰³⁴ Ver o documento intitulado “Motivos que os oficiais do exército levaram em consideração para entrar em acordo com o inimigo em 23 de janeiro de 1654” (*Motiven die d officieren der militie in consideratie hebben genomen, om met den vijant in avcoort te treden den 23 Januarj 1654*), datado de julho de 1654: NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, *Criminele papieren*, 07-07-1654; Sobre o desenrolar dos acontecimentos conferir as atas diárias do governo do Brasil de dezembro de 1653 a janeiro de 1654 anexadas ao processo criminal – *Criminele Papieren* – instaurado nos

Outro problema observado nas interpretações sobre o “Brasil Holandês” é a associação feita dos atos de indisciplina com o que o historiador alemão Herman Wätjen chamou de “corrupção de costumes” inata da soldadesca, cuja solução, segundo o autor, só poderia ser alcançada através de “disciplina férrea e castigos draconianos” capazes de manter em ordem a “gentilha desenfreada”.¹⁰³⁵ Por isso ele, talvez muito influenciado pelos textos de Nassau e de seu cronista, tenha tratado aspectos como deserção e outras indisciplinas enquanto um desvio de conduta natural, nem sempre mencionando a influência dos problemas logísticos nos atos de desobediência. O historiador inglês Charles Boxer também parece ter seguido essa linha de raciocínio ao falar da inclinação dos soldados em roubar e desrespeitar os moradores.¹⁰³⁶ Esses apontamentos parecem ser provenientes da própria crença de nobres e aristocratas de que a soldadesca, geralmente oriunda dos estratos sociais mais baixos, era bruta, selvagem, turbulenta e insolente em sua disposição, características estas que os comandantes deviam suprimir através da imposição de rigorosa disciplina. Essa era uma das razões pelas quais soldados ordinários eram confrontados com numerosos regulamentos cuja intenção era impor uma “subordinação adequada” e capaz de barrar qualquer “aparência de liberdade” que eles pudessem ter com seus superiores ou civis próximos a eles.¹⁰³⁷

Antes de tratar diretamente dos episódios de rebelião e deserção, bem como das negociações e atitudes do governo perante tais transgressões, faz-se necessária uma análise geral dos regulamentos de conduta supracitados, de maneira que se entenda o que a WIC definia como infração, quais eram as punições previstas em código e como elas eram processadas. Aproveitar-se-á a ocasião ainda para versar sobre casos de indisciplinas menores entre os homens da Companhia.

Países Baixos contra o governo do Brasil pela entrega da praça: NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22; Uma versão resumida dos episódios da rendição foi reproduzida em um panfleto difamatório impresso em Middelburgo: *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael van 't schandelijck over-geven ende verlaten vande voornaemste Conquesten van Brasil, onder de Regieringe vande Heeren Wouter van Schonenburgh, President. Hendrick Haecx, Hooghen Raedt. ende Sigismondus van Schoppe, Luytenant Generael over de Militie, 1654*. Tot Middelburgh, ghedruckt by Thomas Dircksz. van Brouwershaven. Anno 1655.

¹⁰³⁵ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 149-150.

¹⁰³⁶ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 101-102, 181. O autor tem opinião semelhante sobre os marujos das frotas provenientes da República das Províncias Unidas, que para ele era gente de comportamento naturalmente violento e indisciplinado. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 69.

¹⁰³⁷ McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004, p. 55. Na mesma página, McConnell cita o exemplo do capitão Bennett Cuthbertson, autor de um guia para oficiais regimentais – *A System for the Compleat Interior Management and Economy of a Battalion of Infantry* –, datado de 1768, no qual o autor enxerga o regimento como uma sociedade claramente estratificada. Nesse espaço, cabia ao comandante, enquanto “pai benevolente”, suprimir a “libertinagem natural” de seus homens, que deviam se comportar como “filhos obedientes”. Apesar de escrito mais de um século depois e de ter servido a outro contexto, tal percepção tem conexão com o próprio comportamento de Johan Maurits van Nassau-Siegen em relação aos seus homens, conforme visto nas referidas recomendações de 1644. Ver também: Cuthbertson, Bennett. *A System for the Compleat Interior Management and Economy of a Battalion of Infantry*. Dublin: 1768; Oestreich, Gerhard. *Neostoicism and the early modern state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, pp. 81-82, 84-85.

6.1 Ordem, indisciplina e regras de conduta

As reformas militares destinadas a reorganizar o exército das Províncias Unidas empreendidas por Maurits van Oranje-Nassau e seus primos Willem Lodewijk van Nassau e Johan van Nassau-Siegen durante as primeiras décadas da revolta contra os espanhóis são muito conhecidas pelos seus aspectos técnicos, principalmente pela introdução de exercícios militares diários destinados a melhorar o desempenho das tropas em combate.¹⁰³⁸ Porém, a gradativa transformação do exército em um instrumento controlável não se deu apenas por meio de exercícios regulares e da diminuição das grandes formações em tropas mais compactas e flexíveis – mais fáceis de serem controladas no campo de batalha e no dia-a-dia, nas guarnições –, mas também pela imposição de estrita disciplina através de códigos de conduta. O objetivo era reduzir, por meio de legislações, motins, deserções e desordens – problemas crônicos dos exércitos da Europa que também atingiam a tropa da República. Nas Províncias Unidas, esperava-se ainda evitar que a indisciplina de soldados acabasse tolhendo o apoio da população ao *Staatse leger* e ao esforço de guerra do governo. Todavia, as dificuldades para manter a tropa paga com regularidade impediam o controle efetivo dos homens, que geralmente entravam em confronto com as populações locais da área do conflito, muitas vezes assaltando-as e pilhando-as. Artigos de guerra para o controle dos membros do *Staatse leger* começaram a ser emitidos a partir do ano de 1572. Modificações foram feitas posteriormente e itens foram gradativamente adicionados ou reformulados até o estabelecimento do código de 1590.¹⁰³⁹ Instituído por Maurits van Oranje-Nassau, este regulamento de 82 artigos foi utilizado ao longo de todo o século XVII até sofrer uma revisão em 1705. Ele seria mantido até 1799, o que demonstra a importância e continuidade no uso de seus artigos.¹⁰⁴⁰

De acordo com J. R. Hale, o interesse geral dos governos em legislações militares, bem como a introdução de regulamentos, era anterior ao confronto entre a Espanha e as Províncias Unidas. Desde as primeiras décadas do século XVI, militares recebiam proclamações impressas que instituíam leis de comportamento. Muitas dessas normas eram provenientes de antigas regras militares – principalmente do exército romano – que foram transplantadas para códigos

¹⁰³⁸ Para mais detalhes ver o capítulo anterior e a literatura subsidiária.

¹⁰³⁹ *Laws and Ordinances touching military discipline. Set downe and stablished the 13 of August 1590*. Imprinted at the Hague by the widowe & heires of the deceased Hillebrand Jacobs van Wouw, Ordinarie Printer to the high and mightie Lords the States Generall. Anno 1631.

¹⁰⁴⁰ Swart, Erik. 'From "Landsknecht" to "Soldier": The Low German Foot Soldiers of the Low Countries in the Second Half of the Sixteenth Century'. In *International Review of Social History*. Cambridge: Cambridge University Press, Volume 51, Issue 1, 2006, pp. 75-92. Ver também: Swart, Erik. *Krijgsvolk: militaire professionalisering en het ontstaan van het Staatse Leger, 1568-1590*. Amsterdam: Proefschrift Universiteit van Amsterdam, 2006.

impressos.¹⁰⁴¹ Os regulamentos estabelecidos por Maurits van Oranje-Nassau também eram originários de leis constituídas antes de seu governo e baseados em tradições precedentes. Isso não diminui a importância dos líderes rebeldes das Províncias Unidas nas reformas empreendidas, mas apenas mostra que as modificações não foram produto único e exclusivo de suas ações.¹⁰⁴² Nesse sentido, é importante mencionar que data desse período o aperfeiçoamento e fortalecimento das instituições políticas dos estados europeus ocidentais, principalmente no que se refere à justiça. Conforme aponta o historiador Julius Ruff, muitos estados codificaram suas leis criminais e expandiram suas instituições judiciais para se impor nos territórios sob sua jurisdição. Essa expansão veio acompanhada da introdução de violência institucional e os estados passaram a exercer seu crescente poder através da aplicação de penas capitais e de punições corporais administradas em público. Entretanto, também foram inseridas maneiras mais sutis de controle – no caso específico dos militares – como as ordenanças que cerceavam os indivíduos por meio da determinação de horário fixo para o fechamento de tavernas, de regras que previam a punição de blasfemadores ou que estabeleciam impedimentos às reuniões – principalmente se organizadas para demandar pagamento –, uma maneira preventiva de evitar sedições.¹⁰⁴³

Os códigos militares da República das Províncias Unidas, sobretudo aqueles emitidos em 1590, são importantes para o entendimento das leis que regiam – e tolhiam – a conduta dos militares sob a jurisdição da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Isso porque os artigos de guerra utilizados nas Províncias Unidas eram, em parte, os mesmos aplicados no Brasil, conforme indica o artigo 31 do “Regimento do governo das praças conquistadas [...] nas Índias Ocidentais”.¹⁰⁴⁴ Além do regimento, também servia de legislação a chamada Carta-Artigo (*Articul-*

¹⁰⁴¹ Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 168-169. Segundo Hale, o código de 1590 instituído por Maurits van Oranje-Nassau era baseado nos artigos desenvolvidos por Robert Dudley, primeiro conde de Leicester, em 1585, que por sua vez foi copiado por outros governos e promovido à condição de convenção internacional. Erik Swart discorda da assertiva de Hale dizendo que o conteúdo dos códigos de Leicester pouco difere daquele emitido por Willem van Oranje em 1572. Além disso, Swart alega que não havia precedentes de códigos tão abrangentes na Inglaterra, sendo mais provável que Leicester tenha baseado os seus naqueles utilizados nas Províncias Unidas. Swart, Erik. ‘From “*Landsknecht*” to “*Soldier*”’, p. 85; Partindo desse pressuposto, é provável que Leicester tenha mantido contato com os códigos no período em que comandou um exército inglês expedicionário e assumiu a função de governador-geral das Províncias Unidas, após a morte de Willem van Oranje. Para mais informações sobre a participação de Leicester e da Inglaterra no conflito contra os espanhóis ver: Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic: Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, pp. 220-230.

¹⁰⁴² Swart, Erik. ‘From “*Landsknecht*” to “*Soldier*”’, p. 92.

¹⁰⁴³ Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*, p. 3. Ver também: Anderson, Perry. *Linhas do Estado Absolutista*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, pp. 15-41; *Laws and Ordinances*, artigos I, XXXV, LXXX.

¹⁰⁴⁴ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes. (Copiado do <<Groot Placaat-Boek>>’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886, p. 300: “Com relação ás mostras e á disciplina de guerra, serão observadas como leis militares primeiramente a ordenança da Companhia, e depois editos e regulamentos emanados dos Estados-Geraes sobre a milícia destes paizes, em tudo que for applicável ás tropas e aos negocios militares da Companhia”. O texto traduzido foi copiado do *Groot Placaatboek* 2, col. 1235, sob o título original ‘*Ordre van Regieringe soo in Policie als Justicie, in de plaetsen veroverd ende te veroveren in West-Indien*’, datado de 13 de outubro de 1629. De acordo com Jacob A. Schiltkamp, a ‘*Ordre van Regieringe*’ de 1629 é uma cópia quase completa do ‘*Concept van Regieringe*’ elaborado para o governo e justiça de Salvador, de novembro de 1624.

Brief), que agrega vários códigos de conduta – alguns semelhantes aos artigos de 1590 – para militares, marinheiros e outros funcionários da Companhia.¹⁰⁴⁵

Cartas-artigo emitidas pelos Estados Gerais ao longo de dois séculos descrevem as regras de conduta que os homens empregados nos navios a serviço direto ou indireto da República deviam seguir.¹⁰⁴⁶ No caso específico dos artigos emitidos pela WIC em 1640, percebe-se que os mais diferentes aspectos para o controle da vida diária foram abordados. Parte considerável dos 142 artigos contidos na carta trata de proibições, admoestações, punições e procedimentos gerais, como a obrigação de ir às prédicas, o cuidado com a linguagem utilizada, a precaução de não pôr fora alimentos sem autorização de um comissário dos víveres, a manutenção da limpeza da embarcação, o cuidado com o armamento fornecido, a parcimônia no consumo de bebidas alcoólicas a bordo e em terra – durante as paradas –, a proibição dos jogos de azar, do roubo e da saída não autorizada da embarcação – quando ancorado em algum porto. A carta traz ainda algumas das obrigações da Companhia para com seus funcionários, algo inexistente nas leis e ordenanças.¹⁰⁴⁷ Expedidas em 1590 – e continuamente reeditadas em anos posteriores – as regras impostas aos militares pelos Estados Gerais objetivavam, grosso modo, prevenir insubordinações, deserções, saídas da guarnição sem autorização, negligências durante o serviço, vendas de armamento, brigas, blasfêmias, roubos de civis, estupros, conspirações, descuidados com as provisões, fingimentos de doença para se esquivar do serviço, falsos testemunhos e até mesmo adultério.¹⁰⁴⁸

Tanto os artigos da *Articul-Brief* quanto os das *Laves and Ordinances* servem ainda de indicativo da violência governamental a que os militares estavam submetidos. No último conjunto de códigos não são especificados quaisquer direitos, mas apenas obrigações, algo que difere dos códigos militares emitidos nas Províncias Unidas em anos anteriores, o que indica a perda gradual de direitos, um processo chamado por Erik Swart de proletarização dos militares.¹⁰⁴⁹ A maior parte das transgressões descritas nos 82 artigos eram passíveis de pena de morte ou de punições corporais em variados níveis.¹⁰⁵⁰ Qualquer soldado que questionasse uma

Schiltkamp, Jacob A. 'Legislation, Government, Jurisprudence, and Law in the Dutch West Indian Colonies: the Order of Government of 1629'. In *Pro Memoria. Bijdragen tot de rechtsgeschiedenis der Nederlanden*. Hilversum: Uitgeverij Verloren, Jaargang 5, aflevering 2, 2003, p. 321.

¹⁰⁴⁵ *Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geoctroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc.* Groningen: Sas, 1640.

¹⁰⁴⁶ Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. 'De scheepvaart van de Oost-Indische Compagnie en het verschijnsel muiterij'. In Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij*, p. 18.

¹⁰⁴⁷ *Articul-Brief*, artigos diversos.

¹⁰⁴⁸ *Laves and Ordinances*, artigos diversos; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 168-169.

¹⁰⁴⁹ Swart, Erik. 'From "*Landsknecht*" to "Soldier"', pp. 75, 92

¹⁰⁵⁰ No lado português, a pena capital também era aplicada para uma grande variedade de delitos, dos mais leves, como "agressões feitas à <<sociedade envolvente>>" ou roubo, aos mais graves, a exemplo de "ações contra os oficiais" ou a "criação de violentos conflitos entre os próprios soldados". Ver: Costa, Fernando Dores. 'Milícia e

ordem recebida seria violentamente reprimido e motins, deserções, roubos e estupros eram caracterizados como crimes capitais. Nesse caso, a morte era geralmente aplicada por enforcamento ou fuzilamento, embora houvesse variações para os culpados de ofensas consideradas hediondas.¹⁰⁵¹ Os homens eram até mesmo impedidos de fazer reuniões – taxadas de “ilegais” – e não podiam cobrar seus vencimentos, principalmente antes de marchar contra os inimigos. Apenas um dos códigos dos artigos emitidos em 1590 protegia os militares de seus capitães, instados a não deixar de pagar a seus homens o valor integral do soldo estabelecido, sob pena de desgradação.¹⁰⁵²

Com regras rigorosas como essas, não é de se estranhar declarações como a do comerciante francês Auguste Quelen, residente no Brasil entre 1638 e agosto de 1639. Para o francês, a vida e honra dos soldados estavam “todos os dias em perigo”, caso eles não se submetessem às vontades de seus superiores, que – se utilizando de torturas e por meio do Conselho de Guerra – teriam “tão pouco escrúpulo de condenar um soldado à morte quanto uma galinha”.¹⁰⁵³ Embora a observação de Quelen tenha sido um pouco retirada do contexto, porque ele se referia às arbitrariedades usuais dos oficiais do exército para com seus soldados, deve-se mencionar que os códigos de guerra davam ampla autonomia e esteio para capitães e oficiais superiores punirem militares de baixa patente, por sua vez proibidos legalmente de fazer qualquer questionamento às ordens de seus oficiais. Na prática, como aponta Fritz Redlich, punições capitais eram aplicadas aos perpetradores de crimes graves, enquanto que os militares mal comportados eram submetidos a punição corporal.¹⁰⁵⁴ Mesmo considerando verdadeiro o relato de Quelen, é possível que existisse certa flexibilidade na aplicação das leis e houvesse espaço para negociações. Do contrário, muitos homens seriam condenados à morte por causa de delitos – alguns ordinários – como roubo, saída da guarnição sem autorização, negligência no serviço, alarme falso, cobrança coletiva de soldos atrasados, trabalho por fora sem permissão do comandante, marcha fora de ordem e ofensa a um oficial, ainda que em autodefesa.¹⁰⁵⁵ Outro possível fator para o abrandamento das punições de militares era a habitual incapacidade dos

Sociedade’. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, p. 95.

¹⁰⁵¹ *Laws and Ordinances*, artigos diversos; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 169; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 123-124.

¹⁰⁵² *Laws and Ordinances*, artigo LXXVI; Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 170.

¹⁰⁵³ ‘Documento 8. Breve Relação do Estado de Pernambuco. Dedicada à Assembléia dos XIX da nobilíssima Companhia das Índias Ocidentais. Por Auguste de Quelen. Em Amsterdã, impresso por Luís Elzevier, 1640’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, p. 440; A passagem foi utilizada por Charles Boxer para descrever o funcionamento dos tribunais militares no Brasil, bem como as decisões arbitrárias feitas no julgamento dos homens. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 180.

¹⁰⁵⁴ Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force’, p. 469.

¹⁰⁵⁵ *Laws and Ordinances*, artigos XVI, XIX, XX, XXI, XXII, XXVI, XXVII, XXXI, XXXV, XXXVIII, XL, XLVI, XLVII, L, LXV, LXXVII.

governos em provê-los. Uma punição arbitrária ou mal fundamentada podia desencadear reações por parte de todos os membros do exército, principalmente se os homens se sentissem injustiçados.

Crimes menores podiam ser punidos com multa, rebaixamento, encarceramento ou açoitamento público, pois os oficiais não podiam correr o risco de perder soldados ou mutilá-los por qualquer motivo, especialmente se for considerada a falta constante de pessoal militar que afetava a WIC no Brasil e a dificuldade e custo de recrutamento de substitutos na República.¹⁰⁵⁶ Um caso que chamou a atenção do historiador Michiel van Groesen foi o do soldado de Hajstrup Peter Hansen, ocorrido nos seus primeiros dias de serviço no Brasil, em fins de dezembro de 1644.¹⁰⁵⁷ Encarregado de servir de sentinela na porta da ponte de Antônio Vaz nas vizinhanças de sua guarnição, Hansen, inexperiente no ofício e sem muito adestramento, deitou seu mosquete no chão durante a tarefa, atitude vista por um tenente que se aproximou para inspecioná-lo. De pronto, o oficial pediu a arma ao jovem, que se recusou a apresentá-la. Por sua desobediência, Peter Hansen foi agredido e insultado pelo tenente. Mas o soldado reagiu e revidou a violência com sua arma de fogo, utilizada para golpear o oficial na cabeça. Soldados da guarda da cidade interferiram e levaram Hansen sob custódia pela agressão ao superior. No dia seguinte, ele foi submetido a um tribunal de guerra para ser julgado pelo delito. Orientado “por bons camaradas” a alegar ignorância nos modos e procedimentos da função, além de declarar desconhecer o oficial, ter sido agredido por ele e o tomado por inimigo, Peter Hansen foi inocentado, conquanto condenado a carregar seis mosquetes por seis horas. Durante o cumprimento da sentença, soldados da guarda intercederam em seu benefício, pedindo que ele fosse liberado da punição. Após uma hora carregando as armas, ele foi dispensado. Essa não seria a única interferência externa no caso. Outro oficial, testemunha do episódio, intercedeu a favor de Hansen durante o tribunal. Para ele, segundo o relato do próprio Hansen, o militar era culpado e merecia ser castigado de maneira a servir de exemplo para os outros, embora achasse “pouco cristão” condenar à morte um jovem que “errou apenas por ignorância” e que “agiu de maneira valorosa”.¹⁰⁵⁸

¹⁰⁵⁶ Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 169-170; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 123-124; Sobre as multas aplicadas pela Companhia por causa da negligência com o armamento distribuído ver o terceiro capítulo. Sobre os custos e dificuldades de recrutamento consultar o segundo capítulo.

¹⁰⁵⁷ Groesen, Michiel van. ‘Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil’. In Huigen, Siegfried; De Jong, Jan L.; Kolfin, Elmer. (Eds.). *Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*. Leiden: Brill, 2010, p. 42.

¹⁰⁵⁸ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 68-69; A exposição de desconhecimento da lei nem sempre servia de desculpa em tribunais. O último artigo do código de 1590 – LXXXII – era destinado exatamente a alertar que os homens não poderiam alegar ignorância das regras em um tribunal. A *Articul-Brief* da WIC também continha observações nesse sentido – artigos CXXXIX, CXXXX,

O confronto de Peter Hansen com seu oficial também demonstra que a atitude do tenente estava vinculada a algo mencionado anteriormente: oficiais tendiam a agir com brutalidade para com seus comandados, pois os enxergavam como pessoas inferiores que deviam ser comandadas por meio de coação.¹⁰⁵⁹ Para completar, eles estavam resguardados pelos códigos militares que lhes permitiam empreender julgamentos sumários ou levar os homens acusados de delito para a avaliação de um tribunal militar.¹⁰⁶⁰ Neste conselho de guerra, o soldado não seria julgado por seus pares, mas por oficiais comissionados, a quem competia julgar os abusos e delitos segundo as ordenanças militares vigentes.¹⁰⁶¹

Mas a história de Peter Hansen não é excepcional. O tambor Jan Alberts, um neerlandês de aproximadamente 18 anos de idade, foi condenado – após tortura e assinatura de uma confissão (“*naer torture [...] met eijgen handt ondertijckent*”) – a ser severamente castigado na polé por ter subtraído produtos da Companhia e os ter vendido e trocado com várias pessoas em *Mauritsstad*.¹⁰⁶² Usualmente, um militar que cometesse tal tipo de infração seria morto.¹⁰⁶³ Certo soldado chamado Paulus Corter, da companhia do capitão Carel Frederick van Gladis, “tendo apontado uma arma para outro soldado deitado em uma rede”, desferiu um disparo na perna do militar, que morreu posteriormente em decorrência do ferimento. Ele foi condenado pelo Conselho de Guerra a ser arcabuzado, mas a execução da sentença foi suspensa de maneira que mais dados sobre o episódio fossem colhidos. Tal interrupção estava relacionada aos relatos das testemunhas, incertas se Corter realmente queria ferir o outro soldado ou se ele apenas apontou a

CXXXXI – e instruía capitães e comissários a ler repetidamente as regras de forma que os homens as conhecessem bem. Isso serve para provar que realmente houve uma flexibilização no caso de Peter Hansen, já que sua justificativa para a transgressão não deveria ser aceita.

¹⁰⁵⁹ Para Charles Boxer, oficiais da marinha a serviço da República, estivessem nos navios de guerra ou das companhias de comércio, eram tão “rudes e sem cultura” quanto seus comandados e utilizavam severa disciplina e punições “selvagens” para manter seus homens em ordem, já que eles, tradicionalmente vistos como de “natureza indisciplinada e selvagem” não entenderiam outra linguagem. Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, pp. 69-70; Em janeiro de 1650, Peter Hansen se envolveria em outra confusão com um oficial. Ele brigou com um alferes que agrediu um soldado e acabou preso no forte *Ceulen*, acarretando a revolta dos soldados da guarnição. Eles juntaram-se para libertá-lo e entraram em confronto direto com o comandante da praça, o qual, sentido-se pressionado, deixou Hansen resolver o assunto com o alferes por meio de um duelo. Essa não foi a única demonstração de força da guarnição. Outro conflito entre Hansen e um militar, ocorrido em junho de 1650, acarretou um tumulto cuja intervenção do comandante do forte *Ceulen* só agitou ainda mais a tropa, que depositou seu armamento no chão. Novamente ameaçado, o comandante cedeu. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 84-86, 91-92.

¹⁰⁶⁰ Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 169-170.

¹⁰⁶¹ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes’, pp. 304-305 (artigos 48 a 52). Segundo Erik Swart, militares de baixa patente tomariam parte em uma corte marcial apenas em pequenas guarnições com um número insuficiente de oficiais. Swart, Erik. ‘From “*Landsknecht*” to “Soldier”’, p. 83. Entretanto, o mais provável é que um soldado infrator de uma guarnição pequena fosse transferido para um local onde houvesse oficiais comissionados para julgá-lo.

¹⁰⁶² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 55, doc. 3, 28-01-1639: “*Jan Alberts. Sententije. De Ed. Heeren van den Hoogen Crijge Raidt hebben Jan Alberts gecondennoert gelijk sij hem condenneeren bij dessen gebracht te worden ter pladtse daer men gewoon is justitie te doen, om aldaer met roede wel strengelijck gegesseldt te worden, actum Mauritia den 28 Januarij 1640*”.

¹⁰⁶³ *Laws and Ordinances*, artigo XII.

arma em uma atitude jocosa.¹⁰⁶⁴ Afora Peter Hansen, outro soldado diarista relata um caso de maleabilidade em julgamentos marciais. O estrasburguês Ambrosius Richshoffer testemunhou, logo nos primeiros dias de ocupação, o enforcamento de um soldado de Leipzig por roubo de vinho de uma adega. O militar, servindo de guarda da casa, permitiu que três soldados penetrassem no recinto para usurpar a bebida e ainda participou da bebedeira. Descobertos, todos foram submetidos a um conselho de guerra e obrigados, dentro de um círculo de soldados, a jogar a sorte para que um fosse selecionado para ser enforcado. Justamente o que estava de vigia foi condenado à morte, restando aos outros três um violento açoitamento. As punições foram administradas na frente da guarnição da praça, de maneira a servir de exemplo para os demais militares.¹⁰⁶⁵

Apesar das muitas especificações de delitos detalhadas nas *Laves and Ordinances* de 1590 e na *Articul-Brief* da WIC, ambos os códigos eram incompletos. Talvez seja por isso que o conjunto de regras mais antigo tivesse um artigo destinado a dar cobertura a essa deficiência, pois estabelecia vagamente que “todos outros abusos e ofensas não especificadas” fossem punidos de acordo com as ordenanças, leis e costumes de guerra.¹⁰⁶⁶ Por sua vez, o “Regimento do governo das praças” – também com algumas instruções para a administração da justiça civil e militar na conquista –, estabelecia que gente de guerra e de mar praticante de delitos não enquadrados como ofensa militar ou marítima seria julgada pela justiça comum, “segundo o direito e as leis naturaes, divinas e ordinarias”.¹⁰⁶⁷ O problema é que muitos dos artigos de guerra especificavam crimes de soldados passíveis de julgamento civil, a exemplo de roubos de civis, estupro, adultério e

¹⁰⁶⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 78, DN 16-02-1651: “*Seecker soldaet genaemt Paulus Corter onder de Comp van Cap.t Gladis hebbende een roer op een ander soldaet in een hangmack leggende gepresenteert doch soo veel men heeft connen weeten niet met wille om deselven quaet te doen als alleen jocosé, het welck los gegaen sijn heeft den anderen in sijn been geraackt aen welcke wonde naer dat eenigen tijt hadde gelegen, den gequesten door het toetslaan van cleemme is gestorven, welcke saecke sijnde door den Adv.t fiscael door de Hogen Crijtsraet beclaecht, notificeert op beden dat bij den selven Hoogen Crijtsraet sententie was uijtesproocken om te werden geharcabus.t versocht de intentie van Regeringe te verstaen ofte met de excutie sonde voortfaren, is denselven tot antwoorde gegeven dat den Raet goetvonde de executie alsnoch tot naerder ordre wierde opgehouden. Dat middelervijlen sich over dese saecke naerder souden laten informeren*”. O caso estava sob análise de um advogado fiscal, um tipo de oficial que surgiu com o aumento e difusão das legislações militares nos exércitos. Era função do advogado, também chamado de reitor ou bacharel, manter a disciplina dentro do exército e verificar o uso adequado das regras das legislações. Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 125. Além do advogado fiscal, também era comum encontrar a figura do preboste (*provoost*) na WIC, que exercia funções policiais e judiciais dentro do exército. Para mais detalhes da atuação do preboste ver: *Articul-Brief*, artigos CXXI, CXXII, CXXV; *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621. Mette Ampliatien van dien, ende Het accord tusschen de Bewint-hebberen ende Hooft-participanten vande selve Compagnie, met approbatie vande Hoog: ende Mog: Heeren Staten Generael ghemaect*. ’s Graven-Haghe: By de Weduve, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrant Jacobssz. Van Wouw, Ordinaris Druckers vande Hog: Mog: Heeren Staten Generael, 1623, artigo VII.

¹⁰⁶⁵ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l’Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, p. 53.

¹⁰⁶⁶ *Laves and Ordinances*, artigo LXXXI.

¹⁰⁶⁷ ‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes’, pp. 304-305 (artigo 51).

blasfêmia,¹⁰⁶⁸ o que dava margem para conflitos jurisdicionais como no caso de certo soldado acusado de “sodomia”. A denúncia – sem qualquer punição mencionada nos códigos – entrou na pauta de discussão do Alto e Secreto Conselho do Brasil exatamente por causa da dificuldade em definir a quem cabia a jurisdição para julgar o réu, isto é, se o caso seria levado adiante pelo Conselho de Guerra ou pelo Conselho Político, cujos membros acusavam os militares de querer “usurpar” a judicatura da questão.¹⁰⁶⁹

Faz-se necessário, antes de comentar mais a respeito dos delitos menores da soldadesca, citar brevemente outros confrontos de jurisdição entre os poderes civil e militar que ocorreram em vários momentos da ocupação. Um queixoso Diederick van Waerdenburgh chegou a ponto de escrever para os Estados Gerais para dizer que sua presença no Brasil era desnecessária, pois sua autoridade e comando haviam sido transferidos pelos Senhores XIX ao Conselho Político. Ele não falava apenas da questão da justiça, mas aludia que o Conselho de Guerra, devido a instruções enviadas ao Brasil, teve seu poder tão reduzido que se houvessem de ser feitas distinções entre crimes puramente militares e outros que merecessem “ser punidos segundo a lei divina e natural” e se os infratores – dada a abrangência das ordenanças – fossem enviados para o julgamento do Conselho Político, o tribunal composto pelos militares seria apenas “uma sombra de Conselho de Guerra”.¹⁰⁷⁰ Os debates e conflitos em torno da judicatura de delitos cometidos por militares persistiram e podem ser rastreados nas atas do governo e em cartas de militares e

¹⁰⁶⁸ *Laws and Ordinances*, artigos I, III, IV, XIII.

¹⁰⁶⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 30-09-1637: “Remonstrancie van de Politijcq. Raat. De E. A. Heeren van de Politijcq. Raide te vergaderinge verthoonende, hoe dat seecker soldaet onder eene recreute overgekomen met de Eendracht van Dort van sodomie beschuldigt. Alsoo de beschuldigten een soldaet was, dat de Chrijsraet wilde usurperen over de judicature van alsulcken persoon ende delict, welke was contrarie de Generale Instructie, ende derogende d' autoriteit ende jurisdictie de Politijcq Raet indelselve Instructie defereert, versouckende daer bij gemeijnteneert te werden, te meer alsoo sij gereets in possessie waren volgens de instructie als voor desen eenige soldaten diverie ende huijsbracke begaen hebbende naer eenige voorgaende disputen wien de judicature soude competeren bij sijne Ex.tie ende Hooge ende Secrete Raiden in conformite van voors. instructie de judicature haer gelaten is geweest, ende de dierven voor haer E. A. te richte te staen, door den selve Raat gesententeert, ende de selve ter executie gebracht is, den selven Crijchs Raat alsdoen cederende naer ondericht te sijn van de meijninge van de selve Generale Instructie, de welke de delinquanten hare competente Rechter niet aenwijst nijt crachte vande qualitejten van de persoonen, datse militaire ofte Politijqs. sijn: maer nijt cracht van de nature van de delicten, t' de selve bij Politijcq ofte militaire begaen werden. Welcke alles wel geconsidereert ende wel gefundeert gevonden. Soo is goet gevonden dat de selve aen sijn Ex.tie hare redenen sullen te kennen geven, om sijn Ex.tie wel meijninge daer over te verstaen”; Uma punição para o delito podia ser corporal, seguida de banimento ou reclusão, embora fosse prevista a pena de morte caso fosse comprovado o coito anal. De acordo com T. M. Aerts, que escreveu um artigo sobre casos de sodomia em embarcações da VOC no século XVIII, é necessário tomar cuidado com o termo “sodomia” mencionado na documentação. Isso porque ele era empregado para todos os atos sexuais que não objetivassem a procriação, como masturbação individual ou recíproca, contato anal e relação sexual com animais. Até mesmo o comportamento efeminado dos homens podia ser taxado de “sodomia”. A autora também fala da ausência de legislação específica no século XVIII. Aerts, Tecla M. ‘Het verfoeijelijke crimen van sodomie. Sodomie op VOC-schepen in de 18e eeuw’. In *Leidschrift. Historisch Tijdschrift*. Jaargang 4, Nummer 2, 1988, pp. 5-19. Ver também: Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 71; Meer, Theo van der. *Sodoms zaad in Nederland: het ontstaan van homoseksualiteit in vroegmoderne tijd*. Nijmegen: SUN, 1995; Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 159.

¹⁰⁷⁰ As queixas também eram direcionadas às interferências feitas pelos membros do governo civil nas operações militares e até mesmo nas nomeações para os postos vacantes de oficiais. ‘Missiva do Coronel D. van Waerdenburgh, em Olinda, Pernambuco, aos Estados Gerais. Datada de 15 de maio de 1630’. In *Documentos Holandeses*, pp. 40-41; Ver também: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 292-296.

funcionários da Companhia até mesmo nos últimos anos de ocupação, a exemplo das missivas escritas aos Estados Gerais pelo comandante das tropas no Brasil, Sigismund von Schoppe, ou dos protestos do Conselho de Justiça para que fosse tomada uma definição das competências dos poderes de militares e civis no trato de assuntos criminais.¹⁰⁷¹

Alguns delitos menores cometidos por militares afluam na documentação, o que permite que se saiba um pouco mais a respeito da vida pública e privada da soldadesca. As atas das reuniões dos membros da Igreja Reformada do Brasil constituem um importante manancial na descrição de infrações de caráter moral e ético. A blasfêmia foi uma das questões discutidas em uma reunião ocorrida em janeiro de 1638, ocasião na qual reuniram-se predicantes das igrejas do Recife, Itamaracá e Paraíba, além dos capelães militares a serviço do exército. Instava-se, por exemplo, que os religiosos dirigissem suas prédicas “energicamente” – não somente no púlpito, “mas em todas as ocasiões” – contra o costume de jurar e praguejar, o qual já estava tão generalizado “entre moços e velhos, especialmente entre militares e marítimos” que, para muitos, o ato quase deixava de ser considerado como pecado. Para os religiosos, era necessário que oficiais de terra e mar fossem advertidos para punir “este horrível pecado [...] segundo a sua instrução, dando-lhes inclusive [...] um bom exemplo”.¹⁰⁷² As recomendações não parecem ter surtido muito efeito e, em outubro de 1640, o predicante Fredericus Kesslerus foi ao Alto e Secreto Conselho, junto com outro conselheiro da Igreja Reformada, para falar, em nome do Conselho da Igreja, que apesar dos editais existentes contra a blasfêmia, a profanação do sábado e a prostituição, não foi notada nenhuma melhora nesses “graves erros”. Aparentemente, segundo a exposição dos membros da Igreja, a negligência dos oficiais, encarregados de cumprir as determinações dos editais, era responsável pelo aumento na ocorrência destes “crimes escandalosos”. Os enviados da Igreja pediram ainda ao Alto e Secreto Conselho a renovação dos

¹⁰⁷¹ Poucos meses antes do caso de sodomia, o Conselho Político e os oficiais do exército debatiam a respeito da competência para julgar desvios cometidos por soldados. Nassau e os membros do Alto e Secreto Conselho entendiam que cabia ao Conselho Político julgar os casos em que militares cometessem delitos contra civis e comerciantes livres. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 15-06-1637: “*Soldaten in diverie bevonden gestraff bijden Politijquen Raat. Alsoo eenige soldaten in beghtnisse gebracht, beschuldicht werden van diverie, is gedebatteert geweest bijden Politijquen Raat ende officieren van de militie, wien de judicature soude competeren: is bij Sijne Excellentie en de Hooge ende Secrete Raiden (naer examinatie van de instructie artle. 39 ende 40) verstaen dat de selve saecke ende personen sullen te rechte staen voor den Politijquen Raat, alsoo diverie niet is eene overtredinge van eene eigentlijke militaire ordre, nochte oock gecommiteert van den eenen soldaet tegen den anderen, maer tegen burgeren ende vrije coopluijden*”; A carta escrita por Von Schoppe pode ser encontrada no inventário dos Estados Gerais: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 2, 03-11-1650. Ver também o protesto do Conselho de Justiça: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.33, doc. 10, 17-10-1650.

¹⁰⁷² Ata da Classe do Brasil, Recife, 5 de janeiro de 1638, sessão 5, gravame 6. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. In *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: Volume LVIII, 1993; Para as especificações oficiais contra a blasfêmia ver: *Articul-Brief*, artigo XV; *Laves and Ordinances*, artigo I. No documento de 1640, estipulava-se uma multa de 10 *stuivers* e a “correção arbitrária” (*arbitrale correctie*) para os que “usassem o nome do Senhor em vão, fosse amaldiçoando, jurando ou blasfemando”. Já nos artigos de guerra a pena estipulada era muito mais severa. Prescrevia-se a prisão do infrator por três dias, onde seria provido apenas com pão e água. Caso o delinqüente repetisse o erro, ele deveria ter sua língua atravessada por um ferro quente e arrancada, além de ser banido das Províncias Unidas.

editais, bem como uma nova – e séria – repreensão dos oficiais para que eles cumprissem com as determinações das proclamações.¹⁰⁷³

Jogatinas e bebedeiras de soldados também compuseram o tema de queixas comuns dos predicantes. O combate à embriaguez, aliás, era uma das frentes de batalha comuns da Igreja Reformada. Para reforçar a luta contra o problema, a câmara da Zelândia enviou ao Brasil vinte e cinco cópias de um livro de 1623 escrito por um predicante oriundo da cidade de Haarlem, Daniel Souterius. A obra continha vinte e oito sermões a respeito do “sóbrio Ló” (*Nuchteren Loth*).¹⁰⁷⁴ A idéia era dirigir as prédicas contra o consumo de bebidas alcoólicas – um “alimento do diabo”. Apesar das tentativas da Igreja em estigmatizar o consumo de álcool enquanto impureza moral, de modo geral – e para a irritação dos pregadores – considerava-se o “hábito socialmente inócuo”, desde que fosse mantida a moderação.¹⁰⁷⁵

Os militares, já orientados nos artigos de guerra e na carta-artigo a não beber durante o serviço, também tiveram suas horas de folga afetadas por leis impostas em editais que proibiam a venda de bebidas nos bares aos domingos – dia de prédica – e que estipulavam multas aos infratores, fossem eles os donos dos estabelecimentos ou consumidores.¹⁰⁷⁶ Em novembro de 1637, novo edital foi publicado estipulando uma pena pecuniária para os proprietários de bares infratores no valor de 10 florins por grupo servido mais um adicional de 3 florins para cada indivíduo. Era uma quantia mais elevada em relação à estabelecida em abril do mesmo ano,

¹⁰⁷³ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-10-1640.

¹⁰⁷⁴ Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, pp. 51, 239; Souterius, Daniel. *Nuchteren Loth: dat is, Middel om op te staen, nyt de ziel-verderffelijcke sonde, van dronckenschap, tot een maetich, ende godvruchtich leven. Beschreven in XXVIII. predicatien*. Tot Haerlem: ghedr. by Herman Theunisz. Kranepoel, 1623.

¹⁰⁷⁵ A Igreja fazia as mesmas associações com o fumo. Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 198. Em geral, os neerlandeses consideravam a cerveja como alimento e faziam uso doméstico da bebida, também distribuída como parte da ração, embora em pequenas quantidades. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, 2002, p. 228. Ver também algumas das listas de ração citadas no capítulo três, bem como os pagamentos adicionais em bebida alcoólica dados por serviços de construção mencionados no capítulo cinco.

¹⁰⁷⁶ *Articul-Brief*, artigo CII; *Lawes and Ordinances*, artigos LXVI, LXVII, LXXX. O último artigo estabelecia até mesmo o horário da venda de cerveja e vinho. Os vivandeiros que abasteciam o exército eram proibidos de vender bebida à noite, uma hora após o pôr do sol, e pela manhã, antes do amanhecer. Certamente essas instruções eram válidas para os armazéns da WIC; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 16-04-1637: “*Tappen sondaechs verboden. Dat oock geene tappers, sich sullen vervorderen des Sondaeghs onder de predicatie te tappen ofte eenige gelagen te setten, op peene dat den tapper, i'elcke reijse sal verbeuren twaelff guldens, ende die sitten en drincken ijder eenen daelder van dartich stuivers ende deese executie sullen moogen doen den fiscael ofte sijne auditeurs, de commandeurs inde guarnisoenen ende geweldiger ende die van deese de executie sal doen, sal genieten twee dardeparten ende het resteerende dardepart sal sijn voor het gasthuijs*”. Sobre as multas aplicadas aos soldados ver o terceiro capítulo.

orçada em 12 florins para os que servissem e 30 *stuivers* para os que bebessem.¹⁰⁷⁷ O édito foi renovado em 1640.¹⁰⁷⁸

As republicações dos editais indicam que a lei continuava a ser descumprida pelos donos de bares e pelos consumidores. Mesmo com as renovações dos editais e com as denúncias dos membros da Igreja, é quase impossível saber o quanto os éditos e artigos contra o consumo exagerado de bebidas alcoólicas ou sua ingestão em dias proibidos podiam interferir na vida privada dos militares. Já foi mencionado anteriormente que o soldado Peter Hansen registrou em seu diário ter participado de muitas bebedeiras e ter testemunhado gente embriagada no serviço.¹⁰⁷⁹ Em uma das ocasiões, Hansen, na presença do seu comandante, além de beber, jogava com um comissário, embora não esteja claro se eles faziam apostas, algo também proibido nas legislações empregadas no Brasil.¹⁰⁸⁰ A *Articul-Brief* destinava dois de seus artigos para falar na proibição de jogatinas nos navios. A julgar pela atitude em relação aos jogos de azar na República, os homens também sofriam impedimentos legais para jogar em terra ou fazer apostas, pois essas eram atividades julgadas como indecentes pela Igreja Reformada e oficialmente proibidas pelo governo.¹⁰⁸¹

Não menos escandalosos e igualmente sujeitos a reprimendas legais eram o concubinato e a prostituição.¹⁰⁸² São bem conhecidas as passagens do livro *Tempo dos Flamengos*, de José Antônio Gonsalves de Mello, a respeito do “número considerável de prostitutas” que viviam e trabalhavam no Brasil, local onde os bordéis tinham a fama de ser “os mais vis do mundo”. Gonsalves de Mello também fala nos constantes esforços da Igreja em evitar a entrada no Brasil de “mulheres fáceis” provenientes da República e das promulgações governamentais de editais a respeito da preservação do matrimônio, embora os resultados práticos de tais ações não tenham sido dos melhores, a julgar pela constância das queixas. Mulheres de soldados que se prostituíram

¹⁰⁷⁷ Para o edital de abril, ver nota anterior; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 07-11-1637: “*Verbot onder de predication niet te tappen. Is weder gepubliceert dat geen tappers vermogen onder de predication des sondaghs ende naer negen uijren des s'avonts eenige drinckgelagen te setten, op de verbeurte t'elckens van thien guldens voor ijder gelach ende de drinckebroeders drie guld.*”.

¹⁰⁷⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 17-10-1640. Ver também: Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 78, nota 104.

¹⁰⁷⁹ Seus registros devem ser tomados com certa cautela, haja vista sua residência em uma das guarnições mais isoladas da conquista, e, portanto, menos sujeita a interferência de membros da Igreja. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 84, 91-93, 95-96, 101, 105.

¹⁰⁸⁰ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 93, 95, 101-102. Hansen estava bebendo e jogando na propriedade de Adrian Jorißen, fora do forte *Ceulen*. Ele mencionou ter ido a esse lugar anteriormente e também ter ido beber no alojamento de certo Antony der Spielman. De acordo com Paul Zumthor, o termo *Spielman*, “músico” era utilizado para designar cabarés nos Países Baixos. Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*, pp. 159-159.

¹⁰⁸¹ *Articul-Brief*, artigos C, CI; Segundo Paul Zumthor, os neerlandeses eram, no geral, jogadores apaixonados, sendo os jogos de azar de muito prestígio entre eles. A despeito das proibições oficiais, os jogos de dados eram um passatempo comum entre as camadas populares. Os jogos de cartas também não gozavam de boa reputação e apesar das prédicas condenatórias da Igreja – que os considerava vulgares – e das multas, as jogatinas não cessavam. Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*, pp. 101-102.

¹⁰⁸² Paul Zumthor, em uma assertiva generalizante, menciona que na República o adultério era “impiedosamente” reprimido. Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*, p. 157.

na ausência dos maridos foram castigadas em algumas ocasiões, banidas em outras, mas os predicantes continuavam a insistir, por exemplo, que o governo tomasse o cuidado de não separar os casais, fazendo com que as esposas fossem morar com os maridos nas guarnições fixas, de modo a se evitar que, abandonadas, elas caíssem na prostituição.¹⁰⁸³ É importante dizer que a Igreja também considerava prostituição a coabitação sem casamento e o adultério. Sobre o último delito foi encontrado em uma ata da Assembléia Classical realizada em 1637 um caso investigado pelo Conselho da Igreja. O casal, composto do soldado Lucas Harmon, da companhia do capitão Doncker, e de Antonette Cantei, proveniente de Sedan e filha de um predicante, foi inquirido em março de 1637 e não conseguiu provar aos predicantes que eram legalmente casados. Julgava-se que Antonette já fosse casada na República, tendo fugido com o soldado e abandonado o marido, um “ministro da Palavra Divina”. Após respostas contraditórias dadas pelo casal, os membros da Igreja informaram ao governo das “maldades” praticadas por eles, de maneira que fossem punidos.¹⁰⁸⁴ Uma tentativa de banimento de Antonette foi sustada por terceiros em 1637, mas em janeiro de 1638 ela foi mandada de volta para a República. O destino de Harmon é desconhecido.¹⁰⁸⁵

Sair das guarnições para cuidar de afazeres próprios ou trabalhar para particulares era uma grave infração cuja punição era a morte, porque legalmente equivalia à deserção.¹⁰⁸⁶ As saídas não autorizadas, tratadas no capítulo anterior com mais detalhes, constituíam prática comum entre os militares e passaram a ser toleradas pelo governo principalmente no período em que a Companhia foi solidificando sua posição no Brasil, momento inclusive mais favorável para se achar uma atividade extra. A aceitação era tanta que o governo passou a permitir aos homens a saída durante o dia.¹⁰⁸⁷ A modificação do estatuto, nesse caso em benefício dos soldados, mostra que as legislações não eram fechadas, sendo, portanto, passíveis de alterações, ampliações e reajustes à realidade da conquista, a exemplo dos editais extras emitidos pelo governo do Brasil

¹⁰⁸³ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 130-131; Ata da Classe Brasileira, realizada no Recife de Pernambuco, no dia 21 de Novembro de 1640, sessão 2, artigo 9; Ata da Classe do Brasil, Recife, 17 de outubro de 1641, sessão 3, artigo 9. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’. Ver também o caso de certa mulher chamada Elisabeth, apelidada *Admirael*, cujo marido era um soldado a serviço do capitão Robbert Herwaij. Ela foi acusada de prostituição pelo Conselho da Igreja e enviada para a Paraíba para viver com o marido. Na lista onde figurava seu nome, foram listadas outras mulheres acusadas de prostituição. Algumas foram banidas do Brasil, outra enviada para local onde vivia seu marido, um homem-livre em Sirinhaém. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 01-08-1639.

¹⁰⁸⁴ Assembléia Classical realizada no Brasil, no Recife de Pernambuco, no ano de 1637, no dia 3 de março, sessão 3, artigos 2, 4, 6 e 7. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’.

¹⁰⁸⁵ Assembléia Classical realizada no Brasil, no Recife de Pernambuco, 1638, 5 de janeiro, sessão 2, artigo 4. Schalkwijk, Frans Leonard. ‘A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês’.

¹⁰⁸⁶ *Laves and Ordinances*, artigos XXI, XXII, XXXVIII. A pena de morte era prevista para aqueles que se distanciassem de suas guarnições, sem autorização de seus capitães, a uma distância maior do que um tiro de canhão. O mesmo era prescrito para os que saíssem para buscar forragem ou para fazer qualquer outra atividade durante expedições e assédios. Passaportes eram emitidos aos homens para que eles pudessem sair sem incorrer em infração.

¹⁰⁸⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 05-05-1639.

para atender aos pedidos da Igreja Reformada, exasperada em combater ofensas morais – a blasfêmia e a embriaguez – já prescritas nas legislações.¹⁰⁸⁸ No caso da instrução emitida pelo governo aos oficiais para autorizar a saída dos soldados das guarnições, fica nítida a intenção da Companhia em arrefecer problemas logísticos ao mesmo tempo em que se evitavam indisposições desnecessárias com a tropa.

Os militares não saíam das guarnições apenas para trabalhar. Muitos deixavam o serviço para se internar nas matas e assaltar os moradores no interior da conquista.¹⁰⁸⁹ Mas é importante distinguir o simples roubo dos habitantes com a pilhagem legal, pois havia uma diferença jurídica entre saquear civis inimigos durante uma guerra e roubá-los em áreas já pacificadas e sob a jurisdição da Companhia.¹⁰⁹⁰ Os artigos XIV, XV e XLI das “Leis de Ordenanças” de 1590 previam, por exemplo, punição capital para os soldados que se ausentassem de suas guarnições para “espoliar” os habitantes “sem o especial comando do general ou de outro oficial chefe”. A morte também era indicada para os que intentassem algo contra “quaisquer pessoas, cidades, vilas, fortes, portos e mercadorias” que dispusessem de passaportes ou garantias emitidas pelo governo e para os que fossem pilhar, extorquir e roubar indiscriminadamente.¹⁰⁹¹ Portanto, saquear e tomar botim em tempo de guerra era legítimo aos olhos da lei se houvesse concessão superior para isso. Nada a se estranhar, pois no início da Idade Moderna a obtenção de saques durante conflitos era totalmente admissível em vários sistemas legais europeus, sendo pilhagem e espólio de guerra termos aproximados e componentes intrínsecos da guerra.¹⁰⁹²

Nos Países Baixos, o jurista Hugo Grotius (1583-1645) elaborou uma obra para dar sustentação legal ao ato de saquear. No livro *De Praeda*, de 1604, Grotius ancorou-se em textos clássicos, na Bíblia, na lei romana e na opinião de homens sagrados e eminentes para legitimar a apreensão de despojos dos inimigos no decorrer de uma guerra. O jurista buscou encontrar justificativas morais até mesmo na palavra utilizada para designar “presa” de guerra – *praeda* – derivada etimologicamente do latim *praeibenda*, ou, “aquilo que deve ser tomado”.¹⁰⁹³ Nesse

¹⁰⁸⁸ Nas Províncias Unidas, os panfletos oficiais, *plakkaaten*, também faziam constantes ajustes às falhas ou incompletudes dos códigos. Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 125.

¹⁰⁸⁹ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 145, 244-245.

¹⁰⁹⁰ Ver a distinção feita por Fritz Redlich em *De Praeda Militari*: Redlich, Fritz. *De Praeda Militari. Looting and booty 1500-1815*. Wiesbaden: Franzsteiner Verlag GMBH, 1956, pp. 15-16, 19. O autor também estabelece diferenciações entre a prática de pilhar civis em ataques ocorridos em território inimigo sem uma confrontação direta e os saques feitos na sequência de um combate.

¹⁰⁹¹ *Laws and Ordinances*, artigos XIV, XV, XLI.

¹⁰⁹² Lindberg, B. H. ‘Spoils and trophies’. In Sandstedt, F.; Engquist Sandstedt, L.; Skoog, M.; Tetteris, K. (Eds.). *In hoc signo vinces. A Presentation of The Swedish State Trophy Collection*. Halmstad: Printografen, 2006, pp. 37-38, 42.

¹⁰⁹³ Grotius também é conhecido por ter contribuído para as discussões do governo das Províncias Unidas a respeito da criação da Companhia das Índias Ocidentais e por ter cooperado ativamente com os diretores da Companhia das Índias Orientais entre os anos de 1604 e 1615. Ele buscava justificar legalmente as investidas das companhias comerciais neerlandesas em terras sob controle espanhol e português. Grotius, Hugo. ‘Commentary on the Law of Prize and Booty’. In Ittersum, Martine Julia van. (Ed.). *Natural Law and Enlightenment Classics. Major Legal and Political Works of Hugo Grotius*. Indianapolis: Liberty Fund, 2006, 233-234; Lindberg, B. H. ‘Spoils and trophies’, pp. 38, 44;

contexto, fica patente que a destruição das colheitas e o saque dos moradores eram atitudes comuns e justificadas legalmente durante a condução de um confronto. Eram meios válidos de enfraquecer o inimigo ao mesmo tempo em que se supriam as próprias deficiências logísticas de um exército.¹⁰⁹⁴

As respostas da WIC às ações dos soldados variavam de acordo com essa diferenciação. A Companhia, caso estivesse em guerra, aceitava que seus homens fizessem saques e, dependendo do que era pilhado, retirava sua parte para repor as despesas feitas com as operações de guerra e para compartilhar os despojos com seus co-participantes.¹⁰⁹⁵ Um episódio narrado pelo polonês Christoffel Arciszewski demonstra bem a idéia de legitimidade que justificava ações da soldadesca. Seus soldados encontraram numa mata, durante os primeiros anos de ocupação, certo mercador chamado Francisco de Abreu Quaresma, que havia se recusado a fazer o juramento de fidelidade à Companhia e se escondido. Ele podia, portanto, ser tratado como inimigo. Sem o conhecimento do comandante polonês, os militares pilharam uma carreta de Quaresma cheia de mercadorias e roupas caras. Pedindo restituição da carga a Arciszewski, o comandante negou-se a restituí-la em razão de os soldados terem agido de acordo com seu direito (*“maer ick coste hem [niet] van het geplonderde goet weder laten geven, want de soldaten waeren daertoe gerechtvaardicht”*).¹⁰⁹⁶

Embora liberado, como o evento envolvendo o comerciante português e Arciszewski dá a entender, o saque podia ser regulado de forma a se evitar a destruição total de plantações e propriedades, caso fossem úteis ao exército vencedor. Os mencionados artigos XIV, XV e XLI das “Leis e Ordenanças” de 1590 foram desenvolvidos exatamente com essa intenção.¹⁰⁹⁷ A pilhagem racional, como menciona Claude G. Papavero, era a regra que alguns membros da administração da WIC tentaram seguir quando havia a possibilidade de se extrair bens de valor dos vencidos.¹⁰⁹⁸ Pólvora, canhões, mercadorias caras, metais preciosos, escravos e até mesmo

Ittersum, Martine Julia van. ‘The long goodbye: Hugo Grotius’s justification of Dutch expansion overseas, 1615-1645’. In *History of European Ideas*. Volume 36, Issue 4, December 2010, pp. 386-411.

¹⁰⁹⁴ Creveld, Martin van. *Supplying War*, p. 7; Em outro trabalho – *De Jure Belli ac Pacis* –, de 1625, Grotius foi firme em dizer que nenhuma consideração devia ser dada aos inimigos. Era permitido destruir e pilhar suas propriedades ou até mesmo matá-los. Redlich, Fritz. *De Praeda Militari*, pp. 3-5.

¹⁰⁹⁵ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie*, artigo XLII.

¹⁰⁹⁶ Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilië in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16, pp. 334-335.

¹⁰⁹⁷ *Laws and Ordinances*, artigo XIV. Ver também: Redlich, Fritz. *De Praeda Militari*, pp. 6-11.

¹⁰⁹⁸ Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e viveres: o domínio colonial holandês no Brasil*, pp. 94-97. Ver também: Neme, Mário. *Fórmulas políticas no Brasil Holandês*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Difusão Européia do Livro, 1971, pp. 87-93.

animais podiam passar diretamente para a posse da Companhia ou ser comprados a preços abaixo do valor de mercado dos soldados que os obtiveram.¹⁰⁹⁹

Foi para não deixar para trás o açúcar encontrado durante uma expedição predatória ao Sul de Pernambuco, em 1634, que o delegado da WIC no Brasil, Johan Gijsselingh, permitiu aos soldados carregar a mercadoria sob a condição de ser vendida posteriormente à Companhia, imposição esta que não agradou os militares. Outros artigos de menor valor e animais foram entregues à pilhagem durante a jornada, já que era impossível apoderar-se delas quando havia muitas caixas de açúcar para transportar.¹¹⁰⁰ É conhecido ainda o pagamento de resgate feito para a Companhia por moradores portugueses rendidos na capitulação do Arraial do Bom Jesus, em 1635. Cuthbert Pudsey, integrante da tropa vitoriosa no assédio de quatro meses ao forte, testemunha que cada homem recebeu da Companhia um repasse de dois meses de soldo em notas de crédito, correspondente ao resgate pago pelos prisioneiros do Arraial. As cédulas podiam ser vendidas para o registro em suas contas ou trocadas pela metade do valor em dinheiro ou vinho.¹¹⁰¹ Como na compra de escravos e animais, a WIC levou vantagem sobre seus homens. Ademais, ela os impediu de assaltar diretamente os rendidos no Arraial e ainda resolveu um problema dos soldados, o transporte do saque.¹¹⁰²

O historiador neerlandês Klaas Ratelband cita um episódio ocorrido em 1641 no ataque a Luanda, que serve mais uma vez para mostrar como a WIC tentava controlar o saque de seus homens. Antes de desembarcar na cidade, funcionários civis da Companhia estabeleceram regras para os casos de pilhagem, embriaguez e outros desacatos. Após entrar em Luanda, o tenente-coronel James Henderson repetiu a recomendação de que eram proibidos atos de pilhagem. A tentativa de controle não foi bem sucedida e a soldadesca saqueou a cidade. Ratelband justifica a atitude. Os homens, já acostumados a passar privações no Brasil, depararam-se com armazéns inimigos bem abastecidos, adegas com abundância de vinho da Madeira e das Canárias e grandes quantidades de alimentos em bom estado de conservação. Por sua vez, os comissários, por julgarem o saque propriedade da WIC, tentaram manter as provisões nos armazéns e obrigar os soldados a devolver mercadorias pilhadas em trocas de compensações posteriores. Oficiais subalternos apoiaram publicamente os soldados envolvidos na disputa com os funcionários civis

¹⁰⁹⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 28-09-1637, DN 27-10-1637, DN 11-11-1637. Ver também: Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*. [Payter, 1644] Petrópolis: Editora Index, 2001, p. 133.

¹¹⁰⁰ 'Relatório dos Senhores Delegados no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gyselingh, dirigido aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Datado de 5 de janeiro de 1634'. In *Documentos Holandeses*, pp. 139-143.

¹¹⁰¹ Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*, pp. 83, 85. Sobre o pagamento do resgate feito por 200 moradores encontrados no forte ver: Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volume II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1916, p. 528.

¹¹⁰² Segundo Hale, a emissão de notas ou a compra de mercadorias pilhadas era uma maneira de resolver legalmente a questão do transporte do botim. Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 117-118.

da Companhia e a questão foi resolvida por meio de punições impostas pelos novos diretores de Angola, Pieter Mortamer e Cornelis Nieulant. A ocorrência não seria esquecida pela soldadesca, contribuindo posteriormente para a deterioração de sua relação com os comandantes da praça.¹¹⁰³

O acontecimento em São Tomé mostra ainda que as leis de guerra nem sempre eram suficientes para conter os homens durante um confronto e que oficiais e membros civis da WIC podiam ter dificuldade em inibir o saque descontrolado e os ataques a civis. Diederick van Waerdenburgh, em uma investida contra Igarassu, em 1632, pôs todas as mulheres da vila em uma igreja cercada por mosqueteiros para preservá-las de qualquer violência do restante da tropa, atitude confirmada pelo cronista da guerra em Pernambuco Duarte Coelho. Não bastava sua autoridade e as regras de guerra usuais, ele precisava tomar medidas preventivas. O comandante também mandou vazar uma grande quantidade de barris de vinho encontrados, de maneira a frear a bebedeira que certamente ocorreria em decorrência da vitória alcançada. Provavelmente ele pensava que o descontrole afetaria o retorno da tropa para Itamaracá, destino final da expedição e local onde a Companhia detinha uma cabeça de ponte.¹¹⁰⁴

Mas Van Waerdenburgh omitiu em seu relato o que ocorreu com o restante do espólio. Coelho narra que, no início da incursão, soldados foram postados nas áreas externas das casas da vila para impedir que os moradores se evadissem com qualquer produto do botim. Da igreja matriz foram levados “a prata e os vasos sagrados que acharam”.¹¹⁰⁵ As igrejas católicas, aliás, eram alvos usuais dos militares e da própria Companhia. Nelas, os homens podiam fazer saques – por vezes travestidos de iconoclasmo – e obter grande quantidade de peças de metais preciosos, como a “prata das igrejas” (*kerckensilver*) e as “mercadorias papistas” (*papengoederen*) apreendidas em Goiana em 1635 – no ato de capitulação – ou “os ricos e custosos ornamentos” dos templos de Olinda, roubados no calor da conquista da vila, em 1630.¹¹⁰⁶

No geral, botins deviam ser avaliados por funcionários administrativos que calculavam a parte da WIC. Separado o quinhão dela e do comandante geral das forças militares, sobrava para

¹¹⁰³ Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. [1943] Zutphen: Walburg Pers, 2000, pp. 113-114.

¹¹⁰⁴ ‘Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de maio de 1632’. In *Documentos Holandeses*, pp. 103-104; Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981, p. 122. Sobre o episódio ver também: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 119-120.

¹¹⁰⁵ Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*, p. 122.

¹¹⁰⁶ Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky’, p. 329; Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, p. 51; Ver também: Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 117-118. Duas declarações feitas por moradores de Olinda dão conta de que a violência da tropa da WIC nos primeiros dias não foi direcionada apenas contra os templos católicos. Atendendo ao pedido de um mercador português de Amsterdã chamado Simão Drago, provavelmente o proprietário das mercadorias, Pedro Cavalcanti e Simão de Arco declararam ter sido espancados e deixados como mortos em suas casas por militares da WIC, que pilharam açúcar, tabaco, linho, manufaturas e outras mercadorias. SAA, NA, 649/190-191, 13-03-1636, SAA, NA, 951/386-387, 03-05-1637.

a tropa a décima parte do saque, a ser repartida entre todos os militares de acordo com a hierarquia.¹¹⁰⁷ Nessa partilha, sobraria pouco para os soldados. Se a presa fosse pequena ou distribuída irregularmente, embolsariam menos ainda. Ambrosius Richshoffer disse ter recebido tecido de linho suficiente apenas para “um par de calças e meias” após a divisão dos produtos de uma barca espanhola capturada pela frota de 1629 no caminho para o Brasil. De acordo com o diarista, o botim era estimado em meia tonelada de ouro em vinho, azeite, meias de seda, objetos preciosos variados, prata e dinheiro.¹¹⁰⁸ Seriam raros os casos de soldados enriquecidos pela obtenção de um botim. Geoffrey Parker cita, por exemplo, um comentário do escritor francês Émeric Crucé, de 1623, segundo quem, para cada soldado enriquecido pela guerra, havia outros cinquenta que não ganhavam nada exceto ferimentos e doenças incuráveis.¹¹⁰⁹ A história pessoal de alguns dos personagens estudados ao longo dos capítulos confirma a veracidade do comentário de Crucé. Já no caso dos que voltaram bem de saúde – como Aldenburgk, Richshoffer, Wagener, Schmalkalden, Simon e Hansen –, fica evidente que nenhum deles voltou para casa com muito mais do que levaram.

Os exemplos de gente enriquecida pela guerra ou que ao menos conseguia um bom botim eram mantidos nas cabeças dos homens que ingressavam no exército da WIC ou de qualquer outra força do período. Narrativas como a do soldado Johann Gregor Aldenburgk e do militar Cuthbert Pudsey, com descrições de militares apostando em um único lance de jogos de carta grandes quantidades de ouro e prata obtida no saque a Salvador em 1624 e de homens que encontraram riquezas e botins em Olinda “impossíveis de descrever, tal era a abundância de tudo”, podiam alimentar a fantasia de gente como Richshoffer, que disse várias vezes ter se arrependido de deixar o Brasil em 1632. Mesmo após retornar para casa praticamente de bolsos vazios e de ter arriscado a vida inúmeras vezes, ele ainda demonstrou esperança de ter ficado rico se houvesse permanecido mais tempo na conquista, expectativa essa que em parte moveu Stephan Carl Behaim, muitos anos depois, a se alistar na Companhia.¹¹¹⁰

Obter saques à custa de civis isolados e freqüentemente desarmados oferecia aos militares um enriquecimento com pouco risco pessoal. Uma batalha também podia produzir

¹¹⁰⁷ *Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie*, artigo XLII; Johan Maurits van Nassau-Siegen, ao assinar contrato com a WIC, por exemplo, obteve o “direito a receber anualmente 2% da receita da guerra de corso”. Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau*, p. 50.

¹¹⁰⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 19, 22.

¹¹⁰⁹ Parker, Geoffrey. *The military revolution*, pp. 59, 201. Ver também: Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, pp. 97, 100.

¹¹¹⁰ Aldenburgk, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625* [Grüner, 1627]. *Brasiliensia Documenta*, v. 1. Traduzido por Alfredo de Carvalho. São Paulo: 1961, p. 174; Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*, p. 51; Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 100-101; Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys, Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 254-255.

milhares de prisioneiros, cujos bens pessoais podiam imediatamente tornar-se propriedade dos captores, e cujos resgates poderiam ser divididos entre os soldados e seus comandantes em quantias pré-determinadas. Não havia impedimentos legais para que soldados e feridos fossem pilhados após confrontos. No máximo, alguns estatutos proibiam o assassinato dos prisioneiros de guerra, tal qual é verificado nos artigos de 1590.¹¹¹¹ O próprio Richshoffer aproveitou-se do desfecho de um confronto para arrancar um par de calças de um militar morto e uma atitude semelhante de Peter Hansen indica que esse era um procedimento normal entre a tropa. Voltando às pressas para o Recife com alguns militares e indígenas após a derrota no “engenho de Tournal”, em agosto de 1645, ele reclamou por não ter encontrado mais botim do que uma moeda de ouro e uma cruz de prata em uma corrente arrancada de um militar português morto no trajeto.¹¹¹²

Cobrar resgates para libertar prisioneiros era outro tirocínio comum dos exércitos do período, haja vista o episódio do Arraial descrito por Pudsey e o acordo firmado em 1633 por Matias de Albuquerque, Giovanni Vincenzo de San Felice – o conde de Bagnuoli –, Matthias van Ceulen e Johan Gijsselingh para “obstar as atrocidades” nos confrontos entre as tropas da WIC e os lusobrasileiros. A convenção previa o pagamento de resgate proporcional à patente do militar capturado.¹¹¹³ Talvez seja por isso que Hansen tenha mencionado em outra ocasião ter levado um português prisioneiro para o forte *Ceulen* como o único “botim” conquistado (“*hatten nichts den eine gefangene Portugeß zur Beute*”).¹¹¹⁴ Tal prática era bem conhecida pelo militar Stephan Behaim. Quando servia no exército sueco na Europa, ele foi feito prisioneiro e perdeu tudo o que possuía

¹¹¹¹ *Laws and Ordinances*, artigos XVIII, LXI; Lindberg, B. H. ‘Spoils and trophies’, p. 39; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 59.

¹¹¹² Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, p. 54; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 73.

¹¹¹³ Anderson, M.S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*, pp. 55-56; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [2ª Edição] Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 362-363; Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 384-385; De acordo com B. H. Lindberg, já na Idade Média era usual transformar prisioneiros em espólios dos indivíduos que os capturaram. A prática perdurou em outros tempos. Lindberg, B. H. ‘Spoils and trophies’, pp. 39-40. Segundo Geoffrey Parker, nenhum dos ganhos obtidos com pilhagens se comparava aos que podiam ser obtidos pela conquista de uma cidade ou fortificação. Cidades ou fortes podiam ser legitimamente saqueados caso recusassem se render antes de os sitiadores posicionarem sua artilharia. Se isso ocorresse e o local fosse capturado, seus ocupantes ou habitantes perderiam a liberdade, a propriedade ou mesmo a vida. No processo, enriqueciam ou enchiam a bolsa de cada soldado do exército vencedor. Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 59. Ver também: Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, pp. 117-118; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 154-155. Para John Keegan, a negociação entre sitiados e sitiadores ocorria depois de iniciado o ataque. Segundo o autor, “já era uma convenção da guerra de assédio que a recusa de se render depois de aberta uma brecha [na muralha] eximia os atacantes da obrigação de oferecer mercê ou de se abster de saquear”. Keegan, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 333.

¹¹¹⁴ Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 81.

por três vezes. Além do custoso equipamento de cavaleiro pilhado, Behaim teve, em uma das ocasiões, que pagar um resgate para ser libertado.¹¹¹⁵

Mas essas eram ocasiões de saque legal, permitido ou ao menos tolerado pela Companhia. Mesmo com a relativa pacificação decorrente das rendições da Paraíba, do Arraial, do Cabo – seguidas da distribuição de salvo-condutos e por votos de obediência dos moradores das regiões vizinhas à Companhia –,¹¹¹⁶ os residentes do interior do Brasil sofreram com rotineiros assaltos praticados por grupos desgarrados de soldados, por tropas em trânsito para expedições ou por militares desertores que escolhiam viver de roubar residências e caminhos. Além desses militares salteadores, a área rural era igualmente afligida por guerrilheiros, quilombolas e indígenas, gente que José Antônio Gonsalves de Mello designou, embasado em muitas referências encontradas na documentação, de *boschlopers* – “salteadores da mata”.¹¹¹⁷ Foi em parte contra esses tipos que Nassau dirigiu atenção especial nas recomendações feitas em 1644. Ele sabia que muitos dos militares da Companhia eram responsáveis pela “grande opressão” dos moradores, sendo desafetos conhecidos deles. Uma conduta irregular que acabava por acirrar ainda mais os antagonismos entre a WIC e os locais.¹¹¹⁸

O problema da indisciplina da tropa no interior era antigo e foi ponto importante nas discussões da Assembléia Geral dos moradores de 1640.¹¹¹⁹ O governo se comprometeu em castigar com rigor esses “ladrões domésticos”, “soldados indisciplinados e desertores” que atacavam os habitantes das regiões mais afastadas. Parte deles, ainda atrelados ao exército da WIC, saía livremente de suas guarnições e, sob pretexto de pedir comida aos civis, lhes tomavam tudo.¹¹²⁰ Um conjunto de proposições para conter ações desse tipo foi aprovado pelos membros participantes da Assembléia e passou a valer como lei. Eram propostas como a criação de guardas

¹¹¹⁵ Preso por seis dias, Stephan Carl Behaim conseguiu negociar sua soltura, orçada inicialmente em 200 *Reichsthaler*, por 25 *Reichsthaler*, quantia paga por um nobre chamado Antonio Neuner van Montebaur ao general detentor de Behaim. Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Hülburg, 17/04/1634 (carta número 47); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Recife, 25/03/1637 (carta número 61). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys*, pp. 238-241, 253, 280.

¹¹¹⁶ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, pp. 517-520, 523, 530-531, 533.

¹¹¹⁷ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 145.

¹¹¹⁸ ‘Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 397, 400, 406.

¹¹¹⁹ Na apresentação da tradução das Atas da Assembléia, Gonsalves de Mello menciona, baseado em um relatório do Alto Governo de 1646 apresentado ao Conselho dos XIX, que a Assembléia de 1640 foi convocada para garantir o apoio dos portugueses contra possíveis represálias do governo português na Bahia aos incêndios praticados pelas tropas da WIC nos engenhos do Recôncavo. Segundo o historiador, para disfarçar o real tema de discussão da Assembléia, foram adicionados ao debate outros assuntos, inclusive a questão da violência praticada pelos próprios militares da Companhia no interior. ‘Documento 6. Introdução’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 302-303. Sobre a Assembléia e os efeitos práticos dela ver: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 166-169.

¹¹²⁰ ‘Documento 6. Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 314, 328-329.

para patrulhar cada um dos distritos do Brasil. Compostas de 10 a 12 homens e comandadas por um oficial, esses grupelhos teriam ordens de dar caça a ladrões e incendiários, além de averiguar denúncias de moradores contra esses elementos. Outras deliberações debatidas e aprovadas davam conta, por exemplo, de permitir aos habitantes das áreas mais afastadas o uso de armas de fogos – para que eles pudessem se defender dos agressores –, de proibir militares de pedir alimentos nas casas dos moradores e de vetar soldados e oficiais de cobrar fintas de farinha e carne sem autorização superior.¹¹²¹

É fácil provar que essas medidas não foram capazes de resolver o problema. O texto de Nassau de 1644 é um atestado direto da ineficiência das determinações tomadas em 1640. As atas diárias do Alto e Secreto Conselho do período entre a Assembléia e a “Memória e Instrução” também validam tal posição, pois contêm referências da atuação de militares enquanto salteadores no interior.¹¹²² Gonsalves de Mello chamou a atenção para alguns desses “salteadores”, possivelmente militares ou ex-militares, como os neerlandeses Pieter Piloot, preso e morto em 1644, e Abraham Platman, de Dordrecht.¹¹²³ Um ex-militar, citado pelo historiador pernambucano, chamado Hans Nicolaes, atuava na Paraíba liderando nada menos que 30 homens no “roubo e pilhagem” dos moradores do interior. Nicolaes pediu perdão para ele e para “sua gente”, prometendo mais uma vez servir à Companhia com seus homens, o que foi deferido.¹¹²⁴ Caminho semelhante tomou outro “salteador”, um português de nome “Da Silva” (*da Sylva*), de alcunha “Diabinho” (*Cleynduijvel*). “Da Silva” foi perdoado pelo governo em março de 1641 e feito – por pedido seu – capitão de campo. Ele iria atuar junto com alguns soldados na caça e prisão de outros salteadores,¹¹²⁵ como os militares franceses que abandonaram suas guarnições para se internar nas matas e viver de assaltos, tornando inseguros os caminhos nas vizinhanças de Ipojuca. Um deles, apanhado em novembro de 1641, foi condenado à forca após

¹¹²¹ ‘Documento 6. Atas da Assembléia convocada pelo Conde de Nassau e Alto Conselho’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 323, 329-330, 357-359; A proibição de portar arma havia sido determinada no tempo da expedição de Fernão de Mascarenhas, o Conde da Torre. Antecedendo o ataque da frota, foram enviados da Bahia contingentes de guerrilheiros com o objetivo de destruir o sistema produtivo, espalhar a desordem no meio rural e de se juntar às tropas de Mascarenhas que viessem a desembarcar. Precavendo-se de uma possível participação dos moradores em um levante, o governo lançou o edital em 1639. Para mais informação ver: *Koninklijk Huisarchief*, Den Haag, inv. nr. 1454, f. 157. De acordo com Benjamin Teensma, uma série de editais governamentais a respeito da insegurança na zona rural foram emitidos em língua portuguesa entre os anos de 1640 e 1644: Teensma, B. N.. ‘Arquivo da Casa Real. Haia, Inventário n. 1454: assuntos brasileiros, 1636-1645’. In Wiesebron, Marianne (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1554)*. Volume 3. Leiden: CNWS Publications, 2008, p. 57.

¹¹²² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 22-11-1641, DN 27-03-1641, DN 21-06-1641; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 25-05-1644, DN 08-06-1644.

¹¹²³ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 145, nota 34.

¹¹²⁴ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 21-06-1641: “Een voornamē boslooper versoectt pardon. De Heer Directeur de Linge uijt Paraíba geadviseert hebbende, dat eenen Hans Nicolaes, die met 30 mannen die hij onder hem hadde, hem met rooven ende plonderen op de ingesetenē ten platten lande onderbielt, pardon voor hem ende sijn volck versochte, belovende sich als soldaten wederomme onder hare vaendels te begeben, ende de Compagnien dienst te doen, soo is om meerder quaet voor te komen, ende de inwoonderen een geruste possessie te leveren sulck pardon op huijden bij sijn Ex.tie toegestaen”.

¹¹²⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, DN 27-03-1641.

investigação.¹¹²⁶ Havia ainda aqueles que permaneciam servindo à Companhia enquanto praticavam seus delitos no interior. Foi para impedir a atuação deles que, em meados de 1644, o tenente-mor Hendrick van Haus recebeu instruções do Alto e Secreto Conselho para montar emboscadas nos principais caminhos do interior. A intenção era prender os soldados que circulavam fora de suas companhias sem passaporte.¹¹²⁷

Mas havia pouco o que fazer para conter os soldados. Apesar de não ser o único motivador, o problema de abastecimento continuava a existir e a contribuir para essas condutas ilícitas dos militares.¹¹²⁸ Parte dos militares certamente buscava o lucro fácil das pilhagens, valendo-se, além dos ataques às residências, de estratégias como os mencionados no panfleto de 1649 *Brasyls Schuyt-Praetjen*. O impresso, cuja narrativa principal é uma hipotética conversa entre um oficial, um predicante e um comerciante sobre o estado do Brasil, dá um indicativo da relação dos militares com os colonos, definida anteriormente por Nassau, em 1644, como conflituosa. O oficial, recém chegado do Brasil, fala no enriquecimento feito pelos militares à custa dos civis nos primeiros anos de ocupação. De maneira irônica, o oficial menciona, durante certo momento da conversa, as “práticas maravilhosas” utilizadas por oficiais e soldados para “atormentar os portugueses”.¹¹²⁹

¹¹²⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 69, 22-11-1641: “Een franse bosloper met de koorde gestraft. Soo eenige franschen hare compagnien verlatende haer int Bosch hadden begeven om haer op straetroverij te ernerren, gelijk sij de Ingenio van Pindova alrede hadden nijtgeplondert, ende inde quartieren van Pojucan de wegen onveijlich gemaect, soo sijn partijen nijtgesonden om op haer toe te leggen, die op huijden eene van haer gevangen opgebracht hebben, die naer examinatie datelijck met de galge gestraft is, ende sijn de inbrengers met 60 gulden vereert, met belofte soo sij der meerder kunnen attraperen, de selve beloning daer voor te sullen genieten”; A mobilização para o combate aos salteadores parece ter sido rotineira. Em maio de 1644, um capitão de campo chamado Antônio Távora recebeu do governo armamento para dar combate aos *bosloopers* na freguesia de Santo Antônio. Alguns dias depois, homens-livres, soldados e indígenas formaram um grupo para prender ladrões que agiam no Sul de Pernambuco. Na ocasião foram presos um português – *boschlooper* conhecido que agia em associação com um francês, possível desertor da WIC – e outras pessoas. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 25-05-1644, DN 08-06-1644.

¹¹²⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 08-06-1644: “Partien tegen de Boslopers nijtgesonden. Noch lange in communicatie geweest met de overste lieutenant Haus op wat wijze men de excursien te platenlande van het krijgsvolck, alsoo ons wederom eenige clachten te vooren gecomen waren best soude connen weeren, ende is goetgevonden op de principale wegen eenige troepen in embuscade te legen om gevangen te nemen ende bernarts te brengen de soldaten die sonder pasporten van hare Compagnien sijn”.

¹¹²⁸ Assim justificou Nassau nas recomendações de 1644 e assim justificaria antes dele Auguste Quelen na breve relação sobre o estado de Pernambuco escrita em 1640. ‘Documento 8. Breve Relação do Estado de Pernambuco. Dedicada à Assembléia dos XIX da nobilíssima Companhia das Índias Ocidentais’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 424-425; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 179-180.

¹¹²⁹ Ele referia-se à maneira como eles forjavam provas para incriminar os civis e vinculá-los aos guerrilheiros, podendo, portanto, pilhá-los sem correr o risco de ser punidos. Um dos métodos citados era tomar um dos negros de determinado senhor e induzi-lo a portar uma falsa carta escrita para os rebeldes. Sob a promessa de se tornar liberto, o escravo, após apreendido pelos militares, testemunharia contra o seu senhor para que eles estivessem desimpedidos de confiscar os bens do falso traidor. Outra maneira, mais simples, era plantar uma arma na casa de algum português, fosse ela de fogo ou branca, que pudesse ser encontrada durante uma breve revista. Proibidos de ter armas em casa, de maneira a não fornecer ajuda para os guerrilheiros, eles seriam acusados de traição e teriam seus bens confiscados e tomados pelos homens que encontrassem a arma. *Brasyls Schuyt-Praetjen. Ghehouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman, noopende den Staet van Brasyl: Mede boe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetraecteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portogysen noch onder het onverdraegblijck Iock der Hollanderen saten*. Ghedruckt inde West-Indische Kamer by Maerten, Daer het gelt soo lustich klinckt alsser zijn Aep-staerten. Anno 1649.

Depois da saída de Nassau do Brasil, o Conselho dos XIX, em carta ao Alto Governo, repetiu a admoestação feita por Nassau em meados de 1644: os homens deveriam receber soldo e ração sem atraso para se manterem disciplinados.¹¹³⁰ Este constante problema logístico tornar-se-ia ainda mais grave com a rebelião dos moradores em 1645. Dessa vez, as infrações deixariam de afetar a WIC apenas indiretamente. O governo teria que se preocupar com mais intensidade com duas das mais graves indisciplinas do mundo militar: a deserção e o motim.

6.2 Deserções e motins

Motins começavam e terminavam ao sabor das variações da qualidade de vida, afirmou Geoffrey Parker em um artigo sobre as endêmicas revoltas de soldados que assolaram o exército espanhol em Flandres em fins do século XVI.¹¹³¹ Mas não apenas os motins, pois as deserções e outros atos de indisciplina dos mais diferentes níveis também surgiam na medida em que a comida minguava, os salários atrasavam e as condições de vida no exército se deterioravam. Além de Parker, outros autores foram igualmente unânimes em destacar o papel da falta de víveres para a deserção e irrupção de motins de soldados em diversos períodos. Essas reações constituíam uma resposta direta à inabilidade crônica dos governos em pagar seu pessoal pontualmente ou de provê-los adequadamente e regularmente, constituindo, portanto, causas usuais de insubordinações.¹¹³²

Todavia, essas não eram as únicas razões possíveis para motivar os homens a se rebelar ou a abandonar o serviço. As próprias asperezas da vida militar, os maus tratos administrados por oficiais, os longos anos de serviço sem dispensa e outros motivos menos explorados pela literatura, como a opção religiosa e a distância da família, pesavam na decisão dos militares em se amotinar ou fugir.¹¹³³ Até mesmo as propostas dos inimigos para que os soldados mudassem de lado podiam influenciá-los, embora seja imprudente dizer que deserções e motins ocorressem por conta de um único motivo. Seria mais coerente afirmar que tais insubordinações eram o resultado

¹¹³⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 9, 13-12-1644. No mês anterior, o Conselho dos XIX, em carta para o tenente-coronel Henric Hans (Hendrick van Haus?), já alertava para a necessidade de manter a tropa em ordem e obediente ao governo, urgindo ainda para a punição de todas as atitudes desrespeitosas feitas por militares contra o governo, portugueses e outras nações. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 9, 18-11-1644.

¹¹³¹ Parker, Geoffrey. 'Mutiny and Discontent in the Spanish Army of Flanders 1572-1607', p. 39. O argumento do autor é repetido em: Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 181; Parker, Geoffrey. *The military revolution*, p. 55.

¹¹³² Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*, p. 171; Redlich, Fritz. 'The German Military Enterpriser and his work force', pp. 470-471; Hathaway, Jane. 'Introduction'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, xv; Weitz, Mark A. 'Desertion as Mutiny: Upcountry Georgians in the Army of Tennessee'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, p. 3.

¹¹³³ Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 168-169; Trim, David J. B. 'Ideology, Greed, and Social Discontent in Early Modern Europe: Mercenaries and Mutinies in the Rebellious Netherlands, 1568-1609'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, pp. 48-50, 54.

de insatisfações antigas atreladas a outros fatores que em um momento de pressão – ainda que existisse alguma premeditação – levavam os homens a buscar uma solução drástica para os seus problemas. Também é de comum acordo entre alguns pesquisadores do tema que havia a ausência de uma agenda política ou de objetivos de longo termo nos motins ocorridos no começo da Idade Moderna. Ou seja, os motins não eram revolucionários, não tinham um programa social ou político subversivo e não eram manifestações de uma luta de classes.¹¹³⁴

É necessário ainda estabelecer algumas diferenças entre estas duas formas de reação, mesmo que ambas normalmente desencadeassem respostas agressivas dos governos, fossem punidas com a morte e tivessem os mesmos tipos de motivações. A deserção pode ser pensada como uma saída voluntária, sem autorização, permanente ou temporária do serviço, enquanto que o motim era a resistência total ou uma revolta contra os comandantes ou uma autoridade instituída. Atos isolados de insubordinação não constituíam motim, mas caso tais ações se tornassem coletivas, seria caracterizado um comportamento sedicioso. Tanto a deserção como o motim podiam ser ações planejadas ou atos de impulso, embora o último usualmente tenha conotação de movimento violento e o primeiro, o inverso. Entretanto, motins podiam ser pacíficos caso eles constituíssem apenas em uma recusa passiva e não uma usurpação de autoridade. A recusa ao trabalho, equiparada a uma greve, não costumava ser premeditada, ao contrário da tomada do poder. Não era incomum que um movimento pacífico como uma paralisação se transformasse em uma ação violenta caso fosse reprimido com força. Ameaças também podiam ser muito eficazes para impor melhorias e eram consideradas tão graves quanto um motim, por demonstrar certo planejamento. Apesar da proibição explícita dos códigos, os motins foram passos legítimos – por vezes tolerados – no processo de negociação, protestos coletivos transformados em “remédio doméstico” de muitos veteranos do exército de Flandres nos anos 90 do século XVI. Já a deserção usualmente era uma reação individual, não obstante também se observem as fugas de pequenos bandos de dois e três homens. Os grandes grupos eram mais raros, especialmente por serem mais fáceis de detectar.¹¹³⁵

Foi mencionado anteriormente que as tropas da WIC no Brasil sofreram substancialmente com problemas logísticos durante praticamente todos os anos de ocupação e

¹¹³⁴ Hathaway, Jane. ‘Introduction’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, xv; Parker, Geoffrey. ‘Mutiny and Discontent in the Spanish Army of Flanders 1572-1607’, p. 50; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, p. 174; Trim, David J. B. ‘Ideology, Greed, and Social Discontent’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, pp. 53, 55.

¹¹³⁵ Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. ‘De scheepvaart van de Oost-Indische Compagnie en het verschijnsel muiterij’. In Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij*, pp. 20-22; Hathaway, Jane. ‘Introduction’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, xv; Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*, pp. 167, 174-176, 185; Trim, David J. B. ‘Ideology, Greed, and Social Discontent in Early Modern Europe: Mercenaries and Mutinies in the Rebellious Netherlands, 1568-1609’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, p. 54; Weitz, Mark A. ‘Desertion as Mutiny: Upcountry Georgians in the Army of Tennessee’. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, pp. 4, 11-13, 17.

que esses constituíam nos motivos principais de diversos tipos de reações – violentas ou não – de militares. Os dois tipos de infrações mais graves no mundo militar ocorreram no Brasil com mais frequência justamente nos períodos em que os homens estavam sob maior pressão militar, cercados em suas próprias fortificações e extremamente dependentes das remessas de provisões da Europa, algo verificado ao longo da guerra de conquista – sobretudo os anos iniciais – e durante a rebelião dos moradores. No período de relativa paz e de rompimento do cerco imposto pela guerrilha, os militares parecem ter encontrado maneiras menos conflituosas de reagir às adversidades impostas e de melhorar as precárias condições de existência. Transgressões já referidas como o trabalho sem autorização realizado fora das guarnições e os roubos contra civis perpetrados no interior são exemplos claros de reações que causavam menos choques com o governo. Entretanto, nesse interlúdio sem conflito mais intenso e sítio também ocorreram deserções e motins de soldados, os últimos seguidos das subseqüentes negociações entre o governo e os militares, na qual a Companhia das Índias Ocidentais foi pressionada a agir em benefício de homens prestes a se amotinar.

A primeira e mais freqüente dessas duas infrações capitais a figurar nos relatos e documentos governamentais foi a deserção. O comandante das tropas das WIC entre os anos de 1630 e 1633, Diederick van Waerdenburgh, em carta aos Estados Gerais – imbuída de julgamentos característicos dos oficiais a respeito dos soldados – expunha, por exemplo, que bastava causar ao soldado o desgosto de ter de ficar no Brasil por mais tempo do que o fixado no contrato, longe de casa e com alimentação insuficiente e insuportável, para que se esperasse uma modificação no seu comportamento. Era um alerta para o perigo da deserção e do motim que ameaçava a tropa da Companhia com a ampliação das carências, algo ainda mais agravado, segundo o comandante, pela inerente inclinação dos militares à mudança.¹¹³⁶ Apesar da falta de víveres e das fadigas decorrentes dos trabalhos de fortificação, Van Waerdenburgh refere-se posteriormente em um relatório das atividades feitas no Brasil que não foi registrada durante o seu governo a menor ocorrência de motim – “em razão da manutenção da boa justiça, ordem e disciplina militar”, além das pequenas ajudas pecuniárias dadas aos homens.¹¹³⁷ Porém, o comandante omite nessa exposição muitas deserções ocorridas entre as fileiras de sua tropa, conforme exposto no testemunho de Ambrosius Richshoffer, soldado que dedicou algumas linhas de seu diário ao tema. Para o militar de Estrasburgo, as fugas eram decorrentes de um

¹¹³⁶ Segundo Van Waerdenburgh, na Itália, Alemanha, Suécia, Hungria e em outros lugares onde ele havia passado, onde os homens tinham em abundância o que comer e beber, os militares sempre se mostraram inclinados à mudança. ‘Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631’. In *Documentos Holandeses*, p. 90.

¹¹³⁷ ‘Missiva do Governador D. van Waerdenburgh, em Antônio Vaz, aos Estados Gerais. Datada de 9 de novembro de 1631’; ‘Relatório do Governador D. van Waerdenburgh aos Estados Gerais. Datado de 10 de julho de 1633’. In *Documentos Holandeses*, pp. 89-90, 113-114.

problema do qual o comandante se queixou diversas e repetidas vezes: a falta de víveres, à qual devem ser acrescentadas as duras condições de serviço.¹¹³⁸ O problema foi grave a ponto de o governo ter lido publicamente, em determinado momento, os nomes de todos os desertores, sendo os mesmos nomes pregados em uma forca, uma maneira de tentar intimidar e refrear futuros desertores.¹¹³⁹

Muitos desses desertores mencionados por Richshoffer eram provenientes da França e da Inglaterra, principalmente os da primeira região, observou Gonsalves de Mello. Eram em sua maioria militares católicos alistados no exército da Companhia que se recusaram “a lutar contra seus irmãos de credo”.¹¹⁴⁰ Podia até ser uma desculpa de alguns para a deserção, mas de fato havia rejeição sincera em combater um inimigo da mesma religião, como demonstra a reclamação de um capitão zelandês chamado Joost Coeck contra dois de seus subordinados, ambos católicos. Os militares, um tenente francês e um porta-bandeira polonês, recusaram-se a lutar sob a justificativa de que tal ato ia contra suas consciências. Acusado de insubordinação, o tenente foi punido com rebaixamento.¹¹⁴¹ Casos de deserção motivados por um possível comprometimento ideológico voltariam a ocorrer no início da rebelião dos moradores. Conforme referido anteriormente, o governo pediu à administração da Companhia que nenhum francês fosse enviado ao Brasil, exceto os de religião cristã reformada, destacando que muitos deles eram “papistas” e fugiam para o inimigo, de maneira que ao invés de ajudarem, causavam dano e expunham a segurança da conquista.¹¹⁴² Também data da época da rebelião a debandada de neerlandeses e outros europeus casados com mulheres locais em apoio da causa rebelde. Além do aspecto religioso, pesava na decisão o desejo de permanecer com seus familiares.¹¹⁴³

Embora a deserção tenha sido um sério problema para a administração da WIC no Brasil, é difícil quantificar as fugas ao longo dos anos de ocupação. Isso se deve aos relatos

¹¹³⁸ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’, pp. 56, 58, 60-61.

¹¹³⁹ Ibidem, p. 61.

¹¹⁴⁰ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 251-252.

¹¹⁴¹ Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, 40, 290-291. Schalkwijk fala ainda dos muitos católicos obrigados a assistir a pregação protestante, a exemplo de quatrocentos franceses, segundo a informação de um frei capuchinho datada de 1644. Para o autor, era um caso de disciplina militar e esse elevado número só devia ser referente aos militares que serviam a WIC. Ver também: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 49, doc. 24, 25-09-1630.

¹¹⁴² Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, pp. 251-252. Pedidos de teor semelhante foram feitos nos primeiros anos de ocupação e, apesar das queixas, a Companhia não parou por completo de recrutar militares provenientes da França e outras localidades onde havia católicos em abundância como a Escócia, a Inglaterra e a Irlanda. Manuel Calado narra inclusive um caso ocorrido em abril de 1646, quando três militares da Companhia desertaram suas posições. Um deles, irlandês, “trazia um rosário de contas no pescoço, entre a camisa, e a carne, e disse ser Católico Romano”. Não obstante a fome instalada nas guarnições, sua religião pode ter influenciado na decisão de abandonar a Companhia. Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*, p. 199.

¹¹⁴³ Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, p. 298; Schwartz, Stuart B. *All Can Be Saved: Religious Tolerance and Salvation in the Iberian Atlantic World*. New Haven/London: Yale University Press, 2008, p. 196; Schwartz, Stuart B. ‘Portuguese Attitudes of Religious Tolerance in Dutch Brazil’. In Israel, Jonathan Irvine; Schwartz, Stuart B. *The Expansion of Tolerance. Religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007, p. 52.

fragmentados e pouco concretos em relação aos números. Uma exceção certamente é o depoimento de um dos oficiais da guarnição do forte vendido aos rebeldes no Cabo de Santo Agostinho em agosto de 1645, o capitão proveniente da cidade de Amsterdã Nicolaes Clasen (Claes Claesen; Klaes Klaesz.).¹¹⁴⁴ Em depoimento de novembro daquele ano, Clasen afirmou que havia oito companhias de ex-militares da WIC a serviço do inimigo. Eram quase 260 homens atuando em Pernambuco, Goiana e Paraíba. Gente em sua maioria trãsfuga do Cabo e também de outras guarnições.¹¹⁴⁵ Esse era um número elevado, pois a guarnição total da WIC no Brasil, entre os meses de setembro de 1645 e janeiro de 1646, era de pouco mais de 2.000 homens.¹¹⁴⁶ A quantidade de desertores continuou a aumentar nesse período. Parte da companhia de Clasen – cerca de 60 homens – retornou para o Recife quando havia sido designada para montar uma emboscada contra seus ex-companheiros na área do forte das Salinas, nos arredores do Recife e Antônio Vaz. Esses homens beneficiaram-se de uma anistia emitida pelo Alto Governo em fins de agosto de 1645. O indulto levava em consideração que esses militares serviram aos portugueses por temor de serem assassinados após a rendição do Cabo e por conta da pressão feita pelo comandante da fortificação – Diederick van Hoogstraten – para que eles se entregassem sem resistência. O perdão talvez incluísse os militares de uma fortificação em Olinda também vendida aos portugueses por seu comandante, o sargento Barent Hendricksz., pela soma de 300 florins.¹¹⁴⁷

Afora os coagidos a mudar de lado no Cabo de Santo Agostinho, entre agosto de 1645 e fins de 1646, muitos militares da Companhia abandonaram ou tentaram deixar seus postos para engrossar as fileiras do inimigo ou receber livre-passagem para voltar para casa. Os bem sucedidos saíam em grupos de tamanho diverso – de até mesmo sete homens –, enquanto que os capturados eram usualmente punidos com a morte. As fugas ocorriam nas guarnições do Recife,

¹¹⁴⁴ O episódio da entrega do forte do Pontal, situado ao Sul do Cabo de Santo Agostinho, é muito citado na historiografia e dispensa muitos comentários. Para mais detalhes, ver: Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 231-232, 234, 238-239; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 237-239.

¹¹⁴⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 61, doc. 64, 15-11-1645; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 61, doc. 69, 15-11-1645. Ver também: Nieuhof, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. [1682] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia: História da Guerra Brasileira*, pp. 269-270; Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, p. 151, nota 62; 'Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 259-260.

¹¹⁴⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 18-09-1645.

¹¹⁴⁷ 'Diário ou breve discurso acerca da rebelião', pp. 143, 148, 159-160; Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*, pp. 145-146; 'Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 256, 259-260; Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979, pp. 21-22, 29; Nieuhof, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. [1682] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia: História da Guerra Brasileira*, pp. 240, 264, 270, 272.

Antônio Vaz e em outras localidades cercadas pelas tropas rebeldes.¹¹⁴⁸ A queixa desses militares era proveniente da “diminuição da ração de pão”, escreveu o anônimo autor do diário de Arnhem de 1647, redução esta verificada em outros relatos coevos como o do soldado Peter Hansen, a serviço da WIC no forte *Frederick Hendrick*.¹¹⁴⁹ Para o diretor da capitania da Paraíba, Paulus de Linge, o esgotamento dos víveres tinha levado muitos franceses e valões da companhia do capitão Claude Prevo a desertar.¹¹⁵⁰ Ao Sul de Pernambuco, os fortes da Companhia em Porto Calvo e no São Francisco capitularam em parte por causa da falta de comida em seus armazéns e por conta das pressões feitas pelas tropas, inflamadas pela obtenção de notícias a respeito da derrota das forças da WIC em combates contra os rebeldes e da queda do forte no Cabo. Com gente a ponto de se amotinar, os comandantes preferiram entrar em acordo com os sitiadores.¹¹⁵¹

Os rebeldes, por sua vez, ao saber das péssimas condições de existência nas guarnições, atiçavam ainda mais os ânimos dos militares enviando-lhes cartas que os instavam a desertar. Escritas em neerlandês e em francês por desertores da Companhia e por vezes assinadas pelos líderes da rebelião, as missivas eram deixadas nas vizinhanças das fortificações. Elas continham promessas de bom quartel, passagem livre para Portugal – ou qualquer outra localidade “no Norte” –, pagamento de todos os vencimentos atrasados e a possibilidade de servir aos portugueses. De acordo com uma das cartas encontradas e entregues ao governo, escrita por Van Hoogstraten e assinada por André Vidal de Negreiros, datada de março de 1646, a oferta era válida até mesmo para os homens que fugiram com Nicolaes Clasen.¹¹⁵² Prática semelhante seria

¹¹⁴⁸ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 147, 149, 185-186, 190-191, 196-198, 207, 209.

¹¹⁴⁹ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 185-186; Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 76-77.

¹¹⁵⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 24-06-1646.

¹¹⁵¹ Não capitularam, como mencionou Wätjen, por simples traição e ganância de suas guarnições. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 240-241; Para mais informações ver as considerações dos oficiais para a capitulação do forte *Mauritius*, em São Francisco, em setembro de 1645, narradas por Matheus van den Broeck, oficial da WIC que foi feito prisioneiro no começo da rebelião dos moradores. Van den Broeck fala ainda da “indisposição” da tropa de Porto Calvo após receber informações sobre as derrotas da Companhia. ‘Diário de Matheus van den Broeck’. In *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Tomo XL, 1877, pp. 36-40; A queda do *Mauritius* – “por falta de víveres e munições” – foi registrada no diário de Arnhem. ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 145-146.

¹¹⁵² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 60, doc. 1, 1645; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 2, 12-03-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 3, 14-04-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 4, 15-04-1646; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 17, 13-03-1646. Os boatos que circulavam no Recife e Antônio Vaz davam conta de que a deserção de Clasen aumentou a desconfiança dos rebeldes em relação aos ex-militares da WIC. Muitos deles foram desarmados e enviados presos para Salvador. Outras informações, oriundas de desertores portugueses, indicam que a situação dos rebeldes não era das melhores e, portanto, seria muito difícil que eles pudessem cumprir com as promessas feitas nas missivas. Faltavam provisões e muitos começavam a se amotinar. Em março de 1646, o Arraial Novo, base dos rebeldes, passou por um momento crítico. Por pouco não houve um levante geral ou deserção maciça. Fortes chuvas prejudicaram o abastecimento dos rebeldes no primeiro semestre e no segundo, a falta de suprimento já havia acarretado confrontos entre os soldados oriundos da Bahia e os moradores. A situação não melhoraria para os insurrectos posteriormente. Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*, pp. 145-148, 199; ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 160, 186-187, 193-194, 208; Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada*, pp. 302-303, 307, 309; Ver também: Wiesebron, Marianne L.

utilizada em 1647 e entre os meses de dezembro de 1653 e de janeiro de 1654, quando as tropas da WIC continuavam cercadas em Recife e Antônio Vaz.¹¹⁵³

Apesar da dificuldade em precisar o impacto da deserção em números, a gravidade da situação pode ser percebida através das medidas emergenciais tomadas pelo governo. Pouco tempo depois da entrega do Cabo, da rendição dos fortes em Porto Calvo e São Francisco, bem como as derrotas em Tabocas e no engenho de Tournalon, decidiu-se cunhar uma grande soma em moedas “para contentar os militares, como os outros”. O dinheiro seria destinado ao pagamento da ajuda de custo semanal da tropa e para a compra de alimentos aos comerciantes.¹¹⁵⁴ Também foi aumentada a ração de pão dos soldados em detrimento da distribuída aos civis.¹¹⁵⁵ Esperava-se diminuir o descontentamento da tropa que não estava apenas fugindo pacificamente, mas planejando sabotar peças de artilharia, proferindo ameaças ao governo ou se amotinando.

Em outubro de 1645, no forte *Prins Willem*, em Afogados, alguns dos homens foram presos por pretender “envenenar os gêneros, encravar as peças do forte [...] e tocar fogo nos quartéis”. A insatisfação na guarnição não parece ter sido reduzida, pois outro soldado foi detido em abril de 1646 sob a denúncia de atear fogo na casa de pólvora do forte e fugir.¹¹⁵⁶ É incerto se as acusações eram verídicas ou apenas boataria, pois não foram registradas nas atas do governo, mas um mês depois vários soldados foram presos por suspeita de querer fazer um motim no forte *Ernestus* por causa da ração. Não foi coincidência que a ameaça de revolta tenha ocorrido em um mês no qual a ração sofreu reduções.¹¹⁵⁷ Ainda em maio de 1646, para alimentar os rumores de descontentamento geral da tropa que circulavam no Recife e em Antônio Vaz durante o cerco e para a desvantagem da conquista e tumulto da paz pública (*tot nadeel van desen staet ende turberinge van de gemeijne ruste*), uma carta “cheia de palavras sediciosas tendentes a provocar motim” foi deixada defronte a casa de um padre. De maneira a aumentar ainda mais a

‘Confrontos durante a ocupação holandesa no Brasil’. In Silva, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 100.

¹¹⁵³ Para o ano de 1647 ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 2, 13-01-1647; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 19, s/d (1647); NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 20, s/d (1647). A missiva datada de janeiro foi escrita em neerlandês e assinada por João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. A registrada como documento de número 19 foi elaborada em francês e assinada por Nicolas Croquet. Era destinada a um soldado de nome Pier de Maré. A carta de número 20 foi escrita em neerlandês e assinada por Jan Pauwl Barberin. Foi enviada para um soldado de nome Theunis Theunisz. Ambos militares estavam numa armada no rio São Francisco. As cartas escritas em 1653 e 1654 foram escritas em baixo-alemão (*Nederduijtsch*) e em francês e estavam assinadas pelo General de Campo Francisco Barreto de Menezes. Elas ofereciam a cada um dos soldados que quisesse desertar 150 florins, roupa e passagem livre. NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, Dagelijkse Notulen (DN) 29-12-1653, DN 16-01-1654, DN 23-01-1654.

¹¹⁵⁴ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, p. 147; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 336-337.

¹¹⁵⁵ ‘Documento 5. Relatório apresentado por escrito aos Nobres e Poderosos Senhores Deputados do Conselho dos XIX, e entregue pelos Senhores H. Hamel, Adriaen van Bullestrate e P. Jansen Bas’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, p. 266.

¹¹⁵⁶ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 147-148, 186.

¹¹⁵⁷ Ibidem, pp. 190, 192.

tensão entre o governo e os militares, os soldados passaram a “chorar” para receber seu dinheiro (*de soldaten nu weynnen voor haer gelt*).¹¹⁵⁸ Alguns deles estavam começando a ser insolentes a ponto de o governo ter decidido transmitir ordens aos oficiais para mantê-los nos fortes. Era uma medida para evitar que eles fossem ao Recife reclamar diretamente contra o governo e para se prevenir um “desastre”.¹¹⁵⁹ A pressão dos soldados parece ter surtido algum efeito, ainda que a melhoria na ração só tenha ocorrido em fins de junho. Foram compradas 1.200 libras de carne fresca para a tropa.¹¹⁶⁰

Em Itamaracá, a situação não era das melhores. Militares “mal satisfeitos com a ração” amotinaram-se. Uma missiva do diretor Balthasar Dortmond para o governo datada de 23 de junho informou que dois condestáveis e dois artilheiros planejavam indicar aos portugueses qual era o lado mais fraco do forte *Orange* e preparar as peças de artilharia de modo que elas não pudessem causar danos aos inimigos. Dois deles foram presos e enforcados, enquanto que os outros conseguiram escapar. Um alferes e outros soldados também foram detidos, acusados de tentarem fugir. Os soldados foram liberados por se entender que apenas cumpriam ordens do oficial, de nome Wouter Falloo. De acordo com as investigações feitas e reportadas ao tribunal militar que julgou o delito, o alferes Falloo e um sargento de Gdańsk, Paulus Vonck, tencionavam evadir-se do forte à noite. No dia 23 de junho, os dois foram condenados pelo Conselho de Guerra Superior a ser arcabuzados, mas dois dias depois, por interferência de civis e de oficiais, Falloo foi perdoado. Vonck não teve a mesma sorte.¹¹⁶¹ Os motivos do motim e deserção não foram citados na carta de Dortmond ou nas atas do governo, mas no mesmo dia da execução do

¹¹⁵⁸ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, p. 193. A descoberta desta missiva, destinada a todos os oficiais de mar e terra, também foi referida na ata do Alto Governo do dia 28 de maio de 1646. É importante mencionar que esse não foi o único episódio referido no diário anônimo e nas reuniões de governo, o que demonstra a validade de muitas das informações postas no impresso de 1647 e do acesso às informações que o narrador tinha. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 28-05-1648.

¹¹⁵⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 04-06-1646: “*Alsoo de soldaten beginnen eenige insolentie te gebruiken vande een of d’ander het haer te nemen, daer nochtans de selve geen clagen en hebben, alsoo goet rantsoen genieten soo is den Majoor Baijart gelast alle de officieren aente seggen dat sij ordre onder haer volc stellen dat sij soo weynich op t Reciff comen ende die inde fortien houden als doenlick sal wesen om alle onheyl te voorcoopen*”.

¹¹⁶⁰ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 21-06-1646. Comparar a carta-ração de fins de junho com a do começo do mesmo mês. Além de comida, os homens receberam na última semana de junho 17 *stuivers* em dinheiro ao invés dos 9 *stuivers* do início do mês. Mesmo com a melhora provisória, os homens continuaram a ter açúcar como parte da ração. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 08-06-1646.

¹¹⁶¹ ‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião’, pp. 197-198, 200; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 22-06-1646, DN 23-06-1646, DN 24-06-1646 e DN 25-06-1646. Na ata do dia 25 de junho, alegou-se que Falloo, “por sua juventude”, distorceu erroneamente uma ordem do major Baijart, parecendo também – segundo o governo – que não era sua intenção ir para o inimigo. Melhor conectado, ele apenas perdeu o posto de alferes. Já a apelação em favor do sargento de Gdańsk não surtiu efeito, pois para o governo o seu erro “não podia ser deixado sem punição”. Wouter Falloo esteve no Brasil até a rendição, sendo um dos negociadores da WIC. Esteve em Portugal em 1656, sendo falante fluente do português. Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 97.

sargento, o governo decidiu enviar víveres para a guarnição do forte.¹¹⁶²

Atormentado mais uma vez pelos pedidos de dinheiro feitos por militares, o governo fez uma nova cunhagem de moeda em agosto de 1646.¹¹⁶³ É verdade que as “atitudes ameaçadoras” da tropa já haviam levado a Companhia a contrair empréstimos para contentá-la antes mesmo do início da rebelião, em meados de fevereiro de 1645.¹¹⁶⁴ Isso remete a outros momentos muito anteriores à revolta dos moradores, onde se observa que as tropas podiam pressionar a WIC e negociar com ela para atender a suas demandas sem tomar atitudes de ruptura como a deserção ou motins violentos.

Já foi mencionado que os dois delegados da Companhia das Índias Ocidentais Matthias van Ceulen e Johan Gijsselingh deixaram de punir com “severidade excessiva” atos pacíficos de deliberada indisciplina de alguns oficiais e soldados em 1633. Como seu tempo de contrato havia expirado e eles não queriam continuar a servir a WIC, entregaram suas armas aos capitães. Porque o governo do Brasil precisava desses homens – pois não recebia reforços suficientes para repor as baixas contínuas do exército – e temia provocar um motim, puniu a ação, que pode muito bem ser encarada como sediciosa, apenas brandamente.¹¹⁶⁵ Van Ceulen e Gijsselingh tentavam seguir uma diretiva de reter essa gente para reduzir o custo de recrutamento e envio de novas tropas. Ela havia sido especificada na própria instrução dos delegados, datada de meados de 1632.¹¹⁶⁶ O Conselho dos XIX tinha inclusive reforçado a recomendação em uma carta de julho de 1633, mas os diretores cederam ao protesto dos militares e permitiram que cerca de 500 homens retornassem para casa junto com Diederick van Waerdenburgh em março de 1633, um número maior do que podiam dispensar naquela ocasião, haja vista a falta de pessoal.¹¹⁶⁷

Um novo conflito ocorreu em maio de 1636, quando o Conselho Político do Brasil se viu forçado a comprar, em caráter de emergência, carne e toucinho de comerciantes particulares após receber uma carta do coronel Christoffel Arciszweski e do conselheiro político Balthasar Wijntges (Wijntgis) relatando a falta de comida no teatro de operações do Sul de Pernambuco. Os dois informaram ao Conselho que os oficiais do exército, representando a tropa e a soldadesca, pediriam demissão caso não fosse feita a melhoria da ração distribuída (“*versoucken*

¹¹⁶² NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 26-06-1646. No dia seguinte, foram enviados suprimentos para a Paraíba. Talvez as queixas sobre os desertores feitas pelo diretor Paulus de Linge também tenham pesado na decisão do governo. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 71, DN 24-06-1646, DN 26-06-1646.

¹¹⁶³ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 338-339.

¹¹⁶⁴ Ibidem, p. 336.

¹¹⁶⁵ ‘Relatório dos Senhores Delegados no Brasil, Matthias van Ceulen e Johan Gyselingh, dirigido aos Diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Datado de 5 de janeiro de 1634’. In *Documentos Holandeses*, pp. 159-160.

¹¹⁶⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 2, 02-06-1632.

¹¹⁶⁷ Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes*, p. 376; NL-HaNA_OWIC, inv. nr. 8, 08-07-1633; A direção da Companhia havia se comprometido a enviar substitutos, algo concretizado em 1634. NL-HaNA_OWIC, inv. nr. 8, 08-09-1634.

haer affscheijft ofte verbeteringe vant rantsoen”).¹¹⁶⁸ No mês posterior ao ultimato proferido, novos protestos surgiram no exército em decorrência das mesmas carências apontadas no mês de maio. Os homens ameaçavam abandonar suas posições. Por parte do governo não foram tomadas medidas de repressão às ações dos soldados, mas feitas promessas de que a situação iria ser contornada, apesar de os armazéns contarem com provisões insuficientes. O assunto deixa de figurar nas discussões do governo, indicativo de que o problema foi superado naquela ocasião e que os homens tiveram seus pedidos atendidos.¹¹⁶⁹ Juras de melhoria e pedidos de paciência também foram feitos por Johan Maurits van Nassau-Siegen em 1639 de forma a conter militares queixosos por causa da escassez de víveres. A questão parece ter sido resolvida sem desdobramentos mais sérios.¹¹⁷⁰

Ao mesmo tempo em que Nassau enfrentava dificuldades para alimentar e conter sua tropa no Brasil,¹¹⁷¹ uma expedição enviada do Recife ao Chile, em janeiro de 1643, com os objetivos de fundar uma base de apoio à navegação nas Índias Orientais, combater os espanhóis na região e procurar minas de ouro, terminou fracassando em parte por causa do comportamento sedicioso dos militares.¹¹⁷² O episódio foi sucintamente mencionado por Charles Boxer em *Os Holandeses no Brasil*, no qual o historiador foi taxativo em responsabilizar os comandantes Elias Herckmans e Hendrick Brouwer – marítimo com longa folha de serviços prestados à Companhia das Índias Orientais, falecido por doença durante a expedição, no início de agosto de 1643 – pelo retorno, uma vez que eles foram incapazes de costurar uma aliança com os indígenas.¹¹⁷³ Outro pesquisador, Klaas Ratelband, também emitiu opinião responsabilizando o comando ao relacionar o retorno da frota ao Brasil à incapacidade de Herckmans – substituto de Brouwer – em conter os homens que ameaçaram se rebelar.¹¹⁷⁴ Embora Ratelband esteja certo na questão da agitação da tropa, ele deixou de dizer os motivos que ocasionaram a insubordinação dos

¹¹⁶⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 19-05-1636.

¹¹⁶⁹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 68, DN 22-06-1636.

¹¹⁷⁰ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, pp. 55-56, 70; Carta de Nassau aos Estados Gerais de 4 de agosto de 1639. Antônio Vaz, Pernambuco. ‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandês, com os Estados Gerais (1637-1646)’. (Tradução de Alfredo de Carvalho) In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* Recife, Vol. XII, 68, 1906, p. 541.

¹¹⁷¹ Wätjen observa que a carestia de vida, bem como a falta de numerário para pagamento, estavam causando problemas para o Conselho de Finanças, criado em 1642. Os membros deste Conselho eram insultados ou escutavam praguejamentos nas ruas e as tropas, por falta de pagamento, começavam a resmungar, ocorrendo ainda episódios isolados de pilhagem e violência contra civis no primeiro semestre de 1643. Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 330-331.

¹¹⁷² Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650*, p. 213. Sobre os objetivos da missão ao Chile e seu fracasso ver também: Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, pp. 348-353, 379; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.11.

¹¹⁷³ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 206.

¹¹⁷⁴ Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650*, p. 213. Boxer, certamente baseando sua opinião no texto de Barlaeus, pôs a pecha de “maneiroso” em Herckmans, talvez para enfatizar sua responsabilidade no fracasso da expedição. Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, p. 372; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 206.

militares.¹¹⁷⁵

O texto de Caspar Barlaeus e o diário de um soldado integrante da expedição, Caspar Schmalkalden, ajudam a compreender as razões do problema.¹¹⁷⁶ Schmalkalden foi testemunha de alterações entre a tropa, de boatos sobre conspirações de soldados e da punição de militares desertores. Outro jornal, escrito pelo assistente administrativo integrante da expedição, Johan van Loon, confirma os eventos relatados pelo soldado.¹¹⁷⁷ Essas insubordinações foram sobremaneira oriundas da contínua diminuição da ração entregue aos expedicionários. O acelerado esgotamento dos víveres já tinha obrigado os comandantes dos navios a reduzir e racionar a comida distribuída antes mesmo da chegada em Valdivia, ocorrida em agosto de 1643.¹¹⁷⁸ Gado miúdo, pesca e coletas serviram como complementos à alimentação da tropa,¹¹⁷⁹ mas não o suficiente para conter pequenos atos de insubordinação durante a viagem, principalmente o roubo de provisões. Mesmo com as reprimendas feitas por Brouwer aos ladrões de comida, ainda em fevereiro, os delitos continuaram a acontecer e resultaram na instituição, no mês de julho, da pena de morte por enforcamento para os que incorressem no erro – “de forma a evitar que o objetivo de nossa viagem corra risco”.¹¹⁸⁰ Já se falava, então, em uma “inquietação que surgiu entre o povo” que poderia se tornar um “grande obstáculo” para os objetivos da viagem.¹¹⁸¹

Após desembarcar em Valdivia, com parte substancial das provisões de boca consumidas, Herckmans tratou de negociar com os “chilenos” o fornecimento de alimentos em troca de armas e outras mercadorias. No começo de setembro, quando a tropa da WIC já iniciava a construção de uma fortificação, Herckmans, assumindo as instruções dadas a Brouwer, fez a primeira sondagem a respeito da possibilidade de obtenção de ouro, mas obteve uma resposta negativa dos líderes araucanos, que contestaram a existência na região de qualquer metal precioso.

¹¹⁷⁵ Um estudo mais recente feito por Clície Adão foi publicado no livro *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Todavia, a “comunicação” da autora não traz, em termos de fontes, muito para explicar o comportamento da tropa, embora faça menção à incapacidade do pessoal da WIC em obter um acordo para o provimento de víveres. Adão, Clície. ‘Chile holandés o Flandres indiano en la visión de Gaspar Barléu’. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, p. 249.

¹¹⁷⁶ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998.

¹¹⁷⁷ ‘Journael nopende op de Reijse in Chili onder het Beleijt van de Generael d’Heer Henrique Brouwer 1643. Door Johan van Loon, commies’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn. Verkenner in de vloot van Hendrick Brouwer 1643*. Hoorn: Stichting Nederlandse Kaap Hoorn-vaarders, 2007. O diário de Van Loon também pode ser encontrado, em manuscrito, no Arquivo Nacional de Haia. HaNA-NL 1.05.01.01, inv. nr. 44.

¹¹⁷⁸ Ventos contrários também retardaram a chegada da expedição ao Chile. ‘Journael nopende op de Reijse in Chili’, pp. 18, 22, 45, 68, 75-76, 80.

¹¹⁷⁹ ‘Journael nopende op de Reijse in Chili’, pp. 41, 54, 65-66, 72-73, 76-77, 79-81, 83, 85; Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*, p. 77.

¹¹⁸⁰ ‘Journael nopende op de Reijse in Chili’, pp. 18, 78-79.

¹¹⁸¹ Ibidem, pp. 78-79. Além da leitura pública do edital, fixado em um dos navios da frota, foi feito saber que a ração de pão de 2 libras e meia por semana também estava sendo distribuída para os oficiais do exército e marinha. Isto porque os soldados e marinheiros achavam que tal diminuição da ração de pão tinha sido exigida apenas a eles. Essa era uma tentativa de refrear os rumores e antagonismos entre a tropa e seus comandantes.

Com os objetivos da expedição evidentes, e a insistência na questão das minas, os chefes indígenas trataram de dizer, em fins de setembro, que estavam incapacitados de fornecer mais provisões para os expedicionários por um período de 4 a 5 meses.¹¹⁸²

Além do revés na questão do provimento, a situação complicou-se ainda mais quando no dia 12 de outubro, um prisioneiro espanhol, “Antonio Zanchies Zines”, relatou ter visto um fiscal da frota, de nome Cornelis Faber, em uma mata com quatro soldados. Zines revelou que eles lhe propuseram desertar para o interior e mencionaram ainda que entre 50 e 60 soldados estavam dispostos a fazer o mesmo. No outro dia, o *Breede Raad* decidiu iniciar os preparativos para retornar ao Brasil. Alegou-se a impossibilidade de esperar pela ajuda dos “chilenos” no abastecimento da tropa, a insuficiência de víveres e a instabilidade da tropa.¹¹⁸³ A denúncia do espanhol verificou-se verdadeira quando no dia 14, quatro soldados foram avistados por indígenas a caminho de Concepción. Um alferes foi enviado com uma pequena tropa para capturá-los. Dois deles foram mortos e os outros capturados. Em fins de outubro, antes de a frota levantar velas para a jornada de volta, um tribunal de guerra foi organizado para examinar e julgar o caso dos aprisionados. No dia 26, doze pessoas foram condenadas, metade delas a fuzilamento e a outra metade, a pular de uma verga do navio no mar (“*zes tot fusillering en zes tot van de ra lopen*”). O saldo da insubordinação foi de cinco mortos e um perdoado pouco antes da execução. Não se fala sobre o que ocorreu com os outros seis que saltaram do navio, mas é fácil supor que no mínimo eles ficaram bastante machucados.¹¹⁸⁴

Os vasos da expedição chegaram ao Brasil em dias diferentes no começo de janeiro de 1644. A 8 de janeiro, uma ata do Alto e Secreto Conselho confirmou o motivo que levou o *Breede Raad* a regressar ao Brasil, conforme narrado no *Journal ende Historis verhael*. O retorno, segundo a ata, ocorreu por causa da falta de provisões e da “desobediência e malevolência” dos soldados.¹¹⁸⁵ Fica evidente que o comportamento sedicioso da tropa, que evoluiu na medida em que as provisões foram escasseando, foi importante para acelerar a decisão tomada pelo *Breede Raad* em outubro. No dia 12 de janeiro, foram abertos procedimentos para apurar a responsabilidade dos

¹¹⁸² Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, pp. 351-352, 374; ‘Journal ende Historis verhael van de Reize gedaen by Oosten de Straet le Maire naer de Custen van Chili, onder het beleyt van den Heer Generael Hendrick Brouwer inden jare 1643 voor gevallen’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn*, pp. 91-92, 94.

¹¹⁸³ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, pp. 378-379; ‘Journal ende Historis verhael’, p. 95. O *Breede Raad* era um conselho que decidia sobre todos os negócios concernentes a uma frota, podendo inclusive conduzir um tribunal. Se o navio não fizesse parte de uma frota, as decisões seriam tomadas pelo Conselho do Navio (*Scheepsraad*). Caso algum soldado integrante de uma frota cometesse algum delito, seria julgado por um tribunal de guerra composto de oficiais do exército. Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij. Oproer en berechting op schepen van de VOC*, p. 13.

¹¹⁸⁴ ‘Journal ende Historis verhael’, pp. 95-97, 97; Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*, pp. 142, 144. Para mais detalhes sobre a punição “*van de ra lopen*” ver: Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma’s Boekhuis, 1980, pp. 104-105.

¹¹⁸⁵ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 08-01-1644.

oficiais no fracasso da expedição, mas o assunto deixou de ser tratado nos registros de governo do Brasil.¹¹⁸⁶ Em abril de 1644, os comandantes citados na ata de janeiro, o major Johan Blaubeeck, o capitão Albert Volterman e o capitão Pierre Johan Flory estavam estacionados respectivamente em guarnições na Paraíba (*Frederickstad*), em Sergipe e no Sul de Pernambuco (Porto Calvo). Não parece que foram responsabilizados pelo fiasco da operação.¹¹⁸⁷ Para Barlaeus, os motivos que mais pesaram para a decisão de Herckmans – e do *Breede Raad* – em retornar para o Brasil foram as insubordinações e as conspirações da tropa.¹¹⁸⁸ Ele apenas omitiu que com a falta de alimentos teria sido impossível para Herckmans ou para qualquer outro comandante, por mais disciplinador que fosse, impedir tais reações.

Do outro lado do Atlântico, os administradores da WIC em Luanda também enfrentavam sérios distúrbios com militares pelas mesmas razões dos seus colegas no Brasil e no Chile. De acordo com Klaas Ratelband, toda a vez que o racionamento passava a ser mais rigoroso, o sentimento de insatisfação dos soldados, que já viviam em contínua privação, vinha à tona. Em junho de 1644, a situação em Luanda chegou a um ponto em que os militares veteranos já exigiam regressar ao Brasil ou para a Europa antes da temporada de chuva, quando a rotineira falta de víveres somava-se ao aumento exponencial das doenças. As queixas dos soldados eram tantas que o diretor de Angola Hans Mols e o vice-diretor Heindrick van Redinckhoven achavam “impossível suportá-los”.¹¹⁸⁹ Posteriormente, esses homens dirigiram duras ameaças aos superiores, exigindo que as rações fossem distribuídas por inteiro. Nessa situação, os diretores de Angola chegaram a declarar abertamente ao Alto Governo do Recife temer que os homens tomassem controle da praça.¹¹⁹⁰

Mas ameaças como essas podiam tornar-se com muita facilidade atos de indisciplina ainda mais graves, como demonstram as muitas deserções ocorridas no ano de 1643 em outro local de ocupação da WIC na África: a ilha de São Tomé.¹¹⁹¹ Conforme já exposto, no Brasil, o fim dessa fase de negociação com os administradores da WIC – usualmente marcada por queixas e exigências – mudou para ações mais drásticas nos meses subseqüentes à insurreição dos moradores. Mesmo com a chegada de sucessivos reforços nos anos de 1646 e 1648,¹¹⁹² as condições de existência na conquista não foram muito alteradas. Pelo contrário, a ida de grandes

¹¹⁸⁶ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 12-01-1644.

¹¹⁸⁷ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 70, DN 08-04-1644. Blaubeeck foi registrado na ata como capitão. Talvez tenha sido rebaixado.

¹¹⁸⁸ Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil*, p. 379.

¹¹⁸⁹ Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650*, p. 216.

¹¹⁹⁰ Ibidem, p. 241.

¹¹⁹¹ Ibidem, pp. 177-178. Os números da deserção em São Tomé eram elevados. Nesse período, diz Ratelband, mais de quarenta homens passaram para o lado luso, ficando na fortaleza por volta de oitenta homens, muitos deles doentes.

¹¹⁹² Para os número de gente enviada ver: NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 63, doc. 62, 25-03-1647; Van Hoboken, W. J. ‘Een troepentransport naar Brazilië in 1647’. in *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949.

contingentes agravou ainda mais os problemas logísticos enfrentados pela Companhia, há muito incapaz de alimentar com satisfação seus homens. O governo iria enfrentar novos distúrbios com a gente enviada para resgatá-los e aliviá-los do cerco imposto pelos rebeldes. Os integrantes da frota comandada pelo almirante Witte Corneliszoon de With, que chegaram ao Brasil em 1648, não precisaram de muito tempo para entrar em confronto com o governo. Segundo o próprio almirante, além de muitos dos homens terem chegado ao Brasil em um estado “miserável” devido à viagem prolongada, eles foram providos com alimentos em “péssimo” estado de conservação e acomodados em alojamentos “fétidos e apertados”.¹¹⁹³ Para piorar, informados antes da partida de que iriam receber pelo recrutamento dois meses de soldo adiantado no embarque para o Brasil,¹¹⁹⁴ souberam que o dinheiro seria enviado pela WIC para o local. Chegando na conquista, receberam como resposta dos membros do Alto Governo que eles não sabiam nada a respeito do assunto e que deveriam aguardar com paciência.¹¹⁹⁵ Os ânimos ficaram ainda mais exaltados quando o governo decidiu pagar um mês de soldo aos oficiais. Tal atitude levou à indignação da soldadesca, que na noite anterior à batalha dos Guararapes falava em coro que os oficiais deviam lutar, já que eles receberam dinheiro. Sem o pagamento, eles não queriam combater. Para o historiador neerlandês Van Hoboken, a batalha estava perdida antes mesmo de começar.¹¹⁹⁶

Segundo os relatos de dois oficiais presentes na refrega, o tenente-general Sigismund von Schoppe e o coronel Cornelis van den Brande, deserção e baixo moral influenciaram decididamente no desempenho dos soldados. Obviamente, pesaram na derrota a irregularidade do terreno e a lentidão das tropas, que viajavam com provisões para oito dias, sem falar na disposição dos rebeldes no campo de batalha, suas táticas de ataque mais condizentes com o terreno e seu moral. Em um dos momentos mais confusos da luta, quando a vanguarda e o corpo de batalha da tropa da WIC foram desbaratados e rechaçados pelas tropas luso-brasileiras após um encarniçado combate corpo-a-corpo, muitos soldados da Companhia fugiram. Outro indício do péssimo moral da tropa fica evidente durante a preparação de um contra-ataque da retaguarda comandada por Van den Brande e pelo coronel Guillaume de Hauthain, que chegou à frente de batalha quando a confusão já estava instalada entre os homens. Antes de avançar, Van den Brande disse ter ido de regimento em regimento tomando de todos os soldados um novo juramento de fidelidade. Mas essa investida não foi levada adiante por ordens de Von Schoppe,

¹¹⁹³ Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 74-76; O almirante De With, em uma de suas cartas a respeito das vitualhas distribuídas no Brasil, mencionou que o pão era infestado de vermes, o bacalhau cheio de traças, a cevada invadida por besouros e a ervilha tão velha, mofada e dura quanto balas de mosquete. Hoboken, W. J. van. ‘Een muiterij in Verzuimd Brazil’. *De Nieuwe Stem. Maandblad voor Cultuur en Politiek*. Amsterdam/Antwerpen: Wereldbibliotheek, 9e. jrg., 1954, p. 383.

¹¹⁹⁴ NL-HaNA_SG 1.01.04, inv. nr. 5759, 07-10-1647.

¹¹⁹⁵ Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 74-76.

¹¹⁹⁶ Ibidem, p. 77; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 273-274.

que, ferido, repassou o controle da operação para Van den Brande e o deixou encarregado de segurar a posição da tropa no campo de batalha até o cair da noite, quando então ele deveria retornar à Leiteria, ponto de reunião do exército na praia. A decisão de Von Schoppe teve esteio na acentuada baixa de sua força, que segundo ele, sofreu uma redução de 1.500 homens, algo confirmado em grande parte pelo relato de Van den Brande. A deserção teve um grande papel nessa diminuição, se observadas as pesadas baixas do exército, contabilizadas em 501 mortos e 556 feridos.¹¹⁹⁷

Outro episódio reacenderia a insegurança do governo em relação a suas próprias tropas. Na noite do dia 21, aproveitando-se da concentração das hostes inimigas em Guararapes, foi enviado um efetivo de cerca de 240 homens – sob o comando do capitão Hans Vogel – para tentar dominar Olinda e um reduto na sua parte baixa.¹¹⁹⁸ Mas ao perceber a aproximação de uma pequena força oponente de aproximadamente 50 homens, eles – em lugar de esperá-los e resistir, haja vista “a notável vantagem” – fugiram do forte deixando os oficiais e alguns outros militares para trás.¹¹⁹⁹ Essa gente chegou em desordem no Recife, onde adentraram bradando pelo pagamento e prometendo continuar sem trabalhar até receber o dinheiro prometido.¹²⁰⁰ Temendo um motim generalizado, o governo hesitou tomar satisfações e não puniu os soldados. Por perceber que havia uma “insatisfação geral” e um comportamento “amotinador” entre a tropa, os conselheiros acabaram decidindo pagar um mês de salário em dinheiro para a milícia “velha” e para a vinda com a frota de socorro, ainda que isso tenha levado ao esvaziamento do caixa da Companhia.¹²⁰¹

No período subsequente à segunda derrota em Guararapes, as tensões entre o governo e

¹¹⁹⁷ Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 88-90; Trechos dos relatos de Von Schoppe e Van den Brande podem ser encontrados no livro *O Brasil Holandês*, recentemente publicado por Evaldo Cabral de Mello. Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010, pp. 441-446; Para o número de mortos e feridos ver uma lista de 19 de abril de 1648: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 3, 19-04-1648. Os números foram reajustados posteriormente e tenderam a aumentar com o falecimento dos feridos. Também não é possível afirmar que o saldo restante – retirados os 556 feridos e os 501 mortos do total de 1.500 – corresponda ao número de desertores. Há de se considerar os homens feitos prisioneiros, os que se perderam no retorno e os desaparecidos.

¹¹⁹⁸ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 21-04-1648. Van Hoboken fala que o destacamento da WIC enviado a Olinda era de 350 homens. Talvez incluísse os reforços a serem enviados mencionados nessa ata do dia 21. Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, pp. 91-92.

¹¹⁹⁹ O capitão Hans Vogel foi aprisionado e dois tenentes foram mortos, ficando o reduto novamente em poder dos luso-brasileiros. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 22-04-1648. Ver também: Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’. Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O.C. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Volume 69, 1950, p. 135.

¹²⁰⁰ Segundo Van Hoboken, os homens começaram a gritar após passarem pela porta da cidade: “Dinheiro, dinheiro, e até que nós o tenhamos, a coisa deve ser assim” (*Geld, geld, en totdat sulcx hebben, moet de saecke soo gaen*). Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, p. 92.

¹²⁰¹ NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 72, DN 23-04-1648. Para Witte de With, temido por manter ferrenha disciplina entre os seus comandados, uma reação violenta do governo era inadmissível e só iria restabelecer a injustiça. Ele mostrou-se favorável a que os homens fossem providos de dinheiro, vinho e que “uma esponja” fosse passada no episódio por meio da emissão de um perdão geral. Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*, p. 92.

as tropas persistiram.¹²⁰² Deserções minaram ainda mais o exército da Companhia e os membros do Alto Governo reportaram a fuga de grupos de 10 ou 12 homens em plena luz do dia. Alguns militares insatisfeitos chegaram a “entrar à força nos dormitórios dos conselheiros” para reclamar os vencimentos atrasados.¹²⁰³ A tensão, naqueles tempos, era extrema e os membros do governo tiveram que usar “todas as suas artes de persuasão” para consolar seus funcionários e dar-lhes esperança de melhores dias, além, é claro, de convencer os comerciantes a lhes conceder empréstimos enquanto eles aguardavam providências das Províncias Unidas.¹²⁰⁴ Mas o motim geral que o governo esperava não ocorreu nos anos entre Guararapes e o cerco final levantado pelas tropas luso-brasileiras entre dezembro de 1653 e janeiro de 1654. Quando a possibilidade de que isso ocorresse mostrou-se mais concreta, o governo decidiu não ir adiante e entrou em acordo com as forças luso-brasileiras. Talvez essa decisão não tivesse sido tomada se as tropas, até então abertas a negociação, não tivessem levado adiante algo que há muito tempo disseram estar dispostas a fazer. Um motim feito por um grupo de soldados em uma fortificação nos arredores do Recife e Antônio Vaz, em janeiro de 1654, foi muito mais danoso do que a série de ameaças e deserções isoladas dos anos ulteriores às derrotas em Guararapes. Apesar de sua importância para entender as deliberações do governo da WIC no Brasil em janeiro de 1654, o episódio não foi estudado.¹²⁰⁵

Uma pequena lista datada de março de 1655 contendo os nomes de soldados amotinados em uma fortificação é uma das peças que auxiliam o entendimento de um dos eventos responsáveis pela saída definitiva da WIC do Brasil.¹²⁰⁶ A lista em si pouco informa a respeito do sucedido. Sequer consta que ocorreu no Brasil e traz nomes, local de origem, graduação militar, navio de transporte e a câmara de procedência de 31 homens das companhias do sargento-mor Willem ter Berghe (Willem ten Berge) e do capitão Carel Frederick van Gladis, que se revoltaram em uma fortificação de nome *Altena* (Altená, Altenar ou Casa da Asseca). Este

¹²⁰² Em abril de 1649, no confronto em Guararapes, muitos militares da WIC voltaram a desertar, como expõem os membros do Alto Governo Hendrick Haecxs e Michiel van Goch, o último presente nas operações. Haecx, Hendrik. ‘Diário, 1645-1654’, p. 137; Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*, p. 457.

¹²⁰³ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 310, 320. Nesse período, o almirante Witte de With “pintava” o Recife como o “covil da inanição”.

¹²⁰⁴ Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 342-343. O próprio almirante De With abandonou o Brasil em fins de 1649, deserção esta relacionada a sérios problemas de abastecimento que se abatiam sobre sua frota. Para mais informações ver: Hoboken, W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*.

¹²⁰⁵ Afora os documentos que serão apresentados adiante, o motim foi citado no diário do membro do governo Hendrick Haecxs, em um panfleto de Middelburgo datado de 1655 – *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael* –, em três relações da tomada da praça do “Recife” e no livro do frei Raphael de Jesus, *Catrioto Lusitano*, de 1679. Jesus, Raphael de. *Catrioto Lusitano. Parte I. Empresa, e restauração de Pernambuco; & das Capitânicas Confinantes*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1679, pp. 677-679. Apenas Gonsalves de Mello cita a rebelião no livro sobre a rendição dos neerlandeses – *A rendição dos holandeses no Recife (1654)* – e mais recentemente Evaldo Cabral também mencionou o episódio ao incorporar parte do diário de Haecxs em sua seleção de fontes essenciais ao estudo do Brasil sob ocupação da WIC – *O Brasil Holandês*.

¹²⁰⁶ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.43, 02-03-1655.

forte ficava na linha de defesa externa de Recife e Antônio Vaz e foi uma das primeiras posições atacadas pelos luso-brasileiros em janeiro de 1654.

Mas é difícil ir muito além com as informações dispostas em tal listagem, apesar de se notar que sete dos militares nomeados viajaram para o Brasil no mesmo navio e foram recrutados na cidade de Amsterdã – evidência talvez de que se conheciam anteriormente. Ademais, três deles foram apontados como “principais” amotinadores. Também se observa que a maior parte dos homens era composta de soldados, gente de origem diversa, majoritariamente do Norte da Europa, e que a maior patente entre os amotinados era de cabo.¹²⁰⁷ Boa parte desses homens teve seus nomes arrolados em um livro de pagamento de 1655, indício de que estavam no Brasil por muitos anos – o livro registra os nomes dos que serviram entre 1648 e 1654. Outros nomes de pessoas envolvidas no motim foram anotados nesse livro, o que aumenta o número de envolvidos para 38, incluindo ainda o dado adicional de que um dos homens da pequena lista era “o principal amotinador” (*principael mytin in Altena*), em diferença do termo “um dos principais” adotado na lista (*een vande principaelste*). Outro elemento importante para saber algo sobre o destino dos amotinados: ao lado dos cálculos dos soldos a vencer de dois dos homens listados no livro de pagamento foi adicionada a informação de que eles deveriam ser “purgados” por terem participado do motim do *Altena* (*moet hem purgeren alsoo hij van t volck is dat op fort Altena heeft e moet hem purgeren, want t is eenen mytin van Altena*). Talvez esse seja um indício de que eles deveriam ter seus nomes expelidos da folha de pagamento, não estando autorizados a receber qualquer pagamento da Companhia.¹²⁰⁸

Devido à impossibilidade de saber mais a respeito desses homens, o melhor caminho para explicar seu motim é retornar ao mês anterior, no dia 20 dezembro de 1653, quando a

¹²⁰⁷ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.43, 02-03-1655.

¹²⁰⁸ NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655. É difícil traçar o paradeiro desses homens. Os relatos do imediato no comando geral da frota que cercou o Brasil, Francisco Brito Freire, do mestre de campo e general do Estado do Brasil Francisco Barreto de Menezes e de Dom Francisco Manuel de Melo – segundo Evaldo Cabral, “um dos maiores prosadores portugueses do século XVII” –, informam que os cerca de 300 soldados rendidos no forte das *Salinas*, no *Altena* e no reduto *Amalia* foram encaminhados à Bahia e embarcados em pequenos grupos para Portugal. A observação foi feita por Gonsalves de Mello no livro *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Gonsalves de Mello também menciona que alguns oficiais rendidos nessas fortificações, antes da assinatura da capitulação, ficaram em Pernambuco e seguiram com as tropas da WIC, haja vista o depoimento de alguns deles a respeito da rendição do forte das *Salinas* e do reduto *Amalia* apresentados no Brasil – depoimentos do capitão Hugo de Meyer, de 10 de fevereiro de 1654, e do capitão Coenraed van den Brincken e do alferes Hans Frederick Metscher, de 6 de março de 1654. Isso pode indicar que os homens envolvidos no motim voltaram para a Europa, mas é difícil saber se eles procuraram recuperar o dinheiro na Companhia. Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 84, nota 1; Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*, p. 465. Ver também: ‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife, recuperação das Capitâneas de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ceará e Ilha de Fernando de Noronha, por Francisco Barreto Mestre de campo general do Estado do Brasil & Governador de Pernambuco. Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 119; ‘Relação de Francisco de Brito Freyre (Recife, 29 de janeiro de 1654)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 106; ‘Breve Relação dos Últimos Sucessos da Guerra do Brasil, restituição da cidade Maurícia, Fortalezas do Recife de Pernambuco & mais praças que os Holandeses ocuparam naquele Estado. Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 127.

Armada da Companhia Geral de Comércio do Brasil foi avistada numa manhã seguindo em direção ao Recife.¹²⁰⁹ Também é importante mencionar brevemente que os efetivos da WIC no Brasil já estavam em número bastante reduzido em comparação com aqueles do tempo das batalhas em Guararapes e encontravam-se reclusos em suas fortificações em apenas alguns pontos do litoral – Recife e Antônio Vaz, Itamaracá (forte *Orange*), Paraíba (forte *Margarita*), Rio Grande (forte *Ceulen*) e Ceará (forte *Schonenburgh*).¹²¹⁰ Com os homens proibidos de retornar para casa – alguns tinham prestado serviços por duas ou três vezes mais tempo do que o estipulado em seus contratos –, com a chegada minguada de reforços, com pouquíssimas embarcações em condições de uso e dependendo muito do auxílio externo para se alimentar,¹²¹¹ a tropa da WIC estava abatida antes mesmo do início efetivo do confronto.¹²¹²

Esse era o contexto do Brasil sob ocupação da WIC antes da chegada da armada. Antes mesmo do começo efetivo das hostilidades, o governo já falava em uma “manifesta indisposição geral entre o povo” (*den generalen onlust die onder t’ volck sich openbaert*), sinal claro de que o moral

¹²⁰⁹ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 20-12-1653.

¹²¹⁰ Havia no Brasil, a serviço da WIC, cerca de 2.300 homens em 1653, incluindo mais de 300 incapacitados. No tempo da rendição esse número muda para apenas 1.200, sem contar com tropas auxiliares de negros, indígenas e a milícia civil. Mello, José Antônio Gonsalves de. 1957-58. Vol.2. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000; NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 67, doc. 83, 29-01-1654. No tempo das batalhas de Guararapes os efetivos da Companhia montavam cerca de 3.200 homens em 1647, pouco menos de 6 mil homens em 1648 (junho) e mais ou menos 3.600 homens em 1649 (setembro). NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.21, doc. 1, 1647; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.20, doc. 15, 22-06-1648; NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 85, 14-09-1649. Para uma melhor comparação do número dos efetivos ver os dados dispostos no primeiro capítulo.

¹²¹¹ Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 337-338. Segundo Boxer, apesar do estado de abastecimento ruim, Recife e Antônio Vaz ainda tinham reservas de alimento maiores do que aquelas dos anos posteriores à rebelião – 1645 a 1646. Também se observa que havia um estoque de alimentos locais, que eram mais do que complementos, pois estiveram integrados às rações distribuídas até janeiro de 1654. Destaque para os “feijões da terra”, milho e peixe. Certamente os grãos eram provenientes da ilha de Fernando de Noronha. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 05-12-1653, DN 12-12-1653, DN 17-12-1653, DN 19-12-1653, DN 23-12-1653, DN 26-12-1653, DN 01-01-1654, DN 02-01-1654, DN 09-01-1654, DN 16-01-1654. Sobre o prolongado tempo de serviço ver ainda: NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.34, doc. 67, 25-05-1651.

¹²¹² Seus oponentes também não contavam com meios substanciais para levantar um assédio e lançar um ataque decisivo contra as fortificações da Companhia. A falta de meios para expulsar a WIC do Brasil era tema corrente na documentação dos líderes do exército insurrecto. Os comandantes das tropas alegaram durante boa parte dos anos entre 1645 e 1654 que a falta de munições, de artilheiros e de peças de artilharia os impediram de realizar uma ofensiva de longa extensão contra o Recife. Foram variados os pedidos de munição de grosso calibre para bater as estruturas defensivas da Companhia. Empreender um cerco ao amplo sistema de defesa montado pela WIC exigia das tropas luso-brasileiras enormes quantidades de peças de artilharia e munições. Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Administração Central de Lisboa (ACL), Conselho Ultramarino (CU), Capitania de Pernambuco 015, Caixa 5, doc. 364, 28/10/1647; AHU_ACL_CU, Capitania de Pernambuco 015, Caixa. 5, doc. 368, 31/01/1648. Nos últimos dias antes do assalto ao Recife, o mestre de campo e general Francisco Barreto de Menezes tomou a medida radical de fazer apertadas diligências por todos os navios da armada do general Pedro Jacques Magalhães para saber se por “*acaso ia algum capitão ou soldado que entendesse de fortificações, por quanto, o não tinha no exército, nem se poderia intentar a facção* [de atacar o Recife], *sem pessoas que soubessem assentar uma bateria*”. Na frota, que não levava engenheiros para servir naquela campanha, foi encontrado um engenheiro francês chamado Pedro Garcim que estava a caminho de São Paulo e que prontamente atendeu à solicitação de Barreto para atuar no cerco ao Recife. AHU_ACL_CU, Capitania de Pernambuco 015, Caixa 6, doc. 476, 09/05/1654; ‘Relação de Francisco de Brito Freyre (Recife, 29 de janeiro de 1654)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 103.

entre o pessoal da Companhia estava baixo.¹²¹³ Isso fica mais evidente com pequenos episódios como o motim do navio *Brazil*,¹²¹⁴ as primeiras deserções de soldados – por sua vez atizadas por cartas do inimigo –,¹²¹⁵ por boatos que circulavam nas ruas,¹²¹⁶ além das usuais dificuldades em prover a tropa. Os homens queixavam-se da falta do vestuário, da intensa jornada de trabalho e em outras praças faltava comida, dinheiro e apetrechos bélicos.¹²¹⁷

Após a queda do forte das *Salinas*, primeira fortificação atacada no dia 16 de janeiro de 1654, o moral das guarnições do Recife deteriorou-se com ainda mais velocidade. Entre os membros do governo, já se discutia quais eram as medidas a ser tomadas para evitar que a situação desesperadora acabasse resultando na queda total da praça.¹²¹⁸ Soldados no forte *Goch*, no istmo, declararam não poder mais guardar o forte, pedindo para serem dispensados por terem sido, desde a chegada da frota portuguesa, postos para trabalhar sem descanso. O comandante da fortificação, o tenente-coronel Willem van de Wal, expunha oralmente ao governo que sua gente estava intimidada pela força inimiga.¹²¹⁹ No forte *Bruijn*, membros do governo declararam que os soldados demonstravam “muita desobediência e licenciosidade”, “reclamando de diferentes coisas” e “vociferando descaradamente propostas sediciosas”. Previam-se “grandes desgraças” se nada fosse feito a respeito.¹²²⁰

O ataque seguinte foi direcionado ao forte *Altena*, cujo comandante, o sargento-mor Willem ter Berghe, manteve contínua comunicação com o governo dos dias 17 a 19 de janeiro. Nesse curto espaço de tempo, Ter Berghe pediu reforços – sobretudo tropas frescas, pois seus homens estavam escaramuçando sem trégua –, informou sobre o progresso do inimigo e no final da tarde do dia 19, enviou uma carta com a requisição de balas de mosquete e piques – sinal de que ele esperava um assalto a sua fortaleza em pouco tempo –, além de avisar da existência de uma “grande animosidade” (*de groote animeusiteijt*) entre os militares do forte.¹²²¹ Sua observação

¹²¹³ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 27-12-1653.

¹²¹⁴ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 25-12-1653, DN 27-12-1653.

¹²¹⁵ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 27-12-1653, DN 29-12-1653, DN 31-12-1653.

¹²¹⁶ Boatos que corriam nas ruas (*de geruchten alhier lange de strate trotteren*) davam conta de que os fortes *Altena* e *Salinas* estavam minados e que em breve seriam explodidos pelo inimigo. O rumor sem dúvida tinha relação com a movimentação dos inimigos nas proximidades dos fortes nos dias que antecederam o início do ataque, no dia 16. No dia 9 de janeiro de 1654, tropas inimigas foram avistadas nas imediações do *Altena*. Estavam tão perto que foram feitos disparos de canhões contra elas. No dia 13, foram procurados sinais de trabalhos inimigos próximos às fortificações, mas nada foi encontrado, a não ser uma sentinela que conseguiu escapar. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 09-01-1654, DN 13-01-1654.

¹²¹⁷ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 09-12-1653, DN 19-12-1653, DN 22-12-1653, DN 25-12-1653, DN 27-12-1653, DN 01-01-1654, DN 05-01-1654, DN 06-01-1654, DN 13-01-1654, DN 14-01-1654, DN 15-01-1654, DN 16-01-1654, DN 17-01-1654, DN 18-01-1654, DN 19-01-1654.

¹²¹⁸ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 16-01-1654.

¹²¹⁹ Idem. Esperava-se que o *Goch* fosse o primeiro ponto a ser atacado. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 29-12-1653.

¹²²⁰ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 16-01-1654.

¹²²¹ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 19-01-1654. No dia 18, 38 homens chegaram como reforço ao forte, de um total de 50 enviados. O restante morreu na tentativa de adentrar na fortificação, pois

mostrou-se verdadeira quando, à noite, cinco barcos de particulares, que levavam reforços em gente e apetrechos, avistaram no forte uma bandeira branca. A confirmação da rendição veio depois, com a chegada à cidade de 12 indígenas e 6 “soldados brancos” que serviam na fortificação. Segundo eles, os soldados do *Altena* apontaram suas armas contra o sargento-mor Willem ter Berghe e o capitão Carel Frederick van Gladis dizendo que não queriam mais lutar e que iriam entregar o forte ao inimigo. No começo da madrugada do dia 20, a despeito da tentativa de negociação de Ter Berghe, um dos soldados pulou da muralha do forte, retirou sua camisa e a balançou para negociar a entrega do forte ao inimigo. Um alferes, evadido posteriormente do forte, confirmou a versão dos primeiros fugitivos.¹²²² Surgiram ainda nesses testemunhos os nomes de dois militares: Herman van Hall, um “*lantpassael*” (*lanspassaat*, ou anspeçada) oriundo da Província de Utrecht (*Het Sticht*) e recrutado em Amsterdã e Jan Wolff, um cadete de Lübeck igualmente recrutado em Amsterdã. Eles foram apontados como os principais autores do motim. As testemunhas também mencionaram que as tentativas do sargento-mor Ter Berghe de conter seus homens fracassaram quando foram avistadas das muralhas do *Altena* as pontas dos piques dos inimigos nas trincheiras, indicativo de que eles iriam assaltar a fortificação naquela noite, “o que eles não queriam esperar”.¹²²³

Mas o motim não parece ter sido apenas uma ação de impulso. Antes do primeiro dia do ataque, um soldado de nome Philips Jansen recebeu do governo 13 florins provavelmente por denunciar a conspiração feita entre a tropa do forte. A ata do governo não foi clara a respeito do depoimento do soldado e apenas registrou que ele lhes informou da existência de “algumas inquietações” (*eenigen onraet*) que corriam no forte.¹²²⁴ Apesar da denúncia, nenhuma das informações trocadas pelo comandante Ter Berghe e o governo indicou a existência de uma

os entrincheiramentos inimigos aproximavam-se cada vez mais da muralha do forte. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 18-01-1654.

¹²²² Posteriormente, o alferes, de nome Christiaen Polman, foi interrogado em Haia a respeito de quais eram as condições de abastecimento do forte. As razões do motim ainda não tinham sido esclarecidas. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, *Criminele papieren*, fol. 50v, s/d.

¹²²³ Uma declaração e uma carta datadas, respectivamente, dos dias 20 e 21 de janeiro, foram entregues pelos luso-brasileiros, no dia 23, ao capitão Wouter Falloo, um dos negociadores da capitulação. Assinadas por Willem Ter Berghe e outros oficiais do forte *Altena*, informavam ao governo que no dia 19 de janeiro os soldados – “em grande número” – se amotinaram e entregaram o forte ao inimigo, pilhando ainda seus oficiais. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 19-01-1654, DN 23-01-1654; Na ‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife’, de Francisco Barreto de Menezes, consta ainda que os amotinados obrigaram os oficiais a negociar um acordo com eles. Um ajudante, chamado Van Hagen [sic] – talvez o “*lantpassael*” Herman van Hall, apontado como um dos principais amotinados na lista de março de 1655 – foi enviado com o título de capitão para tratar da capitulação. Aos homens foi permitido sair do forte com suas armas e bagagens e lhes foi ainda autorizado vendê-las, o que eles fizeram a particulares e ao Provedor da Fazenda Real, recebendo “*dinheiro de contado*” e a promessa de passagem e sustento para Portugal. Saíram do forte 185 homens. Menezes menciona ainda a fuga, antes da capitulação, de “*dez índios*” e de um alferes, o último “*por se querer mostrar mais fino no serviço da Companhia*”. De acordo com Menezes, ele foi ferido dois dias depois no ataque ao reduto *Amélia*. Foram mortos 30 homens e feridos 20. ‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, pp. 113-114. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12564.43, 02-03-1655.

¹²²⁴ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 18-01-1654.

conspiração da tropa ou mencionou alguma providência tomada para punir os possíveis conspiradores. Até mesmo esperava-se que o forte pudesse resistir por mais 4 ou 5 dias.¹²²⁵ A lista de março de 1655 e os testemunhos dos fugitivos ajudam a confirmar a existência da conspiração denunciada por Philips Jansen. Em sua maioria, essa gente chegou ao Brasil no mesmo navio e quiçá serviu junta por longos anos. As razões do motim, além das mencionadas diretamente pelas testemunhas, parecem ainda mais evidentes quando se observa que quase todos participantes listados, incluindo os “principais”, estavam no Brasil há muito tempo, conforme referido anteriormente. Portanto, além de se conhecerem, algo importante para o planejamento de um motim, eles deviam estar bastante insatisfeitos com os longos anos de negligência e maus tratos, com a ração por vezes diminuta e de qualidade duvidosa e com os trabalhos extenuantes. O cerco ao Recife, os combates que cada vez mais ameaçavam suas vidas, a boataria e as cartas dos inimigos prometendo-lhes vantagens pecuniárias e passagem livre, somadas ao conjunto de velhas insatisfações, serviram de estopim para a rebelião e entrega da fortificação, cuja gestação já ocupava suas mentes.

O clima que já estava muito ruim no Recife e em Antônio Vaz ficou mais tenso e os homens do forte *Bruijn* também começaram a se agitar, temendo-se inclusive que eles agissem da mesma maneira que os do *Altena*. Notícias de ameaças proferidas pelas tropas chegaram aos ouvidos dos membros do governo através da população. Militares declaravam abertamente que não iriam lutar e que pretendiam saquear os civis.¹²²⁶ Tentou-se dar algum contentamento aos militares, mas era tarde. Mesmo com uma resistência inicial, que resultou em ásperos combates no reduto *Amalia* e no forte *Frederick Hendrick*, o governo, sem contar com o apoio integral da tropa e almejando obter melhores termos com o inimigo, resolveu entrar em negociações.¹²²⁷ O motim no forte *Altena* não foi o único motivo da rendição, mas é impossível não dar certa razão ao frei Raphael de Jesus quando ele afirmou que “*com a perda desta praça se acendéraõ no Arrecife as desconfianças, q ardião entre o povo, soldados, & officiaes da milicia, & do governo*”.¹²²⁸

¹²²⁵ Opinião do tenente-general Sigismund von Schoppe emitida algumas horas antes do envio da carta de Ter Berghe informando a respeito da “grande animosidade” entre os homens. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 19-01-1654.

¹²²⁶ NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 20-01-1654, DN 22-01-1654, DN 23-01-1654. NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, *Criminele papieren*, 07-07-1654.

¹²²⁷ Embora não cite o episódio do *Altena*, Boxer alude que o efeito moral dos ataques feitos pelos luso-brasileiros sobre a já desencorajada soldadesca tinha sido muito forte, não havendo qualquer disposição deles para a resistência. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 338-339; Sobre os combates ver as relações escritas pelos comandantes portugueses e a ata do dia 22 de janeiro. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 22-01-1654.

¹²²⁸ Jesus, Raphael de. *Castrito Lusitano*, p. 679.

Conclusão

Nos últimos dias da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, ficou claro que ela acabou pagando um preço elevado por sua incapacidade em prover adequadamente a tropa.¹²²⁹ Essa inépcia em alimentar e pagar teve efeito direto no comportamento dos militares. Todavia, é de se estranhar que os problemas de abastecimento acumulados ao longo dos anos não tenham levado os soldados a fazer um motim geral ou rebeliões com uma frequência muito maior. Isso talvez tenha vínculo com alguns fatores, a exemplo da retenção de parte substancial dos soldos dos militares até o término do contrato,¹²³⁰ das severas punições aplicadas aos infratores e, o mais importante, porque era mais seguro para esses homens pressionar o governo e tomar atitudes apenas ameaçadoras ao invés de desertar ou se amotinar. Normalmente, se negligencia que a ameaça de um motim pode frequentemente produzir efeitos similares aos de uma revolta efetivamente levantada, isto é, ambos podiam chamar a atenção para os problemas dos militares e obter concessões de superiores e governantes.¹²³¹ Por isso ocorreram tantas negociações entre a tropa e os membros do governo e oficiais da WIC.

Para contentar seus homens e diminuir a insatisfação geral no exército, o governador Diederick van Waerdenburgh fez, em 1631, o pagamento de pequenas quantias em dinheiro e a distribuição de peças de vestuário à tropa. Para não provocar um motim, os delegados da Companhia Matthias van Ceulen e Johan Gijsselingh permitiram, mesmo com a falta de pessoal e contra ordens superiores, o retorno de 500 homens em 1634. Para evitar a paralisação na frente de batalha ao Sul de Pernambuco, os membros do Conselho Político emitiram ordens de compra de comida em 1636. Para frear as deserções e por medo de um motim geral, foram cunhadas moedas em 1645 e 1646 e para sustar uma rebelião geral foi feito o pagamento, mesmo com o esvaziamento do caixa, de um mês de salário a todos os militares da WIC em 1648. Todas essas medidas demonstram que a WIC negociava com sua tropa e tomava decisões levando em consideração seu nível de disciplina. Por outro lado, as negociações mostram o quanto os governantes da Companhia no Brasil conseguiram segurar e manter as tropas em ação mesmo quando elas estavam no limite de operação. Desta feita, o diálogo entre comandantes e comandados mostrou-se tão importante quanto as rigorosas leis utilizadas para manter os homens disciplinados e em atividade.

¹²²⁹ Sobre os problemas de abastecimento, ver o terceiro capítulo.

¹²³⁰ A detenção de parte do salário até o fim de contrato, como uma forma de precaução contra a deserção, era um tirocínio também feito nos escritórios da VOC. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, p. 180; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 201.

¹²³¹ Hathaway, Jane. 'Introduction'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention*, xvi.

É importante ainda reafirmar que essa gente não desertou ou se amotinou por causa de um mau comportamento inato a sua natureza, conforme apontaram Herman Wätjen e Charles Boxer.¹²³² Mesmo que ambos os autores tenham também associado desordens a problemas de abastecimento, eles se esqueceram de algo fundamental mencionado por Johan Maurits van Nassau-Siegen em suas recomendações ao novo governo: seria difícil impedir as indisciplinas dos soldados se eles fossem providos inadequadamente.¹²³³ Isso remete ao simples fato de que não havia leis ou comandantes, independentemente do quão rigorosos fossem, capazes de manter as tropas disciplinadas se elas estivessem mal alimentadas, com pagamentos atrasados, obrigadas a permanecer no serviço com o contrato vencido e submetidas a árduas condições de trabalho, sem falar em fatores contribuintes como ideologia, maus tratos de oficiais e vantagens oferecidas pelos inimigos.

As dificuldades logísticas da WIC em prover seu pessoal foram decisivas para o fracasso de seu projeto no Brasil. Dos primeiros aos últimos anos de ocupação, a Companhia foi várias vezes atravancada pelas reações de seu exército à sua ineficácia. Essas respostas deram-se sob a forma de fugas e motins que diminuíram a capacidade operacional da tropa. Apesar da falta de números concretos para abordar a questão da evasão, sabe-se que elas influenciaram direta ou indiretamente nos resultados de combates como os ocorridos nos montes Guararapes em 1648 e 1649. Fugas também retiraram muitos homens do exército nos anos iniciais de guerra e durante o período de revolta dos moradores, e motins foram responsáveis ainda pela perda de importantes posições no território, a exemplo das fortificações do Sul de Pernambuco no ano de 1645. A indisciplina da tropa também acarretou o aumento da indisposição dos moradores para com a Companhia, o que se refletiu, em parte, na falta de apoio local para a manutenção da conquista.

Apesar dos danos causados à Companhia por indisciplinas de militares, historiadores como Herman Wätjen, José Antônio Gonsalves de Mello e Charles Boxer deram pouca ou quase nenhuma atenção ao assunto. Mesmo quando descreveram algumas destas ações, eles não as mostraram como procedimentos legítimos de negociação das tropas com as autoridades instituídas. Ocorridos ao longo dos anos, deserções, motins ou simples ameaças de revolta foram importantes fatores para o insucesso da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Não foi por acaso que a indisciplina da soldadesca figurou entre as razões centrais apontadas pelos oficiais do exército para a assinatura da rendição em 1654.¹²³⁴ Todavia, a grande insatisfação acumulada pela

¹²³² Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 149-150; Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 101-102, 181; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, p. 69.

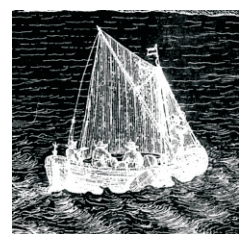
¹²³³ 'Documento 7. Memória e Instrução de João Maurício, Conde de Nassau, acerca do seu governo do Brasil (1644)'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista*, pp. 396-397.

¹²³⁴ NL-HaNA_Hof van Holland, 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, *Criminele papieren*, 07-07-1654. Fato este mencionado por Charles Boxer em *Os Holandeses no Brasil*. Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, pp. 337-338.

tropa não feneceria com a capitulação. Após padecer “muitos anos de fome, miséria e desgosto” e derramar “sangue e suor” no Brasil, seria a vez de os militares fazerem suas reivindicações nas Províncias Unidas.¹²³⁵

¹²³⁵ “[...] davor wir so viel Jahren nicht allein Hunger, Elend und Kommer auß gestanden, sondern auch Schweiß und Blut davor gelaßen” Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, p. 120.

Epílogo e considerações gerais



Ao mesmo tempo em que o governo entrava em acordo com os luso-brasileiros, em parte por causa das atitudes ameaçadoras de sua própria tropa, uma série de tumultos ocorria em outras praças afastadas de Recife e Antônio Vaz. Em Itamaracá, falsas notícias espalhadas pelo então tenente-coronel do forte *Frederick Hendrick*, Nicolaes Clasen – que fugiu do Recife no dia 25 de janeiro em uma jangada por temer ser apanhado pelos portugueses –, causaram ainda mais pânico e confusão nas tropas da WIC estacionadas em Itamaracá, Paraíba e Rio Grande.¹²³⁶ Na primeira localidade, os moradores reuniram seus escravos e partiram para as Índias Ocidentais com as embarcações disponíveis, sendo antes atacados e roubados pelos soldados da guarnição, que já estavam amotinados antes mesmo da chegada de Clasen. Segundo José Antônio Gonsalves de Mello, esses homens, em número superior a 300, foram posteriormente transportados para Olinda e despachados para a Europa em embarcações portuguesas por temor de suas atitudes insubordinadas.¹²³⁷

A jornada de Clasen, junto então com os moradores fugidos da ilha de Itamaracá, continuou em direção à Paraíba. Lá, todos abandonaram a guarnição, incluindo o comandante, o coronel Guillaume de Hauthain, aparentemente coagido a deixar o lugar pelos seus próprios soldados.¹²³⁸ Eram quatro iates e treze barcos, além do navio da Companhia das Índias Orientais *Westfriesland*, ancorado na Paraíba desde 1653 por conta de um motim de sua tripulação e da falta de mantimentos durante o percurso para Batávia.¹²³⁹ A informação da capitulação chegou ao Rio Grande causando alarme e tumulto na guarnição, que fugiu antes de ser oficialmente rendida. Era no Rio Grande que se encontrava Peter Hansen quando um barco trouxe a notícia da queda do Recife. De uma caravela da WIC, de nome *Vlissingen*, arribada à noite, confirmou-se a história.

¹²³⁶ A história de Clasen está bem detalhada no livro de Gonsalves de Mello, *A Rendição dos Holandeses*. Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979, pp. 21-22. Ver também: NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 22-01-1654, DN 23-01-1654, DN 25-01-1654.

¹²³⁷ No dia 22, eles “se apossaram” de seu comandante, Willem van Lobbrecht, exigindo dele todos os salários atrasados – mais de 6 mil florins, segundo Daniel Bomel, comissário na ilha. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 24-01-1654. Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 22. Ver também: *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael van ‘t schandelijck over-geven ende verlaten vande voornaemste Conquesten van Brasil, onder de Regieringe vande Heeren Wouter van Schonenburgh, President. Hendrick Haecx, Hooghen Raedt. ende Sigismondus van Schoppe, Luytenant Generael over de Militie, 1654*. Tot Middelburgh, ghedruckt by Thomas Dircksz. van Brouwershaven. Anno 1655; ‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife, recuperação das Capitânicas de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ceará e Ilha de Fernando de Noronha, por Francisco Barreto Mestre de campo general do Estado do Brasil & Governador de Pernambuco. Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 117.

¹²³⁸ Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 22; *Kort, bondigh ende waerachtigh verhael*; ‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 117; A julgar pelo comportamento anterior, segundo uma ata do governo datada de 24 de janeiro, os militares na Paraíba realmente tomaram controle da situação. Eles já demonstravam “insolência”, haviam se apoderado de uma pipa de vinho e ameaçavam pilhar os moradores. NL-HaNA_Hof van Holland 3.03.01.01, inv. nr. 5252.22, DN 24-01-1654.

¹²³⁹ Vermeulen, A. C. J. “Onrust ende wederspanningheyt”; vijf muiterijen in de zeventiende eeuw’. In Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij. Oproer en berechting op schepen van de VOC*. Haarlem: De Boer Maritiem, 1980, pp. 31-34.

Dos canhões do forte *Cenlen* foram dadas salvas para chamar todas as pessoas que ainda estavam no interior a se reunirem no forte e se prepararem para o retorno.¹²⁴⁰ Para evitar problemas, uma guarda foi deixada na embarcação de forma a impedir que ela fosse invadida e tomada, deixando os militares para trás, tal qual sucedeu dias antes em Itamaracá. No forte, os soldados, liderados por um tenente francês, iniciaram um motim. Parece que temiam ser abandonados. As instalações da fortificação foram arrombadas, os homens atacaram o armazém de víveres, embebedaram-se com o vinho guardado e deixaram de acatar quaisquer ordens superiores. Foi nesse estado de confusão que a embarcação, abarrotada de gente, fez vela para seguir à Europa, passando antes pelo Caribe.¹²⁴¹

Os que ficaram no Recife, em Antônio Vaz e em Itamaracá voltaram à Europa em embarcações diversas, incluindo navios portugueses. Além dos civis, havia cerca de 1.100 militares, sem contar com a gente da guarnição do Ceará.¹²⁴² É difícil precisar quantos ficaram no Brasil. Parte dos que participaram da entrega do Cabo de Santo Agostinho e outros rendidos após a rebelião dos moradores foram embarcados para a Europa quando os rebeldes desconfiaram de sua fidelidade e o mesmo destino tiveram os rendidos no forte das *Salinas*, no reduto *Amalia* e os amotinados no forte *Altena*.¹²⁴³ Gonsalves de Mello menciona que veio a ser grande o número de gente que ficou no Brasil após a rendição, incluindo alguns casais de ingleses e neerlandeses que permaneceram em Pernambuco. É difícil, todavia, saber se eram militares.¹²⁴⁴

Os embarcados na caravela *Vlissingen* no Rio Grande chegaram à Província da Zelândia em fins de julho de 1654 após uma extenuante e tensa viagem. Conflitos entre marujos e militares, a falta de provisões e problemas com a embarcação estavam entre as dificuldades enfrentadas pelos retirantes.¹²⁴⁵ Essa gente iniciaria uma jornada às câmaras da Companhia das Índias Ocidentais para ajustar suas contas-salários e receber os vencimentos pelos longos anos de serviço prestado. Ao menos era isso o que eles esperavam. Após passar a noite em Vlissingen, os homens provenientes do Rio Grande rumaram para Midelburgo, onde receberam da câmara da

¹²⁴⁰ Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup'. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, D. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, p. 103.

¹²⁴¹ Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup', pp. 104-108.

¹²⁴² Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, pp. 20, 37-38.

¹²⁴³ Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*, pp. 145-148; 'Diário de Matheus van den Broeck'. In *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Tomo XL, 1877; 'Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife', p. 119; 'Relação de Francisco de Brito Freyre (Recife, 29 de janeiro de 1654)'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 106; 'Breve Relação dos Últimos Sucessos da Guerra do Brasil, restituição da cidade Maurícia, Fortalezas do Recife de Pernambuco & mais praças que os Holandeses ocuparam naquele Estado. Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1654'. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*, p. 127.

¹²⁴⁴ Eles estavam amparados por uma das cláusulas do tratado de rendição que lhes permitia residir no Brasil "debaixo da obediência das armas portuguesas". Ibidem, pp. 43-44.

¹²⁴⁵ O percurso não foi direto. Foram feitas paradas em Santa Lúcia, Martinica, Dominica, Guadalupe, São Cristóvão e Santo Eustáquio. Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup', pp. 109-111, 117-118.

WIC daquela cidade um mês de soldo para viajar à Haia. A viagem à Corte durou alguns dias e já no começo de agosto eles encontraram muitos outros militares provenientes do Brasil que esperavam receber seus vencimentos pendentes. Os primeiros impasses começaram a surgir quando cerca de 300 pessoas foram informadas de que deviam retornar às suas câmaras de origem para obter o pagamento. A “grande discórdia” existente entre os militares e a guarda do Príncipe acabou resultando em briga, na qual alguns dos seguranças da Corte foram jogados no canal. Em decorrência da ação, foi decretado que nenhum “soldado do Brasil” (*Brassilische Soldat*) andasse armado na rua, sob ameaça de castigo corporal.¹²⁴⁶ Mais gente engrossou a fileira de ex-militares do Brasil, inclusive oficiais de baixa patente. No ápice da confusão, eles se recusaram a depor armas até receber os soldos. A animosidade desses quase 400 homens fez com que um coronel dos Estados Gerais fosse enviado para conversar com eles e lhes prometer o pagamento de dois meses de salário, de maneira que os ex-militares da WIC pudessem viajar para a câmara onde foram recrutados e obter aquilo que lhes era devido.¹²⁴⁷

Nesse jogo de vai-e-vem, Hansen seguiu para Amsterdã com muitos ex-militares, local onde assinou e legalizou sua conta com a Companhia e seguiu novamente para Haia, sem ter recebido mais do que os dois meses de salário – 28 florins – e o mês de soldo extra em Middelburgo. Passados vários dias sem obter nada, ele resolveu seguir para casa, onde chegou em fins de setembro de 1654.¹²⁴⁸ A Companhia estava falida e deixou seus homens e até mesmo fornecedores desamparados.¹²⁴⁹

Em fins de julho de 1654, o cadete Mathijs Cuijper, de Roermond, Países Baixos Espanhóis, antes de partir para Luik (Liège), na Valônia, deixou uma autorização escrita com seu ex-patrão, o tanoeiro Teunis Jansz. Pijl. O ex-militar da WIC autorizava Pijl a extrair o dinheiro de sua conta caso ele viesse a falecer. Cuijper tinha 225 florins para receber dos “Estados Gerais e Estados da Holanda e Frísia Ocidental” pelo seu serviço como militar no Brasil. Ele deixou como prova para Pijl um papel datado de 27 de janeiro de 1654 assinado pelo presidente do Alto

¹²⁴⁶ Os guardas da Corte foram insultados de *Maur Schiesser* antes de serem jogados no canal pela turba. “*Maur Schiesser*” ou *Mauerscheisser* era um termo pejorativo austríaco ou “alemão” utilizado para tropas de guarnição. Parece ser proveniente de um episódio ocorrido na cidade de Forchheim, na Bavária, durante a Guerra dos Trinta Anos, quando a guarnição defecou nos muros da cidade durante um cerco para demonstrar que ainda tinha muito o que comer. Duffy, Christopher. *Fire and Stone: The Science of Fortress Warfare, 1660-1860*. London: Greenhill Books, 1996, p. 97; Nolan, Cathal J. *Wars of the age of Louis XIV, 1650-1715. An Encyclopedia of Global Warfare and Civilization*. Westport: Greenwood Press, 2008, p. 286. Hansen, Peter. ‘Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup’, pp. 119-120.

¹²⁴⁷ Ibidem, p. 120.

¹²⁴⁸ Ibidem, pp. 120-122.

¹²⁴⁹ A WIC estava tão quebrada que mal tinha meios de equipar navios para comercializar na África Ocidental, a única área que ainda gerava lucros. Heijer, Henk den. ‘The Dutch West India Company’. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1595-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 97-100.

Governo, Walter van Schonenburgh, e um passaporte emitido por um sargento-mor de um regimento de infantaria do Recife.¹²⁵⁰

Outros ex-militares da WIC foram deixando vestígios de suas viagens ao Brasil em notários de cidades neerlandesas. Eram declarações como a de Mathijs Cuijper, impossibilitado de aguardar pelo recebimento de seus soldos. Em março de 1655, o ex-cadete Pierre Martin deixou uma procuração com Laurens Laleman – soldado de uma guarnição de Roterdã – que o autorizava a retirar 270 florins de saldo de sua conta na WIC. Laleman e sua esposa, Madalena Belangh, proveram o ex-militar da WIC com comida, moradia e roupas.¹²⁵¹ O casal devia ser proprietário ou administrar uma hospedaria – quiçá agissem como recrutadores –, pois também recebeu, em fins de maio de 1655, uma autorização no valor de 200 florins para sacar o crédito da conta do ex-soldado da WIC no Brasil, um francês chamado Guilliam Vallans. Ele também lhes devia por ter recebido comida, moradia e roupas.¹²⁵²

Oficiais e comerciantes também tiveram perdas. A viúva do capitão Willem van Coulster tinha, em junho de 1655, mais de 3.300 florins para receber dos escritórios da Companhia em Delft, Roterdã e Dordrecht. Seu esposo havia fornecido virtualhas e equipamentos para as frotas de socorro ao Brasil após a rebelião dos moradores.¹²⁵³ No arquivo dos Estados Gerais aparecem mais provas do calote dado pela WIC em soldados, oficiais, viúvas de militares e fornecedores de mercadorias. A lista de gente que ficou no prejuízo é grande.¹²⁵⁴ Em um desses arrolamentos, datado de maio de 1655, Anthonij de la Porte, representante da milícia que serviu

¹²⁵⁰ Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA), inv. nr. 230, 161/265, 30-07-1654: “*Mathijs Cuijper van Roermont, gewesen soldaet en adelborst, machtigt Teunis Jansz Pijl, cuijper, wonend in de Pannecouckstraet om bij de Staten-Generael en de Staten van Holland en Westvrieslant 225 gulden te innen, die hij nog tegoed heeft van de gage die hij als soldaet en adelborst verdiend heeft in 't Reciff, blijkens een stuk van 27-01-1654, getekend door president Schouwenburch en coopman Henrick Reijnbach, en zijn paspoort van die datum, getekend door Martyn Hertsberger, sergeant major van een regiment infanterije op het Reciff. Cuijper vertrekt nu naar Luyck en als hij overlijdt eer hij weer hier is, schenkt hij het geld of de hier gepresenteerde rekening aan Symon en Cornelis Teunis, de zoontjes van Teunis Jansz Pijl, zijn gewezen baas*”. O nome do *adelborst* Cuijper está registrado no livro de pagamento de 1655. Em todos os anos de serviço, ele acumulou um valor de 958 florins e 15 *stuivers*, dos quais foram abatidos 715 florins e 6 *stuivers*, sobrando 243 florins e 9 *stuivers*, um valor muito aproximado do cálculo que lhe foi entregue no Recife em janeiro de 1654. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

¹²⁵¹ GAR, ONA, inv. nr. 230, 247/408. 16-03-1655: “*Pierre Martin, van Condebeecq, gewezen adelborst, draagt aan Laurens Laleman, soldaet onder de Compagnie van collonel de Strade van het garnizoen alhier, de 270 gulden over die hij nog tegoed heeft als gage van de Staten-Generael van zijn dienst als adelborst in Brasil. Hij machtigt Laurens Laleman en zijn vrouw Maddelena Belangh om dit te innen, voor de genoten kost, inwoning en kleding*”. Contratado pela câmara de Amsterdã, o *adelborst* venceu 1.072 florins e 10 *stuivers*, sendo descontados de sua conta 793 florins e 2 *stuivers*. A WIC ainda lhe devia 279 florins e 8 *stuivers*. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

¹²⁵² GAR, ONA, inv. nr. 230, 273/452, 24-05-1655: “*Guilliam Vallans van Champagne, soldaet, bekent 200 gulden schuldig te zijn aan Laurens Laleman, soldaet, voor kost en inwoning en kleding. Hij machtigt Laleman en diens vrouw Maddelena Belangh om dit bedrag te innen bij de Westindische Compagnie, waar hij dit bedrag tegoed heeft uit zijn dienst als soldaet in Brasil, volgens zijn afscheid in Amsterdam 12-05-1655*”. O francês, recrutado em Amsterdã, ainda tinha 227 florins e 3 *stuivers* para receber da WIC. Ele acumulou 956 florins e 11 *stuivers* de salários, dos quais foram abatidos 729 florins e 8 *stuivers*. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

¹²⁵³ GAR, ONA, inv. nr. 375, 270/514, 21-06-1655.

¹²⁵⁴ NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 3, 25-05-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 9, 28-03-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, docs. 11-21; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, doc. 21, 04-05-1655; NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, docs. 22-23.

no Brasil (*Solleciteur van Militie in Brazil*), registra uma pendência da WIC de quase 35.000 florins com oficiais recrutados pelas câmaras de Amsterdã, Zelândia e Groningen (*Stad en Lande*), a sua maioria capitães e tenentes.¹²⁵⁵

Como referido anteriormente, em março de 1656, Peter Hansen tentou mais uma vez reaver o que a Companhia das Índias Ocidentais lhe devia, embora não tenha obtido qualquer sucesso. Além dele, outras pessoas tentaram posteriormente recuperar seu dinheiro na WIC. Certo Jeronimus van der Linde, autorizado pelo ex-soldado Jaques Coutau, de Douai, a sacar dinheiro de sua conta, repassou a procuração a Joris van Eeckeren, de Haia, em junho de 1656. Eram 103 florins remanescentes de soldo a ser obtido na “câmara de Dordrecht” (Maas).¹²⁵⁶ Em novembro de 1656, Jacob Bogee, um ex-sargento escocês da WIC com serviços em Angola e no Brasil, deixou – antes de partir para as Índias Orientais –, uma procuração com sua esposa Elisabeth Treyll, com quem casou em Tobago, de maneira que ela pudesse requerer na Companhia os vencimentos dos anos de serviço do marido em Angola. Bogee tinha uma longa folha de serviço na Companhia das Índias Ocidentais antes de mudar de patrão. Um testemunho seu feito em Amsterdã em setembro de 1645, quando ainda era cabo, mostra que ele integrou a expedição do almirante Jan Cornelissen Lichthart que conquistou o Maranhão em 1641. Ele também passou algum tempo no Recife.¹²⁵⁷

A história de Jacob Bogee assemelha-se com a de muitos outros militares da WIC em momentos anteriores e posteriores à rendição em 1654. Alguns deles renovaram seus contratos seguidamente no Brasil. Outros escolheram entrar a serviço da VOC, principalmente quando sua congênere no Oeste passou a ter má fama, após o não pagamento dos que chegaram em 1654.¹²⁵⁸

Havia ainda os que desistiam da vida militar e ficavam no Brasil ou partiam para casa, como fez Peter Hansen. Quem acompanhou a história desse filho de camponês de um pequeno lugarejo de Hajstrup, na atual Dinamarca, mal pode imaginar que após ter passado e causado tanto sofrimento no Brasil, ele tornou-se professor assistente em uma escola paroquial em Flensburg, onde trabalhou até o ano de 1672, data de seu falecimento.¹²⁵⁹ Hansen escapou de

¹²⁵⁵ NL-HaNA_SG 1.01.07 inv. nr. 12564.43, 27-05-1655.

¹²⁵⁶ GAR, ONA, inv. nr. 231, 120/211, 14-06-1656: “*Jeronimus van der Linde, gemachtigde van Jaques Coutau van Douway, draagt over aan Joris van Eeckeren te Den Hage 103 gulden, zijnde het restant van de gage die Jaques Coutau verdiend heeft in Brasil bij de Westindische Compagnie, kamer Dordrecht*?”. Coutau já havia falecido. Ou Van der Linde adquiriu sua conta no Brasil ou ele a obteve nos Países Baixos. Ele tinha 127 florins e 6 *stuivers* de saldo, de 328 florins e 18 *stuivers* recebidos e 201 florins e 12 *stuivers* descontados. NL-HaNA_SG 1.01.07, inv. nr. 12582.7, 1655.

¹²⁵⁷ Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 1291/161, 11-09-1645; SAA, NA, 1306/214, 15-11-1656.

¹²⁵⁸ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland’. In: Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, pp. 134-135.

¹²⁵⁹ Kraack, D. A. ‘Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)’. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996, p. 241.

tantos perigos quanto outros companheiros de faina, a exemplo de Ambrosius Richshoffer, Cuthbert Pudsey, Zacharias Wagener, Caspar Schmalkalden, Lorentz Simon e outros citados ao longo desta pesquisa. A mesma sorte não teve o jovem Stephan Carl Behaim, falecido no Recife em 1638, embora sua história e a de muitos outros que morreram, viveram e lutaram no Brasil tenha sido parcialmente reconstruída nesta pesquisa. Este trabalho intencionou fechar uma lacuna existente na historiografia do “Brasil Holandês”, a qual se olvidou daqueles que, entre os anos de 1630 e 1654, compuseram parte substancial ou majoritária da população da região ocupada e tiveram envolvimento direto na conquista, manutenção e declínio da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil.

O primeiro passo tomado para reconstruir a história dessa “gente de guerra” foi pesquisar a respeito da origem social e geográfica dos milhares de homens engajados como militares da WIC entre os anos de 1629 e 1653. Apesar de ser um tema espinhoso, haja vista a dificuldade de encontrar fontes diretas e a quase ausência de estudos na historiografia, foi possível saber, por exemplo, que a maior parte dos homens enviados ao Brasil era constituída de estrangeiros. Embora não seja uma surpresa que essa gente tenha majoritariamente nascido fora das fronteiras das Províncias Unidas, até então não foi feita qualquer estimativa da proporção de estrangeiros enviados e dos locais de procedência. Observou-se que de mais de 4 mil recrutados para compor o exército da Companhia citados em diferentes documentos datados dos anos entre 1632 e 1655 – amostragem razoável considerando que entre 1629 e 1651 foram remetidos ao Brasil um número mínimo de cerca de 26 mil homens para servir no exército –, 64% eram oriundos de terras fora da República. Era gente proveniente dos Estados Alemães (26,3%), dos Países Baixos Espanhóis (12%), da Inglaterra (9,8%), da França (6,7%), da Escandinávia (3,6%), da Escócia (3,3%) e de outras localidades (2,3%). Os recrutados nascidos na República das Províncias Unidas constituíam 36% do número total da amostragem, uma quantidade relativamente semelhante aos índices de estrangeiros e de homens locais empregados no exército da Companhia das Índias Orientais, nos séculos XVII e XVIII, conforme indicaram J. R. Bruijn e Jan Lucassen.¹²⁶⁰

Essas informações são mais apuradas do que as usualmente vinculadas na historiografia e diferem daquelas mencionadas pelos historiadores neerlandeses P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven – principalmente o último – a respeito do local de origem dos estrangeiros saídos das

¹²⁶⁰ Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma's Boekhuis, 1980, p. 24.

Províncias Unidas e empregados em funções distintas em diversas áreas do Atlântico entre 1600 e 1800.¹²⁶¹

A generalização sobre a procedência da soldadesca não se limitou à questão geográfica e também foi feita no que tange à origem social dos recrutados. Historiadores como Pieter Marinus Netscher, Herman Wätjen e Charles Ralph Boxer foram taxativos em mostrar os recrutados como miseráveis ou criminosos,¹²⁶² algo certamente influenciado pelas fontes consultadas e também usualmente especulado sobre os contratados da VOC, conforme expôs Roelof van Gelder no livro *Het Oost-Indisch avontuur*, cuja narrativa serviu de norteamento para o estudo dessa questão.¹²⁶³ Documentos da administração da WIC no Brasil, diários, cartas e registros de cartórios de cidades neerlandesas serviram para demonstrar o quão errônea é a noção de que apenas o refugio da sociedade aceitava o serviço de guerra. Certamente muitos foram forçados a migrar por causa de conflitos em suas regiões de origem e por conta da pobreza, mas parte dos recrutados também enxergava as Províncias Unidas como um local onde poderiam receber melhores salários e onde teriam mais chances de melhorar de vida. É natural que a Companhia das Índias Ocidentais, enquanto uma das maiores empregadoras do período, drenasse parte desse amplo fluxo de migrantes que se apinhavam nas ruas das principais cidades neerlandesas. Portanto, a “gente de guerra” enviada ao Brasil era proveniente desse heterogêneo grupo de homens que foram às áreas centrais do Oeste das Províncias Unidas entre os anos de 1600 e 1800 com o objetivo principal de residir, trabalhar temporariamente ou servir em suas tropas, navios e colônias.

Muitas pessoas com o conhecimento de um ofício e sem experiência militar se alistaram no exército da Companhia. Estudos feitos por Fritz Redlich, Roelof van Gelder, Michael McConnell e outros autores – cada um pesquisando um exército estacionado em um lugar diferente no globo –, demonstram que as tropas européias dos séculos XVII e XVIII normalmente tinham na base de suas fileiras camponeses, carpinteiros, ferreiros, pedreiros,

¹²⁶¹ Segundo esses historiadores, os migrantes eram provenientes majoritariamente dos Estados Alemães e da Escandinávia. Eles deveriam ter feito ressalvas aos componentes empregados nos exércitos e frotas do século XVII. Emmer, P.C.; Klooster, W. ‘The Dutch Atlantic, 1600-1800: Expansion Without Empire’. In *Itinerario, European Journal of Overseas History*. Leiden: Grafaria, Vol. XXIII, nr. 2, 1999, p. 54; Enthoven, Victor. ‘Dutch crossings; Migration between the Netherlands and the New World, 1600-1800’. In *Atlantic Studies: Literary, Cultural and Historical Perspectives*. Vol. 2, Issue 2, 2005, pp. 161-162.

¹²⁶² Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [London, 1957] Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, pp. 101-102, 181; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 79; Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVIIe Siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 180; Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [Gotha, 1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, p. 380.

¹²⁶³ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, pp. 12-13.

tecelões, sapateiros, etc.¹²⁶⁴ Pesquisa em documentos da WIC, em diários de ex-militares e em declarações de notários de cidades da República apontam para um padrão semelhante no Brasil.

Ademais, as atividades desempenhadas pelos recrutados antes do ingresso no exército tiveram influência direta em sua saída da Companhia e em sua promoção social.¹²⁶⁵ Nas atas diárias do governo podem ser encontrados diversos exemplos de militares que passaram a exercer funções diferentes daquelas para as quais eles foram inicialmente contratados. Era gente que deixava o arriscado serviço de guerra para ingressar em funções civis da Companhia, para trabalhar como mecânicos, para entrar no serviço médico e até mesmo para servir na Igreja Reformada. Outros tornaram-se homens-livres e foram trabalhar por conta própria ou para particulares.¹²⁶⁶ Esses casos não devem ser vistos como exceções. Outro elemento corrobora para tal observação: a quantidade de ex-soldados que mudaram de função e voltaram a exercer sua profissão anterior no Brasil. Ela foi elevada o suficiente para que as opiniões sobre a origem social da tropa feitas por P. M. Netscher, Herman Wätjen, C. R. Boxer e Evaldo Cabral de Mello possam, no mínimo, ser repensadas.

Apesar de as evidências documentais colhidas não permitirem o estabelecimento de um perfil social preciso dos recrutados, é possível inferir que esses homens eram em sua maioria jovens e adultos estrangeiros, de faixa etária que variava entre 18 e 38 anos de idade e de religião protestante – conquanto o elemento católico tenha sido bem representado. Muitos podiam ter deixado para trás esposas e filhos, não constituindo um grupo eminentemente de jovens e solteiros, visão corrente na historiografia neerlandesa da VOC e do mundo naval.¹²⁶⁷

Para conhecer mais a respeito das pessoas enviadas ao Brasil e da força militar da Companhia, foi feito um estudo sobre o recrutamento, tema praticamente intocado pela historiografia da WIC. Além do artigo seminal escrito por Jaap Jacobs e das observações parciais

¹²⁶⁴ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 182; McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004, p. 60; Redlich, Fritz. ‘The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history’. Vol. 1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, pp. 456-459. Ver também: Black, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002, p. 13; Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, pp. 46-47; Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, pp. 85, 88.

¹²⁶⁵ Um bom contato também era muito útil para obter uma melhor colocação na Companhia. Às vezes, era melhor até mesmo do que ter experiência militar ou boa formação.

¹²⁶⁶ Às vezes, eles continuavam a prestar serviços para a Companhia, enquanto construtores, vivandeiros, fornecedores de madeira, etc. Era o exercício do “trabalho indireto”, mencionado por Rômulo Xavier em *O Desconforto da Governabilidade*. Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. *O Desconforto da Governabilidade: aspectos da administração no Brasil holandês (1630-1644)*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Universidade Federal Fluminense, 2008, pp. 106, 119.

¹²⁶⁷ Contestações a esse tipo de visão podem ser encontradas em: Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, pp. 12-13; Heijden, Manon van der; Heuvel, Danielle van den. ‘Sailors’ families and the urban institutional framework in early modern Holland’. In *The History of the Family*. Volume 12, Issue 4, 2007.

feitas por Charles Boxer e Marc van Alphen,¹²⁶⁸ as bases para o entendimento do processo de recrutamento de gente de guerra para a WIC vieram de estudos sobre a VOC, das pesquisas com enfoque nos exércitos europeus dos séculos XVI a XVIII e da documentação notarial disposta em arquivos das cidades de Amsterdã e Roterdã. Essa diversificação é justificada pelo caráter taciturno da documentação da Companhia a respeito do assunto.

O recrutamento nas Províncias Unidas era distinto daquele feito na Península Ibérica.¹²⁶⁹ Os homens não eram forçados a entrar no serviço de guerra e, em condições normais, eles alistavam-se voluntariamente e assinavam contratos com o tempo de emprego pré-determinado, o que gerava uma grande rotatividade de pessoal. Todavia, a Companhia desrespeitou várias vezes o contrato, o que obrigou muitas pessoas a passarem mais tempo em serviço do que o estipulado inicialmente. Isso teve reflexo direto na disciplina da tropa.

Valendo-se da autonomia garantida pelos Estados Gerais para recrutar “gente de guerra”, a Companhia das Índias Ocidentais empregou voluntários, pessoas aliciadas por recrutadores¹²⁷⁰ e soldados do exército da República cedidos por empréstimos pelos Estados Gerais. Os variados métodos de recrutamento empregados não estavam necessariamente relacionados a dificuldades para recrutar. Portanto, as queixas reiteradas feitas no Brasil sobre a falta de pessoal militar estavam muito atreladas a problemas financeiros da Companhia.¹²⁷¹ Certamente houve momentos de maior e menor oferta de pessoal e alguns anos foram

¹²⁶⁸ Jacobs, Jaap. ‘Soldaten van de Compagnie’; Boxer e Van Alphen trataram apenas de uma das formas de recrutamento de pessoal para as companhias de comércio neerlandesas. Alphen, Marc van. ‘The Female Side of Dutch Shipping: Financial Bonds of Seamen Ashore in the 17th and 18th Century’. In Bruijn, J. R.; Bruyns, W. F. J. (Eds.). *Anglo-Dutch Mercantile Marine Relations 1700-1850. Ten Papers*. Amsterdam/Leiden: Rijksmuseum ‘Nederlands Scheepvaartmuseum’ Amsterdam/Rijksuniversiteit Leiden, 1991; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, pp. 81-83; Embora trate da *Directie van Suriname*, Lohnstein é o único a falar das distintas formas de recrutamento empregadas pelas companhias de comércio neerlandesas. Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëteit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*. Velp: Scriptie Rijksuniversiteit Utrecht, 1984, pp. 64-78.

¹²⁶⁹ Costa, Fernando Dóres. ‘Milícia e Sociedade – Recrutamento’. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004; Sobre o recrutamento no Brasil, ver: Peregalli, Enrique. *Recrutamento militar no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1986; Possamai, Paulo César. ‘O recrutamento militar na América Portuguesa: O esforço conjunto para a defesa da Colônia do Sacramento (1735-1737)’. In *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, n. 151, 2004, pp. 151-180; Possamai, Paulo César. *O cotidiano da guerra: a vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2001, pp. 122-149; Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. *O miserável soldo & a boa ordem da sociedade colonial – Militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2001.

¹²⁷⁰ O recrutamento por intermédio de um *ziehverkoper* tinha relação direta com o local de destino daqueles que assinavam contrato com a WIC. Muitos deles não tiveram escolha e acabaram seguindo para algumas das guarnições do Brasil, que, durante as décadas de 30 e 40 do século XVII, drenaram o grosso do pessoal recrutado pela Companhia.

¹²⁷¹ De acordo com P. C. Emmer, no ano de 1636, defesa e administração custaram à Companhia 300 mil florins mensais. Emmer, P. C. ‘The West India Company, 1621-1791: Dutch or Atlantic?’. In Blussé, Leonard; Gaastra, Femme (Eds.). *Companies and Trade. Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*. Leiden: Leiden University Press, 1981, p. 89. Para as despesas do ano de 1638, ver: Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, pp. 314-315. Ver também: Goslinga, Cornelis Ch. *The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast, 1580-1680*. Assen: Van Gorcum & Comp. N.V., 1971, pp. 291-307.

particularmente ruins para WIC, como os que se seguiram à revolta dos moradores luso-brasileiros em 1645. Além da lentidão em reunir um contingente, também resultado da falta de dinheiro, houve nítida resistência em seguir para um território em guerra. Por causa dessa dificuldade em prover seu exército com pessoal suficiente, muitos militares no Brasil foram forçados a permanecer no serviço. Essa ação, todavia, não se limitou aos anos subseqüentes à insurreição.

As condições de vida cotidiana da tropa também foram levadas em consideração para a reconstrução da história desses personagens e constituíram um dos principais assuntos trabalhados nesta pesquisa. O estudo do dia-a-dia da soldadesca da WIC no Brasil centrou-se em temas específicos como acomodação, alimentação, circunstâncias de trabalho, condições de saúde e pagamento. Temáticas não vinculadas ao provimento, a exemplo de carreira, mobilidade social e treinamento também foram debatidas. Apesar de esses assuntos terem sido citados pela historiografia, nenhum deles foi objeto de um estudo sistemático.¹²⁷² Desta feita, a pesquisa centrou-se no entendimento do sistema de distribuição de alimentos, na organização do pagamento, no provimento de acomodação, nos índices de baixas por doenças e combate, nas condições gerais de serviço, na carreira, na mobilidade social e no treinamento.

De partida, é importante mencionar que a Companhia das Índias Ocidentais não foi capaz de manter seus contratados com eficácia ao longo dos anos de ocupação.¹²⁷³ Essa incapacidade teve influência direta nas condições de existência dos militares na conquista. A dificuldade em manter um exército alimentado, bem equipado e com soldos em dia, era, aliás, um problema logístico insuperável para todos os governos do período, inclusive para as forças oponentes à Companhia.¹²⁷⁴ A questão tornava-se ainda mais drástica quando o exército estava longe de suas fronteiras e, portanto, não podia contar com redes de fornecimento regulares. No que se refere ao provimento de alimentos no Brasil, a destruição provocada pela guerra quase

¹²⁷² Uma exceção, no que concerne à alimentação no Brasil Holandês, é a pesquisa de Claude Guy Papavero. Papavero trabalhou importantes aspectos culturais concernentes à dieta nos Países Baixos e no Brasil, tratou de questões como a adaptação dos contingentes à dieta local, a produção local de víveres e as lutas travadas para o controle de áreas produtoras. Faltou à autora, todavia, o uso das fontes dispostas nos arquivos holandeses para consolidar suas observações. Ela não tratou da distribuição de víveres à tropa no Brasil – atendo-se à organização do provimento nas frotas, algo documentado nas fontes impressas –, nem fez inferências sobre o sistema de compra de alimentos, falta certamente decorrente do não uso de fontes provenientes do arquivo da Companhia. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo, 2002.

¹²⁷³ Os problemas financeiros e administrativos da WIC foram temas debatidos com eficiência em uma grande quantidade de publicações, muitas das quais citadas ao longo desta pesquisa ou listadas na bibliografia.

¹²⁷⁴ O melhor estudo – provavelmente o único – sobre o exército luso-brasileiro durante a guerra contra a WIC é *Olinda Restaurada*, datado de 1975. Evaldo Cabral de Mello fez observações pormenorizadas sobre as condições de existência e de abastecimento em Pernambuco. As estratégias de guerra empregadas por ambas as forças também foram tema de um profuso debate. Apesar do detalhamento, o autor não fez um estudo sistematizado dos aspectos abordados nesta pesquisa – isto é, sistema de distribuição de alimentos, organização do pagamento, acomodação, índices de baixas por doenças, etc.

incessante, a monocultura da cana-de-açúcar, a evasão dos plantadores, os grandes contingentes em operação no território, o suporte dado a guarnições e expedições fora do Brasil, a falta de apoio dos moradores, problemas de abastecimento interno precedentes à ocupação e a dependência de provisões remetidas da Europa foram fatores determinantes para o malogro da Companhia.

Cada militar tinha direito a receber quantias de alimentos pré-determinadas em cartas-ração. Os itens inseridos nas cartas eram distribuídos de acordo com a disponibilidade nos armazéns. Alimentos locais foram fornecidos pelos moradores em um sistema de contribuição, por meio de saque indiscriminado e por compra. Apesar de constituírem mais do que um complemento, as quantias de víveres locais entregues não foram capazes de atender às demandas de uma grande força, e crises de abastecimento foram regulares. Todo o processo de distribuição e compra era controlado pela Companhia, que tinha os armazéns de Recife e Antônio Vaz enquanto bases de redistribuição.

Além de comida, a Companhia repassava a seus homens uma quantia específica de dinheiro – *costgeld* ou ajuda de custo – e peças do vestuário. Mas eles não recebiam seu soldo integral no Brasil. Cada recrutado recebia o vencimento acumulado em sua conta ao fim do tempo de serviço, medida que possivelmente intencionava impedir fugas. Eram deduzidas de sua conta todas as despesas com alimentos, vestuário, instrumentos de trabalho, empréstimos contraídos, serviço de capelania e multas por infrações. O esquema era proveitoso para a WIC, uma vez que os preços das mercadorias distribuídas eram controlados por ela e podiam, no caso das peças de vestuário, ser de valores mais elevados do que os praticados na República. A Companhia considerava, inclusive, a distribuição de roupas como uma maneira proveitosa de compensar gastos e de fazer lucros à custa dos militares. É possível, portanto, falar na existência de uma política oficial de ressarcimento ou de descontos que visava amenizar despesas em detrimento dos seus próprios funcionários. Como referido anteriormente, os descontos eram procedimentos comuns entre os contingentes do exército de Flandres, entre a tropa da VOC e provavelmente entre as tropas luso-brasileiras. Ao menos, no início do século XVIII, militares a serviço da Coroa tinham deduzidos de suas folhas alimentos, peças de vestuário e armamento.¹²⁷⁵ Essa também podia ser uma maneira de forçar militares endividados a estender seu contrato.

As observações de Herman Wätjen e Gonsalves de Mello a respeito das condições de habitação no Brasil – especificamente em Recife e Antônio Vaz – serviram de norteammento para

¹²⁷⁵ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 232; Possamai, Paulo César. *O cotidiano da guerra: a vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*, pp. 160-161, 165-167. Os homens do exército de Flandres não pagavam por suas armas, mas tinham deduzidos de sua paga os custos com pólvora e balas, assim como o serviço médico. Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [2nd Edition] Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp. 139, 142.

a discussão em torno do alojamento fornecido à tropa pela Companhia. Apesar da ausência de legislação específica, as fontes indicam que os homens estiveram acomodados em quartéis e cabanas montadas pela Companhia. Eles não ficavam alojados na casa de civis, prática comum das tropas dispostas em Flandres e na República. A péssima condição desses alojamentos teve repercussão no estado de saúde dos militares, assim como o provimento insuficiente de víveres.

Doenças, aliás, foram mais devastadoras para as forças da Companhia e suas oponentes do que a própria guerra – em especial porque abatiam as tropas regularmente. Tal padrão foi observado em um ensaio sobre a medicina no “Brasil Holandês” feito por Francisco Guerra e em estudos sobre os exércitos do período pré-moderno, sendo confirmado pela documentação consultada.¹²⁷⁶ Embora não tenham sido encontrados dados para calcular taxas precisas de mortalidade de homens da WIC no Brasil, as fontes forneceram subsídios suficientes para o estabelecimento dos índices de perda por doença no decorrer dos anos entre 1630 e 1651, além de alguns números de baixas em combates ocorridos. Enfermidades tiraram, entre os anos de 1630 e 1651, de 10 a 33% dos militares do serviço. Boa parte dessas moléstias foram decorrentes das precárias condições de higiene – agravadas pelas péssimas condições de alojamento em quartéis, embarcações e acampamentos –, falta de água potável e quantidade e qualidade insatisfatória dos víveres distribuídos. As doenças tropicais certamente deram sua parcela de contribuição às baixas, mas, doenças também comuns na Europa como avitaminoses e epidemias de exército – a exemplo do fluxo sanguíneo (disenteria bacilar) – ceifaram muitos homens. Para agravar o problema ainda mais, faltavam leitos nos hospitais, remédios e equipe médica em número suficiente para atender ao grande número de militares. No entanto, deve-se ter em mente que a medicina do período era muito limitada para tratar de muitas mazelas que nos dias atuais são de fácil terapêutica.

As condições de serviço muitas vezes contribuíam para aumentar essas baixas, uma vez que os homens despendiam parte considerável de seu tempo trabalhando em extenuantes obras de fortificação, passando dias ou meses em embarcações, percorrendo a pé grandes distâncias no território e fazendo contínuos trabalhos de guarda. O combate, portanto, era eventual, exceto as pequenas escaramuças ocorridas nas vizinhanças das fortificações, nos primeiros e últimos anos de ocupação. Considerando ainda que parte substancial das pessoas recrutadas não havia sido militar, elas acabavam por passar certo tempo treinando repetidamente para aprender o manejo das armas de fogo e as manobras utilizadas no campo de batalha. Contudo, os homens nem sempre puderam utilizar táticas de guerra européias nos conflitos travados no Brasil. Assim, eles

¹²⁷⁶ O ensaio de Francisco Guerra, inserido no livro organizado por Ernst van den Boogaart – *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil* – é uma das poucas referência sobre as condições de saúde das tropas durante a guerra. Herman Wätjen, Gonsalves de Mello, Charles Boxer e Evaldo Cabral também teceram comentários sobre o tema, mas apenas de maneira errática.

não ficaram presos às práticas militares da Europa e foram levados a assimilar e utilizar as táticas de combate locais. Adaptaram-se à “guerra brasílica”, ao contrário do que apregoaram Gonsalves de Mello e Charles Boxer, autores que podiam ter levado em consideração nas suas observações a elevada rotatividade das tropas no território e os próprios exemplos de assimilação dados por militares da WIC.¹²⁷⁷

As rotinas não eram preenchidas apenas com trabalho para a Companhia. Como mencionado, muitos militares deixaram o serviço para trabalhar por conta própria ou para terceiros, com o objetivo de incrementar seus vencimentos. Aqueles com alguma qualificação ou contato podiam deixar a Companhia ou mudar para uma atividade civil. Além do aumento salarial, tal saída representava o afastamento das arriscadas e rudes rotinas no exército. No entanto, nem todos os que se ausentavam de suas guarnições tinham permissão para fazê-lo e, por regra, eles estavam sujeitos a punição pecuniária, corporal ou capital, a depender do tipo de atividade desempenhada fora da Companhia e da circunstância da saída. Essa atitude de deixar as guarnições para trabalhar por conta própria não foi algo feito exclusivamente por militares da WIC no Brasil. Os homens da VOC, segundo D. de Iongh e Van Gelder, labutavam enquanto ainda estavam atrelados à Companhia e os integrantes dos contingentes militares da Coroa portuguesa no Brasil ou na Europa também tinham por hábito deixar o serviço para ganhar a vida em atividades bem distintas daquelas para as quais eles foram originalmente recrutados. É provável que tivessem o mesmo proceder durante os anos da guerra holandesa, já que tinham, como os da WIC, carências comuns.¹²⁷⁸

Essas eram formas passivas de resistência à Companhia acarretadas pela inabilidade desta em prover adequadamente seus homens. A dificuldade da WIC podia ainda desdobrar-se em atos de indisciplina muito mais sérios como deserções e motins. Esse foi outro tema pouco trabalhado pela historiografia, a despeito da importância que a questão teve na história da Companhia no Brasil. Quando muito, eventos que podem ser caracterizados como atos de resistência foram citados isoladamente e não foram vistos como oposição direta à WIC, nem como meios de negociação ou pressão feitos pelos militares. Várias vezes Herman Wätjen e Charles Boxer os identificaram apenas como simples atos de indisciplina despropositada. Mesmo

¹²⁷⁷ Os contingentes reinóis, espanhóis e napolitanos também estranhariam a guerra local e resistiriam ao seu uso, fazendo guerra européia contra a WIC. Pérez, José Manuel Santos. ‘Estado, capitanías donatarias y compañías comerciales. Una visión comparativa del Brasil holandés’. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, p. 96. Comparar a longa experiência dos portugueses no território com a dos “neerlandeses” há pouco chegados, no que diz respeito à adaptação, não parece ser algo apropriado. Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e viveres: o domínio colonial holandês no Brasil*, p. 193.

¹²⁷⁸ Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 233; Iongh, D. de. *Het krijgswezen onder de Oost-Indische Compagnie*. 's-Gravenhage: N. V. Uitgeverij W. P. van Stockum en Zoon, 1950, p. 84; Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. *O miserável soldo e a boa ordem da sociedade colonial – Militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2001, pp. 209-214.

com sinais claros na documentação de que a WIC levava em conta o moral de suas tropas para tomar decisões políticas e militares, das repercussões das revoltas e deserções de soldados no resultado da guerra e dos atos de negociação nos momentos de crise para conter deserções e motins, o assunto foi deixado de lado. Todavia, essas foram atitudes que mostram os soldados enquanto atores ativos na história da ocupação do Brasil. Gente com consciência de que podia dialogar com os comandantes, fazer pressão por melhorias e não figurar apenas como peões dispostos no campo de batalha ou como personagens que só apareceram para compor parte da trama construída pela historiografia, que tinha figuras mais importantes para tratar, a exemplo de Johan Maurits van Nassau-Siegen. Teria ele feito muito sem seus subordinados?

A maior parte dos temas tratados nesta pesquisa estiveram centrados em aspectos do cotidiano relacionados sobremaneira com a vida material dos recrutados, enquanto que uma série de outros elementos do dia-a-dia foram deixados de lado, tais como a vida sexual, a religião, a interação com a população local e o tempo livre. Isso aconteceu em decorrência das poucas informações encontradas nas fontes consultadas. Fontes pessoais como cartas, diários e relatos de viagem pouco ou nada dissertam sobre esses aspectos. Os dados encontrados referentes a tais temáticas são tão fragmentados que não foi possível escrever algo de substância. Por conta dessa escassez, as inferências a esses aspectos terminaram ficando dispersas ao longo da narrativa. Outra falta foi a ausência de comparações substanciais entre as experiências dos soldados da WIC e das forças luso-brasileiras. A justificativa pode ser encontrada na ausência de pesquisas que tenham se debruçado sobre os temas discutidos neste trabalho.¹²⁷⁹

Muitos aspectos deixaram de ser trabalhados ou merecem melhor atenção. Arquivos pessoais – inclusive fora dos Países Baixos – e notariais de cidades neerlandesas precisam ser melhor trabalhados, pois certamente constituem ricos mananciais para os historiadores interessados em temáticas não discutidas nas fontes oficiais. Apesar das lacunas, fica a certeza de que esta pesquisa trouxe à tona personagens negligenciados e que ela abrirá espaço para novos debates em torno da história da ocupação da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil.

¹²⁷⁹ O trabalho que mais contribuições trouxe para o estabelecimento de comparações foi produzido por Evaldo Cabral de Mello, embora o autor pernambucano tenha centrado seu estudo no financiamento e nas estratégias de guerra e pouco tenha enfocado nos indivíduos e em algumas das questões debatidas ao longo dessa pesquisa.

Anexos



1. Pequena biografia de militares que estiveram no Brasil entre 1624 e 1654

- *Johann Gregor Aldenburgk (no Brasil de 1624 a 1625)*: nascido em Coburgo, na área da Turíngia, em data desconhecida, Aldenburgk foi recrutado em Amsterdã e seguiu para o Brasil em 1623 na qualidade de soldado raso da primeira grande expedição de ataque à colônia “portuguesa”, direcionada a Salvador. Estudou anteriormente na Universidade de Jena, na Turíngia, a qual deixou “por motivos íntimos” antes de seguir viagem às Índias. Um dos poucos, entre os diaristas estudados, a ingressar em uma universidade. Retorna para a Europa em 1625, conforme indica registro notarial de Amsterdã de novembro de 1625. Serviu como ansepeçada no exército da Dinamarca até março de 1626, tendo sua narrativa impressa em janeiro de 1627. Local e data de morte desconhecidos.¹²⁸⁰

- *Ambrosius Richshoffer (no Brasil de 1629 a 1632)*: proveniente de Estrasburgo, onde nasceu em 1612, ele partiu com a primeira frota de ataque a Pernambuco em 1629. Richshoffer teve um preceptor doméstico e um mestre da língua francesa em sua casa para educá-lo. Ele também menciona a participação dos pais em sua educação, os quais lhe ensinaram o catecismo, a religião e as letras. Em 1627, aos 15 anos de idade, Richshoffer partiu para Sedan, onde ficou por um ano, com a finalidade de aprender a língua francesa. Seu pai, de acordo com seu diário, era “burguês e negociante notável” e foi provedor das barreiras de Estrasburgo, por conta de um contrato herdado. Teve ainda alguma experiência com comércio, visto que pediu demissão de seu trabalho em Frankfurt para seguir a Amsterdã, de onde partiu como soldado raso para o Brasil, local onde ele, mesmo sem qualquer experiência militar, conseguiu ascender dentro do exército da Companhia, inicialmente para a patente de cadete, e posteriormente para sargento, quando voltou para a Europa, em 1632. Em 1633, foi sargento nas tropas do monarca francês Luís XIII e seguiu na carreira militar. Um irmão seu, chamado Daniel, faleceu no Brasil quando servia na WIC, em Pernambuco.¹²⁸¹

- *Zacharias Wagener (no Brasil de 1634 a 1641)*: filho de um sacerdote de Dresden, onde nasceu em 1614, seguiu para o Brasil na qualidade de soldado raso após ter passado um ano – entre 1633 e

¹²⁸⁰ Aldenburgk, Johann Gregor. [Grüner, 1627] *Relação da Conquista e perda da Cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Volume 1. Brasiliensia Documenta. Traduzido por Alfredo Carvalho e Edgard de Cerqueira Falcão, p. 155. Ver também o texto introdutório de E. Cerqueira Falcão – páginas 17 a 21. Aldenburgk foi inserido na pesquisa, apesar de ter ido ao Brasil em data distinta do período de estudo, porque ele fez parte do mesmo tipo de movimento de pessoas descrito no começo do capítulo um.

¹²⁸¹ Richshoffer, Ambrosius. ‘Reise nach Brasilien 1629-1632’. In Naber, S. P. l’Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, pp. 42-43, 102-103.

1634 – hospedado na casa do famoso editor Willem Janszoon Blaeu, onde possivelmente aperfeiçoou as habilidades de copista e ilustrador observadas em sua obra. Dante Martins Teixeira, que escreveu a introdução das traduções recentes para o português e o inglês do diário de Wagener, supõe que ele tenha adquirido tais aptidões do pai, membro da guilda dos pintores de Dresden antes de se tornar sacerdote e magistrado. Ainda que Wagener não mencione em seu diário ter exercido qualquer trabalho na Europa antes de sua viagem ao Brasil, exceto sua estadia na casa de Blaeu, suas capacidades foram determinantes na obtenção de postos de trabalho como escrivão na companhia do major Cornelis Baijart, em fins de 1634, e, posteriormente, mordomo do Governador do “Brasil Neerlandês”, Johan Maurits van Nassau-Siegen, entre 1637 e 1641. Em 1642, após voltar do Brasil, Wagener seguiria em nova viagem para as Índias, dessa vez contratado pela Companhia das Índias Orientais como cadete. Ele serviu por 28 anos pela VOC na Ásia e na África, chegando a ser nomeado Vice-Almirante e Governador da colônia do Cabo da Boa Esperança.¹²⁸² Sua ascensão dentro da VOC deve ser vista como uma exceção dentro das experiências observadas, mesmo que outras trajetórias desse tipo possam ser observadas, conforme exemplificou Boxer, ao citar quatro casos de ascensão a elevadas patentes de homens contratados inicialmente para simples funções na VOC. Faleceu em Amsterdã, em 1668.¹²⁸³

- *Cuthbert Pudsey (no Brasil de 1630-5 a 1640)*: possivelmente inglês, Pudsey não escreveu nada a respeito de suas origens. Até mesmo informações básicas como ano de entrada na WIC, patente e data de chegada ao Brasil são inexistentes em seu texto. Talvez fosse oficial. Nelson Papavero e Martins Teixeira especulam, a partir do conteúdo e da forma do seu texto, que ele fosse um indivíduo de certa ilustração. Gonsalves de Mello estabeleceu seu período de estadia através dos eventos narrados, mais precisos a partir de 1635, embora recuem até a tomada de Olinda, em 1630. Por suas indicações, participou da tomada da Paraíba, do cerco ao Arraial do Bom Jesus e do forte de Nazaré, no Cabo de Santo Agostinho, em 1635. Esteve ainda em operações em Mata

¹²⁸² Wagener, Zacharias. ‘Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen’ [1668]. In *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997, pp. 11, 19 (nota 1), 222. Sobre a vida de Wagener ver também: Böeseken, A. J. *Dagregister en Brieven van Zacharias Wagenaer 1662-1666*. Pretoria: Die Staatsdrukker, 1973, xvii-xx; Joppien, R. ‘The Dutch Vision of Brazil. Johan Maurits and his artists’. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979, pp. 319-320.

¹²⁸³ Böeseken, A. J. *Dagregister en Brieven van Zacharias Wagenaer 1662-1666*, xx-xxx; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 52; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duiters in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, p. 296. Segundo Van Gelder, na página 135, Wagener trabalhou como encadernador antes de assinar com a WIC. Já Joppien – ver nota anterior – diz que ele exerceu a função de desenhista de mapas no escritório de Blaeu.

Redonda (1636), Porto Calvo (1637), Salvador (1638) e regressou à Europa em 1640, passando pelas Antilhas.¹²⁸⁴

- *Stephan Carl Behaim (no Brasil de 1636 a 1638†)*: proveniente de Nuremberg, onde nasceu em 1612, assinou contrato com a WIC em novembro de 1635, mas só embarcou em janeiro de 1636, na qualidade de cabo. Ele vinha de uma boa família e teve boas oportunidades na vida que foram desperdiçadas por pouca dedicação aos estudos, bebedeiras e jogatinas. Incapaz de escrever gramaticalmente em alemão ou em latim, Stephan Carl, que também havia estudado francês, não conseguiu completar seu primeiro ano de estudos na Academia de Altdorf, em 1629. Por isso, foi enviado por seus tutores para trabalhar com um nobre na corte em Altenburg, onde ficou de março de 1630 a fevereiro de 1631. Suas habilidades eram tão rudimentares e irregulares que o seu patrão o empregou apenas em serviços de criado doméstico. Entre 1632 e 1634, Stephan Carl iniciou sua carreira militar. Ele serviu no exército sueco, durante a Guerra dos Trinta Anos, como mensageiro militar da cavalaria de regimentos alemães de Frankfurt am Main e de Nuremberg e de um regimento franco em Mainz. Fugiu da guerra para Amsterdã, onde seus familiares esperavam que ele obtivesse um trabalho na WIC e partisse para as Índias Ocidentais. Passou um tempo em Recife, participou de campanhas militares no Sul de Pernambuco em 1637, onde ficou estacionado no forte *Mauritius* até fins de 1637, quando foi transferido para um hospital da Companhia em Recife, onde morreu por envenenamento sangüíneo no princípio de 1638.¹²⁸⁵

- *Lorenz Simon (no Brasil de 1641 a 1654)*: nascido em Bernsdorf, na Turíngia, em data desconhecida, Lorenz Simon deixou a casa dos pais em 1633. Trabalhou como aprendiz de livreiro em “Brunswick”, serviu como soldado da cavalaria sueca, participando da Guerra dos Trinta Anos, empregou-se como marinheiro na esquadra da República das Províncias Unidas até começar trabalhar com um mercador da cidade de Leiden, em 1639. Em dezembro de 1640, Simon se alistou na casa da WIC em Delft para seguir ao Brasil, onde ele chegou ao mês de

¹²⁸⁴ Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil*, 1629-1640 [Payter, 1644]. Petrópolis: Editora Index, 2000, pp. 8-9; Mello, José Antônio Gonsalves de. ‘O inglês Pudsey em Pernambuco’. In *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 nov., 1950.

¹²⁸⁵ Carta dos guardiões para Stephan Carl. Nuremberg, 10/12/1630 (carta número 30); Carta de Stephan Carl para seus guardiões. Altenburg, 18/12/1630 (carta número 31); Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdã, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Texel, 18-28/11/1635 (carta número 55); Carta de Abraham de Braa para Lucas Friederich. Amsterdã, 27/11/1635 (carta número 56); Carta de Stephan Carl para Johannes Morian. Texel, 30/12/1635 (carta número 57). In Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 214, 216, 254-255, 263, 266. Ver também a introdução do livro de Steven Ozment e o prefácio escrito por ele a respeito de cada fase da vida de Stephan Carl Behaim. É igualmente significativa a publicação de Anton Ernstberger, *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges*, que dedica parte considerável do livro para tratar da vida de Stephan Carl Behaim e de sua correspondência com familiares. Foi do livro de Ernstberger que o autor Steven Ozment obteve informações sobre a morte de Stephan Carl no Brasil. Ernstberger, Anton. *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges. Zur Kulturgeschichte der Zeit*. Erlangen: Universitätsbund Erlangen-Nürnberg, 1963.

março de 1641. Foi integrante por pouco tempo da guarnição do iate *Hazewint* e serviu no Recife até 1649, quando tomou parte na batalha dos Guararapes, sendo feito prisioneiro com muitos oficiais e soldados. Ele conseguiu escapar e permaneceu no Recife até a rendição em 1654. Voltou aos Países Baixos em agosto do mesmo ano. Sua história foi contada em um panfleto de oito páginas intitulado *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America*, que se encontra atualmente depositado na *British Library*, em Londres.¹²⁸⁶

- *Caspar Schmalkalden (no Brasil de 1642 a 1645)*: alistado como soldado em 1642, Schmalkalden foi um dos sete filhos de uma modesta família de Friedrichroda, na Turíngia. Essa origem talvez o tenha impelido a buscar novas oportunidades, como muitos de seu tempo. Apesar da boa formação – pois foi adestrado para fazer levantamentos topográficos quando jovem, antes de iniciar os estudos de astronomia na Universidade de Groningen, nos Países Baixos –, ele não conseguiu ascender dentro da WIC. Seis meses depois de seu retorno à Europa, em 1646, empreendeu uma nova viagem às Índias. Dessa vez, conseguiu um cargo melhor, sendo empregado como medidor de terras e cartógrafo da VOC. Voltou para a Europa em 1653, após ter passado pela Batávia, Java, Malaca, China, Formosa e Japão.¹²⁸⁷

- *Peter Hansen (no Brasil de 1644 a 1654)*: nascido em 1624, teve origem modesta e veio da pequena vila de Hajstrup no Sul da Jutlândia (Dinamarca). Seu pai, camponês, tinha uma fazenda a qual ficou de herança para seus irmãos mais velhos, o que terminou por impulsionar Hansen, aos 19 anos, a buscar outra atividade. Trabalhou como ajudante de secretário na padaria do Real Armazém dos Víveres do monarca da Dinamarca, o que indica algum grau básico de instrução. Ele ainda conseguiu outro trabalho, como copeiro de um nobre – no intuito de viajar a serviço dele a Moscou –, mas foi proibido de aceitar o trabalho por seu chefe, Secretário dos Víveres. Ele não demorou muito tempo na Dinamarca e seguiu para Amsterdã à procura de um novo emprego, engajando-se como soldado na WIC. Sua formação educacional, muito provavelmente básica, e suas experiências de trabalho anteriores devem ter sido determinantes na sua promoção de soldado ordinário a escrevente da companhia onde ele servia, em 1647, mesmo que ele só

¹²⁸⁶ *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen* Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring. Gedruck't im Jahr 1677. Ver também uma tradução parcial feita por Alfredo Carvalho em: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife: Tomo XI, 1904, pp. 641-644.

¹²⁸⁷ França, Mariana Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico Holandês (século XVII)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, 2009, pp. 85-86; Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur*, p. 294; Joppien, R. 'The Dutch Vision of Brazil. Johan Maurits and his artists', pp. 320-321; Teixeira, Dante Martins. 'The Travel Diary of Caspar to the New World (1642-1645)'. In Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume I. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998, pp. 13-14; 17 (notas 14 e 15).

tenha conseguido essa ascensão após quase três anos de serviço, ou seja, quase no fim do seu primeiro contrato, assinado em 1644. Com a revolta dos moradores, foi obrigado a permanecer no Brasil, onde serviu até a rendição em 1654. Voltou para casa e depois se mudou para Flensburg, em 1655, onde se tornou professor assistente da escola paroquial de Santa Maria em 1661. Peter Hansen permaneceu lá até morrer, em 1672.¹²⁸⁸

¹²⁸⁸ Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup'. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, pp. 63-64, 80; Kraack, D. A. 'Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)'. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996, p. 241.

2. Patentes, salários e ajuda de custo de membros do exército da Companhia das Índias Ocidentais (1645-1647)

<i>Patente</i>	<i>Salário</i>	<i>Ajuda de custo</i>
Tambor	9-10	
Soldado	8	5
Cadete (<i>Adelborst</i>)	10	5
Anspeçada (<i>Landspassaat</i>)	11	5
Cabo	12	5
Sargento	18-20	10
Alferes (<i>Vaandrig</i>)	39-42	23
Tenente	50-60	23
Capitão	80-106	42

Fontes: *Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil. s'Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647*; Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977, p. 303.

Glossário

A

Adelborst – cadete.

Admiraliteit – denominação dos cinco colégios que dirigiam, junto com o almirante-geral, os assuntos marítimos da República das Províncias Unidas.

Anker/Ancker – pequeno tonel equivalente, em Amsterdã, a 38,8 litro para cerveja e 38,4 litro para vinho e vinagre.

Articul-Brief – estatuto que reúne os códigos de conduta para militares, marinheiros e funcionários civis da WIC no Brasil e na Guiné.

B

Baluarte – baluarte ou bastião é uma estrutura de fortificação avançada com dois flancos e duas faces. Normalmente tem a forma de um pentágono irregular ligado à base de uma construção principal. A face é cada um dos lados externos que formam o ângulo saliente de um baluarte. O flanco é o lado que se estende da face ao muro de fechamento (cortina). Sua função é a de flanqueamento.

Barbier – barbeiro.

Barbiers gesellen – aprendiz de barbeiro.

Bateria – obra de fortificação onde os canhões estão assentados.

Bewindhebbers – administradores. Termo que designa os membros do corpo diretivo da WIC, isto é, os Dezenove Diretores ou Senhores XIX.

Bosschieter – artilheiro.

Brasilianen – brasileiros, termo geral empregado para os povos indígenas do Brasil.

Breede Raad – conselho que decidia sobre todos os negócios concernentes a uma frota, podendo inclusive conduzir um tribunal.

Brieffkens – cartinhas, recibo.

C

Capitulatie – contrato concedido por um governo para um particular fazer o recrutamento de militares.

Ceel – cédula.

Classicale vergadering – ver *Classis*.

Classis – encontro da *Classis*, isto é, reunião do conselho regional da Igreja Reformada.

Commis – assistente de comissário.

Commissaris – comissário.

Conducteur – responsável pela artilharia e armazéns de guerra.

Constabel – condestável, oficial de navio encarregado do cuidado com as munições e peças de artilharia.

Costgeld/kostgeld – ajuda de custo ou pensão

D

Dagelijkse Notulen – Atas ou Nótulas Diárias. Registro diário do governo da WIC no Brasil entre 1635 e 1654.

Diácono – oficial da Igreja Reformada responsável pela assistência social.

Dooteter – parasita, alguém que não trabalha e só come.

F

Faxina – feixe de ramos, ou de paus, que nas campanhas militares servia para entulhar fossos, cobrir parapeitos de bateria e fixar as construções de terra batida.

G

Gabião – cesto feito de vime e preenchido com terra. Utilizado para proteger homens que serviam em uma bateria.

Garapa – caldo de cana fermentado.

Gasterijhouder – mantenedor ou proprietário de estalagem.

Gasthuismoeder – enfermeira chefe de casa de saúde/hospital.

Gasthuisvader – diretor de casa de saúde/hospital.

Gequetst – ferido.

Gulden – florim neerlandês, equivalente a 20 *stuivers*.

H

Heren XIX – Senhores XIX ou XIX diretores. Constituía o corpo diretivo da Companhia das Índias Ocidentais. Era composto por membros indicados por cada uma das câmaras que formavam a WIC – Amsterdã, Zelândia, Mosa (*Maas*), Holanda do Norte (*Noorderkwartier*) e Groningen (*Stad & Omme landen*) –, mais os Estados Gerais.

Hof van Holland – Corte da Holanda ou Tribunal da Holanda.

Hoge en Secrete Raden – Alto e Secreto Conselho (1637-1644). Órgão superior da administração do Brasil entre os anos de 1637 e 1644. Substituiu o Conselho Político (*Politieke Raad*).

Hoge Raad – Alto Conselho, Conselho Superior ou Conselho Superior e Secreto. Ver *Hoge en Secrete Raden*.

Hoge Regering – Alto Governo (1644-1654).

Hornaveque – obra de fortificação avançada na campanha, também chamada de obra corna.

Huisproef – exame para dar licença ao candidato a mestre cirurgião.

K

Kamer – câmara.

Kan – jarra, equivalente a 1 litro.

Kerkraad – consistório, conselho da Igreja.

Kermisshepen – navios de Quermesse que partiam em setembro/outubro.

Kerstschepen – navios de Natal que partiam em dezembro/janeiro.

Knecht – aprendiz.

Krijgsraad – conselho de guerra.

L

Landspassaat/Lanspesaet – anspeçada.

Lantsieckte – doença da terra, possivelmente malária.

Leeninge – empréstimo.

Loopers/bosloopers – salteadores, salteadores da mata.

M

Maandbrief – carta mensal. Procuração pela qual um recrutado podia autorizar o saque na sua conta de dois ou três meses de soldo uma vez ao ano.

Meester – mestre, referente à hierarquia de um mecânico.

Mutsje – caneca, equivalente a 0,15 litro em Amsterdã.

N

Nieuw Holland – Nova Holanda, nome oficial da colônia da WIC no Brasil.

Nieuw Nederland – Novos Países Baixos, território ocupado pela WIC na América do Norte.

O

Obligatie – obrigação ou dívida.

Octroy – privilégio ou patente.

Onbequaem – inadequado, incapaz.

Oppper chirurgyn – cirurgião chefe.

P

Paasschepen – navios de Páscoa que partiam em abril/maio.

Parapeito – O parapeito era a parte superior de uma trincheira ou fortificação erguida à altura do peito e que protegia seus defensores, mas não os impedia de atirar sobre ela.

Pataca – moeda de prata das Índias de Castela.

Patação – moeda de cobre e de prata no Reino de Portugal.

Penning – centavo ou termo para designar dinheiro; equivalente a 1/16 *stuivers*.

Placcaet/Plakkaat – edital.

Politieke Raad – Conselho Político (1630-1637).

Pond – 494,09 gramas em Amsterdã e 467,7 gramas em Middelburgo.

Potspijse – *Potspijse* [*potspijs* ou *pot-spijs*] significa literalmente “alimento de pote”, isto é, comida cozinhada.

Proponente – pastor auxiliar, licenciado.

R

Rantsoen – ração ou rancho.

Rantsoen-brief – carta-ração. Listagem de alimentos distribuídos.

Rapport – relatório.

Real – moeda hispano-portuguesa equivalente a 6 *stuivers*. Um real-de-oito (*reaal-van-achten/stuck van achten*) era uma moeda de prata que equivalia a 8 reais ou 48 *stuivers*.

Reduto – pequena obra de fortificação de formato normalmente quadrangular.

Reichsthaler – o mesmo que *rijksdaalder*.

Rijksdaalder – moeda neerlandesa equivalente a 48 *stuivers*.

Roodloope – disenteria sangüínea.

Rootmelesoen – o mesmo que *Roodloope*.

S

Scheepsraad – conselho do navio.

Schelling – moeda *neerlandesa* equivalente a 6 *stuivers*, ou 0,30 florim.

Scheurbuik – escorbuto. O termo podia ser utilizado na República para peste ou outros tipos de enfermidades causadas por avitaminose.

Schuldbekentenis – obrigação, reconhecimento de dívida, promissória.

Schuldbrief – carta de dívida, promissória.

Sínodo – convenção eclesiástica provincial ou nacional de representantes de concílios locais ou regionais.

Slaapvrouw – termo para dona de pensão.

Staatse Leger – o exército da República das Províncias Unidas.

Stadhouder – governador de província nos Países Baixos.

Staten-Generaal – Estados Gerais ou parlamento dos Países Baixos. Órgão superior de administração da República das Províncias Unidas formado por delegados das províncias.

Stuiver – moeda neerlandesa que valia 1/48 de um *rijksdaalder*.

Stuck van acht – ver *Real*.

T

Taiipa – parede de barro pisado entre tábuas.

Terende sieckte – tuberculose.

Train/Trein/Treijn – conjunto de militares encarregados de fornecer apoio logístico às unidades combatentes.

Transportbrief – carta-transporte, promissória.

Transportceel – cédula de transporte, o mesmo que *transportbrief*.

V

Vaandrig – alferes.

Vallende sieckte – doença da queda ou epilepsia. Nesse caso, um dos principais sintomas era utilizado para denominar a enfermidade.

Vendeurs de Chrestiens – vendedores de cristãos, recrutadores. O mesmo que *zielverkoper* ou *zielkoper*.

Volkhouder – mantenedor de gente, usualmente um recrutador.

Vrijeluiden – cidadãos-livres. Pessoas que foram ao Brasil sem ter vínculo empregatício com a Companhia ou que dela se desligaram.

W

Watersucht – hidropisia.

Z

Zeeproof – exame para dar licença ao candidato a cirurgião marítimo.

Ziekentrooster – consolador de enfermos. Membro não ordenado da Igreja Reformada.

Zielkoper – comprador de alma, recrutador.

Zielverkoper – vendedor de alma, recrutador.

Fontes e literatura

Manuscritos

- *Arquivo Nacional de Haia (Nationaal Archief)*:

Arquivo da Corte da Holanda (*Hof van Holland*), inv. nr. 5252.22, Papéis criminais (*Criminele papieren*).

Arquivo da Velha Companhia das Índias Ocidentais (*Oude West Indische Compagnie – OWIC*), inv. nr. 1-8, 44-67, 68-76.

Arquivo dos Estados da Holanda e Frísia Ocidental (*Staten van Holland en West-Friesland*), inv. nr. 1358a, 1655.

Arquivo dos Estados Gerais (*Staten-Generaal – SG*), inventários diversos entre os anos de 1637 e 1655.

Coleção Specx (*Collectie Specx*), inv. nr. 8, 1620-1674.

- *Arquivo Histórico Ultramarino*:

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Administração Central de Lisboa (ACL), Conselho Ultramarino (CU), Capitania de Pernambuco 015, Caixa 5, doc. 364, 28/10/1647.

AHU_ACL_CU, Capitania de Pernambuco 015, Caixa. 5, doc. 368, 31/01/1648.

AHU_ACL_CU, Capitania de Pernambuco 015, Caixa 6, doc. 476, 09/05/1654.

- *Arquivo da cidade de Amsterdã (Stadsarchief Amsterdam)*:

Arquivo notarial (*Notarieel Archief*), inventários e anos diversos.

- *Arquivo municipal de Roterdã (Gemeentarchief Rotterdam)*:

Arquivo notarial velho (*Oud Notarieel Archief*), inventários e anos diversos.

- *Arquivo da Casa Real (Koninklijk Huisarchief)*:

Inventário A4, número 1454.

- *Biblioteca da Universidade de Leiden (Universiteitsbibliotheek Leiden)*:

Bijzondere Collecties, BPL 273, f75r, 23-06-1638.

Bijzondere Collecties, BPL 302, f271r, 28-08-1640.

Iconografia

Arx Principis Guilielmi, Frans Post (atribuído), gravura. In Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasília et álibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitis J. Mauritii Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia*. Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647.

Caerte van de Haven Pharnambocqve met de Stadt Mouritijs en dorp Reciffo ende bijleggende fortten met alle gelegentheden van dien. Nationaal Archief, VEL H 619-74.

Cerco ao Arraial do Bom Jesus, autor desconhecido, gravura, ca. 1635. In Laet, Johannes de. *Historie ofte iaerlijk verhael van de verrichtinghen der geoctroyeerde West-Indische Compagnie, zedert haer begin, tot het eynde van 't jaer seshien-hondert ses-en-dertich; begrepen in derthien boecken, ende met verscheyden koperen platen verciert.* Tot Leyden: by Bonaventuer ende Abraham Elsevier, 1644.

Grondt teyckeningh van het Eylant Antoni Vaaꝝ het Recif ende vastelandt aende haven van Pernambuco in Brasil, soodanigh als die tegenwoordigh voor de Westindische Comp.e met Schansen Redouten ende andre werken syn voorsien, in Caert gebracht door den Ingenieur Andreas Drewisch Bongesaltensis [Langesaltensis] in Julio A.o 1631. Nationaal Archief, VEL 711, Julho de 1631.

Ostium Fluminis Paraybae, Frans Post (atribuído), gravura. In Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasília et álibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitis J. Mauritii Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia.* Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647.

Movimentos necessários para o manuseio apropriado de um arcabuz. Jacob de Gheyn, gravuras, 1608. In *Maniement d'armes d'arquebuses, mousquetz, & piques: En conformité de l'ordre de Monseigneur le Prince Maurice, Prince d' Orange, Comte de Nassau & Gouverneur et Capitain General de Geldres, Hollande, Zeelande, Utrecht, Overijssel etc. représenté par figures, par Jaques de Gheyn.* Amsterdam: Chez Robert de Baudous, avec privilege de l'Empereur, du Roy de France, & des nobles & puissans seigneurs messeigneurs les Estatz generaux des Provinces Unies, 1608.

Porto Calvo, autor desconhecido, gravura, ca. 1671, 13,5 x 17 cm. In Montanus, Arnoldus. *De Nieuwe en Onbekende Wereld: of Beschryving van America en 't Zuid-Land.* Amsterdam: Jacob Meurs, 1671.

Porto Calvo, Christoffel Arciszewski, mapa manuscrito colorido, 1637, 34 x 41 cm. Universiteitsbibliotheek Leiden – Collectie Bodel Nijenhuis 002-12-076.

Praelium prope Portum Calvum, Frans Post (atribuído), gravura. In Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasília et álibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitis J. Mauritii Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia.* Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647.

Stadt Nostre Signora de Conception, desenho, autor desconhecido, ca. 1633. Nationaal Archief, 4.VEL 2158.

Instrumentos de pesquisa

Bluteau, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. 8 Volumes. Coimbra: 1712-1728. (Disponível no acervo da *Brasiliana* da Universidade de São Paulo)

Buve, Raymond. 'Resenha temática dos conteúdos do inventário'. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. Volume 2. Leiden: CNWS, 2005.

De Bosatlas van de geschiedeniscanon. Groningen: Noordhoff Uitgevers, 2008.

De Geïntegreerde Taalbank. De historische woordenboeken van het Nederlands op internet. INL – Instituut voor Nederlandse Lexicologie. (Disponível em: <http://gtb.inl.nl/?owner=WNT>)

Dekker, C.; Baetens, R. *Album palaeographicum XVII provinciarum: paleografisch album van Nederland, België, Luxemburg en Noord-Frankrijk*. Turnhout/Utrecht: Brepols/HES, 1992.

Galindo, Marcos; Hulsman, Lodewijk (Orgs.). *Guia de fontes para a história do Brasil holandês: acervos de manuscritos em arquivos holandeses*. Brasília/Recife: Minc - Projeto Resgate/Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001.

Het Nederlandsche Handschrift in 1600. [1933] Haarlem: Uitgave W. Bogtman, 1994.

Richelet, Pierre. *Le Grand et Nouveau Dictionnaire François et Flamand*. Première Partie. Bruxelles: Judocus de Griek, Imprimeur, & Marchand-Libraire, 1707.

Teensma, Benjamin N. ‘Koninklijk Huisarchief ‘s-Gravenhage, inv. nr. 1454: Brasilianische Sachen, 1636-1645 / Arquivo da Casa Real Haia, inventário n. 1454: assuntos brasileiros, 1636-1645’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3. Leiden: CNWS, 2008

Verdam, J. *Middelnederlandsch handwoordenboek*. [1932] 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 2002.

Verhoeff, J. M. *De oude Nederlandse maten en gewichten*. Amsterdam: P. J. Meertens Instituut, 1983.

VOC-Glossarium. Den Haag: Instituut voor Nederlandsche Geschiedenis, 2000.

Westermann Grosser Atlas zur Weltgeschichte [Braunschweig, 1956] Braunschweig: Westermann, 1978.

Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654): Introdução aos Neerlandeses no Século XVII e às coleções em Arquivos e Bibliotecas Neerlandesas / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654): Inleiding op de Nederlanden in de zeventiende eeuw en de collecties in Nederlandse archieven en bibliotheken*. Volume 1. Leiden: CNWS, 2004.

Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. Volume 2. Leiden: CNWS, 2005.

Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3. Leiden: CNWS, 2008

Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 4. Leiden: Leiden University Press, 2011.

Xavier, Lucia Furquim Werneck. ‘Dossiê Estados Gerais/Dossier Staten-Generaal’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 3. Leiden: CNWS, 2008.

Xavier, Lucia Furquim Werneck; Miranda, Bruno Romero Ferreira. ‘Atas Diárias/ Dagelijkse Notulen’. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654) / Brazilië in de Nederlandse archieven (1624-1654)*. Volume 4. Leiden: Leiden University Press, 2011.

Diversos

Camerata Trajectina. *Van Varen en Vechten. Liederen van de Verenigde Oost-Indische Compagnie (1602-1795)/Shanties of the Dutch-East India Company*. Globe Records, 2002.

Impressos

‘A bolsa do Brazil. Onde claramente se mostra a applicação que teve o dinheiro dos accionistas da Companhia das Indias Occidentaes. Impresso no Brazil, Recife. No Bree-Byl. Anno de 1647’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife: Typographia Industrial, Tomo IV, 1883.

‘Breve Relação dos Últimos Sucessos da Guerra do Brasil, restituição da cidade Maurícia, Fortalezas do Recife de Pernambuco & mais praças que os Holandeses ocuparam naquele Estado. Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979.

‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandez, com os Estados Gerais (1637-1646)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife, Vol. X, 1902.

‘Cartas Nassovianas. Correspondência do Conde João Maurício de Nassau, Governador do Brasil Holandez, com os Estados Gerais (1637-1646)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife, Vol. XII, 68, 1906.

‘Diario de Matheus van den Broeck’. In *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Tomo XL, 1877.

‘Diário ou breve discurso acerca da rebelião e dos pérfidos designios dos portuguezes do Brasil, descobertos em junho de 1645, e do mais que se passou até 28 de abril de 1647’. In *Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano*. Volume V, número 32. Recife: Typographia Universal, 1887.

“Dois pamphletos relativos ao Brasil Holandez”. Tradução do Rev. Padre Frei Zacharias van der Hoeven O. F. M. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*: Tomo 92, vol. 146, 1922.

‘Itinerário da Cidade Maurícia até o forte Maurício, localizado no Rio São Francisco’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886.

‘Journael ende Historis verhael van de Reize gedaen by Oosten de Straet le Maire naer de Custen van Chili, onder het beleyt van den Heer Generael Hendrick Brouwer inden jare 1643 voor gevallen’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn. Verkenner in de vloot van Hendrick Brouwer 1643*. Hoorn: Stichting Nederlandse Kaap Hoorn-vaarders, 2007.

‘Journael nopende op de Reijse in Chili onder het Beleijt van de Generael d’Heer Henrique Brouwer 1643. Door Johan van Loon, commies’. In *Het jacht Dolphijn van Hoorn. Verkenner in de vloot van Hendrick Brouwer 1643*. Hoorn: Stichting Nederlandse Kaap Hoorn-vaarders, 2007.

‘O machadão do Brasil’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Volume XIII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908.

‘*Ordre van Regieringe soo in Policie als Justitie, in de plaetsen veroverd ende te veroveren in West-Indien*’. Groot Plakaatboek 2, col. 1235 ff.

‘Regimento do governo das praças conquistadas ou que forem conquistadas nas Indias Occidentaes. (Copiado do <<Groot Placaat-Boek>>)’. In *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Número 30. Recife: Typographia Industrial, 1886.

‘Relação de Francisco de Brito Freyre (Recife, 29 de janeiro de 1654)’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979.

‘Relação Diária do Sítio e Tomada da forte praça do Recife, recuperação das Capitánias de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ceará e Ilha de Fernando de Noronha, por Francisco Barreto Mestre de campo general do Estado do Brasil & Governador de Pernambuco. Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654’. In Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979.

Aitzema, Lieuwe van. *Saken van staet en oorlogh, in ende omtrent de Vereenighde Nederlanden, Beginnende met het Jaer 1645, ende eyndigende met her Jaer 1656*. Derde deel. ’sGraven-Haghe, By Johan Veely, Johan Tongerlo, ende Jasper Doll, Boeck-verkoopers, Anno 1669.

Aldenburgk, Johann Gregor. [Grüner, 1627] *Relação da Conquista e perda da Cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Volume 1. Brasiliensia Documenta. Traduzido por Alfredo Carvalho e Edgard de Cerqueira Falcão.

Aldenburgk, Johann Gregor. ‘Reise nach Brasilien 1623-1626’. In Naber, S. P. l’ Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Compagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930.

Arciszewski, Christoffel. ‘Apologie van Artichofsky tegen de beschuldiging van den Raad van Brazilie, ingeleverd aan de Staten Generaal in augustus 1639’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16.

Arciszewski, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilië in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, n° 16.

Articul-Brief. Beraemt over het Scheeps ende Crijgs Volck. Ten Dienste van de Geoctroyeerde West-Indische Compagnie in Brasyl, Guinea, etc. Groningen: Sas, 1640.

Articulen, Ende Ordonnantien ter vergaderinge vande Negenthiene der Generale Geoctrooyeerde West-Indische Compagnie geresumeert ende ghearresteert. Amsterdam, 1641.

Augspurger, Johann Paul. *Kurtze und warhafft Beschreibung der See-Reisen von Amsterdam in Holland nacher Brasilien in America, und Angola in Africa. Vom 4. Novembris 1640, biss 10 Julii 1642*. Schleusingen: Gedrukt bey Joh. Michael Schalln, 1644.

Baers, Joan. *Olinda Conquistada*. [Amsterdam, 1630] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom).

Barlaei, Casparis. *Rerum per octennium in Brasília et álibi nuper gestarum sub praefectura Illustrissimi Comitis J. Mauritii Nassoviae, &c. Comitís, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia*. Amsterdam: Joannis Blaeu, 1647.

Barléu, Gaspar. *História dos Feitos Praticados no Brasil, durante oito anos sob o governo do Ilustríssimo Conde João Maurício de Nassau*. [1647]. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom).

Beneficien voor de Soldaten gaende naer Brasil. s'Graven-Hage: Byde Weduwe, ende Erfgenamen van wijlen Hillebrandt Jacobsz van Wouw, Ordinaris Druckers van de Ho. Mo. Heeren Staten Generael, 1647.

Bontius, Jacobus; Markgraef, Georgius; Piso, Gulielmus. *Oost- en West-Indische warande: Vervattende aldaar de leef- en genees-konst. Met een verhaal van de speceryen, boom- en aard-gewassen, dieren &c. in Oost- en West Indien voorvallende*. Amsterdam: by Jan ten Hoorn, boekverkooper tegen over 't Oude Heere-Logement, 1694.

Brasilsche Gelt-Sack, Waer in dat klaerlijck vertoont wort waer dat de participanten van de West Indische Compagnie haer Geldt ghebleven is. Gedrukt in Brasilien op 't Reciff in de Bree-Bijl. Anno 1647.

Brasyls Schuyt-Praetjen. Ghebouden tusschen een Officier, een Domine, en een Coopman, noopende den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officiere en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetraecteert werden, en hoe men placht te leven ten tyde doen de Portugysen noch onder het onverdraeghlijck Iock der Hollanderen saten. Ghedrukt inde West-Indische Kamer by Maerten, Daer het gelt soo lustich klinckt als ser zijn Aep-staerten. Anno 1649.

Calado, Manuel. *O Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

Capellen, Alexander van der. *Gedenkschriften van jonckbeer Alexander van der Capellen, Heere van Aartsbergen, Boedelhof, en Mervelt. Beginnende met den Jaare 1635, en gaande tot 1654*. Tweede Deel. Utrecht: J. v. Schoonhoven en Comp., 1778.

Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

Cuthbertson, Bennett. *A System for the Compleat Interior Management and Economy of a Battalion of Infantry*. Dublin: 1768.

De Brasilsche Breede-Bijl. ofte t'samen-spraek tusschen Kees Jansz. Schoot, komende uyt Brasil, en Jan Maet koopmans knecht, ... over den verloop in Brasil. 1647.

Documentos Holandeses. Documentos coletados por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos por Abgar Renault. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1945.

Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia: História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

Freitag, Adam. *Architectura militaris nova et aucta, oder Neue vermehrte fortification, von regular vestungen, von irregular vestungen und aussen wercken, von praxi offensivâ und defensivâ: auff die neweste Niederländische praxin gerichtet und beschrieben*. In Leyden: bey Bonaventura und Abraham Elzeviers, 1635.

Gheyn, Jacob de. *Wapenhandelinghe van roers, musquetten ende spiessen: achtervolgende de ordre van Sijn Excellentie Maurits Prince van Orangie*. Amsterdam: 1608.

Graaf, Nicolaas de. *Reisen van Nicolaus de Graaff. Gedaan naar alle gewesten des Werelds. Beginnende 1639 tot 1687*. 'S-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1930.

Grotius, Hugo. 'Commentary on the Law of Prize and Booty'. In Ittersum, Martine Julia van. (Ed.). *Natural Law and Enlightenment Classics. Major Legal and Political Works of Hugo Grotius*. Indianapolis: Liberty Fund, 2006.

Haecx, Hendrik. 'Diário, 1645-1654'. Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O.C. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Volume 69, 1950.

Hansen, Peter. 'Memorial und Jurenal des Peter Hansen Haystrup'. In Ibold, Frank; Jäger, Jens; Kraack, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995.

Hemmersam, Michael. 'Reise nach Guinea und Brasilien, 1639-1645'. In Naber, S. P. l' Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegslenten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930.

Iournael ofte korte Discours nopende de Rebellye ende verradelijcke Desseyne der Portuguesen alhier in Brasil voorgenomen 't welck in Junio 1645 is ontdeckt. Ende wat vorder daer nae ghepasseert is tot den 28 April 1647. Arnhem: Ghedruckt by Jan Jacobsz, 1647.

Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco e dos prédios edificados ou reparados até 1654. Recife: Imprensa oficial, 1940.

Jesus, Raphael de. *Catrioto Lusitano. Parte I. Entrepresa, e restauração de Pernambuco; & das Capitanias Confinantes*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1679.

Kort, bondigh ende waerachtigh verhael van 't schandelijck over-geven ende verlaten vande voornaemste Conquesten van Brasil, onder de Regieringe vande Heeren Wouter van Schonenburgh, President. Hendrick Haecx, Hooghen Raedt. ende Sigismondus van Schoppe, Luytenant Generael over de Militie, 1654. Tot Middelburgh, ghedruckt by Thomas Dircksz. van Brouwershaven. Anno 1655.

Laet, Joannes de. *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até o fim do anno de 1636*. Volumes I e II. Tradução de José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro: Officinas Graphics da Bibliotheca Nacional, 1916.

Laet, Johannes de. *Historie ofte iaerlijk verhael van de verrichtinghen der geoctroyeerde West-Indische Compagnie, zedert haer begin, tot het eynde van 't jaer seshien-hondert ses-en-dertich; begrepen in derthien boecken, ende met verscheyden koperen platen verciert*. Tot Leyden: by Bonaventuer ende Abraham Elsevier, 1644.

Lawes and Ordinances touching military discipline. Set downe and stablished the 13 of August 1590. Imprinted at the Hague by the widowe & heires of the deceased Hillebrand Jacobs van Wouw, Ordinarie Printer to the high and mightie Lords the States Generall. Anno 1631.

Maniement d'armes d'arquebuses, mousquetz, & piques: En conformité de l'ordre de Monseigneur le Prince Maurice, Prince d' Orange, Comte de Nassau & Gouverneur et Capitain General de Geldres, Hollande, Zeelande, Utrecht, Overijssel etc. représenté par figures, par Jaques de Gheyn. Amsterdam: Chez Robert de Baudous, avec privilege de l'Empereur, du Roy de France, & des nobles & puissans seigneurs messeigneurs les Estatz generaux des Provinces Unies, 1608.

Marolois, Samuel. *Fortificatie, dat is sterckte bouwing: so wel tot offensive als defensive oorlogh.* Amsterdam: Johannes Janssonius, 1627.

Melo, Francisco Manuel de. *Epanáfora Triunfante.* 1659. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira.* São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom).

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses.* 1957-58. Vol. 2. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses.* 1957-58. Vol. 3. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses.* 1957-58. Vol. 5. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Arquivos Holandeses.* 1957-1958. Vol. 6. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2000.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 1. A Economia Açucareira.* Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a História do Brasil Holandês. 2. A Administração da Conquista.* Recife: MinC – Secretaria da Cultura, 4ª Diretoria Regional da SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

Moerbeek, Jan Andries. *Redenen, waeromme de West-Indische Compagnie dient te trachten het Landt van Brasilia den Coninck van Spangien te ontmachtigen, en dat ten eersten.* t'Amsterdam, By Cornelis Lodewijksz. vander Plasse, Boeck-vercooper op de hoeck vande Beurs inden Italiaenschen Bybel. Anno 1624.

Montanus, Arnoldus. *De Nieuwe en Onbekende Wereld: of Beschryving van America en 't Zuid-Land.* Amsterdam: Jacob Meurs, 1671.

Moreau, Pierre. 'Histoire des derniers troubles du Brésil'. In *Relations véritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil: avec l'histoire de La dernière guerre faite au Brésil entre les Portugais et les Hollandois: trois relations d'Egypte, et une du royaume de Perse.* Paris: Augustin Courbé, 1651.

Moreau, Pierre. 'História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses'. In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira.* São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom).

Moreau, Pierre. *Klare en Waarachtige Beschryving: Van de leste Beroerten en Afval der Portugezen in Brasil; Daar in d'oorsprong dezer zwaarigheden en oorlogen klarelyk vertoont worden*. Amsterdam: Jan Hendriksz. en Jan Rieuwertsz. Boekverkopers, 1652.

Nieuhof, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. [1682] In Freire, Francisco Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001, (Cd-Rom).

O'Callaghan, E. B. (Ed.). *Laws and Ordinances of New Netherland, 1638-1674*. Albany: Weed, Parsons and Company, 1868.

Octroy By de Hooghe Mogende Heeren Staten Generael verleent aende West-Indische Compagnie in date den derden Junij 1621. Mette Ampliatien van dien, ende Het accord tusschen de Bewint-hebberen ende Hoof-participanten vande selve Compagnie, met approbatie vande Hoog: ende Mog: Heeren Staten Generael ghemaect. 's Graven-Haghe: By de Weduve, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrant Jacobssz. Van Wouw, Ordinaris Druckers vande Hog: Mog: Heeren Staten Generael, 1623.

Paré, Ambrose. *The Method of Curing Wounds made by Gun-shot. Also by Arrowes and Darts, with their Accidents (Faithfully done into English out of the French Copie, by Walter Hamond, Chirurgeon)*. London: Printed by Isaac Iaggard, 1617.

Pimentel, Luis Serrão. *Methodo Lusitanico De Desenhar as Fortificações das Praças Regulares, & Irregulares, Fortes de Campanha, e outras obras Pertecentes*. Lisboa: Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de S. Alteza. Anno 1680.

Piso, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental*. Tradução Mário Lobo Leal. [1658] Rio de Janeiro: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1957.

Plaacet, ende Ordonnantie vande Hooge ende Mog. Heeren Staten Generael der Vereenighde Nederlanden tegens Wech-loopers die hun in dienst vande Oost ofte West-Indische Compaignien begheven hebbende verloopen ofte oock in tijdt van noodt haer Schepen verlaten. In 's Graven-Haghe, Byde Weduwe, ende Erfghenamen van wijlen Hillebrandt Jacobssz van Wouw, Ordinaris Druckers vande Ho. Mo. Heeren Staten Generael. Anno 1634.

Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen Nahmens Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring. Gedruck't im Jahr 1677.

Pudsey, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640* [Payter, 1644]. Petrópolis: Editora Index, 2000.

Richshoffer, Ambrosius. *Diário de um Soldado da Companhia das Índias Ocidentais, 1629-1632*. [Estrasburgo, 1677] Traduzido por Alfredo de Carvalho. Coleção Pernambucana Vol. XI. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

Richshoffer, Ambrosius. 'Reise nach Brasilien 1629-1632'. In Naber, S. P. l'Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930.

Santiago, Diogo Lopes. *História da Guerra de Pernambuco*. Recife: Governo de Pernambuco, FUNDARPE, 1984.

Schalkwijk, F. L. 'Atas das Assembléias classicais da Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês'. In *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*. Volume LVIII, 1993.

Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume I. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998.

Soler, Vicente Joaquim. *Brasil Holandês. Dezesete Cartas, 1636-1643*. Traduzidas por B. N. Teensma. Rio de Janeiro: Index, 1999.

Souterius, Daniel. *Nuchteren Loth: dat is, Middel om op te staen, uyt de ziel-verderffelijcke sonde, van dronckenschap, tot een maetich, ende godvruchtich leven. Beschreven in XXVIII. predication. Tot Haerlem: ghedr. by Herman Theunisz. Kranepoel, 1623.*

Souto-Maior, Pedro. 'A Religião Cristã Reformada no Brasil no Século XVII'. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo Especial Consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional. Parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

Stevin, Simon. *De sterctenbouwing*. Tot Leyden: by François van Ravelenghien, 1594.

Twee Deductien, Aen-gaende de Vereeninge van d' Oost ende West-Indische Compagnien aen de Ed. Groot Mog. Heeren Staten van Hollandt ende West-Frieslandt van de West-Indische Compagnie overgelevert. 's Graven-Hage: Ian Veely, 1644.

Wagener, Zacharias. 'Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen' [1668]. In *Dutch Brazil. The "Thierburch" and "Autobiography" of Zacharias Wagener*. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.

Wasch, C. J. 'Een doopregister der Hollanders in Brazilië'. In *Algemeen Nederlandsch Familieblad. Tijdschrift voor Geschiedenis, Geslacht-, Wapen-, Zegelkunde. Enz.* Vol. 6, n. 3. 's-Gravenhage: Genealogisch en Heraldisch Archief, 1889.

Literatura

Abels, Richard. 'Household men, Mercenaries and Vikings in Anglo-Saxon England'. In France, John (Ed.). *Mercenaries and Paid Men. The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2008.

Adão, Clicie. 'Chile holandês o Flandres indiano en la visión de Gaspar Barléu'. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006.

Aerts, Tecla M. 'Het verfoeijelijke crimen van sodomie. Sodomie op VOC-schepen in de 18e eeuw'. In *Leidschrift. Historisch Tijdschrift*. Jaargang 4, Nummer 2, 1988.

Albuquerque, Marcos. 'Holandeses en Pernambuco. Rescate material de la Historia'. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006.

Albuquerque, Marcos; Lucena, Veleda; Walmsley, Doris. *Fortes de Pernambuco. Imagens do passado e do presente*. Recife: Graftorre, 1999.

Alencastro, Luiz Felipe de. *O Trato dos Videntes – Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Alden, Dauril. *Charles R. Boxer. An Uncommon Life*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.

Alphen, Marc van. 'The Female Side of Dutch Shipping: Financial Bonds of Seamen Ashore in the 17th and 18th Century'. In Bruijn, J. R.; Bruyns, W. F. J. (Eds.). *Anglo-Dutch Mercantile Marine Relations 1700-1850. Ten Papers*. Amsterdam/Leiden: Rijksmuseum 'Nederlands Scheepvaartmuseum' Amsterdam/Rijksuniversiteit Leiden, 1991.

Alphen, Marc van. *Handel en wandel van de transportkoper. Opkopers van VOC-transportbrieven in Enkhuizen (1700-1725)*. Amsterdam: Doctoraal scriptie, Universiteit van Amsterdam, 1988.

Anderson, M. S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988.

Anderson, Perry. *Linbagens do Estado Absolutista*. 3^a Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

Ariès, Philippe; Duby, Georges; Le Goff, Jacques. *História e Nova História*. 3^a Edição. Lisboa: Teorema, 1994.

Bailyn, Bernard. 'Introduction: Europeans on the Move, 1500-1800'. In Canny, Nicholas, *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Bairoch, Paul; Batou, Jean; Chèvre, Pierre. *La population des villes européennes de 800 à 1850. Banque de données et analyse sommaire des résultats*. Genève: Librairie Droz, 1988.

Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Volume 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

Black, Jeremy. *A military revolution? Military change and european society 1550-1800*. London: Macmillan, 1991.

Black, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002

Bloch, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Blussé, Leonard; Gaastra, Femme (Eds.). *Companies and Trade. Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*. Leiden: Leiden University Press, 1981.

Böeseken, A. J. *Dagregister en Brieven van Zacharias Wagenaer 1662-1666*. Pretoria: Die Staatsdrukker, 1973.

Boogaart, E. van den; Emmer, P. C.. 'Colonialism and migration: an overview'; *Indentured Labour Before and After Slavery. Comparative Studies in Overseas History*; 7. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1986.

Boogaart, Ernst van den. (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Boogaart, Ernst van den. 'Morrer e Viver em Fernando de Noronha, 1630-1654'. In Galindo, Marcos (Org.). *Viver e Morrer no Brasil Holandês*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2005.

Boogaart, Ernst van den. 'The Servant Migration to New Netherland, 1624-1664'. In Emmer, P.C. *Colonialism and Migration; Indentured Labour Before and After Slavery. Comparative Studies in Overseas History*; 7. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1986.

Boxer, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. [London, 1957] Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004.

Boxer, Charles Ralph. *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola 1602-1686*. London: The Athlone Press, 1952.

Boxer, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. [London, 1965] London: Hutchinson, 1977.

Boxer, Charles Ralph. *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825*. London: Hutchinson, 1969.

Boxer, Charles Ralph. *Zeevarend Nederland en zijn wereldrijk 1600-1800*. [London, 1965] Leiden: A. W. Sijthoff, 1967.

Brandon, Pepijn. 'Finding solid ground for soldier's payment. Military soliciting and brokerage practices in the Dutch Republic (1648-1795)'. In *XVth World Economic History Congress, The spending of the States. Military expenditure during the long eighteenth century: patterns, organisation and consequences, 1650-1815*. Utrecht, 2009.

Braudel, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII. As Estruturas do Cotidiano: O Possível e o Impossível*. [Paris, 1979] Volume 1. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Breda, Daniel Oliveira. *Vicus Judaeorum: Os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654)*. Natal: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Natal, 2007.

Bruijn, Iris. *Ship's Surgeons of the Dutch East India Company. Commerce and the Progress of Medicine in the Eighteenth Century*. Leiden: Leiden University Press, 2009.

Bruijn, J. R.; Lucassen, J. (Eds.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma's Boekhuis, 1980.

Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. 'De scheepvaart van de Oost-Indische Compagnie en het verschijnsel muiterij'. In Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij. Oproer en berechting op schepen van de VOC*. Haarlem: De Boer Maritiem, 1980.

Bruijn, J. R.; Van Eyck van Heslinga, E. S. *Muiterij. Oproer en berechting op schepen van de VOC*. Haarlem: De Boer Maritiem, 1980.

Burke, Peter. *A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1991.

Burke, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. [Cambridge, 1991] São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1992.

Burke, Peter. 'A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa' In Burke, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. [Cambridge, 1991] São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1992.

Canny, Nicholas. 'In Search of a Better Home? European Overseas Migration, 1500-1800'. In Canny, Nicholas, *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

Cascudo, L. da Câmara. *Geografia do Brasil Holandês*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

Castro, Celso; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik (Org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Certeau, Michel de. *A invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer*. [1980] 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

Cook, Harold J. *Matters of Exchange. Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*. New Haven/London: Yale University Press, 2007.

Costa, Fernando Dore. 'Milícia e Sociedade – Recrutamento'. In Barata, Manuel Themudo; Teixeira, Nuno Severiano (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

Creveld, Martin van. *Supplying War. Logistics from Wallenstein to Patton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Dash, Mike. *Batavia's Graveyard: The True Story of the Mad Heretic Who Led History's Bloodiest Mutiny*. London: Phoenix, 2003.

Davids, C. A. *Wat lijdt den Zeeman al verdriet. Het Nederlandse zeemanslied in de zeiltijd (1600-1900)*. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1980.

Davies, C. S. L. 'Provisions for Armies, 1509-50; a Study in the Effectiveness of Early Tudor Government'. In *The Economic History Review*. Vol. 17, No. 2, 1964.

Del Priore, Mary. 'História do Cotidiano e da Vida Privada'. In Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

Delumeau, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Dibon, Paul. *Inventaire de la correspondance d'André Rivet (1595-1650)*. La Haye: Nijhof, 1971.

Dingemanse, Clariza; Meijer Drees, Marijke. "Praatjes" over de WIC en Brazilië: literaire aspecten van gespreksamfletten uit 1649'. In *De Lage Landen en de Nieuwe Wereld. De zeventiende eeuw. Cultuur in de Nederlanden in interdisciplinair perspectief. Tijdschrift van de Werkgroep Zeventiende Eeuw*. Jaargang 21, nummer 1, 2005.

Duffy, Christopher. *Fire and Stone: The Science of Fortress Warfare, 1660-1860*. London: Greenhill Books, 1996.

Duffy, Christofer. *Siege Warfare. The fortress in the early modern world. 1494-1660*. London: Routledge & Keegan Paul, 1979.

Duffy, Christofer. *The military experience in the age of reason*. [London, 1987] London: Wordsworth Military Library, 1998.

Ebert, Christopher. *Between empires: Brazilian sugar in the early Atlantic economy, 1550-1630*. Leiden: Brill, 2008.

Ebert, Christopher. 'Dutch trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1578-1621'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003.

Edmundson, George. 'The Dutch Power in Brazil (1624-1654). Part I – The Struggle for Bahia (1624-1627)'. In *The English Historical Review*, Oxford University Press, Vol. 11, n. 42, 1896.

Edmundson, George. 'The Dutch Power in Brazil (1624-1654). Part II – The First Conquests'. In *The English Historical Review*, Oxford University Press, Vol. 15, nr. 57, 1900.

Edwards, John; Lynch, John. *Historia de España. 4. Edad Moderna – El auge del imperio, 1474-1598*. Barcelona: Crítica, 2005.

Eltis, David. 'Slavery and freedom in the early modern world'. In Engerman, Stanley Lewis (Ed.). *Terms of labor; Slavery, serfdom, and free labor*. California: Stanford University Press, 1999.

Emmer, P. C. 'The West India Company, 1621-1791: Dutch or Atlantic?'. In Blussé, Leonard; Gaastra, Femme (Eds.). *Companies and Trade. Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*. Leiden: Leiden University Press, 1981.

Emmer, P.C.; Klooster, Willem W.. 'The Dutch Atlantic, 1650-1800: Expansion without Empire'. In *Itinerario. European Journal of the Overseas History*. Leiden: Vol. XXIII, nr.2, 1999.

Enthoven, Victor. 'An Assessment of Dutch Transatlantic Commerce, 1585-1817'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. The Atlantic World 1. Leiden/Boston: Brill, 2003.

Enthoven, Victor. 'Dutch crossings; Migration between the Netherlands and the New World, 1600-1800'. In *Atlantic Studies: Literary, Cultural and Historical Perspectives*. Vol. 2, Issue 2, 2005.

Ernstberger, Anton. *Abenteurer des Dreißigjährigen Krieges. Zur Kulturgeschichte der Zeit*. Erlangen: Universitätsbund Erlangen-Nürnberg, 1963.

França, Eduardo D'Oliveira. *Portugal na Época da Restauração*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

France, John (Ed.). *Mercenaries and Paid Men. The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2008.

Françoza, Mariana Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico Holandês (século XVII)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. [Rio de Janeiro, 1933] 23ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1984.

Friedrichs, Christopher R. 'The war and German society'. In Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Year's War*. [1984] Second Edition. New York: Routledge, 2007.

Furtado, Júnia Ferreira. 'Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial'. In *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 41, 2005.

Furtado, Júnia Ferreira. 'Tropical Empiricism: Making Medical Knowledge in Colonial Brazil'. In Delbourgo, Jame & Dew, Nicholas (Eds.). *Science and Empire in the Atlantic World*. New York/London: Routledge, 2008.

Gaastra, Femme S. *The Dutch East India Company. Expansion and Decline*. Zutphen: Walburg Pers, 2003.

Galindo, Marcos (Org.). *Viver e Morrer no Brasil Holandês*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2005.

Galindo, Marcos; Menezes, José Luiz Mota. *Desenhos da Terra: Atlas Vingboons*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2003.

Galindo, Marcos; Menezes, José Luiz Mota; Montes, Maria Lúcia. *Eu, Maurício. Os espelhos de Nassau*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004.

Gelder, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997.

Goslinga, Cornelis Ch. *The Dutch in the Caribbean and on the Wild Coast, 1580-1680*. Assen: Van Gorcum & Comp. N.V., 1971.

Graaf, Ronald de. 'Geneeskundige zorg in het Staatse Leger tijdens de opstand tegen Spanje'. *Leidschrift. Historisch Tijdschrift*. Jaargang 17, Nummer 1, 2002.

Graaf, Ronald de. *Oorlog, mijn arme schapen. Een andere kijk op de Tachtigjarige Oorlog 1565-1648*. Franeker: Uitgeverij Van Wijnen, 2004.

Groenveld, S.; Leeuwenberg, H.L.Ph.; Mout, M.E.H.N.; Zappey, W.M. *De Tachtigjarige Oorlog: opstand en consolidatie in de Nederlanden (ca. 1560-1650)*. Zutphen: Walburg Pers, 2008.

Groesen, Michiel van. 'Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil'. In Huigen, Siegfried; De Jong, Jan L.; Kolfin, Elmer (Eds.). *Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*. Leiden: Brill, 2010.

Guerra, Francisco. 'Medicine in Dutch Brazil 1624-1654'. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Gutmann, Myron P. *War and rural life in the early modern Low Countries*. Assen: Van Gorcum, 1980.
Hale, J.R. *War and society in Renaissance Europe, 1450-1620*. London: Fontana Press, 1985.

Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention: Mutiny in Comparative Perspective*. Westport/Connecticut/London: Praeger, 2001.

Heijden, Manon van der; Heuvel, Danielle van den. "Sailors' families and the urban institutional framework in early modern Holland". In *The History of the Family*. Volume 12, Issue 4, 2007.

Heijer, Henk den. "Over warme en koude landen". Mislukte Nederlandse volksplantingen op de Wilde Kust in de zeventiende eeuw'. In *De Lage Landen en de Nieuwe Wereld. De zeventiende eeuw. Cultuur in de Nederlanden in interdisciplinair perspectief. Tijdschrift van de Werkgroep Zeventiende Eeuw*. Jaargang 21, nummer 1, 2005.

Heijer, Henk den. *De geotrooieerde compagnie. De VOC en de WIC als voorlopers van de naamloze vennootschap*. Deventer: Kluwer, 2005.

Heijer, Henk den. 'Diretores, Stadhouderes e Conselhos de Administração'. In Wiesebron, Marianne L. (Ed.). *O Brasil em arquivos neerlandeses (1624-1654)*. Volume 2. Leiden: CNWS, 2005.

Heijer, Henk den. 'The Dutch West India Company, 1621-1791'. In Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds) *Riches from Atlantic Commerce*.

Heijer, Henk den. *De geschiedenis van de WIC*. [Zutphen, 1994] Zutphen: Walburg Pers, 2002.

Herkenhoff, Paulo (Org.). *O Brasil e os Holandeses 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes. 1999.

Heuvel, Danielle van den. *Bij uijtlandigheijt van haar man'. Ecthenotes van VOC-zeelieden, aangemonsterd voor de kamer Enkhuizen (1700-1750)*. Amsterdam: Aksant, 2005.

Hoboken, W. J. van. 'Een muiterij in Verzuimd Braziel'. *De Nieuwe Stem. Maandblad voor Cultuur en Politiek*. Amsterdam/Antwerpen: Wereldbibliotheek, 9e. jrg., 1954.

Hoboken, W. J. van. 'Een troepentransport naar Brazilië in 1647'. In *Tijdschrift voor Geschiedenis*. Groningen: LXII, 1949.

Hoboken. W. J. van. *Witte de With in Brazilië, 1648-1649*. Amsterdam: N.V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1955.

Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms. Warfare in the Netherlands (1568-1648)*. Leiden: Brill, 1997.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. [Rio de Janeiro, 1936]. 20ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1988.

Hulsman, Lodewijk. 'Índios do Brasil na República dos Países Baixos: As representações de Antônio Paraupaba para os Estados Gerais em 1654 e 1656'. In *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, número 154, 2006.

Iongh, D. de. *Het krijgswezen onder de Oost-Indische Compagnie*. 's-Gravenhage: N. V. Uitgeverij W. P. van Stockum en Zoon, 1950.

Israel, Jonathan Irvine. *Dutch Primacy in World Trade, 1585-1740*. [1989] Oxford: Clarendon Press, 2002.

Israel, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic. Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995.

Israel, Jonathan Irvine; Schwartz, Stuart B. *The Expansion of Tolerance. Religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007.

Ittersum, Martine Julia van. 'The long goodbye: Hugo Grotius's justification of Dutch expansion overseas, 1615-1645'. In *History of European Ideas*. Volume 36, Issue 4, December 2010.

Jacobs, Jaap. 'Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland'. In Ebben, Maurits; Wagenaar, Pieter (Red.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006.

Jacobs, Jaap. *New Netherland. A Dutch Colony in Seventeenth-Century America*. Leiden: Brill, 2005.

Jacobs, Jaap. *The Colony of New Netherland. A Dutch Settlement in Seventeenth-Century America*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2009.

Jong, Michiel A. G. de. 'Staet van oorlog' *Wapenbedrijf en militaire hervorming in de Republiek der Verenigde Nederlanden, 1585-1621*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2002.

Joppien, R. 'The Dutch Vision of Brazil. Johan Maurits and his artists'. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Keegan, John. *The Face of Battle*. New York: Viking Press, 1976.

Keegan, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Ketting, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002.

Kist, J. B.; Puype, J. P. *Musket, Roer & Pistolet. 17e-eeuws wapenhandwerk in de Lage Landen*. Den Haag: Uitgeverij W. Gaade B.V., 1974.

Klooster, Wim. *The Dutch in the Americas, 1600-1800: a narrative history with the catalogue of an exhibition of rare prints, maps, and illustrated books from The John Carter Brown Library*. Providence: The John Carter Brown Library, 1997.

Kraack, D. A. 'Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)'. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996.

Krommen, Rita. *Mathias Beck und die Westindische Compagnie. Zur Herrschaft der Niederländer im kolonialen Ceará*. Köln: Universität zu Köln, 2001.

Kruijtzter, Gijs. 'European migration in the Dutch sphere'. In Oostindie, Gert (Ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008.

Lago, Bia Corrêa do; Lago, Pedro Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}*. *Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continents, 2007.

Le Goff, Jacques. 'A História do Quotidiano'. In Ariès, Philippe; Duby, Georges; Le Goff, Jacques. *História e Nova História*. 3ª Edição. Lisboa: Teorema, 1994.

Lee, Stephen J. *A Guerra dos Trinta Anos*. [1991] São Paulo: Editora Ática, 1994.

Lequin, F. *Het personeel van de Verenigde Oostindische Compagnie in de achttiende eeuw, in het bijzonder in de vestiging Bengalen*. [Leiden, 1982] Alphen aan den Rijn: Canaletto/Repro-Holland, 2005.

Lindberg, B. H. 'Spoils and trophies'. In Sandstedt, F.; Engquist Sandstedt, L.; Skoog, M.; Tetteris, K. (Eds.). *In hoc signo vinces. A Presentation of The Swedish State Trophy Collection*. Halmstad: Printografen, 2006.

Lindemann, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Lohnstein, M. J. *De Militie van de Sociëteit c.q. Directie van Suriname in de achttiende eeuw*. Velp: Scriptie Rijksuniversiteit Utrecht, 1984.

Lucassen, Jan. 'The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration, in the Late Sixteenth to Early Nineteenth Centuries'. In Canny, Nicholas. *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Lucassen, Jan. 'The North Sea: a crossroad for migrants?' In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*.

Luciani, Fernanda Trindade. *Municípios e escabinos. Poder local e guerra de restauração no Brasil Holandês (1630-1654)*. São Paulo: Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo, 2007.

Mattoso, José (Dir.). *História de Portugal – O Antigo regime (1620-1807)*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

Mauro, Frédéric. 'Merchant communities, 1530-1750'. In Tracy, James D. (Ed.). *The Rise of Merchant Empires. Long-distance Trade in the Early Modern World 1350-1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Mauro, Frédéric. *O Império luso-brasileiro, 1620-1750*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

Mauro, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico, 1570 – 1670*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

McConnell, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004.

McNeill, J. R. *Mosquito Empires. Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914*. New York: Cambridge University Press, 2010.

Meer, Theo van der. *Sodoms zaad in Nederland: het ontstaan van homoseksualiteit in vroegmoderne tijd*. Nijmegen: SUN, 1995.

Mello, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

Mello, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Mello, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. [Rio de Janeiro, 1975] 2ª Edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Mello, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio. O imaginário da restauração pernambucana*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

Mello, Frederico Pernambucano de. 'Tambores de Marte em Guararapes'. In *Guararapes: uma visita às origens da Pátria*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2002.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *A Cartografia Holandesa do Recife: Estudo dos principais mapas da cidade, do período 1631-1648*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1976.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *A rendição dos holandeses no Recife (1654)*. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes – IPHAN/MEC, 1979.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação. Cristãos-novos e judeus em Pernambuco 1542-1654*. 2ª Edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996.

Mello, José Antônio Gonsalves de. 'O inglês Pudsey em Pernambuco'. In *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 nov., 1950.

Mello, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. [1947] 4ª Edição. Recife: Topbooks, 2001.

Menezes, José Luiz Mota. 'O Recife espelho de Maurício'. In Galindo, Marcos; Menezes, José Luiz Mota; Montes, Maria Lúcia. *Eu, Maurício. Os espelhos de Nassau*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004.

Meuwese, Marcus P. 'For the peace and well-being of the country': *intercultural mediators and Dutch-Indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600-1664*. Indiana: University of Notre Dame, 2003. (Ph.D. Dissertation).

Midelfort, Erik. *A History of Madness in Sixteenth-Century Germany*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

Miranda, Bruno Romero Ferreira. *Fortes, paliçadas e redutos enquanto estratégia da política de defesa portuguesa (O caso da capitania de Pernambuco – 1654-1701)*. Recife: Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

Moor, J. A. de. 'Experience and experiment: some reflections upon the military developments in 16th and 17th century Western Europe'. In Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms. Warfare in the Netherlands (1568-1648)*. Leiden: Brill, 1997.

Morineau, Michel. '1. Rations militaires et rations moyennes en Hollande au XVII^e siècle'. In *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Ano 18, Número 3, 1963.

Morineau, Michel. 'En Hollande au XVII^e siècle: rations militaires et rations moyennes'. In Morineau, Michel (Ed.). *Pour une histoire économique vraie*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985.

Mortimer, Geoff. *Eyewitness Accounts of the Thirty Years War 1618-1648*. Basingstoke: Palgrave, 2002.

Mout, M. E. H. N. 'The youth of Johan Maurits and aristocratic culture in the early seventeenth century'. In Boogaart, Ernst van den (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Mout, M. E. H. N. 'Os primeiros tchecos no Brasil'. In *Ibero-Americana Pragensia*. Ano III, 1969.

Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. *"Pelo Lucro da Companhia": Aspectos da Administração no Brasil Holandês, 1630-1639*. Recife: Dissertação de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

Nascimento, Rômulo Luiz Xavier. *O Desconforto da Governabilidade: aspectos da administração no Brasil holandês (1630-1644)*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Universidade Federal Fluminense, 2008.

Nederveen Meerkerk, Hannedea C. van. *Recife: The rise of a 17th century trade city from a cultural-historical perspective*. Van Gorcum, Assen/Maastricht: PhD dissertation Technical University of Delft, 1989.

Neme, Mário. *Fórmulas políticas no Brasil Holandês*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Difusão Européia do Livro, 1971.

Netscher, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, Notice Historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII^e siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853.

Nierstrasz, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company. The VOC (Dutch East India Company) and its Servants in the Period of its Decline (1740-1796)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2008.

Niet, Johan de. *Ziekentroosters op de pastorale markt 1550-1880*. Rotterdam: Erasmus Publishing, 2006.

Nimwegen, Olaf van. *'Deser landen krijchsvolck' Het Staatse leger en de militaire revoluties 1588-1688*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2006.

Nolan, Cathal J. *Wars of the age of Louis XIV, 1650-1715. An Encyclopedia of Global Warfare and Civilization*. Westport: Greenwood Press, 2008.

North, J. D. 'Georg Markgraf, an astronomer in the New World'. In Boogaart, Ernst van den. (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Novais, Fernando A.; Souza, Laura de Mello. 'Comentário VI'. In *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*. São Paulo: Nova Série/Universidade de São Paulo, vol. 4, jan.-dez., 1996.

Novais, Fernando A. (Dir.); Souza, Laura de Mello e. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Oers, Ron van. *Dutch Town Planning Overseas during VOC and WIC rule (1600-1800)*. Zutphen: Walburg Pers, 2000.

Oestreich, Gerhard. *Neostoicism and the early modern state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Ohba N.; Ohba, A. 'Nyctalopia and hemeralopia: the current usage trend in the literature'. *British Journal of Ophthalmology*, Vol. 90, n. 12, 2006.

Oostindie, Gert (Ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008.

Ozment, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990.

Papavero, Claude Guy. 'Alegrias e desventuras do paladar: a alimentação no Brasil holandês'. In *Revista de Nutrição*. Campinas: volume 23, número 1, 2010.

Papavero, Claude Guy. *Mantimentos e víveres: o domínio colonial holandês no Brasil*. São Paulo: Dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo, 2002.

Parker, Angela; Parker, Geoffrey. *Los soldados europeos entre 1550 y 1650*. [1977] Madrid: Ediciones Akal, 2000.

Parker, Geoffrey. 'Mutiny and Discontent in the Spanish Army of Flanders 1572-1607'. In *Past and Present*, n. 58. Oxford: Oxford University Press, 1973.

Parker, Geoffrey. 'War and Economic Change: the Economic Costs of the Dutch Revolt'. In Winter, J. M. (Ed.). *War and Economic Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

Parker, Geoffrey. *Empire, War and Faith in Early Modern Europe*. London: Allen Lane The Penguin Press, 2002.

Parker, Geoffrey. *Spain and The Netherlands, 1559-1659. Ten Studies*. London: Collins, 1979.

Parker, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road, 1567-1659*. [2nd Edition] Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Parker, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. [1988] Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Parker, Geoffrey (Ed.). *The Thirty Year's War*. [1984] Second Edition. New York: Routledge, 2007.

Parrott, David. *Richelieu's army. War, Government and Society in France, 1624-1642*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Peregalli, Enrique. *Recrutamento militar no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1986.

Pereira, Sidclay Cordeiro. *Caminhos na Resistência. O espaço do Recife durante a ocupação neerlandesa (1630-1637) em Pernambuco (Brasil)*. Recife: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

Pérez, José Manuel Santos. 'Estado, capitanías donatarias y compañías comerciales. Una visión comparativa del Brasil holandés'. In Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006.

Pérez, José Manuel Santos; Souza, George F. Cabral de Souza (Eds.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006.

Pol, Lotte C. van de. *Het Amsterdams boerdom. Prostitutie in de zeventiende en achttiende eeuw*. Amsterdam: Uitgeverij Wereldbibliotheek, 1996.

Possamai, Paulo César. *O cotidiano da guerra: a vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2001.

Possamai, Paulo César. 'O recrutamento militar na América Portuguesa: O esforço conjunto para a defesa da Colônia do Sacramento (1735-1737)'. In *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, n. 151, 2004.

Postma, Johannes; Enthoven, Victor (Eds.). *Riches from Atlantic Commerce. Dutch Transatlantic Trade and Shipping, 1585-1817*. Leiden/Boston: Brill, 2003.

Prado Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo. Colônia*. [8ª Edição] São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

Prado Júnior, Caio. *História econômica do Brasil*. [33ª Edição] São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

Prak, Maarten. *The Dutch Republic in the Seventeenth Century: The Golden Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Price, J.L. 'Regional identity and European culture: The North Sea region in the Early Modern Period'. In Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (Eds.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*.

Puntoni, Pedro. 'A arte da guerra no Brasil: tecnologia e estratégia militares na expansão da fronteira da América Portuguesa (1550-1700)'. In Castro, Celso; Izecksohn, Vitor; Kraay, Hendrik (Org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Puype, Jan Pieter; Hoeven, Marco van der. *Het arsenaal van de wereld: de Nederlandse wapenbandel in de Gouden Eeuw*. Amsterdam: De Bataafsche Leeuw, 1993.

Rabb, Theodore K. 'The Effects of the 'Thirty Years' War on the German Economy'. In *The Journal of Modern History*, Vol. 34, n. 1, 1962.

Ratelband, Klaas. *Nederlanders in West-Afrika 1600-1650. Angola, Kongo en São Tomé*. [1943] Zutphen: Walburg Pers, 2000.

Rebollo, Regina Andrés. 'O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno'. In *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 4, n. 1, mar. 2006.

Redlich, Fritz. 'The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history'. Vol. 1. In *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. N. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964.

Redlich, Fritz. *De Praeda Militari. Looting and booty 1500-1815*. Wiesbaden: Franzsteiner Verlag GMBH, 1956.

Reis Filho, Nestor Goulart. *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

Reis, Nestor Goulart Reis. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

Revel, Jacques (Org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Riben, Hans. 'The musical instruments in the Swedish State Trophy Collection'. In Sandstedt, F.; Engquist Sandstedt, L.; Skoog, M.; Tetteris, K. (Eds.). *In hoc signo vinces. A Presentation of The Swedish State Trophy Collection*. Halmstad: Printografen, 2006.

Roeper, Vibeke. *De schipbreuk van de Batavia 1629*. Zutphen: Walburg Pers, 2002.

Roeper, Vibeke; Gelder, Roelof van. *In dienst van de Compagnie: leven bij de VOC in honderd getuigenissen (1602-1799)*. Amsterdam: Athenaeum-Polak & Van Gennep, 2002.

Rodrigues, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

Rodrigues, José Honório. *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

Rogers, Clifford J. (Ed.). *The military revolution debate: readings on the military transformation of Early Modern Europe*. Boulder: Westview Press, 1995.

Ruff, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Rutkow, Ira M. 'Origins of Modern Surgery'. In Norton, J. A.; Barie, P. S.; Bollinger, R. R.; Chang, A. E.; Lowry, S. F.; Mulvihill, S. J.; Pass, H. I.; Thopson, R. W. (Eds.). *Surgery. Basic Science and Clinical Evidence*. 2nd Edition. New York: Springer, 2008.

Sandstedt, F.; Engquist Sandstedt, L.; Skoog, M.; Tetteris, K. (Eds.). *In hoc signo vinces. A Presentation of The Swedish State Trophy Collection*. Halmstad: Printografen, 2006.

Schalkwijk, F.L. *Igreja e Estado no Brasil Holandês 1630-1654*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, 1986.

Schalkwijk, F.L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. [1986] Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998.

Schama, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. [1987] São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Schiltkamp, Jacob A. 'Legislation, Government, Jurisprudence, and Law in the Dutch West Indian Colonies: the Order of Government of 1629'. In *Pro Memoria. Bijdragen tot de rechtsgeschiedenis der Nederlanden*. Hilversum: Uitgeverij Verloren, Jaargang 5, aflevering 2, 2003.

Schmidt, Benjamin. *Innocence abroad. The Dutch Imagination and the New World, 1570-1670*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Schwartz, Stuart B. 'Portuguese Attitudes of Religious Tolerance in Dutch Brazil'. In Israel, Jonathan Irvine; Schwartz, Stuart B. *The Expansion of Tolerance. Religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007.

Schwartz, Stuart B. *All Can Be Saved: Religious Tolerance and Salvation in the Iberian Atlantic World*. New Haven/London: Yale University Press, 2008.

Serebrennikov, Nina Eugenia. 'Plotting imperial campaigns. Hieronymus Cock's abortive foray into chorography'. In Jong, Jan de; Meadow, Mark; Ramakers, Bart; Scholten, Frits (Eds.). *Nederlands Kunsthistorisch Jaarboek, Prentwerk 1500-1700*. Zwolle: Waanders Uitgevers, deel 52, 2001.

Shammas, Caroles. *The pre-industrial consumer in England and America*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

Sharp, Jim. 'A história vista de baixo'. In Burke, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. [Cambridge, 1991] São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1992.

Silva, Filipa Isabel Ribeiro da. *The Dutch and the Portuguese in West Africa: Empire Building and Atlantic System (1580-1674)*. Leiden: Proefschrift Universiteit Leiden, 2009.

Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. 'A vilíssima canalha e a mentalidade barroca canavieira: Reflexões sobre os soldados da Coroa portuguesa e o imaginário coletivo da zona açucareira'. In *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*. Número 19. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. "Dos criminosos, vadios e de outros elementos incômodos": uma reflexão sobre o recrutamento e as origens sociais dos militares coloniais'. In *Lócus – Revista de História*. Volume 8, número 1. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/Arquivo Histórico. EDUFJF, 2002.

Silva, Kalina Vanderlei Paiva da. *O miserável soldo e a boa ordem da sociedade colonial – Militarização e marginalidade na capitania de Pernambuco dos séculos XVII e XVIII*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2001.

Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. 'Cotidiano' In Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

Silva, Marco Antônio Nunes da. *O Brasil holandês nos cadernos do Promotor: Inquisição de Lisboa, século XVII*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2003.

Sluiter, Engel. 'Dutch Maritime Power and the Colonial Status Quo, 1585-1641'. *The Pacific Historical Review*, University of California Press, Vol. 11, n. 1, 1942.

Smout, T. C.; Landsman, N. C.; Devine, T. M. 'Scottish Emigration in the Seventeenth and Eighteenth Centuries'. In Canny, Nicholas. *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Snelders, Stephen. 'Chirurgijns onder de zeeroovers in de 17e eeuw'. In *Nederland Tijdschrift voor de Geneeskunde* (NTvG). 2005 24 december.

Swart, Erik. 'From "Landsknecht" to "Soldier": The Low German Foot Soldiers of the Low Countries in the Second Half of the Sixteenth Century'. In *International Review of Social History*. Cambridge: Cambridge University Press, Volume 51, Issue 1, 2006.

Swart, Erik. *Krijgsvolk: militaire professionalisering en het ontstaan van het Staatse Leger, 1568-1590*. Amsterdam: Proefschrift Universiteit van Amsterdam, 2006.

Tallett, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992.

Teensma, B. N. 'De sluipmoordenares: de Malaria Quartana'. In *Geschiedenis der Geneeskunde*. Jaargang 13, nummer 3. Antwerpen/Apeldoorn: Garant Uitgevers, 2009.

Teixeira, Dante Martins. 'The "Thierbuch" and "Autobiography" of Zacharias Wagener'. In *Dutch Brazil. The "Thierburch" and "Autobiography" of Zacharias Wagener*.

Teixeira, Dante Martins. 'The Travel Diary of Caspar to the New World (1642-1645)'. In Schmalkalden, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. [Gotha, 16??] Volume I. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998.

Temkin, Owsei. *The falling sickness: a history of epilepsy from the Greeks to the beginnings of modern neurology*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

Theibault, John. *German villages in crisis: rural life in Hesse-Kassel and the Thirty Years' War, 1580-1720*. Atlantic Highlands: Humanities Press, 1995.

Thomson, Janice E. *Mercenaries, pirates, and sovereigns. State-building and extraterritorial violence in Early Modern Europe*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

Trim, David J. B. 'Ideology, Greed, and Social Discontent in Early Modern Europe: Mercenaries and Mutinies in the Rebellious Netherlands, 1568-1609'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention: Mutiny in Comparative Perspective*. Westport/Connecticut/London: Praeger, 2001.

Vainfas, Ronaldo. 'História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas'. In *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*. São Paulo: Nova Série/Universidade de São Paulo, vol. 4, jan.-dez., 1996.

Vainfas, Ronaldo. *Traição. Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Vargas, Milton (Org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1994.

Varnhagen, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil. Desde 1624 até 1654*. [Viena, 1871] Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.

Varnhagen, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. 10ª Edição, Tomo II [Rio de Janeiro, 1857]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

Vermeesch, Griet. *Oorlog, steden en staatsvorming: de grenssteden Gorichem en Doesburg tijdens de geboorteeuw van de Republiek (1570-1680)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.

Vieira, Daniel de Souza Leão. *Topografias Imaginárias: A Paisagem Política do Brasil Holandês em Frans Post, 1637-1669*. Leiden: Tese de doutorado da Universidade de Leiden, 2010.

Vries, Jan de; Woude, Ad van der. *The First Modern Economy. Success, failure, and perseverance of the Dutch economy, 1500-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

Warnsinck, J. C. M. *Christoffel Artichowsky. Poolsch krijgsoverste in dienst van de West-Indische Compagnie in Brazilië, 1630-1639*. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1937.

Wätjen, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. [Gotha, 1921] 3ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004.

Weitz, Mark A. 'Desertion as Mutiny: Upcountry Georgians in the Army of Tennessee'. In Hathaway, Jane (Ed.). *Rebellion, repression, reinvention: Mutiny in Comparative Perspective*. Westport/Connecticut/London: Praeger, 2001.

Westra, Frans. *Nederlandse ingenieurs en de fortificatiewerken in het eerste tijdperk van de Tachtigjarige Oorlog, 1573-1604*. Alphen aan den Rijn: Canaletto, 1992.

Whitehead, P. J. P. 'Georg Markgraf and Brazilian zoology'. In Boogaart, Ernst van den. (Ed.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

Wiesebron, Marianne L. 'Confrontos durante a ocupação holandesa no Brasil'. In Silva, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

Winter, P. J. van. *De Westindische Compagnie ter Kamer Stad en Lande*. 's-Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1978.

Wiznitzer, Arnold. 'Jewish soldiers in Dutch Brazil (1630-1654)'. In *American Jewish Historical Society Publications*. Vol. 46:1, 1956.

Xavier, Lucia Furquim Werneck. *Matthias Beck and the quest for silver. Dutch adaptability to Brazil*. Rotterdam: Erasmus Universiteit, 2007 (Master's thesis).

Zandvliet, Kees. *Mapping for Money. Maps, plans and topographic paintings and their role in Dutch overseas expansion during the 16th and 17th centuries*. Amsterdam: Batavian Lion International, 2002.

Zumthor, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. [1959] São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992.

Zwitzer, H. L. 'The Eighty years war'. In Hoeven, Marco van der (Ed.). *Exercise of Arms. Warfare in the Netherlands (1568-1648)*. Leiden: Brill, 1997.

Zwitzer, H. L.. *De militie van den staat: het leger van de Republiek der Verenigde Nederlanden*. Amsterdam: Van Soeren & CO, 1991.

Samenvatting

Volk van Oorlog: Herkomst, dagelijks leven en weerstand van soldaten in het leger van de West-Indische Compagnie in Brazilië (1630-1654).

Bijna vijftientwintig jaar lang bezat de West-Indische Compagnie (WIC) een deel van het noordoosten van Brazilië. Deze omstandigheid, waarvan sprake was in het verre verleden van de 17de eeuw, is tot op de dag van vandaag één van de meest veelbesproken en bestudeerde thematieken zowel binnen alsook buiten de academische wereld. Het onderwerp wordt binnen Nederland in toenemende mate onderzocht. Een uiteenlopend scala aan thema's die betrekking hebben op deze periode, die met "Nederlands-Brazilië" wordt aangeduid, wordt aangehaald in academische artikelen, tijdschriften, kranten, boeken, televisieprogramma's, romances, wetenschappelijke bijeenkomsten enzovoorts. De suikerhandel, de samenleving, de godsdienst, de slavenhandel en het leven en verrichtingen van individuen zoals de ex-gouverneur Johan Maurits van Nassau-Siegen en zijn hofhouding van kunstenaars en wetenschappers worden behandeld. Hoewel de meest belangrijke veld- en zeeslagen in het gebied vaak werden beschreven in de historische verslaggeving, werd nauwelijks aandacht geschonken aan een groep personen die desalniettemin een zeer belangrijke rol speelde in de verovering en bezetting van Brazilië: de soldaten van de WIC.

Dit onderzoek is opgezet met als doel om de levensloop van een aantal van de vele anoniem gebleven personages die deelnamen aan de verovering en bezetting van Brazilië te reconstrueren en om de dagelijkse leefomstandigheden van de oorlogsvrijwilligers die naar Brazilië werden uitgezonden tussen 1629 en 1653 te achterhalen. Wie de rekruten waren, waar ze vandaan kwamen, waarom ze in dienst traden van het WIC leger en hoe deze handelsmaatschappij ze inhuurde: dat waren de basisvragen die ten grondslag lagen aan de reconstructie van een deel van het dagelijks leven van deze mannen. Thema's zoals huisvesting, voedselvoorziening, arbeid, gezondheid en het betalingsstelsel werden uitgelicht om het onderwerp aan te pakken. Ook aspecten die losstaan van de materiële kant van het leven van de WIC soldaten werden uitgekozen, zoals carrière maken in het leger, sociale mobiliteit, trainingen en gedragsregels. Aangezien de WIC gedurende bijna haar hele bestaan tegen het bankroet zijn aan zat en het niet de financiële middelen bezat om adequaat te zorgen voor haar troepen, werden ook de impact van dit probleem op het leger alsook de reacties van de rekruten op deze moeilijkheden bestudeerd.

Vele primaire en secundaire bronnen – regeringsbrieven en persoonlijke brieven, kronieken, notariële aktes, dagboeken, memoires, pamfletten, notariële volmachten, wetten en reisverhalen – werden gebruikt om de geschiedenis van dit militair personeel te reconstrueren. Sommige van deze documenten zijn afkomstig van de WIC administratie in Brazilië en van de Republiek. Andere werden geproduceerd door WIC werknemers en mensen die in Brazilië woonden zonder een band met de handelsmaatschappij. Deze verzameling documenten is grotendeels beschikbaar in Nederlandse archieven en bibliotheken of is afgedrukt in bronnencollecties die bijeenverzameld en vertaald zijn door Braziliaanse onderzoekers.

Het onderzoek is onderverdeeld in drie segmenten, elk opgezet om antwoord te geven op voornoemde vragen.

Het eerste deel, “Origens” (Herkomst), bestaat uit twee hoofdstukken.

De belangrijkste doelstelling van het eerste hoofdstuk was om te achterhalen wie precies de mensen waren die naar Brazilië gezonden werden als WIC militairen. Daarnaast is berekend hoeveel personen als militair personeel naar Brazilië zijn verscheept tussen 1629 en 1653. Veruit de meesten waren buitenlanders. Aan de hand van een steekproef bestaande uit meer dan vier duizend mannen die tussen 1632 en 1655 dienden in het leger van de WIC – een redelijke steekproef gelet op het feit dat tussen 1629 en 1651 minstens 26 duizend mannen naar Brazilië verscheept werden om als rekruten van de WIC te dienen – kan bepaald worden dat 64% afkomstig was uit andere landen dan de Republiek der Verenigde Nederlanden. Ze waren afkomstig uit de Duitse Staten (26,3%), de Spaanse Nederlanden (12%), Engeland (9,8%), Frankrijk (6,7%), Scandinavië (3,6%), Schotland (3,3%) en overige landen (2,3%). Rekruten van de Republiek vertegenwoordigen 36% van deze steekproef. Velen waren jong volwassenen – tussen de 18 en 38 jaar oud – zonder wat voor militaire ervaring dan ook, sommigen waren getrouwd, waren aanhangers van de Hervormde kerk en hadden enig onderwijs genoten wat het hen vergemakkelijkte om de hiërarchie van de WIC te bestijgen. Verschillende bronnen wijzen uit dat zij noch criminelen noch ellendelingen waren – een veelvoorkomende generalisatie binnen de historiografie – maar dat ze deel uitmaakten van een heterogene groep mensen die tussen 1600 en 1800 naar de centrale delen van het westen van de Republiek was getrokken met de intentie om zich daar te vestigen, zich te verzekeren van tijdelijk werk of te dienen in de Nederlandse strijdmacht, vloot en kolonies.

De hoofddoelstelling van het tweede hoofdstuk was om te achterhalen op welke wijze de WIC mensen ronselde voor haar leger en waarom deze mannen zich geroepen voelden om in het leger te dienen. Ook wordt besproken in hoeverre deze mensen enig kennis hadden van hun eindbestemming op het moment dat ze in dienst traden. De West-Indische Compagnie had

volledige autonomie in het ronselen van personeel voor haar vloot en garnizoenen. Ze nam vrijwilligers, mensen gerekruteerd door rekruteringsmakelaars en soldaten van het leger van de Republiek (in bruikleen afgestaan) in dienst. Het rekruteringsprocedure was vergelijkbaar met die van de Republiek en van de Verenigde Oost-Indische Compagnie (VOC), maar verschilde compleet van de Portugese en Spaanse aanpak. De mannen tekenden een tijdelijk contract en, in het geval dat ze waren gerekruteerd door makelaars, die bekend stonden als “zielkopers” en “zielverkopers”, konden ze hun bestemming niet zelf kiezen. Het is mogelijk dat Brazilië tussen 1620 en de jaren 1650 de voornaamste bestemming was van hen die in dienst traden van de WIC, vooral als men bedenkt dat de garnizoenen in Afrika en Noord-Amerika heel klein waren. Het is redelijk om te stellen dat een aanzienlijk deel van de rekruten die in dienst traden van de WIC gemotiveerd waren door economische overwegingen. Economische voorspoed, betere salarissen en grotere religieuze vrijheid waren de belangrijkste redenen voor migranten om zich te verplaatsen en velen van hen traden in dienst van de handelsmaatschappijen. Bovendien waren de twee handelsmaatschappijen, de WIC en de VOC, de grootste werkgevers van de Republiek.

Naast de reële of ingebeelde economische voordelen die de rekruten aantrokken, waren er ook persoonlijke overwegingen die mensen met middelen of zelfs een baan aangezet kunnen hebben tot migratie naar de Republiek en in dienst treden van de Compagnie. Hoewel de meesten simpelweg de eerste baan die hen aangeboden werd zouden hebben aangenomen, moet gezegd worden dat een aanzienlijk aantal migranten wel op de hoogte kan zijn geweest van ontwikkelingen in Brazilië die hen motiveerden om zich aan te sluiten bij het leger van de WIC. Men kon op verschillende manieren aan informatie over Brazilië en de West komen, zij het van uiteenlopende kennisniveaus. Een gesprek met een WIC veteraan in een haven van de Republiek of het lezen van een boek zou al genoeg verheldering en motivatie kunnen hebben opgeleverd aan zij die voornemens waren om er op uit te trekken op zoek naar avontuur en welvaart of om zich gewoon in hun dagelijkse behoeften te voorzien middels een van de meest voorkomende banen in de Republiek.

In het tweede deel, “Condições de vida cotidiana dos militares da WIC no Brasil” (Dagelijks leven van soldaten in het leger van de West-Indische Compagnie in Brazilië), onderverdeeld in drie hoofdstukken, ligt de nadruk op aspecten die betrekking hadden op aanvoer, gezondheid en werkomstandigheden van de WIC troepen in Brazilië.

Het derde hoofdstuk heeft als doel het bevoorradingsstelsel van de troepen te reconstrueren, voornamelijk de distributie van voedsel, betaling en huisvesting. Elk soldaat had recht op het ontvangen van bepaalde hoeveelheden voedsel, zoals van tevoren vastgelegd in rantsoenbrieven. De zaken die genoemd werden in de brieven werden gedistribueerd al naar

gelang ze voorradig waren in de warenhuizen van de Compagnie. Lokaal voedsel werd van de lokale bevolking bemachtigd middels een contributiesysteem, middels rooftochten en door het te kopen. Echter, het voedsel dat lokaal werd vergaard was lang niet genoeg om in de behoeften van zo'n enorm militaire strijdmacht te voorzien en er was geregeld sprake van een bevoorradingscrisis. Alle aankoop- en distributieprocessen werden gecontroleerd door de WIC, waarbij warenhuizen in Recife en Antônio Vaz als distributiecentra werden gebruikt. De ernstige economische problemen van de WIC, de verwoesting veroorzaakt door de bijna onophoudelijke oorlog in Brazilië, het suikerriet monocultuur, de terughoudendheid van de boeren, de activiteiten van enorme strijdmachten binnen het gebied, de verplichting van de WIC in Brazilië om expedities en garnizoenen buiten Brazilië te bevoorraden, het gebrek aan steun van de lokale bevolking, bevoorradingsproblemen die al voorafgaand aan de bezetting speelden en de afhankelijkheid van voedsel verstuurd vanuit Europa waren alle doorslaggevende redenen voor het onvermogen van de WIC om adequaat te zorgen voor haar troepen.

Naast voedsel voorzag de Compagnie haar manschappen van een over het algemeen vastgelegde geldbedrag – *costgeld* of salaris – en van kledij. Maar ze ontvingen niet hun gehele salarissen ter plekke in Brazilië. Elke soldaat bezat een rekening waarvan hij aan het eind van zijn contractstermijn geld kon opnemen; dit was mogelijk een maatregel om desertie tegen te gaan. De Compagnie trok van deze rekeningen voedsel, kledij, gereedschap, aalmoezen en leningen af die de soldaten ontvingen alsook boetes opgelegd voor overtredingen. Het lijkt, zodra de prijzen van de gedistribueerde producten werden gecontroleerd door de Compagnie, een erg winstgevende praktijk te zijn geweest, aangezien bijvoorbeeld kledij duurder verkocht kon worden dan in de Republiek. De WIC beschouwde de distributie van kledij als een winstgevende manier om andere uitgaven te compenseren en als een manier om winst te maken ten koste van de soldaten. Dit maakte het ook mogelijk om een officiële terugbetalingbeleid op te stellen. Zo konden soldaten als gevolg van mogelijke schulden gedwongen worden om hun contracten te verlengen.

Ondanks het gebrek aan specifieke wetgeving en bronnen aangaande huisvesting, is het aannemelijk te stellen dat de WIC verantwoordelijk was voor de behuizing van haar manschappen. Ze werden niet ondergebracht bij de gewone bevolking, een veel voorkomende manier van troepen huisvesten in de Nederlanden, maar in barrakken of hutten gebouwd door de Compagnie. De slechte leefomstandigheden in deze onderkomens hadden een even schadelijke invloed op de gezondheid van de manschappen als de niet-toereikende voedselvoorziening.

Het vierde hoofdstuk is gewijd aan een discussie omtrent hoe de WIC troepen werden getroffen door ziektes en hoe deze ziektes niet noodzakelijkerwijs verband hielden met het

tropisch klimaat, maar eerder toe te schrijven waren aan gebrekkige voedselvoorziening en een gebrek aan hygiëne. Ziektes hadden een verwoestender invloed op WIC troepen en hun vijanden dan veldslagen. Hoewel er geen informatie is gevonden die een nauwkeurige berekening van sterftcijfers onder de WIC soldaten in Brazilië mogelijk zou maken, kunnen aan de hand van bronnen de verliezen door ziekte tussen 1630 en 1651 worden achterhaald, terwijl sommige verliezen als gevolg van strijd te boek staan. De totale strijdmacht van het WIC leger werd met zo'n 10 tot 33% door ziekte verzwakt tussen 1630 en 1651. Zoals eerder vermeld, werden vele ziektes veroorzaakt door slechte hygiënische leefomstandigheden (verergerd door slechte huisvesting in hutten, schepen en legerkampen), gebrek aan drinkwater en de lage kwaliteit van en kleine hoeveelheden voedsel. Tropische ziektes speelden zeker een rol in de afname, maar ook typische Europese ziektes zoals deficiëntieziektes en epidemieën zoals dysenterie maakten vele slachtoffers. De situatie werd alleen maar verergerd door een gebrek aan bedden in ziekenhuizen, aan medicijnen en aan medisch personeel om behandelingen uit te voeren.

Hoofdstuk vijf behandelt de dagelijkse routines en leefomstandigheden in het leger van de WIC. Onderwerpen zoals militaire carrières, promotie maken, trainingen en uit dienst treden komen ook aan de orde. Het wordt opgemerkt dat de rekruten een aanzienlijk deel van de tijd bezig waren met zware bouwactiviteiten aan fortificaties. Ze zaten dagen of maanden achtereen opgesloten in schepen tijdens expedities, marcheerden grote afstanden door het gebied en voerden wisselende wachtdiensten uit. Gevechten vonden dus maar sporadisch plaats, afgezien van schermutselingen aan de randen van de forten tijdens de eerste en laatste bezettingsjaren. Aangezien een groot aantal van de rekruten geen voormalige militair was, werd herhaaldelijk geoefend in het gebruik van vuurwapens en het uitvoeren van militaire manoeuvres tijdens veldslagen. De manschappen wendden niet altijd Europese militaire tactieken aan voor veldslagen in Brazilië. In de loop der tijd leerden ze zich lokale gevechtstactieken aan.

De rekruten werkten niet uitsluitend in dienst van de Compagnie. Velen traden uit dienst om voor zichzelf te werken of voor anderen, met als doel hun inkomen te vermeerderen. Diegenen die kwalificaties bezaten of contacten hadden – waarbij het tweede wellicht zwaarder woog dan het eerste – konden de WIC verlaten of de overstap maken naar een burgerlijke functie binnen de Compagnie. Behalve een toename in inkomen betekende dit vertrek een ontsnapping aan het riskante en grove legerbestaan.

Alleen ex-soldaten met voldoende kwalificaties konden ontsnappen aan WIC legerdienst en non-militaire activiteiten ontplooien. Zoals in het eerste hoofdstuk vermeld, waren het niet alleen individuen die helemaal aan de grond zaten of een obscuur verleden hadden die naar Brazilië vertrokken. Dat wil niet zeggen dat dit type helemaal afwezig was binnen het WIC leger.

Er was zeker een aandeel criminelen, maar het vormde bij lange na geen meerderheid, omdat militaire bevelhebbers van mening waren dat ze geen goede soldaten konden zijn. Van alle mannen die in dienst traden van de WIC had de meerderheid een veelheid aan banen uitgeoefend.

In het derde deel, “*Cotidiano e resistência*” (Dagelijks leven en weerstand), bestaande uit slechts een hoofdstuk, de zesde, wordt het aspect van bevoorrading gekoppeld aan de discipline van de soldaten. Maar discipline wordt niet alleen gerelateerd aan opstand. De reacties van troepen op onvolkomenheden, in de vorm van muiterijen en deserties, de oplossingen die door de WIC machthebbers voor disciplinaire ongeregeldeheden werden aangedragen en de onderhandelingen tussen de machthebbers en soldaten zijn de hoofdthema’s van dit hoofdstuk. De verzameling militaire regels en straffen voor overtredingen vastgelegd in de wetten van de WIC en de Staten-Generaal wordt ook besproken. Ten slotte wordt aangetoond dat gebrek aan discipline onder de troepen een van de lastigste uitdagingen was die de West-Indische Compagnie in Brazilië het hoofd moest bieden, een uitdaging die bleef gelden tijdens de hele periode van bezetting.

Abstract

People of war: Origin, daily life and resistance of soldiers of the Dutch West India Company army in Brazil (1630-1654).

For nearly twenty-five years, the Dutch West India Company (WIC) occupied part of the northeast of Brazil. This situation, which pertained long ago in the distant past of the XVII century remains one of the most discussed and studied themes both within and outside the academic world up to the present day. In The Netherlands, the topic is attracting ever more research. A wide range of themes concerning the period called “Dutch-Brazil” has been broached in academic papers, magazines, newspapers, books, TV programs, romances, academic meetings, and so on. The sugar trade, society, religion, slave trade and the life and work of individuals such as the ex-governor Johan Maurits van Nassau-Siegen and his court of artists and scientists are all discussed. Although the most important battles on land and sea in the area were regularly described in many historical narratives, some of the most important protagonists in the process of the conquest and occupation of Brazil were forgotten: the soldiers of the WIC.

This research was set up with the objectives of reconstructing the life history of a selection of the many anonymous characters who participated in the conquest and occupation of Brazil and investigating the conditions of everyday life for the people of war sent to Brazil between 1629 and 1653. To determine who the recruited were, where they came from, why they joined the WIC army and how this trade company hired them were basic questions underlying the reconstruction of part of the daily life of these men. Themes such as housing, food provision, work, health conditions and the payment system were chosen to address the subject. Aspects unrelated to the material life of the WIC’s soldiers were selected too, such as a career in the army, social mobility, training and rules of conduct. Since the WIC was close to bankruptcy during practically all of its operational years and did not have the financial means to adequately provide for the troops, the impact of this problem on the army and the reactions of its conscripts to these difficulties were also studied.

Many primary and secondary sources – governmental and private letters, chronicles, notary statements, diaries, memoires, pamphlets, letters of attorney, governmental acts and travel accounts – were used to construct the history of these military personnel. Some of these documents came from the WIC’s administration in Brazil and from the United Provinces. The others were produced by WIC employees and persons without a relationship with the company who lived in Brazil. This group of documents is mostly available in Dutch archives and libraries or is printed in collections of documents collated and translated by Brazilians researchers.

The research was divided into three sections, each one organized so as to answer the above-mentioned questions.

The first section, “Origens” (Origins), was divided into two chapters.

For the first chapter, the main objective was to determine who the people were that were sent to Brazil as WIC military personnel. Also, the quantity of personnel shipped between the years of 1629 and 1653 was outlined. Most of them were foreigners. It was observed, from a sample of more than four thousand men recruited to the WIC army – a reasonable sample considering that between 1629 and 1651 at least 26 thousand men were shipped to Brazil to serve in the WIC’s army – that 64% came from countries besides the Dutch Republic. They came from the German States (26,3%), the Spanish Netherlands (12%), England (9,8%), France (6,7%), Scandinavia (3,6%), Scotland (3,3%) and other places (2,3%). Those recruited from the Dutch Republic represented 36% of this sample. Many of them were young adults – between 18 and 38 years old – without any military experience, some were married, followers of the Reformed church and had some educational background that helped them to climb up the WIC hierarchy. There are several indications that show that they were not criminals and miserable – a common generalization within historiography – and that they were part of a heterogeneous group of people who went to the central parts of the West of the United Provinces between 1600 and 1800 with the main objective of residing there, securing temporary work or serving in Dutch forces, fleets and colonies.

For the second chapter, the main objective was to ascertain how the WIC recruited conscripts for its army and what attracted these men to war duty. It is also discussed whether these people had any knowledge about their destination at the time they were recruited. The West India Company had complete autonomy to recruit personnel for its fleets and garrisons. It drew on volunteers, people recruited through recruitment agents and soldiers of the army of the Republic, borrowed by the States General. The recruitment procedure was similar to that used in the Republic and by the Dutch East India Company (VOC), but it was completely different from the practice of the Portuguese and Spanish. The men signed a temporary contract and, in the event that they were recruited by agents, known as “soul-buyers” and “soul-sellers”, they could not choose the destination. It is possible that from 1620 to the 1650s, Brazil was the main destination for those recruited by the WIC, especially if one takes into account that the garrisons in Africa and in North America were too small. It is reasonable to say that a substantial share of the recruited men who signed up with the Company were driven by economical reasons. The economic prosperity, better salaries and greater religious freedom were important motivating factors for migrants and many of them were reallocated to the trade companies’ service.

Furthermore, both Dutch trade companies, WIC and VOC, were the largest employers in the Republic.

Besides the economic advantages – real or illusory – that attracted the recruited, it is necessary to take into account personal reasons that could have persuaded people with resources, with a job even, to migrate to the Republic and sign a contract with the Company. Although many would have simply accepted the first job offered them, it must be said that many migrants could have known something about Brazil that led them to join the WIC army. Information about Brazil and the West Indies could be obtained in different ways and at diverse levels of knowledge. A conversation with a WIC veteran in a harbour of the Republic or reading a book could have served as an incentive and enlightenment to those who wished to depart in search of adventure, wealth or just to earn a daily living in one of the most frequently offered jobs in the Republic.

In the second part, “Condições de vida cotidiana dos militares da WIC no Brasil” (Life conditions of the military of the West India Company in Brazil), divided into three chapters, the focus is on aspects related to supply, health and work conditions of the WIC troops in Brazil.

The third chapter aims to reconstruct the provisioning system of the troops, particularly the distribution of victuals, payment and housing. Each soldier had the right to receive certain quantities of food predetermined in ration-letters. The items mentioned in the letters were distributed according to availability in the Company’s warehouses. Local food was obtained from the local population via a contribution system, by pillage and through buying. However, the food obtained locally was not enough to meet the needs of a huge military force and crises of supply were quite common. All distribution and buying processes were controlled by the WIC, which used warehouses in Recife and Antonio Vaz as distribution bases. The serious economic problems of the WIC, the destruction caused by an almost continuous war in Brazil, the sugarcane monoculture, the reluctance of the farmers, the activity of huge armies in the territory, the obligation of the WIC in Brazil of provisioning expeditions and garrisons outside Brazil, the lack of support from the local inhabitants, the supply problems prior to the occupation and the dependence on victuals sent from Europe were all decisive reasons for the failure of the WIC in providing for the troops.

Besides food, the Company gave its men a generally fixed amount of money – *costgeld* or allowance – and garments. But they did not receive their entire salary in Brazil. Each soldier had an account from which he could withdraw money at the end of the contract, possibly a measure to counteract desertion. From these accounts, the Company deducted the food that the soldiers received, clothes, working tools, loans, chaplaincy service and fines imposed for violations. The

scheme seems to have been very profitable for the WIC, once the prices of the distributed products were controlled by the Company and could, in the case of the garments, have higher prices than those observed in the Republic. The WIC considered the clothes distribution a profitable way of compensating expenses and making a profit at the expense of the soldiers. It is possible, in that case, to assert an official reimbursement policy. This could be a way of compelling the soldiers to extend their contracts as a result of their debts.

Despite the absence of specific legislation and the lack of sources on accommodation, it is plausible to say that the WIC was responsible for providing housing for its men. They did not stay in the houses of civilians, a common practice in housing troops in The Netherlands, but in quarters or cottages built by the Company. The bad conditions of these lodgings had a detrimental influence on their health, just as the inadequate food provisioning did.

The fourth chapter is dedicated to discussing how the WIC's troops were affected by illnesses and how this sickness was not necessarily related to the tropical weather, but associated with the inadequate food provisions and the lack of hygiene. Illnesses were more devastating to WIC troops and their enemies than armed combat. Although no data was found to permit the accurate calculation of mortality rates among WIC soldiers in Brazil, the sources allowed the rates of depletion through sickness in the years between 1630 and 1651 to be determined, while some numbers indicated loss of life as a result of combat. The total force of the WIC army was depleted by 10 to 33% due to illness between 1630 and 1651. As stated before, many of these sicknesses were caused by poor hygiene conditions – aggravated by bad lodging at quarters, ships and military camps –, lack of drinkable water and the low quantity and quality of food. Tropical diseases certainly played a part in this decrease, but common European sicknesses such as avitaminosis and epidemics –the bloody flux or dysentery – killed many men. To make matters worse, there was a lack of beds in the hospitals, medicine and personnel to administer medical treatment.

Chapter five is about the daily routines and working conditions in the WIC army. Aspects concerning military careers, rising through the ranks, training and leaving the army are also discussed. It is observed that the recruited men spent a substantial amount of time working on strenuous fortification constructions. They spent days or months in ships during expeditions, marched large distances throughout the region and performed varied guard duty. Combat, therefore, was sporadic, except for skirmishes on the outskirts of the fortresses during the first and last years of occupation. Considering that a large number of the recruited was not former military, they ended up training repeatedly in order to learn how to use fire weapons and how to perform manoeuvres used on the battlefield. However, the men did not always make use of

European military tactics in the battles fought in Brazil. In the course of time they learned to execute local combat tactics.

The recruited did not spending all of their time working for the Company. Many of them left the service to work on their own behalf or for others, with the objective of improving their incomes. Those with some qualification or contacts – the latter probably more important than the former – could leave WIC service or switch to a civil job at the Company. Besides the rise in income, this departure represented a way of avoiding risky and crude army routines.

The performing of non-military activities by ex-soldiers was only possible because these people had sufficient qualifications to escape WIC service. As mentioned in the first chapter, not only individuals leading a miserable life or with an obscure origin went to Brazil. This does not mean that this kind of element was non-existent within the WIC army. The criminal component existed, but it did not represent the majority among the recruited, since military commanders believed that they could not be good soldiers. Of all the men that enlisted in the WIC, many had had various types of employment.

In the third part, “*Cotidiano e resistência*” (Daily life and resistance), comprising only one chapter, the sixth, the provisioning issue is correlated with the discipline of the soldiers. But, the discipline issue is not only related to resistance. The reaction of the troops to the inadequacies, in the form of mutinies and desertions, the solutions of the WIC authorities to disciplinary problems and the negotiations between the authorities and the soldiers are the main themes of this chapter. The set of military rules and the punishment for crimes laid down in WIC and States General codes are debated too. Lastly, it is shown that lack of discipline among the troops was one of the toughest challenges faced by the West India Company in Brazil, affecting it throughout the period of occupation.

Curriculum vitae

Bruno Romero Ferreira Miranda werd op 15 januari 1981 geboren in Recife, Pernambuco. Hij studeerde tussen 1999 en 2003 Geschiedenis aan de *Universidade Federal de Pernambuco* (UFPE), en behaalde in 2006 zijn Master met het onderzoek “Fortes, paliçadas e redutos enquanto estratégia da política de defesa portuguesa”. Het onderzoek werd gefinancierd door de *CAPE*S stichting en begeleid door professor dr. Virgínia Maria Almoêdo de Assis en professor dr. José Luiz Mota Menezes (beide UFPE). Tijdens de afrondende fase van zijn Master nam hij deel aan een traineeship programma aan het *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN) en participeerde hij als veldtechnicus en historicus in een archeologische opgraving in de historische binnenstad van Recife. Tussen mei 2006 en januari 2007 werkte hij als geschiedenisleraar op middelbaar en hoger onderwijsniveau voor de *Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco*. Hierna reisde hij naar Nederland om een positie als gastonderzoeker aan het *Centrum voor Niet-Westerse Studies* (CNWS) van de Universiteit Leiden in te nemen, alwaar hij zijn PhD project opzette. In datzelfde jaar ontving hij een studiebeurs van de *CAPE*S stichting om tussen december 2007 en november 2011 een volledig PhD onderzoek aan de Universiteit Leiden uit te voeren in de functie van onderzoeker aan het *Instituut voor Geschiedenis*. Dit leidde tot de totstandkoming van de PhD dissertatie “Volk van Oorlog: Herkomst, dagelijks leven en weerstand van soldaten in het leger van de West-Indische Compagnie in Brazilië (1630-1654)”, onder begeleiding van professor dr. Gert J. Oostindie en dr. Marianne L. Wiesebron (beide Universiteit Leiden).